This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

600028005L

CURSO

DE

HISTORIA DA LITTERATURA

PORTUGUEZA

Adaptado ás aulas de instrucção secundaria

POR

THEOPHILO BRAGA

Professor de Literatura moderna, especialmente de Literatura portugueza no Curso Superior de Lettras e na Universidade de Literatura portugueza

LISBOA

NOVA LIVRARIA INTERNACIONAL — EDITORA

96, Rua do Arsenal, 96

1886

600028005L

Porto: 1885 — Typ. de A. J. da Silva Teixeira
Rua da Cancella Velha, 70

CURSO

DE

HISTORIA DA LITTERATURA

PORTUGUEZA

Adaptado ás aulas de instrucção secundaria

POR

THEOPHILO BRAGA

Professor de Litteraturas modernas, especialmente de Litteratura portugueza
no Curso Superior de Lettras
e na interinidade de Litteratura grega e latina

LISBOA

NOVA LIVRARIA INTERNACIONAL — EDITORA

96, Rua do Arsenal, 96

1885

BODLEIAN LIBRARY
10 MAR 86
OXFORD

Quando em 1875 publicámos a tentativa de um *Manual da Historia da Litteratura portugueza,* obedecemos ao seguínte ponto de vista: « A reforma do ensino da Litteratura deve partir da conclusão a que chegou a sciencia moderna — que o estudo das creações intellectuaes não se póde fazer em abstracto. É necessario nunca abandonar a communicação directa com os monumentos, explicando-os e apreciando-os pelas suas *relações historicas* com o meio e circumstancias em que foram produzidos. O estudo da litteratura feito nas vagas generalidades, conduz a essas receitas de tropos, que tiram a seriedade ás mais altas concepções do espirito humano. Na instrucção de um paiz deve entrar com toda a sua importancia um elemento *nacional;* no ensino fundado nas ôcas abstracções nunca esse sentimento se desperta. Pelo desenvolvimento historico, mostrando como se chegou á unidade systematica de qualquer sciencia, é que se póde imprimir uma direcção justa e um vivo interesse nos espiritos que desabrocham. »

A nossa tentativa falhou. Apesar de vir recommendado pela approvação da Junta consultiva de Instrucção publica o *Manual da Historia da Litteratura portugueza,* a maioria dos professores recusou-se a acceital-o para texto das suas lições; porque, como nos escreveu o editor: « *acharam-o sempre grande, e que por este motivo deixavam de o adoptar.* »

Isto explica-se; a instrucção publica em Portugal faz-se á custa do emprego exclusivo da memoria segundo a tradição pedagogica dos jesuitas, e por isso o professor quer um texto dogmatico, paragraphado, em fórma de definições e de enumerações cathegoricas, de modo que em interrogações peremptorias avalie do estudo do alumno. Combatendo este vicio, elaborámos um texto para o professor em primeiro logar, e depois para ser lido e extrahir-se d'elle a doutrina, segundo o criterio de quem ensina, acostumando aquelle que aprende a applicar o processo analytico. Diz admiravelmente Augusto Comte: «Os tratados didacticos devem unicamente dirigir-se aos mestres, através dos quaes deve sempre passar a instrucção destinada aos discipulos. Até então, as leituras theoricas não convêm senão áquelles cuja educação está terminada, resultando o desenvolvimento scientifico de uma elaboração pessoal subordinada espontaneamente ás lições oraes...» (*Synthèse subjective*, p. VIII.)

O automatismo da memoria prevaleceu, e sobre o nosso *Manual* formaram-se alguns apanhados; ser-nos-hia facil explorar esta errada tendencia compondo um resumo para se decorar, mas a nossa disciplina de espirito está em nós de accordo com o senso moral. O que não fizeram os professores praticámol-o nós, estudando o nosso livro emquanto aos seus defeitos de methodo e deficiencias de investigação. Podemos repetir as bellas palavras de Montaigne: «*Je n'ay pas plus faict mon livre, que mon livre m'a faict.*» (*Essais*, II, 18.)

Compensa-nos o prazer de havermos progredido, e comnosco este novo livro em que reincidimos no mesmo intuito pedagogico.

T. B.

CURSO

DE

HISTORIA DA LITTERATURA

PORTUGUEZA

PROLEGOMENOS

Bases da critica litteraria

§. I — **Elementos staticos da Litteratura:**

1.º A Raça.
2.º A Tradição.
3.º A Lingua:
A) *Lei de formação das linguas romanicas.*
B) *Filiação e Epocas historicas da lingua portugueza:*
a) Fórmas gallezianas no portuguez.
b) Modificações por via do francez.
c) O portuguez começa a ser escripto. — A divergencia dialectal.
4.º A Nacionalidade.

§. II — **O elemento dynamico na Litteratura:**

1.º As grandes individualidades.
2.º Do regimen da Edade media dimana o espirito das Litteraturas romanicas.
3.º Successão das Litteraturas romanicas e filiação da Litteratura portugueza:
a) A França.
b) A Italia.
c) A Hespanha e Portugal.
d) A Inglaterra e Allemanha.
4.º Epocas historicas da Litteratura portugueza.

Muitos povos que se elevaram a avançadas fórmas sociaes e crearam poderosas condições de existencia politica, não chegaram a possuir uma *Litteratura*. Este phenomeno, resultante do accordo mutuo dos progressos da sociedade com os do individuo, a que se chama civilisação, é extremamente complexo, pois que para que uma *Litteratura* se fórme, é preciso que uma *raça* consiga uma prolongada estabilidade, a aggregação moral de *nacionalidade*, o estimulo de resistencia da sua *tradição*, o desenvolvimento

e fixação de uma *lingua escripta,* e por ultimo uma relação psychologica entre as emoções populares e as expressões concebidas pelos genios artisticos. Comprehendido assim este importante phenomeno, a Litteratura é rigorosamente uma synthese, o quadro do estado moral de uma nacionalidade, a expressão consciente da sua evolução secular e historica. Uma tal consideração nos revela que o valor de qualquer Litteratura só poderá ser comprehendido por o exame das condições do seu desenvolvimento, ou das relações com os factores sociaes que a motivaram e de que ella é a expressão. Eis o processo e destino scientifico da *Historia da Litteratura.*

Na marcha historica de qualquer povo, existe um trabalho constante de synthese, ou coordenação mais ou menos consciente de todas as suas energias, para conformar os actos com os sentimentos e idéas dominantes. No estado presente da civilisação, a Politica tende a exercer-se como uma *synthese activa;* a Philosophia, ratificando as concepções subjectivas com os dados experimentaes ou objectivos da sciencia, representa a nova *synthese especulativa;* as Litteraturas e a Arte em geral, tornam-se em elementos da grande *synthese affectiva,* em que a vida emocional e a tradição, servindo de manifestação da autonomia nacional, recebem o relêvo ideal da solidariedade humana. É d'este destino que resulta a dependencia da *Litteratura* e da *Arte* da *Moral.*

Subordinada ao meio social pela sua origem e destino, a Litteratura reflecte todas as modificações successivas d'esse meio, achando-se como todos os outros phenomenos sociologicos sujeita a leis naturaes de ordem *statica,* ou de conservação, e de progresso ou de acção *dynamica.* Sem o conhecimento dos elementos staticos das Litteraturas é impossivel comprehender a sua origem e modo de formação; sem a apreciação das condições dynamicas mal se avaliará o que pertence á influencia individual dos escriptores de genio. Pela mutua dependencia entre os phenomenos staticos e dynamicos é que se podem caracterisar as épocas litterarias de esplendor ou de decadencia, de invenção ou de imitação. Como orgãos subtrahidos á acção individual, mas pelos quaes se exercem as funcções da concepção artistica, constituem o elemento statico das Litteraturas:

A *Raça;* a *Tradição;* a *Lingua* e a *Nacionalidade.*

Quando uma sociedade não conseguiu dar a estes elementos staticos uma feição individual, a Litteratura resume-se em um documento ethnologico, que em certa fórma suppre a ausencia de monumentos historicos; taes são as *Litteraturas orientaes,* importantissimas como documentos psychologicos, hierologicos, moraes, mas nunca a expressão consciente de uma emoção transmittida voluntariamente. A *Litteratura grega,* na evolução do seu *lyrismo,* da sua *epopêa* e do seu *theatro,* forma-se pela relação harmonica d'estes elementos com a elaboração individual; é por isso esta o typo mais perfeito de todas as litteraturas, e o completo modelo de imitação, pelo relêvo ideal que as tradições nacionaes acharam na expressão descoberta pelas altas individualidades. Pelo contrario, a *Litteratura latina,* abandonando os seus elementos staticos, cáe n'essa imitação artificial e no mechanismo rhetorico, que a tornam inferior ao caracter e funcção historica da nacionalidade que a produziu.

Sob este criterio apreciaremos o grupo das *Litteraturas novo-latinas,* ou da Edade media, de que a Litteratura portugueza é a ultima representante; por elle explicaremos o gráo de originalidade de cada uma, e a razão dos accidentes que as differenciaram nas suas diversas epocas, e da fecundidade correlativa do seu vigor nacional. A Edade media distingue-se pela constituição de novas nacionalidades formadas depois da ruina da unidade imperial romana; essas *Nacionalidades* crearam *Linguas,* que deram expressão ás suas *Tradições,* e formaram *Litteraturas,* que cooperaram n'esta transição affectiva do conflicto das raças, conhecidas pela linguagem d'*Oc,* d'*Oil,* do *Si* e do *Ya,* antes da descoberta da solidariedade da Civilisação occidental, de que eram continuadoras. Conforme os escriptores se aproximaram da cultura greco-romana, ou se inspiraram das tradições espontaneas do meio social e medieval, assim as Litteraturas novo-latinas tiveram um desenvolvimento artificial ou organico, e d'aqui as differenças dos seus caracteres, embora pertencessem todas á mesma corrente da civilisação. D'essas Litteraturas, umas tiveram uma activa elaboração organica dos seus elementos proprios, antes do conhecimento e imitação dos typos greco-romanos ou classicos, como a

provençal, que se extingue por falta do estimulo de uma nacionalidade, sendo substituida por essa causa pela *franceza;* outras foram interrompidas pelo perstigio dos modelos classicos, como a *italiana,* que se fortifica pela aspiração á unidade nacional, e a *hespanhola,* em que o elemento popular ou tradicional supplanta por vezes o pedantismo erudito. Outras litteraturas peninsulares, como a *catalã* e a *gallega* extinguiram-se, porque se acharam sem o apoio de uma nacionalidade, ao passo que a Litteratura *portugueza* desenvolveu-se segundo as phases da vida historica d'esta nação, não obstante ter oscillado sempre entre os seus elementos organicos ou populares, e a influencia erudita dominante, segundo a lei geral d'esse dualismo previsto por Schlegel.

§. I

Elementos staticos da Litteratura portugueza

1.º A raça. — O estudo dos caracteres de uma raça através das manifestações das fórmas de uma Litteratura, e explicando o porquê d'essas fórmas, não é um abuso do criterio das sciencias biologicas applicado a um phenomeno psychologico e social. Em uma mesma nacionalidade, que unificou politicamente diversos elementos ethnicos, transparecem na sua Litteratura as caracteristicas especiaes d'esses elementos; na Grecia, sob a unidade atheniense, distingue-se o genio dos Dorios e dos Jonios em arte, em politica e em poesia. [1] Sob a unidade romana, as tradições dos lucerenses e ticienses confundem-se com a historia, e penetrando de um modo incompleto na litteratura imitadora da cultura hellenica, tomam o seu maior desenvolvimento nas fórmas sacramentaes e symbolicas da Jurisprudencia, essa *severa poesia,* como lhe chamava Vico. Na unidade nacional da França, as fórmas épicas das *Gestas,* correspondem ao norte occupado pela raça franka, e em que preponderava a fórma monarchica e feudal; as novellas da *Tavola Redonda* desenvolvem-se ao centro, onde a

[1] Ottfried Muller, *Hist. de la Littérature grecque,* c. I, p. 20.

raça bretã conservava ainda os vestigios mythicos do seu druidismo; ao sul, o elemento gaulez, com instituições municipaes, cria essa expansão do lyrismo que irradia da Provença por todo o Occidente europeu, pela contiguidade das populações aquitanicas com as duas peninsulas da Italia e da Hespanha.

Este mesmo criterio foi applicado á Litteratura ingleza, em que o elemento saxonio conserva o genio e as tradições germanicas, ao passo que o normando obedece ao instincto da imitação, differenciando-se por esta dupla influencia um Shakespeare de um Pope.

A designação de *raça,* segundo Prichard, comprehende «todas as collecções de individuos que apresentam mais ou menos caracteres communs, transmittidos pela hereditariedade, pondo de parte e de reserva a origem d'esses caracteres.» As litteraturas distinguem-se entre si pelas *tradições* elaboradas na fórma escripta de uma *lingua,* e como modo de sentir de uma *nacionalidade;* consequencia d'estes factores moraes, nem por isso estão independentes do determinismo biologico, que em anthropologia se chama a hereditariedade de caracteres. Os velhos monumentos litterarios e artisticos têm servido de dados ethnicos para se discriminarem raças que não era possivel distinguir physiologicamente. Um outro phenomeno importante: o encontro e fusão de duas raças dá uma revivescencia de tradições ou de desenvolvimento de tradições poeticas, como se vê na Grecia com o elemento semita nas epopêas e mythos orgiasticos, e na Europa da Edade media com as invasões germanicas que determinam a creação das *Gestas* ao norte, ou as invasões arabes, que provocam o lyrismo trovadoresco meridional. O estudo da raça, na historia de qualquer Litteratura, tem a importancia immensa de nos pôr em relêvo a base tradicional sobre que se desenvolveu, dando-nos assim o unico criterio para julgarmos da sua originalidade e feição nacional.

Assentando estes principios, não pretendemos inventar uma *raça portugueza;* assim como esta nacionalidade se constituiu pela tendencia separatista dos antigos estados peninsulares, tambem a raça é a integração de todos os elementos ante-historicos e historicos que se foram fusionando n'este solo, e que pela sua persisten-

cia se podem distinguir em tres phases sociaes, os *hispano-romanos,* os *hispano-godos* e os *hispano-arabes.* Nem a influencia do dominio romano destruiu as antigas populações ibericas, nem a conquista visigotica ou arabe puderam eliminar da sua constituição social este fundo popular que nos apparece, ethnicamente no *Mosarabe,* politicamente nos *Foraes* e Concelhos, litterariamente nas tradições poeticas dos *Romanceiros* e Costumes symbolicos.

Á parte o exame de uma população ante-historica, a peninsula foi occupada por duas migrações asiaticas, a dos Iberos e a dos Celtas. Os primeiros pertencem a essa raça da alta Asia, que segundo Bergmann, fazem a transição entre a raça amarella e a aríaca; occuparam tambem a Italia, a França e a Inglaterra, constituindo um fundo ethnico commum, que se revela em monumentos, superstições, vestigios de mythos religiosos e recorrencias de costumes. Nas Litteraturas occidentaes existe uma certa similaridade de fórmas lyricas, que irradiaram da Aquitania, onde este elemento iberico persistiu reagindo contra a segunda invasão asiatica, ou a entrada dos Celtas na Europa. Estes fixaram-se sobre as mesmas regiões, e pelo cruzamento vieram a estabelecer a unidade de caracteres ethnicos. Vindo da Asia na corrente das migrações indo-europêas, o Celta trazia comsigo esse naturalismo védico e ao mesmo tempo essa metaphysica religiosa da theocracia brahmanica, que reproduziu no druidismo. Organisação contemplativa e artistica, o celta accommodou-se facilmente ás condições do meio, acceitando mais tarde a fusão com outros ramos áricos na Italia, em França e na Hespanha, onde não conseguira attingir uma unificação nacional. A facil propagação e dominio da lingua latina no occidente da Europa, não se deve attribuir á acção da conquista militar e incorporação politica dos Romanos, mas sim a este dialecto indistincto de que o latim se destacou, pela vida nacional e litteraria, e sobre o qual veiu a influir pela sua disciplina grammatical. Charrière e Gubernatis alludem a esta lingua commum, que existiu onde se fixou o elemento celtico. [1] As colonias mercantis dos Jonios no sul da França e na Hespanha, pre-

[1] A celto-mania e a lingua *romance* de Raynouard são este problema desvairado por falta de criterio ethnologico.

pararam a propagação dialectal que sob o dominio romano se desenvolve e assimila ao latim. Os Jonios tinham seguido a exploração do Mediterraneo para oéste, vindo encontrar-se na peninsula hispanica com os seus iniciadores, os Phenicios; apesar da superioridade d'este ramo semita, que trazia comsigo dois poderosos elementos de civilisação, o alphabeto e o commercio pacifico, a população conservou o seu caracter árico, ainda mesmo depois das colonias lybio-phenicias, do dominio carthaginez, e das povoações judaicas. Ficaram dos Phenicios designações topicas e vestigios de cultura, mas considera-se que a lingua punica não exerceu influencia sobre os dialectos celticos da Peninsula. O conflicto entre as navegações e emporios dos Jonios e dos Phenicios fez com que aquelles chamassem os Romanos para os substituirem na lucta, que deu em resultado a ruina da raça semitica no occidente até ao apparecimento dos Arabes. Na sua lucta contra os Romanos, os Carthaginezes (colonia phenicia do norte da Africa) exploraram as populações celtibericas no seu espirito de autonomia para resistirem contra as legiões romanas. Roma ia fixando o seu dominio pela concessão de garantias politicas e estendendo o *direito italico* ás novas provincias, vindo sob o Imperio a realisar a primeira unificação da Hespanha. A acção dos Romanos é profundissima em toda a historia dos povos peninsulares, e nulla com relação ao facto anthropologico da raça. Os soldados da occupação eram de ordinario mercenarios germanicos; diz Ampère: « O uso imprudente de recrutar os exercitos romanos entre os barbaros, fez progressos bastante rapidos. Probo deu o exemplo de uma reserva, cuja prudencia deixou mais tarde de ser imitada; elle determina o numero de barbaros que podiam ser admittidos n'uma Legião; apesar d'isso houve legiões inteiras compostas de barbaros. » [1]

D'este erro politico derivam duas consequencias: a facilidade da queda do Imperio, no seculo V diante das invasões germanicas, e a facil assimilação da cultura latina pelos visigodos, não só emquanto á instituição politica imperial, como á formação dos dialectos romanicos. A Egreja adoptando para a sua liturgia a lin-

[1] *Hist. littéraire de la France avant Charlemagne*, II, 97.

gua latina, os reis germanicos restaurando a tradição imperial, e os povos conquistados conservando a lei e o processo romano nas suas relações e tribunaes, fazem com que durante a Edade media se sinta a influencia de Roma em todo o occidente da Europa como a expressão de unidade da civilisação moderna.

O elemento germanico apparece egualmente na Italia, com a invasão dos Ostrogodos e Lombardos, em França com os Frankos e Bourguinhões, na Inglaterra com o Saxão, e na Hespanha com o Visigodo. Não é sem importancia esta similaridade para o caracter commum das instituições modernas. Tudo quanto na sociedade germanica representava superioridade e poder, seguia a organisação politica de Roma; o que pertencia ao *colonato,* aos *lites,* aos homens-livres decahidos da sua garantia juridica pelo desenvolvimento da *banda guerreira,* conservavam as tradições germanicas e produziram esse cruzamento de classes que na peninsula fórma o elemento hispano-godo, que abandonou a sua aristocracia á primeira invasão dos Arabes, e a que estes deram o nome de *Mosarabes,* o genuino typo nacional peninsular.

A occupação dos Arabes fez-se principalmente por meio de tribus de Berberes e Mouros; este facto revela-nos como se operou um cruzamento crescente com os hispano-godos, e como não só se estabeleceu uma certa recorrencia dos antigos caracteres ethnicos do Ibero, como as proprias colonias berberes e maurescas preferiram ficar no territorio hispanico quando a reconquista neo-gothica repelliu o dominio dos Arabes. Se se póde assignar ao *Mosarabe* um qualquer caracter de raça, é este o facto anthropologico em toda a sua evidencia. Todas as luctas dos emirados arabes, e todas as dissidencias que embaraçaram a consolidação da unidade do imperio arabe, foram devidas ás luctas permanentes d'esse elemento berber e mauresco, cujo typo ainda transparece no povo de hoje, e na feição moral de um sombrio fatalismo. A cultura arabe, apesar da preponderancia moral do catholicismo, influiu na Italia e na França meridional, de modo que a unidade da Civilisação occidental, tão evidente na synthese affectiva das Litteraturas medievaes, persistiu nos seus caracteres mais importantes.

2.º A Tradição. — Emquanto as nacionalidades peninsulares se destacam em organismos independentes, pela acção mesologica, a lingua corresponde a essa differenciação local na fórma de *dialectos,* mas a *Tradição* é identica, commum, e por assim dizer, o vestigio da primitiva unidade ethnica. Este phenomeno adquire uma importancia extraordinaria, observando as analogias de costumes, crenças, superstições, tradições poeticas que existem entre os povos que formaram a grande civilisação occidental, os gregos, romanos, italianos, hispanos e francezes. Esta commum tradição, base das Litteraturas novo-latinas desenvolvidas por impulsos individuaes, fez que ellas mutuamente se influissem, realisando um profundo accordo sentimental. As fórmas lyricas da Provença, as fórmas épicas das Gestas frankas, as fórmas novellescas da Bretanha, os typos populares do theatro medieval, derivam de bases tradicionaes existentes nos povos que acceitaram essas manifestações litterarias.

A tradição popular não é, propriamente, Litteratura; mas a concepção individual que se não inspira d'este sentimento collectivo fica uma aberração mental, incommunicavel, sem sentido, e de mera curiosidade. A mutua relação entre a tradição nacional e a interpretação artistica é ao que, sem phantasmagorias se chama — *Bello.* Como poderemos conhecer as tradições peninsulares? Pelos testemunhos e vestigios da historia classica; pelas persistencias populares; pelas referencias dos escriptores que se inspiraram d'ellas. Assim veremos, como em uma litteratura escripta n'um dialecto romanico, e imitando pelo perstigio da auctoridade os modelos greco-romanos, existem elementos organicos ou privativos do nosso sêr nacional.

Quanto mais primitivos são os povos, tanto mais profundas são as suas impressões, tomadas como realidades; as concepções poeticas dos mythos, os cantares, as dansas são elementos activos da sua existencia social. Não conhecem ainda a faculdade de julgar e reproduzir as sensações, pela qual se fundou a Arte. A impressão artistica confunde-se com a contemplação religiosa, com a sancção juridica, com a auctoridade moral. Strabão, citando o testemunho de Asclepias de Mirleo, que viveu na Andaluzia, entre os Turdetanos, diz que estes povos possuiam *poemas e leis ry-*

thmicas; comprehende-se este facto aproximando-o do caracter metrico das leis celticas do Moelmud observado por Summer Maine. Na Irlanda o vate (*filès*) era tambem juiz. As fórmas dos anexins populares, e as aliterações e tautologias das praxes juridicas consuetudinarias são o vestigio d'este elemento tradicional.

As fórmas geraes da arte, que na poesia são o *Lyrismo,* a *Epopêa* e o *Drama,* acham-se confundidas com os actos quotidianos; são como que uma maneira da sua expressão, uma relação natural da vida domestica para a vida publica. O casamento, acompanhado de ceremonias essencialmente dramaticas, restos de usos de outros estados sociaes, era o thema de certos cantos lyricos, que ainda na época visigothica subsistiam entre o povo da peninsula, e contra os quaes reagiu a Egreja condemnando-os como pagãos no concilio ilerdense do seculo VI. Santo Isidoro de Sevilha, no livro das *Etymologias* cita os cantos epithalamicos, cantados pelos escholares em louvor dos noivos, que apparecem regularisados pela legislação civil neo-gotica. Viterbo cita uma disposição do Tombo do Aro de Lamego, de 1346, em que na festa nupcial ou o *Tamo,* se não podia *tanger adufe,* no mez de fevereiro, e em que a melhor *fogaça* seria para o Mordomo. [1] As ceremonias funeraes eram acompanhadas de cantos ou endechas dos mortos, que os romanos que se referem á peninsula chamaram *nenias* e equipararam ás suas *laudes;* eram esses cantos acompanhados de dansas lugubres, com um caracter local, chamando-lhes Tito Livio *tripudiis hispanorum.* (Liv. XXV, 17.) Silio Italico reconhece este caracter primitivo da endecha nacional chamando-lhe *barbara carmina,* e no funeral dos Scipiões em Carthagena a ceremonia constava tambem de *funebres ludi.* Estes cantos funebres pertencem a todo o occidente europeu, e conhecem-se com o nome de *Lamenti* e *Triboli* em Napoles, de *Attididos* na Sardenha, de *Voceri* na Corsega, de *Aurust* no Bearn, de *Arirrajo* nas Vascongadas, e de *Areytos* entre os tupis da America. A sua persistencia na peninsula é attribuida á revivescencia da epoca visigotica. [2] Em Portugal estes cantos funebres foram conhe-

[1] Viterbo, *Elucidario,* vb.º *Tamo.* — [2] D. Joaquin Costa, *Poesia popular española,* p. 280.

cidos pelo nome de *Clamores*, e um alvará de D. João I prohibia o *bradar sobre finados*. A litteratura portugueza possue preciosos documentos d'este genero poetico na sua phase tradicional, como as seguidilhas cantadas sobre a sepultura do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e o romance á morte do principe D. Affonso, [1] e com fórma litteraria individual, no Cancioneiro de Rezende formando o genero das *Lamentações*, commum á Italia e Hespanha. Estes cantos funebres tomaram tambem um caracter propiciatorio do fetichismo animista, a que correspondem ainda hoje as *Orações* e *Ensalmos*, que o concilio terceiro de Toledo prohibira sob o nome de *Funebre Carmen*.

As crenças religiosas e suas fórmas cultuaes eram thema essencial de manifestações poeticas, que ainda hoje sobrevivem. Strabão cita as danças acompanhadas de cantares dos Celtiberos no plenilunio. (lib. III, 4, §. 16.) Este costume passou para as vigilias dos Santos, prohibidas pelo concilio de Toledo, (XVI, can. 23) e *cantos de ledino*, ou das romarias, como se observa ainda em Portugal e Bretanha. Diodoro Siculo compara-as ao poema grego, convertendo-se por effeito da dansa em hymno de guerra, e Marcial nos seus Epigrammas allude a estes cantos coraes. (lib. IV, 55.) Esta fórma persistiu durante toda a Edade media nas *Bailatas* italianas, nos *Ballets* francezes, nas *Bailias* ou *bailho vilão* dos nossos Cancioneiros provençalescos, derivando-se effectivamente «de um typo tradicional commum ás diversas populações romanicas» como entende Paul Meyer. [2] Muitas *neumas* da poesia popular ainda sobrevivem, como o *Alalála* gallego citado por Silio Italico, o *betico leloa*, no *helo helo* e nas *leilas*, e os *Cantares guayados*, do Guay ou Aí com que o povo começa as suas cantigas. O *apupo*, dos cantos do Minho, egual ao *renchilido* do Alto Aragão, repetia-se no fim das Gestas heroicas, como se descobre pela *Chanson de Roland*. As *Orações* e *Fórmulas numericas*, como as que conserva Marcello burdigalense, ainda hoje se repetem como a do *Custodio* e a do *Trangolomango*, algumas decahidas já nas parlendas infantis. As *Salvas*, as *Chacotas* e as

[1] *Antologia portugueza*, n.os 74, 75, 76, 68. — [2] Vid. *Questões de Litteratura e Arte portugueza*, p. 67.

Serranilhas, conservadas por Gil Vicente, as *Alvoradas,* as *Serenadas,* as *Desgarradas,* são vestigios d'esta importante herança de tradições, que explicando-nos o processo da elaboração das litteraturas, nos restabelece pelos dados comparativos este fundo commum da Civilisação occidental.

Da vida social dos Celtiberos se deduzem tambem as fórmas das suas tradições épicas; Diodoro Siculo (v, 34) allude aos hymnos guerreiros dos Lusitanos antes de entrarem em batalha, analogos ao *barritum* dos germanos; depois da batalha no funeral dos guerreiros cantavam-se as narrativas dos seus feitos, como conta Appiano do funeral de Viriato. Strabão refere que os Cantabros repetiam os seus hymnos de guerra quando estavam pregados em cruzes pelos seus vencedores, onde morriam vociferando insultos. Os cantos epicos eram acompanhados de dansas agonisticas, de que são ainda representantes no Aragão as *dances,* na Galliza a *Muiñera,* e nas Asturias a *Danza-prima.* [1] Quem observar os assumptos dos Romances peninsulares, que correspondem ao mais remoto passado social, quem aproximar os seus vastissimos paradigmas em todos os povos meridionaes, concluirá pela these de Nigra, sustentada por Wolf e Köhler, de que esta fórma tradicional da epopêa tem um fundo commum identico ao das fórmas lyricas. [2] Alguns romances populares, como o da *Donzella que foi á guerra,* estudado por Liebretch, formam um verdadeiro cyclo epico com enormes ramificações; [3] emfim, nas situações d'esses Romances velhos figuram symbolos juridicos similhantes aos que apparecem nas leis consuetudinarias dos Mosarabes, que constituem a classe popular nunca extincta pelos successivos dominadores da Hespanha. Os mythos religiosos dos Celtiberos produziram na sua decadencia elementos epicos muito importantes, que foram mais tarde aproveitados como historia, da mesma fórma que procedeu Affonso o Sabio com os Romanos vulgares intercalados como narrativas na sua *Cronica general.* Tro-

[1] D. Joaquin Costa, *Poesia popular española,* p. 401. — [2] Charrière, na sua *Politique de l'Histoire,* t. I, p. 81, diz: « Primitivamente a raça hespanhola e a raça italiana eram identicas e unificavam-se pelo laço da Aquitania e pelo meio-dia da Gallia, como o indicam todas as relações actuaes. » — [3] No *Heidel Jahrbuch,* de 1877.

go Pompeo conservou um fragmento de uma epopêa turdetana, que hoje se acha transformado em um canto popular; é a aventura de Abidis, neto do rei Gargoris, nascido de uma fragilidade da infanta; o avô expõe-no a todos os riscos, elle sobrevive sempre, até que Gargoris o reconhece e lhe dá o throno. D. Joaquin Costa reduziu esta fabula aos seus elementos mythicos. As grandes composições reclamam narradores de profissão, como os jograes da Edade media; os euskarianos ainda têm os seus *coblari*. Os Bardos é que cantavam os *bairtni;* esta designação conservada pelo Arcipreste de Hita como instrumento musical, apparece-nos ainda citada pelo rei Dom Duarte como significando o narrador de contos: «em tal maneira que não pareça que os *albardaões* tem mais sabedoria que nós, porque elles nom se trabalhom d'arremedar as *estorias* melhores, mas que lhe som mais convenientes.» [1] Gil Vicente, creador da farça portugueza, diz-se filho de um *albardeiro,* neto de um tamborileiro. Na Irlanda, o cantor ou vate tinha o nome de *Faith,* e no tempo de Francisco I, *Fatiste* era o compositor «de jeux et novalistés» [2] em que se vê a transição para a fórma dramatica, e a importancia que merece entre nós o nome de *Fadista* dado ao cantor popular.

As dansas mimicas e falladas, que acompanhavam os cantos lyricos e epicos, formaram o primeiro germen das fórmas dramaticas, de que os *Jogos,* as *Vigilias* dos Santos, as *Visitações* das lapinhas, os *Colloquios* de namorados são ainda hoje o vestigio persistente. Entre o povo os Romances heroicos transformam-se espontaneamente em dramas, como as *Mouriscadas* nos Açores. Isidoro de Sevilha allude ao *Canticum dramatis;* e esta palavra Cantico, que significou a fórma scenica, ainda apparece com esse sentido em Azurara quando cita as Canticas de Dante. De todos estes elementos tradicionaes celtibericos se póde formar idéa bastante da vida sentimental d'essa raça successivamente invadida por outros povos. Resta-nos observar a influencia d'essas invasões sobre a obliteração ou revivescencia d'este vigoroso elemento tradicional. As nacionalidades semitas, phenicias e cartha-

[1] *Leal Conselheiro,* p. 321. — [2] Henri Martin, *Hist. de France,* t. VIII, p. 22.

ginezas, communicaram-nos cultos orgiasticos de que subsistem restos importantes nas superstições e praticas cultuaes das Deusas-mães. Com estas se confundem mais ou menos, segundo Curtius, as explorações e estabelecimentos dos Jonios na peninsula, taes como os phocenses, provenientes da Asia Menor. Existia, na realidade, uma civilisação hellenica, que se propagava para o extremo occidente pela acção da confederação mediterranea cujo centro era Marselha. N'esta época estavam em elaboração as Rhapsodias que vieram a constituir os poemas homericos, taes como a *Achilleida*, a *Pequena Iliada*, a *Destruição de Troya*, a *Dolonia*, as *Peregrinações de Ulysses*, a *Telemachia*, o *Regresso de Ulysses*, e os aédos gregos os levaram por todo o dominio dos Jonios. É por isso que Strabão referindo-se á vulgarisação das tradições troyanas, e peregrinações de Ulysses, diz: « Não só na Italia se conservam passagens d'essas historias, senão tambem *na Iberia existem mil vestigios de taes expedições, assim como da guerra de Troya.* » (liv. III, c. II, §. 13.) Este facto tão positivo nos explica a razão do desenvolvimento do *Cyclo troyano* da Edade media, representado pelo poema de Benoit de Saint More, como os historiadores introduziram o elemento troyano nas suas origens nacionaes, e como em Portugal o mytho toponymico de Lisboa (a *Ulyssêa*) e o typo aventureiro de Ulysses se tornaram populares. Segundo Ampère, o romance da *Bella Infanta* ou a volta do Cruzado tem esta origem. É frequente nos geographos antigos compararem os costumes peninsulares e os seus cantos aos dos gregos. As luctas dos Romanos contra os Carthaginezes no solo hispanico e a longa resistencia das tribus celtibericas contra a incorporação romana, influiram na persistencia dos cantos heroicos, muito mais abundantes aqui do que na Italia. A vida historica da peninsula começa com o dominio romano; mas se pela sua civilição influira n'estes povos, implantando os Municipios, abrindo vias militares, generalisando uma linguagem que se tornou nacional, nem por isso influiu nas tradições, não as fecundou como os visigodos, nem as obliterou como o catholicismo. Roma tinha quasi apagadas as suas tradições, o que se comprova pela sua litteratura imitada servilmente da Grecia. Essa esterilidade, ainda hoje se sente na Italia, como diz Cantu: « Os cantos *sono pochis-*

sime romanzesche, ancor meno historico » e como observa Gregorovius, não existem nas innumeras ruinas dos burgos italianos lendas como na Allemanha e na Inglaterra. Conhecendo-se a statistica do povo romano, tão bem reconstruida por Dureau de La Malle, vê-se que elle não podia colonisar pelo seu diminuto numero; tinha o systema do *colonato,* a que se lhe offereciam as tribus germanicas, antes da invasão.

Depois da invasão, eram os Visigodos romanisados os pretendidos continuadores do Imperio; assim a esse elemento colonial anterior, ligam-se os *homens-livres* decahidos das suas garantias pelo desenvolvimento da classe ou banda guerreira, a qual constituindo uma aristocracia imitou os nomes, os codigos e os costumes romanos. Esta sociedade aristocratica, convertida ao catholicismo romano, sob Rekáredo, soffreu uma profunda desnaturação pela decadencia da lingua gothica e das suas tradições nacionaes; a classe popular, vivendo no seu arianismo, conservou as tradições germanicas que pela sua similaridade se fundiram com as tradições celtibericas. É preciso distinguir esta dupla influencia, uma popular, e outra aristocratico-ecclesiastica ou erudita. Do facto da resistencia do elemento catholico dos Frankos contra o christianismo ariano dos Visigodos, tira Buckle assombrosas consequencias historicas; taes são, a dissolução da sociedade politica, subserviencia ao clero que dominava nas côrtes, obscurantismo systematico do povo, intolerancia religiosa alimentando os sanguinarios conflictos dynasticos, depois a devastação da reconquista contra os Arabes, e por fim os Autos de Fé, da Inquisição, com o respeito de todas as manifestações da auctoridade e a negação do espirito scientifico. O grande facto da abjuração de Rekáredo (586-589) não extinguiu o arianismo popular de um christianismo tradicional, que sob o dominio arabe resurge no *culto mosarabe* e como *egreja nacional.*

Profundamente poetico, o visigodo pela queda dos seus mythos religiosos, fecundou o grande campo tradicional dos hispano-romanos, isto é, das antigas raças fusionadas com o elemento abundante do colonato; symbolos juridicos, cantos heroicos, superstições, que apparentemente nós vemos como germanicas, são-no apenas como revivescencias provocadas por mutuas analogias

na sociedade hispano-goda. O pensamento de Gregorovius, que o canto popular e a lingua encerram aquillo a que os latinos chamavam *indoles*, faz-nos comprehender como estes elementos tradicionaes representam uma verdadeira indole germanica, ao passo que as fórmas eruditas da cultura ecclesiastica conservam a indole romana. A aristocracia visigothica desde a invasão arabe ficou sendo dirigida pelo clero catholico; o elemento popular ficou em contacto com os Arabes, que lhe respeitaram as suas crenças, costumes e instituições. Este facto influiu na expansão dos caracteres individuaes do povo hispanico, que desde essa época se conheceu pelo nome de *Mosarabe*. Os Arabes não influiram nas tradições poeticas, mas fecundaram-nas pelas suas melodias, como as *leilas* prohibidas ainda no tempo de Philippe II, como os *lingui-lingui*, ainda hoje populares, como os *Huda*, as *Serranilhas* e outras fórmas persistentes memoradas no seculo XV pelo Arcipreste de Hita e por Gil Vicente. As narrativas da Novellistica popular generalisaram-se por via dos *ravi* arabes, e o antigo canto heroico recebeu porventura pela sua fórma cantada o nome de *Aravia*. Attribue-se ao Arabe a propagação do metro popular octosyllabo, mas esta crèação é commum a todos os povos romanicos.

As colonias frankas, estabelecidas no momento em que se constituia a nacionalidade portugueza, flamengos que aqui estacionaram na passagem para as Cruzadas, e incursões de piratas scandinavos nas costas do norte de Portugal fixando-se em pequenas povoações, todos estes elementos cooperaram para a revivescencia das tradições poeticas, que a França universalisava na fórma das *Gestas*, e que em Portugal e Hespanha estacionaram na fórma de *Romanceiro*. Uma vez creada a lingua, como o mais poderoso instrumento de unificação nacional, e conseguida a estabilidade em que a ordem se torna voluntaria, o apparecimento da Litteratura é a consequencia immediata da vida d'este organismo em exercicio.

3.° **A Lingua.** — Embora muitas vezes o facto da linguagem esteja em contradicção com os caracteres anthropologicos, ou o typo physico, ainda assim é um orgão de desenvolvimento social, tornando-se uma barreira moral, um estimulo de independencia

nacional. Se um povo persiste na immobilidade, a sua lingua resente-se d'esse estacionamento, sem uma justa harmonia entre as fórmas *archaicas,* que produzem os dialectos populares, e a adopção dos *neologismos* provocada a cada instante por novas necessidades. Se a lingua não recebe a fixação da *escripta,* complicam-se a incerteza dos sons e das fórmas das palavras, nunca se estabelece em bases de analogia a disciplina grammatical, a synonymia torna-se uma excrescencia embaraçosa, confundem-se em um rude polysynthetismo até que é substituida por um idioma mais communicativo e ao corrente com a civilisação. Este facto foi notado pelo anthropologista Paul Broca, explicando como a lingua dos Celtas se substituiu á dos Iberos, embora estes, pela preponderancia do seu numero, conservassem o typo physico. [1] Esta aprente contradicção entre o phenomeno linguistico e o anthropologico, comprehende-se pela independencia que existe entre o *vocabulario,* ou a somma de palavras em circulação e a *syntaxe,* ou a lei racional do seu emprego. É o que se observa na influencia do latim entre todos os povos occidentaes onde se formaram os dialectos romanicos com um lexico abundante de diversissimas proveniencias historicas. Bastava ser o latim uma lingua *escripta,* para dominar todos os dialectos celticos da Italia, das Gallias e da Hespanha, não fallando já da elevada civilisação dos Romanos, de que essa lingua era um orgão activo. As manifestações mais completas da linguagem na sua fórma escripta constituem a *Litteratura;* comprehende-se portanto o valor do criterio philologico: « A Litteratura, como diz Egger, não se deve separar da *Philologia* e da *Historia,* ou melhor, a historia das linguas, das instituições e dos costumes fórma a verdadeira base sobre que assenta o juizo ácerca das obras do espirito. » [2] A lingua portugueza pértence ao grupo das novo-latinas, e estudando-a nas suas relações com esta grande creação das civilisações meridionaes, comprehenderemos o espirito da Litteratura no conflicto permanente entre a auctoridade do latim classico, e o genio popular que representa de um modo espontaneo a feição nacional. Conforme essa

[1] *Mem. d'Anthropologie,* t. I, p. 276. — [2] *Memoires de Litterature ancienne,* p. XI.

corrente tradicional prevaleceu, assim as Linguas romanicas se foram desenvolvendo pela decomposição analytica, e dando ao sentimento nacional a originalidade da expressão. No exame da lingua começa propriamente a comprehensão das transformações litterarias, como por meio d'estas se discriminam as phases do progresso ou decadencia da linguagem.

A) Lei de formação das Linguas romanicas

Depois que em 1808 Frederico Schlegel lançou á actividade scientifica d'este seculo a idéa da connexão entre o sanskrito e algumas linguas da Europa, estava achado o novo criterio para comprehender o facto da linguagem pelo processo *comparativo*. As hypotheses mais ou menos aventurosas de Maffei, Ciampi, Aldrete, Larramendi, Court de Gebelin, La Tour d'Auvergne, Raynouard e Ribeiro dos Santos sobre cada uma das linguas novo-latinas estudadas isoladamente, cahiram pela simples applicação do *methodo comparativo* encetado por Frederico Diez, em 1827, no seu livro *Da Poesia dos Trovadores*. A clareza com que explicou a formação d'esse grupo de linguas, estudando conjunctamente o estado dos seus *sons* e particularidades prosodicas, as suas analogias *morphologicas*, a similaridade *syntaxica*, tomando como typo commum d'onde divergiram, o Latim, tornaram-no o fundador da philologia romanica, systematisada na *Grammatica das Linguas romanicas* publicada de 1836 a 1844. A variedade de phenomenos linguisticos em todo o grupo romanico apresentou-se com uma certa regularidade, e d'aqui a necessidade de estabelecer uma ou mais leis naturaes d'esse assombroso processo de decomposição analytica, que caracterisa as linguas modernas.

Na formação das linguas romanicas uma lei geral domina o processo da derivação latina; é a *persistencia do accento latino*. O accento conservando-se através de todos os accidentes de obliteração por que passou a palavra, é como o ponto de apoio da expressão, é o centro de orientação das modificações consonantaes; citaremos um exemplo d'este processo organico: *quadragésima*, que no portuguez se abrevia em *quarésma*, e no francez *carême*; mi-

nisterium em *metier; rotundus* em *rond.* A parte mais importante do vocabulario romanico restitue-se á sua proveniencia latina.

Outra lei egualmente natural e fecunda é a da — *suppressão da vogal breve;* por ella se explica o modo como desapparecem muitas flexões nominaes e verbaes, isto é, como se obliteram os *casos* suppridos pelo uso excessivo de *preposições;* como se perde a acção prosodica da *quantidade* influindo na metrificação poetica o syllabismo ou a *accentuação;* como os verbos perdem as suas variadas desinencias, simplificando-se pelos *auxiliares* de que tiraram para os seus tempos fórmas paraphrasisticas; como estes incompletos meios de expressão, para se tornarem comprehensiveis, têm de reagir pelo esforço analytico empregando constantemente os *pronomes,* alguns dos quaes pelo seu uso exclusivo se tornaram *artigos;* por outro lado, recorre-se aos circumloquios, sempre explicativos e assim o *adverbio* recebe um *suffixo* caracteristico, desdobrando-se os comparativos e superlativos em phrases compostas, e os participios tornando-se adjectivos. Esta simples modificação phonetica da *suppressão da vogal breve,* destruindo as flexões latinas, produz a revolução immensa em que se manifestam outra morphologia linguistica e outras construcções syntaxicas.

Uma terceira lei, egualmente natural e importantissima é a da — *queda da consoante medial;* este phenomeno veiu tornar contrahidas as linguas novo-latinas, como se observa no francez, que se fixou muito cedo na fórma escripta. Exemplifiquemos: o adverbio *Metipsissimus,* no italiano apparece em *medesimo,* no portuguez em *medes, meesmo* (antigo) e *mesmo,* e no francez em *même.* O portuguez apresenta fórmas muito proximas do latim, mas isto deve attribuir-se ao trabalho erudito dos escriptores que recorreram sempre ao vocabulario latino, facto que teve uma grande influencia na fórma e caracter da litteratura.

Depois do conhecimento das leis fundamentaes do phenomeno linguistico, importa vêr as modificações mesologicas e historicas que cooperaram na sua manifestação. Com a lingua latina dá-se o que ainda actualmente se observa nas linguas extensamente falladas e que se empregam em um grande dominio geographico. Ao passo que o latim recebia a fórma culta e disciplinada pelos es-

criptores e rhetoricos, as camadas populares que apenas a usavam oralmente deviam, por uma consequencia natural, seguir a corrente divergente dos dialectos, já pela persistencia do archaismo nos confins provinciaes, já pelas obliterações da glottica do vulgo, a que chamamos *rusticidade,* em contraposição com a *urbanidade.* O vocabulario apresenta fórmas *duplas,* uma pertencendo ao povo, outra empregada pelo erudito; as linguas novo-latinas ainda seguem este processo fecundo de derivação, ao qual se liga o phenomeno semeiologico da diversidade de sentidos que exprimem. O facto dos *duplos* não quer dizer que uma mesma nação tenha duas linguas, uma pedestre ou vulgar, e outra erudita ou dos cultos. No latim, circumstancias historicas provocaram este phenomeno singular, em que a linguagem rustica veiu a prevalecer sobre a linguagem escripta, até que por seu turno, ao vir a ser escripta, foi buscar ao typo classico as normas essenciaes ou syntacticas. As expedições e guarnições militares romanas afastadas da metrópole e em contacto com povos barbaros tendiam por um esquecimento natural e pela necessidade de usar uma giria com os estrangeiros a adoptarem fórmas simples ou analyticas. A politica romana acceitava para o serviço das armas mercenarios recrutados em todas as provincias do Imperio, especialmente tribus germanicas. Os escriptores dramaticos, como Terencio, reproduziam nos seus dialogos scenicos algumas d'essas fórmas rusticas, como o abuso de *preposições* e vozes verbaes *auxiliadas.* Quando a politica romana conheceu o seu erro, vendo que a força publica estava confiada aos mercenarios sahidos d'entre os barbaros que Roma combatia, recorreu ao novo expediente do *colonato,* concedendo a essas tribus terras, dando-lhes instituições municipaes e regularisando a sua dependencia administrativa para com ella pela fórma de direito. Por fim estendeu a todos esses territorios o direito de cidade.

Durante estes tres ultimos esforços da politica romana é que o latim, como lingua que exprimia as relações juridicas, foi adoptado pelos povos conquistados. As populações dos *pagi,* na Italia, nas Gallias e na Hespanha, pela grande similaridade entre os seus dialectos pelasgicos e o latim, facilmente o acceitaram. Isto comprova-se pelo que se deu entre outros povos pertencentes

egualmente á unificação romana; o dominio romano foi mais prolongado na Grecia do que na Hespanha e comtudo não puderam lá impôr a sua lingua, como aqui; tambem as numerosas colonias militares da Illiria não communicam aos slavos o latim, e no entretanto poucos seculos de dominação em Engadina estabeleceu o dialecto romanico dos Alpes suissos; da mesma fórma a Bretanha, conquistada pelos romanos conserva a sua lingua celtica, ao passo que esta se substitue pelo latim na Italia superior, na França e na Hespanha. [1] Esta facilidade authentica-nos a existencia de um fundo ethnico commum, que se revelará mais tarde pela Civilisação occidental, de que o latim foi o meio de unificação, na Edade media. As classes elevadas, que reconheciam a superioridade da cultura romana e admiravam o seu perstigio, abandonaram as linguas e mesmo os costumes das raças a que pertenciam, para escreverem como os poetas e prosadores e fallarem como os rhetoricos de Roma. Assim pôde o latim unificar pela legislação os povos hispanicos. Sertorio fundou um centro de estudos classicos em Osca, e Roma teve como continuadores da sua litteratura os *cordovezes* Sextilio Henna, Lucano, Porcio Latro, os dois Senecas, Anneo Mela, os *gaditanos* Cornelio Balbo e Columella, Marcial, natural de Calatayud, e o rhetorico Quintiliano de Calahorra; Claudio Apolinario, Felix, Marco Licinio, Pomponio Mella, Lucio de Tuy, Allio Januario, Cordio Sinforo, Silio Italico, os imperadores Trajano e Adriano, Floro e Julio Higinio. A propagação do catholicismo no segundo seculo, pelo facto do emprego do latim na liturgia, fez com que se generalisasse a imitação das fórmas urbanas; e ainda no ultimo seculo do Imperio escreviam, n'essa fórma peculiar da litteratura ecclesiastica, os bispos Osio, de Cordova, Paciano e Olympio, de Barcelona, Gregorio Betico, de Granada, Potamio, de Lisboa, o papa Sam Damaso, Dextro, Juvenco, Idacio, Paulo Orosio, Prudencio, Elpidio e tantos outros. Egual phenomeno se deu com o grego, que se transformava no dialecto commum, ao passo que os Chrysostomos e os Basilios tentavam na sua apologetica restaurar o puro atticismo. A Egreja reagia contra a civilisação greco-romana, e no

[1] Gubernatis, *Piccola Enciclopedia indiana*, p. 108.

quarto seculo, pelo quarto concilio de Carthago prohibia a leitura dos livros profanos; o papa Gregorio Magno, segundo o seu biographo João Diacono, desprezava intencionalmente o uso dos *casos*, para não submetter as palavras divinas ás regras de Donato. Isto prova-nos que a Egreja tinha de transigir com a grande vitalidade dos dialectos vulgares, como vêmos pelas palavras citadas por Quintiliano, por Marcial, e pela lei de Alexandre Severo de 230, que permitte fazer fideicommissos em linguas vulgares. Como explicar esta vitalidade dos dialectos, coexistindo com a generalisação do latim pela dupla influencia administrativa e ecclesiastica, senão por esse fundo commum dos dialectos pelasgicos, que se subordinaram ás normas syntaxicas do latim? Depois da queda do Imperio a tradição latina fica representada pela Egreja, que á maneira que impõe o seu dominio se separa do povo, fechando-se em uma hierarchia aristocratica, e n'uma isolada erudição claustral.

A invasão germanica na peninsula, fez-se pelos povos que mais se tinham apropriado da cultura romana, os Visigodos. Ao tentarem substituir a unidade imperial, acceitaram os nomes, as leis e os costumes romanos. Com relação ao latim, que os Visigodos adoptaram, por causa da sua conversão ao catholicismo, abandonando o arianismo, diz-nos Frederico Diez: « Apropriando-se dos elementos germanicos não soffreu nenhuma perturbação essencial no seu organismo; o grupo romanico escapou quasi completamente á influencia da grammatica allemã. Não se póde negar, que haja na formação das suas palavras algumas derivações e composições germanicas, acham-se tambem na syntaxe vestigios do allemão; porém estas particularidades perdem-se na totalidade da lingua. » [1] O facto da conversão ao catholicismo sob Rekáredo, em 587, uniformisando os direitos entre os hispano-romanos e os visigodos, determinou a decadencia da lingua gotica, que excedera em desenvolvimento o franciko e o lombardo, em quanto os visigodos possuiam o christianismo ariano. Diez, notando este phenomeno, explica por elle a ruina do gotico mais rapidamente

[1] *Grammatica*, trad. Brachet et Paris, I, 65.

na Hespanha do que em nenhuma outra parte. [1] É aqui que começa a separação entre o povo, que elabora as suas tradições, e as classes aristocraticas, que se romanisam e se submettem á erudição ecclesiastica. Essa separação, que se observa na litteratura, em Santo Isidoro, em Paulo Orosio, Idacio, Viclara, Santo Ildefonso, Isidoro de Beja, Maximo, nos poetas Draconcio, Orencio, Florentino, Eugenio, Commancio e Valerio, e em outros apologetas, torna-se mais evidente na condemnação dos concilios de Toledo contra as tradições populares, que sob o dominio arabe tiveram essa expansão de espontaneidade que fórma os *Romanceiros* e os *Poemas do Cid* e *Fernão Gonçalves*.

O dominio dos Arabes descripto com tintas pejorativas de catastrophe pelos latinistas ecclesiasticos, como Isidoro de Beja, Sebastião de Salamanca, Sampiro, o Silense, Lucas de Tuy e Alvaro de Cordova, está hoje provado como uma grande verdade historica, que foi todo de tolerancia e de liberdade. Mediante uma capitação, o *djizyeh*, o hispano-godo tinha garantida a sua propriedade, a sua familia, a sua crença e a sua industria. Facil foi a harmonia moral entre a população e o invasor que trazia a superioridade da civilisação hellenica, de Damasco e Bagdad, onde pela Syria e pela Persia, renascera outra vez no mundo o genio grego. Os hispano-godos imitaram os arabes; taes são os *Mosarabes*, esse elemento ainda indistincto, que veiu a chamar-se povo, base organica das nacionalidades. A communicação com os Arabes, bem como os cruzamentos de raça fizeram-se por esses dois ramos ethnicos dos berbéres e mouriscos; as letras arabes foram adoptadas nos escriptos *aljamiados*, em que as palavras eram romanicas. A extensão do dominio da lingua arabe no Occidente foi investigada por Narducci na Italia, por Marcel Devic na França e por Frei João de Sousa, Engelmann e Dozy com relação a Portugal; esse dominio não foi syntaxico. Apenas o vocabulario se enriqueceu com os nomes technicos de instrumentos e conquistas de uma civilisação superior; ás vezes o termo latino coexiste com o arabe, como *sastre* e *alfaiate;* na crença, o nome de *Allah* ainda se invoca nos templos christãos, como em *Oxalá* do arabe

[1] *Ibidem*, p. 58.

Inshallah. A animadversão catholica revela-se em muitas palavras arabes, que ainda hoje subsistem mas exclusivamente com sentido pejorativo; taes como *Caschich,* o sacerdote christão, que é uma interjeição popular do nosso: *Cachicha! Azambrado, Madraço, Léria,* que estão no mesmo caso. Na longa lucta de reconquista, as povoações sedentarias ficaram indifferentes á sorte das batalhas; formou-se uma linguagem vulgar conhecida pelo nome de *Aravia,* propria d'essa população mosarabe, a par da *ladinha* christenga. O nome de *Aravia* dado aos romances populares revela-nos que na formação das nacionalidades peninsulares, já existiam os cantos na lingua em que vieram a ser incorporados na *Chronica general.* O triumpho da reconquista christã, pretendeu restaurar em tudo as atrazadas instituições visigoticas; deram-se as revoltas communaes, e revoltas dos barões. Appareceu então a causa popular dos Concelhos, os *Fóros* foram redigidos em vulgar, e o Forum Judicum traduzido. No emtanto a unidade imperial romana já não podia ser restaurada por esse ramo germanico dos neo-gothicos. Carlos Magno entre os Frankos é que realisou o pensamento da unidade romana, estabelecendo uma epoca de estabilidade para a Europa, e o inicio da civilisação moderna. Collocado no centro do Occidente, na Gallia, elle susteve as invasões das tribus barbaras do norte, romanisando a Allemanha, e pondo um dique á invasão dos Arabes no sul. [1] A Allemanha entrou como cooperadora da Civilisação occidental, e a lucta contra a expansão da raça semita continuou-se nas Cruzadas, phenomeno que motivou o apparecimento da burguezia, pela lucta entre o poder real e o poder feudal. Na creação das novas fórmas sociaes, organisaram-se nacionalidades, e o Occidente teve uma crença commum, uma mesma arte, uma identica poesia e as mesmas agitações para fundar a liberdade civil; todos estes factos tornaram escriptas as linguas romanicas empregadas em communicar esta grande synthese affectiva.

[1] Littré, *Application de la Philosophie positive,* p. 116.

B) **Filiação e epocas historicas da Lingua portugueza**

A formação das Linguas romanicas, com elementos latinos, germanicos, gregos e arabes, deve considerar-se como o phenomeno social que mais determinou o reapparecimento da *Civilisação occidental,* de que a Provença foi o principal centro, e de que a França exerce ainda hoje a hegemonia. As Linguas romanicas tornaram communs os interesses, os sentimentos e as idéas, e ellas convertidas em orgãos das Nacionalidades modernas, desenvolveram-se em Litteraturas, em consequencia da escripta. Os dominios francez, italiano e hespanhol, pelos accidentes historicos e por causas mesologicas que conjunctamente actuavam sobre o separatismo politico, dividiram-se em muitissimos *dialectos locaes,* uns que estacionaram no provincianismo, outros que se converteram em lingua nacional. Este duplo phenomeno se verifica pelo *galleziano* e *portuguez.* Não enumeraremos a grande série de dialectos italianos que vieram a ser subordinados pela acção de convergencia nacional ao dialecto toscano, nem em França com o dialecto da ilha de Paris; interessa-nos directamente a situação dos dialectos romanicos na Hespanha. Aqui a divisão dialectal corresponde perfeitamente á evolução social e historica, que, simultaneamente com a conquista neo-gothica ia desmembrando o territorio e povoações tomadas aos arabes em pequenas nacionalidades independentes: o *Portuguez,* o *Catalão* e o *Castelhano,* converteram-se em linguas nacionaes, ao passo que o *gallego* com relação ao primeiro, o *valenciano* e *malhorquino,* com relação ao segundo, e o *andaluz* estacionaram conservando apenas divergencias locaes. São tambem tres nacionalidades as que mais profundamente se constituiram, achando-se ainda no seculo XVII em lucta contra a unificação politica castelhana Portugal e a Catalunha. Frederico Diez considera o *Portuguez* com caracteres originaes proprios; no *Poema de Alexandre* e no *Poema do Cid* apparecem os typos que fixaram o *castelhano;* nos versos de Berceo, em que se conhece a influencia dos trovadores, destaca-se já a feição que distingue o *catalão.* Como a historia social influiu profundamente na especificação d'estes typos linguisticos, a evolução da civilisação peninsu-

lar actuou de um modo poderoso no desdobramento de novos dialectos. A filiação da lingua portugueza no grupo romanico peninsular, provém da unidade da cultura latina na peninsula, mas o seu individualismo resultou do facto da creação da nacionalidade no seculo XII. A lingua *portugueza* é identica á *galleziana;* perdendo a Galliza as condições de independencia e de vida nacional, ficou um dialecto archaico, de que ainda se observam nos escriptores antigos os evidentes vestigios.

a) *Fórmas gallezianas no portuguez.* — Antes da independencia politica tentada pelo Conde D. Henrique, Portugal fazia parte da Galliza, a qual desde Fernando Magno se estendia até ao Mondego. Pertenciam ainda em 1065 á Galliza as conquistas ao norte do Mondego e do Alva; em 1093 as suas fronteiras estenderam-se até á foz do Tejo, depois da tomada de Santarem, Lisboa e Cintra. Affonso VI de Leão, querendo fortalecer a administração d'este vasto dominio da Galliza, encarregando seu governo a Raymundo, que viera com os guerreiros frankos que ajudaram o monarcha leonez em 1086 na batalha de Zalaka, entregou-lhe toda a administração, casando-o com sua filha Urraca. O enunciado d'estes simples factos historicos, mostra-nos como se generalisou a lingua gallega em todo este territorio, onde pela estabilidade no meio das algaradas contra os arabes, a lingua pôde ser escripta e a Galliza tornar-se um centro de cultura. A ethnologia coadjuva a explicação d'este phenomeno social, que tanto influiu na prioridade do lyrismo provençal ao norte e oéste da peninsula. Nas invasões germanicas do seculo V, a Galliza ficára em partilha aos Suevos, Alanos e Silingos incórporados aos primeiros, quando Walia os forçou a abandonarem a Betica e a Lusitania; mais tarde os Suevos estenderam sobre a Betica e a Lusitania o seu dominio, até serem submettidos por Leovigildo á unidade visigotica. Territorio e raça, tudo influia para a unidade da lingua gallega. A Galliza luctou como todos os outros pequenos estados peninsulares pelo estabelecimento da sua autonomia nacional; mas a formação da nacionalidade portugueza reduziu-a á condição de provincia, e o galleziano, em que se elaborava uma nova litteratura decahiu em um simples dialecto fallado, ao passo que o portuguez progrediu como lingua escripta. A vida historica

da Galliza dispendeu-se nas agitações das varias dynastias de Leão, Castella ou Aragão, e já no fim do seculo XIV a tentativa de renascimento da poesia gallega por Villasandine e Padron ficou sem resultado. Para que o territorio das margens do Minho até ao Tejo se desmembrasse do condado da Galliza, e se emancipasse da unificação politica asturo-leoneza, não bastavam as ambições do Conde D. Henrique, de D. Thereza ou de D. Affonso Henriques; os Concelhos, ou cidades no seu perfeito desenvolvimento juridico precisavam fortalecer-se como nação, (*behetrias*) e a propria situação geographica provocava a autonomia que se fez sem ruido, como notou Schæffer. A *proximidade do mar* não era uma barreira defensiva, mas um estimulo de actividade economica; pelo mar vinham as armadas que coadjuvavam a reconquista, pelo mar se fizeram as incursões na costa do Algarve, e se entrou depois da integração do territorio no periodo dos descobrimentos geographicos. Assim o portuguez tornou-se uma lingua nacional. [1] Nunes de Leão, Aldrete, e Sarmiento, muito antes de Frederico Diez reconheceram a identidade entre o *portuguez* e o *gallego,* mas explicavam a decadencia d'este em dialecto particular por causas phantasticas provenientes da falta de methodo scientifico em philologia. O *gallego* conservou-se muito tempo como lingua litteraria empregada artificialmente na poesia, como vemos nas *Cantigas* de Affonso Sabio; e Sarmiento determina chronologicamente o seu emprego: « Hasta los tiempos del rey D. Henrique tercero, todolas coplas que se hacian commumente por la mayor parte eran en aquella lengua. » [2] Este facto confirma-se com as composições lyricas do grande *Cancioneiro portuguez* (da Vaticana, de Colocci e da Ajuda) em que não só as fórmas linguisticas como o genero litterario das serranilhas continuam a tradição galleziana. A lingua portugueza seguia a sua differenciação; mas todas as vezes que os escriptores do seculo XV

[1] Nunes de Leão, na *Origem da Lingua portugueza,* p. 92, ed. de 1605, fallando da similaridade entre o gallego e o portuguez, explica o facto irracionalmente: « O que se causou por em Portugal haver rei e côrte, que é a officina onde os vocabulos se forjam e pulem, e d'onde manam para os outros homens, o que nunca houve na Galliza. » — [2] *Memorias para la Historia de la Poesia y Poetas españoles,* p. 198, n.º 456.

e XVI se aproximavam da dicção popular, reproduziam espontaneamente esses *galleguismos,* de que se conservam particularidades phoneticas no Minho e na Beira. A cultura erudita a que o portuguez foi muito cedo submettido, aproximou-o extraordinariamente do latim classico, não deixando tambem de influenciar na sua pronuncia as numerosas colonias francezas que se estabeleceram simultaneamente com a nacionalidade.

b) *Modificações por via do francez.* — Como vimos, o Conde D. Henrique toma posse em 1096 do territorio que veiu a ser Portugal, casando com D. Thereza; o cavalleiro borgonhez trouxera comsigo homens de armas, deu *franquias* ás colonias que chamou do seu paiz, e vieram juntamente com bispos para as dioceses, amanuenses para copiarem os Evangelhos em *letra franceza* como ordenava o Concilio de Leão, de 1090. Muitos bispos e arcebispos eram francezes, como S. Geraldo, D. Mauricio, D. Hugo, D. Bernardo; ia-se estudar a França, como D. João Peculiar e Frei Gil Rodrigues. D. Affonso Henriques concedeu a Gilherme des Cornes as terras de Athouguia, para serem colonisadas por francezes e gallegos. Assim se espalharam entre nós as lendas carlingianas, e se cantaram as Gestas francezas, a que ha allusões nos Nobiliarios. A corrente franceza continuou na epoca das luctas dos fidalgos contra D. Sancho II, refugiando-se os emigrados na côrte de S. Luiz, d'onde acompanharam a Portugal D. Affonso III, que depoz o irmão. Aldrete, na *Origen y principio de la lengua Castellana,* reconhece no portuguez esta influencia franceza, a que alguns attribuem os nossos sons nasaes e tambem as fórmas contrahidas de um grande numero de palavras. O proprio D. Diniz foi educado pelo francez Emeric d'Ebrard, de Cahors, e na propria poesia dos trovadores portuguezes penetraram versos francezes, d'onde se infere que estavam aqui generalisados. Havia uma causa poderosissima para que o francez influisse na lingua portugueza; o francez era, desde o seculo XII, o propagador de todas as tradições da Edade media; na Inglaterra, no seculo XIII, as proclamações dos reis, o ensino nas escholas e as balladas do povo eram em francez; na Italia, avalia-se o seu influxo, pelas palavras de Brunetto Latini: « *la parleure française est la plus gracieuse et delictable de tous les outres languages...* »

Dante reconhece no *De Vulgari eloquio* esta superioridade. Nos velhos romances allemães acham-se versos inteiros em francez, como no *Tristam* de Scottfrid. A Civilisação occidental tinha achado o seu novo centro hegemonico. As primeiras composições litterarias portuguezas seguiram essa impressão universal dos modelos francezes, até certo ponto contrabalançando-se com a latinisação forçada dos eruditos ecclesiasticos. A *Gesta de mal dizer,* de D. Affonso Lopes Baião, imita em endechas a linguagem popular do seculo XIII, reproduzindo as fórmas da Cantilena franceza.

c) *O portuguez começa a ser escripto.* — Debaixo da inflexão alatinada d'essa lingua convencional e barbara dos documentos juridicos, taes como o *Livro dos Testamentos* de Lorvão ou o *Livro Preto* da Sé de Coimbra, existem as palavras vulgares que mais tarde apparecem com fórma propria nos textos litterarios, assim como do onomastico se remonta á elaboração do portuguez em uma epoca muito anterior ao facto do apparecimento da nacionalidade. Importa distinguir entre documentos historicos e litterarios ; [1] os primeiros mostram-nos o desenvolvimento da sociedade civil, os segundos são já uma revelação da consciencia, a expressão de um sentimento de patria. Em Portugal repete-se o phenomeno commum das litteraturas começarem pelas fórmas poeticas até chegarem á fundação da prosa. Com a vinda de Dom Affonso III de França principia a actividade poetica da aristocracia portugueza, que em Dom Diniz se fortalece com a tradição lyrica popular.

Os latinistas ecclesiasticos exerceram muito cedo a lingua portugueza na traducção dos livros dos Padres da Egreja e dos Evangelhos. A grande Livraria de Alcobaça compõe-se de traducções latinas do seculo XIV como as já publicadas por Frei Fortunato

[1] João Pedro Ribeiro, nas *Dissertações chronologicas e criticas,* t. I, doc. 60, 61, 62-68, e 184, transcreve documentos em portuguez redigidos no reinado de Dom Sancho I, em 1192, e deduz que no reinado de Dom Affonso III, a começar de 1293 é que apparecem os documentos em portuguez com mais frequencia, tornando-se geral o seu uso de 1334 em diante. Estes factos são importantes para conhecermos o desenvolvimento da vida civil, mas não provêm como quer J. P. Ribeiro da ignorancia progressiva do latim.

de S. Boaventura, e livros asceticos traduzidos ou compilados para uso dos clerigos que ignoravam o latim. A erudição claustral, absorvendo para si a instrucção e banindo os cantos vulgares da liturgia, tornou o latim a giria das escholas e a poesia dos Goliardos. A renascença do Direito romano fez tambem com que da parte da realeza se impuzesse o latim como linguagem dos tribunaes e das allegações juridicas. Assim se enriquecia o vocabulario pelo neologismo e se perderam as fórmas populares no meio de toda esta exuberancia de elementos eruditos. Raros foram os escriptores que se puderam libertar do perstigio da imitação latina, e esta influencia favorecida pela disciplina catholica destruiu na litteratura portugueza uma importantissima parte dos seus caracteres e condições de originalidade.

Fóra da litteratura, a lingua portugueza teve tambem um largo desdobramento de *dialectos*, devido ao forte individualismo do povo e em consequencia da expansão historica da nacionalidade em um vastissimo dominio colonial. Assim, depois do dialecto *gallego*, temos o *creoulo* nas possessões da Africa e Cabo Verde, o *matuto* no Brazil, o *reinol*, ou *indo-portuguez* em Columbo capital de Ceylão, em Malaca, e pelo effeito do isolamento provincial, o *mirandez* em Traz-os-Montes. No seculo XVI escrevia João de Barros: « As armas e padrões portuguezes póstos em Africa e em Asia, e em tantas mil Ilhas fóra da repartiçam das tres partes da terra, materias são e pode-as o tempo gastar; pero, não gastará doutrina, costumes, *linguagem, que os portuguezes n'estas terras deixaram.* » [1] A verdade d'esta grande affirmação consciente do nosso vigor nacional torna-se evidente ainda ao fim de tres seculos de decadencia; escreve Radau, referindo-se a Malaca: « O idioma que aí se falla hoje ao lado do inglez é uma especie de phenomeno philologico: é o portuguez despojado das suas terminações, e por assim dizer reduzido a raizes. Os verbos não têm tempos nem modos, nem numeros nem pessoas; os adjectivos perderam o feminino e o plural. *Eu vai*, significa *eu vou, eu tenho ido, eu irei*, segundo as circumstancias. Algumas palavras do malaio completam esta lingua, que apresenta um curioso exemplo de

[1] *Dial.*, p. 229.

retrocesso ao estado primitivo. » [1] Filinto Elysio tambem allude á « *lingua franduna* — a que trouxeram os soldados portuguezes das guerras dos Paizes-Baixos, » [2] de que nos resta ainda a designação vaga de *frandunagem,* para significar uma cousa sem valor. As epocas historicas da lingua portugueza coincidem com as phases mais caracteristicas da litteratura :

1.ª — Desde a elaboração que se revela sob a inflexão alatinada dos documentos juridicos até que se destaca do gallego, nos Cancioneiros, terminando no seculo XIV.

2.ª — Modificações produzidas pela acção da cultura latina, separação entre os escriptores e o povo, traducções latino-ecclesiasticas até á reforma dos Foraes realisada por D. Manoel, terminando no começo do seculo XVI.

3.ª — Estabelecimento de disciplina grammatical, por Fernão de Oliveira e João de Barros, até preponderar a auctoridade da grammatica latina pelo ensino dos Jesuitas, no seculo XVI e XVII.

4.ª — Exame historico e critico, em Duarte Nunes de Leão até ao estabelecimento de um Vocabulario, por Bluteau, vindo a prevalecer a doutrina dos archaismos na Arcadia no seculo XVIII.

5.ª — Harmonia entre a linguagem escripta e a fallada, e fim do pedantismo grammatical pelo novo criterio comparativo ; coincide com o restabelecimento das bases tradicionaes na litteratura, ou Romantismo.

4.º A Nacionalidade. — A creação de uma nacionalidade é um phenomeno de ordem statica, independente da vontade do in-

[1] *Un Naturaliste dans l'Archipel Malais* (na Rev. des Deux Mondes, 1869 ; t. LXXXIII, p. 679.) — Vide sobre dialectologia portugueza, Bertrand Bocandé, *De la Langue créole de la Guinée portugaise* (Bull. de la Société de Geographie, de Paris, 3.ª serie, t. XII, p. 73-77.) — Hugo Shuchartt, *Kreolische Studien: Ueber das Indoportuguises ische von Cochin*. Wien, 1883. — *Ueber das Indoportugiesische von Diu,* Wien 1883. — Leite de Vasconcellos, *Dialecto brazileiro,* Porto, 1883 (separata da Revista de Estudos Livres.) Do mesmo, *O Dialecto mirandez,* Porto 1882 ; *Dialectos beirões* : I *Linguagem popular de Monte Novo ;* II *Linguagem popular de Castello Rodrigo.* Porto, 1884. *Dialectos extremenhos,* pelo mesmo. — Gonsalves Vianna, *Essai de Phonétique et de Phonologie de la Langue portugaise d'après le Dialècte actuel de Lisbonne.* Paris, 1883. — [2] Ob., t. I, p. 64.

[illegible] a síntese dos interesses do direito, pela synthese dos sentimentos da arte e da [illegible] que esse organismo collectivo se eleva de a consciencia que se revela para cada individuo no [illegible] da Europa. Tal é a mutua relação da nacionalidade com a literatura. As diversas manifestações sociaes, como a crença, o direito, a industria, a politica são correlativamente dominadas pela paixão [illegible] dos interesses, e por isso não representam [illegible] as [illegible] as [illegible] tomando por base as tradições da subjectividade e recebendo o sentido novo a que se elevaram as [illegible] superiores, estão sempre em uma [illegible] entre a sua [illegible] e o vigor da nacionalidade. E pela literatura que se consegue de um modo seguro a [illegible] de uma [illegible], como se comprova com a Italia e com a Allemanha.

Quando no seculo XII se constituiu a nacionalidade portugueza, já o periodo da elaboração activa da Idade media estava encerrado: as differentes linguas romanas tinham-se fixado na forma escripta: estavam transformados os velhos mythos arruinados pelo christianismo no [illegible] das tradições epicas das Gestas francezas: já se tinha affirmado o espirito secular que luctara pela independencia da esphera civil, já estavam reconhecidos os codigos locaes: arruinavam-se as [illegible] e florescia a nova arquitectura ogival. E entre as novas nacionalidades era Portugal a ultima que entrava no processo da civilisação do Occidente: imperiosas e fataes circumstancias provocavam este apparecimento tardio, e para alguns historiadores maravilhoso. Confinado entre o oceano e o mar, desmembrou-se da Hespanha como a Hollanda se desligou da Allemanha: provocou este facto decisivo a corrente separatista que na epoca da reconquista quebrara as tres tentativas de unidade neo-gothica. Portugal ficou o typo do pequeno estado livre peninsular: a Gallia perdeu esta qualidade e chegou a esquecer a sua extraordinaria cultura. Na pressão mutua de dois povos, o mais fraco pelo seu numero é estimulado pela necessidade da defesa: Portugal chegou ainda mais cedo do que Castella a realisar a sua unidade politica, e a contrabalançar a exiguidade do seu territorio pela occupação no norte [illegible] Africa, pela descoberta dos Archipelagos e pelas feitorias

da India. No resto da Hespanha, pelo seu poderoso elemento semita, e ainda pelo caracter dos germanos, o Estado constituia-se na transição da tribu para nação; em Portugal, onde abundavam colonias gregas e uma forte disciplina romana, o Estado fundava-se pela união das cidades ou Concelhos, e d'aqui as fortes manifestações da classe popular, nas *côrtes,* na poesia dos cancioneiros aristocraticos e no sentimento de patria revelado no seu esplendor heroico em Aljubarrota e na santificação de um Cid nacional o *Condestavel* D. Nuno Alvares Pereira. Diz com um tino notavel Frederico Schlegel: « Feitos memoraveis, grandes successos e largos destinos não bastam para captivar-nos a attenção e determinar o juizo da posteridade. Para que um povo tenha este privilegio, é preciso que elle possa dar conta das suas acções e dos seus destinos. » Portugal iniciando as navegações modernas e a éra pacifica da actividade industrial, creou tambem historiadores como Fernão Lopes, Ruy de Pina, João de Barros, Damião de Goes e Diogo de Couto; os soldados das suas armadas e guarnições eram os seus poetas como Camões, e Castanheda ou Diogo de Couto escreviam a historia depois de largarem o arcabuz, segundo aquelle verso eterno dos *Lusiadas:* « N'uma mão sempre a espada e n'outra a penna. » O sentimento d'essa actividade e destino nacional foi traduzido na pedra, como nos mosteiros da *Batalha* e dos *Jeronymos,* no ouro das páreas do Oriente, como a *Custodia* de Gil Vicente, na palavra eloquente dos *Lusiadas,* que a Europa universalisou como a epopêa do mundo moderno. A sua vida historica é que a tornou uma nação fecunda ainda depois de terminada a elaboração da Edade media. Esta pequena nacionalidade atacada pela intolerancia, imbecilisada pela Inquisição, extinguiu-se quando trinta annos de educação jesuitica (1550-1580) obliteraram na mocidade portugueza o sentimento de patria e a consciencia da nacionalidade. Restaurou-se a nacionalidade portugueza, quando a França pôde afastar da Hespanha a Casa de Austria; mas a connivencia da nova dynastia com os Jesuitas fez com que vegetassemos sem plano, esquecidos até do nosso passado historico. O grande facto de 1640 não deixou ecco na litteratura portugueza do seculo XVII; mas os emigrados de 1818, que conspiravam contra a occupação ingleza de Beresford e se refugiaram em

França, e em 1823 os que fugiam ás masmorras do absolutismo restaurado, eram os sabios, poetas, musicos, pintores e artistas, Manoel Pedro de Mello, José Dyonisio Mascarenhas Netto, Morgado de Matheus, Domingos Antonio Sequeira, Bomtempo, Almeida Garrett. O movimento nacional que destruiu o absolutismo de 1834 produziu simultaneamente essa renovação da litteratura portugueza, em que se fundou uma nova poesia lyrica, um novo theatro, o romance historico, a historia critica e a eloquencia da tribuna. Todas as vezes que nos retemperarmos nas tradições da nacionalidade, ella manifestar-se-ha mais vigorosa, e a sua litteratura mais original.

§. II

O elemento dynamico na Litteratura

1.° As grandes individualidades. — Antes da concepção mechanica dos phenomenos do universo, teve Blainville a luminosa ideia de applicar aos phenomenos biologicos a distincção em *staticos* e *dynamicos* como a expressão mais completa das condições de existencia ; o orgão apto para exercer-se é o elemento statico, assim como a funcção é o estado dynamico dependente do anterior. Augusto Comte applicando esta mesma distincção aos phenomenos sociaes, considerou a *ordem* como a base statica da existencia social, assim como o *progresso* nas suas transformações simultaneas o effeito dynamico do seu aperfeiçoamento. Como um producto social, a Litteratura participa d'esta dupla condição de existencia; ella tem uma parte statica, permanente e alheia á intervenção individual: taes são a *raça,* a *lingua,* a *tradição* e a *nacionalidade;* são por assim dizer o organismo em que se elaboram as funcções ou creações litterarias. O elemento dynamico é a vontade individual, é o espirito ou personalidade do artista, que sabe achar a justa relação entre as emoções geraes contidas n'esses factores, e a expressão caracteristica e propriamente sua. Todas as vezes que se não sentir este cunho individual não exis-

te obra de litteratura. A phrase formulada por Fred. Schlegel, da relação indispensavel entre o escriptor e o povo, [1] a dependencia necessaria da actividade intellectual do meio social para que ella se não torne uma aberração pathologica, como o presentira Mackintosh, exprimem esta solidariedade das condições de existencia revelada nos termos de *statico* e *dynamico*. O genio da raça, o fio da tradição, as fórmas da linguagem, a aggregação nacional estão fóra do alcance das mais poderosas individualidades; são porém o thema da emoção commum a que o escriptor ou o artista dão a expressão que só elles acharam no seu modo de sentir individual. Os maiores genios são aquelles que mais profundamente representam uma civilisação, porque condensaram na sua obra todos esses elementos staticos; estudada nos seus processos, a obra prima é a que mais assenta sobre bases ethnicas e tradicionaes. Na litteratura portugueza, e em todas as suas epocas existem escriptores que tiveram a intuição d'estes principios que constituem a critica moderna. Na epoca trobadoresca o rei Dom Diniz nos seus *Cantares de amigo* fecundou o lyrismo provençal, que começara por imitar eruditamente, aproximando-o das fontes tradicionaes conservadas nas *serranilhas* gallezianas; nunca mais se perdeu este caracter nacional, que reapparece no Cancioneiro de Rezende, em Francisco de Sousa, no seculo XVI em Gil Vicente, Christovam Falcão e Camões, no seculo XVII em Rodrigues Lobo e Dom Francisco Manoel de Mello, produzindo mesmo sob a influencia do pseudo-clacissismo da Arcadia as *Lyras* de Gonzaga. No theatro a tradição medieval e os costumes populares portuguezes recebem fórma litteraria nos *Autos* de Gil Vicente, que correspondendo ao desenvolvimento de uma classe media, resistem ás imitações classicas da comedia latina de Sá de Miranda e de Ferreira, ás tragicomedias dos Jesuitas, e ainda ás primeiras tentativas da opera. O genio de Camões, sob o influxo da Renascença, soube alliar o enthusiasmo pelas obras primas da civilisação greco-romana com o sentimento nacional, formando a sua epopêa

[1] « A separação absoluta dos sabios, do vulgo e do povo, é o maior obstaculo aos progressos intellectuaes de uma nação. » *Hist. de la Litt. anc. et moderne*, t. I, p. 2.

com todos os elementos tradicionaes e lendarios da historia portugueza, exactamente como Virgilio na *Eneida* fazia reviver as tradições do Latium por meio das fórmas da poesia hellenica. Os escriptores conheceram esse sentimento tão caracteristico do portuguez, a *saudade,* que, da analyse psychologica que d'elle fez o rei Dom Duarte até á invocação de Garrett na emigração de 1824, inspira todas as nossas obras de arte, desde o amor da emoção pessoal até á emoção da *Patria,* que suscitou os feitos dos nossos heroes. O pensamento de uma epopêa nacional, na epoca da descoberta do Oriente foi proclamado por muitos escriptores, como Castanheda e João de Barros, Antonio Ferreira, Caminha, Jorge de Monte-Mor e Pedro da Costa Perestrello; só Camões, livre da auctoridade da erudição humanista, e tendo, como elle diz, repartido a sua vida em pedaços pelo mundo, percorrendo todo o dominio portuguez na Africa, na India, nas costas da Arabia e em Macáo, expondo a vida nos combates e naufragios, é que achou a realidade e a expressão ideal d'ella, para erguer «*o pregão do ninho seu paterno*» e para concentrar a sublime emoção que ainda hoje acorda a vida nacional, tão bem sentida no verso — «*Esta é a ditosa patria minha amada.*» A Historia de uma litteratura resume-se completamente em individualidades d'esta ordem, e sob este aspecto Camões, segundo Fred. Schlegel, é uma litteratura inteira. Ainda no seculo XVIII Bocage, talento enorme atrophiado pelo mais degradante despotismo implantado em uma sociedade morta, dizia que o seu valor lyrico derivava do estudo de um soneto de Camões. Perante a Europa, Camões é a expressão mais pura e elevada da nacionalidade portugueza. O que se observa na fórma individual da expressão do genio da *raça* e sentimento da *tradição,* repete-se tambem com a *linguagem.* A escripta fixa-a, dá-lhe norma de analogia nas suas derivações, e modificando-a artisticamente pelo estylo litterario, torna-a pelas concepções dos seus escriptores um orgão de cohesão da propria *nacionalidade.* Quando no seculo XVI os enlaces dynasticos envolveram Portugal em aventuras de unificação, que se desvendaram no desastre nacional de 1580, os Quinhentistas pugnavam pelo emprego exclusivo da linguagem portugueza. São profundamente sentidas as palavras do Dr. Antonio Ferreira:

Floreça, fale, cante, ouça-se e viva
A *Portugueza lingua*, e já onde fôr,
Senhora vá de si, soberba e altiva.
Se té qui esteve baixa e sem louvor
Culpa é dos que a mal exercitaram,
Esquecimento nosso e desamor.
.....
E os que depois de nós vierem, vejam
Quanto se trabalhou por seu proveito,
Porque elles para os outros assi sejam. [1]

O que se passava em Portugal, e que era o pensamento dos Quinhentistas, não era ignorado pelos escriptores estrangeiros, que nos apontavam como exemplo. Na Carta de Don Diego de Mendoza, censurando o uso dos termos antiquados da traducção do *Orlando*, de Urrea, allude a este facto: « Mas vos lo debeis hacer por imitacion à los Portuguezes que han hecho ley, en que defienden, que ninguno hable vocablo castellano ni estranjero, si no solamente el portuguez puro y neto. » [2] Em um dos seus versos, dizia com emoção o auctor da *Castro:* « Ah Ferreira, dirão, da lingua amigo. » Durante os quarenta annos da incorporação castelhana, a lingua portugueza desprezada pela aristocracia, era usada pelo povo, como o ultimo vestigio da sua nacionalidade e foi ella tambem o estimulo da sua revivescencia. As grandes individualidades litterarias iniciam as transformações do gosto, e pela sua universalidade relacionam o seu tempo com a marcha da humanidade. Como orgão da grande Civilisação occidental, Portugal conservou sempre uma intima solidariedade com as litteraturas romanicas da Edade media da Europa; é por essas relações, que não significam uma imitação banal mas uma cooperação, que se demarcam as epocas principaes do seu desenvolvimento litterario, e se póde comprehender o seu espirito.

2.° Do regimen da Edade media dimana o espirito das Litteraturas romanicas. — A transição da antiguidade para o mun-

[1] Carta III, dos *Poemas Lusitanos*. — [2] Apud Mussafia, *Ueber eine spanische Handschrift der Wiener hofbibliothek*, p. 120. Wien, 1867.

do moderno effectuou-se em um periodo de dez seculos, a que se dá o nome de Edade media. N'este periodo crearam-se novas classes sociaes, como o proletariado, novas fórmas de industria, como o trabalho livre, outras concepções religiosas, como o christianismo, o direito territorial das communas, a Arte gothica, a poesia lyrica trobadoresca, as epopêas das Gestas, o grupo das linguas novo-latinas tornando-se escriptas, e a Europa reconstituiu-se, terminadas as invasões germanicas e arabes, em numerosas e activas Nacionalidades. Quebrou-se por um longo intervallo a continuidade da Civilisação occidental pelo esquecimento da cultura greco-romana; porém cada nacionalidade moderna á medida que se constituia ia restabelecendo essa continuidade, até ao momento em que todas ellas sahindo do seu isolamento sentiram a similaridade dos elementos communs, e cooperaram directamente para estabelecerem uma solidariedade internacional iniciada pelos primeiros principios do Direito das Gentes. A Edade media, nos seus complicados aspectos, apresenta uma phase de *dissidencia,* ou do conflicto das differentes raças; uma phase de *concorrencia,* em que os varios estados politicos procuram continuar a supremacia imperial; e por ultimo uma phase de *convergencia,* na qual as nações europêas obedeceram a uma noção da sua occidentalidade revelada pela primeira vez na lucta das Cruzadas, por uma acção dirigida pela mesma crença; na epoca das grandes navegações e da Renascença, e por ultimo na crise da Revolução franceza pela reorganisação politica das bases sociaes. A Edade media foi considerada pelos historiadores vulgares como um periodo de trevas e de anarchia, por isso que não viram senão esse limitado periodo de *dissidencia;* os historiadores catholicos, descobrindo que a Europa obedecera n'esse periodo anarchico á disciplina moral da Egreja, que implantara de um modo absoluto o seu poder espiritual pela organisação do Papado, exaltaram o periodo da *concorrencia,* para assim reclamarem para a Egreja o prolongamento da sua intervenção temporal; sómente alguns philosophos, que souberam determinar pelo periodo de *convergencia* a continuidade da Civilisação occidental, de que as nações da Europa são orgãos solidarios, é que puderam assignar á Edade media o seu caracter historico, explicando-a, como uma transição affectiva.

Sem esta comprehensão fundamental da Edade media, como relacionar factos tão desconnexos como o antagonismo entre o *poder espiritual* da Egreja e o *poder temporal* das Monarchias; entre a sociedade *feudal* ou guerreira, que se impõe pelo seu isolamento de classe, e o *proletariado* que se fortifica pela industria constituindo a burguezia; pela lucta do direito territorial dos *Municipios* contra o privilegio pessoal das *dynastias;* pela decomposição da *lingua latina,* que se impõe pela auctoridade dos eruditos ecclesiasticos e juristas, reagindo contra a vitalidade dos *dialectos vulgares,* que se tornam linguas nacionaes? Os historiadores que não penetraram o espirito d'esta grande epoca da humanidade, desorientaram-se n'essa chamada noite da *Edade media,* e perderam o fio conductor para estabelecerem a logica dos successos da historia moderna e contemporanea.

Na historia litteraria é imprescindivel essa luz philosophica, não só para determinar epocas de desenvolvimento mental, como para a critica da actividade individual; sem essa luz, tudo quanto produziu a Edade media é barbaro, e sómente as imitações dos modelos classicos ou greco-romanos merecem admiração; e individualidades como Gil Vicente, Rabelais, Montaigne, Shakespeare, são aleijões litterarios comparados com qualquer correcta vulgaridade academica. A Litteratura, como producto social, só póde ser conhecida através das modificações historicas d'esse meio; e a sua existencia determina-se pelo desenvolvimento de uma lingua, orgão essencial de uma nacionalidade. Por esses dois axiomas bem simples, se conclue que para comprehender a evolução historica de qualquer das Litteraturas modernas, é preciso ter uma clara idéa geral da Edade media, como o *meio* em que essas linguas e nacionalidades modernas se organisaram. D'esta idéa geral resulta a perfeita demarcação do grupo das Litteraturas romanicas ou occidentaes, e consequentemente a filiação e apreciação comparativa de cada uma de per si.

Uma phrase luminosa de Augusto Comte condensa nos seus elementos principaes todas as forças activas da grande elaboração social, religiosa, artistica e economica da Edade media: « Sob qualquer aspecto que se examine o regimen proprio da Edade media, vê-se sempre emanar ou da separação dos dois poderes, ou

da transformação da actividade militar.» [1] Desdobremos esta fórmula memoranda. A separação dos dois poderes, é essa longa lucta entre o dominio espiritual da Egreja que procura conservar o poder temporal que se destaca e exerce por via das Monarchias. Emquanto a Egreja confundiu em si os dois poderes, a Europa medieval esteve em certa fórma sob um regimen theocratico, cujo espirito dominou na politica dos estados até á paz de Westphalia. A Egreja fundou uma disciplina moral, e um systema de educação popular nas *Scholæ* das suas Collegiadas; na sua hierarchia apropriou-se da organisação administrativa romana conservando a autonomia local nas *Lendas* e santificações; serviu-se dos contos do povo para os *Exemplos* da sua predica, que teve de acceitar a linguagem rustica ou vulgar para a propaganda doutrinaria, e as *Salas* e cantos do povo para a sua liturgia. Porém, a confusão com o poder temporal, levou a Egreja a tornar-se centralista, annullando diante do bispo de Roma as egrejas nacionaes; oppondo ao direito civil o *Direito canonico;* submettendo a soberania politica á sagração do direito divino, e condemnando como *heresia* toda a liberdade do pensamento. No periodo mais unanime da sua acção a Egreja condemna a leitura das obras dos escriptores da antiguidade como *profanos,* e as especulações dos philosophos gregos e romanos são substituidas pela theologia; o concilio de Roma (1131) prohibiu aos monges o estudo do direito romano e da medicina, e o papa Honorio, em 1220, estendeu a prohibição a todo o clero. [2]

A realeza, na sua fórma imperial e dynastica, é que lucta durante a Edade media para concentrar em si o poder temporal; começa pela tentativa de restabelecimento da tradição unitaria do Imperio romano, pondo em vigor o Digesto, onde estava definida a esphera dos *direitos reaes;* cria um ensino secular ou leigo nas *Universidades,* para o estudo geral do direito, da medicina e da mathematica. Na sua organisação unitaria, ou propriamente Monarchia, a realeza avoca a si o privilegio de conferir nobreza, atacando o desenvolvimento da classe feudal pelo cadastro dos *No-*

[1] *Système de Politique positive,* t. III, p. 459. — [2] Cantu, *Hist. univ.,* Epoca XI, cap. 25.

biliarios, e favorece as revoluções populares contra a prepotencia dos Barões, vindo assim a converter os guardas de corpo em exercitos permanentes, por meio dos quaes proclamou o seu *poder absoluto.* As condições que determinaram o predominio do poder temporal favoreceram a livre communicação com os monumentos da antiguidade greco-romana, n'essas Renascenças *humanistas,* dos jurisconsultos no seculo XIII, e dos philologos no seculo XV. Os reis tornaram-se os protectores das Universidades, oppuzeram á nobreza das *armas* a nobreza da *toga,* e póde-se demarcar com clareza o seculo XV e XVI, como a epoca em que sob o predominio da Renascença greco-romana, ficou desprezada a tradição da Edade media e renegada a sua continuidade historica. A Edade media era explicada pelos eruditos da Renascença como uma deturpação da cultura greco-romana; assim para os jurisconsultos do seculo XV os *Feudos* eram uma fórma barbarisada da *Emphyteuse* e do *Usofructo* romanos; para os historiadores, os Estados modernos eram fundados pelos heroes foragidos da ruina de Troya; para os artistas as ordens gregas existiam confusamente implicitas na architectura gothica, como vemos em Cesar Cicerano explicando a cathedral de Milão pelas regras de Vitruvio; para os theologos as doutrinas evangelicas eram sustentadas pela dialectica de Aristoteles; e o proprio Machiavelli, no *Discurso sobre Tito Livio,* explica as luctas politicas que se passaram entre as cidades italicas, pelo que observava na epoca da Republica de Roma. Emfim, de par com a grande poesia epica da Edade media, os versejadores desenvolveram o *cyclo troyano,* e a classe dos *Goliardos* vulgarisou entre o povo e com o gosto popular as canções bacchicas em latim, como Gautier Mapes.

As consequencias d'este ponto de vista, que preponderou na Renascença, foram a separação constante entre os escriptores e o povo, e as litteraturas cahirem successivamente no *culteranismo* academico até afundarem-se na frivolidade. [1] O erudito Luiz Vives

[1] Um ms. do seculo XIV, *Isopet,* demarca nitidamente o espirito culto ou *latinista,* e o tradicional conservado entre o vulgo, ou *romance* :

Un clerc de grant science
et de grant sapience,

no livro *De institutione fœminæ christianæ,* condemna todos os poemas da Hespanha, França e Flandres, todas as novellas d'elles derivadas, e todas as obras da epoca da Renascença, como a *Celestina* e as *Facecias* de Poggio, que continuavam a tradição medieval.

É nas litteraturas romanicas que se torna evidente este importante phenomeno, que as afasta do seu espirito nacional.

A marcha social da Europa foi bastante complexa; observemol-a emquanto á transformação da actividade militar. A propria classe feudal, que conservava os habitos guerreiros das bandas germanicas, entrava em um periodo de guerra defensiva, como se vê pela organisação da *Cavalleria* para protecção do fraco contra o forte (*redresser les torts*); a grande lucta das *Cruzadas* foi um esforço do monotheismo do occidente tornado defensivo, contra o monotheismo oriental que invadia a Europa; as luctas dos *grandes vassallos* converteram-se em guerras privadas, destacando-se na tradição os typos nacionaes, como o Cid, Arthur, Guilherme Tell, por servirem interesses da collectividade. N'este sentido a idealisação mais completa é o typo de Carlos Magno, o heroe de quasi todas as Gestas medievaes, admiravel pela sua acção unificadora do Occidente, defendendo-o das invasões do norte e do sul pela sua superior capacidade militar e politica. Criase a justiça do rei ou o *Ministerio publico* contra o arbitrio feudal, e o proprio poder real modifica-se em uma constante abdicação no generalato, e nos ministros, e por fim nos parlamentos.

A actividade industrial, coadjuvada pelas descobertas maritimas e pelas especulações scientificas, começa nos burgos ou cidades livres e desenvolve-se pelas federações ou ligas, como a das cidades hanseaticas. Á idealisação dos typos guerreiros, representantes de uma vida publica ou nacional, contrapõe-se uma nova idealisação da vida domestica, e das emoções pessoaes; a estabilidade da paz inspira sentimentos benignos de *amor,* como o do Ly-

le fist premierement;
et je l'mis en *romans*
por entendre aus enfans
et à la laye gent.

(Ap. Du Meril, *Hist. de la Fable,* p. 175.)

rismo provençal e petrarchista; a satisfação do bem-estar expressa pela *graça* dos Contos e Fabliaux, e o estabelecimento de uma força moral, a *opinião publica,* resolvendo todas as collisões de deveres e interesses synthetisados nas creações do Theatro moderno.

Se a transição da Edade media consistiu no conflicto d'estes elementos, separação dos Poderes e a transformação da actividade militar, toda a transição importa um ponto de partida e um destino a que tende; o ponto de partida foi o reatar a continuidade historica, restabelecendo a cultura greco-romana na Renascença, porém o destino final é que não foi comprehendido. A Egreja tentou pela organisação da Companhia de Jesus restaurar a sua *theocracia;* a Realeza, ligando-se com a Aristocracia, procurou sustentar o seu *absolutismo,* engrandecendo por via de casamentos certas casas reinantes, como a Casa de Austria ou a dos Bourbons, que avassallavam a Europa. Perdera-se a noção da occidentalidade, achando-se envolvidas em guerras dynasticas as novas nacionalidades; a França e a Hespanha invadiam a Italia, já escravisada pela Allemanha; a Hespanha invadia a Inglaterra, e a Inglaterra occupava uma parte do territorio da França. Todos os monarchas obedeciam á utopia da fundação de uma *Monarchia universal* formada pela incorporação de todos os estados, utopia proseguida por Carlos V, Francisco I, Henrique VIII, Luiz XIV, e ainda por Napoleão no seu desvairamento militar. Em consequencia d'esses elementos medievaes, a separação dos Poderes, pelas *heresias* coadjuvou o desenvolvimento do espirito scientifico, e pelas *revoluções* vindicou os direitos individuaes; e pelo engrandecimento do proletariado, d'onde sahiram os principaes pensadores modernos, é que nasceu esse espirito critico do seculo XVIII, a que se dá o nome de Encyclopedismo, sendo os *homens de lettras* os que universalisaram as doutrinas com que se reorganisou a sociedade européa depois da Revolução franceza. Esse espirito critico, como negativista, era essencialmente destructivo; procurando bases *naturaes* para o direito, para a moral, para a politica e para a arte, renegou a Antiguidade classica e a Edade media, desconhecendo a sua intima solidariedade com a civilisação moderna; as phrases de Helvetius e Raynal sobre a Edade me-

dia, denominada *trevas sem nome* e *esteril barbarie,* tomaram curso unanime. O movimento litterario do começo d'este seculo, a que se deu o nome de *Romantismo,* proveiu de uma rehabilitação sentimental da Edade media; os estudos philologico-comparativos, abrindo novos subsidios para a Historia da grande raça árica, determinaram a rehabilitação da Antiguidade greco-romana. Com estes elementos, coadjuvados pela constituição das sciencias biologicas, se chegou á synthese philosophica baseada sobre os antecedentes sociaes, a qual indicou á politica europêa, desvirtuada pelas intrigas diplomaticas dos varios estados, a sua solidariedade occidental.

3.° Successão das Litteraturas romanicas e filiação da Litteratura portugueza. — O dominio romano incorporou na sua unidade politica o occidente da Europa, a Italia, a Hespanha, as Gallias e a Bretanha; depois da queda do Imperio, embora as raças occidentaes se invadissem mutuamente, e constituissem um grande numero de estados, apesar de todas as differenças e antagonismos, um consenso tacito unificava-as moralmente entre si diante da tradição do *Imperio* e do *Direito,* da universalidade da *lingua latina;* o christianismo, copiando na sua hierarchia as fórmas municipaes, aproveitou-se d'estas condições para fundar na unidade do sentimento de uma mesma crença a sua catholicidade. As ordens da Cavalleria religiosa e as Universidades agrupavam as *nações* como categorias dos seus associados. Com o desenvolvimento da civilisação foram-se accentuando as similaridades ethnicas dos ramos da grande raça árica na Europa, e as proprias instituições politicas, hellenicas, romanas e germanicas, foram unificadas em typos communs derivados da primitiva constituição árica, como o provou scientificamente o publicista Freeman.

Assim se elevou a civilisação da Europa á affirmação consciente da sua *occidentalidade.*

Entre os povos do Occidente, como a Italia, a França meridional, a Hespanha, essa unidade ethnica fez-se sentir muito cedo, pela tradição de um mesmo lyrismo, que irradiou da Provença, de eguaes rudimentos épicos, como os Romanceiros, e de costumes domesticos e sociaes que se transformaram nas mesmas

creações dramaticas e novellescas. Sobre este fundo commum é que se operou a unificação romana. As raças germanicas deveram a sua incorporação na civilisação occidental á acção da propaganda catholica. Os seus mythos polytheistas perderam o sentido religioso, e persistiram como elementos poeticos, elaborando-se em Cantilenas que vieram a formar o cyclo germanico dos *Niebelungens*, e o cyclo franko das *Gestas carlingianas*. O elemento saxonio, luctando para submetter a decahida raça bretã, provoca a revivescencia das tradições bretãs do *cyclo da Tavola Redonda*. As litteraturas modernas creando-se sobre esta variedade de elementos tradicionaes, revelam nas suas origens e progressos, a successão das nacionalidades que se foram constituindo e tornando as suas linguas escriptas. O grupo do Meio-dia da Europa foi o primeiro a continuar a Civilisação occidental, interrompida pela queda de Roma; o grupo do Norte só entrou na civilisação moderna depois do seculo XVI, porém entre todos os novos estados foi a França o centro hegemonico, que imprimiu direcção e impulso a esta corrente que se chama a Civilisação da Europa.

a) *A França.* — A cultura grega, que chegou a ter um centro em Marselha, e a cultura romana, em Tolosa e em quasi toda a Gallia meridional, além de outras condições mesologicas, favoreciam a França para exercer uma acção civilisadora sobre todos os povos da Edade media. Pela região da Aquitania, propagava-se á Italia e á Hespanha a poesia trobadoresca da Provença, que encontrava as mesmas tradições celticas, e os mesmos estimulos de contacto com os Arabes. Pela fusão com o elemento franko, tinha a França as condições para influir directamente sobre as raças germanicas, da Inglaterra pelos Normandos, e da Allemanha pela propagação dos seus cantos lyricos, das suas Universidades, dos seus dogmas religiosos e ainda das suas doutrinas politicas. Desde a Edade media até ao nosso seculo a supremacia hegemonica da França foi reconhecida pelos mais elevados espiritos, como Dante e Brunetto Latini, Martin de Carrale [1] e Ald-

[1] Dizia Martin de Carrale, em 1275, justificando-se de escrever a Historia de Veneza em francez: « *Parce que la langue françoise cort parmi le monde, et est la plus delitable à lire et à oïr que nulle autre.* »

dobrandino de Sena, até aquelle presidente dos Estados-Unidos da America, que dizia: «Cada individuo tem duas patrias, aquella em que nasceu e a França.» Como a nacionalidade franceza foi a primeira que se constituiu, assim mais cedo se creou a sua Litteratura, vindo a ser imitada por todos os outros povos da Europa. Diz Charrière: «Formada dos restos das nacionalidades feudaes, chegou a esta homogeneidade perfeita que faz viver um povo como um só homem. — Foi a ella que a França deveu esta sociabilidade tão facil, que faz d'ella em todos os tempos a nação civilisada por excellencia, e que lhe revela por toda a parte, mesmo para as organisações mais rebeldes e antipathicas, um lado intelligivel e apreciavel; o que reproduziu na sua litteratura as feições especiaes de cada provincia sob uma physionomia geral; etc.» [1] Essa fusão de raças reproduz os seus caracteres nas creações do espirito: o elemento *gallo-romano,* do sul da França, depois da primeira cruzada desenvolve os germens tradicionaes do seu lyrismo, das alvoradas, das serenadas e dos *puy* ou ajuntamentos poeticos, nas canções escriptas dos Trovadores da Provença, que se propagam e são imitadas na Hespanha e Portugal, na Italia, na França do norte, na Inglaterra e na Allemanha onde apparecem os *Menesingers* reproduzindo-lhe todos os seus artificios da *Gaia sciencia.* O elemento *gallo-bretão* propaga as novellas da *Tavola Redonda,* sympathicas a todos os povos de origem celtica pelo thema exclusivo do amor e da aventura, confundindo-se com o espirito messianico na cavalleria celeste dos poemas do *Santo Greal;* nenhum paiz da Europa deixou de obedecer ao influxo d'esta corrente, que sustentou ainda na epoca da Renascença o gosto pelas *Novellas de cavalleria* escriptas na prosa das Chronicas nacionaes. O elemento *gallo-franko,* que apoiou a unificação nacional da França, desde Carlos Magno até Joanna d'Arc, idealisou o grande typo imperial nas epopêas ou *Gestas carolinas,* e na lucta dos grandes vassallos feudaes contra a unificação monarchica. A dupla influencia *latina* e *romanica,* que apparece na litteratura franceza, é exercida diversamente por esta nação; os seus trovadores, jograes, menestreis e troveiros, propa-

[1] *Politique de l'Histoire,* t. II, p. 408.

gam pelas suas excursões as fórmas e themas das *canções,* das *sirventes,* das *gestas,* dos *fabliaux,* das *novellas* e das *soties* entre todos os povos que os escutam; a cultura classica é recebida em Tolosa e em Paris, para onde convergem os principaes espiritos, como Dante, Brunetto Latini, Boccacio, Petrarcha, emfim todos os alumnos da Universidade mãe de todas as Universidades da Europa. Sem conhecer estes caracteres fundamentaes da Litteratura franceza, não poderão ser bem apreciadas as Litteraturas romanicas emquanto ao desdobramento similhante das suas origens. Póde-se dizer, que até ao fim do seculo XV, a Litteratura franceza é completamente organica, isto é, formada pela evolução dos seus elementos proprios, emquanto ao lyrismo, á epopêa e ao drama.

b) A Italia. — Por falta de uma nacionalidade, a Italia não póde desenvolver as tradições heroicas, conservadas em Romances narrativos como os da Hespanha e da Grecia moderna, em fórmas de epopêa como as Gestas francezas. Por este motivo as Gestas carlingianas não lhe foram sympathicas, parodiando-as grotescamente em composições litterarias; os cantores de Carlos Magno ficaram sendo na tradição do vulgo os *ciarlatani.* Os themas novellescos dos fabliaux perderam a fórma metrificada, e foram redigidos em contos em prosa, como os de Boccacio, de Sacchetti, de Fiorentino, conduzindo assim para a definição d'essa fórma nova das litteraturas modernas ou o Romance burguez. A idealisação das lendas catholicas, e o sentimento da falta de unidade politica nos diversos estados italianos, inspiraram a Dante o poema da *Divina Comedia,* cujo influxo consistiu em fixar d'entre um grande numero de dialectos o toscano, que realisou na litteratura a aspiração expressa por todos os espiritos a uma patria italiana. A actividade especulativa era o que restava a essas altas individualidades nascidas em um paiz sem liberdade. As canções imperfeitas dos trovadores, foram levadas á mais sublime perfeição por Petrarcha, que deu á expressão amorosa o intuito philosophico recebido das escholas neo-platonicas renovadas na Italia. Por esta actividade especulativa, a Italia estava destinada, além dos seus antecedentes historicos, a ser o centro dos estudos humanistas da Renascença, influindo na Hespanha pelos lyricos

da Eschola de Sevilha, na França sob Carlos VI e Francisco I, na Inglaterra em Chaucer até Shakespeare, e em Portugal desde o tempo de Dom João II. As litteraturas romanicas vão no seu apparecimento influenciando-se reciprocamente, como consequencia da sua intima porém mal conhecida solidariedade. Uma fórma litteraria apresentou na Italia caracteres organicos, — o theatro. É devido isso á sua vida civil, sustentada pela vigorosa organisação municipal, que mantinha a divisão politica da Italia, não podendo elevar-se a uma fórma de aggregação mais ampla, a de nação. As fórmas dramaticas dos *Disciplinati* e a *Comedia sustenuta* seguiram uma evolução natural até ás bellas comedias de Goldoni.

c) *A Hespanha e Portugal.* — A unificação nacional da Hespanha, realisada sómente no fim do seculo XV, foi um phenomeno laborioso, violento e tardio, operado pelos interesses dynasticos da Monarchia, de Fernando e Isabel até Philippe II, e pelo intolerantismo catholico da epoca inquisitorial. O facto e a epoca, explicam-nos a difficuldade de fundir em um mesmo todo — um fundo *iberico,* persistente na população e verificavel nos costumes, nas tradições e superstições do vulgo; um fundo *semitico,* primeiramente phenicio e carthaginez, e depois arabe e mauresco; e simultaneamente elementos áricos representados pelos Celtas, pelos Romanos, pelos Jonios, e pelos Visigodos. Todos estes elementos incorporados pela acção dos Romanos, acharam na lingua *latina* o nucleo para o desenvolvimento de novos dialectos; pelo conflicto historico os Visigodos procuraram continuar essa unidade não só pela tradição *imperial,* como pela crença exclusiva do *catholicismo.* É por isto que se observa na Litteratura hespanhola uma intima antinomia: de um lado, um riquissimo fundo tradicional, de que se inspiram quasi todos os escriptores, a par de uma imitação do classicismo greco-romano fortalecida pela hostilidade catholica contra todos os vestigios do paganismo. O seu genio sensual e impressionavel levou o hespanhol a imitar as bellezas do lyrismo subjectivo de Petrarcha, e á pompa oriental de uma rhetorica, que por via dos Senecas e de Quintiliano introduzira em Roma. O espirito separatista, que manteve tantos seculos a autonomia dos Estados peninsulares, fal-o abandonar os seus rudimen-

tos epicos dos Romanceiros e acceitar as Gestas francezas da lucta dos grandes vassallos contra o poder real. A vida guerreira, sem destino depois da tomada de Granada, é idealisada nas prolixas Novellas de cavalleria, e nos dramas de *capa e espada,* como as pompas cultuaes do catholicismo se reproduzem nos *Autos sacramentales*. Ha um certo desequilibrio mental proveniente d'estes elementos ethnicos e d'esta unificação violenta; nos Romanceiros, é a xácara do cyclo de Guapos y Valentones, e na Novella é a fórma picara, da *Lozana Andalusa,* da *Justina,* do *Gusman d'Alfarrache,* do *Marcos de Obregon,* que tanto influiram na França inspirando ao genio gaulez o *Gil Blas,* e o *Bacharel de Salamanca.* A comedia de capa e espada influiu na actividade de Corneille e de Molière, na epoca em que por seu turno a Hespanha pelas suas vigorosas tradições era imitada pelas outras litteraturas romanicas.

Ao passo que outras litteraturas peninsulares, como a *galleziana,* a *valenciana* e a *catalan* se extinguiam com as suas nacionalidades, Portugal elevando-se da suzerania de Condado a nação fortaleceu-se no seu individualismo pela creação da sua litteratura e linguagem, influindo na Litteratura hespanhola na epoca de Affonso o Sabio, e enriquecendo o theatro castelhano em concorrencia com Lope de Vega e Calderon; as novellas de cavalleria receberam em Portugal a sua fórma em prosa no *Amadiz de Gaula* e no *Palmeirim de Inglaterra,* de que a litteratura hespanhola se apropriou, como da Novella pastoral iniciada na *Diana* por Jorge de Monte-Mór. Por esta filiação historica conhece-se immediatamente o que a Litteratura portugueza recebeu das outras litteraturas romanicas, o que desenvolveu do seu fundo organico, e por que fórma influiu em outras litteraturas embora mais fecundas, e até que ponto se amoldou aos canones classicos impostos pelos eruditos da Renascença.

d) *Inglaterra e Allemanha.* — Resta-nos o grupo das *Litteraturas do norte* nas suas relações com as meridionaes ou novolatinas; sem estas relações bem determinadas não se avalia a acção reflexa exercida pelo Romantismo. Ainda aqui a França exerce a sua acção hegemonica; assim como os dialectos da França meridional, do Languedoc, da Provença, do Delphinado, do Lyonez,

do Auvergne, de Limousin e da Gasconha, se aproximavam do *latim,* facilitando a sua communicação com o occidente da Europa, assim os dialectos da França septemtrional, como o normando, o picardo, o flamengo e o wallon, tornavam a França communicavel a todos os povos que fallassem qualquer dialecto teutonico. A primeira influencia da França exerceu-se na civilisação da Inglaterra pela conquista normanda; ao passo que Guilherme o Bastardo promulgava as suas leis em francez, e ordenava que as rezas e sermões se fizessem officialmente n'esta lingua, em França só no tempo de Francisco I é que os actos judiciarios deixam de ser escriptos em latim. A lingua ingleza constituiu-se sobre um fundo anglo-saxão pelo vocabulario franko-normando, que era a linguagem da côrte e do governo, fallada durante tres seculos, mesmo depois dos reis de Inglaterra terem perdido a Normandia. Os alumnos de Oxford, ainda em 1328 eram obrigados a fallar latim ou o francez. O emprego da lingua ingleza nas escholas (1350) e nos actos officiaes (1362) coadjuvou a independencia da nação ingleza nas suas luctas contra a França. Na litteratura preponderam estas duas correntes, a normanda, que representa o elemento latino ou classico, e a anglo-saxã, conservadora das tradições germanicas e medievaes. Comtudo, os espiritos mais elevados, como Shakespeare, que recebe toda a sua philosophia do estudo de Montaigne, nunca deixaram de ser influenciados pela França. Na epoca da Renascença o espirito classico é communicado á Inglaterra pela Italia, por Wyat e Surrey; escrevia em 1592 o critico de Puttenham, referindo-se a estes reformadores: « Tendo viajado na Italia, iniciaram-se no metro harmonioso e no estylo magestoso da poesia italiana. » O prurido latinista na Inglaterra patenteado pela eschola dos *Euphuistas,* era similhante ao da *Pleiade* franceza. Uma grande parte dos themas das tragedias de Shakespeare é tirada dos *Varões illustres* de Plutarcho, e dos Novellistas italianos como Boccacio, Geraldo Cynthio, Bandelle, Lollius de Urbino e Belleforest.

Pelo Catholicismo e pelas Universidades, a Allemanha recebeu a cultura greco-latina, e a influencia franceza prolongou-se desde o fim da Guerra dos Trinta annos (1646) até ao seculo XVIII; por occasião da Guerra dos Sete annos, é que a com-

municação com a poesia ingleza antiga lhe revela a existencia de uma tradição germanica obliterada, e que era o elemento mais vigoroso da epoca medieval. Operou-se uma revivescencia erudita, estudando os monumentos do passado, e a Allemanha em Lessing, em Schlegel, em Grimm, descobre a sua tradição, a sua linguagem, e uma livre idealisação artistica sobre a vida medieval, a que Gœthe e Schiller chamaram o *Romantismo.* Assim por seu turno, a Allemanha, que se esterilisára tres seculos com as querellas religiosas do Protestantismo, avançou pela audacia intellectual dos seus pensadores; e pelo espirito revolucionario comprehendido por Kant e Fichte, sacudiu de si a imitação dos modelos da litteratura academica da epoca de Luiz XIV. O estudo das Linguas romanicas por Diez, dos Romanceiros hespanhoes por Jacob Grimm, das Gestas frankas por Becker, das Novellas italianas por Keller, encaminham a critica para o conhecimento scientifico d'esta occidentalidade entrevista vagamente pelos poetas e artistas, que exageravam a idealisação da Edade media no *Ultra-romantismo.* A lucta entre os *Classicos* e *Romanticos,* que encheu o principio d'este seculo, sahiu do campo theorico para o conflicto politico entre o exclusivismo do partido catholico-feudal e o negativismo revolucionario que se debatiam. Em todos os paizes, como a França, a Italia, a Hespanha e Portugal, o Romantismo foi simultaneo com a reorganisação das instituições politicas; foi esta relação que deu ás litteraturas um cunho de verdade e de realidade, ligando-as ao impulso de um abalo nacional e não á auctoridade de uma eschola.

4.° Epocas historicas da Litteratura portugueza. — Da marcha completa da Edade media e das transformações successivas da nacionalidade portugueza, tiram-se os topicos com que se caracterisam de um modo nitido as modificações ou epocas d'esta litteratura romana:

PRIMEIRA EPOCA. (*Seculo XII a XIV*) Predomina o lyrismo provençal em toda a Europa, e essa corrente propaga-se a Portugal, primeiramente pela vinda de alguns Trovadores com os Cruzados; depois com as relações da côrte com a Saboya, definindo-se uma influencia italiana não só nas instituições municipaes, co-

mo na imitação das canções de Sordello e de Bonifazio Calvo. — A emigração de alguns fidalgos portuguezes que acompanharam D. Affonso, conde de Bolonha, durante a sua permanencia na côrte de S. Luiz, foi o meio mais activo da propagação da poesia trobadoresca modificada pelo norte da França, e introduzida depois do triumpho de D. Affonso III. Uma phase nova de desenvolvimento lyrico começa com o rei D. Diniz, que imita directamente a poetica provençal, e se apropria de elementos tradicionaes gallezianos das serranilhas ou cantares de amigo. Por ultimo, a epoca distingue-se por um estudo critico de compilação no grande *Livro das Cantigas* do conde de Barcellos. A poesia provençal perde os seus cultores durante o reinado de D. Affonso IV, refugiando-se alguns trovadores junto de Affonso XI de Castella, que ainda mantinha pelas suas composições o estudo da *Gaia sciencia.*

N'esta epoca são frequentes as allusões ás epopêas gallo-frankas, apparecendo uma parodia em Gesta de Maldizer, por Affonso Lopes Baiam. Existem vestigios de tradições epicas, como o romance de Ayres Nunes, analogos áquelles que Affonso o Sabio intercalou na sua Chronica.

A influencia armoricana ou gallo-bretã, manifesta-se em Portugal pela fórma lyrica dos lays, pelas tradições novellescas, como a do *Rei Lear,* e pela propagação de poemas de aventuras, como o *Tristão* e *Flores e Brancaflor,* cujos elementos episodicos se desenvolvem na novella do *Amadis de Gaula* em prosa.

A cultura latina, que se desenvolve com a independencia do poder real, apparece nas narrativas do *Nobiliario* do conde D. Pedro, e em tradições do cyclo epico denominado Greco-romano; propaga-se pela fundação da Universidade de Lisboa e Coimbra, e por um grande numero de traducções do latim pelos moralistas ecclesiasticos.

SEGUNDA EPOCA. (*Seculo XV*) Não se continúa o desenvolvimento da Poesia provençal, como succede na Italia com Petrarcha, e na Hespanha já secundariamente por Micer Imperial. Quando sob a regencia do infante D. Pedro, se reconciliam as côrtes de Castella e Portugal, a poesia castelhana da Eschola de Juan de Mena exerce uma grande fascinação na poesia palaciana, representada no *Cancioneiro geral* de Garcia de Rezende. É despre-

zado o elemento tradicional da poesia. As Novellas da Tavola Redonda, como a *Demanda do Santo Greal,* são imitadas, e muitos poemas da Edade media acham-se colligidos na magnifica Bibliotheca do rei D. Duarte. Porém n'esta Bibliotheca apparece uma grande predilecção pelas obras classicas da antiguidade, e a litteratura consiste principalmente na traducção e compilação de livros latinos. A Historia adquire um grande desenvolvimento a par do poder real, nos trabalhos de Fernão Lopes, Gomes Eannes de Azurara e Ruy de Pina. Introduz-se a Imprensa, e a mocidade portugueza vae á Italia frequentar as escholas dos humanistas da Renascença.

TERCEIRA EPOCA. (*Seculo XVI*) Corresponde ao periodo de maior actividade da nação portugueza; a litteratura dos Quinhentistas, é simultanea com as grandes navegações e descobertas do caminho da India e do Brazil. Constitue-se a Grammatica da lingua portugueza por Fernão de Oliveira e João de Barros; funda-se o theatro nacional com fórmas populares por Gil Vicente; a poesia lyrica apresenta a fórma medieval e a da Renascença, nos *poetas da medida velha* e os petrarchistas, da mesma fórma que a poesia epica conserva as fórmas tradicionaes e rudimentares do *Romance* e o typo virgiliano na *oitava rima,* adoptada por Camões. Gil Vicente é o escriptor que representa de um modo mais completo as fórmas da litteratura medieval; Sá de Miranda oppõe ás suas primeiras composições em *redondilhas,* os novos metros *endecasyllabos,* com que introduziu em Portugal o gosto da Renascença italiana; Camões, pela superioridade do seu genio, funde estes dois elementos nos seus *Lusiadas,* da mesma fórma que Shakespeare em Inglaterra.

A litteratura portugueza do seculo XVI deriva d'estes escriptores por uma relação muito clara; Gil Vicente é imitado durante o seculo XVI e XVII por Antonio Prestes, Antonio Ribeiro Chiado, e outros na fórma do *Auto;* Sá de Miranda é imitado por Antonio Ferreira, Pedro de Andrade Caminha, Diogo Bernardes, Falcão de Rezende, Dom Manoel de Portugal, emquanto ás formas *italianas;* e por Francisco Rodrigues Lobo, D. Francisco Manoel de Mello e Tolentino emquanto ás *redondilhas;* Ca-

mões é imitado não só por aquelles que plagiaram os seus versos, como pelos que compuzeram epopêas historicas.

A justa relação entre os elementos medievaes e classicos foi quebrada pelo predominio do ensino jesuitico, que tomou conta da Universidade de Coimbra em 1550, e pela Censura litteraria estabelecida pelo cardeal D. Henrique. A Historia ainda apresentou cultores, como João de Barros, Fernão Lopes de Castanheda, Damião de Goes e Diogo de Couto, uns perseguidos, outros pobres, e quasi todos sem liberdade para exercerem a critica. Ao fim de trinta annos de ensino jesuitico a consciencia portugueza perdeu o sentimento da nacionalidade, e acceitou com festas a incorporação castelhana realisada por Philippe II. O fim do seculo faz-se notar pela publicação de quasi todas as obras dos Quinhentistas, as quaes estavam ineditas.

QUARTA EPOCA. (*Seculo XVII*) Portugal não acompanha o movimento scientifico do seculo em que se organisam as Academias; estas corporações litterarias são imitadas na fórma, para tertulias ou sessões poeticas conforme o chamado gosto gongorico. Apresenta ainda poetas eminentes, como D. Francisco Manoel de Mello e Francisco Rodrigues Lobo; mas a maioria dos escriptores obedece aos exageros de uma rhetorica stulta, como os poetas da *Phenix renascida*. A revolução de 1640, com que a nacionalidade portugueza recuperou a sua independencia, não se fez sentir nas creações da Litteratura, á parte as Comedias de Pedro Salgado e as folhas volantes de Francisco Lopes.

QUINTA EPOCA. (*Seculo XVIII*) O que fizeram os *Jurisconsultos* da Edade media para a emancipação da sociedade civil, continuaram-no os *Litteratos* no seculo XVIII procurando pelas emoções artisticas vindicar a liberdade politica. Em Portugal os escriptores estiveram sempre separados da vida social e não conheceram as tradições nacionaes; acceitavam o despotismo como uma fórma de *governo paternal*, e confinavam-se nas suas Arcadias imitando Horacio, e promovendo o *purismo* da cultura latina contra um pouco de liberdade de phantasia do gosto seiscentista. Raros são os escriptores que se destacam n'esta epoca; Garção, Quita, Diniz, Tolentino, Filinto Elysio e Bocage, mantem a sua superioridade á custa do estudo da grande epoca dos Qui-

nhentistas. Alguns homens de sciencia tentam relacionar Portugal com o movimento scientifico europeu; tal foi a missão do duque de Lafões, de Corrêa da Serra, e o motivo da Fundação da *Academia das Sciencias de Lisboa.*

SEXTA EPOCA. (*Seculo XIX*) O contacto de Portugal com a civilisação europêa estabeleceu-se pela emigração de 1817, quando se refugiaram em França o Morgado de Matheus, Mascarenhas Netto, Felix de Avellar Brotero, Domingos Antonio Sequeira, e outros que fugiam á accusação de *jacobinos,* e ao canibalismo de Beresford, que governava militarmente Portugal. Pela reacção do absolutismo contra a Constituição de 1822, seguiu-se uma segunda emigração, e em 1828 pela abolição da Carta de 1826, uma terceira e mais activa emigração; forçaram o espirito portuguez a pôr-se em contacto com os progressos intellectuaes e artisticos da Europa. Depois do triumpho da causa liberal, o regresso dos emigrados fez-se sentir na Litteratura, transformada segundo as normas do *Romantismo;* pela primeira vez a Litteratura, depois da epoca dos Quinhentistas, se inspirou de themas tradicionaes e com relação á vida da nacionalidade. A epoca surgiu fecunda, porém as ambições politicas excitadas pelo parlamentarismo, absorveram todos os talentos, cahindo a Litteratura em uma symptomatica inanidade, contra a qual reagiu indisciplinadamente a chamada *Eschola de Coimbra.*

PRIMEIRA EPOCA

(SECULO XII A XIV)

TROVADORES GALLECIO-PORTUGUEZES

§. I — **Influencia do sul da França, ou gallo-romana:**

1.º Origem e diffusão da litteratura provençalesca e sua communicação a Portugal:

a) *Communicação pelos Trovadores das Cruzadas.*

b) *Communicação italo-provençal: Sordello e Bonifacio Calvo.*

c) *Communicação pelo norte da França. Jograes de segrel.*

2.º O Cyclo dionisio:

a) *A Eschola limosina, e a Poetica provençal portugueza.*

b) *Elementos tradicionaes gallezianos — Serranilhas e Cantos de Ledino.*

c) *O Livro das Cantigas do Conde de Barcellos. Elenco dos Cancioneiros provençaes portuguezes.*

§. II — **Influencia do norte da França, ou gallo-franka:**

a) As Canções de Gesta, e allusões ao Cyclo carlingiano.

b) As tradições epicas no Romanceiro peninsular.

c) O poema da *Batalha do Salado.*

§. III — **Influencia armoricana, ou gallo-bretã:**

a) O elemento lyrico dos *Lays.*

b) O elemento novellesco — *Lendas do rei Lear,* de *Arthur, Merlim, Tristão.*

c) Formação do *Amadiz de Gaula.*

§. IV — **Influencia latino-ecclesiastica e humanista:**

1.º O Cyclo dos poemas greco-romanos.

2.º As traducções latinas — Livraria de Alcobaça:

a) *Visão de Tundal.*

b) *Barlaam e Josaphat.*

c) *Orto de Sposo.*

d) *Traducções do Velho Testamento.*

3.º O poder real protege o humanismo:

a) Fundação da Universidade.

b) Nobiliarios.

c) Organisação das Chronicas em prosa.

§. I

Influencia do sul da França, ou gallo-romana

Todas as litteraturas romanicas e germanicas no seu periodo organico imitaram as canções de um exagerado subjectivismo e de requintado artificio poetico escriptas pela primeira vez na lingua d'oc, que se fallava na parte meridional da França. Emquanto se estudou esta poesia separada das suas origens populares, a Provença appareceu como a iniciadora da renascença social da Europa. O criterio positivo da filiação historica reduz a condições

naturaes este phenomeno extraordinario, que da Provença irradiou para o norte da França, para a Italia, Hespanha, Inglaterra e Allemanha. Vejamos as causas ethnologicas que determinaram a prioridade do desenvolvimento do lyrismo provençal.

1.º Origem e diffusão da litteratura provençalesca e sua communicação a Portugal. — A zona geographica em que se operou este desenvolvimento poetico abrange desde o norte do Loire, passando pela ponta do lago de Genova, da Sevres niorteza para oéste, ducado da Aquitania, Auvergne, Rodez, Tolosa, Provença e Vienna. Foi justamente n'esta zona, que a raça gauleza ficou submettida á conquista romana; o romano ao fixar o seu dominio não se cruzava com o vencido, como aconteceu com as tribus germanicas, mas comtanto que se submettessem ao seu systema de administração, deixava o livre exercicio das crenças religiosas, dos costumes, e no periodo imperial chegou a fomentar o desenvolvimento das instituições municipaes. O sul da França deveu á liberdade democratica do municipalismo a conservação dos seus elementos tradicionaes e o vigor da sua cultura. Os cantos gaulezes não apparecem escriptos, porque era uma prohibição religiosa o colligil-os da transmissão oral, mas é certo que esses cantos subsistiram ainda depois da conquista romana, pois que varios Concilios, como o de Auxerre, de 578, prohibiam os cantos das donzellas, os cantos satyricos, e ao mesmo tempo davam nomes infamantes aos que os cantavam, taes como *joculatores,* jograes, os *ministralles,* menestreis, os *scurræ,* os *mimi, jocistæ* e *histriones.* Estes cantos vulgares dos costumes gaulezes propagaram-se nas camadas populares sempre condemnados pelo catholicismo, até que um facto historico veiu accidentalmente influir na sua generalisação, sendo litterariamente imitados successivamente pela aristocracia e em todas as côrtes da Europa.

A primeira Cruzada, publicada em 1095, fez com que a classe senhorial se ausentasse dos seus castellos para a conquista do santo sepulchro; a estabilidade civil desenvolveu pacificamente as suas garantias, e uma certa expansão na revivescencia dos velhos costumes. Os menestreis e jograes eram os representantes dos antigos bardos decahidos das suas funcções de poetas-sacerdotes;

Belloguet, fallando dos Bardos da côrte, diz «que esta instituição atravessou seculos e tornou-se uma feição caracteristica dos costumes gaulezes e irlandezes da Edade media.» [1] No seculo X, quando Hoel o Bom mandou colligir as leis consuetudinarias cambrianas, estatuiu ácerca dos Bardos: «Quando a rainha quizer ouvir um canto, o Bardo domestico será obrigado a cantar um á sua escolha, mas em voz baixa, ao ouvido, para que a côrte não seja perturbada.» [2] É este costume que se propaga a todas as côrtes peninsulares, onde estes cantores eram conhecidos pelo nome de *Segreis*. Belloguet considera tambem as *Côrtes de Amor* como uma sobrevivencia do costume gaulez na intervenção da mulher nos negocios publicos: «Crêr-se-ha que a tradição d'estas mulheres juizas e diplomatas, desconhecida no norte da Gallia, nunca se extinguiu inteiramente no Meio-dia, onde os seus tribunaes, com uma differente competencia, é certo, passaram por terem reapparecido quinze seculos mais tarde sob o nome poetico de *Côrtes de Amor*.» [3] As assembléas poeticas ou *Puy*, (os nossos Outeiros, do seculo passado) foram a persistencia popular d'essa antiga instituição renovada. A *rota*, ou o instrumento de corda, a que se acompanhava o trovador, é a *croud* gauleza, que Venancio Fortunato denominava *chrotta britana*. Certos cantos conservavam o seu antigo caracter, como a *sirvente*, satyra com que os bardos gaulezes verberavam as acções indignas. As divagações nocturnas, provocadas pelo clima agradavel da zona gallo-romana, motivavam as fórmas provençaes da *Aubade* e *Serena*, as alvoradas e serenadas usadas pelo povo. Santo Isidoro de Sevilha allude ao canto dos *Ballismatia*, cuja persistencia durante toda a Edade media apparece no sul da França, Italia e Portugal com o nome de *Ballet*, *Baylata*, *Baylia*, em fórmas similhantes resultantes de um fundo ethnico commum. As canções do primeiro trovador Guilherme IX, conde de Poitiers e Duque de Aquitania, (1087) revelam a existencia de outras anteriores ao seculo XI; Guilherme de Berguedan faz uma canção em *son veill antic*; Pedro de Auver-

[1] *Ethnogénie gauloise*, t. III, p. 335. — [2] *Leges Walliæ*, ap. Ampère, *Hist. littéraire de la France*, t. I, p. 70. — [3] *Ethnogénie gauloise*, t. III, p. 327.

naturaes este phenomeno
diou para o norte da Fr
ra e Allemanha. Vejam
ram a priorídade do d

1.º Origem e diff
communicação a Port
rou este desenvolvim
passando pela pont
oéste, ducado da A
e Vienna. Foi jus
submettida á conq
não se cruzava c
manicas, mas co
administração, al
dos costumes, e
vimento das in
berdade demo
elementos trad
zes não appar
o colligil-os d
sistiram ainda
cilios, como c
zellas, os can
mantes aos q
ministralles, e
stes cantos v
madas popul
facto histo
sendo litte
em todas
primeira
horial se a
sepulchro;
arantias, e
es. Os mon
ardos decá

do norte como na Inglaterra, na Italia como na
lialecto do Poitou. Este mesmo habito litterario
peninsula hispanica o dialecto *gallego* fosse a lin-
m da poesia tanto para Portugal como para Cas-

nicação pelos Trovadores das Cruzadas. — A poe-
o era conhecida pela classe aristocratica; os lati-
os ecclesiasticos desprezavam-na. Por isso a Poesia
. não foi logo conhecida pelas suas relações tradicio-
cantos populares portuguezes e gallezianos, mas sim
. directa dos trovadores. Fauriel cita o trovador Mar-
pertencia ao ramo da Gasconha, escola poetica da
como tendo frequentado as côrtes christãs d'áquem
s « nomeadamente a de Portugal, e é o unico dos tro-
itivamente conhecido por ter visitado esta ultima. » [1]
ovador o que incitou pelos seus cantos e provocou a al-
pequenas potencias das côrtes do Mediterraneo com Af-
contra os Almohades. Diz Marcabrus: « Que o Conde
lona, persista sómente na sua resolução com o *Rei de*
e o de Navarra, immediatamente iremos plantar nossos
junto aos muros da imperial Toledo, e destruir os pa-
a guardam. » [2]
n Affonso Henriques tomou parte n'esta pequena cruzada,
assim occasião de conhecer a organisação das Republicas
s, que tanto influenciaram no reconhecimento do espirito
dependencia local confirmado nas cartas de *Foral*. Um outro
dor, Gavaudan, o velho, incitando por meio de uma canção
narchas da Peninsula contra a invasão de Mahomed al Nas-
que chegára a Sevilha com cento e sessenta mil homens, allu-
Portugal, exclamando ironicamente:

Portogales, Gallicx, Castellas,
Navarrs, Arr[illegible] Ferraz
Lura van e[illegible]
Qu'els an[illegible]

1 *Hist. de la Poésie pro*[illegible] *uard, Choix des*
s de Troubadours, t. v, [illegible] t. IV, p.

gne protesta que foge de toda a imitação; Gui d'Uissel reconhece que custa a ser original, pois que já está tudo dito em arias agradaveis; Cercamons é considerado pelos outros trovadores como auctor de pastorellas no *gosto antigo*. A persistencia da tradição e sua propagação á Italia e Hespanha, indicam a existencia de um fundo ethnico commum, que se conservou no solo da Aquitania, onde resistiu á torrente das invasões áricas. Essa raça foi confundida sob o nome de Gaulezes com todas as outras raças supervenientes; Strabão conheceu as suas analogias com os Iberos; Fauriel determinou um elemento basco entre o glossario provençal, e por ultimo os modernos estudos anthropologicos definem essa raça como um elemento scythico ou mongolico, como se comprovava pelos cantos lyricos comparados com os accadicos, com as superstições e com certos costumes sociaes.

A contra-prova de que a efflorescencia da poesia provençal proveiu da liberdade popular e da revivescencia dos antigos costumes, está em que este esplendor poetico só dura no periodo em que se succedem as Cruzadas; da primeira (1095) até á ultima Cruzada (1268) é que o lyrismo provençal attinge a sua plena fórma litteraria. Uma outra causa da vitalidade da tradição popular e da organisação d'esta nova litteratura, é essa lucta da França feudal ou do norte, contra a França meridional governada por instituições municipaes. O conflicto d'estas duas raças gallo-frankos e gallo-romanos, como o observou Lemecke por uma fórma geral, produz um desenvolvimento de poesia. Porém a França do norte venceu, e o triumpho sanguinario da cruzada contra os Albigenses, trouxe a ruina da Litteratura provençal, mas ao mesmo tempo a sua diffusão e imitação nas diversas côrtes da Europa.

Os trovadores serviram com os seus cantos a causa da liberdade da França meridional; a lucta de uma nacionalidade que não chega a affirmar a sua autonomia dá aos elementos lyricos tradicionaes o vigor da inspiração dos protestos individuaes. A poesia provençal tendo surgido dos costumes populares em 1095, volta outra vez para o povo em 1290, quando os jograes se espalham por toda a Europa. A necessidade de communicar essa poesia nova estabeleceu a unidade de um dialecto poetico entendido

tanto na França do norte como na Inglaterra, na Italia como na Galliza; era o dialecto do Poitou. Este mesmo habito litterario fez com que na peninsula hispanica o dialecto *gallego* fosse a linguagem commum da poesia tanto para Portugal como para Castella.

a) *Communicação pelos Trovadores das Cruzadus.* — A poesia do povo não era conhecida pela classe aristocratica; os latinistas e eruditos ecclesiasticos desprezavam-na. Por isso a Poesia provençalesca não foi logo conhecida pelas suas relações tradicionaes com os cantos populares portuguezes e gallezianos, mas sim pela presença directa dos trovadores. Fauriel cita o trovador Marcabrus, que pertencia ao ramo da Gasconha, escola poetica da Aquitania, como tendo frequentado as côrtes christãs d'áquem dos Pyreneos « nomeadamente a de Portugal, e é o unico dos trovadores positivamente conhecido por ter visitado esta ultima. » [1] Foi este trovador o que incitou pelos seus cantos e provocou a alliança das pequenas potencias das côrtes do Mediterraneo com Affonso VII contra os Almohades. Diz Marcabrus: « Que o Conde de Barcelona, persista sómente na sua resolução com o *Rei de Portugal* e o de Navarra, immediatamente iremos plantar nossos pavilhões junto aos muros da imperial Toledo, e destruir os pagãos que a guardam. » [2]

Dom Affonso Henriques tomou parte n'esta pequena cruzada, e teve assim occasião de conhecer a organisação das Republicas italianas, que tanto influenciaram no reconhecimento do espirito de independencia local confirmado nas cartas de *Foral.* Um outro trovador, Gavaudan, o velho, incitando por meio de uma canção os monarchas da Peninsula contra a invasão de Mahomed al Nassir, que chegára a Sevilha com cento e sessenta mil homens, allude a Portugal, exclamando ironicamente:

Portogales, Gallicx, Castellas,
Navarrs, Arragones, Ferraz,
Lura van en barra gequitz
Qu'els an rahuzatz et unitz. [3]

[1] *Hist. de la Poésie provençale,* t. II, p. 6. — [2] Raynouard, *Choix des Poésies de Troubadours,* t. V, p. 130-131. — [3] Raynouard, *Choix,* t. IV, p. 86-87.

Segundo Baret, as canções de Cercamons e de Peire Valeira tambem foram conhecidas em Portugal, [1] e de Peire Vidal ha egualmente indicios de aqui ter estacionado. O contracto de casamento do filho de Raymundo de Beranger, um dos grandes protectores dos trovadores, com uma filha de Dom Affonso Henriques, e depois o casamento de Dom Sancho I com Dona Dulce, filha do Conde de Provença, são factos que nos explicam o motivo por que differentes trovadores visitaram Portugal. Os cruzados que aportavam aqui vinham sempre acompanhados de trovadores, e nos nossos nobiliarios não só se acha o appellido de *Proença,* como o nome de *trobador* se tornou um titulo especial dos melhores cavalleiros.

O conhecimento d'esta nova poesia faz-se por um modo indirecto; começando pelas relações com os trovadores italianos, adquire a sua maior importancia pela imitação através dos usos palacianos do norte da França, até que por fim se põe em contacto com as regras limosinas, sob Dom Diniz.

b) *Communicação italo-provençal.* — Dom Affonso Henriques casou em 1146 com uma princeza italiana, Mahaut (Dona Mafalda); no *Livro velho das Linhagens,* apparecem familias com o nome italiano de *Potestade,* d'essa dignidade consular que da Italia se transplantou tambem para a Provença. Dante, no *Convito,* queixa-se do abandono do italiano pela lingua provençal, ao mesmo tempo lamenta a morte politica da França meridional, e divinisa Sordello de Mantua. As nossas relações com a Italia eram litterarias, povoando os mancebos portuguezes as Universidades de Bolonha e Padua, e economicas, vindo de Genova os marinheiros para as nossas primeiras armadas. O jogral Picandon cantava as canções de Sordello, pelo que o trovador João Soares Coelho o apodava:

Vedes, Picandon, soo maravilhado
eu d'en *Sordel* que ouço en tenções,
muytas e boas, ey mui boos sões
como fui en teu preyto tam errado;

[1] *Les Troubadours,* p. 119.

poys non sabedes jograria fazer,
por que vos fez per côrte guarecer
ou vós ou el dad'ende bom recado. [1]

A vida aventureira de Sordello nas côrtes de Italia e França, onde era bastante estimado, é aqui apontada, fazendo o contraste d'esses *uomini di corte,* que se faziam valer pelos seus versos, com o jogral que repete as composições d'outrem. Sordello era considerado como um grande mestre da gaya sciencia, e Aimeric de Peguilhan terminava uma canção com este cabo: «Este mensageiro leva o meu fabliau á Marcha, a Dom *Sordello,* para que dê o seu leal juizo, segundo seu costume.» As composições mais celebres de Sordello eram *tensões* e além das canções amorosas, *sirventes,* que o faziam temido. Em lucta com o trovador Pedro Bermont, Sordello replicava-lhe: «É falsamente que elle me chama *jogral:* o jogral é o que vae atraz de outrem; eu levo alguem atraz de mim; eu nada recebo e dou; elle, nada dá e recebe; tudo o que traz em cima de si, recebeu-o da compaixão; eu não acceito cousa que me faça córar; vivo do que é meu, recusando tudo o que é salario, e não acceitando senão o que é um presente de amisade.» [2] Todos estes factos relativos a Sordello, o trovador mantuano, se acham alludidos na resposta de Picandon:

Johã Soares, lôgo vos é dado
e mostrar-vol-o-ey em poucas rasões;
gram dereyt' ey de ganhar dões
e de seer en côrte tan preçado
como *segrel* que diga, mui ben vês
en canções e cobras e sirventês
e que seja de falimento guardado.

Aqui o jogral queria acobertar-se com o nome de *segrel,* um grão dos trovadores vagabundos que vinham a cavallo de outras terras, e cuja admissão na côrte de Dom Affonso III foi restrin-

[1] *Canc. da Vaticana,* n.º 1021. — [2] Ap. Fauriel, *Dante et les Origines de la Langue et de la Litterature italiennes,* t. I, p. 529.

gida por um regulamento. Aqui se acham tambem apontados os tres generos mais cultivados por Sordello.

No Indice do Cancioneiro de Colocci, achado na Vaticana, sob os n.os 449 e 450 citavam-se duas canções, de um outro trovador italiano *Bonifaz de Jenoa* (Bonifacio Calvo) que foram colligidas na collecção portugueza. Depois que este Cancioneiro foi encontrado na livraria do conde Brancuti di Cagli, e publicado como complemento do Cancioneiro da Vaticana, as duas canções de Bonifacio de Genova appareceram em portuguez, provavelmente mais imitadas que traduzidas:

Mui gram poder a sobre mi amor
poys que mi faz amar de coraçon
a ren do mundo, que me faz mayor
coyta soffrer; e por tod'esto non
ouso pensar sol de me queixar en,
tan gram pavor ey que mui gram ben
me lh'i fizesse por meu mal querer.
E nom m'ha prol este pavor aver
pois cada dia m'ha faz mui melhor
querer per mal, e pois faz-me prender
morte en cabo, pois sabor
a de mha morte rogar-lh'ei que non
m'ha tarde muyto que en gran sazon
a que a quiz e desejei por en...

Esta canção tem mais duas estrophes; a outra canção é egualmente prosaica, como vestigio da difficuldade de verter um texto extranho. Eis uma leve amostra:

Ora nem moyro, nem vyvo, nem sey
como mi vay, nen ren de mi senon
a tanto que ey no meu coraçon
coyta d'amor qual vos ora direy
tan grande, que mi faz perder o sen,
e mha senhor sol non sab'ende ren. [1]

Em muitas das canções portuguezas d'esta epoca apparecem

[1] *Canc. Colocci-Brancuti*, n.os 341 e 342.

certos *italianismos*, provenientes d'esta corrente trobadoresca, taes como *afan, aquesto, aquisto, aval, besonha, cajon, cambhar, color, cór, dolçor, guarrá, guirlanda, ledo, leger, mensonha, toste*, e outros muitos. [1] A corrente italiana accentuou-se mais tarde com a imitação da Universidade de Bolonha, e pelos estudos juridicos e humanistas, mas foi decahindo á medida que nos aproximamos da França.

c) *Communicação pelo norte da França.* — A saída do principe D. Affonso, irmão de D. Sancho II, em 1229, por occasião do casamento de sua irmã D. Leonor com o principe Waldemar da Dinamarca, fez com que elle se demorasse percorrendo a Europa, entrasse em varias batalhas e viesse a demorar-se na côrte de Sam Luiz, por 1238, onde a rainha D. Branca de Castella o casou com sua sobrinha Mathilde, condessa de Boulogne. N'essa côrte de uma rainha formosa, que governava na menoridade de seu filho, desenvolveu-se a galanteria poetica entre os seus varios pretendentes, como o conde de Champagne. Os descontentes do governo de D. Sancho II refugiaram-se junto do principe D. Affonso, e entre os trovadores que pertencem a essa parcialidade figuram os Nobregas, os Valladares, os Raymondos; depois da *Lide do Porto*, em que os dois partidos se encontraram em armas (1245) é que a conspiração se tornou mais activa, e vindo em 1246 o principe a Portugal, depoz o irmão e governou com o nome de D. Affonso III. No *Cancioneiro da Ajuda* apparecem canções em que se manifesta uma evidente influencia franceza do norte, com allusões a costumes feudaes, como n'esta em que o trovador para exprimir o sentimento de fidelidade á sua dama se constitue *home lige* d'ella:

Dizer-vos quero uma ren
Señor que sempre bem quige:
Or sachaz ueroyamen
que ie soy votre ome lige. [2]

Não é isto um facto accidental, explicavel por conhecimentos

[1] *Cancioneiro da Vaticana*, Introd., p. XXXII. — [2] *Trovas e Cantares*, n.º 140. (Edição tumultuaria do *Canc. da Ajuda.*)

particulares dos costumes francezes em um dado trovador; em uma canção de Pedr'Amigo de Sevilha repete-se a allusão ao *home liga*:

E por aquesto vos venho rogar
que eu seja voss' *ome* esta vegada. [1]

O trovador Dom João d'Aboym, da familia dos Nobregas que estiveram em França junto do principe rebelde, tambem escreve em uma canção:

Cavalgava n'outro dia
por um *caminho francez*.

Um outro dos trovadores que estiveram em França mostra-nos um conhecimento mais directo da poesia da lingua d'oil, ou das epopêas frankas; Dom Affonso Lopes de Baião escreve uma *Gesta de Maldizer*, imitando a fórma monorrima e a celebre neuma *Aoi*, que termina as estrophes da *Chanson de Roland*. A composição é evidentemente uma *sirvente* provençal moldada nas fórmas epicas gallo-frankas.

Depois que um grande numero de Alcaides entregaram os castellos a Dom Affonso, começou o governo de uma parcialidade e de privados, fixando-se a côrte em Santarem. Os documentos poeticos d'este periodo foram satyras virulentas, como a «*de mal dizer dos que deram os castellos como nom deviam al rei Dom Affonso.*» [2] Os privados luctavam entre si em tensões, como esta «*feyta em tempo de Dom Affonso a seus privados:*»

Vos que soedes em côrte morar
d'estes *privados* queria saber
se lhes ha a privança muyto durar,
ca os nom vejo dar nem despender;
ant' os vejo tomar e pedir
et o que lhis non quer dar ou servir
nom pode ren com elrey adubar. [3]

[1] *Canc. da Vaticana*, n.º 689. — [2] *Ibid.*, n.º 1088. — [3] *Ibid.*, n.º 472.

A côrte de D. Affonso III foi assaltada por todos os cantores vagabundos, quando pelo casamento com uma bastarda de Affonso o Sabio, se relacionou com a nossa a côrte de Castella. Dom Affonso III, no Regimento de sua Casa, de 1245, estabeleceu: «El rei aia trez *jograres,* em sa casa e nom mais, e o jogral que veher de cavallo d'outra terra, ou *segrel,* dê-lhe el-rei ataa cem (maravedis?) ao que chus der, e nom mais se lhe dar quizer.» [1] Em uma canção de Giraud de Riquier, do seculo XII, falla-se n'esta classe dos cantores de côrte:

E ditz als trobadors
Segriers por totas corts.

Já vimos como o jogral Picandon se dava como *segrel;* Bernar de Bonaval, que apparece citado no *Cancioneiro da Vaticana* com o titulo de *Primeiro Trovador,* diz da sua pessoa em uma canção a Abril Peres:

Ca bem sabemos, D. Bernal, qual
senhor sol sempre a servir *segrel.*
(Canç. 663.)

E Affonso Eannes de Coton, em uma tensão com Pero da Ponte, referia-se a esta qualidade do cantor:

em nossa terra, se deus me perdon
a todo o escudeyro que pede don
as mays das gentes lhe chamam *segrel.*
(Canç. 556.)

O titulo de *trovador,* que nos apparece no Nobiliario do conde Dom Pedro como uma distincção honorifica, é um indicio de que essa qualidade designava os partidarios do principe que se refugiára em França, e imitavam os costumes francezes. No *Livro velho das Linhagens* cita-se como trovador João Soares de Pai-

[1] *Portugaliæ Monumenta Historica:* Leges, I, 193.

va; [1] no *Fragmento de Nobiliario* do conde Dom Pedro, cita-se João Garcia Esgaravunha, (p. 192 e 290) Estevam Annes de Valladares (p. 199) e João Soares de Panha (p. 208); no *Nobiliario do Conde Dom Pedro* vem com este caracteristico João de Gaia, (p. 272) Vasco Fernandes de Praga, (p. 349) João Martins (p. 302) e João Soares (p. 352.) Os nomes de muitos trovadores dos Cancioneiros da Ajuda e de Roma, apparecem em documentos historicos como funccionarios de Dom Affonso III. Muitas das Canções da collecção da Ajuda referem-se á permanencia da côrte em Santarem; na canção 119 (*Trov. e Cant.*) se lê:

E nom sey ome tan entendudo,
que m'oy entenda o porque digo
Ay Sentirigo! ay Sentirigo!
Al e Alfranx, e al sesserigo.

Em uma relação da tomada de Santarem em prosa poetica latina, [2] que chegou a ser attribuida a Dom Affonso Henriques, se diz que os que atacaram pelo lado direito subiram o *Alphan*; Gonsalvo Gonsalves atacou pelo lado esquerdo, por *Seterigo*; *sesserigo* designava o arrabalde ou parte baixa de Santarem, como se vê por um documento dos Templarios citado por Viterbo. O estrebilho da Canção era tirado de um grito de guerra tradicional, e alludia aos velhos usos portuguezes que contrastavam com as modas francezas trazidas da côrte de Sam Luiz e exageradas pelos privados. Outros trovadores alludem a Santarem, onde estavam as suas damas:

Todo este mal soffro e soffri
des que me vim de *Santarem*. [3]

Os poetas que pertencem á eschola poetica de Santarem ou pre-dionisia, são principalmente Fernão Garcia Esgaravunha, João Soares Coelho, João Garcia, Estevam Raymundo, Dom João de Aboym, Affonso Lopes Baião, Martim Peres de Alvim, Estevam Coelho, Estevam Annes de Valladares, João Martins, João Soa-

[1] *Mon. hist.*, p. 166. — [2] *Monarc. luzit.*, P. III, Append., Escr. 20. — [3] *Trovas e Cantares*, n.º 121.

res de Gaya, Martim Soares, João Vasques, Gonçalo Eanes do Vinhal, Dom Pedro Gomes Charrinho, Fernão Rodrigues Redondo, Soeyro Eanes. A lista fica ainda assim incompleta. Muitos jograes frequentaram a casa real, como Martim Moxa, Lourenço, Diogo Pezelho, Julião, Picandon, Affonso Gomes, pelos quaes o elemento popular se ia introduzindo, aproximando evolutivamente a imitação provençalesca do lyrismo tradicional portuguez.

As canções d'este periodo são em geral monotonas, em verso de arte maior, e com rimas quasi invariaveis; os sentimentos convencionaes são expressos com phrases batidas, e só quando transparece a ironia nas sirventes é que ha alguma naturalidade, mas impetuosa e brutal. Dom Affonso III livrou Portugal da suzerania de Castella, luctando diplomaticamente com Affonso o Sabio, que apparece descripto no *Cancioneiro da Ajuda* como incerto e tempestuoso como o mar. [1] As duas côrtes entraram em rivalidade poetica, e alguns trovadores portuguezes foram protegidos por Affonso o Sabio, como Pero Gomes Barroso, e Payo Gomes Charrinho, que foi Almirante de Castella. Esta aproximação não podia deixar de influir no desenvolvimento artistico da poesia trobadoresca, que chega ao seu mais completo esplendor na côrte do rei-trovador Dom Diniz, neto de Affonso o Sabio, e mandado educar por um mestre provençal.

2.º **O cyclo dionisio.** — Justamente no periodo em que a Poesia provençal decahia, entre 1250 e 1290, é que ella recebeu o seu maior desenvolvimento na côrte portugueza. Dom Affonso III, para resistir ás exigencias dos seus privados, recolheu-se como valetudinario, dizendo os documentos contemporaneos que « *avia bem catorze* (annos) *que jazia em huma cama, e que se nom podia levantar.* » Em uma tal situação a poesia trobadoresca tornou-se um passatempo domestico, e o rei deu a seu filho um mestre natural de Cahors, chamado Aimeric d'Ebrard, que porventura lhe ensinou em fórma as regras da poetica limosina. Quando foi dada casa ao principe, os fidalgos que entravam no seu serviço eram trovadores, como João Velho e Martim Peres, e o celebre trova-

[1] *Trovas e Cantares,* n.º 286.

dor Dom João de Alboim assistia com a rainha a uma especie de conselho de regencia. Pelo seu casamento, Dom Diniz entrou em relações com o Conde de Provença, tio de sua mulher, e desde que começou a reinar em 1279 a sua côrte tornou-se um ponto de convergencia de todos os trovadores de Leão, de Castella e de Aragão. É natural que o rei D. Diniz reagisse contra a decadencia e extincção da poesia provençal, assim como tentou conservar a extincta Ordem cavalheiresca dos Templarios refundindo-a na dos Cavalleiros de Christo. Os principaes documentos poeticos d'esta epoca pertencem ao reinado de D. Diniz, e elle mesmo é o primeiro e o mais talentoso dos trovadores portuguezes representados nos nossos Cancioneiros. Nas cento e trinta e oito canções d'este monarcha, que existem publicadas, predominam duas feições, que accusam duas phases caracteristicas da sua actividade poetica: na primeira prevalece o verso limosino ou endecasyllabo, em que as canções tem por assumpto essa vaga casuistica sentimental da superioridade da creatura amada, da necessidade do segredo absoluto, da severidade implacavel da sua dama; na segunda phase, as canções são em geral bellas e inimitaveis, escriptas em verso de redondilha, e separadas pelo seu caracter um tanto popular em uma classe que se denominava das serranilhas, e que o proprio monarcha designa como *Cantares de amigo*. Importa descrever estas duas poeticas, em que contrastam o extremo artificio com a espontanea ingenuidade.

a) *A Eschola limosina.* — A influencia directa do sul da França, é determinada pelos trovadores da eschola de Limoges; o marquez de Santillana, na sua Carta ao Condestavel de Portugal, falla d'esta influencia dizendo: « Usaron el *decir en coplas de diez sillabas*, a la manera de los *limosis*... » Por este facto se lhe chamava *Arte maior*, em contraposição ás redondilhas ou *Arte menor*. E em outro logar escreve: « Estenderam-se, creio, d'aquellas terras e comarcas dos *Limosinos*, estas artes aos Gallaicos... » O rei Dom Diniz faz alarde da sua cultura poetica, alludindo á eschola em que se acha filiado:

Quer'eu en maneyra de Proençal
fazer agora um cantar d'amor,

e querrey muyt'i loar mha señor,
a quem prez, nem fremusura non fal,.... [1]

Em outra canção affirma a superioridade dos trovadores occitanicos, e insiste na distincção entre o *trovador* e o *jogral*, porventura pela necessidade de deixar em uma posição subalterna os muitos jograes que concorriam de todas as côrtes peninsulares á côrte de Lisboa; diz o grande monarcha:

Provençaes soem muy bem de trobar,
e dizen elles, que é con amor;
mays os que trobam no tempo da frol,
e non en outro, sey eu bem que nom
am tan grã coyta no seu coraçom,
qual m'eu por mha señor vejo levar. [2]

Os documentos positivos d'esta influencia provençal encontram-se nos *Fragmentos de uma Poetica*, achada no principio do Cancioneiro de Colocci, que se guardava na livraria do conde Brancuti e foi publicado como appendice do *Cancioneiro da Vaticana*. Essa Poetica, quasi illegivel, e por nós restituida e publicada [3] constava de seis capitulos, começando o fragmento em uma boa parte do terceiro; n'este se definem os generos, taes como a *Cantiga d'Amor* e a *Cantiga d'Amigo*, *Cantiga d'escarneo*, de *meestria* ou de *refren* e de *joguete certeyro*. Depois define o genero das *tenções*, feitas por dois trovadores ao mesmo tempo «per maneyras de razon que huu aja contra outro em quaes diga que por ben tever na prima cobra, et o outro responda-lhe na outra dizendo o contrario.» Tambem se indica um genero popular, cujo titulo o aproxima das *Villanellas* da Gasconha: «Outras cantigas fazem os Trobadores a que chamam de *Villãos*. Estas cantigas se podem fazer *d'amor* ou *d'amigo* sem mal algum, nem son per arrabis, porque as non estimam muito.» Os artificios poeticos são complicadissimos, e de todos se acham exemplos nos nossos Cancioneiros; citaremos a trova de *segrer*: «E este *segrer* é de maior

[1] *Canc. da Vatic.*, n.º 123. — [2] *Ibid.*, n.º 127. — [3] *Era Nova*, p. 415 a 422. Lisboa, 1881.

sabedoria, porque toma cada uma das palavras da cantiga que segue.» Quando uma strophe se continúa no seu sentido grammatical na strophe seguinte, chama-se-lhe *atehudas;* explica o genero do *dobre,* em que a mesma palavra se repete duas vezes na copla, e o *mór doble,* em que as mesmas palavras mudam de tempo. Muitos d'estes artificios, ainda foram conhecidos pelo marquez de Santillana, taes como os versos *encadenados, lexapren,* e o *mansobre,* que pelo Cancioneiro de Baena vemos dividido em *doble mansobre,* e em *sencillo* ou *menor.* O exemplo da canção encadenada, acha-se nos n.os 223 e 78 das *Trovas e Cantares;* o exemplo do *lexapren,* ou deixa e pega, acha-se na canção n.º 114; do *mansobre doble* encontra-se um notavel exemplo, na canção do codice da Ajuda:

Vi eu viver *coitados,* mas nunca tan *coitado,*
Viveu com'oj'eu *vivo,* nem o viu ome nado
Des quando *fui* u *fui,* e a que vol-o recado
De muy bon grado querria a um logar ir
E nunca m'ende ar viir. [1]

A distincção das rimas *agudas* e *graves,* da poetica franceza, acha-se tambem apontada no citado *Fragmento:* «As cantigas com'eu disse fazeren em rimas longas ou breves ou em todas misturadas.» As rimas em *ecco* apparecem apontadas, reproduzindo-se muitas d'estas fórmas em Gil Vicente, como representante d'esta tradição bem definida por Sá de Miranda. As provas da corrente franceza acham-se tambem no conhecimento directo dos poemas da Tavola Redonda vulgarisados em grande parte por via dos trovadores do sul da França; D. Diniz faz allusões aos symbolos da fidelidade idealisados nos poemas de *Tristão e Yseult,* e de *Flores e Brancaflor,* que tambem penetram na corrente dos romanceiros populares.

A imitação das *Côrtes de Amor,* que acharemos ainda subsistindo na côrte de Dom João II, apparece-nos no seu vigor na côrte de Dom Diniz, como se infere da seguinte passagem da Canção 597 da collecção da Vaticana:

[1] *Canc. da Ajuda.* (Ed. *Trovas e Cantares,* n.º 4.)

O meu amigo novas sabe já
d'aquestas *Côrtes* que s'ora faram,
ricas e nobres dizem que seram,
e meu amigo bem sey que fará
hum cantar en que dirá de mi ben,
ou fará ou já o feyto tem.
En aquestas *Côrtes* que faz El rey
loará-mi e meu parecer,
e dirá quanto bem podér dizer
de min, amigas, e fará, bem sey
hum cantar em que dirá de mi bem,
ou fará ou já o feyto tem.

Os sentimentos que inspiram essas canções, tanto do monarcha como dos seus fidalgos, é affectado; nós não tivemos essa profunda scisão de classes que tornava a paixão amorosa uma audacia mortal, tendo portanto o trovador ao cantar a sua dama de occultar mysteriosamente esse nome, e de tirar do segredo que conserva a anciedade dos seus cantos. Pelo contrario, ao passo que Dom Diniz celebra com o poetico mysterio os seus amores, vemos contradizer-se na realidade dos costumes publicos, protegendo desaffrontadamente os seus bastardos, os condes Dom Pedro e Dom Affonso Sanches; e por parte dos outros trovadores, os Nobiliarios estão cheios dos *raussos* ou violações a que andavam sujeitas as damas, que tambem uma ou outra vez *guançavam*. Bastava um tal contraste entre os costumes e as emoções lyricas para concluir pelo artificio e imitação inorganica d'esta poesia. O esgotamento d'estes artificios fez com que viesse a prevalecer no gosto palaciano a desaffectada simplicidade das *serranilhas* e *cantares de amigo*. Fernando Wolf illudiu-se no juizo da nossa poesia provençal accentuando essa imitação, desconhecendo porém o seu fundo tradicional pela primeira vez determinado por Diez; eis a opinião de Wolf, hoje derrogada pela excessiva abundancia de vestigios tradicionaes dos Cancioneiros da Vaticana e Colocci-Brancuti: « A poesia erudita portugueza apresenta-se desde o começo como palaciana, formada por moldes estrangeiros (provençaes) e não a precedeu, como á castelhana, uma poesia indigena, ainda meio popular, meio erudita, nascida de elementos populares e em consequencia d'isso puramente nacional. » Des-

cobertas ulteriores vieram pôr em toda a sua evidencia este elemento popular, que não era muito estimado, como se diz no fragmento da Poetica.

b) *Elementos tradicionaes gallezianos.* — A zona onde primeiro despontou o gosto pelas canções provençaes foi ao norte da peninsula, no territorio que comprehende da Galliza até ao Mondego. O marquez de Santillana, na *Carta ao Condestavel de Portugal,* accentua esta prioridade, ainda conhecida na primeira metade do seculo XV: « E depois acharam esta *Arte,* que *Maior* se chama, e *Arte Commum,* creio, nos reinos de Galliza e Portugal, aonde não ha que duvidar que o exercicio d'estas sciencias mais do que em nenhumas outras regiões e provincias de Hespanha se acostumou; em tanto gráo, que não ha muito tempo quaesquer dizidores ou trovadores d'estas partes, ou fossem castelhanos, andaluzes ou da Extremadura, todas as suas obras compunham em lingua gallega ou portugueza. E ainda é certo que recebemos os nomes d'arte, como *maestria maior* e *menor, encadenados, lexaprem* e *mansobre.* » De facto vimos estes nomes technicos no fragmento da Poetica supracitada. Este periodo, que Santillana fundamenta citando um grande Cancioneiro que vira em casa de sua avó D. Mecia de Cisneros, é fecundissimo em revelações. Em primeiro logar apparece-nos a Galliza, que então comprehendia o condado de Portugal, como o ponto onde primeiro se manifestou esse lyrismo. N'esta prioridade, distingue as duas correntes, a de *Arte maior,* ou aquella em que se usam os endecasyllabos limosinos, e a *Arte commum* ou dos versos usados pelos dizidores populares. Em terceiro logar, mostra que a lingua gallega era um dialecto commum a Portugal, e peculiar da poesia na Castella, Extremadura e Andalusia. No §. XV da referida Carta indica as fórmas da Arte vulgar, « cantigas *serranas* e *dizeres* portuguezes e gallegos. » A persistencia d'estas fórmas lyricas, que apparecem com vigor nas obras litterarias de Gil Vicente, Christovam Falcão, Sá de Miranda e outros, resulta de causas ethnicas, as quaes explicam essa similaridade que as *serranilhas* portuguezas têm com as *balladas* provençaes e com as *pastorellas* italianas, notada por Meyer. Observando que « são muito analogas na essencia como na fórma ás nossas antigas *Ballettes* ou as *balladas* proven-

çaes » termina: « Não concluo por isto, que as poesias portuguezas que têm esta fórma sejam imitadas do francez ou do provençal, mas que são concebidas conforme um *typo tradicional*, que deve ter sido commum a diversas populações romanicas, sem que se possa determinar em qual d'ellas foi creado. » A persistencia de uma raça não árica na Aquitania, ainda representada pelo basco e por algumas populações da Italia, faz com que se aproxime o typo d'estas canções das fórmas do lyrismo accádico, nos monumentos achados modernamente por Smith e traduzidos por Oppert. Assim como no Occidente sobreviveram muitas superstições chaldaicas, avivadas pelos romanos e arabes, tambem o lyrismo d'essa raça mongoloide foi avivado em uma certa revivescencia pela acção dos arabes no meio da Europa. A designação d'este genero *serranilha*, deriva-se do arabe *sehra*. Esta unidade lyrica occidental comprova-se ethnicamente por uma egual similaridade emquanto aos cantos heroicos, como observaram Nigra, Fernando Wolf e Koehler em relação aos romances tradicionaes ou *Aravias*.[1] No meio das insipidas allegorias e subtilezas sentimentaes dos trovadores portuguezes, todas aquellas composições moldadas pelo gosto das *serranilhas* resaltam por uma graça que as melhores composições modernas ou parnasianas não attingem. No *Cancioneiro da Vaticana* acham-se documentos positivos da intervenção da lyrica popular; sob o n.º 1043 se lê a rubrica: « *Diz uma cantiga de vilão:*

O' pee d'uma torre
bayla, corp'e giolo,
vedel-o cos, ay cavaleyro. »

Sobre este molde compoz Joham de Gaya uma canção « *por aquella de cima, de vilãos, que diz a refrem* — vedel-o cos, ay cavaleyro; — *e feze-a a huu vilão que fuy alfayate do bispo don Domingos Jardo...* » A canção 1062, do *Cancioneiro da Vaticana*, termina com a seguinte nota: « *Esta cantiga fuy seguida por uma baylada, que diz:*

[1] Esta these acha-se largamente estudada nas *Questões de Litteratura e Arte portugueza*, p. 18 a 80.

Vos avedel-os olhos verdes,
matar-m'edes com eles... »

Nas redondilhas de Camões ainda se encontra uma reminiscencia d'este mote velho: « Senão que tendes os olhos verdes. » Uma ballada de Ayres Nunes acha-se moldada na mesma fórma strophica e com versos inteiros de João Zorro, sem comtudo se poder concluir qual foi o plagiario; e acreditamos de preferencia que ambos se serviram de uma letra ou tono conhecido, usado para fazerem um *son* ou cantar. Este facto explica como a serranilha popular entrava nos cancioneiros palacianos; a aristocracia cultivava a musica e *ensoava*, servindo-se da velha letra das tonadilhas vulgares para fixar a sua composição melodica. O gosto musical das povoações do Minho era tão persistente, que ainda no principio do seculo XVII o marquez de Montebello escrevia: « Com grande destreza se exercita a musica, que é tão natural em seus moradores esta arte, que succede muitas vezes aos forasteiros que passam pelas ruas, especialmente nas tardes de verão, parar e suspenderem-se ouvindo as *trovas que cantam em córos*, com fugas e repetições as raparigas... » Frederico Diez [1] aproximou alguns fragmentos de canções de Gil Vicente, intercaladas nos seus Autos, dos cantos de fórma popular dos Cancioneiros palacianos, e concluiu pela sua similaridade; Gil Vicente falla em *Cantares guayados*, ou « *arremedando os da serra* » e Christovam Falcão faz referencia aos *Cantos de ledino*. Da fórma do *Dizer*, ainda no seculo XVI se dava o nome de *Dizidor* ao poeta popular. Não é sómente em Portugal que achamos a persistencia da *Serranilha*; o Arcipreste de Hita imita admiravelmente esta fórma tradicional, que é tambem conservada por Castillejos, o poeta que mais reagiu contra o gosto italiano. [2] Bernardes, nos *Ultimos*

[1] *Ueber die erste portugiesische Kunst und Hofpoesie*, p. 100. — [2] Eis uma amostra (Ribadaneyra, *Poetas lyricos*, t. I, p. 114):

Madre, un caballero
Que estaba en este corro,
A cada vuelta
Hacia-me del ojo;
Yo como era bonica
Teniaselo un poco.

Madre, un escudero
Que estaba en esta baila,
A cada vuelta
Asia-me de la manga;
Yo como era bonica
Teniaselo en nada.

fins do homem, traz varios motetes espirituaes em castelhano, no verdadeiro typo popular da serranilha:

Si hermosura y belleza causan amores,
Como no se enamoran de Dios los hombres?

Si hermosura e belleza de amor son causa,
Como no se enamoran de Dios las almas? [1]

Nos cantos populares das *Alvoradas* de Pombal, conserva-se a fórma tradicional em que Berceo no seculo XIII escreveu a serenada no *Duelo de la Virgen,* e que aqui comparamos:

Vindas são as alvoras,
Eh, levad' á alva!
Que são da Virgem sagrada;
Eh, levad' á alva!

Velat, aliama de los Judios,
eya, velar!
Que furtan el Fijo de Dios!
eya, velar!

O marquez de Pidal colligiu da tradição moderna da Galliza uma cantiga serrana, em tudo similhante ás da epoca jogralesca. Milá y Fontanals, no *Romancerillo catalan,* colligiu cançonetas na fórma da serranilha, bem dignas de serem conhecidas:

— Marieta, lleva't, lleva't de mati,
Que l'aygua es clara, el sol vol surti.
« Com m'en llevaré, si gipó no tinch?

— Marieta, lleva't, de mati lleva't,
Que el sol vol surti, que l'aygua es clara,
« Como m'en llevaré, s'il gipo m'en falta? [2]

Nos cantos lyricos de Rebordainhos, concelho de Moncorvo, tambem persiste esta fórma da serranilha, tal como a conhecia Berceo com o nome de *controbadura* [3]; porém, tanto Pidal, como

[1] Op. cit., p. 415. (1627.) — [2] *Romancerillo catalan,* n.º 568, var. B. — [3] Foram publicadas quatro canções pelo snr. Leite de Vasconcellos, no *Annuario das tradições portuguezas,* onde diz: « Estes quatro monumentos são importantissimos porque estabelecem uma continuidade de tradição desde o seculo XIII até ao XIX, e nos mostra claramente as relações entre os escriptores eruditos do Cancioneiro da Vaticana e o povo. »

Milá y Fontanals e Leite de Vasconcellos desconheceram a estructura poetica d'esta fórma nos documentos que colligiram. A litteratura provençalesca portugueza, considerada como a mais servilmente imitadora, é hoje aquella que se acha mais rica de elementos tradicionaes, que não deixaram de fructificar nas bellas concepções lyricas de Gil Vicente, de Camões, de Francisco Rodrigues Lobo e de Thomaz Antonio Gonzaga.

O rei D. Diniz dignou-se imitar estas fórmas populares, colligindo-as sob o titulo de *Cantares de amigo*, os mais bellos da nossa poesia.

Uma *planh* do jogral leonez Joham, celébra a morte do monarcha, referindo-se á sua protectora influencia:

Os namorados que trobam d'amor,
todos deviam gram doo fazer,
et nom tomar em si nenhum prazer,
porque perderom tam boo senhor,
com'é el-rey Dom Denis de Portugal,
de que nom pode dizer nenhum mal
homem, pero seja profaçador.

Os trovadores que poys ficarom
en o seu regno et no de Leon,
no de Castella, no de Aragon,
nunca poys de sa morte trobarom;
et *dos jograres vos quero dizer*
nunca cobraram panos, nem aver
et o seu bem muyto desejarom.
(Canç. n.º 708.)

Uma sirvente de Martim Soares contra « *hum cavaleyro que cuydava que trobava muy bem* » allude aos cantos do povo:

Os aldeyãos e os concelhos
todolos avedes per pagados
.....
por estes cantares que fazedes d'amor
em que lhis acham as filhas sabor,
e os mancebos que teem soldados.

Bemquisto sodes dos alfayates,
dos pelíteyros e dos moedores,
d'a vosso bando son os tropeyros,
e os jograes dos atambores,
por que lhis cabe nas trombas vosso som,
para atambores ar dizem que nom
acham no mund'outros sões melhores.
(Canç. n.º 965.)

Aqui temos a prova evidente da existencia de uma poesia lyrica popular, e das classes em que ella se cultivou, na qual até hoje tem persistido esse typo tradicional da *serranilha*. Sómente a sua grande belleza espontanea é que podia vencer o artificio provençalesco, a casuistica dos palacianos do seculo XV, e o subjectivismo dos imitadores da eschola italiana petrarchesca, do seculo XVI por diante. A influencia de D. Diniz determinou tambem a compilação de todas as obras poeticas dos fidalgos da sua côrte em um vasto Cancioneiro, por accidente fragmentado e perdido, mas hoje quasi integralmente publicado.

c) *O Conde de Barcellos, e o seu Livro das Cantigas.* — Filho dos amores do rei D. Diniz com D. Gracia, senhora da Ribeira de Santarem, e nomeado Conde de Barcellos em 1 de março de 1304, Dom Pedro soube vencer o odio que a fidalguia tinha contra os bastardos do rei, organisando o cadastro das suas linhagens, e colligindo os cadernos das suas canções. Depois da morte de Dom Diniz, o Conde D. Pedro foi perseguido e desherdado por Dom Affonso IV, mas foi encontrar protecção em Affonso XI de Castella, casado com D. Maria, filha d'este seu irmão. O jogral Joham, diz na canção 707: « E al do Conde fallemos — que é *irmão tio* d'el-rei. » Foi por um sentimento de gratidão, que o Conde de Barcellos deixou em testamento, feito a 30 de Março de 1350, o seu *Livro das Cantigas* a Affonso XI. Por esta circumstancia saíu de Portugal este singular monumento, do qual nos dá noticia o Marquez de Santillana no meado do seculo XV. Da sua actividade poetica conhecem-se apenas dez canções amorosas e especialmente satyricas ou de mal dizer; são mediocres.

Esse outro bastardo de Dom Diniz, Dom Affonso Sanches,

Conde de Albuquerque, nascido em 1286, não é menos notavel do que seu irmão; o rei amava-o loucamente, e por causa d'elle foram as luctas de Dom Affonso, o principe herdeiro, contra seu pae. No Nobiliario lê-se: «por que se dizia que el-rei Dom Diniz queria fazer rei D. Affonso Sanches, seu filho de ganhadia, que trazia comsigo e que elle muito amava.» [1] As quinze composições de D. Affonso Sanches são as mais deturpadas do Cancioneiro da Vaticana; comtudo conhece-se que tinha um elevado sentimento poetico, e que comprehendia a belleza das fórmas populares. É notavel este fragmento:

Quando, amiga, meu amigo veher
emquanto lh'eu preguntar hu tardou,
falade vós nas donçelas entom;
e no sembrant', amigo, que fazer,
veeremos bem se tem no coraçon
a donzella por quem sempre trobou.
(Canç. n.º 367.)

Embora na côrte de Dom Affonso IV caísse um tanto em desuso a poesia trobadoresca, elle não deixou de influir quando infante na transformação dos *lays* bretãos em fórma narrativa, como se vê pela sigla do *Amadis de Gaula*, modificado por Vasco de Lobeira a seu pedido. O *Livro das Cantigas* do Conde de Barcellos foi para Castella, e na Livraria de el-rei Dom Duarte conservou-se o *Cancioneiro de Dom Diniz*. A poesia provençal soffreu uma transformação, recebendo do genio italiano uma elaboração subjectiva que a tornou em Petrarcha a expressão do sentimento moderno. Não conhecêmos esta corrente senão muito tarde, e d'aqui resultou o esquecer-se a eschola trobadoresca preferindo a imitação castelhana. Os documentos poeticos d'esta epoca são:

O *Livro das Cantigas* do Conde de Barcellos; tendo em vista o seu genio compilador e as memorias colligidas das diversas familias aristocraticas, crêmos que sobre este titulo se comprehendem todos os seguintes fragmentos conhecidos:

O *Cancioneiro portuguez* da Casa de Dona Mecia de Cisneros,

[1] *Mon. hist.*, Scriptores, p. 258.

que o Marquez de Santillana descreveu na sua Carta ao Condestavel de Portugal em 1449: « um grande volume de cantigas serranas e dizeres portuguezes e gallegos. »

O *Livro das Trovas de El-rei Dom Diniz:* era talvez uma copia de luxo em separado, que pelo Catalogo dos Livros de uso de El-rei Dom Duarte se guardava na sua livraria, (n.° 37).

O *Cancioneiro da Ajuda,* (do Collegio dos Nobres, ou de lord Stuart) achado no espolio dos jesuitas; está fragmentado e começa a folhas 41 até folhas 95, ajuntando-se-lhe depois mais 24 folhas achadas na Bibliotheca de Evora. É em pergaminho in-folio; o copista deixou as canções por terminar emquanto ás lettras capitaes, musica e assignatura dos trovadores. Diez e João Pedro Ribeiro consideravam-no de um unico auctor; Bellermann julgava ser este Codice o *Livro das Cantigas* do Conde de Barcellos. Porém pelo exame e publicação do Cancioneiro portuguez da Bibliotheca do Vaticano, n.° 4803, e pelo apographo de Colocci, achado em casa do Conde Brancuti, sabe-se que essas canções anonymas pertencem a Vasco Praga de Sandim, João Soares Fomesso, João Soares de Taveyros, Martins Soares, Nuno Fernandes Torneol, Pero Garcia Burgalez, D. Fernão Garcia Esgaravunha, Ruy Queimado, Vasco Gil, Dom João de Aboim, João Coelho, Ruy Paes de Ribela, João Lopes de Ulhoa, Aires Nunes, Pero Barroso, Fernão Gonsalves de Sousa, Affonso Lopes Baiam, Mem Rodrigues Tenoyro, João de Guilhade, Stevam Froyam, Payo Gomes Charrinho, Fernão Velho, Pero Solaz, Fernam Padrom, Pero da Ponte, Vasco Rodrigo de Calvelo, e Roy Fernandes. As canções d'estes trovadores communs ao *Cancioneiro da Ajuda,* e ao da Vaticana e Colocci-Brancuti, tem profundas variantes, que são problemas importantes para a historia critica do texto.

O *Cancioneiro Colocci-Brancuti;* o indice d'este monumento appareceu em um codice, n.° 3217 da Bibliotheca do Vaticano, e foi depois achado na Livraria do conde Brancuti di Cagli. Pertenceu ao celebre erudito italiano da Renascença, que o confrontou com um texto principal. Deve, em rigor, considerar-se como formando o primeiro grande fragmento do Cancioneiro provençal portuguez. Foi publicado em 1880, como complemento do

Cancioneiro da Bibliotheca do Vaticano; este codice era co-

nhecido desde o seculo XVI, e d'elle se extrahiu a parte pertencente ao rei Dom Diniz, na edição do *Cancioneiro de Dom Diniz* pelo Dr. Caetano Lopes de Moura. Varnhagem tambem d'elle extraíu umas cincoenta Canções com o titulo de *Cancioneirinho de Trovas antigas*, publicado em Vienna em 1870. Por ultimo publicou-o integralmente Monaci em uma edição paleographica em Halle, em 1875, á qual se succedeu a edição critica de Lisboa em 1878.

Cancioneiro portuguez, de um grande de Hespanha; apparece citado por Varnhagem, como conservado em segredo, e em tudo analogo ao codice vaticano n.º 4803, porventura o texto principal de que Angelo Colocci extrahiu o seu apographo.

Com a publicação d'estes varios Cancioneiros são hoje conhecidas perto de duas mil canções, escriptas segundo a opinião de Wolf entre 1245 e 1357. É uma riqueza incalculavel, como documento historico, social e litterario.

§. II

Influencia do norte da França, ou gallo-franka

Se os cantos lyricos dos trovadores occitanicos influenciaram no desenvolvimento da poesia e da linguagem litteraria das novas nacionalidades, os cantos epicos do norte da França penetraram mais profundamente, porque lisongeavam o sentimento da honra e do valor, que tornando-se virtudes individuaes, acabavam como o movel da instituição da cavalleria. Nas Leis de Partidas manda-se que os cavalleiros não ouçam senão cantos de armas, e os cantores das Gestas heroicas chamavam-se em Italia os *ciarlatani*, porque celebravam como o typo de todas as bravuras Carlos Magno. Nos paizes onde o feudalismo não chegou a esboçar-se, as Gestas francezas, que em geral versavam sobre a lucta dos grandes vassallos contra o poder real, não acharam sympathia. Em Portugal não existe uma unica Gesta do norte da França, postoque algumas foram conhecidas na epoca da redacção do *Nobiliario* do Conde Dom Pedro.

a) *Gestas francezas em Portugal.* — Já ficou notado o intuito d'aquella sirvente de Mal dizer, que D. Affonso Lopes Baiam denominou — *Gesta,* escrevendo-a em fórma de parodia, em versos monorrimos e com a neuma caracteristica da *Chanson de Roland.* Tambem no *Livro das Linhagens* se lê: « muitos rricos homeens que iam para lhes accorrerem disseram a el-rey Dom Fernando que nunca viram cavalleiros nem ouviram fallar que tam soffredores fossem, e fizeram-nos em par dos *doze pares.* » [1] A lenda dos *Doze Pares* apparece na *Chanson de Roland, Viagem a Jerusalem,* e *Reynaud de Montauban,* as mais antigas gestas francezas.

No epitaphio de Rodrigo Sanches, morto na Lide do Porto, em 1245, na revolta a favor do principe Dom Affonso irmão de Dom Sancho II, vem o seguinte verso:

Laudibus ex dignis, alter fuit hic *Rotulandus.*

Na canção 1066 do *Cancioneiro da Vaticana,* João Baveca traz este mesmo nome conforme a corrente popular:

e ora per *Rançasvales* passou
e tornou-se do Poio de *Roldan.*

A primeira fórma era litteraria, usada por Eghinard, *Hruodland,* e Radulphus Tortarius, *Rutlandus,* ou como se vê na canção de Guerau de Cabrera, *Rotlon.* Prevaleceu a corrente popular, que se acha abundantemente representada nos nossos Romanceiros, no *Reginaldo, Roldão, Dom Garfeiros, Dom Garfos, Dona Alda,* que são verdadeiras Cantilenas rudimentares que não chegaram a desenvolver-se em Gestas heroicas. Na descripção da Batalha do Salado, st. 1739, tambem se allude a personagens d'este cyclo franko:

Nin fue mejor cavallero
El arçobispo *Don Turpin,*
Ni el cortés *Olivero,*
Ni el *Roldan* paladin.

[1] *Mon. hist.,* Scriptores, p. 283.

Já no seculo XV, quando predominava a corrente da erudição humanista, ainda o chronista Azurara mostrava conhecimento da gesta carlingiana do *Duque Jean de Lanson.* Na côrte de Dom Diniz as gestas amorosas do cyclo da Tavola Redonda tiveram a preferencia do gosto, e essas é que foram lidas, como se vê pelos nomes dos fidalgos tomados de taes poemas; os cantos heroicos confundiram-se com a tradição geral e já no seculo XIII formavam o corpo do Romanceiro peninsular, de que se aproveitou Affonso o Sabio como elementos historicos.

b) *As tradições epicas do Romanceiro peninsular.* — Na Historia geral de Hespanha, Affonso Sabio intercalou varias narrativas epicas populares dissolvendo-as em prosa; porém todos os romances conhecidos pelas collecções existentes não são anteriores ao seculo XV. Qual seria pois a fórma do romance primitivo, ou pelo menos como elle se repetia entre o povo no seculo XIII? No poema da Batalha do Salado, se lê:

E bien asy los reys godos
Vuestros antecessores
.....
Deixaron por su testigo
Rromances muy ben escriptos.
(St. 147.)

E allude tambem á classe popular e á linguagem dos seus cantos:

Giellas e *Moçarabes* (st. 953)
Dixieron los escuderos
Sabedes bien la *aravia?*
Sodes bien verdaderos
De tornal-a en aljamia? (st. 1293)

O chanceller Pedro Lopes de Ayala allude a estes cantos heroicos a que chamava *Cantar de antiguo rimar.* Esse cantar era em verso de cinco syllabas ou de arte menor; a Litteratura portugueza apresenta um typo unico d'este genero extincto, composto ou ensoado por Ayras Nunes:

Desfiar enviarom
ora de Tudela
filhos de Dom Fernando
d'el-rey de Castella;
e disse el rey logo:
«Hide alá Dom Vela.
«Desfiade e mostrade
«por mi esta razon,
si quizerem per talho
do reino de Leon,
filhem poren Navarra
eu o reino de Leon... [1]

A este genero pertence esse outro canto heroico do *Figueiral*, colligido no seculo XV no Cancioneiro do Conde de Marialva, ainda em fórma gallega:

No figueiral figueiredo,
A no figueiral entrei,
Seis nenhas encontrara,
Seis nenhas encontrei...

A lenda de *Santa Irene*, que ainda apparece na tradição gallega, pertence a este fundo epico, e conserva o typo da redondilha menor, usado antes do seculo XV. É certo, porém, que muitos romances ou aravias, colligidos mais tarde, desde o seculo XVI a XIX, se encontram similhantes na tradição andalusa e asturiana ou castelhana, na Italia, França e Grecia moderna; evidentemente existe um fundo commum ao Occidente emquanto ás tradições epicas como emquanto ás tradições lyricas, facto já notado por Liebrecht e Wolf.

Desde que existem cantos heroicos communs á Provença, a Portugal, Hespanha, Italia e Grecia moderna, é porque pertencem a esse fundo commum da tradição occidental, sobre o qual Homero, ou a imaginação primitiva da Grecia, elaborou os seus poemas. De facto nos poemas de Homero, como o provou Lang, existem

[1] *Canc. da Vat.*, n.º 466.

cantos populares, alguns dos quaes se encontram ainda entre os Chinezes e os Oguzes, tribu turco-tartara, e entre os Indios doze seculos antes da nossa éra. [1] O *Regresso de Ulysses*, ainda subsiste na tradição occidental no romance da *Bella Infanta*. O Encontro de Ulysses com os Cyclopes, transformação dos Companheiros de Ulysses em porcos, encontro de Ulysses com os Phaeceos, e Eolo são themas aproveitados na elaboração homerica. As relações entre o romance da *Donzella que vae á guerra* e a tradição chineza dos Avadanas [2], tambem nos vem revelar que a primitiva população occidental, dos Lydios e dos Iberos, era effectivamente mongoloide. É este o primeiro fundo tradicional em que se devem investigar as origens do Romanceiro heroico, cujas situações, como a *Sylvaninha*, o *Rico Franco*, o *Dom Pedro* não condizem já com o estado moral e sentimental da civilisação greco-romana.

c) *Influencia da batalha do Salado.* (1340) — O encontro dos cavalleiros portuguezes com os poetas castelhanos e leonezes na batalha do Salado, teve uma acção caracteristica na nossa poesia palaciana. Dom Affonso IV tambem era poeta, e embora se não acceite a tradição das suas poesias colligidas por Frei Bernardo de Brito, nem os dois Sonetos a Lobeira, compostos pelo classico Ferreira, comtudo pelo *Catalogo di Autori* de Colocci, se sabe que ahi existiam quatro Canções d'este monarcha sob os numeros 1323, 1324, 1325 e 1326. Este facto explica a vinda de um grande numero de jograes castelhanos e leonezes para a sua côrte, e os louvores que lhe endereçavam:

A sa vida seja muyta
d'este rey de Portugal
que cada ano m'ha por fruyta
pero que eu canto mal...

Os rex mouros, christãos,
mentre viver lh'ajam medo
que el ha muy bem as maõos,

[1] No *Saturday Review*, e traduzido na *Melusine*, col. 489; Sabatini, *La Poesia popolare in Grecia*, p. 5. — [2] *Op. cit.*, t. II, p. 161.

et o Infante dom Pedro
seu filho, que s'aventura
a hu grand' usso matar
et desi et sempre cura
d'el rey seu padre guardar.

Assim cantava Joham Jograr, morador em Leom, que não se esquece de citar a liberalidade do Conde Dom Pedro:

E al do Conde falemos
que he irmão tio d'el rey... [1]

Uma canção de Joham Jograr, a Affonso XI de Castella, remata:

Se mi justiça nom val
ante rey justiceiro
ir-m'ey ao de Portugal. [2]

Por aqui se vê como a côrte de Affonso IV ainda sustentou a moda trazida de França por seu avô, e desenvolvida por el-rei Dom Diniz. Foi um tal interesse que determinou a colleccionação dos diversos Cancioneiros que vieram a formar o Cancioneiro de Colocci e o apographo da Vaticana.

Sobretudo, a principal consequencia d'este encontro dos trovadores de ambos os paizes foi o conhecimento dos *Lais* bretãos e das novellas da *Tavola redonda.*

A decadencia da poesia lyrica trobadoresca no reinado de Affonso IV, acha-se compensada pela redacção das primeiras paginas historicas relatando o successo da batalha do Salado; essas paginas conservaram-se accidentalmente entre as listas genealogicas do fragmento do *Nobiliario* que se encontrou junto ao *Cancioneiro da Ajuda.* [3] Predominava o espirito critico de uma edade de prosa, e as proprias Gestas francezas dissolviam-se em Novellas. A batalha do Salado, vencida á custa de uma liga passageira de estados christãos dissidentes, inspirou ainda alguns poetas, mas a

[1] *Canc. da Vaticana,* n.º 707. — [2] Ibid., n.º 553. — [3] *Portugaliæ Mon. hist.,* Scriptores, p. 190.

fórma narrativa subordinou-os a uma exposição dos factos, de modo que os seus poemas não passaram de Chronicas rimadas ou metrificadas. Na Bibliotheca do Escurial conserva-se manuscripta uma Crónica rimada, *Crónica en coplas redondillas de Alfonso Onceno,* que Diego Hurtado de Mendoza achára em Granada em 1573, escripta por um contemporaneo da Batalha do Salado, Rodrigo Yanes; [1] em Portugal, já no seculo XVII Faria e Sousa, no seu *Epitome* e na *Asia portugueza,* citava tambem um poema que celebrava a Batalha do Salado escripto por um contemporaneo do successo Affonso Giraldes. Tendo Dom Affonso IV ido em auxilio de seu genro Affonso XI, e tendo revelado depois da batalha o mais extremado desinteresse cavalheiresco, é natural que os seus poetas palacianos assim como cantavam em bellas serranilhas a expedição maritima ao Salado, tambem, como fizera Yanes, procurassem cantar em uma Chronica rimada aquella empreza. O poema de Affonso Giraldes tem a sua rasão de ser; os nossos chronistas, que lograram vêl-o, citaram-no com auctoridade historica, como fizeram Faria e Sousa, os dois Brandões, e ainda Bluteau. É por essas vagas referencias que podemos hoje caracterisar a sua fórma poetica, e até certo ponto as relações litterarias que evidentemente existem entre os dois poemas, o de Rodrigo Yanes e o de Affonso Giraldes. Em 1871 indicámos estas relações, [2] e em 1875 publicamos alguns paradigmas que fazem suppôr que um poema é traducção do outro. [3] Depois d'este primeiro estudo, o problema adquiriu uma nova importancia, quando a philologia pôde descobrir no texto castelhano os vestigios de um original portuguez. [4] Não temos o conhecimento sufficiente dos processos phoneticos para fazer um exame comparativo sobre o texto de Ya-

[1] Publicada em Madrid em 1863 por Janer, e reproduzida na Coll. Ribadaneyra. — [2] *Trovadores galecio-portuguezes,* p. 267. — [3] *Manual da Historia da Litteratura portugueza,* p. 60. — [4] Consignámos este facto nas *Questões de Litteratura e Arte Portugueza,* p. 143: «O eminente philologo Dr. Jules Cornu, no exame linguistico do *Poema de Alfonso Onceno,* chegou tambem á conclusão de que esse celebre Poema conservava os vestigios de um original portuguez, que julgamos ser o Poema de Affonso Giraldes sobre a *Batalha do Salado,* hoje perdido.»

nes e as fórmas do portuguez antigo, mas retomamos o problema para o resolvermos emquanto aos dados da critica litteraria.

Em primeiro logar, ambos os poemas são em redondilhas octosyllabicas, rimando o primeiro verso com o terceiro e o segundo com o quarto; em segundo logar, existem versos communs aos dois poemas, facto tanto mais importante quanto do poema de Affonso Giraldes apenas se conhecem hoje dez quadras; por ultimo, versos errados na metrificação e na rima, no poema de Yanes, ficam certos traduzindo-os ou restituindo-os á fórma portugueza.

A primeira referencia ao poema de Affonso Giraldes, acha-se na *Monarchia lusitana,* de Frei Antonio Brandão, que diz: « Um *romance* tenho, que trata da batalha do Salado, composto por Affonso Giraldes, d'aquelle tempo, em o principio do qual, entre outras guerras antigas que se apontam, se faz menção d'esta que o *Abbade João* teve com os mouros e seu capitão Almanzor. » [1] A passagem alludida por Brandão, apparece-nos exposta por Amador de los Rios, sem nos dizer d'onde a houve: « Guarda a historia porventura alguma parte, ainda que não da extensão que desejáramos, das rimas de Affonso Giraldes, fidalgo portuguez, que se achou na memoravel batalha do Salado. » [2] Teria Amador de los Rios algum fragmento manuscripto? Eis a estrophe do começo do poema, como se infere do que diz Brandão:

Outros fallam de gram razão
De *Bisturis* gram sabedor,
E do Abbade Dom João
Que venceu rei Almanzor.

A allusão a *Bisturis* explica-se como uma reminiscencia biblica dos feitos heroicos de Eleazar nos desfiladeiros de *Betzacharah;* a lenda do *Abbade João* de Monte-mór, [3] em que os guerreiros antes de se lançarem aos mouros degolaram as mulheres e as

[1] Part. III, liv. X, cap. 45. — [2] *Hist. de la Litteratura española,* t. IV, p. 415. — [3] Vimos uma *Historia do Abbade João,* em quarto pequeno gothico, impressa por Francisco Fernandes em Cordova, em 1562; é em prosa antiga castelhana, facilmente transformavel em verso de redondilha.

filhas, é uma tradição gauleza, como se vê em Belloguet, que revivesceu nas luctas da reconquista christã, que não foram tão desesperadas, como nol-as pintam os narradores catholicos. No poema castelhano de Yanes faltam tambem as primeiras strophes.

Frei Antonio Brandão, que possuia o poema portuguez, transcreve uma passagem allusiva ao casamento de Dom Affonso IV: «Affonso Giraldes, que escreveu em rimas portuguezas a batalha do Salado, no proprio anno em que succedeu, relatando as acções d'este infante, que era então já rei, e se achou na batalha sobredita com el-rei de Castella Affonso XI, seu genro e sobrinho, diz assim:

Pois que este Rey nasceu
A gram viço foy criado;
E deshi como creceo
Sempre foi bem ensinado.
Seu padre o criou,
E des que foy de entendimento
De vinte annos lhe justou
Um muy rico casamento.
Seu padre rey Dom Diniz,
Foi justiçoso e muy santo,
El o casou com D. Brites (*Britiz*)
Filha do nobre rey Dom Sancho.
E despois que foy casado
Com aquella nobre Infante,
Seu padre lhe deu estado
Como ouvireis adiante.
Deu-lhe terras a mandar,
De mui nobres cavalleiros;
E muitos portos de mar,
Rendas de muitos dinheiros.
Quinze annos cumpridos viveu
O padre des que o casou;
Deshi quando el morreu
Muito d'algo lhe deixou, etc. [1]

Vê-se pela data da publicação da *Monarchia lusitana*, que o

[1] *Monarchia lusitana*, t. VI, p. 106.

poema ainda existia em 1751. Transcreveremos o resto das estrophes conhecidas; Bluteau, no *Vocabulario da Lingua portugueza,* (1712) exemplifica a palavra Almexia: « Como acção propria d'este reyno, cantou Affonso Giraldes esta distincção nas rimas que fez da *Batalha do Salado,* com os versos que se seguem:

E fez bem aos criados seus
E grão honra aos privados;
E fez a todos os judeus,
Trazer signaes divisados;
E os Mouros almexias,
Que os pudessem conhecer;
Todas estas cortezias
Este Rey mandou fazer. »

É aqui que nos apparecem as relações do poema portuguez com a *Cronica en redondillas* de Rodrigo Yanes. Na strophe 335, diz o poeta castelhano:

E dióles grandes franquias,
Por Castilla mas valer;
Todas estas cortezias
El buen rey hizo fazer.

Ainda assim poderia parecer que esta similhança de versos fosse um effeito de casualidade; mas na continuação da *Monarchia lusitana* por Frei Francisco Brandão, vem transcripta mais uma quadra, que diz:

Gonçalo Gomes de Azevedo
Alferes del Rey de Portugal,
Entrava aos mouros sem medo,
Como fidalgo leal. [1]

Na strophe 1326, do poema de Yanes, lê-se esta mesma quadra:

Todos yvan muy *sin medo,*
Para conplir su perdon,

[1] *Ibid.*, Parte V, liv. XVI, cap. 13.

E Gonçalo Gomes de Azevedo
Levava el su pendon.

Depois d'estes dados que apresentamos, em que se vê a similaridade de estylo, de fórma metrica, de versos e até de strophes, suscita-se o seguinte problema: Será o poema de Rodrigo Yanes uma traducção do poema da *Batalha do Salado*, de Affonso Giraldes?

Á parte as comprovações linguisticas, segundo a affirmação do professor Jules Cornu, que acha vestigios de um original portuguez sob as fórmas d'esse antigo castelhano, vamos evidenciar a existencia do nosso original nas *rimas* da *Cronica en redondillas*.

Estancias castelhanas:	*Versão portugueza:*
Non ayades que temer Estes moros que son pocos, Con vusco cuido vencer Este dragon de Marruecos.	Não ajades que temêr Estes mouros que son *poucos*, Comvosco cuido vencer Este dragão de *Marrocoş*.
La reyna vuestra fija Vos demanda que le dedes La vuestra muy real frota Vos gela embiedes. (est. 1020.)	A rainha vossa *filha* Vos demanda que lhe dedes A vossa real *flotilha* E que vós lhe a enviedes.
Bos, buen rey, non lo buscastes E por bos cobraré corona, E pois me bien comensastes La sima sea muy buena agora. (est. 1825).	Vós bom rey nom o buscastes E por vós cobrarei *corôa*, E pois mui bem começastes A cima seja mui *boa*.
Si entramos en torneo Plase-me, ca es derecho, Pongo Dios en el comedio Que sea juez del fecho. (est. 1408.)	Se entramos em *torneo* Praz-me, cá é direito, Ponho a Deus em o *meo* Que seja juiz do feito.
Dixo: sennor, si bos plas En la buestra tienda folgade, Dormide e avede pas, Non vos temades de nady. (est. 1491.)	Dixe: senhor, se vos praz Em vossa tenda *folgada* Dormide e avede paz, Nom vos temades de *nada*.

E el Saturno complió	E o Saturno *cumpriu*
Su curso e amanesció,	Seu curso e amanheceu,
El alva luego salió,	A alva logo *saiu,*
E la lus esclareció.	E a luz *esclareceu.*
(est. 1500.)	

Fallóla sobre a Algesira	Achou-o em *Algesira*
Con su hueste e su pendon,	Com sua hoste e pendom,
El buen rey quando lo biera	O bom rei quando o *vira*
Alegró el coraçon.	Alegrou-se o coraçom.
(est. 2231.)	

Evidentemente as rimas castelhanas são imperfeitas, revelando um original que o metrificador não pôde traduzir cabalmente. O poema de Rodrigo Yanes, alludindo ao *Leão dormente,* que declara ser Dom Affonso IV, moroso em acudir a seu genro, e o *Porco selvagem,* symbolisando o poder dos Mouros vencidos no Salado, mostra-nos que esta tradição, derivada das prophecias de Merlim, existia em Portugal, apparecendo no seculo XVI nas redondilhas propheticas de Bandarra. O poema narrativo foi escripto sob o influxo das tradições bretãs em Portugal, que se manifestaram no lyrismo, nos contos e nas novellas.

§. III

Influencia armoricana, ou gallo-bretã

As ficções bretãs entraram em Portugal n'esse periodo de syncretismo em que as Gestas se convertiam em Chronicas historicas; é por isso que no *Nobiliario* do conde Dom Pedro vem a genealogia do rei Arthur segundo os poemas da *Tavola Redonda,* e se falla em *Lançarote do Lago,* em *Galvan* (Gauvain) na *Islavalon* (Ilha de Avalon); seguindo o *Roman de Brut* descreve as aventuras tragicas do *Rei Leyr* (Lear) e de *Merlim.* O lyrismo provençal devia ser odioso a Dom Affonso IV, não só pela sua energica virilidade, como por a ser a poesia o instrumento com que os bastardos seus irmãos captavam as graças de el-rei Dom

Diniz. A anecdota da emenda mandada fazer no episodio dos amores de Briolanja, na novella do *Amadis*, mostra-nos que a litteratura não tenderia sob a sua influencia para as allegorias sentimentaes. Por outro lado as questões continuas com seu filho Dom Pedro I, por causa dos amores com D. Ignez de Castro, tambem favoreceram o desuso do lyrismo na vida palaciana.

a) *Os Lays bretãos.* — A influencia rapida do lyrismo bretão exerceu-se diversamente em Portugal e Castella; entre nós prevaleceu a fórma narrativa dos poemas de aventuras, que facilmente degenerou na ampliação das novellas em prosa e no syncretismo historico. Em Hespanha o gosto bretão era essencialmente musical, como se vê pela canção de Guerau de Cabrera:

Non sabes finir
al mien albir,
á temperadura de Breton. [1]

Em Hespanha foram imitados os *lays*, e ficaram na poetica do seculo XVI os *Virelays*. O lyrismo bretão tinha o mesmo caracter tradicional que apontámos na determinação das origens populares dos cantos provençaes; é por isso que, apesar de uma expedição tão rapida como a de Bertrand du Guesclin á peninsula, os *lays* bretãos facilmente se propagaram e até certo ponto póde attribuir-se á sua acção o novo esplendor da poesia castelhana e a renascença do lyrismo na Galliza.

Uma canção de Fernão Rodrigues Rodondo allude ao gosto da nova fórma poetica:

Muy ledo seend'u cantara seus *lays*,
a sa lidice pouco lhi durou... [2]

Pero da Ponte, chasqueando de Sueyro Eanes, faz sentir como elle era imperfeito em o novo genero:

des qu'el despagado vai
em que lhi troba tan mal e tan *lay*
porque o outro sempre lhi quer mal. [3]

[1] Pelay Briz, *Libre de los Poetas*, p. 23. — [2] *Canc. da Vat.*, n.º 1147. — [3] *Ibid.*, n.º 170.

No Cancioneiro Colocci-Brancuti as primeiras composições são cinco *lays* sobre lendas bretãs, cujas rubricas indicam os themas mais conhecidos na fórma de Novellas; esses *lays* são o de *Elis o baço*, o das *Quatro donzellas*, os de *Tristan o namorado*, e de *Tristan por Genebra*. [1] No *Cancioneiro da Ajuda* vem este fragmento de canção:

E vos filha de Dom Pay
Moniz, e bem vos semelha
d'aver eu por vós *guarvaya*. [2]

Esta palavra é explicavel pelo costume bretão, em que as donzellas recem-casadas pagavam ao primeiro trovador da côrte o *kyvarus*, ou « munera nupticarum. » [3] O trovador queixando-se de não ser attendido da dama, espera comtudo receber d'ella *guarvaya*, por causa do seu casamento com outro.

Ainda em uma canção de Gonçalo Eanes do Vinhal ha uma referencia positiva aos cantares bretãos:

Maestre, todos os vossos cantares,
já que filham sempre d'hun a razon,
e outrosi ar filham a mi son,
e non seguides outros milhares;
senon *aquestes de Cornoalha*,
mays esto seguides bem sem falha,
e non vi trobador per tantos logares.
(Canç. n.º 1007.)

b) *Os Contos e Novellas bretãs*. — Na côrte de Dom Diniz eram já bastante lidos os poemas de aventuras amorosas do cyclo da Tavola Redonda. O proprio monarcha tomava como typos esses amantes fieis:

Qual mayor poss' e mays encoberto
que eu poss' e sey de *Branchafrol*,

[1] Tanto estes *lays* como a sua critica ficam tratados nas *Questões de Litteratura e Arte portugueza*, p. 85 a 97. — [2] *Trovas e Cantares*, n.º 305. — [3] *Leges Wallice*, p. 779 e 861.

que lhi non ouve *Flores* tal amor,
qual vos eu ey; e pero são certo.
(Canç. n.º 115.)

Qual mayor poss' e o muy namorado
Tristã, sey bem, que non amou *Iseu*...

Joham de Guylhade tambem emprega as mesmas allusões:

Os grandes vossos amores,
que mi e vós sempre ouvémos,
nunca lhi cima fezemos
com' a *Branchafrol e Flores.*
(Canç. n.º 358.)

E Estevam da Guarda, grande privado de Dom Affonso III, tambem se refere á lenda dos amores e morte de Merlim:

a tal morte de qual morreu *Marlim,*
hu dará vozes fazendo sa fim...
(Canç. 930.)

Na Canção de Guerau de Cabrera, referindo-se á *tempradura de bretão,* cita-se entre outras novellas a de *Loer;* tambem o conde Dom Pedro ao preceder o seu *Nobiliario* com um breve resumo de historia universal, traz reduzida a prosa a lenda do *Rei Lear;* [1] apesar de encontrarmos na tradição popular esta lenda, temos para nós que o linhagista a recebeu por communicação litteraria, da Chronica bretã de Geoffroy de Montmouth, resumindo-a nos seus traços capitaes. No *Nobiliario* encontra-se essa outra lenda da *Dama pé de cabra* [2] com que se fundamenta a origem maravilhosa da Casa de Haro; lendas d'esta mesma natureza servem de fundamento heraldico ás Casas de Lusignan, de Croy, de Salin, Bassompierre, e Argenger. Submettida a nobreza á lei real, pela inscripção em um cadastro genealogico, estas lendas vulgarisam-se como o ultimo lampejo da vida soberana dos gran-

[1] *Port. Mon. hist.*, Scriptores, p. 238. — [2] *Ibidem*, p. 258.

des vassallos. A *Dama pé de cabra,* é um sêr magico das tradições bretãs: « e dizem hoje em dia... que este é o *coouro* de Biscaia. » Quer dizer, é como os *Courils* ou *Gories,* que ainda hoje nas crenças da Finisterra dansam ao luar.

Juntos das lendas bretãs, já se syncretisam os conhecimentos da erudição humanista; n'este mesmo conto da *Dama pé de cabra* figura o cavallo magico *Pardallo.* Na *Historia Natural* de Aristoteles (liv. VI, cap. VI) dá-se o nome de *Pardalis,* em grego, á panthera. Foram os Arabes que revelaram á Europa as obras de Aristoteles, e pela corrente arabe vieram tambem algumas lendas para o *Nobiliario,* como a de *Gaya,* [1] as *Raposias,* dos Contos do *Kalila e Dimna,* e varios exemplos que não sahiram da transmissão oral. Todos estes factos dispersos, por onde se reconstitue o estado das ficções portuguezas no seculo XIV, são indispensaveis para se reduzir a uma consequencia natural esse extraordinario producto da côrte de Dom Diniz, a novella do *Amadiz de Gaula.*

c) *Formação do Amadiz de Gaula.* — De todas as Gestas francezas, vulgarisadas pelas litteraturas novo-latinas, nenhuma attingiu a universalidade do *Amadiz de Gaula;* pertence a novella ao cyclo de aventuras, independente de todo o intuito nacional. Ignorou-se por muitos annos a existencia do poema francez anterior á redacção portugueza; e as palavras de Herberay des Essarts, traductor da novella para francez, dizendo que existia um *poema em lingua picarda,* pareceram por muito tempo gratuitas e sem fundamento. No seculo passado o conde de Tressan escrevia, na sua abreviação do *Amadiz:* « Estou intimamente convencido de ter visto estes manuscriptos (que se julgam ser *picardos*) escriptos em antigo romance na Bibliotheca do Vaticano, isto é, na parte d'esta Bibliotheca formada com a que a celebre rainha Christina tinha ajuntado, e na qual estão comprehendidos os nossos mais celebres e antigos poemas. » [2] Outros poemas medievaes foram achados sobre o thema do *Amadiz,* e numerosas referencias a este heroe da fidelidade, em muitos poemas da Edade media. Em 1810 publicou-se uma versão poetica ingleza, intitu-

[1] *Ibid.,* p. 180. — [2] Traduction libre d'*Amadis,* t. I, p. XXII.

lada *Sir Amadace*, ainda com o laconismo da cantilena. Descobriu-se depois o poema de *Amadas et Ydoine*. Depois d'estes elementos para a critica, Victor Leclerc avançou: « quando se comparar o poema francez com o inglez, em que *Amadas* ou *Amadace* são ambos modelos de fidelidade e de bravura, então se verificará o fundamento da existencia de uma versão manuscripta em lingua picarda. » No poema francez do *Amadas*, allude-se á immensa vulgarisação que as suas aventuras tinham na Europa. [1] As referencias nos outros poemas medievaes são importantes; Maerlant, reformador da poesia neerlandeza, e morto em 1291, cita já o *Amadis* [2]; Gower, na *Confessio amantis*, cita o *Ydoyne et Amadas* [3]; no romance inglez de *Emare*, ha outra referencia [4]; e no poema francez *Donat des Amants*, o *Amadiz* é citado como o prototypo da fidelidade [5]; no fabliau de *Gautier d'Aupais* apparece ainda uma referencia. [6] Por todos estes factos se demonstra á evidencia que o thema da Novella não é portuguez.

Compete-nos portanto justificar a prioridade da redacção portugueza; o nome de *Ydoine*, apparece-nos na sua fórma mais pura em *D. Idana* de Castro [7] e no Nobiliario já na fórma de *Ouroana*. No Cancioneiro Colocci Brancuti, sob os n.os 230 e 232,

1 Tout droitement par *Alemaigne*,
Puis fait son tour parmi *Bretaigne*,
.....
Espandue est já par *Bourgoigne*,
De lui la haut renommée,
.....
Qu'il n'a jusqu'as pors d'*Espagne*,
Dont si grans est la renommée
De lui par tout le mont alée,
Que d'*Angleterre* jusqu'à Rume, etc.

2 Jonckbloet, *Hist. da Litteratura neerlandeza*, t. I, 161. — 3 No livro VI:

Is fed with redynge of *romance*
Of Idoyne and Amadas.

4 In that on korner mad was
Idoyne and Amadas.

5 Que fist Didum par Eneas,
E *Ydoine par Amadas.*

6 Ed. Legrand, de 1779, vol. III, p. 27. — 7 J. Soares da Silva, *Mem. de D. João I*, t. VI, p. 8.

apparece-nos uma canção assignada por João Lobeira, com o seguinte *tornel:*

Reader's Surname
Murell
No. of Seat)
066

Leonoreta sin roseta
bella sobre toda flôr,
sin roseta nom me meta
en tal cuita vosso amor.

ão hespanhola de *Amadiz,* a unica que existe, ficou ınção no livro II, cap. 11; d'onde se conclue que a ·ci Ordoñes de Montalbo, de 1492, proveiu de um tinha collaborado o trovador João Lobeira, da côrniz, [1] e que o proprio Montalbo muitas vezes não . Este texto acha-se definido por Miguel Leite Ferallando de uns sonetos em linguagem antiga escriae o Dr. Antonio Ferreira, diz « *na linguagem que ·a'este reino em tempo d'el-Rey Dom Diniz,* que he a e foi composta a *historia de Amadiz de Gaula por ira,* natural da cidade do Porto, *cujo original anda veiro.* » [2] Em Hespanha a vulgarisação do *Amadis* fim do seculo XIV para o seculo XV, e citam-no os ay Miguel, Pero Ferrus, Micer Imperial, chanceller Ayala, Ferrant Manoel e Villasandino. No seculo XIV a Hespanha estava occupada na elaboração do seu vasto Romanceiro, e toda a actividade poetica era dispendida em dar fórma ás tradições nacionaes do Cid, dos Sete Infantes de Lara, de Bernardo del Carpio; as Gestas francezas pouco penetraram em Hespanha, que idealisava então os seus heroes nacionaes. As condições do espirito nacional portuguez eram outras; ainda sem tradições historicas, estavamos n'esse estado de syncretismo em que tudo se assimila e confunde. Depois d'esses dois factos cathegoricos, o *tornel* de João Lobeira, conservado inconscientemente por Montalbo na traducção castelhana, e o manuscripto em linguagem do tempo de

[1] Este problema acha-se minuciosamente discutido nas *Questões de Litteratura e Arte portugueza,* p. 98 a 127. — [2] Ed. dos *Poemas lusitanos,* de 1598.

lada *Sir Amadace*, ainda com o laconismo da cantilena. Descobriu-se depois o poema de *Amadas et Ydoine*. Depois d'estes elementos para a critica, Victor Leclerc avançou: « quando se comparar o poema francez com o inglez, em que *Amadas* ou *Amadace* são ambos modelos de fidelidade e de bravura, então se verificará o fundamento da existencia de uma versão manuscripta em lingua picarda. » No poema francez do *Amadas*, allude-se á immensa vulgarisação que as suas aventuras tinham na Europa. [1] As referencias nos outros poemas medievaes são importantes; Maerlant, reformador da poesia neerlandeza, e morto em 1291, cita já o *Amadis* [2]; Gower, na *Confessio amantis*, cita o *Ydoyne et Amadas* [3]; no romance inglez de *Emare*, ha outra referencia [4]; e no poema francez *Donat des Amants*, o *Amadiz* é citado como o prototypo da fidelidade [5]; no fabliau de *Gautier d'Aupais* apparece ainda uma referencia. [6] Por todos estes factos se demonstra á evidencia que o thema da Novella não é portuguez.

Compete-nos portanto justificar a prioridade da redacção portugueza; o nome de *Ydoine*, apparece-nos na sua fórma mais pura em *D. Idana* de Castro [7] e no Nobiliario já na fórma de *Ouroana*. No Cancioneiro Colocci Brancuti, sob os n.os 230 e 232,

[1] Tout droitement par *Alemaigne*,
Puis fait son tour parmi *Bretaigne*,
.....
Espandue est já par *Bourgoigne*,
De lui la haut renommée,
.....
Qu'il n'a jusqu'as pors d'*Espagne*,
Dont si grans est la renommée
De lui par tout le mont alée,
Que d'*Angleterre* jusqu'à Rume, etc.

[2] Jonckbloet, *Hist. da Litteratura neerlandeza*, t. I, 161. — [3] No livro VI:

Is fed with redynge of *romance*
Of Idoyne and Amadas.

[4] In that on korner mad was
Idoyne and Amadas.

[5] Que fist Didum par Eneas,
E *Ydoine par Amadas.*

[6] Ed. Legrand, de 1779, vol. III, p. 27. — [7] J. Soares da Silva, *Mem. de D. João I*, t. VI, p. 8.

apparece-nos uma canção assignada por João Lorença com o seguinte *tornal*:

> Lorença sin vuesta
> bella saber nada fior
> sin vuesta mim no mata
> en la cuita veen amor.

Na redacção hespanhola de *Amadis* a unica que existe, fora esta mesma canção na Fest. [illegible] cap. [illegible]: é mais de notar que a versão de Garci Ordoñez de Montalvo, de [illegible] provem de um texto, em que uma collaboração [illegible] de Dona Ilduara, e que [illegible] comprehendeu. Este texto [illegible] por [illegible] e que [illegible] de uma [illegible] em linguagem antiga [illegible] por um que [illegible] diz «[illegible] que [illegible] nome em que foi composta a [illegible] de João Lorença [illegible] [illegible] [illegible]

Dom Diniz, que se guardava na Casa do Duque de Aveiro, abundam os argumentos para provar a prioridade da redacção portugueza do *Amadiz de Gaula,* e todos anteriores á data da versão castelhana de 1492:

1.º Que essa redacção portugueza foi escripta entre 1297 e 1325, infere-se da allusão ao *Infante Dom Affonso de Portugal,* que começou a reinar n'esta ultima data com o nome de Dom Affonso IV. Ordoñez conservou inconscientemente esta preciosa sigla marginal do manuscripto. No *Amadis* tambem não se empregam *armas de fogo,* ainda nas mais arriscadas aventuras, usadas na peninsula pela primeira vez na batalha de Aljubarrota em 1385.

2.º Até 1406 só eram conhecidos os *tres livros* de *Amadiz,* que ainda estava em continuação, como se infere das referencias dos trovadores castelhanos acima citados. O nome de João Lobeira é o signatario d'estes tres livros, por isso que o chronista Azurara colloca Vasco de Lobeira no tempo de Dom Fernando.

3.º A primeira vez que se encontra o nome de *Vasco de Lobeira* citado como auctor do *Amadiz de Gaula,* é na *Chronica do Conde Dom Pedro de Menezes,* escripta por Azurara em 1454, e conservada inedita até 1792: «o *Livro d'Amadiz,* como quer que soomente fosse feito a prazer de hum homem que se chamou *Vasco de Lobeira,* em tempo d'el-rei Dom Fernando, sendo todalas cousas do dito Livro fingidas do auctor...» (cap. 60.) Vê-se por este facto, que Vasco de Lobeira, que figura na lista dos armados cavalleiros depois da batalha de Aljubarrota em 1385, retocou a Novella, introduzindo o *quarto livro.* Ora, reprovando Montalbo o episodio dos amores de Briolanja, como é que o iria desenvolver em um *quarto livro,* promettido logo no principio da novella?

4.º Uma tradição, conservada por Jorge Cardoso, diz que um tal *Pedro Lobeira* retocára a pedido do Infante Dom Pedro o *Amadiz de Gaula.* É esta reminiscencia o que prova a intervenção de dois escriptores, *João* Lobeira e *Vasco* de Lobeira.

5.º Antes do conhecimento do texto castelhano de 1492, o *Amadiz* apparece-nos muito conhecido, no *Tirant il Blanch,* de 1460, onde figura a fada *Urganda la desconocida;* nos versos

de Dom Alonso de Cartagena; nos versos de *Cuidar e Suspirar*, da côrte de Dom João II, de 1483; etc.

6.° Em 1549, o Dr. João de Barros, Escrivão da Camara de Dom João III, no Ms. das *Antiguidades de Entre Douro e Minho*, fl. 32, dizia do *Amadiz*: «obra mui subtil e graciosa e aprovada de todos os galantes, *mas* como estas cousas se seccam em nossas mãos, *os Castelhanos lhe mudaram a linguagem e attribuiram a obra a si.*» Este manuscripto póde vêr-se na Bibliotheca nacional de Lisboa.

7.° Em 1557 colligiu o Dr. Antonio Ferreira os seus *Poemas Luzitanos*, onde incluiu os dois Sonetos em linguagem antiga celebrando os amores de Briolanja; e em 1598 seu filho affirmava que o Manuscrito da Novella, cuja linguagem seu pae imitára, se guardava como preciosidade na Casa de Aveiro.

8.° No Catalogo da livraria do conde de Vimieiro, de 18 de março de 1686, vinha apontado o *Amadiz de Gaula em portuguez*. Na Relação d'esta Livraria dada pelo conde da Ericeira em 1726, á Academia de Historia, diz que a novella já alli se não achava. Temos ainda esperança de se encontrar o original primitivo, apesar do incendio de muitas livrarias por occasião do terramoto de 1755.

A influencia do *Amadiz* foi immensa na Europa, e raros são os moralistas que não clamaram contra a sua leitura; a corrente do seculo XV especialmente erudita, e a renascença greco-romana desprezavam a Edade media. Esta corrente humanista começa em Portugal no seculo XIV, vindo a tornar-se exclusiva no seculo dos quinhentistas.

§. IV

A cultura latino-ecclesiastica e humanista

O conflicto dos dous Poderes, que preponderou em toda a Edade media, manifesta-se na constituição das nacionalidades modernas no pensamento da unidade romana do Occidente pela acção dos Papas (*minor Deo, major homine*) ou pela auctoridade

dos Imperadores. Cada um d'estes poderes, procurando restabelecer a tradição de Roma, apoiava-se no perstigio do passado; assim as lettras latinas eram estudadas nos claustros, e os poetas christãos imitavam os poemas didacticos da decadencia ou compunham sobre os mysterios da egreja *centões* virgilianos. Pelo seu lado a auctoridade real mantinha todas as fórmulas do direito romano, e fundamentava o exclusivo poder monarchico com a letra dos Codigos imperiaes. A tradição greco-romana tendia a renovar-se, desde que a classe clerical queria estabelecer a sua preponderancia pelo saber, adquirido nas escholas ecclesiasticas; e desde que a auctoridade civil se impunha á theocracia e ao feudalismo, pela letra ou lei escripta dos jurisconsultos de Roma, estudada nas Universidades. O antagonismo entre estas duas classes era inconciliavel, como se vê pela inscripção da egreja de Sam Martinho de Worms, dizendo que é mais facil seccar-se o mar ou ir o diabo para o céo, de que entenderem-se como amigos. [1] A palavra *latino* tornou-se synonymo de instruido, intelligente, d'onde ainda a nossa expressão vulgar *ladino;* e o nome de *romano* veiu politicamente contrapôr-se ao de barbaro, no momento em que todos os elementos que Roma submettera se acharam possuindo uma mesma unidade de cultura. É por isso que o *romance* significava a lingua e os cantos vulgares. Não admira pois que no periodo em que as novas nacionalidades occidentaes se constituiram, a cultura latina se impuzesse já pelos eruditos ecclesiasticos, já pelos humanistas.

O que merece uma attenção especial é a mistura das tradições classicas ou greco-romanas com as tradições heroicas das raças da Europa constituidas em nações. Ha poemas essencialmente germanicos com fórmas latinas, como o *Waltharius;* dava-se com o latim o mesmo que com os escriptos aljamiados, em que a letra era arabe e a palavra latina. Havia uma classe de escriptores ou poetas intermediarios ao povo e aos eruditos; os *Goliardos* punham em verso latino os cantos populares ou os sentimen-

[1] Vem em Comparetti, *Virgilio nel Medio Evo,* t. I, p. 243:

Cum mare sicatur, et daemon ad astra levatur,
Tunc primo *laicus* fit *clero* fidus amico.

tos do proletariado, reduziam a metrica latina á *accentuação* e *rima* do vulgo, e faziam cantos *farsis*, em que os versos latinos se alternavam com os novos dialectos romanicos. Era natural este phenomeno apparentemente extraordinario; diversas raças, como Ligurios, Iberos, Celtas, Illyrios, abraçaram a lingua e cultura romana, sob o dominio de Roma, e quando desenvolvendo-se em organismos nacionaes independentes tinham todas as condições para darem relêvo á sua feição ethnica, acharam-se instinctivamente solidarias com a cultura greco-romana e continuadoras d'ella. Enumerando as tradições poeticas dominantes da Edade média, Jean Bodel, na *Chanson des Soissons*, inclue o elemento romano:

> Ne sont que trois matères à nul homme entendant,
> De *France*, de *Bretagne* et de *Rome la grand*.

Todos estes tres cyclos poeticos foram conhecidos em Portugal, o *carlingiano*, ou franko, o *arthuriano*, ou bretão, e o *greco-romano* que chegou a syncretisar-se com as nossas origens historicas.

1.º O cyclo dos poemas greco-romanos. — No *Roman de Flamenca* vem uma lista das Gestas eruditas que constituiam este cyclo, que os jograes cantavam, cujos assumptos correspondem ainda a muitos manuscriptos existentes: «Um canta de *Priamo*, outro de *Piramo;* outro da bella *Hellena*, como Páris foi á sua procura e depois a trouxe; outro canta de *Ulysses*, outro de *Heitor* e de *Achilles*. Outro cantava de *Eneas* e de *Dido*, como ella ficou por elle triste e desolada; outro cantava de *Lavinia*... de *Apollonice*, de *Tideu*, de *Etidiocles*... Um canta do rei *Alexandre*, outro de *Ero* e de *Leandro*. Um diz de *Cadmo* e sua fuga, e de *Thebas* como se edificou. Outro cantava de *Jason* e do *Dragão*, que não conhecia somno; outro canta de *Hercules* e de sua força; outro como *Philis* attenta contra si por amor de *Demophonte*. Um diz como o bello *Narciso* se afogou na fonte onde elle se mirava. Um diz de *Plutão*, como roubou a *Orpheo* a sua bella esposa... Um canta de *Julio Cesar*, como passou sósinho o

mar, sem implorar nosso Senhor, porque não conhecia o medo... » [1] As tradições troyanas eram conhecidas no seculo III por Æliano, por Macelas no seculo IX, por Constantino Prophyrogeneta, no seculo X, por Suidas no seculo XI, Isac Prophyrogeneta, Constantino Manasses, João e Isac Tzetzes, no seculo XIII; é portanto explicavel como pela tradição escholar veiu esta corrente a encontrar-se com a popular occidental. O pedantismo escholar fez com que as relações poeticas da ruina de Troya se tornassem factos historicos. Tal é o caracter com que apparecem no *Nobiliario* do conde Dom Pedro: « O primeyro rrey que pobrou a Troya ouue nome Dardanus, e per esto as gentes da terra forom chamados dardanides. Esto foy no tempo d'Abraham, quando sayo das çidades dos caldeus. Depois de Dardanus ouue hi outro rrey que ouve nome Ylyus: aquelle fez o castello de Troya. E per este rrey Ilius ouue o castello nome Ylom. E depois do rrey Ilius, rreynou Leomedon. Este Leomedon, per a maa colhença que fez a Jasom neto de Peltus, quando vençeo Tarsom, do ouro que era na Ilha de Calcus. E por esta rrazom quando se tornou Jasom, rrogou seus amigos e parentes. E veerom com grande oste sobre a Troya, e cercoua e tomoua, e matou rrey Leomedon, e tomou huma sa filha que avia nome Esiona, levoua cativa e foy a cidade destroyda. Este rrey Leomedom avia huum filho que avia nome Priamo, e era ido com grande hoste sobre seus emiigos, e non foy no destroimento da çidade. E quando tornou achou seu padre morto e a çidade destroida, e pobroua outra vez. E çercoua outra vez darredor de boom muro e fezea a mais forte que pode pera se deffemder de seus emiigos. — Este rrey Priamo ouue cinquo filhos de ssa mulher, que forom muy boons cavalleiros, hum ouve nome Eytor, e outro Paris, e o Terçeiro Troillos, e o quarto Deifebus, e o quinto Elenus. E consselhousse rrey Priamo com seus filhos e seus amigos, e enviou Paris seu filho á Greçia por clamar o torto que lhe aviam feito os rreys, de Leomedom e de seu padre que lhe matarom e de saa irmãa Esiona, que tinham cativa. E Paris foy á Greçia, e levou XII naaos e duzentos cavalleiros e grandes gentes de pee e asy veo a Greçia. E emtom avia

[1] Ap. Joly, *Benoit de Sainte More*, t. I, p. 6.

peruemtuira que era hi ajuntada toda a gente da terra a huuma festa que hi faziam. E era hi Elena a molher de rrey Menelaos irmãa de Gamenon, que era a mais fremosa dona de toda a terra. Paris quebramtou todo o templo e destroyu toda a gente que hi era e cativou os que quiserom. E filhou a rainha Elena e levoua aa Troya para ssa molher. E per esta rrazom moueromsse todas as gentes das terras, e veerom sobre Troya e teveroma çercada dez annos. E ouve hi grandes fazendas e mortas grandes cavallarias *assy como falla na ssa estoria*. E a cabo de dez annos foy presa a çidade per gram arte, e per gramde e engano, de treiçom que hi ouve feita. E todos os que ouve na cidade forom mortos, e a çidade foy destroyda, e queimada. — Avia hi huum ricomem em a çidade que avia nome Eneas e avia per molher a filha del rrey Priamo, que avia nome Aquilea. E prendeu esta molher em a prisom da çidade. Este Eneas escapou do destroimento da çidade de Troya. E ouue trezentos cavalleiros e noue naaos e meteosse no mar e trabalhou hi muito tanto que chegou a Cartago. E avia hi huuma rainha que avia nome Dido. E rreçebeo muy bem e amouo muito e deulhe seu corpo em poder e foy senhor de ssa terra. E a cabo de tempo partiosse Eneas della a furto, assy que ella nom o soube e leixoua. E depois que ella o soube de pesar que ouve matousse com huuma espada que Eneas lhe avia dado. — Eneas aportou em Italia, honde ora he Roma... » [1] Por estes trechos do *Nobiliario* vê-se que tinhamos já no seculo XIV conhecimento da *Eneida* de Virgilio; as lendas da origem de Troya e dos seus desastres são tomadas do *Roman de Troye* de Benoit de Sainte More. Na Bibliotheca do rei D. Duarte guardava-se este poema com o titulo *Historia de Troya* por *aragoez;* é crivel que fosse a traducção catalan de Jachme Coresa feita em 1367, e mesmo porque Dom Duarte era casado com uma princeza de Aragão.

Os eruditos do seculo XIV explicavam a antiguidade classica identificando-a com a sociedade feudal: Troya era um *castello;* os filhos do Priamo foram *boons cavalleiros,* Helena era uma *fremosa dona,* Eneas era um *ricomem.* Ao elaborarem os docu-

[1] *Mon. hist.*, Scriptores, fasc. II, p. 236.

mentos historicos das novas nacionalidades, buscavam em Troya as suas origens; para a França, os chronistas Fredegario, Roricon, Paul Warnefried consideravam os Frankos de origem troyana, e em um documento de Dagoberto se diz: «*Ex nobilissimo et antiquo* Trojanorum *riliquiarum sanguine nati.*» [1] Em uma Carta de Eduardo III ao papa, mostrando a superioridade da Inglaterra sobre a Escossia, allega as suas origens troyanas. [2] Um bairro de Veneza dava-se como povoado pelos foragidos de Troya; e até no *Edda* de Snörre, confundem-se as origens scandinavas com as lendas troyanas. Segundo Marianna, na *Historia de Hespanha,* Ulysses veiu á peninsula; [3] e Frei Bernardo de Brito adopta as ficções do dominicano *Anio de Viterbo,* que considerava como de origem troyana todas as nacionalidades, tradição erudita que inspirou os nossos poetas quinhentistas, especialmente Camões:

Ulysses é o que fez a santa casa
Á deusa que lhe dá lingua facunda,
Que se lá na Asia *Troya* insigne abrasa,
Cá na Europa *Lisboa ingente funda.* [4]

Os estudos humanistas da Renascença determinando a negação da Edade media e das tradições nacionaes, conduziram a essa outra ficção politica da *Monarchia universal,* e da futura grandeza que Roma edificára sobre a lenda troyana (*Eneida,* III, 97) e que os outros estados da Europa moderna acceitaram impressionados pelos mesmos elementos poeticos.

2. As traducções latinas: Livraria d'Alcobaça. — Junto das Collegiadas existiram Escholas destinadas ao ensino ecclesiastico; eram regidas pelo *Cabiscol* (caput scholæ) e frequentavam-na os *Mouzinhos* ou *Mozinhos,* (os Mocinhos) para os quaes o bispo D. Paterno fundou em 1086 em Coimbra, junto á sé um Collegio. O Abbade de Alcobaça fundára em 1269 no mosteiro de Santa

[1] Ap. Du Méril, *Poésies populaires latines,* p. 36. — [2] Joly, *Benoit de Sainte More,* t. I, p. 540. — [3] Op. cit., liv. I, cap. 12. — [4] *Lusiadas,* canto VIII, est. 5.

Maria os estudos da *Grammatica, Logica, Theologia,* não só para os monges como para todos os que quizessem frequental-os. No hospital de Sam Paulo, por 1266, o bispo D. Domingos Jardo admitte ao estudo seis escholares de *latim, grego, theologia* e *canones*. Porém a corrente dominante attrahia os espiritos para as Escholas geraes ou leigas, e os estudos em vez de um fim ecclesiastico faziam-se com um fim humanista. O clerigo deixou de ser o unico homem instruido, e os proprios bispos chegaram a ser por vezes analphabetos: « O bispo do Porto, Dom Pedro Affonso affirma do seu predecessor Dom João Gomes, do reinado de Dom Diniz o seguinte: *erat bonus homo, et sine aliqua malicia,* sed jura aliqua non audiverat, immo nec et gramaticalis, *quod est plus.* » [1] A fundação e desenvolvimento da Universidade de Lisboa, obedecia a esta transformação da sociedade europêa em que o poder civil tornava subalterno o ecclesiastico. O desconhecimento da lingua latina crescia com os progressos da lingua vulgar, e era preciso fazer traducções para a lingua portugueza para os *clerigos minguados de sciencia.* A Bibliotheca de Alcobaça, da qual uma grande parte se guarda no Archivo nacional e Bibliotheca publica de Lisboa, é riquissima de traducções na lingua portugueza do seculo XIV. Frei Fortunato de Sam Boaventura publicou apenas a traducção dos *Autos dos Apostolos,* os *Dez mandamentos, Fragmentos da Regra de Sam Bento* e as *Historias d'abreviado Testamento Velho, segundo o meestre das historias scolasticas e segundo outros que as abreviarom, e com dezeres d'alguns doctores e sabedores.* [1] Segundo o Catalogo da Bibliotheca de Alcobaça, alli se guardava sob n.º 37 a traducção dos *Dialogos de Sam Gregorio.* Sob o n.º 244 existe o codice com o *Virgeu de Consolação,* o *Tractado das Meditações e pensamentos de Sam Bernardo,* e de folhas 90 a 104 a celebre lenda da *Visão de Tundal.* O codice n.º 266 traz a *Vida do Iffante Josaphat, Vida de Eufrosina, Vida de Santa Maria egipcia, Vida de Tarsis, Vida de Santo Alexo Confessor, Vida de hua muy santa Mõja,* os *Dez mandamentos da ley de Moysés despostos*

[1] J. P. Ribeiro, *Reflex. hist.*, t. I, p. 45. — [2] *Collecção de Ineditos portuguezes do seculo XIV.* Coimbra, 1829. 3.º vol.

per os doctores da Santa Egreja, Morte do bem aventurado Sam Jeronymo, Hua devota contemplação de Sanct Bernardo, e a que fez Bernardo segundo as seis oras canonicas do dia; o *Conto de Amaro, Tungulo, Da hora da morte, Da luxuria, Da castidade, Do Dia de juizo, Do inferno, O* Quicumque vult *per linguagem.* O codice 273 contém o livro mystico intitulado *Orto do Sposo,* que tambem figura na Livraria do rei Dom Duarte; o codice 276 contém o *Livro ascetico intitulado Castello perigoso;* o n.º 291 contém a *Vida de S. Bernardo,* traduzida por Frei Francisco de Melgaço, e o *Espelho de Monges* composto pelo mesmo. Estas e muitas outras traducções são preciosissimos documentos para a historia da lingua portugueza; por ellas se conhece como o trabalho das traducções do latim actuou sobre o vocabulario e a syntaxe portugueza, á custa dos elementos populares que ficaram obliterados. O prurido das traducções continuou-se no seculo XV. Entre estas lendas mysticas e agiologicas algumas foram populares na Edade media, e influiram nas grandes creações da litteratura moderna.

a) *A visão de Tundal.* — Em dois manuscriptos da Bibliotheca de Alcobaça se acha a versão portugueza d'esta lenda medieval da descida aos infernos, a qual não deixou de influir na concepção de Dante. No codice n.º 244, hoje na Bibliotheca publica de Lisboa, de folhas 90 a 104 verso, vem a *Estoria d'hum cavaleyro a que chamavã Tungulu, ao qual forom mostradas visibilmente e nõ per outra revelaçõ todas as penas do inferno e do purgatorio. E outrosi todos os beẽs e glorias que ha no santo parayso, andante sempre hu angeo cõ el. Esto lhe foy demostrado por tal que se ouvesse de correger e emendar dos seus peccados e de suas maldades.* No ms. n.º 266 de Alcobaça, hoje no Archivo nacional, vem a fl. 124 a 137 uma outra traducção sob o titulo de *Tungullo.* Em outros mosteiros da peninsula era frequente encontrar-se a versão d'esta lenda, que se transformou em um fecundo thema litterario, [1] amplamente estudado por Mussafia. [2]

[1] Befarrul encontrou em uma Miscellanea ascetica de Sam Cucufate del Valles, a *Vida del caballero Tutglate, de la provincia llamada Irbenia;* letra do seculo XIV. — [2] *Sulla visione di Tundalo,* de pag. 157 a 206 do Sitzungsbericht der kais. Akad. der Wissench. Wienn, 1871.

Attribue-se a primeira versão portugueza a Frei Hilario da Lourinhã, e a segunda a Frei Hermenegildo de Payopelle.

b) *Barlaam e Josaphat.* — Acha-se no codice 266, hoje depositado no Archivo nacional; tem quarenta e tres folhas de texto, com o tilulo *Vida angelica do infante Josaphat, filho de Avenir, rei indiano,* tendo o nome do traductor Frei Hylario da Lourinhã escripto no seculo passado. É a celebre lenda budhica extrahida do *Latita Vistara,* como o prova Max-Muller, [1] e que se attribuiu a S. João Damasceno; pertence ao monge João de Damasco, anterior a Mahomet, a sua vulgarisação em grego, e a Surio em latim. Os Bollandistas acceitaram esta vida tradicional de Budha nas *Acta Sanctorum* a 27 de novembro. O traductor portuguez termina com a seguinte declaração: « Ora diz Johã de maçeno, que esta estorya screpveo em linguagem grego: Eu escrepvi este sermõ ssegundo meu poder, assy como apprendy de mui honrrados e verdadeyros barõoees que m'o assy cõtarõ. E des que vyra que este recontamento sserya a proveyto das almas de nos houtros que o leemos e ouvimos ẽ tal guisa que mereçemos seer cõtados ẽ a parte dos santos Barlaão e Josaphat bem aventurados amigos de nosso senhor. No qual he gloria e honrra e pera todo o sempre.» Nas guardas d'este manuscripto lê-se a seguinte quadra:

Alembra-te homem que es cinza,
e nã andaràs en vaydade,
por que a isto veeste ca
e nom a passar tempo em balde.

c) *Orto do Sposo.* — O merito d'este livro mystico, além da sua redacção em velho portuguez, consiste em um grande numero de *Exemplos* ou pequenos contos intercalados no meio das reflexões e divagações moraes. [2]

d) *Traducções do Velho Testamento.* — Frei Fortunato de

[1] *Essais de Mythologie comparée,* p. 451 a 467. — [2] Acham-se em grande parte publicados no vol. II dos *Contos tradicionaes do povo portuguez,* p. 38 a 60.

Sam Boaventura dá conta d'este texto da *Historia do antigo Testamento* « que pelo menos em o seculo XIV foi trasladado do latim de Pedro Comestor (o *Pietro Mangiadore,* de que falla Dante) e que sendo tecida pela maior parte das palavras formaes do texto sagrado e na parte da historia que falta n'este, seguindo litteralmente a Flavio Josepho, deverá ser tida em tanto maior preço, quanto é certo que o traductor portuguez cortou absolutamente o que na obra de Pedro Comestor ou cheira demasiadamente a *escholasticismo,* ou foi bebido em fontes menos puras e fabulosas. » Na Bibliotheca dos Bispos de Lamego existia uma outra copia d'esta antiquissima traducção do Velho Testamento, a qual « pertencera a Francisco de Sá de Miranda, » [1] que provavelmente a entregou quando por occasião da Reforma foi prohibido lêr a Biblia em lingua vulgar. O valor litterario d'esta traducção é enorme para o estudo comparativo das transformações da lingua portugueza, com outras do seculo XV como os *Actos dos Apostolos,* do seculo XVII pelo Padre João Ferreira d'Almeida, e do seculo XVIII pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo.

3.º **O poder real protege o humanismo.** — A sociedade civil no seculo XIV, estabelecia pela acção dos jurisconsultos e do proletariado, apoiados no poder temporal da realeza, as condições da sua secularisação e independencia. Tal é o sentido da divisa: *As Universidades servem para ensinar,* em contraposição ao ensino clerical das Collegiadas: as *Jurandas servem para edificar,* em que a classe obreira se fortificava com o espirito e a disciplina da associação; e na ordem politica, *os Estados servem para governar,* por onde a vontade popular se contrabalançava com a prepotencia senhorial em um accordo d'onde resultou o principio supremo da soberania nacional formulado pelos jurisconsultos. Foi á sombra d'esta corrente de reorganisação que o poder real procurou estabelecer-se como independente, submettendo á lei escripta, e á unidade de um codigo, estabelecimento ou ordenação a arbitrariedade dos barões. Para isto tratou de dar existencia poli-

[1] *Ineditos de Alcobaça,* t. II, p. VIII.

tica ao servo, concedendo-lhe cartas communaes, *pueblas* ou foraes em que fixava o seu costume ou direito consuetudinario, contribuindo assim para a elevação de um *terceiro estado* que oppôz ao clerical e aristocratico. Pela protecção aos estudos humanistas, atacou o poder espiritual da Egreja que se impunha pelo ensino das Collegiadas, o unico que existia então na Europa; e fazendo renascer o ensino e uso do direito romano, em que estava bem definida a esphera dos *direitos reaes,* atacou a classe senhorial, avocando a si o direito de levantar hoste, de bater moeda, de ter justiças proprias, e o privilegio de conferir nobreza. A fundação de uma Universidade e a formação dos Nobiliarios ou Livros de Linhagens são dois factos capitaes, que nos relacionam com a marcha da civilisação europêa n'esta phase da renascença.

a) *Fundação da Universidade.* — A cultura greco-romana, que a Egreja renegára, appareceu no Occidente nas escholas arabes; em 529, Justiniano mandára fechar as escholas philosophicas, e Damascio, Simplicio, Eulamios, Prisciano, Isidoro de Gaza, Hermias e Diogenes de Phenicia, refugiaram-se na côrte dos Sassanides. Tal foi o ponto de partida da communicação das sciencias da Grecia aos Arabes, por via dos quaes foram conhecidas as obras mathematicas de Euclides, o *Almagesto* de Ptolomeu, as obras medicas de Hippocrates, o *Organum* de Aristoteles, o *Phedon,* o *Cratylo* e as *Leis* de Platão. Ampère considera esta influencia das escholas arabes como a primeira Renascença. Os que frequentavam as escholas arabes eram procurados individualmente, e em volta da sua *cathedra* em um logar isolado agrupavam os espiritos sequiosos de saber. A organisação das Universidades foi o reconhecimento d'este novo objecto de ensino, de que tanto a Egreja como a Realeza trataram de se apoderar; e a influencia e conflicto do poder papal e real, transparece nos dois titulos de *Universidade* e *Estudo geral,* na intervenção dos bispos nos gráos doutoraes ou na mudança das aulas para onde residia a côrte. Ampère chamou a este periodo da creação das Universidades no seculo XIII a segunda Renascença. Os reis creavam Universidades para centralisarem o ensino, evitando assim que os estudiosos fossem frequentar as universidades estrangeiras, de Bolonha ou Paris. Quando o rei Dom Diniz fundou em 1291 a Universidade

de Lisboa, já muitos portuguezes se haviam distinguido nas universidades italianas. A Universidade de Lisboa foi dotada pelos Abbades de Alcobaça, de Sam Bento, e do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. Lê-se na bulla do Papa Nicolau IV: «Com effeito chegaram a nossos ouvidos que por esforços do nosso carissimo filho em Christo, Diniz, illustre rei de Portugal, se implantaram de novo, não sem muita e louvavel previsão na cidade de Lisboa estudos de certa faculdade permittida, a cujos mestres, a fim de que pudessem dedicar-se exclusivamente aos estudos e sciencias, se diz ter sido promettido e estipendiado certo salario por alguns Prelados, Abbades da Ordem de Cister e Priores das Ordens de Santo Agostinho e de Sam Bento, e Reitores de certas egrejas seculares dos reinos de Portugal e Algarves.» A protecção de Nicoláo IV limitava-se a conceder aos lentes e escholares o privilegio do fôro ecclesiastico; os gráos ficavam sujeitos á confirmação do Bispo de Lisboa: «que os Escholares nas *Artes*, e nos *Direitos canonico* e *civil* e na *Medicina*, os quaes seus mestres julgarem idoneos, possam ser licenciados na sobredita sciencia pelo Bispo de Lisboa que n'esse tempo o fôr, e quando estiver sede vacante por meio do vigario capitular.» As differenças de fôro e os privilegios escholares produziram dissenções com os moradores de Lisboa, tendo o rei Dom Diniz de transferir a Universidade para Coimbra em 1307. [1] Os primeiros estatutos foram dados por D. Diniz em 1309, tendo de serem refundidos em 1347. As duas ordens rivaes Dominicanos e Franciscanos ficaram com o encargo do ensino das Decretaes, Leis, Medicina, Dialectica, Grammatica e Theologia. [2] Por carta de 16 de agosto de 1338 foi outra vez trasladada a Universidade de Coimbra para Lisboa, pelo fundamento da «*assistencia que n'esta cidade fazia Elrei a maior parte do anno.*» [3] Por 1367 a Universidade apparece outra vez collocada em Coimbra, sendo mudada em 1373 para Lisboa «por causa dos Lentes estrangeiros quererem residir

[1] Já em 1345 (anno de 1307) se achava a Universidade transferida para Coimbra. (J. P. Ribeiro, *Diss. Chr.*, t. II, p. 234.) — [2] *Mon. Lusit.*, P. V, liv. 16, cap. 57, 72 e 73; P. VI, liv. 18, cap. 28. — [3] Na *Historia da Pedagogia em Portugal*. (Rev. de Estudos livres, t. II, p. 160.)

em Lisboa.» Só no reinado de Dom João I, quando a côrte teve fixidez, é que em 1384 quiz este monarcha fosse *para sempre* collocada em Lisboa, sendo estabelecida «á porta de Santo André — da parte de fora contra o arravalde dos mouros.»

A organisação do ensino era baseada n'essa tradição escholar de *Trivium* e *Quadrivium*. O estudo do direito fazia-se nas duas escholas antagonistas dos *decretalistas*, que batalhavam pelo direito theocratico, e os *civilistas* ou bartholistas, que impunham o poder collectivo da sociedade; a esta eschola pertenceu João das Regras, e os chamados mais tarde *reinicolas*. A tradição arabe tambem imprimiu a sua feição no ensino, e Aristoteles foi tomado como a maior auctoridade philosophica. Logo no principio do *Nobiliario* do Conde D. Pedro se lê: «Esto diz *Aristotilles*, que sse os homeens ouvessem antre si amisade verdadeira nom averiam mester rreys nem justiças, cá amisade os faria viver seguramente en o serviço de Deus.» [1] Reinava então a eschola averroista em Portugal, e em Lisboa estava preso um Frei Thomaz Scot, pela heresia attribuida a Averroes, de terem havido no mundo *tres Impostores*, sobre que se imaginou um livro.

Dante, no *Paraiso* cita um philosopho portuguez, celebre em toda a Europa: «*Pietro Hispano*, Lo qual giù luce in dodici libelli.» É o author das *Summulas logicales*, que se converteram no resumo da logica aristotelica abraçada por todas as escholas da Edade media: «é a elle que pertence sem duvida o engenhoso quadro das diversas especies de argumentos, reproduzido frequentemente d'ali em diante.» [2] Antes de ser pontifice sob o nome de João XXI, Pedro Hispano (Julião) ensinou em varias universidades de Italia, e distinguiu-se por um outro livro não menos afamado, o *Thesaurus pauperum*, em que continúa as doutrinas da Eschola de Salerno; pelo caracter da epoca se define a influencia do seu aristotelismo na medicina: «Póde-se acreditar, que no seculo XIII o ensino medico se torna menos individual, experimentando algumas mudanças na sua forma pela influencia da philosophia scholastica ou aristotelica; mas por pouco que se seja

[1] *Mon. hist.*, Scriptores, I, p. 230. — [2] Kaebler, ap. Tennemann, *Hist. da Philosophia*.

versado nas obras medicas mais antigas do que a Scholastica, nota-se ali um methodo dialectico e uma linguagem que excede ou vae alem dos philosophos; o tom deriva-se mui directamente de Galeno, tão aristotelico nas suas formas.» [1] Quando os Jesuitas impuzeram o ensino aristotelico-alexandrista, foi condemnado tudo quanto derivava dos Arabes, e o *Thesaurus pauperum* ficou incluido no Index expurgatorio de 1624. O ensino das linguas orientaes, o hebreu e o arabe apparece tambem na Universidade, e não deixou de influir já nas traducções da Biblia, já na vulgarisação dos contos das collecções arabes.

b) *Nobiliarios.* — A actividade litteraria manifesta-se no seculo XIV na fórma de Livros de Linhagens, correspondendo a uma necessidade social. Os monumentos conhecidos são: o *Livro Velho,* publicado pela primeira vez por D. Antonio Caetano de Sousa [2]; um *Fragmento do Nobiliario,* que andava junto ao Cancioneiro da Ajuda, e finalmente o chamado *Nobiliario do Conde Dom Pedro,* que se guarda na Torre do Tombo. O bastardo de Dom Diniz justifica o seu trabalho com rasões especiosas: «Por saberem os homens fidalgos de qual linhagem vem, e de quaes coutos, honras, mosteiros e egrejas som naturaes, e por saberem como som parentes, fazemos escrever este livro verdadeiramente dos linhagens d'aquelles que som naturaes e moradores no reino de Portugal extremamente.» «Porém eu, Dom Pedro, filho do muy nobre rey Dom Deniz, ouve catar por gram trabalho por muitas terras escripturas que fallavam dos linhagens. E veendo as escripturas com grande estudo e em como fallavam d'outros grandes feitos compuje este liuro por gaanhar o seu amor e por meter amor e amisade antre os nobres fidalgos de Hespanha...» O compilador continúa a allegar rasões, mas é certo que o Nobiliario foi organisado para servir o poder real. O facto intimo e vital do seculo XIV, que promovia estes cadastros da nobreza, o mesmo seculo não o podia conhecer; repetiu-se nos diversos estados da Europa. A começar do cadastro heraldico, só poderia existir *nobreza por foro de elrei.* Nas *Leis de Partidas,*

[1] Ch. Daremberg, *Hist. des Sciences médicales,* t. I, p. 282. — [2] *Provas,* da Hist. geneal., t. I, p. 145.

que foram traduzidas em portuguez, se impõe aos fidalgos: « que escrivian seus nomes, e el linage onde venian e los logares onde eran naturales en el Libro que estavan escriptos todos los nomes de los otros cavalleros. » [1] Em uma lei portugueza, encorporada na Ordenação affonsina vem: « nenhum homem dos concilios de mha terra nom podem ser cavalleiros se não per mim, ou per meu mandado. » [2] Comprehendido o valor do documento historico, vejamos o seu caracter litterario.

Por entre as listas fatigantes de nomes dos Nobiliarios, apparecem de longe em longe as tradições maravilhosas da origem dos solares, como da casa de Haro, ou dos Marinhos; as grandes prepotencias da arbitrariedade feudal, como os incendios dos castellos, o rapto e violencia das mulheres, a cegueira infligida por vindicta pessoal, e a herança do crime ou a guerra privada entre as familias. Ali apparecem os velhos symbolos germanicos imitados pela sociedade neo-gothica, como o fazer *burrella,* e o montar n'um burro com a cara para traz, ou coser dentro de uma pelle de urso. Avultam os factos historicos, como as referencias á *Lide do Porto,* em que os partidarios do principe Dom Affonso e os de Dom Sancho II foram ás armas, e o rapto da mulher do monarcha de sua propria cama. Os varios appellidos das familias accusam feitos grotescos, e ha epithetos de *trobador, o que foy trobador e muy saboroso,* ou *que trobou bem,* dados a fidalgos, revelando-nos assim que o proprio livro pertence já a uma epoca litteraria de que elle é um monumento.

c) *Organisação das Chronicas em prosa.* — Escreve Sarmiento nas *Memorias para la Historia de la Poesia española:* « Este siglo decimo quarto, que con razon se poderá llamar el siglo de las Cronicas verdaderas, se poderá llamar tambien de las Cronicas fingidas. » [3] Das Chronicas phantasiosas, pertence-nos o typo capital, que seria tanto mais bello se elle se conservasse na sua fórma primitiva, isto é, a redacção portugueza de *Amadiz de Gaula.* Das Chronicas historicas são muitos os documentos que

[1] Partida II, tit. 21, liv. 22. — [2] Ord. aff., liv. I, tit. 63. — [3] *Op. cit.*, p. 330.

restam, não fallando dos registos latinos em fórma de *Dietarios* e *Obituarios*, que se usavam nos claustros.

A) *Chronica breve do Archivo nacional.* — Escripta em lingua vulgar, e por auctor anonymo, esta chronica appareceu intercalada nas *Inquirições* de Dom Affonso III. (Liv. IV, fl. 6 v.) Começa desde a fundação da monarchia até ao reinado de Dom Diniz. O intuito com que foi escripta é o mesmo dos Nobiliarios: « A qual rrenembrança serue a proll porque muytas vezes mostram perante el rey nosso senhor e perante os seus juizes algumas doações dos direitos e cousas da corôa dos Regnos, fazendo taaes cartas de doações e escripturas mençon que forom outorgadas per huu Rey o quall segundo a dada d'essa escriptura já era finado: E para tirar estas duvidas aproveitam muyto estas éras. » A chronica é secca e descarnada, e só « faz mençom quando cada huum Rey começou de regnar, e quando se finou e onde jaz sepultado. » Segundo Herculano é a Chronica em lingua vulgar mais antiga que temos. [1]

B) *Chronica geral de Espanha, ou Estorea geral.* — Esta obra escripta e mandada organisar por Affonso o Sabio, e conhecida segundo Mondéjar nos manuscriptos pelo titulo de *Estoria geral*, foi mandada traduzir para a lingua portugueza por seu neto o rei Dom Diniz. Com certeza influiu no desenvolvimento da fórma historica em Portugal. Na Bibliotheca do rei Dom Duarte encontrava-se a *Chronica geral*, e a *Estorea geral*. Fernão d'Oliveira falla d'este monumento: « As dicções velhas são as que foram usadas, mas agora são esquecidas, como... *rudo*, que diz cidadão, segundo eu julguei em um livro antigo, o qual foi trasladado em tempo do mui esforçado rei Dom João de boa memorea, o primeiro d'este nome em Portugal: por seu mandado foi o livro que digo escripto, e está no moesteiro de Peralonga e chama-se *Estorea geral*, no qual achei estas com outras antiguidades de fallar... » [2] Na Bibliotheca nacional de Paris conserva-se um manuscripto portuguez com o titulo « *Historia geral de Hespanha*, composta em castelhano por elrei de Leão e Castella, Dom Affon-

[1] *Mon. hist.*, Scriptores, p. 22. — [2] *Grammatica*, p. 80.

so o Sabio, *trasladada em portuguez* por o rei Dom Diniz ou por seu mandado. » Existe uma copia na Academia das Sciencias, e foi começada a imprimir em Coimbra. [1] Nas Chronicas breves e Memorias avulsas de Santa Cruz de Coimbra cita-se a *Chronica de spanha.* [2] Na livraria do Marquez de Castello Melhor, existia este codice com o titulo « *Cronica d'espanha* que el rey D. Affonso compoz dello o tempo de Noe ataa o tempo deste rey Dom Affonso. » A arte da illuminura embellezou extraordinariamente estas copias. Litterariamente exerceram uma influencia salutar sobre o genio historico portuguez, porque veiu mais tarde revelar a Fernão Lopes como a vida moral da historia está implicita nas tradições.

c) *As Lendas religiosas — Vida da rainha Santa Isabel.* — As narrações tradicionaes da Edade media, que recebiam a fórma escripta para serem lidas, foram chamadas *Lendas,* designação que o povo transformou em *Loenda.* Este genero era o ponto em que o povo collaborava com o *clericus* na fórma historica, como com o *troveiro* na fórma epica. O *Amadiz de Gaula,* antes de ser o cavalleiro typo da fidelidade foi o santo da legenda latina; muitas canções de gesta tiveram esta mesma origem tradicional: a Gesta de *Aiol* derivou-se da lenda de Santo Agiulpho; [3] o santo abbade de Lerins, do seculo XII, torna-se na gesta um strenuo cavalleiro que defende o imperador Luiz, filho de Carlos Magno da revolta dos seus Barões, e se retira para o claustro onde expira em santidade; *Guillaume au Court nez,* cujas façanhas são celebradas em dezoito Gestas, deriva o typo de Saint Guillaume de Gellone, da lenda do seculo IX, colligida pelos Bollandistas; [4] a Gesta de *Miles et Amiles,* tem por base uma lenda agiographica. [5] Na Novella do Amadiz se explica a sua relação com a lenda religiosa: « Este es *Amadis*... y este nombre era ali muy preciado, porque *assi se llamaba un Santo* à quien la

[1] Era editor o Dr. Nunes de Carvalho; chegou a p. 192. — [2] *Mon. hist.*, Scriptores, p. 25, col. 1. — [3] *Acta Sanctorum,* t. I, p. 728, 763. [4] Ibid., t. VI, p. 809. — [5] Léon Gautier, *Les Epopées françaises,* t. I, p. 89.

doncella lo encommendó. » Na Historia Litteraria de França, lê-se: « Outras vidas de Santos em verso provençal, parecem remontar ao seculo XI, como a de *Santo Amandio*, bispo de Rodez... » [1] Em um catalogo de uma Livraria do seculo XIII, vem: « Milo unus, cum *S^cti Amandi vita metrice composita.* » [2] Na collecção dos Bollandistas, vem a acta de *Sanctus Amandius Gallesinus.* [3]

Nas lendas de Santa Isabel syncretisaram-se elementos conhecidos nas tradições medievaes, como o pagem que escapa á vingança do rei. Nas versões oraes só existe um romance sobre Santa Isabel, colhido em Extremoz. A *Vida de Santa Isabel*, apparece pela primeira vez apontada no testamento do Infante Dom Fernando feito antes da partida para Tanger: « Iten, o *Livro da Rainha Dona Ilizabeth.* » [4] Este livro veiu parar ao convento de Santa Clara, de Coimbra, d'onde o copiou Frei Francisco Brandão, incluindo-o na Parte IV da *Monarchia lusitana.* Crê que foi escripto depois de 1374.

D) *Relação da batalha do Salado.* — No Fragmento de Nobiliario que anda junto ao Cancioneiro da Ajuda encontra-se uma extensa relação d'esta batalha, que assegurou a estabilidade das monarchias christãs da Hespanha. É a pagina mais perfeita a que chegou a litteratura portugueza do seculo XIV. O linhagista bem conhece que ás series genealogicas não pertence essa divagação historica, mas a impressão da realidade obriga-o a uma narrativa dramatica. Vê-se que o facto não podia escapar á idealisação poetica, como vimos pelos fragmentos do Poema de Affonso Giraldes.

E) *Chronica da Conquista do Algarve.* — Escreve Frei Joaquim de Santo Agostinho: « Em Agosto do anno de 1788, descobri na Camara da cidade de Tavira, no reino do Algarve, uma pequena Chronica da conquista do mesmo reino, que julguei de algum interesse. Nos tomos velhos da mesma Camara vem lançadas no I, que por sua muita antiguidade não tem principio nem

[1] Op. cit., t. XXII, p. 240. — [2] Bull. de l'Academie de Bruxelles, (1843) t. II, p. 591. — [3] Em Fevereiro, p. 816. — [4] Ap. Soares da Silva, *Mem. de D. João I*, t. IV, p. 150.

fim, desde pag. 207 até 213, por trez laudas completas de folio grande.» [1] Aquelle que escreveu essa Chronica não estava tão remoto do successo, que ainda no seu tempo se não vissem as ossadas no sitio das Antas: «e quando chegou ás antas e vio os cavalleiros mortos começou com os moros muy dura peleya, e morreu tanta gente d'elles que *ainda hoje em dia jàz alli a ossada d'elles...*» [2] É pela erudição historica que termina esta primeira epoca da litteratura portugueza, em que tomámos dignamente parte na Renascença do seculo XIII da Europa, antes de actuarmos directamente na marcha da humanidade pelas descobertas maritimas.

[1] *Mem. de Litt. da Academia*, t. I. — [2] *Mon. hist.*, Scriptores, p. 418.

SEGUNDA EPOCA

(SECULO XV)

OS POETAS PALACIANOS

§. I — **Elaboração do Lyrismo provençal pelo genio italiano:**

1.º Tentativa de uma renascença da Poesia gallega.
2.º Influencia aragoneza — O Condestavel de Portugal. — Costumes palacianos, e ultimos vestigios da tradição provençal.
3.º Imitação directa da Poesia castelhana: O Infante Dom Pedro em relação com João de Mena.
a) As obras do Arcipreste de Hita — Traducções de Hernam Peres de Gusman — O Marquez de Santillana — Poetas portuguezes em Castella.
b) Formação do *Cancioneiro geral*, de Garcia de Resende.
c) Descripção dos Cancioneiros portuguezes do seculo XV.

§. II — **As Novellas da Tavola Redonda em Portugal:**

a) Referencias nos costumes aristocraticos.
b) *Demanda de Santo Greal — Tristão — Galaaz Baladro de Merlim — Josep ab Arimathia — Historia de Vespasiano.*
c) Tradição das Ilhas encantadas: Viagem de Rozmital.

§. III — **A erudição latinista:**

1.º Estado da lingua portugueza: Fórmas populares e eruditas. — Traducções do latim.
2.º As Bibliothecas do rei Dom Duarte, do Infante Santo e do Condestavel de Portugal. Duplo elemento latinista e medieval.
3.º Desenvolvimento da fórma historica.
a) O Archivo nacional, e a Conversão das Estorias em Caronicas.
b) Os grandes Chronistas do seculo XV. — Ideia de traduzir em latim as Chronicas.
c) Os Humanistas: Philosophos e Moralistas — A Universidade de Lisboa — Jurisprudencia — Estudantes portuguezes na Italia — A Imprensa portugueza e os seus monumentos.

§. IV — **Existencia de um elemento popular:**

a) Cantigas ao Condestavel Nunalvres e a Aljubarrota.
b) Referencias a romances tradicionaes — Formação dos Romanceiros.
c) Autos, Momos e Entremezes.

§. I

Elaboração do lyrismo provençal pelo genio italiano

Nenhuma creação litteraria póde ser comprehendida por si, se a destacarmos do meio em que foi produzida. O meio de todas as concepções estheticas é sempre a sociedade, cujas aspirações e consensus a litteratura exprime. Assim, a Poesia provençal não se comprehende separada das suas origens populares, das relações com as Cruzadas e do apparecimento do terceiro estado. O desenvolvimento da Poesia palaciana seria inexplicavel, se a fun-

dação definitiva do poder monarchico, destruindo o regimen feudal, não reduzisse a aristocracia a uma posição subalterna e inactiva. Depois de atacada a nobreza na independencia do seu fôro, primeiro pela organisação dos *Livros de Linhagens,* e em seguida pela imposição de um Codigo geral, ou *Ordenação do reino;* ferida na sua condição vital, a accumulação da propriedade territorial, pela *Revogabilidade das Doações regias,* pela dependencia das *Confirmações geraes,* ou ainda por essa outra ficção adoptada pelos romanistas, a *Emphyteose,* nem mesmo lhe restava a acção cavalheiresca para sustentar o seu perstigio de classe. Estava acabada a reconquista sobre a occupação mauresca; a descoberta da *polvora* egualara o peão com o mantenedor adestrado na arma branca, e o arbitrio impetuoso do que fazia justiça por suas mãos ficou subordinado a esse outro poder novo e abstracto do *Ministerio publico.* N'esta situação em que se occuparia a Nobreza? Acercou-se do rei, inventou torneios, divisas, brazões, e para encher o tedio palaciano continuou a fazer versos nos serões da côrte. O Coudel-Mór, dando instrucções a seu sobrinho para *tratar o paço,* recommenda-lhe que é bom saber *apupar* e ser *rifador.*

O mesmo phenomeno se repetia em Hespanha, porque ahi se estava passando uma semelhante transformação social; em volta de Dom João II, de Castella, agrupavam-se o Marquez de Villena, o Marquez de Santillana, Juan de Mena, Stuñiga, da mesma fórma que em volta de Dom Affonso V, se acercavam o Coudel-Mór, Fernão da Silveira, Alvaro de Brito e Dom João de Menezes. Separados do povo politica e moralmente, aonde iriam estes fidalgos procurar as suas aspirações? O predominio da erudição greco-romana afastava-os das tradições medievaes, conservadas inconscientemente entre o povo, que n'esta concorrencia social começou a elaborar os seus Romanceiros. Os fidalgos castelhanos interromperam a imitação da poesia provençal, e adoptaram as novas fórmas do lyrismo italiano, cuja superioridade o levou a influenciar em todas as litteraturas da Europa. A poesia italiana, em Dante e nos Fieis de Amor, em Petrarcha sobretudo destacou-se dos modelos provençaes pelo idealismo recebido com a introducção das doutrinas platonicas, que se desenvolveram mais

tarde na Academia florentina dos Medicis. Dante conheceu essas doutrinas em Cicero, Boecio, Ricardo de Sam Victor, Sam Boaventura e Sam Thomaz; e Petrarcha reagiu conscientemente contra o aristotelismo, pelo estudo de Platão, de Santo Agostinho, de Sam Bernardo e pela imitação de Boecio. Esta nova poesia, de um vago subjectivismo, pelas suas origens eruditas, era sympathica aos espiritos superiores que seguiam a corrente humanista do seculo XV. A Hespanha abraçou o lyrismo italiano, com que se renovou; e o Marquez de Santillana querendo dar um titulo condigno ao talento de Micer Imperial, que iniciára a imitação italiana em Hespanha, procura uma designação erudita, que bem caracterisa o seculo: « al qual yo no llamaria *decidor* ó *trovador,* mas *poeta.*» A corrente italiana fez com que a Poesia castelhana prevalecesse sobre as outras litteraturas peninsulares, como a gallega, a aragoneza e a portugueza.

1.º **Tentativa de um renascimento da Poesia gallega.**—Nas luctas entre Pedro Cruel, e seu irmão bastardo Henrique de Trastamara, a Galliza seguiu a justa causa do monarcha vencido; emquanto, porém, duraram estas luctas relaxou-se o poder central, e na Galliza desabrochou um novo esplendor poetico: Villasandino, Macias el Enamorado, Jerena e mais tarde Juan Rodrigues del Padron, tentam reagir contra a poesia de Castella. Quasi todos os documentos d'esta crise litteraria se acham no Cancioneiro de Baena. Macias, pelo perstigio da sua lenda amorosa, egual ás mais bellas tradições da vida dos trovadores provençaes, chega a impressionar os varios poetas palacianos; mas a Galliza tinha perdido para sempre a autonomia politica, e desappareciam-lhe as condições vitaes para crear uma litteratura. Esses poucos genios lyricos da Galliza, levados pelo vigor da nova poesia subjectiva, acabaram por escrever na lingua castelhana.

No reinado de Dom Fernando é que a causa politica da Galliza se perdeu; este monarcha portuguez acobertou as suas pretenções ao throno de Castella com o pretexto de vingar a morte de Pedro Cruel. Muitas cidades da Galliza se declararam pelas pretenções de Dom Fernando, taes como Ciudad Rodrigo, Ledesma, Alcantara, Valencia d'Alcantara, Zamora, Tuy, Coruña,

San Thiago, Lugo, Orense, Padron e Salvaterra. N'esta lucta de ambições, Dom Fernando mostrou menos habilidade do que Henrique de Trastamara, que chegou a invadir Portugal. Incapaz de sustentar-se na lucta, o monarcha portuguez offereceu asylo no seu reino aos fidalgos gallegos que se comprometteram pela sua causa. D'esta emigração resultou a vinda de Vasco Pirés de Camões para Portugal, terceiro avó do grande epico portuguez; vieram entre outras familias, as de que descendem Francisco de Sá de Miranda, e Pedro de Andrade Caminha. Tendo o lyrismo provençal começado pela corrente galleziana, foi ainda d'esse mesmo impulso inicial, que no seculo XVI surgiram os genios que accentuaram a brilhante epoca dos Quinhentistas.

O Marquez de Santillana, na sua *Carta ao Condestavel de Portugal,* depois de indicar os poetas portuguezes do periodo provençal, enumera aquelles que pertencem a esta phase ephemera de renascimento da poesia gallega: «Despues destos venieron *Basco Peres de Camões* e Ferrant Casquacio, é *aquel gran enamorado Macias*...» O nome de Macias tornou-se proverbial entre os poetas palacianos do seculo XV, como se vê nas coplas do Cancioneiro de Resende e ainda em Gil Vicente. Vasco Pires de Camões tendo-se declarado em 1384 pelo partido do rei Dom Fernando, refugiou-se em Portugal, e aqui soffreu novos revezes levantando-se com a Alcaidaria de Alemquer contra o Mestre de Aviz. Pelas innumeras doações que Dom Fernando lhe fizera, se infere que fôra o seu poeta favorito, como Juan de Mena o fôra egualmente de Henrique de Castella. Ainda no começo do seculo XVI, Manoel Machado de Azevedo se referia a este favoritismo, dizendo como se pode «ser mais medrado — Que *Camões* ou Juan de Mena.»

Na Collecção de Baena acham-se varias poesias dirigidas a Vasco Pires de Camões, consultando-o como sabio; as suas composições não apparecem colligidas, e os dois sonetos em lingua gallega que andam nas Lyricas de Luiz de Camões, não podem attribuir-se-lhe, porque só no seculo XVI é que se conheceu em Portugal essa fórma italiana.

2.° **Influencia aragoneza e o Condestavel de Portugal.** —

Quando a poesia provençal decahia em França, em Tolosa procurava-se sustentar o seu perstigio pela organisação em 1323 da *Sobregaya companhia dels sept Trovadores de Tolosa;* pelas suas relações com Barcelona, onde era a côrte habitual dos reis de Aragão, passaram para ali estas instituições trobadorescas, que os reis protegiam, como um meio de resistir contra a preponderancia da poesia castelhana que insensivelmente preparava os espiritos para a unificação politica. Em 1388, o rei de Aragão Dom João I pediu a Carlos VI de França, para que os trovadores tolosanos viessem a Barcelona fundar um consistorio poetico, effectivamente creado em 1390. Sob Fernando o Justo, a eschola trobadoresca teve um novo impulso; o Marquez de Villena chegou a ser director do Consistorio, e todas as composições em dialecto catalão ou valenciano eram estimadas e applaudidas. Pelo mesmo receio da absorpção castelhana, que levava os poetas aragonezes a sustentarem em composições litterarias o individualismo da sua disputada nacionalidade, tambem Portugal depois da batalha de Aljubarrota (1385) se afastava politica e litterariamente de Castella. O rei Dom Duarte casou com D. Leonor filha de Dom Fernando de Antequera, rei de Aragão; para sua mulher escreveu o livro do *Leal Conselheiro,* e na sua livraria existiam um exemplar de Valerio Maximo *em aragoez,* e uma Historia de Troya *por aragoez;* foi tambem a seu filho o infante Dom Fernando, que Martorell dedicou a novella de cavalleria *Tirant il Blanch,* em 1460. O infante Dom Pedro, Duque de Coimbra, casou com D. Isabel, primogenita do ultimo Conde de Urgel, Dom Jayme o desditoso, o qual segundo Balaguer tambem cultivou a gaya sciencia. Foi como principal herdeiro do Conde de Urgel, que Dom Pedro, Condestavel de Portugal, filho do Duque de Coimbra, acceitou a corôa de Aragão, offerecida por uma deputação catalan, em 1464. É este o *rei Dom Pedro,* cujas coplas colligidas no Cancioneiro de Resende foram erradamente attribuidas ao amante de Ignez de Castro. Na litteratura aragoneza existia uma traducção da *Divina Comedia* de Dante por Andres Febrer, de 1428; na livraria do Condestavel de Portugal, n.º 24, guardava-se o volume das poesias de *Francisco Petrarcha* «scrit en vulgar toscha.» E na Carta do Marquez de Santillana ao jo-

ven Condestavel, citavam-se com louvor os poetas aragonezes, como «*grandes officiaes* d'esta arte, como Jorde de Sant Jordi, e Ansias March grande trovador e homem de assás elevado espirito.» O Condestavel conheceu esta poesia aragoneza, que procurava alentar-se entre a revivescencia da tradição provençal e o subjectivismo italiano, e d'ella recebeu o sentimento pessoal expresso pela fórma de allegorias. Os poetas aragonezes não deixaram de cultivar o seu dialecto, mas a poesia castelhana apoderára-se do seu espirito, até que veiu a prevalecer em toda a peninsula. No *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende, abundam as poesias em castelhano, havendo ao mesmo tempo allegorias amorosas de gosto aragonez.

Dom Pedro de Portugal nasceu em 1429, e foi nomeado Condestavel em 1443; aos quinze annos foi commandar uma expedição de dois mil infantes e seiscentos cavallos a Castella, em auxilio de Alvaro de Luna, contra os Infantes de Aragão, em 1445. Foi por esta occasião que o Condestavel de Portugal teve relações litterarias com o Marquez de Santillana, a quem pediu as suas obras poeticas; o Marquez enviou-lh'as para Portugal, com uma Carta em que esboça a traços largos a historia da antiga poesia dos estados peninsulares. O Condestavel começou a escrever em castelhano; mas os seus ocios nos castellos de Elvas e Marvão, no mestrado de Aviz, não duraram, porque pelo infame assassinato de seu pae em Alfarrobeira em 1449, teve de emigrar de Portugal, diante das perseguições promovidas pelo conde de Barcellos. Durante os seus nove annos de desterro, o Condestavel procurou consolação das desgraças da sua familia escrevendo varias composições poeticas, como a *Satyra de felice e infelice vida,* dirigida a sua irmã a rainha Dona Isabel, mulher de Dom Affonso V. Chama a esta composição na carta que serve de dedica- «el primero fructo de mis estudios.» Fôra primeiramente escripta em portuguez, mas durante o desterro traduziu-a para castelhano «mas costreñido de la necessidad que de la voluntad.» Por 1457 ou 1458 pôde o Condestavel regressar a Portugal por permissão de Dom Affonso V; foi ainda de Castella que lhe dedicou as Outavas castelhanas *Del menosprecio é contempto de las cosas formosas del mundo,* as quaes Garcia de Resende ao incluir

no seu Cancioneiro, attribuiu infundadamente ao infante Dom Pedro Duque de Coimbra. Na dedicatoria diz ao monarcha: «que con graçiosos e amigables oios tu leas los mil versos mios acompanados de algunas glosas: los quales yo caminando por deportar é passar tiempo a la feria passada de Medina, em mi viaje hove la introduçion e la invencion dellos feriado...» Evidentemente como o provou Octavio de Toledo, o poema pertence ao Condestavel de Portugal e não a seu pae, que era já morto havia quatro annos, quando foi executado Alvaro de Luna em 1453, a quem alludem as outavas:

Mirad al Maestre si vivió penando
Mirad luego juncto *su acabamiento*.
(Est. 12).

No Catalogo da Bibliotheca do Condestavel, publicado por Andrés Balaguer y Merino, vem sob o n.º 82, um livro «intitulat en la cuberta ab letres dor, *Satira de contento del mundo;* reservat en un stoig de cuyro negre forrat de drap negre.» [1] Estas 125 outavas foram impressas duas vezes no seculo XV, *seis annos* depois que foi achada em Basilea a Arte da impressão, e *nove annos* depois de inventada a formosa Arte, como dizem as rubricas manuscriptas apontadas por Soares da Silva e Hain. O Condestavel acceitando o throno de Aragão, foi guerreado por Fernando, e vencido em Prados del Rey, fallecendo pouco depois em 1469 em Granollers, com trinta e sete annos de Edade. O Catalogo da sua Bibliotheca contém 96 numeros, de volumes de obras classicas, de poemas italianos, francezes, e de moralistas ecclesiasticos. Era indiscutivelmente um dos mais illustres espiritos do seculo XV. [2]

3.º **Influencia directa da Poesia castelhana.** — Sob a regencia do Infante Dom Pedro (1438 a 1448) reataram-se as relações

[1] Dom Pedro El Condestable de Portugal, p. 32. Gerona 1881. (Ainda attribue o poema ao Infante Dom Pedro). — [2] Appareceu ultimamente em Portugal um outro livro inedito do Condestavel de Portugal, dedicado a seu irmão D. Jaime, que foi Cardeal de Santo Eustachio, e Arcebispo de Lisboa.

politicas de Portugal com Castella; elle mesmo cultivava a amisade do poeta mais afamado d'essa côrte, João de Mena, a quem enviava os seus versos. João de Mena alludia ás suas longas viagens (1444 a 1448) que na tradição popular são conhecidas pelo titulo das *Sete partidas do mundo:*

Nunca fué despues ni ante
quyen vyesse los atavios
e secretos de Levante,
sus montes, insoas e ryos,
sus calores y sus frios
como vós, senhor Ifante. [1]

De 1429 a 1445 foi João de Mena o Chronista real de Dom Juan II, de Castella, e a esta posição allude o Infante Dom Pedro, chamando-lhe « *coronysta* abastante, » [2] e João de Mena tambem falla na magistratura soberana do infante: « por serdes byen regido — dios vos fyzo su *regente.* » O Infante era muito dado ás leituras dos moralistas da antiguidade, compilando os sete livros de Seneca, na obra intitulada da *Virtuosa Bemfeituria.* As intrigas do Condes de Barcellos, a quem nomeára Duque de Bragança, do Conde de Ourem e do Arcebispo de Lisboa, provocaram a catastrophe de Alfarrobeira, onde o Infante foi assassinado em 1449; um poeta do Cancioneiro, Luiz de Azevedo, em uma elegia que põe na bocca do illustre principe, diz:

Eu andei por muitas partes
e por muito boas terras,
muita paz e tambem guerras
vi tratar por muitas artes;
Mas aqueste *dia martes*
foi infeliz pera mim;
o meu sangue me deu fim
e rompeu meus estandartes.

A influencia castelhana não se conhece sómente no uso da

[1] *Canc. geral,* t. II, p. 72. (Ed. Stuttgard.) — [2] Ibid. p. 70.

lingua pelos poetas palacianos nem pelas citações frequentes de Mena, Stuñiga Padron e Jorge Manrique; fizeram-se traducções para a lingua portugueza, das quaes subsistem alguns fragmentos, como um testemunho directo.

a) *As Obras do Arcipreste de Hita, de Hernan Perez, do Marquez de Santillana.* — Na Bibliotheca do rei Dom Duarte, guardava-se um exemplar das obras do *Arcipreste de Hita,* com a indicação summaria *O Arcypreste de Fysa.* D'esta obra é a folha avulsa de pergaminho in-4.º, da Bibliotheca do Porto, com dezoito coplas escriptas a duas columnas; as quadras alexandrinas castelhanas são reduzidas a outavas da nossa redondilha octosyllabica. O fragmento corresponde ás strophes 90 a 93, 95 a 100 e 113 a 120 dos Exemplos do Arcipreste. [1] Frei Fortunato de San Boaventura publicou o *Te Deum laudamus,* a Paraphrase do *Padre-Nosso,* e da *Ave Maria,* que attribue ao Dr. Frei João Claro; [2] mas acham-se no Cancioneiro de Castilla sob o nome de Hernan Perez de Gusman, de quem se conheceram em Portugal outras obras como as *Sentencias.* O Marquez de Santillana, tendo iniciado o Condestavel de Portugal no conhecimento da poesia castelhana, tambem enviou a Dom Affonso v umas *Coplas,* considerando-o de «perfeita discrecion, e buen sesso é de grant sentido.» Nos Ineditos publicados por Caminha vêm em nome de Ayres Telles de Menezes fragmentos vertidos de uma Canção do Marquez de Santillana. [3] Nos Cancioneiros castelhanos ineditos encontram-se composições de numerosos poetas portuguezes, alguns desconhecidos em Portugal, como Francisco de Miranda, moço fidalgo de Dom Affonso v. Em muitos apodos do Cancioneiro de Resende ha continuas referencias ás modas *castelhanas,* e os poetas realisaram essa conciliação entre os dois estados, antes das duas côrtes de Fernando e Isabel e Dom João II se alliarem entre si movidas pelos planos de mutua unificação politica.

b) *Formação do Cancioneiro geral, de Garcia de Resende.* — Quando Resende começou a compilar as poesias da sociedade

[1] Vid. *Questões de Litteratura e Arte portugueza,* p. 128, onde se desenvolve este estudo. — [2] *Ineditos de Alcobaça,* t. I, p. 171. — [3] *Questões de Litteratura,* p. 139.

aristocratica do seculo XV, dizia como justificação do seu trabalho: «muytas cousas de folguar e gentylezas ssam perdydas ssem aver d'elas notycia. — E sse as que ssam perdidas dos nossos passados se poderam aver, e dos presentes s'escreveram, creo que esses grandes poetas, que per tantas partes ssam espalhados, nam teveram fama como tem.» Como um homem erudito, referia-se á poesia castelhana, italiana e franceza, de que se conheciam em Portugal muitos livros. Os desastres succedidos na côrte de Dom Duarte, que viu morrer cativo em Fez seu irmão, o assassinato do Infante Dom Pedro em Alfarrobeira, a perseguição e exilio do Condestavel de Portugal, e a morte da rainha Dona Isabel sua irmã, não deixaram de ser causa d'este descuido por essas *muytas cousas de folguar e gentylezas,* a cuja perda allude Resende. Para esta compilação achava-se em uma posição especial Garcia de Resende, que muito criança entrára para moço da camera de Dom João II. A importancia que via ligarem no paço á poesia, que formava a parte principal dos divertimentos dos *serões,* levou-o a cultivar tambem a poesia. O seu talento de musico e desenhador deu-lhe a intimidade do monarcha; Dom João II convencia-o de que a poesia era uma *singular manha.* Na *Chronica de Dom João II,* conta este quadro intimo: «E estando uma noite na cama já despejado, me perguntou se sabia as trovas de Jorge Manrique, que começam: *Accuerd el alma dormida,* etc. e eu lhe disse que sim; fez-m'as dizer de cór, e depois de ditas me disse, que folgava muito de m'as vêr saber, e que tão necessario era um homem sabel-as, como saber o *Pater Noster,* e gabou muito o trovar de singular manha, e isto porque eu fiz uma trova que elle viu e a gabou muito, por me dar vantagem de o apprender e saber fazer.» (Cap. CC.) Com um caracter jovial e fleugmatico, com que respondia aos chistes á sua obesidade, com a intimidade do rei, tudo o collocava em condição de obter dos fidalgos os cadernos das suas coplas. Alguns, como Jorge de Vasconcellos, o provedor dos Armazens, recusavam, mas por fim não podiam resistir aos *apodos* que Resende lhes dirigia. A collecção portugueza foi formada ao acaso; o certame poetico que se deu na côrte em 1484 entre varios fidalgos, com o titulo de *Cuydar e Suspirar,* provocou o pensamento da Compilação, que encerra composições

de trezentos e cincoenta e um fidalgos das côrtes de Dom Affonso V, Dom João II e Dom Manoel, que se podem organisar chronologicamente, pelas matriculas dos Livros das Moradias. A poesia palaciana apparece-nos aqui exclusivamente pessoal, anecdotica e satyrica, procurando já na mythologia classica meio de dar relêvo ao que se apagava na banalidade. O que o faz inferior litterariamente dá-lhe um grande valor historico para o conhecimento dos costumes, e pelas referencias historicas d'esta importante epoca de transformação social.

No Cancioneiro descrevem-se como bons tempos as *festas da Imperatriz,* por occasião do casamento da infanta Dona Leonor com o imperador da Allemanha, em 1451, e os « RICOS MOMOS, *que o Infante Dom Fernando por si fez.* » Allude-se á descoberta da Mina em 1469, e á batalha de Toro em 1474; ás celebres côrtes feitas por Dom João II em 1477, e á morte de Dom Affonso V em 1481. No reinado de Dom Affonso V, como se conhece pelo Cancioneiro, propagaram-se as *modas francezas,* e o conhecimento de certas cançonetas, das quaes Gil Vicente ainda cita uma; [1] Dom Pedro de Menezes, no cêrco de Tanger, mandava ao rei avisos *escriptos em francez.* [2]

Na côrte de Dom João II a poesia tomou um caracter antigo, pela imitação das *Côrtes de amor,* em que se processavam questões subjectivas. Este reinado foi perturbado com grandes desastres politicos; comtudo os fidalgos favoritos de Dom João II não deixaram por isso de metrificar, *rifar* e *apodar.* Nas trovas do Coudel-mór a João Affonso de Aveiro, allude-se ao caso de 1483, á execução do duque de Bragança: « *mas isto veo no tempo da morte do Duque.* » N'este mesmo anno se fez a côrte poetica de *Cuydar e Suspirar.* Em uns versos de Pero de Sousa Ribeiro, refere-se a grande festa publica de 1490 « *quando el-rey nosso senhor veo de Santyago, que fez o singular Mômo de Santos...* »

[1] No Catalogo dos Livros do Condestavel de Portugal, citam-se: *l'arbre de batalles scrit en frances,* (n.º 9) *Alexandre en ffrances,* (n.º 10) *fets de cavalleria en ffrances,* (n.º 12) *Valerius maximus en vulgar frances,* (n.º 17) *Epistolas de Senecha en vulgar frances,* (n.º 18) *Croniques dels Reys de França en vulgar frances* (n.º 22.) — [2] Ruy de Pina, *Chr.,* p. 471.

O torneio e as divisas por occasião do casamento do principe Dom Affonso com a filha de Fernando e Isabel em 1491, a sua morte desastrosa, e finalmente o enterro e trasladação de João II, tudo ali pulsa a sua nota plangente ou chistosa, fazendo do Cancioneiro geral um verdadeiro monumento da vida da sociedade aristocratica portugueza no seculo XV. Já n'este Cancioneiro figura Gil Vicente, lavrante da rainha Dona Leonor, que lhe conhece o talento poetico. E como na historia tudo é evolutivo, os *Mômos, Entremezes* e *Dansas de retorta,* da côrte de Dom João II, influiram sobre a manifestação do genio dramatico de Gil Vicente, assim como as recordações dos *serões de Portugal,* contadas por Dom João de Menezes, acordaram o genio lyrico de Sá de Miranda.

No Cancioneiro as fórmas narrativas estão representadas pelos versos á morte do principe Dom Affonso e de Dom João II, segundo o genero castelhano da *Lamentação;* por outros á tomada de Azamor, e pelas coplas á morte de Dona Ignez de Castro, em que Resende não fica inferior a Camões. O Cancioneiro é essencialmente lyrico, de ordinario satyrico, por improvisos provocados por accidentes dos serões do paço. Empregam-se as *Voltas* e *Motes,* as *Esparsas* e *Apodos* e *Endechas,* que ainda resistiram contra as fórmas poeticas italianas na chamada *Eschola da medida velha,* e que tambem foi em geral a primeira maneira dos grandes poetas quinhentistas. Entre aquella alluvião de poetas, que metrificaram por feição aristocratica, destacam-se alguns que bastam para levantarem uma epoca litteraria; taes são Francisco de Sousa, Alvaro Barreto, Duarte de Brito, Fernão Brandão, e o proprio Garcia de Resende. A influencia latinista, ahi está fortemente impressa pela traducção de algumas *Heroides* de Ovidio, por João Jodrigues de Sá.

c) *Descripção dos Cancioneiros portuguezes do seculo XV.* — A parte principal da actividade poetica do seculo XV, acha-se colligida no Cancioneiro geral de Garcia de Resende; comtudo não foi este o primeiro nem o unico Cancioneiro aristocratico d'esse periodo em que o poder real se impoz como independente. Restam noticias das seguintes collecções:

A. — LIVRO DAS TROVAS DE EL-REI DOM DUARTE. — No *Ca-*

talogo dos seus Livros de uso, (n.º 76) achado na Cartucha d'Evora, vem citado este Cancioneiro; el-rei Dom Duarte tambem sabia trovar, como os antigos reis peninsulares, e se as suas composições existissem apresentariam sem duvida um caracter didactico. No *Leal Conselheiro* ainda se conservam uns versos do rei Dom Duarte, que são a traducção de um hymno ecclesiastico feita a pedido de sua mulher; diz o monarcha: « E porque per vosso requerimento tornei em linguagem simpresmente rimada de seis pés de um consoante a *Oraçom do Justo Juiz Jesus Christo,* vol-a fiz aqui screver, a qual pera fazer consoar nom pude compridamente dar sua linguagem, nem a fiz em outra melhor forma por concordar com a maneira e tençom que era feita em latim. » [1] Transcrevemos as primeiras estrophes para conhecermos a metrificação do poeta:

Justo Juiz Jesu Christo,
Rey dos Rex e boo Senhor,
Que com Padre regnas sempre
Hu he dambos huũ amor;
Praza-te de me ouvir,
Pois me sento peccador.

Tu que do ceeo descendiste
En no ventre virginal,
Hu tomando logo carne
Livraste o segre de mal
Por teu sangue precioso
De perdiçom eternal... [2]

[1] *Leal Conselheiro,* p. 477. Diz o editor: « Fizemos grande diligencia por descobrir esta oração latina, mas com pezar nosso o não pudemos conseguir; etc. » Tivemos nós essa ventura; é um hymno latino do seculo x, do Ms. n.º 30 da Academia de Historia de Madrid, e publicado por Helffrich e de Clermont, no *Aperçu de l'Hist. des Langues neo-latines en Espagne,* p. 48. — [2] No *Concioneiro popular,* p. 14, vem transcripto este hymno; João de Barros (*Compilação de Obras varias,* p. 55) traduziu em prosa o hymno latino: «Justo Juiz Jesus Christo, rey dos reys e Senhor, que com o Padre reinas sempre e com o Espirito Santo, tem por bem de receber agora os meus rogos piedosamente: Tu dos ceos descendeste em o ventre da virgem,

É presumivel que com o *Livro das Trovas de El-rei Dom Duarte* se perdessem bastantes composições de seu irmão o Infante Dom Pedro, e de sua sobrinha Dona Philippa, que foi freira em Odivellas e da qual subsistem trez quadras conservadas por Jorge Cardoso. [1]

B. — CANCIONEIRO DO CONDE DE MARIALVA. — Só no fim do seculo XVI é que foi accusada pela primeira vez a existencia d'este Cancioneiro, por Frei Bernardo de Brito, a proposito da celebre *Canção do Figueiral:* « E porque em materias onde faltam authores vale muito a tradição vulgar e as cousas que antigos traziam entre si como authenticas e verdadeiras e as ensinavam a seus descendentes nos *romances* e *cantares* que então se costumavam, porei parte d'aquelle cantar velho que vi escripto em *um Cancioneiro de mão, que foi de Dom Francisco Coutinho, Conde de Marialva,* o qual veiu á mão de quem o estimava em bem pouco... » [2] Nunca mais este Cancioneiro torna a ser citado senão no fim do seculo XVIII pelo Doutor Antonio Ribeiro dos Santos, que o diz ter visto nas mãos de um antiquario do Porto, o Doutor Gualter Antunes, e do qual copiou a referida *Canção do Figueiral:* «Vimos em tempos passados um Codigo Ms., que parece letra do seculo XV, em que se tratavam louvores da Lingua portugueza, em que vinha esta *Canção de Hermingues,* o Fragmento do *Poema da Perda de Hespanha,* e as duas *Cartas de Egas Moniz* com as *Cantigas de Goesto Ansur,* e com variantes em alguns termos que iremos notando em seus logares competentes: este Codigo era da escolhida Livraria do Doutor Gual-

donde tomando verdadeira carne visitaste o mundo, remindo tua feitura por teu proprio sangue... » Eis a forma latina:

Juste judex Jesu Christe, regum rex et domine
Qui cum Patre regnas semper et cum sancto flamine
Te digneris preces meas clementer suscipere.
Qui de cœlis descendisti Virginis in uterum,
Inde summens veram carnem visitasti sæculum,
Tuum plasma redimendo sanguinem per proprium...

[1] *Agiologio lusitano,* t. I, p. 411; *Cancioneiro popular,* p. 40. — [2] *Monarchia luzit.,* fl. 296.

ter Antunes, erudito cidadão da cidade do Porto, que nol-o mostrou e d'elle copiámos as ditas obras. » E accrescenta em seguida: «Por morte do Doutor Gualter Antunes não sabemos onde foi parar com os mais Mss., livros e preciosidades do seu precioso gabinete. » Já n'este seculo damos com a pista d'este Cancioneiro; antes de 1855, escrevia D. Marianno Soriano Fuertes, na *Historia de la Musica en España:* « Para dar alguma ideia da poesia portugueza no seculo XII e principios do seculo XIII copiaremos uma Canção extractada de um *Cancioneiro antigo que foi de Dom Francisco Coutinho, Conde de Marialva.* » Eis o precioso excerpto:

« A Reina groriosa
tan é de gran santidade
que con esto nos defende
do demonio de sa maldade;
e tal razom com'esta
un miragre contar quero,
que fez a Santa Maria,
apôsto e grande e fero
que nom foi feito tan grande
ben des lo tempo de Nero
que emperador de Roma
foi d'aquella gram cidade... »

Depois da Canção da *Reyna groriosa,* Soriano Fuertes extractou tambem a *Canção do Figueiral,* com a musica notada como se encontra nas Canções de Affonso o Sabio. Identificado o codice citado por Brito e Soriano Fuertes com o do Doutor Gualter Antunes, temos os elementos da critica externa para apreciar essas cinco reliquias da Poesia portugueza, sobre que tanto se tem desacertado:

A Canção do Figueiral, ou de Goesto Ansur. — É genuinamente popular esta poesia, elaborada simultaneamente com a tradição do *Tributo das Donzellas,* que em Hespanha existe em Simancas e na Veiga de Carrião; na lenda heraldica dos Queiroz, e em Betanços ou Peito-Burdello, na Galliza. Em Portugal existiu a tradição em Figueiredo das Donas, em Vizeu, em Alfandega da

Fé, Castro Vicente, Chacim e Balsemão. A tradição deriva do mytho dos Dragões que exigem Donzellas em tributo, e são resgatadas por um heroe, que é uma personificação solar; na lenda popular o Dragão é substituido por um inimigo da patria, e o heroe por um santo, como na relação de San Thiago com os Mouros. Se emquanto ao seu fundo a *Canção do Figueiral* não é uma invenção gratuita, a fórma metrica é similhante á do romance de Ayras Nunes, do seculo XIV, o que mais confirma a sua authenticidade. Frei Bernardo de Brito, diz depois de a ter lido no Cancioneiro do Conde de Marialva: «*e depois ouvi cantar na Beira a lavradores antigos,* com alguma corrupção...» E Miguel Leitão de Andrada, tambem escreve no fim do seculo XVI: «A qual me lembra a mim ouvil-a cantar muito sentida, a uma velha de muita edade natural do Algarve, sendo eu muito menino.» [1] A confusão das circumstancias da lenda com o monumento poetico fez com que João Pedro Ribeiro duvidasse da sua authenticidade, sem notar que as creações populares não se simulam, porque se ultrapassa sempre a sua ingenuidade.

Fragmento do Poema da Perda de Hespanha. — São quatro outavas em verso de arte maior, e com uma linguagem archaica, por onde se infere o seu justo valor litterario, sem se admittir que fosse trecho de um poema coevo da invasão arabe, nem que mereça rejeitar-se como inutil. Da fórma estrophica, infere-se: que a outava em que rimam o primeiro, quarto, quinto e outavo verso, emparelhando o segundo e terceiro, sexto e septimo, só apparece pela primeira vez usado em Hespanha por Affonso o Sabio, e em Portugal no seculo XV. O emprego de palavras archaicas revela-nos uma intenção artificial, como já vimos com a Gesta de Mal dizer de Affonso Lopes Baião. O facto de andar no Cancioneiro do Conde de Marialva um Elogio da Lingua portugueza, bem revela um intuito philologico da parte de quem simulou estas outavas. Tambem se dá a estes Fragmentos o titulo de *Lamentação da perda de Hespanha;* effectivamente o genero litterario que no seculo XV se usava em Castella com o titulo de

[1] *Miscellanea,* p. 27.

Lamentação, e do qual falla o Marquez de Santillana, caracterisa cabalmente a epoca e o valor do monumento.

As duas Canções de Egas Moniz. — Foram pela primeira vez publicadas por Miguel Leitão de Andrada, e gratuitamente attribuidas a um cavalleiro da côrte de Dom Affonso Henriques. Aqui tambem a lenda prejudica o monumento. Em primeiro logar, a fórma estrophica só apparece empregada pelo Arcediago de Toro, no fim do seculo XIV; e nos Cancioneiros provençaes portuguezes não se encontra nem esta fórma metrica nem a linguagem, nem nos Nobiliarios apparece o nome de Egas Moniz com o titulo de *trobador.* Porém, no fim do seculo XIV apparece um fidalgo com o nome de *Egas Moniz,* que atraiçôa Dom João I, passando-se para Castella, [1] como se diz na Canção: « Cambastes a Portigal — por Castilla... » Este Egas Moniz, filho de Pero Coelho, regressára a Portugal no tempo de Dom Fernando, achando-se na batalha de Trancoso; era casado com uma filha de Gonçalo Vaz Coutinho, d'onde procedem os *Condes de Marialva.* [2] Explica-se pois como as Duas Canções apparecem no Cancioneiro do Conde de Marialva, sendo indubitavelmente do meado do seculo XV.

A Canção de Hermingues ou de Traga Mouros. — Appareceu pela primeira vez na *Chronica de Cister* [3] de Frei Bernardo de Brito, que a revestiu de circumstancias lendarias, que fizeram com que se lhe attribuisse a propria composição metrica. Ella achava-se no Cancioneiro do Doutor Gualter Antunes (ou de Marialva) e na lição de Brito ha erros e transposições de versos, que um falsario não se lembrava de engendrar. Na Canção cita-se a *Chacone,* que era um genero poetico, commum á Italia e Hespanha no seculo XVI, e que em Portugal apparece no povo de Frielas designando a *Chacoina* uma dansa mourisca, e no Alemtejo uma canção lyrica. O nome de *Ouroana,* que tambem se cita n'este monumento, só se usa na aristocracia portugueza do seculo XIV, por effeito da vulgarisação dos amores de Oriana por Amadiz. Estes amores davam logar aos poetas palacianos do seculo

[1] Soares da Silva, *Mem. de Dom João I.* — [2] *Pelatura lusitana,* t. III, fl. 7. Ms. da Bibl. do Porto. — [3] Op. cit., p. 713.

XV, a muitas composições e cançonetas, a cujo grupo pertence a *Chacona de Oriana.* [1]

CANCIONEIRO DO ABBADE DOM MARTINHO. — Quando Garcia de Resende colligia os materiaes do seu Cancioneiro geral, soube d'esta compilação e desejou compulsal-a. Diz Resende em uma « Trova sua a Diogo de Mello, que partia de Alcobaça e havia-lhe de trazer de lá um *Cancioneiro d'um Abbade que chamam Frey Martinho :*

Decoray pelo caminho
té chegardes ó mosteiro,
qu'hade vir o *Cancioneiro*
do abbade frey Martinho. » [2]

CANCIONEIRO PORTUGUEZ, DA BIBLIOTHECA DE MADRID. — Dom José Thomas, em 1790, descreveu este codice, como contendo : « obras burlescas na lingua portugueza, recopilado segundo parece no *seculo decimo quinto.* Comprehende 96 folhas, de folio, e é ainda maior o numero dos auctores de poesias n'elle conteudas, as quaes são *coplas reaes,* compostas de duas *redondilhas* de cinco versos cada uma, outras de quatro ; algumas mixtas ; poucos *vilhancicos* e redondilhas de quatro versos, com alguns *terce-*

[1] Os continuadores da *Bibliotheca de Gallardo,* t. II, p. 253, trazem esta estrophe de Dom Alonso de Cartagena, que ajuda a comprehender o fervor das Canções a Oriana, no seculo XV :

Q'es tan cruel sin medida
La belleza de *Oriana,*
Que si dos mil presos gana
No torna ninguno á vida.
E se yo he quedado vivo
Siendo su viejo cativo,
Da-me la vida de suerte
Que llamo siempre la muerte
Por dolor menos esquivo.

No *Catalogo da Bibl. de Musica* de Dom João IV, cita-se : *Triumpho de Oriana,* a 5 e 6 vozes, de Michel Est e outros. Vemos aqui a persistencia da fórma da Chacona. — [2] *Canc. ger.,* t. III, p. 634.

tos. A maior parte dos versos são dos que chamamos de *redondilha maior* — ou de oito syllabas, poucos de redondilha menor ou de seis syllabas, e se encontra frequentemente o verso quebrado. » Segundo a opinião do academico hespanhol parece ter sido a collecção que mais contribuiu para a formação do Cancioneiro de Resende. É crivel que seja este o Cancioneiro do Abbade de Alcobaça, ou esse que com o titulo de *Cancioneiro portuguez* cita Gil Vicente, com trovas de Affonso Lopes, e do Conde de Vimioso. Uma grande parte dos livros portuguezes do seculo XV foram parar a Hespanha.

§. II

As Novellas da Tavola Redonda em Portugal

a) *Referencias nos costumes aristocraticos*. — O advento do Mestre de Aviz ao throno de Portugal, se representa o momento historico em que a nacionalidade teve consciencia da sua autonomia, assignala tambem a elevação de um obscuro bastardo á soberania, que para a conservar não se peja de sacrificar um povo livre á dependencia de um alliado protector. Dom João I, mudando a politica seguida por Dom Affonso IV e Dom Fernando para com a Inglaterra, pela Convenção de Londres de 9 de Maio de 1386, obrigou Portugal a servir a Inglaterra com armas e galés á sua custa, para assim garantir o seu throno. Os chronistas d'esse reinado calarám a convenção, hoje conhecida pelas *Fœdora* de Rymer, pela qual se explica o pensamento politico proseguido por outros bastardos. Não só pela sua vaidade de rei, como pelo casamento com a filha do Duque de Lencastre, Dom João I deu relevo á sua côrte por exageração de formulas cavalheirescas. No *Regimento de Guerra* compilado nas Ordenações affonsinas, essas ceremonias reproduzem o ritual da epoca das cruzadas. Os poemas da Tavola Redonda, communicados pelo séquito de Dona Philippa de Lencastre, eram lidos com fervor pelos cavalleiros dedi-

cados á nova dynastia, e o proprio Dom João I chamava aos seus cavalleiros, no cêrco de Coria, pelo nome dos companheiros do Rei Arthur, que se sentavam com elle á Mesa Redonda. O prurido cavalheiresco era extemporaneo, e o Condestavel Nuno Alvares imitava a virgindade heroica de *Galaaz,* que era o typo que procurava como modelo das suas acções. É notavel como estes sentimentos ficticios penetraram nos costumes da sociedade portugueza, apparecendo empregados na aristocracia como nomes civis os nomes dos principaes heroes dos poemas arthurianos. Correndo os documentos do seculo XV achamos Dona *Yseu* Perestrello, Dona *Iseu* Pacheco de Lima; são vulgares os nomes de *Genebra, Oriana, Viviana;* temos *Tristão* Teixeira, *Tristão* Fogaça, *Tristão* da Silva, *Lançarote* Teixeira, *Lançarote* de Mello, *Lançarote* de Seixas, *Lançarote* Fuas, *Lisuarte* de Andrade, *Lisuarte* de Liz, *Percival* Machado, *Arthur* de Brito e *Arthur* da Cunha. Os *votos denodados,* e as aventuras galantes da *Ala dos Namorados,* dos Cavalleiros da *Madre Silva,* dos *Doze de Inglaterra,* resultam de uma moda, que as relações com a côrte ingleza tornaram mais intensa. Nas Bibliothecas portuguezas do seculo XV, como a de Dom Duarte, Infante Dom Fernando e Condestavel de Portugal, abundam os poemas da Tavola Redonda, em lucta com o perstigio do elemento erudito. Estas obras hallucinaram a imaginação dos nossos fidalgos, e foram ainda um thema sobre que se desenvolveu a nossa lingua e litteratura.

b) *Demanda do Santo Graal, e outras ficções novellescas.* — Um dos principaes documentos d'esta litteratura novellesca intitula-se a *Demanda do Santo Graal,* e d'elle deu noticia Varnhagem, quando o encontrou na Bibliotheca da côrte de Vienna, onde tem o n.º 2594: «Da parte d'este, que respeita a *Lançarote,* existe uma versão livre contemporanea de Dom João I, na Bibliotheca d'esta côrte, escripta em pergaminho e com o maior esmero possivel. Não contém, é verdade, o principio, mas nas 199 folhas existentes se encerra a parte mais importante da Novella, *com a circumstancia de que não se encontra no texto francez,* apesar de citado pelo escriptor.» O manuscripto é escripto por differentes mãos, do seculo XIV e XV. Continúa Varnhagem: «O Ms. da Tavola Redonda existente em Vienna consiste (sem principio)

em parte do *Conto* ou *Romanço de Lançarote,* tirado da copia franceza de Elie de Boron, segundo consta do mesmo texto. — Parece que o codice, que é um volume grosso, fazia parte de uma collecção maior, comprehendendo o *Brado de Merlim,* e a *Estoria de Tristam.* — Ahi ainda se vê mui usado o *ren* e o *en,* no mesmo sentido que os trovadores os usavam. » [1] Na Bibliotheca de El-rei Dom Duarte guardavam-se porventura estas partes, como se vê pelos titulos dos livros de uso, *Merlim* e o *Livro de Tristão.*

Livro de Josep ab Arimathia, — D'este Manuscripto do cyclo das novellas portuguezas da Tavola Redonda, dá noticia Varnhagem, como tendo-o visto em 1846 em Lisboa: « Acerca do Santo Greal tivemos occasião de vêr, ha uns 24 annos, em Lisboa outro manuscripto intitulado: *Livro de Josep ab aramatia Intitulado a primeira parte da Demãda do Sãto Grial ata a presẽte idade nunca vista treladado do proprio original por ho Doutor Manuel Avẽz corregedor da Ilha de Sã Miguel Deregido ao muy alto e poderoso princepe el Rei Dom João 3.º d'este nome El rei nosso Señor.* » Na Dedicatoria ao monarcha, escreve o Doutor Manoel Alvares: « Com esta ousadia comecei a tresladação do presente livro, que a V. A. hofereço. O qual eu achei em Riba Dancora em poder de hũa velha de muy antiga idade no tempo que meu pay C.or de Vossa Côrte servia V. A. de C.or Dantre Douro e Minho. O qual livro, segundo elle pareçe he spto em pergaminho e iluminado. E a caise de dozentos annos que fo spto trata muitas antiguidades e materias boas e sabrosas como V. A. por elle verá. » D'este Manuscripto se extractou a declaração: « Este livro mandou fazer João Sanches *mestre escolla* de Astorga no quinto anno que o estudo de Coimbra foy feito e no tempo do papa Clemente que destroio a ordem del Temple e fez o Concilio geral em Viana e poz ho entredicto de Castella, e n'este ano se finou a rainha Dona Constança em São fagundo e casou o Infante Dom Felipe com a filha do Dom A.º ano de 13 bij ano. » [2] No *Cancioneiro geral,* em uma poesia de Alvaro Barreto á morte do

[1] *Cancioneirinho de Trovas antigas,* p. 165 e 168. — [2] Ap. *Cancioneirinho,* notas, p. 165 a 167.

Infante Dom Pedro allude-se a esta novella do mestre escolla de Astorga:

> Do comprido *mestre escolla*
> ou *Josep Baramatya.* [1]

Estoria do muy nobre Imperador Vespasiano. — É esta a unica novella do seculo XV que chegou a ser impressa; pertence ao cyclo erudito greco-romano, e foi talvez por a tomarem como livro com valor historico que alcançou a publicidade. Vespasiano foi o heroe de muitas gestas da Edade media; Francisque Michel cita um largo poema provençal em uma bibliotheca de Inglaterra, e Herculano um poema tambem em provençal da Bibliotheca de Paris. [2] Podemos porém affirmar que a Novella portugueza foi traduzida do hespanhol porque existe impressa, in-4.° sem data, uma *Historia de Vespasiano emperador,* de que resta noticia pelo Catalogo da Livraria de Fernando Colombo, filho do almirante das Indias, e que elle comprára em Sevilha por outo maravedis. [3] No Ms. de *Josep ab Arimathia* trata-se por vezes de Vespasiano: «Como o Emperador perguntou se J. C. creia nos idolos. (cap. 4.) — Como o Emperador enviou buscar as reliquias de J. C. pelo seu mestre sala. (cap. 5.) — Como Vespasiano... foi gafo. (cap. 21.) — Como a Veronica veio a Roma, e como Vespasiano foi são... (cap. 23.) — Vespasiano havendo prometido não queimar nem enforcar a Caifás, o manda meter em uma barca á ventura. (cap. 25.) — Baptisa-se Vespasiano. (cap. 27.)» [4]

c) *Tradição das Ilhas encantadas — Viagens de Rozmital.* — O chronista Azurara cita com valor historico as viagens maravilhosas de *San Brendan,* e isto nos indica como a crença nas *ilhas encantadas* veiu agitar a imaginação dos navegadores portuguezes no seculo XV, levando-os á exploração do oceano Atlantico, o *Mar tenebroso* dos antigos. Esta crença tornou-se popular;

[1] Ed. Stuttgard, t. I, p. 278. — [2] *Panorama,* t. IV, p. 8. — [3] *Biblioteca* de Gallardo, t. II, p. 530. — [4] *Cancioneirinho,* notas, p. 165 a 167.

as *ilhas empoadas,* de que falla Dom Francisco Manoel de Mello, ainda se avistam dos Açores e Canarias, segundo os crédulos. Nas celebres viagens de Leão de Rozmital, de 1465 a 1467, vem descripta a sua digressão em Portugal, e aí se aponta a narrativa de uma ilha encantada a que aportaram os navegadores portuguezes; transcrevemos as primeiras linhas d'esta lenda geographica, que se avivou no espirito portuguez com as tradições celticas: «que um dos reis de Portugal mandára construir navios e os enchera de todas as cousas necessarias, e puzera em cada navio doze escreventes, provendo-os de viveres para quatro annos, para que d'aquelle logar navegassem pelo espaço de quatro annos até o mais longe possivel, e lhes mandou escrever o que vissem, os paizes dezertos a que chegassem, e finalmente os contratempos que no mar experimentassem. Estes portanto, segundo nos foi contado, tendo sulcado o mar pelo espaço de dois annos completos, chegaram a umas certas trevas, das quaes sahindo, passado o espaço de duas semanas aportaram a uma ilha. Alli, chegados os navios á praia, tendo desembarcado, encontraram debaixo da terra casas construidas, abundantes de ouro e prata, das quaes comtudo não se atreveram a tirar nada.» A lenda contada pelo viajante Rozmital é muito dramatica e extensa, e tem recebido outras redacções curiosas em differentes epocas.

E visto que aqui cabe fallar de viagens, citaremos as Viagens de Marco Polo, traduzidas pelo Infante Dom Pedro, que se guardavam na Livraria do rei Dom Duarte. Este viajante era conhecido na Italia pelo nome vulgar de Marco o *Milhão;* no Cancioneiro de Resende vem citado pelo seu aspecto maravilhoso:

> Outros metem mais *Mylham*
> do mesmo ponteficado... [1]

A corrente litteraria da epoca forçava-nos a abandonar as ficções medievaes pela erudição humanista, e a realidade dos acontecimentos levava-nos a occuparmo-nos em vez das narrativas novellescas das Chronicas historicas.

[1] Ed. Stuttgard, t. I, p. 141.

§. III

Predominio da erudição latinista

O seculo XV foi a grande época da erudição; a Renascença preludia por toda a parte sob o aspecto philologico e artistico. Não se opéra de um modo brusco a negação da Edade media, mas os espiritos cultos ao passo que se apaixonam pelas obras-primas da antiguidade greco-romana, afastam-se calculadamente do contacto com o povo, ou o que vale o mesmo desprezam o elemento tradicional da litteratura. A coexistencia das duas correntes, a medieval e a classica, apparece de um modo nitido nas transformações que recebe a lingua portugueza escripta, e observa-se tambem nas bibliothecas principescas antes da vulgarisação da Imprensa.

1.° **Estado da lingua portugueza : Fórmas populares e eruditas.** — Como a litteratura, a lingua portugueza tambem recebeu um desenvolvimento erudito, que a modificou e lhe imprimiu um caracter diverso do que teria se os escriptores do seculo XV em vez de augmentarem o vocabulario com palavras tiradas directamente do latim urbano, fossem obrigados a escrever para o povo em uma linguagem que elle entendesse. Se a lingua portugueza seguisse uma evolução natural, chegaria indubitavelmente a essa contracção das palavras que tanto distingue a lingua franceza, que só no seculo XVI foi submettida á auctoridade dos eruditos, quando já não podiam alterar a sua morphologia, não obstante todas as innovações lexicas. A lingua portugueza desde que começou a ser escripta foi fixando as suas fórmas ao capricho dos traductores, e por isso as duas leis phoneticas que predominam constantemente na formação divergente das linguas romanicas — o *desapparecimento das vogaes mudas* e a *queda das consoantes mediaes,* — pela fatalidade da natureza exerceram-se sempre na linguagem oral, mas foram modificadas na linguagem es-

cripta. Em virtude d'esta divergencia, o vocabulario apresenta fórmas *duplas*, segundo a palavra proveiu de um fundo popular modificada pela lei das alterações phoneticas, ou introduzida directamente do latim pelos eruditos com uma simples terminação portugueza. [1] A persistencia das fórmas duplas resulta da differença de sentido que a mesma palavra exprime, como em *Logro* e *Lucro*, ambas derivadas do latim *Lucrus*.

As fórmas populares só foram introduzidas na linguagem escripta accidentalmente, como vicio do escriptor; as fórmas eruditas introduzidas com pretenção culta, tornaram a lingua litteraria convencional, á qual el-rei Dom Duarte, ainda no seculo XV chamava lingua *ladina* ou *ladinha*; lingua que se tornou de uso entre as classes illustradas a ponto de já no fim do seculo XV se considerar a linguagem propriamente vulgar de tal modo *archaica*, que foi necessario traduzir para a linguagem corrente os documentos officiaes, como aconteceu com a reforma dos Foraes tentada ainda no tempo de D. João II. Quando se collige do dictado popular as cantigas, romances e contos, é que se nota quanto hoje mesmo a phonologia, a morphologia e a syntaxe da linguagem do povo se afastam da linguagem escripta. Muitos dos galleguismos do seculo XV apparecem nos escriptores do seculo XVI, quando imitam a elocução popular. Na morphologia distinguem-se os substantivos pelo suffixo *mento* em vez de *ão*; ha incerteza entre as fórmas em *am* e *om*; emprega-se o pronome *homem* ou

[1] Eis alguns exemplos de duplos:

Ancho (popular)	*Amplo* (erudito)	*Amplus* (latim).
Bodega.....	*Botica*.....	*Apotheca*.
Combro.....	*Comoro*.....	*Comorus*.
Delgado.....	*Delicado*.....	*Delicatus*.
Eira.....	*Area*.....	*Area*.
Freima.....	*Fleuma*.....	*Flegma*.
Grude.....	*Gluten*.....	*Gluten*.
Insosso.....	*Insulso*.....	*Insulsus*.
Nedio.....	*Nitido*.....	*Nitidus*.
Olho.....	*Oculo*.....	*Oculus*.
Pardo.....	*Pallido*.....	*Pallidus*.
Quedo.....	*Quieto*.....	*Quietus*.

omem como indefinido; fórmas verbaes em *ades*, participios muitas vezes em *udo*, e toma-se directamente do latim o suffixo *issimus* para a formação dos superlativos que antes do seculo XV eram compostos com o adverbio *muito* e *mui muito*. No *Leal Conselheiro* se determina a introducção d'este superlativo litterario: « porque nos Senhores esta virtude antre todas muyto recebe grande louvor, onde por especial d'ella som chamados *illustrissimos* e *serenissimos*, mostrando que som assy claros em verdade... » [1] É d'esta mesma época o documento sobre Behetrias, onde se lê: « Conde de Barcellos, filho do muito virtuoso e *vitorissimo* rey Dom Joham. » [2] Nas Côrtes de Evora, de 1481, apparecem os seguintes superlativos simples *santissima*, *Christianissimo*, *grandissimo*. A natureza d'estes ultimos documentos nos revela, que pelo seu lado tambem os jurisconsultos na traducção das leis romanas imprimiram á lingua esse cunho artificial; nas formulas juridicas, como *teudo e manteudo*, subsiste o caracter archaico.

As traducções do latim. — No reinado de Dom João I continuou mais calorosamente o enthusiasmo pelas traducções do latim. Este facto influiu no augmento do lexico pelos neologismos eruditos, e nas construcções syntaxicas, que se foram tornando ellipticas. O mesmo se dava em outras linguas romanicas; Pedro de Bercheure, traduzindo Tito Livio, introduz nas linguas modernas as palavras *cohorte*, *colonia*, *magistrado*, *tribuno do povo*, *fastos*, *facção*, *transfuga*, *senado*, *triumpho*, *auspicio*, *auguro*, *inauguração*; Oresme, traduzindo Aristoteles, introduz os novos vocabulos *monarchia*, *tyrannia*, *democracia*, *aristocracia*, *oligarchia*, *despota*, *demagogia*, *sedição*, *insurreição*. Em Portugal o Infante Dom Pedro, ao fazer uma compilação dos sete livros de Seneca, usa d'esta mesma liberdade desculpando-se: « E os que menos letrados forem do que eu som, nem se anojem d'algumas *palavras latinadas* e termos scuros, que em taes obras se nam podem escusar. » [3] João Pedro Ribeiro caracterisa assim a traducção de Frei João Alves: « E que não fez o aliás erudito Frei

[1] *Leal Conselheiro*, p. 213. — [2] Ap. *Mem. de Litt. portugueza*, t. I, p. 182. — [3] Ms. da *Virtuosa Bemfeituria*, liv. I, cap. 2.

João Alves, secretario do infante Dom Fernando, e depois abbade de Paço de Sousa? Parece quiz trasladar todas as palavras latinas para o nosso idioma. » [1] A abundancia e facilidade dos neoterismos, actuava sobre o estudo da synonymia; assim diz o Infante Dom Pedro, na *Virtuosa Bemfeituria:* « A taes prazeres como estes chamam-se em latim specialmente *Jucunditates.* E nós, por não termos em nossa linguagem vocabulo apropriado, podemol-os chamar Sobreavondante e extremada alegria. » O rei Dom Duarte tambem se entrega a estas considerações: « Da *yra,* seu proprio nome em nossa linguagem é sanha... » [2] « do *odio,* ou segundo nossa linguagem mal querença... » [3] Sobretudo no cap. XXV do *Leal Conselheiro* acha-se já uma especulação philosophica sobre a synonymia da lingua: « Antre *nojo* e *tristeza* eu faço tal deferença; porque a *tristeza,* por qualquer parte que venha, assy embarga sempre contynuadamente o coraçom, que non dá spaço de poder em al bem pensar nem folgar; e o nojo he a tempos, assy como se vee na morte d'alguns parentes e amygos, onde aquel tempo que per justa falla ou lembrança se sente, o sentymento he muyto rijo; porem taaes hi ha que passado o dia logo riim, fallam, e despachadamente no que lhes praz pensam. E a *tristeza* nom consente fazer assy, por que he hua door, e contynuado gastamento como apertamento do coraçom; e o *nojo* nom contynuadamente, salvo se tanto se acrecenta que derriba em *tristeza.* E tal deferença se faz antre *nojo* e o *pezar;* porque o *nojo* no spaço que o sentem faz em aquel que o ha grande alteração, mostrando manyfestos sygnaes em chorar, sospirar, e outras mudanças de contenença, o que nom mostra o pesar sollamente, ca bem veemos que das mortes d'alguns nos pesa muyto, e nom nos derriba tanto que façamos o que o nosso nos constrange fazer, e menos caymos em *tristeza,* nem d'elles avemos sanha, mas propriamente sentymos no coraçom hum *pesar* com assás de sentido... O *desprazer* he já menos, por que toda cousa que se faz, de que nos nom praz, podemos dizer com verdade que nos despraz

[1] *Reflexões philologicas,* n.º 4. p. 12. — [2] *Leal Conselheiro,* p. 96 — [3] Idem, p. 103.

d'ella, aynda que seja tam ligeira que pouco sintamos. »[1] N'esta grande Encyclopedia do saber medieval o rei Dom Duarte expõe as regras *Da maneyra para bem tornar alguma leitura em nossa linguagem.* Transcrevemos as primeiras duas regras: « Conhecer bem a sentença do que a tomar e poella enteiramente nom mudando, acrecentando, nem menguando alguma cousa do que está escripto. O segundo, que nom ponha palavras *latinadas,* nem d'outra linguagem, mas todo seja em nossa linguagem scripta, mais achegadamente ao geeral boo costume de nosso fallar que se poder fazer. »

Sob a influencia do rei Dom Duarte, fez tambem o bispo de Burgos Dom Affonso de Cartagena a traducção da *Rhetorica* de Cicero, emquanto se achou aqui como enviado á côrte portugueza.[2] A rainha Dona Isabel, esposa de Dom Affonso V, mandou tambem traduzir a *Vita Christi* de Ludolpho Cartusiano; mas quando esta traducção foi revista em 1495 por Frei André, já a achou antiquada na linguagem; este phenomeno tem um alto valor. Tambem em 1492 Ordoñes de Montalbo corregia o *Amadiz de Gaula* de *los antiguos originales* que estaban corruptos é *compuestos en antiguo estilo.* Esta revolução não se deu na lingua castelhana; pelo contrario Fernão de Oliveira e Nunes de Leão, no seculo XVI notaram esta transformação da lingua portugueza, apontando palavras que se tornaram archaicas e as differenças de estylo. Na Carta regia de 22 de Novembro de 1477 ordenando a reforma dos Foraes, diz-se que é para « *tornal-os a tal fórma e estylo que se possam bem entender...* »

2.º **As Bibliothecas do Rei Dom Duarte — do Infante Santo e do Condestavel de Portugal.** — O rei Dom Duarte dedicando-se aos estudos litterarios seguia o exemplo dos principaes monarchas e principes da Europa, que segundo a tradição erudita de Salomão e de Cesar elles procuravam imitar, honrando o sceptro e o calamo. Dom Duarte confessa o motivo da sua determinação: « E semelhante o muy excellente e virtuoso Rey, meu Senhor e Padre, cuja alma Deus aja, fez hũ livro das *Horas de*

[1] *Leal Conselheiro,* p. 149. — [2] *Biblioteca* de Gallardo, t. II, p. 260.

Sancta Maria e Salmos certos pera os finados, e outro de *Montaria;* e o Iffante Dom Pedro, meu sobretodos prezado e amado irmão, de cujos feitos e vyda som contente, compoz o livro da *virtuosa bemfeituria* e as horas da confissom; e aquel honrado Rey Dom Affonso estrollogo quantas multidões fez de leituras? E assy Rey Sallamon, e outros na ley antiga e doutras creenças, seendo em real estado, filharom desejo e folgança em screver seus livros do que lhes prouve, os quaaes me dam para semelhante fazer nom pequena auctoridade.» [1] E no livro da *Ensinança de bem cavalgar,* confessa que escreveu o seu tratado a exemplo de Julio Cesar, que no desenfado dos negocios graves se distrahia escrevendo. [2] Só os reis e principes é que podiam possuir livros antes da descoberta da Imprensa, por causa do seu preço extraordinario; os livros que se facultavam aos estudiosos eram presos á estante por uma corrente, *concatenati,* como se declara no testamento do Doutor Mangancha. Conhecemos tres Bibliothecas portuguezas do seculo XV, pelo *Catalogo dos Livros de uso* do rei Dom Duarte, pelo testamento do Infante Dom Fernando, e pelo inventario dos livros do preclaro Dom Pedro Condestavel de Portugal. N'estas Bibliothecas acham-se promiscuamente o elemento medieval e o greco-romano e humanista, prevalecendo este ultimo a ponto de no seculo XVI os poemas da Edade media estarem já desconhecidos. Na Bibliothèca do rei Dom Duarte guardava-se a *Dialectica* de Aristoteles, um Valerio Maximo, Seneca commentado, Cicero, Vegecio, Tito Livio, Julio Cesar, as obras dos Santos Padres e moralistas ecclesiasticos; mas acha-se alli brilhantemente representada a poesia da Edade media, na maior vitalidade da tradição; pertencem a esta categoria o *Livro de Tristão,* o *Amante* de Gower, traduzido do inglez por um conego de Lisboa Roberto Payno, [3] *Merli,* o *Livro de Galaaz,* a *Historia de Troya, per aragoez,* traducção de Jacques Coresa do francez de Benoit de Sainte More, o *Livro do Conde de Lucanor* de Dom João Manoel, a *Gran Conquista de Ultramar,* as Obras do *Arcipreste de Hita,* o Cancioneiro de Affonso o Sabio. Outros livros

[1] *Leal Conselheiro,* p. 169. — [2] Ibidem, p. 498. — [3] Amador de los Rios, *Hist. de la Litt. española,* t. VI, p. 46.

da Edade media eram conhecidos na côrte de Dom Duarte, taes como o *Ovidio da Velha,* de Richard de Furnival, que com o titulo *De Vetula* fôra attribuido a Ovidio. Lê-se no cap. XII do Manuscripto da *Corte Imperial* « bem sabedes que huũ grande poeta muy genhoso e muy sutil antre os outros poetas foi o que ouve nome Ovidio Naso e foi gintil. E este fez muitos livros, o qual antes da sua morte compoz huũ livro que chama *Ouvidio da velha,* e este livro foi achado em no muymento... » Este poema exemplifica o syncretismo das duas torrentes medieval e classica, que caracterisa a erudição da primeira metade do seculo XV.

No testamento do Infante Dom Fernando, feito antes da expedição a Tanger, vem a lista dos livros que possuia, destacando-se entre as obras mysticas: *um livro de linguagem chamado Rosal d'amor. Item, outro livro que chamam Izac* (Izea?) *em linguagem.* [1] A bibliotheca do Condestavel de Portugal, como se vê pelo catalogo de 30 de junho de 1466, constava de 96 numeros, contendo obras extremamente raras, e com as mais esplendidas encadernações. N'esta livraria subsiste o elemento medieval, mas prepondera a erudição greco-romana; citaremos o poema de *Alexandre en ffrances, Dels fets de la cavalleria en ffrances,* Boecio, *de consolacion en vulgar castella, — Conquestes de ultramar en vulgar castella, Sidracho lo philosopho, Les Cent balades, Troya en leti, Joan Bocaci;* entre os livros da corrente greco-romana destacam-se o *Sonho de Scipião,* as obras de Aristoteles, *Ethica, Politica* e *Economia,* Suetonio, a *Vida de Cesar,* Tulio *De officiis,* Valerio Maximo *en vulgar frances,* as *Epistolas* de Seneca *en vulgar frances,* Plutarcho *Liber de viris illustribus,* Virgilio *Les Enehides,* Tito Livio *de secundo bello punico,* Josepho *De bello judayco,* Plinio *de la natural istoria,* Cornelio Tacito, *Commentarios* de Cesar, Justino, *Declamações* de Seneca, Ovidio *Metamorfoseos, Liber ysocretis,* etc. [2] No testamento do Dr. Mangancha, de 1448, faculta-se assim a leitura dos seus livros: « *e que os meus livros se posessem em huma Livraria per cadeas.* » En-

[1] Doc. ap. J. Soares da Silva, t. I, p. 150. — [2] Andres Belaguer y Merino, *D. Pedro, el Condestable de Portugal,* p. 20 a 34.

tre esses livros cita um *Chino,* o celebre Commentario de Cino da Pistoia aos nove primeiros livros do Codigo, ponto de resistencia dos civilistas contra os decretalistas.

A bibliotheca de Dom Affonso V é-nos tambem conhecida pelas citações que faz Azurara na sua *Chronica da Conquista de Guiné,* acabada em 1453 na livraria d'aquelle monarcha; cita o poema francez do *Duque Jean de Lanson,* e ao mesmo tempo abona-se com a auctoridade de Ovidio nas *Metamorphoses,* de Seneca na tragedia de *Phedra e Hypolito,* de Cicero, de Aristoteles na *Ethica;* Valerio Maximo, Lucano, Tito Livio, Plinio, Ptolomeu e Homero ahi se acham citados conjunctamente com os Padres da Egreja e os chronistas da Edade media. A erudição humanista, estudando os bellos monumentos historicos de Thucydides e Polybio, sentia-se espontaneamente levada a imital-os na transformação das chronicas e annaes em historia nacional, e nos primeiros trabalhos especulativos sobre politica.

3.º **Desenvolvimento da fórma historica.** — Travada a ultima lucta da realeza contra o poder senhorial, o movimento levado a cabo por Luiz XI contra o Duque de Borgonha apparece tambem em Hespanha na queda de Alvaro de Luna, e em Portugal com a execução do Duque de Bragança por Dom João II. O seculo XV, d'essas poderosas conspirações e razões de estado, deixou-nos Memorias pessoaes ou particulares. A Chronica simples ainda confundida com a tradição poetica, veiu procurar nos fastos da vida social, nos interesses da ordem politica, nas modificações da esphera civil o objecto das suas narrativas. As nacionalidades já constituidas reclamaram dos eruditos a invenção das suas genealogias historicas, e os eruditos filiaram as origens dos francezes, dos venezianos, dos hespanhoes e dos portuguezes nos foragidos de Troya! Os estados geraes quizeram que se fixassem as razões das reformas que estatuiam, e os chronistas eram lisongeados pela realeza para justificarem os seus crimes. Conta Damião de Goes que Affonso de Albuquerque presenteava com joias Ruy de Pina para lhe ser favoravel nas Chronicas. No meio d'estas pretenções de uma vaidade erudita, appareceram os Comines, os Platinas, os Olivier de la Marche. Froissart viaja para colli-

gir os successos do seu tempo: « Faltava-lhe alguma cousa a dizer sobre as guerras de Hespanha, e precisava para isto o testemunho dos portuguezes. Asseguraram-lhe que muitos cavalleiros d'essa nação estavam em Bruges. O cavalleiro errante da Historia parte para Bruges; ali sabe que um outro cavalleiro portuguez valente e sabio estava na Zelandia; eil-o a caminho para a Zelandia, para saber os successos de Portugal. Ali acha o seu homem, *gracieux* e *accointable,* e está com elle durante seis dias, fazendo-lhe contar as historias e anecdotas que vae reduzindo a escripto. Depois de ter esgotado a memoria d'este cavalleiro parte para outra investigação. » [1] Com este mesmo espirito Fernão Lopes divagára por Portugal para escrever a historia do reino, e Azurara visitava as conquistas da Africa; mas o prurido da erudição latinista abafava por vezes o talento descriptivo e a acção da narrativa.

No seculo XV propaga-se a tradição das *Armas nacionaes,* explicadas pela lenda do Milagre de Ourique, como se vê pelas Memorias de la Marche. N'este mesmo seculo o bispo D. Garcia de Noronha, orando diante do Papa, chama pela primeira vez a Portugal *Lusitania,* considerando esta nação como representante da primitiva tribu celtica, e como se porventura o nome geographico concordasse com a designação ethnica. A realeza preoccupava-se com a organisação das Chronicas do reino, e convidava latinistas estrangeiros como Matheus Pisano, Frei Justo bispo de Ceuta e Angelo Policiano para traduzirem em latim as memorias nacionaes. De Pisano resta a narração latina da tomada de Ceuta; Frei Justo morreu repentinamente da peste, perdendo-se no seu espolio os materiaes que lhe tinham sido confiados; Angelo Policiano não accedeu aos desejos de Dom João II. Apesar de um exagerado respeito pelos latinistas estrangeiros é no seculo XV que apparecem os grandes historiadores portuguezes, escrevendo na lingua nacional, com elevado bom senso, e com um admiravel relevo pittoresco. A redacção portugueza era provisoria, sendo destinada á ampliação do latim academico, como se póde inferir da despreoccupação do estylo em Fernão Lopes, e dos plagiatos

[1] Lefranc, *Hist. critique de la Litt. française* — Moyen-âge, p. 395.

que d'este chronista fizeram outros que lhe succederam. A instituição de um Archivo dos documentos nacionaes por Dom Fernando e em seguida a creação do cargo de Chronista do reino inherente aos guardas d'este archivo, actuaram sobre o desenvolvimento da fórma historica, e determinaram o apparecimento de Fernão Lopes, Gomes Eanes de Azurara e Ruy de Pina.

a) *Fundação do Archivo nacional, e a conversão das Estorias em Caronicas.* — Nas Chronicas dos reis Dom Pedro I, (cap. 12) e de Dom Fernando, (pr. e cap. 48) falla Fernão Lopes da *Torre alvarrã* ou *do aver* primitivamente construida para se guardar o thesouro real; Dom Fernando mandou guardar juntamente com o thesouro o Archivo do Reino, e d'este modo as escripturas publicas estavam confiadas aos empregados da fazenda, convertendo-se a *Torre do aver* em *Torre do tombo.* Os primeiros guardas da Torre do Tombo, ainda não separados nas suas attribuições dos empregados do thesouro, foram João Annes, vedor da Fazenda, por 1378; Gonçalo Esteves, contador dos Contos de Lisboa encarregado do serviço da Torre em 1403, vencendo o mantimento e vestir, posto que não trabalhasse nos Contos, o que leva a fixar a separação do cargo de Archivista do de Thesoureiro em 1403. Seguiu-se-lhe Gonçalo Gonçalves, Contador dos Almoxarifados de Setubal e Obidos, incumbido do serviço do Archivo em 1414, e exercendo-o até 1418. Em outubro d'este anno já estava de posse de tal logar Fernão Lopes, o fundador da historia portugueza. O facto de apparecer nomeado em vida de Gonçalo Gonçalves leva a inferir que as attribuições de Archivista e de Thesoureiro foram separadas e tornadas independentes com a nomeação de Fernão Lopes.

Desde 1418 até 1420 apparecem bastantes documentos assignados por Fernão Lopes « a que desto he dado seu especial encarrego de guardar as chaves das dictas escripturas e o traslado d'ellas. » Fernão Lopes exerceu durante trinta e seis annos este cargo, pedindo a sua exoneração por ser: « *já tão velho e flaco, que per si não pode bem servir o dito officio.* »

A nomeação do novo archivista recaiu em Gomes Eanes de Azurara, indigitado pelo proprio Fernão Lopes: « per seu praximento, e por fazer a elle mercê, como he razom de se dar aos

boos servidores. » A Azurara succedeu em 1490 Ruy de Pina, tão severo na critica historica como o antecessor; até Damião de Goes deu a instituição do Archivo nacional esplendidos resultados, que outras causas mais fortes interromperam. [1]

Na Carta escripta pelo rei Dom Duarte, de Santarem a 19 de março de 1434, a Fernão Lopes, encarregava-o « de poer em *caronyca* as *estoreas* dos Reys, que antigamente em Portugal foram... » Herculano ligava valor differente a estas duas palavras; a *estoria* designava as memorias tradicionaes, os registos latinos, os obituarios, as lendas oraes, tal como na Edade media a *Historia* e a *Gesta* se empregavam no sentido de poemas narrativos; a *chronica* era a ephemeride palaciana com certa intenção de fixar os nascimentos, festas e casamentos reaes em relação com a vida publica. No seculo XV ainda apparecem fórmas rudimentares da historia, que ficaram de fóra da coordenação das chronicas do reino:

A.] *A Chronica da fundação do Moesteyro de Sam Vicente.* — Este opusculo, conhecido pelo nome vulgar de *Chronica dos Vicentes,* é uma traducção paraphrastica da relação latina intitulada *Indiculum fundationis Monasterii S. Vicentii,* escripta no reinado de Dom Affonso II; [2] Dom João III mandou imprimir em 1538 a traducção d'esta Chronica, divergindo do texto que se acha nos Monumentos historicos da Academia, [3] reproduzida em 1861 do manuscripto da Torre do Tombo, que pertenceu ao mosteiro de S. Vicente. Frei Antonio da Purificação diz, « que no Mosteiro de Sam Vicente se não consentia que alguem o tomasse na mão para o lêr, *nem mesmo aos historiadores e chronistas do reino.* » Segundo D. Rodrigo da Cunha foram auctores do Indiculum o allemão Otha, e Fernão Pires, natural de Lisboa, que Purificação diz serem simplesmente allegados como testemunhas vivas ao tempo da reducção do texto. A traducção pertence ao meado do seculo XV. [4]

[1] J. Pedro Ribeiro, *Mem. authenticas para a Hist. do real Archivo da Torre do Tombo.* — [2] Herculano, *Hist. de Portugal,* t. I, p. 506, not. XVII. — [3] *Port. Mon.,* Scriptores, p. 407. — [4] Nas *Questões de Litteratura e Arte portugueza,* vem um estudo desenvolvido sobre a Chronica dos Vicentes.

B.] *Vida de Dom Tello.* — É a historia sob a fórma biographica; a vida d'este arcediago de Santa Cruz de Coimbra, escripta em latim no seculo XII, foi traduzida para portuguez por Mestre Alvaro da Motta, dominicano. N'este documento se encerram alguns factos da historia nacional, que não apparecem em outros monumentos; por elle se vê qual era a litteratura cultivada no Mosteiro de Santa Cruz no seculo XII, pela lista dos livros offerecidos pelo mosteiro de Sam Rufo: « E emviarom-nos santo agostinho, *Sobre Joham evangelista* e *sobre o genesy,* que se chama *adliteram; questom sobre sam mateu e sam lucas;* e o *exmerom* de santo ambrosio, o *pastorall* de Santo ambrosio; beda *sobre sam lucas,* pelas quaes cousas somos muito obrigados ao convento de sam Ruffo... » Interessa pela traducção em portuguez, da qual se lê no prologo: « Esta obra está em latim no livro do erdamento de Santa cruz, e foi tornado em linguagem, porque o entendessem muitos, a requerimento de *pedreannes,* prior de podentes, irmão de affonseannes conigo de santa cruz. E esto foi em tempo de gomes prior de santa cruz, homem de santa vida, que primeiro foi abbade de frorença. E esta treladaçom fez de latim em linguagem mestre *alvaro da mota,* da ordem dos pregadores, o maior letrado da ordem, estando em santa cruz com o prior dom gomes no anno de LV, no mez de novembro. » A linguagem da traducção apresenta fórmas que já se não encontram em outros escriptores contemporaneos de mestre Alvaro da Motta, phenomeno que se explica por uma maior aproximação da linguagem popular: « Vinham muitos velhos *cãaos* fazendo grande *chanto* por dom tello... » A fórma vulgar de *cãaos,* cano ou encanecido, desappareceu por causa da homonymia com *cão,* ficando a fórma feminina *cãs;* o *chanto* era a fórma vulgar de *planctus,* sendo substituida pela fórma mais proxima do latim *pranto* por causa da homonymia com *chanto,* de chantar ou plantar. O uso erudito observava estes phenomenos fixando as fórmas na lingua escripta.

C.] *Chronica do Condestabre.* — Esta biographia é classificada pelo auctor anonymo no seu pequeno prologo com o nome de *estoria;* a mesma designação lhe dá Gomes Eannes de Azurara comparando-a com a canção de Gesta do *Duque João de*

Lanson: « Antiguamente foi costume fazerem memoria das cousas que se faziam, assi *erradas*, como dos valentes e nobres feitos. Dos erros, por que se d'elles soubessem guardar; e dos valentes e nobres feitos aos boos fezessem cobiça aver pera as semelhantes cousas fazerem. » Azurara exemplifica os feitos errados com a *faulse geste* do traidor João de Lanson; a Chronica do Condestavel é apontada como o typo da memoria dos feitos valentes. Na Chronica se diz que o Condestavel « avia gram sabor de leer *livros de estorias*, especialmente usava mais ler a *estoria de Galaaz*, em que se continha a somma da Tavola Redonda; » ali se encontra tambem a lenda da *espada invencivel*, que o alfageme de Santarem entregou ao Condestavel, sobre que Garrett fundou um drama nacional.

b) *Os grandes Chronistas do seculo XV.* — O rei Dom Duarte, por Carta de 19 de março de 1434, deu: « carrego a *Fernão Lopes* seu escripvam, de poer em caronyca as estorias dos Reys que antigamente em Portugal forom; esso meesmo os grandes feitos e altos do muy vertuoso e de grandes vertudes el-Rey seu senhor e padre, cuja alma deus aja; e por quanto em tal obra elle ha assas trabalho e ha muito de trabalhar, porem querendo-lhe agallardoar e fazer graça e merçee, mando que ele aja de teença em cada hum anno em todollos dias de sua vyda, des primeiro dia do mez de janeyro que ora foy da éra d'esta carta em deante, pera seu mantimento quatorze mil libras em cada um anno, pagadas aos quartees do anno. » Quando o Infante Dom Fernando partiu para Tanger, no testamento que fez cita este chronista: « Item, leixo a Fernam Lopes, meu escrivão da puridade um liuro de linguagem, que ell me deu que chamam *hermo espiritual*. »

Azurara falla do caracter do chronista: « notavel pessoa, homem de communal sciencia e grande authoridade; escrivão da puridade do Infante Dom Fernando; ao qual el-rei Dom Duarte, em sendo Infante, commetteu o cargo de apanhar os avisamentos que pertenciam a todos aquelles feitos (guerra entre Portugal e Castella) e os ajuntar e ordenar segundo pertencia á grandeza d'elles, e authoridade dos princepes e outras notaveis pessoas que os fizeram. » Tanto pela Carta de Dom Duarte como por esta citação de Azurara, se vê que Fernão Lopes foi incumbido de es-

crever a Historia geral do reino, e ao mesmo tempo a de Dom João I, já fallecido. Na carta de mercê de Dom Affonso V, feita em Lisboa em 11 de janeiro de 1449, tambem ha referencia ao trabalho de uma Historia geral: «pelos grandes trabalhos que elle ha tomado e ainda hade tomar em fazér a *Chronica dos feitos dos Reys de Portugal*... »

D'este vasto trabalho de Fernão Lopes só restam as *Chronicas de Dom Pedro I*, de *Dom Fernando* e a *de Dom João I*, incompleta; todos os outros livros foram passando por copias successivas, até que os copistas nas suas interpolações se persuadiram que eram auctores das obras plagiadas. Damião de Goes, na *Chronica de D. Manuel*, restituiu pela primeira vez, por um processo critico, a Fernão Lopes as Chronicas desde o Conde Dom Henrique até ao rei Dom Duarte, que andam firmadas por outros nomes. [1] José Soares da Silva, e Trigoso seguiram a auctoridade de Goes, e reforçaram-na: «Gomes Annes, no ultimo capitulo da *Chronica do Conde D. Pedro*, primeiro capitão de Ceuta, que elle compoz, na qual para verificar a jornada dos Infantes a Tanger, cita a Fernão Lopes, na *Chronica geral do reino*, como assim mesmo o allega em outras partes; dando d'ella um notavel testemunho no principio do segundo capitulo da sua historia de Ceuta... E ainda que algumas d'estas Chronicas se acham accrescentadas ou recopiladas, como são as *de Dom Affonso Henriques* por Duarte Galvão (a quem o grande João de Barros, na terceira Decada, liv. I, cap. 4, chama seu *apurador*), a *de Dom Duarte* por Gomes Annes ou Ruy de Pina; as dos nove reis, por Duarte Nunes de Leão, *sempre as substancias e o principal d'ellas é de Fernão Lopes.*» [2] Na livraria de Dom Duarte guardava-se uma *Chronica de Portugal.*

Sobre o modo das investigações historicas, diz o proprio Fernão Lopes, que «com cuidado e diligencia vira grandes volumes de livros e desvairadas linguagens e terras, e isso mesmo, publicas escripturas de muitos cartorios e outros logares, nos quaes, depois de longas vigilias e grandes trabalhos, mais certidam aver

[1] *Chr. de D. Manuel*, P. IV, cap. 38. — [2] José Soares da Silva, *Mem de D. João I*, t. I, proem.

nom pode do conteudo em esta obra. » Tambem Azurara caracterisa da mesma fórma o trabalho do venerando mestre: « em andar pelos Moesteiros e Igrejas buscando Cartorios e os letreiros d'ellas, para aver sua informação; e não só em este Reyno, mas ainda no reyno de Castella mandou el-rey Dom Duarte buscar muytas Escripturas que a este pertenciam. » [1] As Chronicas de Fernão Lopes são immensamente dramaticas; os ditos pittorescos que definem um typo ou uma acção, os costumes populares que formam o fundo do quadro em que se vive e sente, a linguagem natural em uma construcção espontanea, dão ás narrativas de Fernão Lopes o realismo de um Froissart temperado pelo bom senso de Montaigne.

Gomes Eannes de Azurara. — A *prasimento* do proprio Fernão Lopes, succedeu-lhe Azurara, compondo a *Tomada de Ceuta,* que forma a terceira parte da *Chronica de Dom João I,* escripta trinta e quatro annos depois da interrupção de Fernão Lopes. O rei Dom Affonso V encarregou d'este trabalho Azurara, que era seu bibliothecario, posição que influiu no estylo rhetorico e no alarde de uma erudição humanista que tanto caracterisa o seculo XV. Para descrever as guerras de Africa, Azurara residiu bastante tempo em Alcacer Ceguer, podendo assim descrever ao vivo a tomada de Alcacer, Arzilla e Tanger. Escreveu a *Chronica do Conde Dom Pedro de Menezes* e de *Dom Duarte* seu filho, e uma *Chronica de Dom Affonso V* até á morte do Infante D. Pedro em Alfarrobeira; Ruy de Pina apropriou-se d'esta Chronica ampliando-a e continuando-a, como fizera Azurara em relação á *Chronica de Dom João I.* Para a *Chronica da Conquista de Guiné,* ou propriamente a vida do Infante Dom Henrique, serviu-se Azurara de uma Relação escripta por Affonso Cerveira. Como discipulo de Fernão Lopes, Azurara tambem procurava compenetrar-se da verdade historica, visitando os logares da acção; a corrente da erudição humanista destruiu em grande parte a sua ingenuidade medieval, e escrevendo em 1453 na opulenta livraria de Dom Affonso V, o ambiente material dominava-o, seguindo com vaidade esse prurido do seculo. Pela Carta de João Rodrigues de

[1] *Chr. de D. João I,* P. III, cap. 2.

Sá a Damião de Goes, se sabe que « as Chronicas dos Reis passados de Portugal, que se perderam em poder de Frei Justo, Bispo de Septa, italiano, que el-rei Dom Affonso V mandou buscar a Italia, *pera lh'as escrever em latim,* e elle morreu da peste em Almada, e aí se perderam. » [1]

Ruy de Pina. — Succedeu este chronista a Azurara na guarda da Torre do Tombo; compilou do trabalho dos antecessores as Chronicas de Dom Duarte e Dom Affonso V, e escreveu a *Chronica de Dom João II,* plagiada por Garcia de Resende, e começou a *Chronica de Dom Manoel,* levada até á tomada de Azamor em 1514. Na celebre Carta de João Rodrigues de Sá de Menezes se lê: «Ruy de Pina, em tempo de Dom João segundo, houve á mão, por mandado d'el-rey umas Chronicas dos Reis antiguos, que mingoavam, de hum homem d'esta cidade mui principal, que se chamava Fernão Novaes, como elle me mostrou a Carta de el-rei, com o conhecimento de Ruy de Pina; e regnando el-rei Dom Emanoel, elle ou por ter estas Chronicas ou tambem por estar em seu poder o Tombo, em que estavam as cousas d'aquelles tempos, e por Chronicas de Castella, se offereceu a el-rei a lhe fazer as Chronicas que falleciam, e a isso veo da Guarda a Lisboa, e as fez com grande gosto de el-rei, e com lhe fazer muita mercêe por isso. Depois de acabadas, muitas pessoas vi descontentar-se d'ellas, á minha vontade sem rasão, posto que o estylo de Ruy de Pina pelos muytos adjectivos e epithetos que se usavam n'aquelle tempo, he muito afeitado. »

Ruy de Pina era escrivão da Camara de Dom João II, e bastante considerado pelo violento monarcha; em uma carta datada de Evora, de 16 de fevereiro de 1490, nomeia-lhe um amanuense para o ajudar « no carrego e negocio de escrever em nossos feitos famosos e de nossos Reynos. » Com egual data lhe manda passar uma carta de tença de nove mil quinhentos e sessenta reis. Ruy de Pina contou as intrigas do Duque de Bragança, assassinato do Duque de Coimbra, envenenamento de sua filha a rainha D. Isabel até á traição castigada com a execução em 1483. Dom Manoel respeitando sempre os planos de Dom João II, estimou

[1] Apud. *Chr. de D. Manuel,* P. IV, cap.º 38, fl. 50.

Ruy de Pina concedendo-lhe uma tença de doze mil reis annuaes, e nomeando-o « Coronista Moor das Caronicas e das cousas passadas e presentes e por vir de nossos Regnos e Senhorios; » e tambem o nomeou seu bibliothecario com « o carrego e a chave da nosa Livraria que está nos nossos paços da cidade de Lisboa, o qual officio e carrego queremos que o dito Ruy de Pina aja, e tenha assy e pela guisa que hos tinha o doutor Vasques Fernandes do nosso conselho e nosso chanceller em a Casa do Civel que no lo leixou pera o darmos ao dito Ruy de Pina por satisfação que lhe delle demos de que foy contente e como o tyveram os outros coronystas damtes elle... » Este documento é datado de Evora, de 24 de junho de 1497. O plagio da *Chronica de Dom João II* por Garcia de Resende deve attribuir-se ao intuito de eliminação d'aquellas narrativas que não eram honrosas para os Braganças, como se póde inferir pela consideração que o monarcha consagrava a Ruy de Pina, que escrevia com uma franqueza nada official.

c) *Os Humanistas: Philosophos e Moralistas — A Universidade de Lisboa — Estudantes portuguezes na Italia — A Imprensa portugueza e seus monumentos.* — No Catalogo dos livros de uso do rei Dom Duarte, cita-se *Alexandre,* que era a fórma laconica de designar o *Doutrinal* de Alexandre de Villa Dei, em que se achavam compilados os tratados grammaticaes de Servio, Varrão e Prisciano, que se estudava com *grande arruido;* em 1494 já se mencionam mestres de *grammatica da arte velha e da nova.* Era a corrente dos novos estudos humanistas que penetrava em Portugal, assim como Nebrixa a introduzira em Hespanha. Cataldo Siculo, que professara rhetorica em Padua, veiu a Portugal educar Dom Jorge bastardo de Dom João II e Dom Manoel, desenvolvendo-se na côrte a educação dos moços fidalgos; Filelfo tambem foi conhecido em Portugal. Segundo a velha classificação das sciencias por Sam Boaventura, remodelada por Lullo, a Grammatica, Rhetorica e Logica formavam a Philosophia *racional,* a Physica, a Mathematica e a Metaphysica constituiam a Philosophia *natural,* e a Monastica, Economica e Politica a Philosophia *moral.* A preoccupação d'estes estudos fez com que Dom Duarte, conhecedor das doutrinas raymonistas, fizesse traduzir a *Rheto-*

rica de Cicero, e a *Ethica* de Aristoteles, cujo *Canon* dominava em Portugal sob a fórma do averroismo. Os principaes livros philosophicos que nos apparecem escriptos em portuguez no seculo XV tem o caracter de compilações encyclopedicas, prevalecendo sempre o dogmatismo catholico em todas as suas conclusões; apenas está publicado o *Leal Conselheiro* do rei Dom Duarte, conservando-se ineditos a *Côrte Imperial* e a *Virtuosa Bemfeituria*. Esbocemos o valor de cada um d'estes livros.

Côrte Imperial. — Apparece este livro como fazendo parte da bibliotheca de Dom Duarte; guarda-se na Bibliotheca do Porto, lendo-se no frontispicio: « *Este liuro é chamado* côrte emperial, o *qual liuro he dafons Vasques de Calvos morador na cidade do Porto.* » Como se sabe pelos Nobiliarios, Affonso Vasques Calvos foi criado do duque de Bragança em 1442. A rasão do titulo do livro explica completamente a sua fórma dialogada e o seu intuito apologetico: « e tal nome lhe he feyto, porque asy como na côrte do Rey e do emperador ou doutro alto princepe soeẽ a seer trautados os grandes negocios e os altos feytos, e as arduas questões determinadas, asy este liuro tracta de grandes cousas e de muy altas questões asy como a — essencia de Deos e da trindade e da encarnação divinal e d'outras materias proveitosas para conhecer e entender o senhor deus, segundo o poder da fraqueza humanal, provando tudo por auctoridades da santa escriptura cõ declarações e exposições de doutores e per razões evidentes e dizeres de barões sabedores declarados de latim em linguagem portugueza... » Por este livro se póde conhecer o estado do conhecimento das obras arabes em Portugal.

A Virtuosa Bemfeituria. — Tambem na Bibliotheca do erudito rei Dom Duarte se guardava este livro escripto por seu irmão o Infante Dom Pedro, citando-o como auctoridade: « e o Infante Dom Pedro, meu sobre todos prezado e amado irmão, de cujos feitos e vida som contente, compoz o liuro da *virtuosa bemfeituria* e as horas da confissom. » [1] Ruy de Pina, tambem retrata assim o Infante: « foi bem latinado e assás mystico (encyclopedico) em sciencias e doutrinas de letras, e dado muito ao estudo;

[1] *Leal Conselheiro*, p. 169.

elle tirou do latim em linguagem o *Regimento de Princepes,* que Frey Gil Correado compoz, e assim tirou o Livro dos *Officios* de Tullio, e Vegecio *De Re militari,* e compoz o livro que se diz da *Virtuosa Bemfeituria.* » [1] Este livro é uma compilação dos sete tratados de Seneca, e guarda-se em apographo entre os manuscriptos da Academia das Sciencias.

O Leal Conselheiro. — É uma vasta encyclopedia de theologia, moral, medicina, logica, pedagogia, de envolta com ingenuos traços biographicos, escripta por el-rei Dom Duarte. Diz elle: « E tal trautado me parece que principalmente deve pertencer para homens de côrte, que alguma cousa saibam, de semelhante sciencia e desejem viver virtuosamente, por que aos outros bem penso que nom muyto lhes praza de o ler nem de o ouvir. » Apesar de escripto sob o regimen de uma importuna erudição, o *Leal Conselheiro,* pela sua origem familiar e domestica teve na sua redacção « de levar esta ordem de escrever na geral maneira de nosso fallar natural. » Sob este aspecto, é um dos mais importantes documentos philologicos.

A codificação das Leis. — Os jurisconsultos foram os principaes humanistas da Renascença; conhecedores do systema das leis romanas trataram de codificar as differentes ordenações especiaes, formando um corpo geral que veiu a destruir a legislação foraleira. Com o titulo de *Leis antigas* achou em 1633 o escrivão Jorge da Cunha entre o lixo da Torre do Tombo um pergaminho de 168 folhas, mas em 1639 já não pôde dar com elle o Procurador da corôa Thomé Pinheiro da Veiga. Em uma certidão do Mosteiro de S. João de Tarouca da éra de 1459 cita-se o *Livro das Ordenações que anda na Chancellaria;* é crivel que fosse o codigo mandado ordenar por Dom João I ao seu jurisconsulto João Mendes Cavalleiro. Na Bibliotheca do rei Dom Duarte « que em sendo Infante foi Regedor da Casa da Supplicação » encontra-se a designação do *Livro das Ordenações dos Reis;* e no codigo affonsino cita-se o *Livro das Ordenações do Reino* [2] e tambem o *Livro das Leis que anda na Casa do Civel.* [3]

[1] *Chronica de Dom Affonso V,* cap. 125, p. 433. — [2] *Ord. Affons.,* liv. III, tit. 6, §. 1. — [3] *Ib.,* tit. 15, §. 29.

As occupações de Dom Duarte quando Infante levaram-no a emprehender uma nova codificação das Leis; uma copia das *Ordenações de Dom Duarte* chegou ao poder do ministro José de Seabra da Silva, vindo outra copia do desembargador Joaquim Pedro Quintella parar na mão de seu filho o barão de Quintella. João Pedro Ribeiro que a examinou disse que tinha 450 folhas numeradas. [1] Hoje as *Ordenações de Dom Duarte* acham-se reproduzidas nos Monumentos historicos, da Academia das Sciencias. As *Ordenações Affonsinas* codificam as leis dispersas dos diversos reis ainda da primeira dynastia; cada um dos seus titulos é precedido de um preambulo litterario, com ideias dos moralistas greco-romanos, misturando-se com ellas o symbolismo pittoresco da Cavalleria da Edade media no *Regimento de Guerra portuguez*. Como obra de litteratura, a affonsina é um vasto repositorio de locuções populares, de costumes e de vida intima da nossa sociedade no seculo XV. Predomina a eschola bartholista, que impõe acima de todas as leis privilegiadas, ecclesiasticas, locaes e senhoriaes, o *fôro do rei*, fórma transitoria da unificação civil.

A Universidade de Lisboa. — O espirito de secularisação subsiste no desenvolvimento das Universidades no seculo XV; como no tempo de Dom João I se fixou a côrte em Lisboa, assim elle quiz, em 1384, que a Universidade fosse *para sempre* para junto do poder real. A Universidade ficou collocada á porta de Santo André, «da parte de fora contra o arravalde dos mouros.» Havia as classes dos estudantes ricos, medianos e pobres. Durante as suas viagens o Infante Dom Pedro escreveu ao rei Dom Duarte seu irmão lembrando-lhe que reformasse a Universidade fundando junto d'ella Collegios «*a exemplo dos de Oxonia e Paris.*» O Infante Dom Henrique collocou as Escholas geraes em casa propria, em 1431, «para as *sete artes liberaes*, grammatica, logica, rhetorica, aresmetica, musica, geometria e astrologia...» Para os *estudantes pobres* instituiu por testamento de 9 de dezembro de 1447 o Dr. Mangancha um Collegio; e por testamento do Infante Dom Henrique de 1460 instituiu uma cadeira de

[1] *Dissert. chronologicas*, t. IV, P. II, p. 28.

Theologia, dotada com doze marcos de prata. Prevaleceu o espirito clerical na Universidade, e Dom Affonso V em 1476 entrega ao bispo Dom Rodrigo de Noronha o governo e protecção do Estudo geral, ficando assim a Universidade de Lisboa esteril até á primeira reforma em 1504, nos conflictos dialecticos de Scotistas e Thomistas.

A necessidade de ir frequentar as escholas humanistas da Italia, pelos filhos da principal aristocracia portugueza, prova a insufficiencia do quadro dos nossos estudos. Por 1489 os filhos do Chanceller João Teixeira frequentavam os cursos humanistas de Angelo Policiano, e Henrique Caiado attribue ás lições de Cataldo Siculo a sua cultura litteraria. Os estudantes de Theologia procuravam especialmente a Universidade de Paris.

A Imprensa em Portugal e os seus monumentos. — Sobre a data do apparecimento da Imprensa em Portugal achamos a seguinte noticia: « Em 1460 alguns negociantes d'esta cidade de Nuremberg informaram o governo real de Portugal da descoberta e utilidade da Imprensa, feita por Gutemberg e Fausto em Mayença. Um cardeal, ou o prior de um grande convento de Coimbra mandou vir em 1465 os primeiros typographos de Nuremberg para Portugal, onde elles imprimiram de 1465 a 1473 em um convento, os auctores gregos e latinos e muitos livros ecclesiasticos, como por exemplo Thomaz de Aquino etc. — Segundo uma velha chronica, estes impressores que vieram a Portugal, eram Emanuel Semons (Simon) de Nuremberg, e Christophe Soll, de Altdorf, um burgo proximo de Nuremberg; ensinaram muitos discipulos, e immediatamente a typographia espalhou-se por todo o reino de Portugal. » [1] Não sabemos até que ponto é rigorosa esta informação; comtudo são conhecidos os monumentos da Imprensa portugueza no seculo XV, devendo citar-se em primeiro logar as *Coplas do Menosprecio do Mundo* do Condestavel de Portugal de 1478, a *Istoria do muy nobre Vespasiano,* de 1496, e a incomparavel tiragem da *Vita Christi,* mandada traduzir pela rainha Dona Isabel, e impressa em 1495 por Valentim de Moravia e

[1] Buckmann, *Boletim da Sociedade de Geographia,* 2.ª serie, p. 674 (1881.)

Nicoláo de Saxonia por ordem e a expensas da Rainha Dona Leonor, um dos vultos mais eminentes do seculo, e a iniciadora das Misericordias e do Theatro nacional, que entre si tiveram uma tão intima relação. Valentim Fernandes imprimiu ainda em 1501, as *Coplas* de Jorge Manrique, e em 1502 as Viagens de Marco Polo, dois dos livros que mais apreciados foram durante o seculo XV; a sua actividade continuou até ao anno de 1514.

Durante a Edade media a litteratura epistolar teve uma importancia especial, sendo cultivada com o titulo de *Ars dictandi;* na época da Renascença a carta era um pretexto para os humanistas mostrarem o seu estylo ciceroniano. Não fallando das Cartas de Dom Duarte, Infante Dom Pedro, Marquez de Santillana e Angelo Policiano, distinguem-se por um notavel vigor pittoresco as Cartas de Lopo de Almeida, escriptas da Allemanha em 1451 a D. Affonso V, contando-lhe a jornada e festas do casamento da Imperatriz Dona Leonor, irmã do monarcha. [1] A preoccupação rhetorica do seculo XV fez com que o *Magister dictaminis* se tornasse na côrte o moço da escrivaninha, como Garcia de Resende junto de Dom João II. [2]

§. IV

Existencia de um elemento popular

O desenvolvimento erudito da lingua e litteratura portugueza no seculo XV, mostra-nos que os escriptores tendiam a afastar-se das relações naturaes com o povo. Todas as vezes que uma litteratura, á maneira de uma planta, não alimenta as suas raizes n'este humus forte chamado a tradição nacional, cresce mas de uma maneira doentia; como o ramo estiolado que procura a luz, ella segue as correntes do gosto em constante imitação. Seria por-

[1] Ap. *Provas da Hist. genealogica*, t. I, p. 633. — [2] Na *Era Nova*, p. 467, publicámos uma *Carta de amores*, do seculo XV, que foi copiada de um Caderno de notas de Prazos do Mosteiro de Refoios de Basto, que principia em 1442 e acaba em 1452.

ventura a separação completa entre os escriptores e o povo, o resultado de não haver entre o povo portuguez vida moral, isto é, cantos, festas, costumes proprios? O povo portuguez, que pela sua organisação social em *Behetrias* se elevou muito cedo á unificação nacional, possuia caracteres accentuados de invidualidade. Nas Viagens do Barão de Rozmital, de 1465 a 1467, encontram-se algumas noticias sobre tradições e costumes portuguezes, taes como as *ilhas encantadas*, e os ritos nupciaes e funerarios: « N'esta villa (Thomar) vimos como os padres celebram sua primeira missa. Dita esta, n'esse dia e nos seguintes percorrem a povoação com flautas e n'ella tudo retumba com as dansas e cantigas dos homens, mulheres e padres, entoando o côro o novo celebrante. » Rozmital refere-se tambem aos *clamores* e *brados* sobre finados, que se prohibiram no tempo de D. João I: « Ha tambem alli esta costumeira: morrendo alguem, levam para a egreja vinho, carne, pão e outras comidas; os parentes do morto acompanham o funeral vestidos de roupas brancas proprias dos enterros com capuzes á maneira dos monges, com o qual vestuario se vestem de um modo admiravel. Aquelles porém, que são assalariados para carpirem o defuncto vão vestidos com roupa preta, e fazem um pranto como o d'aquelles que entre nós pulam de contentes ou estão alegres por terem bebido. » Estes costumes accusam a existencia de uma poesia popular, como os *Aurusta* do Bearn, ou os *Areytos* hispanicos, ou os *Tribuli* e *Voceros* da Italia e da Corsega.

a) *Cantigas na sepultura do Condestavel.* — Na Chronica dos Carmelitas pelo Padre José Pereira de Santa Anna, vem diversas cantigas do povo, colligidas em um Manuscripto de Gomes Eannes de Azurara, com as quaes a memoria do santo guerreiro era perpetuada na tradição nacional. O povo cantava á porta do convento onde o Condestavel se recolhera do ruido das armas nas austeridades da penitencia:

O santo Condestabre
En o seu mosteiro
Dá-nos sua sôpa,
Mail-a sua roupa,
Mail-o seu dinheiro.

Pela Paschoa florida as mulheres de Lisboa cantavam varias seguidilhas sobre a sepultura do Condestavel, taes como:

No me lo digades none
Que santo es el Conde.

O gram Condestabre
Nunalves Pereira,
Defendeu Portugale
Com sua bandeira
E com seu pendone...

Os moradores do Rastello vinham tambem á mesma sepultura pela segunda Outava do Espirito Santo, e cantavam entre outras coplas:

Santo Condestabre
Bone portugués,
Conde d'Arrayolos,
De Barcellos, d'Orem,
Na campanha sondes
Além d'uma bez, etc.

E os moradores de Sacavem, cantavam no anniversario do Condestavel, em volta da sua sepultura:

Do Rastello a Sacavem
Nem ningola, nem ninguem
Tem semelho ao Condestabre,
Que le prougue e que le praze
Ho fazer-nos tanto bem... [1]

Um dos cantos populares mais antigos era a canção allusiva aos amores do rei Dom Fernando I, com a mulher de João Lourenço da Cunha: «é por esto se levantó la cancion que dice:—

[1] Ap. *Cancioneiro popular*, p. 9 a 13.

Ay donas! por que tristura?» [1] Fernão Lopes descrevendo a revolução popular de Lisboa que levou ao throno o Mestre de Aviz, traz a cantiga que allude á morte do Conde Andeiro e do Arcebispo de Lisboa:

Esta es Lisboa presada,
Miralda y leixalda!

Si quiserdes carnero,
Qual dieran al Andero;
Si quisierdes cabrito,
Qual dieran al Arçobispo. [2]

Na Chronica anonyma do Condestavel, ao descrever-se a tomada do Castello de Portel, que se não queria render ao Mestre de Aviz, vem intercalada essa outra cantiga:

Pois Marina balhou,
Tome o que ganou.
Milhor era Portel,
Velha ruiva, p... velha
Que não çaffra e segura
Tome o que ganou. (cap. 37).

Depois da batalha de Aljubarrota, o povo continuou a dar aos seus cantos esse caracter satyrico, como se vê n'este *Cantarcillo* da Padeira de Aljubarrota, intercalado em um velho romance castelhano:

Pois que Madanella
Remediou meu mal,
Viva Portugal
E morra Castella.
Seja amor testigo
De tamanho bem;

[1] Llaguna y Amirola, *Compendio historial*, ap. Rios, *Hist. crit. da Litteratura esp.*, t. VII, p. 437, not. 2. — [2] *Chron. de D. João I*, t. I, p. 205.

Não chegue ninguem
A zombar commigo;
Que a espada é rodella,
A Forneira sal;
Viva Portugal
E morra Castella. [1]

Do seculo XV ainda resta o vestigio de um outro canto popular, citado no cêrco de Tanger em 1460, de que Azurara traz os primeiros versos em fórma de proverbio, e que se póde completar pela tradição actual:

« Oh noite má
P'ra quem te aparelhas?
— Pr'os pobres soldados
E pastores de ovelhas.
« E os homens do mar
Aonde os deixar?
— Esses ficam metidos
Até ás orelhas.

De todos estes factos conclue-se, que a litteratura do seculo XV tinha um elemento popular bastante vasto e nacional, de que poderia aproveitar-se se o comprehendesse. Um dos principaes escriptores do seculo XV, que muito influiu nas litteraturas peninsulares, o Marquez de Santillana, na sua Carta ao Condestavel de Portugal, diz fallando do elemento tradicional: « Infimos são aquelles, que sem nenhuma regra nem medida fazem estes *Romances e Cantares de que a gente baixa e de servil condição se alegra.* » A auctoridade erudita que assim transviava o espirito do Marquez de Santillana, estabeleceu a scisão entre o genio popular e a litteratura portugueza, mais do que em nenhuma outra litteratura romanica.

b) *Referencia a Romances tradicionaes.* — *Formação dos Romanceiros.* — A referencia mais antiga a um romance popular apparece-nos na *Chronica de Alfonso Onzeno,* que attribuimos a

[1] *Romancero general:* Un gallardo portugués.

Affonso Giraldes; aí vem o verso: «Mal lo passaron francezes.» [1] No Cancioneiro geral de Garcia de Rezende, citam-se tambem alguns romances populares, como o *Nunca fue pena maior*, a que allude Pedro Homem, e a *Bella mal maridada*, citado por Nuno Pereira, Francisco da Silveira e Rezende. Miguel Leitão de Andrade, conta que ouvira cantar o romance do *Figueiral*, a uma mulher muito velha do Algarve, isto é, nascida ainda no seculo XV. Alguns romances populares celebram successos do seculo XV; no romance do *Conde Niño*, as aventuras de Tristão adaptam-se á historia veridica dos amores de Dom Pedro Ninho com a princeza Dona Beatriz; no romance do *Casamento mallogrado*, celebra-se a morte desastrosa do principe Dom Affonso em 1491.

Nos Romances tradicionaes portuguezes notam-se duas fórmas de versificação, a *redondilha menor*, e a *redondilha maior*. Até ao seculo XV prevaleceu o romance em redondilha menor, ao qual o chanceller Ayala chamava *Cantar de antiguo rimar*, devido talvez á imitação do verso alexandrino dos cantos dos jograes. Pertencem a esta fórma o *Figueiral*, *Santa Iria*, *O Cego*, a *Pastorinha*, o *Hortelão das flores*, *Dom Beso*, *Confissão do Pastor* e a *Xacara do Galante* que nos apparece na tradição das Asturias e de Andalusia. Do seculo XV para XVI o Romance é transportado para o verso de redondilha maior. A causa de tal phenomeno? Crêmos devel-a attribuir a serem então os romances *resados* (recitados) em vez de cantados. Os cantos do povo foram prohibidos na liturgia, como se sabe pela allusão de Dom Duarte para se não cantarem *cantigas sagraes*. Os eruditos não queriam ouvir os cantos do povo porque os achavam despreziveis. D'aqui as duas designações d'este genero de poesia heroica, a *Aravia*, usada pelo povo, e o *Romance* empregada pelos eruditos. Para os eruditos o Romance significava a linguagem vulgar, e os cantos *sin regla ni cuento*, como os caracterisava o Marquez de Santillana, pela despreoccupada vulgaridade. O erudito só julgava poesia a difficuldade da metrificação e da rima; e o verso octosyllabo, que é natural e quasi fallado, apenas assonantado em uma

[1] Verso 2285.

mesma vogal accentuada, não podia parecer aos palacianos senão um vernaculo rasteiro.

O nome que o povo dava aos seus cantos era o de *Aravia*, ainda hoje corrente em algumas ilhas dos Açores; são numerosos os documentos em que a palavra *Aravia* significou a linguagem plebêa, a giria e o canto do povo. Nas colonias hespanholas do Mexico ainda se encontra o nome de *Yaravi* designando os cantos heroicos de sete syllabas assonantados. O missionario Acosta, na *Historia natural da India*, fallando do gosto dos mexicanos pela musica, e da vantagem que d'isto se tirava para a catechese, diz: « Tambien han puesto en su lengua composiciones y tonadas nuestras, como de Canciones, de Romances de redondillas; y es maravilla cuán bien las toman los indios y cuanto gustan. »[1] Aqui temos uma evidente connexão historica entre a *Aravia* insulana e a *Yaravi* mexicana; isto nos reporta a um fundo ethnico commum a Portugal e Hespanha. Sabe-se que os cantos e dansas entre os Arabes só eram permittidos ao baixo povo; pelo Arcipreste de Hita se sabe da persistencia d'esses cantos, *leilas* e tonadilhas ou *lingui-lingui* arabes, que o nosso Gil Vicente ainda accusa no seu *Calbi ora bin*. Sendo os Romances heroicos cantados antes do seculo XV, ás tonadilhas arabes deveram a designação de *Aravia;* o romance portuguez mais antigo que existe, acha-se no Cancioneiro da Vaticana, onde entrou por causa da musica a que andava ligado, e Soriano Fuertes publicou a musica do romance do *Figueiral*. Essa classe popular onde persistiu o romanceiro era a que os chronistas chamaram os *Mosarabes;* n'esses Romances acham-se muitos symbolos juridicos que estavam no seu vigor nos Foraes, signal de que são simultaneos com esses documentos escriptos em que as populações isoladas ou concelhos vindicaram na sociedade neo-gothica a sua independencia civil. E assim como os foraes foram extinctos, por causa do fôro do rei estabelecido pelos romanistas, tambem os Romances chegaram a ser esquecidos pelos eruditos que só achavam dignas da litteratura as imitações greco-romanas.

c) *Autos, Mômos e Entremezes.* — Uma grande parte dos

[1] Op. cit., p. 447.

costumes portuguezes apresenta fórmas dramaticas, como os Descantes das Janeiras, as Maias, os Colloquios de presepio; e os actos da vida usual, como as malhadas do centeio no Minho, e a apanha da azeitona, no Alemtejo, terminam com paradas e improvisos satyricos. Foi sobre este elemento popular que Gil Vicente, que floresceu na côrte de Dom João II, fundou o theatro nacional, dando-lhe fórma litteraria nos primeiros annos do reinado de Dom Manuel. Ha porém, ainda no seculo XV referencias a divertimentos theatraes; lê-se no *Leal Conselheiro* de Dom Duarte: « em tal maneira que nom pareça que os *albardaães* teem mais sabedoria que nós, por que elles nom se trabalham d'arremedar as estorias melhores, mas que lhe som mais convenyentes. Pois estas cousas taes esguardará o *albardam* na zombaria, e nom as veerá o homem sabedor em sua vyda... » [1] Esta palavra empregada pelo Arcipreste de Hita, é por Gil Vicente transformada para exprimir a sua predilecção pelos divertimentos dramaticos, dando-se figuradamente por filho de um *albardeiro* e neto de um tamborileiro. Certas commemorações historicas eram celebradas com procissões dramaticas, como as quatro procissões de Corpo de Deus ordenadas por Dom João II em 1482, além da instituição da Eucharistia no dia do milagre da cera, em vespera de Santa Maria de Agosto pelo vencimento da Batalha real, e no dia da victoria do Toro e Samora. Para se vêr definida a fórma dramatica basta transcrever do regimento d'essa procissão: « Os homens d'armas, estes todos bem armados sem nenhuma cobertura, e com as espadas nuas nas mãos, e levarão *S. Jorge muy bem armado com um page, e huma Donzella para matar o Drago.* » Nos festins do paço tambem se usavam *Mômos* e *Entremezes;* dos Autos celebrados pelo casamento da Infanta Dona Leonor, lê-se no Cancioneiro de Resende:

[1] Op. cit., p. 321. — No Archivo da Camara do Porto acham-se os Recibos de despezas feitas pelo Concelho d'esta cidade para o *tablado, e com os que tangeram nas Matinadas,* por occasião do baptismo do Infante Dom Henrique. De 20 e 22 de outubro, e de 7 e 8 de novembro, da éra de 1432. Perg. Liv. 3.º fl. 40.

Eram vossos tempos *Autos*
Nas festas da Imperatriz (Fl. 47, v.)

Duarte de Resende e Alvaro de Brito fallam nos *novos entremezes;* no casamento do principe Dom Affonso, em 1491 fizeram-se em Evora *Mômos,* em que tomou parte Dom João II «*encencionado em Cavalleiro do Cisne.*» No Cancioneiro geral ha uma referencia ao «*singular Mômo de Santos.*» As grandes descobertas maritimas do fim seculo XV, crearam uma certa riqueza publica, que ampliando as relações civis proporcionaram o desenvolvimento da arte e litteratura dramatica nos seculos subsequentes.

TERCEIRA EPOCA

(SECULO XVI)

OS QUINHENTISTAS

§. I — **A Renascença da cultura greco-romana, como negação da Edade media:**

A) Periodo philologico e artistico:
1.º As Grammaticas de Fernão de Oliveira (1536) e de João de Barros (1539.)
a) *As alterações phoneticas.*
b) *As alterações morphologicas.*
c) *Alterações syntaxicas.*
d) Influencia de Gil Vicente.
2.º As tres reformas da Universidade.
3.º Gil Vicente, Ourives, e os Artistas nacionaes.

§. II — **Conflicto entre a tradição medieval e a erudição classica, ou influencia italiana:**

1.º O Lyrismo popular e os Poetas da medida velha
a) *Bernardim Ribeiro.*
b) *Christovam Falcão.*
c) *Poetas da medida velha.*
2.º Os Romanceiros como rudimento da Epopêa medieval.
3.º Fundação do theatro nacional por Gil Vicente.
a) Condições em que se introduz o Theatro em Portugal.
b) Reacção dos eruditos contra o Theatro medieval.
c) Eschola de Gil Vicente.

§. III — **Sá de Miranda e a imitação classica sob a influencia da Italia:**

1.º Lucta da introducção da Eschola italiana.
a) Lyrismo: Ferreira, Bernardes, Caminha, D. Manuel de Portugal, Falcão de Resende.
b) Theatro: A Comedia e a Tragedia classicas.
c) Novellas e Contos: Persistencia do elemento medieval no *Imperador Clarimundo, Palmeirim de Inglaterra,* e *Memorial dos Cavalleiros da segunda Tavola Redonda;* o espirito das pastoraes italianas: *Menina e Moça* e *Diana;* Os *Contos de Proveito e Exemplo* de Trancoso.
B) Periodo theologico e critico:
a) Influencia da Inquisição em Portugal.
b) Os Jesuitas apoderam-se do Ensino publico.
c) Damião de Goes e a situação dos Historiadores portuguezes.
C) Periodo scientifico e philosophico:
a) Garcia d'Orta — D. Francisco de Mello e Pedro Nunes.
b) A synthese negativista de Francisco Sanches.
2.º Camões concilia os dois espiritos classico e medieval
a) Vida de Camões.
b) Os Lyricos camonianos.
c) Os *Lusiadas* e as Epopêas historicas no seculo XVI.

§. IV — **Prevalecimento da auctoridade classica:**

a) Os Jesuitas combatem o Theatro: As Tragi-comedias latinas.
b) Chronistas monachaes, e a decadencia da Historia.
c) Moralistas catholicos: Dr. João de Barros, Amador Arraes, Heitor Pinto, Fr. Thomé de Jesus, e Paiva de Andrade; D. Joanna da Gama.
d) Fim da Nacionalidade portugueza — Revivescencia das obras dos Quinhentistas.

§. I

A Renascença da cultura greco-romana, como negação da Edade media

No seculo XVI estava creada a burguezia e estabelecida a independencia do poder real nas monarchias absolutas; e esta trans-

*

formação social foi simultanea com uma modificação profunda do estado mental, que se exprime pela designação tão complexa de Renascença, em que a uma grande liberdade de espirito se liga um respeito excessivo pelas obras da antiguidade greco-romana.

Quando começa a Renascença? Para Lange, este phenomeno começa no seculo XV e prolonga-se ao XVII seculo, apresentando differentes aspectos, segundo as diversas phases da demorada crise da decomposição do regimen catholico-feudal. Prevaleceu o poder dos reis sobre a theocracia da Edade media, e a burguezia industrial sobre o feudalismo militar; as grandes descobertas maritimas iniciadas pelos portuguezes determinaram a actividade pacifica e o desenvolvimento de uma classe media, como o conhecimento das duas litteraturas classicas fizera do humanismo a reacção contra a disciplina theologica da Edade media. Os reis acharam-se protegendo naturalmente os estudos humanistas nas Universidades, e os eruditos da Renascença repelliram com desprezo as creações medievaes, como productos monstruosos de uma prolongada epoca de barbarismo. No seu primeiro fervor de admiração pela antiguidade, a Renascença apresenta-se sob o aspecto *philologico e artistico;* com a reacção catholica, que na historia se denomina a Reforma, toma então o caracter *theologico e critico;* e quando pelas descobertas da circumducção do globo e do systema astronomico, propondera a corrente do experimentalismo, a Renascença torna-se *scientifica e philosophica.*

A repentina solução de continuidade entre o seculo XVI e a Edade media fez com que á medida que as doutrinas se tornam incertas, o Poder temporal se impuzesse com mais impetuosidade, no meio das contradicções e incoherencia dos espiritos. Os escriptores separam-se do povo, escrevendo em latim; mas o forte desenvolvimento da burguezia actua sobre a fórma escripta das linguas vulgares ou nacionaes, conservando esse meio tradicional da Edade anterior, que os grandes genios souberam tão assombrosamente conciliar com os modelos classicos. Os odios dynasticos separam os estados entre si com guerras de familia, invadindo-se mutuamente, porém uma solidariedade intellectual torna-se cada vez mais manifesta em todo o Occidente europeu. A Renascença da antiguidade iniciada pela Italia veiu imprimir uma direcção uni-

forme ás Litteraturas romanicas, e postoque as desviasse do elemento fecundo das suas tradições, renegando a Edade media, feznos sentir a unidade da origem da civilisação em contraste com a organisação politica.

A Italia achou-se em condições especiaes para a obra da Renascença; nunca o conhecimento da antiguidade se perdeu alli completamente; as suas escholas de jurisprudencia eram tão reputadas como as antigas de Labeão e Capitão; os monumentos e as ruinas foram educando os novos genios, os quaes, quando a Italia se viu occupada pela Allemanha, invadida pela França, conquistada pela Hespanha, atraiçoada pelo Papado, desgostados da vida publica e sem esperança no futuro da sua patria, esses genios refugiaram-se no mundo sereno do passado e da arte, reconstruiram a vida grega e romana, consolaram-se reproduzindo esse antigo ideal que os alentava no meio das catastrophes. Emquanto os exercitos francezes talavam o solo italiano, os sabios discutiam o platonismo, e os pintores e poetas, como Archimedes outr'ora, não sentiam o estrépito das armas invasoras. Os que conquistavam a Italia, admiravam a sua cultura intellectual, e a Italia exercia sobre o vencedor o perstigio da Arte, como Roma subsistiu nas Leis civis depois da sua ruina. Em França, vêmos Carlos VIII chamar para a sua côrte os sabios italianos; Luiz XII enriquece com as bibliothecas da Italia as livrarias francezas; Francisco I é educado por um pedagogo italiano, e inscreve-se como cidadão no Livro de Ouro de Veneza.

Em Hespanha, a influencia da Italia data do principio do seculo XV, quando Micer Francisco Imperial tornou conhecidas as poesias de Dante; o *Cancionero de Stuniga* a cada pagina revela que foi escripto por poetas que estiveram na conquista de Napoles. Só no fim do seculo XV é que a nossa aristocracia se dirigiu para a Italia «a fim de se lhe formarem os costumes, serem instruidos nas boas lettras, e aprenderem todas as artes liberaes,» como se lê em uma carta de Angelo Policiano. A Renascença propagou-se a Portugal em todos os seus aspectos, e a grande epoca dos Quinhentistas, pelo conflicto entre a tradição medieval e a influencia classica italiana, e pela sua conciliação admiravel em Camões, é a edade de ouro da litteratura portugueza.

Sigamos a ordem d'estes problemas, em que está implicita a evolução de um seculo.

A) Periodo philologico e artistico

O seculo XVI é o periodo de maior actividade na litteratura portugueza; a lingua fixa-se por meio da observação das suas leis grammaticaes, e a litteratura eleva-se á expressão do sentimento nacional synthetisado pelas mais preponderantes individualidades. Existiu para isto uma causa organica, immanente na vida social. Com a descoberta do caminho da India, com a expansão colonial das grandes navegações, Portugal entrou n'esse periodo a que no concurso da civilisação humana se chama a *vida historica* de um povo. Apesar dos erros politicos de D. Manuel expulsando os Judeus de Portugal, e de D. João III entregando aos jesuitas o ensino publico e a direcção da mocidade aristocratica, ainda assim o seculo XVI foi de uma riqueza não excedida até hoje, em toda a ordem de actividade, porque era organica a causa que o fecundava, partindo os impulsos da totalidade da nação que se affirmava independente. Portugal reconhece pela primeira vez na sua litteratura o genio popular em Gil Vicente, que precede a influencia italiana na Ourivesaria; a lingua é disciplinada nas Grammaticas de Fernão de Oliveira e João de Barros, e a Arte apresenta vultos como João de Castilho, Grão Vasco e Francisco de Hollanda.

1.º **As Grammaticas de Fernão de Oliveira (1536) e de João de Barros (1539).** — Escreve Fernão de Oliveira justificando-se da sua tentativa: « Quem não folga de dizer mal terá excusa com olhar a novidade da obra e como escrevi sem ter outro exemplo antes de mi, e isto mais excusará o defeito da ordem que tive em meu proceder, se foi errada. » (p. 120, ed. 1871.) A causa por que tão tarde se estabeleceu a disciplina grammatical é explicavel pelo uso exclusivo do latim nas escholas; em uma *Noticia das Escholas de Santa Cruz de Coimbra,* se diz do trato dos estudantes: « *A todos é opprobrio fallar, salvo em a lingua latina ou grega.* » André de Resende diz na *Vida do Infante D. Duarte* ácerca das lições de Clenardo: « Muitos houve que tinham opinião de

letrados, que per não descobrirem o fio de quam mal sabiam fallar latim, escolheram antes não ir á lição, nem entrar emquanto o mestre lá estivesse... » Por 1516, escrevia o conde de Vimioso satyricamente a Ayres Telles :

Coitado, triste de ti,
Homem mofino;
Que foste nascer em sino
De latim.

(*Canc. ger.*, III, 121.)

Postoque as idéas grammaticaes de Fernão de Oliveira estivessem viciadas por uma falsa comprehensão da origem ethnologica do povo portuguez, e derivasse a sua lingua das colonias lusitanas, e a sua erudição resultasse da authoridade pedantesca citando indigestamente Marciano Capella, Nebrissa, Marsilo entre Cicero, Quintiliano, Marco Varrão e Probo Grammatico, é certo que a sua origem popular influiu bastante para possuir um conhecimento especial da lingua nacional. Na dedicatoria da *Grammatica da linguagem portugueza* a D. Fernando de Almada, confessa o seu humilde nascimento: « Sou um homem baixo. » (p. 4.)

Fernão de Oliveira era natural da provincia da Beira, onde a lingua como a tradição poetica mantinham um caracter archaico; foi educado em Evora, considerada a capital da erudição humanista: « Sendo eu moço pequeno fui criado em S. Domingos de Evora, onde faziam zombaria de mi os da terra, porque o eu assi pronunciava, segundo que o aprendera na Beira. » (p. 114.) Mais tarde foi preceptor em casa de Dom Fernando de Almada, que tambem era homem lido: « Aproveita seu tempo lendo bons livros para si, e no regimento de sua casa primeiro, cria com muito cuidado Dom Antão seu filho, a quem Deus guarde e prospére, para cuja doutrina com muita despeza me trouxe a sua casa, e graciosa e cumpridamente me conserva n'ella. » (p. 4.) Aqui temos as condições especiaes de Fernão de Oliveira para assignalar as revoluções experimentadas pela lingua portugueza no primeiro quartel do seculo XVI. Elle nota o grande desleixo que os portuguezes tem pela lingua nacional, caracterisando o estado da indisciplina grammatical: « Já confessamos ser verdade o que diz

Marco Varrão nos livros da Etymologia, que se mudam as vozes e com ellas é necessario tambem que se mudem as letras; mas não com tão pouco respeito como agora alguns fazem, os quaes como chegam a Toledo, logo se não lembram de sua terra, a que muito devem. E em vez de apurarem sua lingua, corrompem-na com emprestilhos, nos quaes não podem ser perfeitos. Tenhamos pois muito resguardo n'esta parte, porque a lingua e escriptura é fiel thesoureira do bem da nossa successão, e são, diz Quintiliano, as letras para entregar aos que vierem as cousas passadas.» (p. 18.)

Fallando da renascença dos estudos humanistas sob Dom João III, prosegue: «porque já os priguiçosos não tem excusa, nem se podem chamar remissos por falta de premio: e comtudo appliquemos nosso trabalho a nossa lingua e gente, e ficará com maior eternidade a memoria d'elle; e não trabalhemos em lingua estrangeira, mas apuremos tanto a nossa com boas doutrinas que a possâmos ensinar a muytas outras gentes e sempre seremos d'ellas louvados e amados, porque a semelhança é causa de amor, e mais em as linguas. E ao contrayro vemos em Africa, Guinó, Brazil e India não amarem muito os Portuguezes que antre elles nacem só pella differença da lingua; e os de lá nacidos querem bem a os seus portuguezes, e chamam-lhes seus, porque fallam assi como elles.» (p. 16.) Fernão de Oliveira presentiu vagamente que a lingua é um elemento statico que conduz á unificação nacional: «por que desfazem muito na gloria do çeptro e corôa do nosso reino estes, assi como cortam a perpetuidade d'elle os que de novo trazem nova lingua á terra; porque a lingua e a unidade d'ella é mui certo appellido do reino, do senhor, e da irmandade dos vassalos,... quanto de minha parte, segundo eu entendo eu juraria que quem folga de ouvir outra lingua na sua terra não é amigo da sua gente nem conforme a musica natural d'elle; etc.» (p. 72.) D'aqui tira Fernão de Oliveira a prova da necessidade de se estabelecer a disciplina grammatical da lingua portugueza: «é verdade que se não tivermos certa lei no pronunciar das letras não pode haver certeza de preceitos, nem arte na lingua; e cada dia acharemos n'ella mudança não sómente no som da melodia, mas tambem nos sinificados das vozes...» (p. 25.)

Estas duas alterações da lingua, notadas por Fernão de Oliveira são o *Archaismo* e o *Neologismo*.

Vejamos como o velho grammatico observou o phenomeno do archaismo no portuguez pela estabilidade da dicção popular: «As dicções velhas são as que foram usadas, mas agora são esquecidas... *rudão,* que quiz dizer cidadão, segundo eu julguei em um livro antigo, o qual foi trasladado em tempo do mui esforçado rei Dom João,... e chama-se *estoria geral;* no qual achei estas com outras anteguidades de fallar... Poys em tempo del rei Dom Affonso Anriques *capapelle* era nome de uma certa vestidura, e não sómente de tanto tempo, mas tambem antes de nos hum pouco nossos paes tinham algumas palavras que já não são agora ouvidas; como *compengar,* que queria dizer, comer o pão com a vianda; e *nemichalda,* o que tanto valia como agora *nemigalha,* segundo se declarou, poucos dias ha, uma velha, que por isto foi perguntada, dizendo ella esta palavra; e era a velha a este tempo, quando isso disse, de cento e dezasseis annos de sua edade... *acarão* quer dizer junto ou a par; e *samicas,* que significa por ventura, e outras peores vozes ainda agora as ouvimos e zombamos d'ellas... muitas vezes algumas dicções, que ha pouco são passadas, são já agora muito avorrecidas, como: *abem, ajuso, acajuso, a suso,* e *hogano, algorrem,* e outras muitas; e porém se estas e quaes outras as meteram em mão de um homem velho da Beira ou aldeão, não lhe parecerão mal; etc.» (p. 80 e 82.) Da observação dos phenomenos de archaismo da lingua, é Fernão de Oliveira levado para a comprehensão das formas dialectaes: «tambem se faz em terras esta particularidade, *por que os da Beira tem umas fallas, e os Dalentejo outras;* e os homens da Extremadura são differentes dos d'Antre Douro e Minho; por que assi como os tempos, assi tambem as terras criam diversas condições e conceitos; etc.» (p. 85.) «E tambem se este verbo *nego* servia em logar de conjuncção, e valia antre os velhos como *senão,* e ainda agora assi val na Beira.» (p. 118.)

O desenvolvimento dos *neologismos* era provocado pelos novos progressos da vida civil no seculo XVI; Fernão de Oliveira nota este facto; «o costume novo traz á terra novos Vocabulos; como agora pouco ha, trouxe este nome *picote,* que quer dizer burel;

do qual por que de fóra trouxeram os malgalantes o costume, ou para melhor dizer o desdem de vestir o tal pano, trouxeram tambem o nome com esse costume; e *alquice*, tambem pouco é vestido da nossa terra, por isso tambem traz o nome estrangeiro comsigo. E *arcabuz*, ha sete ou outo annos pouco mais ou menos, que veo ter a esta terra com seu nome d'antes nunca conhecido n'ella.» (p. 69.) « Tornemos a fallar das dicções alheias, as quaes tambem com algum trato vem ter a nós como de Guiné e da India, aonde tratamos, e com arte não sómente quando a arte vem novamente a terra, como veo a da Impressão; mas tambem nas artes já usadas, quando de novo usam algum costumes os alfayates em vestidos, e os sapateiros em calçado, e os armeiros em armas de novas feições, e assim os outros; porque os homens falam do que fazem, e portanto os aldeãos não sabem as falas da côrte, e os sapateiros não são entendidos na arte de marear, nem os lavradores d'antre Douro e Minho entendem as novas vozes que este anno vieram de Tunis com suas gorras.» (p. 70.) Estas tres correntes do *Archaismo*, da *Dialectologia* e do *Neologismo* são uma revolução menos radical, de que as modificações operadas nos sons, nas fórmas e construcções da lingua portugueza no seculo XVI, como vamos vêr pelas proprias observações de Fernão de Oliveira:

a) *As alterações phoneticas.* — Da mudança do *l* por *r*, fixando-se o seu uso no seculo XVI, diz o velho grammatico: « saberemos que a fórma e melodia da nossa lingua foi mais amiga de ser sempre *r* onde agora escrevemos ás vezes *l*, como: *gloria* e *flores*, onde diziam *grorea* e *frores*, e tambem outras partes com'estas.» (p. 35.) «... *pollo conselho de meus amigos*, em logar de *por o* conselho de meus amigos. *Pul-a mão*, por puz a mão...» (p. 42.) As alterações phoneticas d'esta época, correspondem ás duas correntes, a *popular*, que tende a modificar os sons latinos, e a erudita, que tende a restabelecel-os artificial e inorganicamente, como se vê em *trauto, auto*, substituidos no seculo XVI por *tracto, apto* e *acto*. Na differenciação do portuguez medieval para o portuguez classico ou quinhentista, nota-se a queda do *d* medial nas segundas pessoas do plural dos verbos; ex.: *digades, digais; faredes, fareis; sodes, sois*. Fernão de Oliveira nota a indiscipli-

na da pronuncia da primeira pessoa do presente do indicativo do verbo *ser*: «o verbo substantivo, o qual huns pronunciam em *om*, como *som*, e outros em *ou*, como *sou*; e antes em *ão*, como *são*, tambem outros que eu mais favoreço em *o* pequeno (breve) como *so*. Do parecer da primeira pronunciação com *o* e *m*, que diz, *som*, é o mui nobre Joham de Barros, e a rasão que dá por si he esta, que de *som*, mais perto vem a formação do seu plural, o qual diz *somos*.» Preponderou a opinião de Fernão de Oliveira no uso definitivo.

b) *As alterações morphologicas.* — Decahiram do uso alguns suffixos, como o *mento*, tão peculiar dos substantivos no seculo XV; Fernão de Oliveira notou este facto: «os quaes velhos tambem foram amigos de pronunciar uns certos nomes verbaes em *mento*, como *comprimento*, *affeiçoamento*, e outros que já agora não usamos.» (p. 99.) Por effeito da imitação latina pelos eruditos, o emprego do suffixo *mente* nas fórmas do adverbio tornou-se mais raro: «e não todos os que sinificam calidade acabam em *mente*, por que já agora não diremos *prestemente*, como disséram os velhos, nem *raramente*.» (p. 98.) A forma quinhentista era *présto*, *raro*. A forma em *om* dos substantivos passou para *ão*, complicando assim a formação dos pluraes: «se olharmos ao singular antigo que já tiveram, não mudam tanto como agora nos parece, porque estes nomes todos os que se acabam em *ão* ditongo, acabaram-se em *om*, como *liçom*, *podom*, *melom*, e accrescentando um *e* e *s*, formavam o plural *lições*, *podões* e *melões*, como ainda agora fazem; e outro tanto podemos affirmar dos que fazem o plural em *ães*, como *pães*, *cães*, dos quaes antigamente era o seu singular *pam*, *cam*, cujo testemunho ainda agora dá Antre Douro e Minho.» (p. 108). A alteração morphologica do infinito *poer* (ponere) em *pôr* é notada por Fernão de Oliveira: «este verbo *ponho*, *pões*, faz o seu infinitivo em *ôr*, dizendo *pôr*, o qual todavia já fez *poer* e ainda assim ouvimos a alguns velhos...» (p. 114.) Os participios dos verbos da segunda conjugação, que eram formados em *udo*, como vemos nos Cancioneiros e Ordenações Affonsinas, alteram-se em *ido* confundindo-se com os participios da terceira conjugação, postoque este phenomeno caracteristico do seculo XVI se manifeste já de épocas mais remotas.

c) *Alterações syntaxicas.* — As modificações na syntaxe de uma lingua não são tão faceis de dar-se como as phoneticas e as morphologicas, postoque sejam solidarias entre si; estabelecido uma vez o organismo de uma lingua, mantem-se, embora o vocabulario se renove completamente e a sua morphologia varie. A construcção syntaxica apenas está sujeita á influencia individual, no que respeita ao estylo, mais ou menos elliptico e figurado. Na epoca quinhentista a lingua portugueza não soffreu alterações syntaxicas, transformando-se comtudo completamente o estylo; escriptores como Gil Vicente e Jorge Ferreira aproximam-se da elocução popular, outros imitam as construcções latinas, tomando Tito Livio como o modelo das narrativas historicas, Horacio e Virgilio como normas da linguagem poetica.

Fernão de Oliveira accusa os grammaticos do abuso da aproximação forçada da lingua portugueza da latina: « dando noticia dos *casos* a seus principiantes, e quam mal o elles entendam se mostra no pouco proveito que lhes com isso fazem, e mais lhes parecem que podem ensinar a fallar com cerimonias mudas.» (p. 101.) João de Barros commetteu este erro na sua *Grammatica,* e o desvairamento erudito mostra-se no esforço de escreverem versos em portuguez podendo lêr-se com inflexão latina.

Poucos livros portuguezes estavam publicados, quando Fernão de Oliveira quiz constituir a nossa disciplina grammatical; precisava de auctoridades escriptas, e muitas vezes teve de abonar-se com o uso oral: « n'este vocabulo *convem* a saber, ao qual podemos dividir e dizer *como vem* a saber. Porque assi o ouvi pronunciar poucos dias ha no pulpito ao muito reverendo padre mestre Balthazar, da Ordem do Carmo, cuja lingua eu não tenho em pouco antre os portuguezes. » (p. 53.) Quanto ao uso de escrever e pronunciar *até* ou *té,* abona-se com mais auctoridades oraes: « Antre os quaes eu contarei trez não de pouco respeito na nossa lingua: antes se hade fazer muita conta do costume do seu fallar, e são estes: *Garcia de Resende,* em cujas obras eu li no *Cancioneiro portuguez,* que elle ajuntou e ajudou. E *Joham de Barros,* ao qual eu vi affirmar que isto lhe parecia bem; e o mestre Balthazar, com o qual fallando lhe ouvi assi pronunciar este adverbio que digo, sem *a* no começo; e comtudo a mi me

parece o contrairo; e ao contrairo o uso dando-lhe *a* no começo, assim como o damos a muitas dicções, segundo o que fica dicto.» (p. 77.) Cita egualmente a auctoridade de dois poetas do *Cancioneiro geral*, Jorge da Silveira (p. 107) e Nuno Pereira (p. 108) para a formação de certos pluraes, e para as interjeições, *Gil Vicente* (p. 32.) Fernão de Oliveira bem conhecia que era cedo ainda para fixar a syntaxe portugueza, abstrahindo das variações do estylo, e por isso diz: « N'esta derradeira parte, que é da constituição ou composição da lingua não dizemos mais, por que temos começada uma obra em que particularmente e com maior cumprimento fallamos d'ella.» Não chegou a apparecer esta obra.

A Grammatica de João de Barros (1539.) — O insigne historiador das *Decadas* tambem compoz uma Grammatica, que elle considerava a primeira escripta na lingua portugueza; exemplificando o uso do nome proprio desacompanhado de artigo, diz: « *João de Barros foi o primeiro que poz a nossa linguagem em Arte,* e a memoria de Antonio, seu filho, que a levou ao princepe nosso senhor, não será esquecida.» Como se sabe pelo proprio João de Barros e por Severim de Faria, esta Grammatica foi escripta para por ella ser ensinado o princepe D. Filippe, que então tinha por mestre o prégador Fr. João Soares. Escripta em 1538, esta Grammatica foi publicada logo no anno seguinte pela avidez do livreiro; vem confundida com um cathecismo religioso; com este livro começou o celebre alphabeto por *arte memorativa,* com as vinhetas ainda hoje populares: *A, arvore; B, bésta; C, cêsta; D, dado;* etc. João de Barros teve a intuição do criterio comparativo nas linguas romanicas, conhecendo a utilidade da comparação do italiano, francez e hespanhol, sem comtudo o ter applicado. A monomania da erudição humanista leva-o a conformar artificialmente o portuguez com o latim, tornando assim improficuas muitas observações da sua *Grammatica.*

Quanto ao *Archaismo,* cita poucos factos de persistencia: «E *praz, jaço,* carecem de participio em boa linguagem; porque os rusticos o formam muitas vezes.» (p. 139.) João de Barros era a favor dos archaismos: « Não sómente os que achamos per escripturas antigas, mas muitos que se usam *Antre Douro e Minho,*

conservador da semente portugueza: os quaes alguns indoutos desprezam por não saberem a raiz d'onde nacem.» (p. 225).

Com o *Neologismo* não é este grammatico tão complacente por causa do purismo classico; elle indica alguns neologismos resultantes da actividade social: «mas agora em nossos tempos com ajuda da impressão, deu-se tanto a gente castelhana e franceza a traducções latinas, usurpando vocabulos, que os fez mais elegantes do que foram ora ha cincoenta annos. Este exercicio, se o nós usaramos, já tiveramos conquistada a lingua latina, como temos Africa e Asia; á conquista das quaes nos démos mais que ás traducções latinas. E o signal d'esta verdade, é que não sómente temos victoria d'estas partes, mas inda tomámos muitos vocabulos; como podemos vêr em todolos que começam em *al* e *xa,* e os que acabam em *z,* os quaes são mouriscos. E agora da conquista da Asia tomamos *chatinar,* por mercadejar; *beniaga,* por mercadoria; *lascarim,* por homem de guerra; e outros vocabulos, que são tão naturaes na bocca dos homens que n'aquellas partes andaram, como o seu proprio portuguez.» (p. 224).

Com a sua preoccupação de rhetorico, João de Barros não vê nas *alterações phoneticas* mais do que figuras, paragoges, barbarismos. Esse resto de galleguismo, aristocratico nos Cancioneiros do seculo XIV, e popular ainda além do seculo XVI, considerava-o elle como a figura antithese: «como quando dizemos *dixe* por *disse.*» (p. 165.) Chama paragoge esse outro facto natural da phonetica popular: «como se faz nos rimances antigos, que por fazerem consoante diziam — Os que me sóem *guardare* — por guardar.» (p. 163).

Porém sobre as *alterações morphologicas* proveniente dos Neologismos, apresenta João de Barros uma concepção justa; diz elle do emprego do infinitivo: «por que os meninos quando começam formar nossas palavras, primeiro conhecem a elle, que algum outro modo, e por elle os ensinam suas madres. Os barbaros que vem a nosso serviço d'elle começam como em primeiro elemento de formação verbal.» (p. 141.) Por fim chama barbarismo as alterações phoneticas e morphologicas que a nossa vida historica causava na lingua: «E em nenhuma parte da terra se commette mais esta figura da pronunciação do que n'estes reinos, por can-

sa das muitas nações que trouxemos ao jugo do nosso serviço.» (p. 161.) João de Barros conheceu que era este o momento historico em que a lingua portugueza constituia a sua disciplina grammatical, mas sob o jugo da grammatica latina, não soube observar as tendencias d'ella nem tão pouco regularisal-a.

d) *Influencia de Gil Vicente.* — Duas vezes é citado com auctoridade de grammatico o creador do theatro portuguez, Gil Vicente; abonam-se com os seus escriptos Fernão de Oliveira e João de Barros. Por uma tradição, não fundada historicamente, Gil Vicente fora mestre de rhetorica do Duque de Beja. O grande poeta comico era natural do Minho, onde a lingua portugueza conserva um caracter archaico; vivendo em Lisboa, Santarem e Coimbra, os typos dos seus Autos são quasi sempre tirados da Beira, mostrando um largo conhecimento da dialectologia popular. Tomaremos alguns factos comprovativos: o *nego,* tornado conjuncção é de um emprego habitual; umas vezes faz os futuros paraphrasisticos: «Azevias *trazerei*...» (III, 34); outras vezes contrae as formas verbaes: «Mas não sei se *querrá*...» (II, 425.) «E tu por que não *faes* sôpas...» (I, 139.) «E assi o *faes* tu comego...» (I, 140.) As velhas expletivas da lingua, põe-nas outra vez em vigor: «E eu do bem *er* tambem, Ora vos *er* ide vendo... *A* segundo o que eu entendo.» (III, 132.) Os participios em *udo*, já abandonados, usa-os como quem emprega um dialecto: «E o trigo era *creçudo.*» (III, 167.) Imitando a morphologia popular, Gil Vicente torna certos verbos regulares: «Não *podo* que estou pejada.» (III, 260); faz imperativo do verbo haver: «*Ave* dó, senhor, te peço.» (III, 329); reproduz a forma archaica do superlativo: «Que dos *mui muitos* ciumes — Nace o *mui muito* amor.» (III, 278); e a forma de negação, que se aproxima do *pas* francez: «*Nem passo* não se esquecia.» (III, 350); e o substantivo *casa* tornado adverbio, como o *chez* francez: «Porém mesmo em *cas* dem-rei.» (II, 422.)

A natureza dos escriptos de Gil Vicente, representando o viver das differentes classes da sociedade portugueza, levava-o a dar um vivo relêvo á linguagem popular, que se tornava archaica e esquecida. Nos seus Autos está o maior numero de vestigios de uma lingua nacional substituida por um vocabulario erudito,

determinado pelas obras escriptas, que durante o seculo XVI foram principalmente theologia, direito e moral.

Sá de Miranda imitou em algumas das suas Eclogas a linguagem popular, que é uma das principaes bellezas do seu estylo, e Jorge Ferreira é opulentissimo em modismos e proverbios em que realçam as construcções do portuguez fallado. Este caracter da linguagem, desprezado pelos homens cultos, coadjuva esse conflicto entre a tradição medieval a que dá expressão, e a erudição humanista que se apoderára do ensino publico.

2.º **As tres reformas da Universidade.**— Os estudos na Europa estiveram sempre sob a influencia das Universidades de Bolonha e Paris, conforme se procurava o conhecimento do Direito, de que a Italia era o fóco mais activo, ou o da Theologia, de que Paris era o centro nas disciplinas escholasticas. Quando em um paiz predominava o espirito democratico, era na Italia que a intelligencia procurava a sua orientação; se prevalecia sobre todos os outros poderes a auctoridade monarchica, era para Paris, cidade monarchica, que os reis enviavam os seus estudantes. No reinado de D. Manuel terminam as garantias locaes foraleiras, acaba o costume das behetrias e implanta-se um franco absolutismo; correlativamente é para Paris que se dirigem os alumnos portuguezes, entre os quaes se distinguiram os grandes pedagogistas Gouvêas. Com a reforma da Universidade de Lisboa em 1504, pelo rei Dom Manuel, póde determinar-se a época em que em Portugal se implanta o humanismo francez. Dom Manuel avocou a si o poder de fazer estatutos para a Universidade, seguindo em tudo o systema da Universidade de Paris. Muitos dos costumes escholares existentes foram decretados ou confirmados por Dom Manuel. É n'esta reforma que se acha consignado o costume da *troça* ao doutorando, o *Actus gallicus,* a que nas Universidades hespanholas se chamava o *Vejamen,* e que em Lisboa devia ser feito «*em linguagem, per palauras honestas de alguns defectos pera folguar, que nom seja muito de sentir.*» A corrente franceza dominava no ensino, como vemos por outros factos; em 1516 o rei manda vir de França o Dr. Diogo de Gouvêa para oppositor á cadeira de vespera de theologia, sendo em 1517 pro-

vido Mestre João Francez. A Universidade reagiu contra muitas das determinações de Dom Manuel, como se infere de um alvará de Dom João III. D'esta lucta resultou a segunda reforma da Universidade em 1537, por Dom João III, que a transferiu para Coimbra, incorporando n'ella as Escholas do Mosteiro de Santa Cruz, e entregando o seu governo ao Prior como Cancellario; as Escholas do mosteiro de Santa Cruz eram regidas por professores vindos de Paris, o que accentuava mais o caracter do humanismo francez. Depois de 1526, quando Francisco I perdeu o dominio da Italia, e muitos eruditos, philologos, poetas e artistas italianos se refugiaram em França, deslocou-se o fóco da Renascença; o casamento de Francisco I com D. Leonor, viuva do rei Dom Manuel, fazendo com que se estabelecessem maiores relações entre as duas côrtes, a mocidade portugueza preferiu tambem as escholas de Paris. Já em 1520 figura como *principal* do Collegio de Santa Barbara Diogo de Gouvêa, o antigo; successivamente brilham á frente do mesmo estabelecimento pedagogico André de Gouvêa, em 1530, o grande mestre de Montaigne e de Rabelais; em 1534 Diogo de Gouvêa o moço, e em 1540 outra vez Diogo de Gouvêa o antigo. Na *Chronica dos Conegos Regrantes* descreve-se a reforma das Escholas do Mosteiro de Santa Cruz, no periodo de 1527 a 1547; o padre Damião, que estudára em Paris, indigitou os Mestres que deviam ser convidados, vindo de Paris Pedro Henriques e Gonçalo Alvares para mestres de grammatica grega e hebraica, e Dionysio de Moraes, para lêr canones. Com este pessoal vindo de Paris se reorganisou a Universidade em 1537. No Regimento de 9 de Novembro de 1537, dado por D. João III á *Universidade dos studos de Coimbra,* ordena «que os lentes leam em latim, e ho Rector mandaraa que se cumpra assi;» e mais: «que os scholares das portas das scholas para dentro *falem latim.*» Assim a Renascença reagia pelo seu fervor humanista contra o desenvolvimento das linguas vulgares.

Pedro Mariz falla no seu Dialogo quinto da reforma da Universidade em 1537, dizendo: «houve tambem outros muitos n'esse primeiro principio, que successivamente lhes succederam, tambem *filhos da Universidade de Paris,* que illustraram esta nota-

velmente; como foi o doutor Lopo Gallego, Ignacio de Moraes, Belchior Belliago, o mestre André de Resende, o Cayado, todos portuguezes; e Nicolao Cleynarts, e outros muitos, que em letras de humanidade foram eminentes.» Na visita que fez Clenardo a Coimbra em 1537, falla do professor de grego Vicente Fabricio «que explicava a Homero, não como quem o traduzia do grego para latim, mas como quem na mesma Athenas o estivesse lendo.» Em outra carta, Clenardo falla da amisade ao doutor de Paris João Petit, sem a presença do qual «recearia ser-me impossivel continuar a estar até hoje entre os portuguezes.» D'esta reforma dos estudos saíram os principaes genios da Litteratura portugueza, como Camões, que frequentava a Universidade de Coimbra, por 1542.

Em 1547, Dom João III tentou uma nova reforma da Universidade, encarregando André de Gouvêa de convidar os professores francezes que vieram para Portugal do Collegio de Guienne em Bordeus. Póde talvez attribuir-se esta reforma á necessidade de emancipar a Universidade da dependencia do Collegio de Santa Cruz, seguindo n'isto a Universidade de Paris que prevaleceu sobre os Collegios; André de Gouvêa trouxe para Portugal o celebre Jorge Buchanan e seu irmão Patricio Buchanan; Nicolau Grouchy (1520-1572) elogiado por De Thou; Guilherme Guerente, celebrado por Montaigne como auctor de tragedias latinas; Elias Vinetus e Arnaldo Fabricio; com estes vieram o celebre Diogo de Teive, e João da Costa e Antonio Mendes, distinctos nos estudos em Bordeus. Sobre a importancia pedagogica de André de Gouvêa, basta lembrar as palavras de Montaigne: «*feut sans comparaison le plus grand principal de France.*» [1] D'esta época data a corrente do gosto litterario, de que o Dr. Antonio Ferreira, educado em Coimbra e auctor da tragedia classica *Castro*, é o superior representante.

Dava-se na Europa uma crise profunda no ensino; o espirito scientifico e philosophico reagia contra a falsa direcção theologica e critica, de que o Protestantismo era a deploravel consequencia.

[1] *Essais*, liv, I, cap. 25.

Onde havia liberdade mental prevaleceu o regimen scientifico; nas nações occidentaes, a intolerancia religiosa impoz pela violencia a reacção catholica, não só pela Inquisição, como mais tarde pelas escholas jesuiticas. Dom João III, que admittira a Inquisição em Portugal em 1536, acabou por entregar o ensino publico aos Jesuitas em 1550, quando se apoderaram definitivamente da Universidade de Coimbra. Fôra o Dr. Diogo de Gouvêa, que recommendára ao monarcha os padres jesuitas; e estes, uma vez senhores do ensino, expulsaram os professores trazidos a Portugal por André de Gouvêa. Foram estes os fautores de uma « austera, apagada e vil tristeza » com que terminou a epoca fecunda dos Quinhentistas.

3.º **Gil Vicente, ourives, e os Artistas nacionaes.** — O antagonismo entre a tradição medieval e a erudição humanista, que temos observado no periodo *philologico* da Renascença, apresenta-se com os mesmos caracteres nas manifestações da *Arte;* a Architectura gothica, resiste sob a modificação florida (*manuelina*) contra a imitação servil das ordens gregas, como a Ourivesaria contra os cinzeladores italianos. Gil Vicente, que deu fórma litteraria aos typos populares do theatro medieval, e que sustentou a lucta contra os eruditos que com a imitação da Comedia classica o queriam amesquinhar, serviu-se do poder do seu genio artistico para pôr em evidencia o vigor e originalidade da tradição na Ourivesaria. Em um Alvará de Dom Manoel, de 15 de fevereiro de 1509, Gil Vicente « ourives da Senhora Raynha minha irmã », isto é, Dona Leonor, a viuva de Dom João II, é nomeado vedor de Todas as obras de ouro ou prata mandadas fazer para o Hospital de todos os Santos, Convento de Thomar e Mosteiro de Belem. Sem duvida esta mercê seria por causa da obra da Custodia dos Jeronymos, que o Ourives acabára em 1502. Em outro documento do rei D. Manuel, de 4 de fevereiro de 1513, lê-se de Gil Vicente « ourives da rainha minha muito amada e presada irmã... » No testamento da rainha D. Leonor, de 7 de abril de 1517, de que se conhecem apenas fragmentos, lê-se que deixa ao mosteiro da Madre de Deus « os dois calices que andam em minha Capella, a saber o que *corregeu Gil Vicente,* e outro dos que elle

fez, que já está no dito Mosteiro etc. » [1] No testamento do rei Dom Manuel, de 7 de abril de 1517, citam-se duas obras artisticas de Gil Vicente, *a Custodia feita por Gil Vicente para o mosteiro de Belem e a grande cruz—feita tambem pelo mesmo Gil Vicente.* A importancia que o ourives tinha na côrte era tal, que a rainha Dona Leonor, conhecendo o seu talento poetico, o obrigou em 1493 a escrever algumas estrophes no processo chistoso de Vasco Abul; [2] e no nascimento do principe Dom João, em 1502, compoz elle um monologo em fórma pastoral, que tanto agradou á rainha Dona Leonor, que d'esse primeiro esboço desenvolveu os principaes monumentos do theatro portuguez. Garcia de Resende, que pertence á eschola da erudição humanista, não cessou de ferir Gil Vicente no seu talento de ourives e de poeta, dizendo na *Miscellanea,* que elle segue as fórmas medievaes do Auto pastoril de Juan del Encina, e na parte da ourivesaria:

E vimos minas reaes
D'ouro e d'outros metaes
No reyno se descobrir;
Mais nunca vi saír
Engenhos de officiaes.

E fallando das manifestações da arte da Renascença, diz em relação aos italianos:

Ourivisis e esculptores
São mais sotis e melhores.

Na dedicatoria da tragicomedia de *Dom Duardos* ao principe herdeiro de Dom Manoel, Gil Vicente confessa que escrevera os seus Autos em serviço da rainha Dona Leonor: « Como quiera,

[1] Frei Jeronymo de Belem, *Chron. seraph.*, t. III, p. 85. — [2] *Canc. geral*, fl. 210, col. 5.

Excellente Principe y Rey mui poderoso, que las *Comedias y Farsas y Moralidades, que he compuesto en servicio de la Reyna* vuestra tia... » O mesmo desdem erudito de Resende tanto se estende ao poeta como ao ourives. Na *Pedatura* de Alão de Moraes, no titulo dos Vicentes, dá-se Gil Vicente como filho unico de Martim Vicente, *ourives de prata,* natural de Guimarães, e como auctor dos *Autos* que em seu nome se imprimiram. Na primeira metade do seculo XVI a gloria de Gil Vicente provinha-lhe quasi exclusivamente dos seus trabalhos de ourivesaria, sendo o seu nome citado como uma honrosissima antonomasia. Nos *Commentarios de Affonso de Albuquerque,* ao narrar a embaixada mandada ao Hidalcão, lê-se: « Despachado este Embaixador, mandou Affonso de Albuquerque em sua companhia, para assentar paz, Diogo Fernandes, adail de Gôa, e *o filho de Gil Vicente* por seu escrivão... » Como se confirma pelo manuscripto de Alão de Moraes, chamava-se elle « *Martim Vicente, que serviu bem na India onde morreu solteiro.* » [1] Em uma petição de Garcia Fernandes a Dom João III, de 16 de abril de 1540, em que reclama os privilegios que lhe concedera Dom Manoel no caso de acabar a obra do palacio da Justiça de Lisboa, figura como testemunha: « *Belchior Vicente, filho de Gil Vicente, a quem Deus haja, moço da capella del rei nosso senhor.* » Aqui temos outra vez a gloriosa antonomasia ligada ao nome de Gil Vicente, com certeza como ourives, porque só em 1562 é que as suas obras dramaticas foram conhecidas pelo publico. Luiz Vicente que as imprimiu era *moço da camara* do principe Dom João, e Paula Vicente, « *que tambem compoz comedias e ajudou muito seu pae* » como se lê na Pedatura Lusitana, era *moça da camara* da rainha Dona Catherina. Pela importancia que os filhos de Gil Vicente alcançaram na côrte pelo genio artistico de seu pae, é que depois da publicação dos Autos se generalisou a preferencia pelo titulo litterario, esquecendo-se systematicamente a profissão de ourives.

[1] Segundo umas noticias genealogicas de Frei João da Conceição Vianna, Braz de Albuquerque era filho natural de Affonso de Albuquerque Vice-rei da India, e de *Paula Vicente,* filha de Gil Vicente. *Resumo hist. e gen.,* p. 27.

Gil Vicente apresenta a caracteristica dos espiritos da Renascença — a universalidade; elle foi simultaneamente poeta, musico, auctor e actor dramatico, decorador, [1] ourives, philologo, luctando pela liberdade de consciencia. Quando o genio é acompanhado de qualidades d'esta ordem, hade por força imprimir ao seu seculo uma direcção segura; vencido na grande lucta da liberdade de consciencia, não excedido nos trabalhos de ourivesaria, foi no theatro que o seu exemplo deixou encetada a vereda para os novos espiritos. Conhecidas e imitadas a tragedia e a comedia classicas nos divertimentos escholares, para que se continuasse com fervor a escrever na fórma de Autos e Moralidades era preciso que a impressão deixada por Gil Vicente fosse muito profunda.

Proseguiremos na indicação de outros artistas para accentuar bem a dupla corrente, em que a tradição medieval reage contra o gosto da Renascença, que pelo seu aspecto erudito se unificou na Europa, obliterando a feição nacional na Arte. Onde bem se nota um tal phenomeno é na Architectura, que já desde o tempo de Dom João II obedecia á influencia italiana introduzida por André Contucci. No reinado de Dom Manuel o *gothico florido* retoma a sua preponderancia; na construcção do Mosteiro dos Jeronymos, de Belem, começada em 21 de abril de 1500, mestre Boytaca põe de parte as *ordens gregas*, e João de Castilho conclue segundo o alvará de 23 de setembro de 1522 as abobadas e columnas d'este monumento, definindo a fórma typica do *estylo manuelino* «com alguma cousa de privativo, que pertence unicamente a Portugal» como affirma Raczynski. Este eminente critico viu com clareza no *estylo manuelino*, que tambem apparece na Hespanha, o caracter geral de uma reacção do gothico contra o estylo classico propagado por Balthazar Peruzzi, Bramante, e mesmo Raphael como architecto. No *Auto da Ave Maria*, de Antonio Prestes, escripto por 1529, vem esboçada esta lucta das

[1] Na Camara municipal de Lisboa existe um Alvará de 1520 encarregando Gil Vicente de armar o catafalco para o auto por occasião do terceiro casamento do rei Dom Manuel.

duas correntes architectonicas, em que a Renascença renegava a Edade média:

MESTRE: E a que vem a esta terra?
DIABO: Mostrar mi saber, mis manos;
suena allá *que luzitanos*
su gusto aora se encierra
en edificios romanos.
CAVALL.: Eu sou dos que estão postos
n'esse gosto;
que não vi melhor composto,
hei-o por gosto dos gostos,
jamais lhe vivarei rosto.

A reacção classica prevaleceu com Francisco de Hollanda (1517-1584), que se educou na Italia, e em Roma viveu na intimidade de Miguel Angelo, Julio Clovio, Baccio Bandinelli, Perino, Sebastião del Piombo, Valerio de Vicence, Mellechino, e o erudito Lactancio Tolomei.

Na Pintura é evidente o mesmo antagonismo; o *estylo gothico* é representado por Grão Vasco nos celebres quadros de Vizeu. D'esses quadros diz Raczynski: « n'elles acho o que tantas vezes tenho dito a respeito de outros quadros — *a influencia flamenga e allemã,* á qual os hespanhoes foram longo tempo submettidos com relação ás artes no tempo de Carlos V e seus successores. » [1] Rackzynski determina a epoca em que se operou a revolução no gosto da Pintura portugueza: « na epoca de Dom João III, entre 1530 e 1550 fez-se uma revolução completa na arte em Portugal; é a epoca que accentua *a passagem do genero flamengo e allemão para o genero italiano,* » [2] sendo principalmente introduzido o novo estylo por Gaspar Dias, Fernando Gomes, Manoel Campello e Francisco Vanegas. [3] A hostilidade que Garcia de Resende revela contra o Theatro medieval e contra a Ourivesaria portugueza, apparece reflectida contra a pintura flamenga por

[1] *Lettres,* p. 378. — [2] Ibid., p. 176. — [3] Ibid., p. 95.

Francisco de Hollanda, que não cita o nome de Grão Vasco, da mesma fórma que Antonio Prestes declama contra o novo gosto italiano na Architectura. É admiravel esta concordancia em todos os ramos da Arte, explicada pelo rompimento do individualismo da Renascença contra o automatismo tradicional da Edade media. Comprehendida uma tão importante caracteristica, ella nos explicará os phenomenos capitaes da Litteratura na epoca dos Quinhentistas.

§. II

Conflicto entre a tradição medieval e a erudição classica ou influencia italiana

A epoca da Renascença, como notou Burckardt, distingue-se, e é esse o seu maior defeito, por ter separado profundamente as classes cultivadas da multidão analphabeta. Tambem a começar do seculo XVI observa-se na litteratura portugueza este phenomeno da separação progressiva entre os escriptores e o povo. Estas duas entidades, a especulativa e a activa, não se conhecem, e por isso as creações artisticas não se inspiram de uma unanimidade affectiva por onde as litteraturas se subordinam a um fim social. Os escriptores foram-se esquecendo das tradições nacionaes, abandonadas ao automatismo da transmissão oral do povo, e seguindo as suas predilecções individuaes alardearam o prurido da erudição e da imitação classica, escreveram *ad sodales*, uns para os outros, e procuraram a importancia dos principes. Consequentemente as Litteraturas cahiram na fatuidade academica, sendo geral ao occidente da Europa o vicio do *culteranismo*. A influencia erudita da Renascença propagou-se em todos os paizes por via da Italia; em Portugal porém essa influencia encontrou uma forte resistencia nos escriptores que continuaram a inspirar-se das tradições medievaes, sendo conhecidos depois da preponderancia da eschola classica com o titulo de *Poetas da medida velha*.

Nos individuos que não tinham uma forte educação litteraria, conservou-se vivo o sentimento da tradição e poesia popular; de Affonso de Albuquerque diz João de Barros: «Era sagaz e manhoso em seus negocios, e sabia enfiar as cousas a seu proposito; trazia grandes *anexins de ditos* para comprazer á gente, segundo os tempos e qualidades da pessoa de cada um.» [1] João de Barros considerava o perstigio da tradição devido unicamente á acção material do tempo: «Pois as cantigas compostas do povo, sem cabeça, sem pés, sem nome ou verbo que se entenda, quem cuidas que as traz e leva da terra? quem as faz serem tratadas e recebidas do commum consentimento? O tempo.» [2] Os moralistas ecclesiasticos combatiam tambem as cantigas do povo, como vemos pela *Paixão metrificada,* de Frei Antonio de Portalegre, e pelos Indices Expurgatorios. Um grande numero de escriptores destacam-se n'esta epoca erudita pela predilecção das tradições peninsulares, e pela preferencia pelo verso octonario ou de redondilha; os escriptores que adoptaram a eschola italiana, obedeceram na sua primeira maneira ás fórmas da velha poetica tirando quasi sempre d'esta relação a base da sua superioridade.

1.º O Lyrismo popular e os Poetas da medida velha. — A par do lyrismo individual, que dá expressão aos interesses egoistas da personalidade do escriptor, subsistem certos cantos populares ligados á existencia collectiva, e transmittidos pela musica, pela dansa, e em fórmas metricas especiaes; taes são as cantigas funerarias ou *Endexas,* as nupciaes, as do acalentar do berço, as *Serranilhas,* as *Orações, Salvas, Ensalmos, Formulas* dos jogos infantis, dos apodos locaes, das adivinhas, esconjuros e prophecias.

A *Oração* é a fórma que o povo conserva com um certo vigor; no Index Expurgatorio de 1581, prohibe-se a *Oração do Conde,* a de *Sam Christovam* e de *Sam Cypriano,* a da *Emparedada,* a da *Imperatriz,* de *Sam Leão Papa,* de *Santa Martinha* e

[1] *Decada II,* lib. 10, cap. 8 ad fin. — [2] *Dialogo em louvor da nossa linguagem,* p. 226.

do *Testamento de Jesus Christo*. Em Prestes ainda encontramos:

N'alguma Oração cuidae,
E cá a resae,
Vede se sabeis dizer
O *Justo juiz*. (p. 396.)

Gil Vicente allude ás *Salvas* «La *salve* antes del dormir.» (III, 321.) Jorge Ferreira, na Comedia *Eufrosina*, esboça o gosto poetico do povo: «Se escreveis a lavadeira que falla frautado, morde os beiços, lava as mãos com farellos, *canta de soláo*, inventa *trovas*, dá ceitis para cerejas a meninos da eschola que lêa *Autos*...» (p. 187.) Prestes refere-se aos cantos dos *janeiros*, e Jorge Ferreira diz: «eu lhe cantarei por *Maias*...» (*Eufr.*, p. 226.) Os Jesuitas procuraram combater o lyrismo popular; diz Balthazar Telles, contando os esforços do Padre Ignacio de Azevedo: «e para que os meninos fugissem de musicas deshonestas, fez compor e elle mesmo compoz algumas canções espirituaes e cantigas devotas, que andam no fim da Cartilha, as quaes ainda que não são as que estimam os cultos são as que prezam os santos, e estas lhes fazia tomar de cór e lhes fazia cantar de dia e de noite...» [1] Esta obra de reacção contra a poesia popular, começou antes dos Indices Expurgatorios pelas Constituições episcopaes; nas do Porto se prohibe o cantar «*chansonetas* e *villancicos*, nem motetes, nem antiphonas e hymnos, que não pertençam ao sacrificio que se celebra, nem emquanto se disser alguma missa, se consinta cantar cantigas profanas, nem festas, nem dansas... nem clamores...» [2] Jorge Cardoso, no Agiologio traz uma estrophe da antiphona *Boa gente, boa gente*, que se cantava na sé do Porto, [3] e á qual Garrett ainda allude com saudade. Em Gil Vicente encontra-se o syste-

[1] *Chr. da Companhia*, P. II, liv. 4, cap. 59. — [2] *Const.*, Livro II, tit. 1, const. 7. — [3] *Agiologio lusitano*, t. III, p. 114.

ma da *farsiture* medieval conservado nas Orações, como o Padre-nosso do *Velho da Horta:*

Pater noster creador
Qui es in cœlis poderoso,
Sanctificetur, Senhor,
Nomen tuum vencedor
Nos ceos e terra piedoso...

Gil Vicente termina muitos dos seus Autos com *Vilhancicos,* que tiveram no seculo XVII um grande desenvolvimento musical; outros acabam com dansas de *Chacota* e *Enselada,* e em quasi todos ha cantares lyricos de *Serranilha,* segundo a velha tradição provençal, e no typo da *Muiñeira* que ainda se canta na Galliza. Este poeta, cujo espirito está a par dos genios encyclopedicos do seculo XV, pela comprehensão do sentimento nacional fundou o theatro portuguez, quando esta fórma litteraria se achou intimamente ligada com uma nova vida civil; é por isso que apresenta em todas as suas obras os abundantes vestigios da tradição portugueza. Na *Comedia de Rubena,* traz Gil Vicente uma enumeração das cantigas populares anteriores a 1521:

FEITICEIRA: E que cantigas cantaes?
AMA: A *Criancinha despida,*
E tambem *Val'-me Lianor;*
E *De pequena mataes, amor;*
E *En Paris está Dona Alda;*
Di-me tu, señora, di;
Vamo-nos, dijo mi tio,
E *Llevadme por el rio,*
E tambem *Calbi ora bi,*
E *Llevantéme un dia,*
Lunes de mañana,
E *Muliana, Muliana*
E *Não venhaes alegria,*
E outras muitas d'estas taes...

Pelo verso do Arcipreste de Hita: « *Cabel* e *orabin,* taniendo

la su rota » se vê como Gil Vicente ainda conservava a tradição dos cantos arabes, como no Cancioneiro se allude tambem ao doce *bailho da Mourisca; Cabel e orabin* significa *Avante, arabes.*

Frederico Diez comprehendeu a relação tradicional que existia entre os cantos lyricos de Gil Vicente e os cantares jogralescos dos Cancioneiros portuguezes do seculo XIV; [1] escreve o poeta « *arremedando os da serra* » :

E se ponerei la mano em vós,
Garrido amor?

Um amigo que eu havia
Mançanas d'ouro me envia;
Garrido amor.

Um amigo que eu amava
Mançanas d'ouro me mandava;
Garrido amor.

Mançanas de ouro me envia,
A melhor era partida;
Garrido amor. (II, p. 444.)

O velho *solatz* provençal ainda apparece no lyrismo do seculo XVI no *soláo,* a cuja fórma alludem Bernardim Ribeiro, Sá de Miranda, Jorge Ferreira de Vasconcellos e Dom Manuel de Portugal. Na Comedia *Eufrosina* allude Jorge Ferreira a varias cantigas: *Por amor de vós senhora,* (p. 181) e *Coração de carne crua.* Nos Autos de Antonio Prestes ha referencias a muitas cantigas populares: Que agora está cantando: *Como no venis amigo* (p. 115); Canta-se la: *Miran ojos* (p. 300):

E onde diz a cantiga:
Lá de Traz-os-Montes
Nascem meus amores. (p. 303.)

Sá de Miranda e Camões, nas redondilhas glosaram muitas

[1] *Ueber die erste portugiesischer Kunst und Hof Poesie,* p. 100.

d'estas cantigas como *Motes velhos,* e ás vezes com o sabor popular. Observa-se tambem no seculo XVI o phenomeno de alguns escriptores serem assimilados pela corrente popular; o *Pranto de Maria Parda,* de Gil Vicente e as suas *Coplas* do Arraes do Inferno entraram nas versões oraes; o mesmo aconteceu com as *Trovas* de Gonçalo Eanes Bandarra, reminiscencia vaga das prophecias merlinicas como se nota pelas referencias ao *Leão dormente* e ao *Porco-espinho,* que na *Chronica en redondillas* de Rodrigo Yanes alludem ao rei Dom Affonso IV e ao rei de Benamarim. Pelo processo do Santo Officio de 1541 contra Bandarra, sabe-se que o auctor das *Trovas* fôra abastado, mas para acudir á sua decadencia adoptara o officio de sapateiro; durante nove annos leu a Biblia em vulgar, que pertencera a João Gomes da Gram, o que nos revela a corrente do protestantismo que penetrava em Portugal. Em 1531 vem Bandarra pela primeira vez de Trancoso a Lisboa, passa em casa de João de Bilbis, pedindo-lhe alli João Lopes, caixeiro, a explicação das *Trovas;* achando-se já em Trancoso em 1537 é visitado por Heitor Lopes, que lhe diz estar o *Livro das Trovas* já muito velho querendo-o mandar trasladar. Em 1538 é visitado em Trancoso por um Vargas, da Covilhã, para argumentar com elle sobre a Biblia; em 1539 regressando a Lisboa encontra na Guarda Filelfo que lhe pergunta pelo *Livro das Trovas.* As prophecias exerciam uma grande fascinação, e outra vez em 1540 é procurado em Trancoso em casa de Manuel Alvares para que lhe explique as *Trovas;* em 1541 o Santo Officio apodera-se do pobre sapateiro de Trancoso, mas a sua condemnação deu ás *Trovas* maior perstigio. Os Christãos novos viram n'ellas o seu ideal messianico, os patriotas depois de 1578 viram annunciado o Quinto Imperio e a vinda do *Desejado* Dom Sebastião á maneira do rei Arthur; mais tarde os partidarios da restauração da nacionalidade portugueza propagaram as *Trovas* adaptando-as a Dom João IV, e nas luctas para a deposição de Dom Affonso VI, o Padre Vieira commentava-as e forjava-as em favor do *Encuberto* que foi Dom Pedro II. As *Trovas* tem um aspecto de ecloga com certa ingenuidade popular, mas é difficil separar o que é authentico das excrescencias e adaptações apocryphas.

As *Pastorellas* provençaes, que se colligiram nos nossos Cancioneiros palacianos, esquecidas sob a influencia castelhana em todo o seculo XV, reapparecem com uma esplendida fórma litteraria no seculo XVI. No vasto Cancioneiro de Resende nada se acha que indique o minimo conhecimento do *bucolismo*, e comtudo os primeiros poetas quinhentistas, Bernardim Ribeiro, Christovam Falcão e Sá de Miranda figuram n'essa collecção como poetas dos serões do paço. Bouterwek notou este facto singular: « Portugal póde ser considerado como a verdadeira patria da poesia pastoril, que no mesmo periodo floresce na Italia, onde adquire fórmas mais cultas, particularmente depois de Sannazaro. » [1] Explica-se o facto pela persistencia tradicional; os que primeiro escreveram *Eclogas* em redondilhas octonarias, Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda, são os que revelam um directo conhecimento dos nossos trovadores. Em Bernardim Ribeiro achamos esta preciosa referencia: « começou a cantar um cantar *á maneineira de Soláo*, que era o que nas cousas tristes se costumava. » Sá de Miranda é mais explicito:

Suspirou-se melhor, veiu outra gente
De que o Petrarcha fez tão rico ordume.
Eu digo *os Proençaes, de que ao presente*
Inda rythmos ouvimos que entoaram
As musas delicadas altamente. [2]

Isto explica-nos como o genero pastoril, postoque desenvolvido por escriptores cultos, nasceu da persistencia de uma tradição nacional; a fórma litteraria que lhe deu Bernardim Ribeiro é anterior á imitação directa da Italia, como se acha na segunda maneira de Sá de Miranda que prefere o terceto e a outava em endecasyllabos. Quando os velhos metros foram substituidos pelos *capitulos* petrarchistas, rebentou uma lucta desesperada, que o

[1] Bouterwek, *Hist. da Litt. portugueza*, p. 43. (Trad. ingleza.) — [2] *Obras*, p. 109. (Ed. de 1804.)

proprio Sá de Miranda descreve, semelhante á que em Hespanha sustentaram Garcilasso e Boscan; os que mantiveram o emprego dos versos quinarios e octonarios, foram chamados com desdem *Poetas da medida velha.* Historiemos este periodo pacifico do nosso lyrismo pastoral.

a) *Bernardim Ribeiro.* — A biographia d'este poeta está implicita nas suas obras, e é o commentario d'ellas. Era natural da villa do Torrão, e oriundo da familia dos Mascarenhas, que teve o maior valimento de D. João II; veiu frequentar a côrte em 1496, quando contava 21 annos de edade. Este facto, que se deduz de varios logares da Ecloga II, justifica por que no Cancioneiro de Resende ainda figura com Coplas e Voltas no gosto castelhano, que estavam em moda na côrte. A data de 1496, só por si descobre as alterações feitas nos costumes palacianos; era fallecido Dom João II, e o seu successor Dom Manoel estava casado com a princeza Dona Izabel viuva do principe herdeiro Dom Affonso. De Castella tinham regressado as familias aristocraticas compromettidas nas conspirações dos Duques de Bragança e de Vizeu, e entre ellas voltara a familia de Dom Alvaro de Portugal, com a sua formosissima filha Dona Joanna de Vilhena, que em 1483 *fôra levada para longes terras,* na fuga da conspiração e agora repatriava-se como camareira da nova rainha.

Foi n'esta renovação de pessoal na côrte do ostentoso monarcha, que appareceu Bernardim Ribeiro, a quem a formosa Dona Leonor de Mascarenhas pedia versos. Era um reinado que começava pacificamente, conciliando sob a influencia moral da rainha viuva Dona Leonor, irmã de Dom Manuel, os antigos validos com os antigos homisiados. D'aqui em diante, é certo, o lyrismo portuguez apresenta uma paixão exaltada, e o amor canta-se como uma realidade séria da vida. Bernardim Ribeiro amou uma dama da côrte, a quem chamava pelo anagramma de Joanna (*Aonia*) que « *Menina e moça fôra levada de casa de seus paes para longes terras.* » As cinco Eclogas, que compoz, são a historia d'estes amores, com uma ingenuidade e verdade inimitaveis. A interpretação d'estas Eclogas completa-se pelas allegorias da novella pastoral, cuja relação com esses versos era conhecida; em um documento judicial de 1552, fallando-se de Gonçalo Ribeiro

lê-se « primo co-irmão de Bernardim Ribeiro, fidalgo principal, *conhecido pelos seus versos intitulados Menina e Moça.* » Dona Joanna de Vilhena era prima do rei Dom Manuel, o que se harmonisa com a lenda corrente no seculo XVII, de que o poeta amara uma infanta.

A Ecloga I figura um dialogo entre dois pastores Persio e Fauno; aquelle queixa-se de ter sido desprezado por quem amava, para casar com um pastor mais rico; Fauno é inexperiente no amor e lança-se inconsiderado após o que a phantasia lhe representa. Se isto fosse uma vaga situação banal, a Ecloga seria illegivel; mas os versos vibram com uma exaltação que se communica. O pastor Persio representa o poeta Christovam Falcão, cujos amores com Dona Maria Brandão foram como a Ecloga os figura, repetindo ás vezes quasi com as mesmas rimas os versos do *Crisfal.*

Na Ecloga II o interesse moral augmenta; fallam dois pastores *De extranhas terras nascidos;* a personalidade de Bernardim Ribeiro é evidente ao descrever a sua naturalidade, e como veiu para a côrte em tempo das *pestes do Alemtejo,* quando as seccas e as fomes affligiam aquella provincia. O outro pastor é *Franco de Saudomir,* que outr'ora cantou *Celia,* nympha que « *Em Mondego se banhou.* » Evidentemente este interlocutor é *Francisco de Sá de Miranda,* e *Celia* é a denominação anagrammatica de *Elisa* ou Isabel Freyre, que saíu de Portugal indo como dama de honor da infante Dona Isabel, e casando em Castella com um tal Dom Antonio da Fonseca. É n'esta Ecloga II que Bernardim descreve os seus amores com *Aonia:*

O dia que ali chegou
.....
Joana acertou de vêr
Que se andava pela *ribeira*
Do Tejo a flôres colher.

Aqui vemos o verdadeiro ... rar ... na
de Vilhena vivia como cam ...

ra. A poesia encobre aqui allegoricamente uma confidencia, por onde se conhece o remate d'esses amores:

Que não me entendo commigo
D'onde esperarei repairo?
Que vejo grande o perigo
E muito mór o contrairo.

A superioridade d'este rival ou *contrairo,* verifica-se no facto de ser o Conde de Vimioso Dom Francisco de Portugal, tambem poeta nos serões do paço, casado com Dona Joanna de Vilhena por ajuste de el-rei Dom Manuel.

A Ecloga III é um dialogo entre Silvestre e Amador, fallando dos mutuos desastres dos seus amores. Amador é a personificação de Bernardim Ribeiro, que deixa a côrte, e no Alemtejo encontra Christovam Falcão, de quem se despede como quem vae deixar Portugal:

Não te alembre que me viste
Pois nunca mais me hasde vêr;
Leixa-me a mim esquecer,
Que a minha lembrança triste
Mais triste te hade fazer.

Ir-me-hei commigo queixoso
Sem me queixar do que sento,
Em meus cuidados cuidoso.
Oh quem fôra tão ditoso
Que perdera o pensamento!

Na Ecloga V ha um dialogo com o pastor Agrestes, de quem deixa os seguintes traços, que quadram com a personalidade de Jorge de Montemór:

E postoque que sou doente,
Pera este mal não consente
Haver *Arte apollinea.*
Estes áres são mortaes

E o que mais me desbarata,
E da dôres desiguaes,
É lembrar-me *os sinceiraes*
De Coimbra, que me matas

E vivendo triste, cego,
Não sei, mesquinho, que faça,
Que *suspiro por Mondego,*
E choro por a Regaça.

Jorge de Montemór, que vivera em Coimbra, exercia a profissão de musico (Arte apollinea) em Hespanha. A Ecloga v foi encontrada fóra da collecção de Bernardim Ribeiro, como se infere da rubrica: « *A qual dizem ser do mesmo Auctor.* » No lyrismo portuguez, nada ha que exceda em melancholia, em naturalidade e vehemencia esta Ecloga; só em Camões reapparece unida esta perfeição poetica e verdade de sentimento, como a d'aquelle a quem chamava o seu Ennio. A morte de Bernardim Ribeiro deve fixar-se não longe de 1554, porque n'este anno se publicou o livro das suas obras « que se não imprimiu em sua vida; por morte se achou entre os seus papeis » como diz o editor de 1645. As relações poeticas entre Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão, determinadas pelas Eclogas I e III, adquirem maior fundamento com a leitura da Ecloga *Crisfal* e das poesias avulsas do apaixonado de Dona Maria Brandão. Os versos dos dois poetas imprimiram-se no mesmo volume, e alguns versos de Christovam Falcão apparecem no Cancioneiro de Resende como de Bernardim Ribeiro. [1]

b) *Christovam Falcão.* — Era filho primogenito de João Vaz de Almada Falcão, que foi Capitão da Mina, e de Dona Brites Pereira; os manuscriptos genealogicos conservam vagas referencias á sua vida romantica e ao desgraçado amor narrado na inspirada Ecloga do *Crisfal,* nome formado das primeiras syllabas do seu nome. Sendo ainda bastante criança amou Dona Maria Brandão, filha mais nova do opulento Contador do Porto João

[1] São a fl. 211 col. 3: *A uma senhora que se vestiu de amarello;* ib., col. 4: *Antre tamanhas mudanças;* ib., col. 5: *Antre mim mesmo e mim.*

Brandão, e irmã dos dois poetas do *Cancioneiro geral* Diogo Brandão e Fernão Brandão. Resentimentos ou calculos de familia oppuzeram-se a esta paixão sincera das duas crianças, resultando para Christovam Falcão o jazer cinco annos em carcere privado, e para Dona Maria o ser clausurada no mosteiro de Lorvão. Segundo os Nobiliarios, Dona Maria Brandão afinal obedeceu ás suggestões da familia acceitando por marido Luiz da Silva, Capitão de Tanger; e Christovam Falcão «*porque não casou com sua dama foi para a India,*» como conta o manuscripto de Alão de Moraes. Bastavam estes simples factos para despertarem o mais alto interesse pelo *Crisfal,* se essa Ecloga não fosse uma das maravilhas da litteratura portugueza. Começa a Ecloga descrevendo o principio d'aquelles amores, como depois foram separados um do outro, e como conseguindo por fim vêr-se injustamente se recriminaram:

E dizendo: Oh mesquinha!
Como pude ser tão crúa?
Bem abraçado me tinha,
A minha bocca na sua,
A sua face na minha.
Lagrimas tinha choradas
Que com a bocca gostei,
Mas com quanto certo sei
Que as lagrimas são salgadas,
Aquellas dôces achei.

.....
Entam ella assi chorosa
Por tão choroso me vêr
Já para me socorrer,
Com uma voz piadosa
Começou assi a dizer:
— Amor da minha vontade,
Ora não mais, Crisfal manso;
Bem sei tua lealdade,
Ay que grande descanso
É falar com a verdade!

Na Ecloga indica o convento onde foi clausurada Dona Maria

Brandão; uma estrophe termina com o verso: «Sobre as Serras de *Lor.*» E a estrophe seguinte começa pelo verso: «*Vam* ali grandes montanhas.» Em uma segunda parte do *Crisfal,* escripta por Balthazar de Brito e Andrade (Frei Bernardo de Brito,) ha o mesmo artificio de metrificação:

E nas serras de *Lor*
Vam signaes de tuas dores...

Uma Carta em redondilhas, de Christovam Falcão traz a rubrica: «*estando preso... a uma Senhora com quem era casado a furto contra vontade de seus parentes d'ella, os quaes a queriam casar com outrem, sobre que fez (segundo parece) a passada Ecloga.*» A impressão produzida pela Ecloga, impressa sem data, foi immensa; Camões, na Carta I, da India, de 1554, cita quatro versos d'ella correntes como proverbios. Diogo de Couto, na *Decada* VII, capitulo 34, fallando de Damião de Sousa Falcão, accrescenta: «irmão de Christovam Falcão, *aquelle que fez aquellas cantigas e nomeadas trovas de Crisfal...*» E na *Historia insulana,* Cordeiro fallando do Capitão donatario da ilha de Santa Maria e do casamento d'elle com uma filha de João de Sousa Falcão, ajunta: «parente mui chegado do Barão velho, e do *famoso poeta Christovam Falcão, que fez a celebre Ecloga Crisfal, das primeiras syllabas do seu nome...*» N'esta Ecloga tambem se allude ao desastre dos amores do infante Dom Fernando com a filha do Conde de Marialva, Dona Guiomar Coutinho, clandestinamente casada com o Marquez de Torres Novas.

Restam de Christovam Falcão pequenas composições lyricas allusivas á ultima e desesperada situação do seu amor:

Casada sem piedade,
Vosso amor me hade matar.

Se vos eu vira casada
Com quem vos bem conhecera,
Já em vos vêr descansada,
Algum descanso tivera;
Mas o vosso máo casar

Dobra minha saudade:
Casada sem piedade,
Vosso amor me hade matar.

Para sempre vos casastes,
Para sempre o sentirei,
E pois no casar errastes
Dae-me parte do que errei.
Não vos engane o casar,
Pois não tolhe a liberdade:
Casada sem piedade,
Vosso amor me hade matar.

c) *Os Poetas da medida velha.* — Depois da reforma iniciada por Sá de Miranda na imitação da poesia italiana, prevaleceu o emprego do verso endecasyllabo, e deu-se o nome de *Poetas da medida velha* aos que continuaram a metrificar na redondilha. A designação de *medida velha* tem implicita a existencia de um partido de reacção litteraria contra a innovação italiana; [1] mas de um e outro campo ninguem tinha uma comprehensão nitida do conflicto doutrinario. Em Hespanha, Castillejos e Gregorio Silvestre fôram os caudilhos d'esta reacção a favor dos metros octonarios; em Portugal, João de Barros, em 1539, nos *Louvores da lingua portugueza* queixa-se de estarem desprezadas as redondilhas, e Antonio Ferreira diz «que a antiga redondilha deixa ao vulgo.»

Entre os poetas quinhentistas que mais resistiram á imitação italiana, figura Luiz da Silveira, da grande familia dos Silveiras do *Cancioneiro geral,* auctor das *Trovas Moraes* que Chiado cita na *Pratica de Outo Figuras;* em seguida Jorge Ferreira de Vasconcellos, com a *Carta* em redondilhas, *achada entre os seus papeis,* que vem junto á *Aulegraphia.* Abundavam as satyras, que

[1] Lê-se na *Aulegraphia,* de Jorge Ferreira: «e hey muito grande dó de uns juizos poldros, e tão curtos da vista que acceitam toda novidade sem pezo, a olhos, e assi me parece de vós, senhor, que *por andar com som do moderno sereis todo um Soneto,* e condemnaes logo o outro verso, sem mais respeito nem consideração.» Fl. 165, v.

procuravam de preferencia a fórma da redondilha menor ou maior; taes são as *Trovas que se fizeram nas terças em tempo de El-rei Dom Manoel,* [1] as *Trovas de Maria Pinheira,* attribuidas a Damião de Goes, as *Coplas do Moleyro,* de Luiz Brochado; os *Letreiros sentenciosos, Regra Espiritual, Petição ao Commissario,* e *Avisos para guardar* de Antonio Ribeiro Chiado. Dos poetas da *medida velha* muitas composições tornaram-se populares, como o *Pensando-vos estou, filha,* de Bernardim Ribeiro, o *Pranto de Maria Parda* de Gil Vicente, os *Arrenegos* de Gregorio Affonso, e especialmente as composições de Balthazar Dias, como os *Conselhos para casar,* e *Malicia das mulheres.*

Apesar de terem com Dom Manuel acabado os *serões do paço,* continuou a estimar-se os generos de Cancioneiro que se usava n'esses divertimentos; Dom Francisco de Portugal na *Arte de Galanteria,* sustenta: «Las *Decimas,* no se les cerrará la puerta del Palacio... las otras modas de versos hizieranse para leydos, e estos para sentidos...» E explica a preferencia das damas do paço pelas redondilhas: «ni ay muger que apeteça versos sino aquellos que tienen pocas syllabas, pensamientos vivos y mucho ayre...» Á influencia dos costumes galantes do paço é que se deve attribuir o terem Sá de Miranda, Bernardes, Caminha, Dom Manuel de Portugal, Falcão de Resende, e o proprio Camões, sendo a pleiade brilhante da eschola italiana, continuado a metrificar admiravelmente em verso de redondilha, e não poucas vezes em castelhano. Na *Arte de Galanteria* se acha accentuado o motivo: «las coplas castellanas son las mas proprias para Palacio...»

2.º Os Romanceiros como rudimentos da Epopêa medieval. — Apesar de se operar a separação entre os escriptores e o povo, circumstancias especiaes fizeram com que o Romance tradicional recebesse fórma litteraria. Dom Francisco de Portugal, na *Arte de Galanteria,* fallando dos versos de poucas syllabas diz «que son propriedade de *Romance,* cuyos desenfados parece que se hizieron solamente para ellas (as mulheres).» Os Romances foram

[1] Vid. *Excerptos de um Cancioneiro quinhentista.* Evora 1883.

postos em musica por Torres e Fuenllana, penetrando assim no paço; o aulico Jorge Ferreira de Vasconcellos na sua novella do *Memorial dos Cavalleiros da segunda Tavola Redonda* intercalou bastantes composições na fórma de romance popular, para serem cantados á viola de arco. E do gosto palaciano que assim fortalecia a corrente medieval, diz: «n'este e por este modo usaram os passados celebrar seus heroicos feitos, porque a gloriosa memoria d'elles assi viesse até nossos tempos e se conservasse, de que tanto em Hespanha se usou muito, e usar-se agora para estimulo de imitação não fôra máo.» Jorge Ferreira metrificára sobre situações dos poemas do cyclo de Arthur e greco-romano; na litteratura castelhana, o romance tambem recebia a fórma culta em Sepulveda, Lasso de La Vega, e Juan de la Cueva.

Nos escriptores quinhentistas as referencias aos Romances populares são frequentes, e devem considerar-se como uma prova da sua comprehensão do elemento tradicional. Gil Vicente escreveu o romance de *Dom Duardos,* que entrou na corrente popular hespanhola, e nos seus Autos cita os seguintes romances: *Los hijos de Dona Sancha,* (I, 227); *Eu me sam Dona Giralda,* (II, 27); *Mal me quieren en Castilla,* (III, 143); *La bella mal maridada,* (II, 333); *Donde estás, que te no veo,* (II, 329); *Guay Valencia, guay Valencia,* (III, 270); *En el mez era de Abril,* (II, 249); *Yo me estaba en Coimbra* (III, 212) parodiando os romances velhos. Usaram-se tambem os *romances glosados,* como vemos pelo de *Belerma,* em Bernardim Ribeiro.

Jorge Ferreira de Vasconcellos, que encheu as suas comedias de locuções e adagios, traz numerosas allusões aos romances peninsulares, reagindo comtudo contra o uso excessivo da lingua castelhana pelos escriptores: «Não ha entre nós quem perdôe a uma trova portugueza, que muitas vezes é de vantagem das castelhanas, que se tem aforado comnosco e tomado posse do nosso ouvido.» [1] E fallando do gosto dos romances glosados: «Poreis tenda em Medina de Campo, e ganhareis vosso pão peado em *grosar Romances velhos,* que são appraziveis, e pôr-lhe-heis por titulo: *Glosa famosa de um famoso e novo auctor sobre:*

[1] *Aulegraphia,* act. II, sc. 9.

Mal ouvistes los Francezes
La caça de Roncesvalles.
(*Eufrosina*, 175.)

Na comedia *Eufrosina*, lê-se: « e ali tangem tudo sobre *Conde Claros* (p. 189); *Por aquel pestigo viejo* (p. 12); *Buen Conde Fernan Gonsalves* (p. 19); na comedia *Aulegraphia*, cita o romance tão glosado no seculo XVI, *Retrahida está la Infanta*, (p. 256) e *Para que paristes, madre*, (p. 260.) Na *Aulegraphia* achamos allusões: « Aquella *Bella mal maridada*, não se toma com fita vermelha...» (fl. 46); e mais: « he uma atalaya de fortuna com epitaphio que diz *A las armas, Mouriscote, Si en ellas quereis entrar.* » (fl. 47) « eu vou n'outra volta *Ribera del Doro arriba*...» (fl. 80); « que me irei lançar em lençoes de veludo com a *Bella infantinha* da minha guelas de cegonha...» (fl. 133.)

Antonio Prestes, que pela imitação dos Autos de Gil Vicente comprehendeu o valor poetico das tradições populares, allude tambem a muitos Romances velhos; no *Auto da Ave-Maria*, cita o *Moro alcalde, Moro alcalde; Yo le daria bel Conde;* o *Durandarte;* no *Auto do Procurador*, allude ao *Vamo-nos, dijo mi tio:* no *Auto do Desembargador*, cita o *Dom Duardos; Conde Claros; Falso, malo, enganador; Guay Valencia*, e *A Roma como se ardia* (Mira Nero.) No *Auto da Ciosa*, cita a *Bella mal maridada;* no *Auto dos Cantarinhos, Passeava-se el-rei Mouro*, e o *Dom Duardos e Flerida.*

Jorge Pinto, no Auto de *Rodrigo e Mendo* cita *En el mes era de Abril; Bella mal maridada; Helo, helo por do viene; Ribera del Dauro arriba.* Jeronymo Ribeiro, o irmão de Chiado, cita *Sobre mi vi guerra armar.* Antes de apparecerem colligidos todos os Romances Velhos na *Silva de Romances* de 1551 e no *Cancioneiro de Romances*, de 1555, já se achavam vulgarisados na tradição portugueza, ficando depois desprezados pelos eruditos da Renascença até serem de novo colligidos da transmissão oral ao fim de tres seculos.

Quando a eschola italiana dominou em Portugal e já a Renascença greco-romana dirigira a reforma da Universidade de Coim-

bra, é que o genio de Camões se revelou vacillando entre a influencia erudita e a tradição medieval. Espiritos como o de Antonio Ferreira e de Caminha, entregam-se inteiramente ao humanismo esteril rompendo com a tradição nacional; Camões pela incontestavel superioridade do seu genio soube conciliar estas duas correntes. Depois de Gil Vicente, é com certeza em Camões que se encontra o maior numero de referencias aos Romances tradicionaes: nos *Disparates da India,* cita o romance ainda hoje popular *Mi padre era de Ronda;* na Carta I, vem *Riberas del Dauro arriba; Su comer las carnes crudas;* e *A fora, a fora, Rodrigo.* Nas Cartas em redondilhas cita como glosa: *Una adarga até os pechos; Mirando la mar de España; Vi benir pendon vermejo; La flor de Berberia; Caballeros de Alcala; A las armas Mouriscote; Donde estas que te no veo; Y que nova me traedes; Mira Nero da Tarpea.* As suas Comedias estão repletas de referencias a essa poesia profunda e vigorosa que os eruditos não quizeram conhecer, e que os latinistas ecclesiasticos condemnaram. No Index Expurgatorio de 1564, prohibe-se: « todos os Romances tirados ao pé da letra do Evangelho; » no de 1581 prohibe-se o romance *Con rabia está el Rey David* e todos os mais tirados do velho Testamento ou do Novo; no de 1597 prohibe *Ogeri Dani fabulæ* sem duvida as Gestas de *Ogier le Danois,* de Ogeiro o Dão como traduzia Balthazar Dias.

Nas *Decadas* de Diogo de Couto ha referencias aos Romances velhos que os cavalleiros portuguezes repetiam nas expedições militares na India: Dom Jorge de Menezes é avisado no mar por Dom Antonio de Noronha, que lhe diz: *Vamo-nos, dijo mi tio — A Paris essa Ciudad...* Elle comprehende que é para irem á expedição de Surate, e responde com versos do mesmo romance: *No en trajes de romero — Por que os no conosca Galvan.* Ao entrar victorioso em Barcellor Dom Luiz de Athayde, o musico Veiga ia cantando: *Entran los Moros en Troya — Trez e trez e quatro e quatro.* Debaixo das janellas do vice-rei Dom Constantino de Bragança o partido do ex-governador Francisco Barreto cantava-lhe como chufa: *Mira Nero da janella — La nave como se hazia.* Na tomada de Salsete fez-se o Romance de que Diogo de Couto traz o fragmento:

Pelos campos de Salsete
Mouros mil feridos vão;
Vae-lhe dando no alcance
O de Castro Dom João.
Vinto mil eram por todos...

Existia um poderoso elemento tradicional sobre que fundar as creações individuaes da litteratura; João de Barros sentindo a necessidade da creação de uma epopêa portugueza esboçava outras em endexas no typo das de Affonso o Sabio, enumerando os feitos da historia nacional; o mesmo fazia Luiz Anriques descrevendo a tomada de Azamor. Só Camões é que teve a intuição d'esta intima relação do elemento tradicional, inspirando-se das lendas portuguezas e agrupando-as em volta do facto historico dos *Lusiadas*. A liga catholica que venceu a batalha de Lepanto em 157[illegible] contra os Turcos, que ameaçavam a civilisação da Europa, foi celebrada por dois poetas portuguezes Pedro da Costa Perestrello e Jeronymo Corte-Real; porém achando-se um ecco d'este successo nos romances populares, vê-se que esses escriptores exclusivamente eruditos não se elevaram acima de uma deploravel mediocridade.

3.º Fundação do Theatro nacional por Gil Vicente. — No seu estudo sobre as *Origens do Theatro,* Magnin estabelece tres divisões capitaes em theatro *hieratico, popular* e *aristocratico,* e por ellas se comprehendem melhor os primeiros monumentos do Theatro portuguez. A vida publica, na Edade media, começou nas cathedraes, onde o povo fazia as eleições e os contractos, as revoltas pela liberdade e a unanimidade dos sentimentos; o theatro, que é uma consequencia da vida publica, começou nas cathedraes pelas fórmas *hieraticas,* vindo mais tarde a ser banido da liturgia e principalmente das festas do Natal, Reis e Paschoa. Nas Constituições do Bispado de Evora, de 1534, prohibe-se: « nem se façam nas ditas egrejas ou adros d'ellas *jogos* algum (*Ludi*) postoque sejam em vigilia de Santos ou alguma festa; nem *representações* ainda qué sejam da *Paixão* de Nosso Senhor Jesus Christo ou da sua *resurreição,* ou *nascença,* de dia nem de noite, sem nossa especial licença, porque de taes Autos se seguem

muitos inconvenientes, e muitas vezes trazem escandalo no coração d'aquelles que não estão mui firmes na nossa santa fé catholica vendo as desordens e excessos que n'isto se fazem. » (*Const.* O, tit. 15.) Nos costumes populares portuguezes ainda persistem estas fórmas hieraticas, por onde se vê que Gil Vicente no monologo da *Visitação,* e no *Auto pastoril, Auto dos Reis Magos, Dialogo da Resurreição,* não fez mais do que fixar litterariamente os typos tradicionaes. Na procissão de *Corpus Christi,* regulamentada por Dom João II em 1482, exhibiam-se autos dramaticos, conservando-se ainda muitas das suas figuras como symbolos.

O theatro popular ou leigo era tambem motivado por alguma festa religiosa; as comedias da *Bazoche* provieram de uma origem ecclesiastica, como se infere da sua derivação de *Basilica.* Muitos jogos infantis convertiam-se em dramas, como o da *Condessa,* commum a Portugal, Galliza, Catalunha e Andaluzia; nas festas de Maio representavam-se o *Carro das ervas,* e pelo Sam João a *Corrida do porco Preto,* em Braga. Para as suas farças Gil Vicente apropriou-se do typo popular do *Ratinho.* Miguel Leitão de Andrada explica assim este typo: « os *Ratinhos,* que sendo o concelho de Rates uma só freguezia de quatorze ou quinze lugarinhos ou aldeyas, e estes sejam os *Ratinhos,* d'elles se estende o nome a quasi toda a Beira, que quer dizer bordas do mar. » [1] Vendo-se nos Autos de Gil Vicente citados os *bailes da Beira,* e localisadas ali algumas farças como o *Clerigo da Beira* e o *Juiz da Beira,* vê-se que effectivamente o *Ratinho* era o typo lorpa (o *Stupidus,* na Satura latina) da comedia nacional:

Muitos *Ratinhos* vão lá
De cá da serra a ganhar,
E lá os vêmos cantar
E bailar bem como cá. [2]

O theatro aristocratico apresenta tambem uma fórma tradicional, como as *Cavalhadas* e *Mouriscadas;* na côrte de Dom Affonso V e Dom João II usaram-se os *Mômos* e *Entremezes,*

[1] *Miscellanea,* p. 342. — [2] *Obras* de Gil Vicente, t. II, p. 443.

e pelas festas do casamento do principe Dom Affonso, o rei seu pae appareceu invencionado em *Cavalleiro do Cysne*. Entre o povo conservou-se esta fórma tradicional, como o *Auto de el-rei de Berberia*, a que allude Dom Francisco Manoel, [1] ou o Auto de *Ferrabraz e Florippes* que se representa na romaria da Senhora das Neves, no Minho. Gil Vicente deu fórma litteraria a estas tres manifestações espontaneas do theatro tradicional, nos *Autos* hieraticos, nas *Farças* populares, e nas *Tragicomedias* em que põe em acção algumas novellas cavalheirescas.

a) *Condições em que se introduz o Theatro.* — Sabendo-se que em 1482 já apparece Gil Vicente designado como criado e escudeiro de Dom João II, e que em 1492 figura como poeta no processo chistoso de Vasco Abul, assistindo ás festas da côrte como dá a entender no *Auto pastoril castelhano*, occorre perguntar como só em 1502 tentou escrever a sua primeira obra dramatica? A morte desastrosa do principe Dom Affonso, em seguida a doença mysteriosa com que falleceu Dom João II, e a vivez do novo rei Dom Manuel fez com que se sustassem as festas da côrte; como *lavrante* da rainha Dona Leonor, Gil Vicente occupou-se em trabalhos de ourivesaria, taes como relicarios, calices, cruzes e custodias, que a rainha offerecia por devoção a varios mosteiros. Porém um accidente casual veiu despertar o genio dramatico de Gil Vicente; tendo o rei Dom Manuel casado em segundas nupcias com sua cunhada a infanta Dona Maria, para vêr se assim se unificava Portugal com a Hespanha, nasceu-lhe o principe Dom João, que lhe avivou as esperanças decepadas com a morte do filho do anterior casamento Dom Miguel da Paz. O successo da rainha causou uma alegria publica, saindo todas as classes com festas. Em uma quarta-feira, 8 de junho de 1502, dois dias depois do parto da rainha, Gil Vicente, pelas relações que tinha no paço, acompanhado de alguns fidalgos, entrou na camara da convalescente e aí recitou o *Monologo de um Vaqueiro*, ou da *Visitação*, especie de villancico da lapinha, no qual fazia varios offerecimentos e vaticinios ao principe recemnascido. Esta homenagem agradou bastante na côrte, e a rainha

[1] *Feira de Anexins*, p. 61.

Dona Leonor, irmã do monarcha, descobrindo esta nova prenda no seu *lavrante*, animou-o a que continuasse a compôr mais alguma cousa n'aquelle genero. A intelligencia superior da Rainha, que se assignalou pelo desenvolvimento que deu á *Imprensa* em Portugal e pela fundação das primeiras *Misericordias*, bem merece da historia pelo tino com que soube conduzir o genio de Gil Vicente a lançar as bases do *Theatro* nacional. É preciosa a rubrica que poz Gil Vicente no fim do *Monologo da Visitação:* « *E por ser cousa nova em Portugal, gostou tanto a Rainha velha d'esta representação, que pediu ao auctor isto mesmo lhe representasse ás matinas do Natal, endereçando ao nascimento do Redemptor.* » Gil Vicente em vez de repetir pela festa do Natal esse monologo, «*porque a substancia era mui desviada,* » compoz o *Auto pastoril castelhano,* na lingua então mais fallada no paço. A Rainha ficou maravilhada com a nova obra; é de uma belleza ingenua a rubrica de Gil Vicente: « *A dita Rainha satisfeita d'esta pobre cousa, pediu ao auctor que para dia de Reis logo seguinte lhe fizesse outra obra...* » Em 1503 escreveu pois o *Auto dos Reis Magos;* o *Auto da Sibylla Cassandra* é representado n'este mesmo anno em Enxobregas, o mosteiro predilecto da rainha Dona Leonor. Em 1504 representa nas Caldas, diante da rainha o *Auto de Sam Martinho,* em fragmento « *porque foi pedido muito tarde.* » É ainda diante da rainha Dona Leonor, que Gil Vicente representa em 1505 o *Auto dos quatro tempos,* e em 1506 o *Auto da Alma.*

O Theatro estava ligado ao gosto e sumptuosidade palaciana; de 1502 a 1536 raro é o anno em que Gil Vicente não compõe algum Auto, para distrahir a côrte que foge das pestes de Lisboa para Evora, Almeirim, Santarem e Coimbra. Em qualquer successo das armas portuguezas na India ou na Africa, Gil Vicente vem distrahir os animos alquebrados pelos desastres, ou exaltal-os no momento da partida como no *Auto da Exortação de Guerra,* ao partir da expedição para Azamor; é elle tambem que festeja o nascimento dos principes e infantes como Dom João, Dom Luiz e Dom Philippe, os casamentos reaes como o de Dom Manuel, Dom João III, Dona Isabel e Dona Beatriz. Era preciso um talento assombroso para atravessar as temerosas intrigas d'es-

sas tres côrtes, junto com o forte apoio da rainha Dona Leonor; com a morte d'ella, o artista e poeta sentiu-se decahido, e no *Auto pastoril portuguez,* diz de si: « Um Gil, um Gil um Gil— Um *que não tem nem ceitil...* » N'esta data de 1523, é que Gil Vicente se viu tambem atacado pelos eruditos, que propagavam ser elle o auctor d'aquelles Autos representados na côrte.

b) *Reacção dos eruditos contra o Theatro medieval.* — Como vemos pela *Carta* de Sá de Miranda a Antonio Pereira, (st. 3) aquelle epigone da Renascença em Portugal chama *Pasquins* aos que põem em scena os mysterios da religião, condemnando assim os Autos hieraticos; e no prologo da comedia *Estrangeira* censura o ter-se substituido o nome de *Auto* ao de *Comedia,* e a sua fórma metrificada: « Já sois no cabo, e dizeis ora não mais; isto é *Auto,* e não desfazeis as carrancas; mas eu o que não fiz até agora, não queria fazer no cabo de meus dias, que é mudar de nome. Este (de *Comedia*) me deixai por amor de minha natureza, e eu tambem de *vossos versos* tambem vos faço graça, que são forçados d'aquelles consoantes. » Garcia de Resende, na *Miscellanea,* tambem faz uma insinuação malevola contra Gil Vicente, apoucando a originalidade dos Autos:

E vimos singularmente
Fazer representações
D'estylo mui eloquente,
De mui novas invenções,
E feitas por Gil Vicente.
Elle foi o que inventou
Isto cá e o usou
Com mais graça e mais doutrina,
Posto que Juan del Enzina
O Pastoril começou.

Gil Vicente caracterisa aquelles que o atacavam chamando-lhes « *certos homens de bom saber.* » Para levantar o repto dos que negavam a originalidade dos seus Autos, escreveu a Farça de *Inez Pereira;* a rubrica que a acompanha é importantissima: « *O seu argumento é, que, por quanto duvidavam certos homens de bom saber, se o Auctor fazia de si estas obras, ou se as furtava*

de outros auctores, lhe deram este thema sobre que fizesse: s. hum exemplo commum que dizem: Mais quero asno que me leve, que cavallo que me derrube. *E sobre este motivo se fez esta farça.* » Póde dizer-se que a farça de *Inez Pereira* é a primeira comedia *regular* do theatro portuguez; *regular* quer dizer com typos, caracteres e situações, sem estar adstricta ás sotties medievaes nem á comedia classica terenciana. Dom João III gostou do repto, e pediu a Gil Vicente que escrevesse uma continuação da farça; o *Clerigo da Beira* foi considerado como uma satyra contra *Francisco de Sá de Miranda* filho do *clerigo* Gonçalo Mendes de Sá. Na tragicomedia das *Côrtes de Jupiter* Gil Vicente apoda tambem Garcia de Resende pela sua extrema gordura (*Feito peixe tamboril*) e pelo seu saber encyclopedico (*E inda que tudo entende.*)

Não se póde saber com certeza se Gil Vicente escreveu para o publico; n'uma rubrica diz: «Este nome da farça seguinte Quem tem farellos? *poz-lh'o o vulgo.* » Jorge Ferreira allude ás — lavadeiras que dão ceitis a meninos de eschola para lhe lêrem Autos, e toma o typo da *Mofina Mendes* como vulgar: « formosura sem vangloria dana mais que aproveita, e ás vezes lhe corre per devante *Mofina Mendes,* e a boa diligencia acaba o que merecimento não alcança. » [1] Era esta communicação com o vulgo que tornava Gil Vicente temido pelos eruditos, e que lhe dava coragem para proclamar as ideias da Reforma. [2] No fim da tragicomedia *Floresta de Enganos,* vem a rubrica posta por Luiz Vicente com a data de 1536: «*a derradeira que fez Gil Vicente em seus dias.* » Na petição de Garcia Fernandes de 15 de abril de 1540, já se dá Gil Vicente como fallecido, extinguindo-se com a liberdade de consciencia pela qual propugnára.

c) *Eschola de Gil Vicente.* — Na lucta que o poeta teve de

[1] *Aulegraphia,* fl. 52. — [2] Na *Biblioteca de Gallardo,* se lê ácerca da *Tragicomedia allegorica do Infierno y Paraiso,* primeira redacção dos *Autos das Barcas* de Gil Vicente: « La traza de esta comedia menandrina (es decir, ejemplar, moral) se echa bien de ver que está tomada del *Dialogo de Mercurio y Caron,* de Juan de Valdés. » (p. 984.) Gil Vicente allude ao secretario latino de Carlos V: « Diz que não hade cá vir — Sem *Joanna de Valdés.* »

ferir contra « certos homens de bom saber » que reagiam contra a tradição da Edade média, procuraram levantar a reputação de um novo genio dramatico para lhe opporem; caíu essa escolha sobre Affonso Alvares, mulato, e criado do Bispo de Evora Dom Affonso de Portugal. Sobre assumptos tirados da *Legenda Aurea*, de Voragine, escreveu Affonso Alvares autos hieraticos « *a pedimento dos muy honrrados e virtuosos conegos de Sam Vicente.* » Restam d'elle o *Auto de Santa Barbora,* que ainda se representa pelas aldêas, o *Auto de Santo Antonio,* o de *Sam Thiago* e o de *Sam Vicente.* Apesar de todas as protecções era um metrificador sem conhecimento da scena; Affonso Alvares escreveu uma *Resposta em nome do Commissayro, á Petição que fez o Chiado,* e n'ella refere-se á prisão do frade vagabundo:

Nossa vida soberana
Deixastes pela mundana,
E como ovelha perdida
Jaa de vós muy esquecida
Vos torney a esta cabana,
Porque não fosseis perdida.

Porque ereis conhecido
Por sacerdote perdido
Com fama de gracioso,
Sem graça de virtuoso,
Que será mal de soffrido
Sem castigo reguroso.

Entre aquelles a quem se procurou attribuir a invenção dos Autos de Gil Vicente cita-se o Infante Dom Luiz, considerado por muito tempo auctor de *Dom Duardos,* hypothese que caduca diante da dedicatoria d'esta tragicomedia a Dom João III, ainda principe, por Gil Vicente.

Antonio Ribeiro Chiado. — É o poeta dramatico de mais talento e graça, depois de Gil Vicente; respondeu á inimisade do mulato Affonso Alvares em varias *Quintilhas.* Jorge Ferreira de Vasconcellos, em 1544 allude á graça do poeta: « Torná por ella, que concierta razones. — Isso é vosso? — Senhor, não; é do

Chiado. — Em algumas cousas tem vêa esse escudeiro. »[1] Camões tambem o cita com estima no *Auto de El-rei Seleuco,* de 1546: « Aqui me veiu ás mãos, sem piós nem nada, e eu por gracioso o tomei; e mais tem outra cousa, que uma trova fal-a tão bem como vós, como eu ou como o *Chiado.* » Este seria o legitimo successor de Gil Vicente, como se infere das datas em que apparece memorado, chegando a representar diante de D. João III o *Auto da natural invenção.* Nos Autos que restam allude a successos do seu tempo, como na *Pratica de outo Figuras* o cêrco de Mazagão de 1547; no *Auto das Regateiras* falla da partida de Dom Sebastião para Almeirim no inverno de 1568, e na quebra da moeda antes da Peste grande de 1569. O seu *Auto* de *Gonçalo Chambão* está perdido, bem como as *Sete Cartas jocosas* que se guardavam na Livraria do Conde de Vimeiro, e as *Quinze Cartas-jocoserias* que possuia o Cardeal Sousa. Fôra frade franciscano em Evora, vindo para Lisboa viver como *goliardo;* fixa-se a data da sua morte em 1591. Seu irmão Jeronymo Ribeiro tambem escreveu um *Auto do Physico,* antes da reforma dos estudos em Coimbra, e já com conhecimento da assombrosa comedia hespanhola a *Celestina,* que se tornou proverbial nas locuções populares.

Antonio Prestes. — É depois do Chiado o escriptor dramatico da eschola de Gil Vicente que teve mais fecundidade e maior popularidade; era enqueredor do civel em Santarem. O seu *Auto da Ave-Maria* resente-se da primeira maneira de Gil Vicente, quando imitava as Moralidades, e foi escripto por 1535, quando era vivo ainda o grande iniciador. O *Auto dos Cantarinhos* traz esta preciosa rubrica: « *Representado n'esta cidade de Lisboa,* » o que nos revela já então existir algum Pateo de Comedias aberto ao publico. O *Auto do Procurador* foi escripto antes de 1556, e no *Auto dos dois irmãos* allude ao *Palmeirim de Inglaterra,* de Francisco de Moraes. Antonio Prestes apresenta o nosso typo popular do *Ratinho,* e embora seja incorreto na versificação merece lêr-se pelas muitas referencias a costumes nacionaes.

Luiz de Camões, — que conhecia a litteratura classica por

[1] *Aulegraphia,* fl. 126.

causa da sua educação humanista, preferiu seguir no theatro a eschola de Gil Vicente; os seus Autos de *Elrei Seleuco*, *Enfatriões* e *Filodemo* são em redondilhas. A Gil Vicente allude nos *Enfatriões* citando o romance de *Flérida;* este auto foi escripto para os divertimentos escholares. O auto de *Elrei Seleuco* foi já escripto em Lisboa em 1542; aí se acham allusões ao terceiro casamento de D. Manuel com a noiva de seu filho. O auto de *Filodemo* foi escripto na India por occasião das festas de Francisco Barreto ao ser nomeado governador em 1555. N'esta composição cita o Auto de *Braz Quadrado,* que ainda apparece apontado nos Indices Expurgatorios, mas hoje totalmente perdido.

Balthazar Dias, — é de todos os poetas da eschola de Gil Vicente aquelle com quem o povo mais sympathisou, e mesmo ainda hoje o lê e representa pelas aldeias. Era cego; em um Ms. do seculo XVII lê-se: « *Homem carecido de vista;* »[1] era natural da ilha da Madeira, escreveu no reinado de Dom Sebastião, e viveu por algum tempo na Beira. Pertence-lhe a celebre tragedia em redondilhas *O Marquez de Mantua,* sobre romances castelhanos; o *Auto de Santo Aleixo* ainda se reimprime, e o *Auto de Santa Catharina* ha poucos annos se representou em Sam Christovam de Mafamude. Os Indices Expurgatorios citam como de Balthazar Dias o *Auto do Nascimento de Christo,* o *Auto de Salomão,* e o *Auto breve da Paixão,* que se não encontram já. Attribue-se-lhe tambem o *Auto da Feira da Ladra,* desconhecido, e as *Trovas de arte maior á morte de D. João de Castro.* A sua lenda ou *Historia da Imperatriz Porcina,* desenvolvimento da lenda de *Crescencia,* é ainda saboreada pelo povo, bem como a *Malicia das mulheres* e *Conselhos para bem casar.*

Muitos são os Autos anonymos que pertencem ao seculo XVI, quasi todos extremamente raros; entre elles citaremos o Auto de *Guiomar do Porto,* cujo typo comico é o de uma Celestina portugueza; os *Autos do Duque de Florença* e de *Dom Floranda* apresentam uma certa frouxidão na estructura, proveniente talvez da sua mesma antiguidade. Pertencem a este cyclo nacional o *Auto dos Escrivães do Pelourinho,* e os bellos Autos hiera-

[1] Bibl. do Porto, Ms. n.º 1193, p. 283.

ticos *Dia de Juizo, Auto da Geração humana,* de 1536, *Auto da Donzella da Torre,* attribuido a Gil Vicente, e o *Auto de Deus Padre, Justiça e Misericordia.* Os Indices Expurgatorios prohibiram a leitura da maior parte d'estas obras de litteratura popular, resultando d'aí a perda de outros monumentos; os Jesuitas atacavam os Pateos das Comedias. Apesar d'esta irracional devastação, a eschola de Gil Vicente, baseada na tradição nacional, penetrou profundamente nos costumes portuguezes, florescendo durante o seculo XVI como escriptores de Autos Simão Garcia, João de Escobar, Francisco Luiz, Frei Braz de Resende, Fr. Antonio de Lisboa, Gaspar Gil Severim, Antonio Peres e outros. Foi nos Autos populares que se manteve o uso da lingua portugueza depois da perda da nacionalidade, escrevendo de preferencia em castelhano os escriptores eruditos.

§. III

Sá de Miranda e a imitação classica sob a influencia da Italia

A influencia italiana que se observa em França sob Carlos VIII, Luiz XII e Francisco I, e na Inglaterra sob Henrique VIII com os lyricos Wyat e Surrey, reapparece em Hespanha quando em 1524 Andrea Navagero foi enviado como embaixador de Veneza a Carlos V. Durante seis mezes que esteve em Granada, Navagero encontrou-se com Boscan, e nas suas largas conversas sobre litteratura trouxe á observação do poeta os caracteres particulares do metro italiano, e pediu-lhe que experimentasse na metrificação castelhana o verso endecasyllabo. Boscan satisfeito com o exito da tentativa, continuou a exercitar-se, mas teria por certo desfallecido na empreza, sob os rudes ataques dos apaixonados dos metros de redondilha, se Garcilasso, já então conhecido como um eminente lyrico, o não viesse fortalecer com a sua franca adhesão. A questão do emprego do verso endecasylla-

bo foi o facto contra o qual se feriram pugnas aceradas contra a introducção do gosto italiano; accusava-se o endecasyllabo de não ser nacional, mas é certo que equiparado ao verso *alcaico*, achou nas linguas romanicas as mesmas condições prosodicas de accentuação, que generalisaram o seu uso na epoca da Renascença.

1.º Lucta da introducção da eschola italiana. — Vendo-se a epoca em que entrou na Hespanha a eschola italiana, em 1524, immediatamente se nota que egual phenomeno se deu em Portugal, quando Sá de Miranda, em 1526, regressára da sua viagem á Italia. Esta crise litteraria foi tão tempestuosa em Portugal como na Hespanha. Já vimos como Jorge Ferreira falla contra os predilectos do soneto; no prologo da Ecloga *Encantamento* allude Sá de Miranda a esta lucta:

..... que são dignos
De perdão os começos que já fiz
Aberta aos bons cantares peregrinos.
Fiz o que pude, como por si diz
Aquelle, um só dos lyricos latinos...
Andando após a paga, houve aos sizos
Gram medo (que o confesso) e uns pontosos
De rostos carregados, ou de uns risos
Sardonios, ou mais claro, maliciosos...

Successivamente se agruparam em volta de Sá de Miranda o nobilissimo D. Manuel de Portugal, filho do conde de Vimioso, Pero de Andrade Caminha, o dr. Antonio Ferreira, Diogo Bernardes e seu irmão Frei Agostinho da Cruz, Jorge de Montemór e André Falcão de Rezende. Estava triumphante a eschola italiana em Portugal, postoque alguns d'esses talentos se amesquinharam na imitação de Petrarcha, e outros acabaram por escrever exclusivamente em latim á medida que se possuiam da admiração das obras classicas da antiguidade.

a) *Lyrismo: Sá de Miranda e sua eschola.* — Dá-se n'este poeta a perfeita alliança do talento com o caracter; a sua vida é tão sympathica como a sua obra. Na biographia que d'elle escreveu Dom Gonçalo Coutinho, sobre tradições transmittidas por Diogo

Bernardes e Dom Manuel de Portugal, fixá-se a data do seu nascimento em 27 de outubro de 1495. Nasceu em Coimbra, sendo seu pae o conego Gonçalo Mendes de Sá, que o teve com mais outros filhos de *uma mulher nobre,* como dizem as linhagens; passou a sua meninice em Buarcos, em casa de seus avós João Gonçalves de Miranda Souto Mayor, e D. Philippa de Sá. O poeta, que não queria julgar-se inferior em nobreza aos outros ramos d'esta grande familia, allude á sua fidalguia paterna e aos seus avós maternos; na Elegia á morte de Garcilasso dá-se como seu parente por parte dos *Souto-Mayores:* «Al tan antiguo aprisco — De Lassos de la Vega — Tuyo *el nuestro de Sá viste ayuntado.*» De facto verifica-se pelo Nobiliario o casamento de «uma filha de Ruy Paes de Souto Mayor com Garcia Lasso de la Vega o velho.» [1] Por parte de sua avó, diz o poeta «*os nossos Sás Coloneses*» referindo-se a ser Dona Philippa de Sá, filha de Rodrigo Annes de Sá, embaixador em Roma, e casado com Cecilia Colona. Parece talvez deslocada esta vaidade heraldica, mas o joven poeta tinha de competir na côrte com João Rodrigues de Sá, e Henrique de Sá, celebrados poetas do Cancioneiro. Havia n'esta familia uma terrivel hereditariedade moral, da qual se libertou o poeta pela austeridade da sua vida, mas que reappareceu em seu filho Jeronymo de Sá. O bispo de Coimbra Dom João Galvão, primeiro conde de Arganil, tinha amores com D. Guiomar de Sá, irmã do conego Gonçalo Mendes de Sá, e quando foi transferido para o arcebispado de Braga, casaram-na seus irmãos com Affonso de Barros; tanto que o soube o terrivel prelado veiu de Braga a Coimbra para a matar «*e dizem que d'esta paixão morreu.*» [2] Dos outros filhos do conego de Coimbra é tambem conhecido Mem de Sá, que foi desembargador dos Aggravos e governador do Brazil dezesete annos; a elle dedicou o poeta uma conceituosa Carta, e com elle veiu para a côrte frequentar a Universidade de Lisboa por 1511. Póde-se fixar esta data importante, porque em 1505 ainda vivia em Coimbra, alludindo á abertura do tumulo de Dom Affonso Henriques por occasião da visita do

[1] *Portug. Mon. hist.,* Scriptores, p. 387. — [2] Ms. *Pedatura lusitana,* t. III, p. 174.

rei D. Manuel ao mosteiro de Santa Cruz; [1] em 1516 já figura no Cancioneiro de Rezende com o titulo de *Doutor*, [2] e allude em outros versos aos serões de Portugal onde ainda ouviu metrificar Dom João de Menezes. Segundo a tradição colhida por D. Gonçalo Coutinho, ficou Sá de Miranda regendo uma cadeira na Universidade de Lisboa, ou *sómente de substituição*, como relatam alguns manuscriptos. Fixa-se a sua frequencia do paço por 1513, e alli se relacionou com Bernardim Ribeiro, celebrando ambos elles em seus versos a extremada D. Leonor de Mascarenhas, da qual diz na rubrica inedita de uma das suas composições «*que Portugal tambem teve a sua Vittoria Colonna em D. Leonor de Mascarenhas.*» A Italia, como um fóco da cultura humanista, attrahia Sá de Miranda; em 1521 deixa repentinamente a côrte e emprehende a viagem á Italia: «*Em tempo de Hespanhoes e de Francezes*» quando alli combatiam os exercitos de Carlos V e Francisco I. A occasião não era azada para uma expedição artistica; saíndo de Portugal, Sá de Miranda obedecia a uma causa imperiosa. Sabe-se que em 1521 saíram da côrte bastantes fidalgos que seguiam o partido do principe contra o rei D. Manuel, porque o velho monarcha desposára em terceiras nupcias a noiva de seu filho. O casamento do infante D. Fernando com D. Guiomar Coutinho, desposada do marquez de Torres Novas, levaria Sá de Miranda a pronunciar-se contra este escandalo, de que ficou um ecco na Satyra das Terçarias:

Joeirou o tesouro
do gram Marialva,
e quiz-lhe a salva
levar de seu ouro...

Durante a sua viagem por Veneza, Roma e Milão, Sá de Miranda frequentou a convivencia dos eruditos italianos, João Rucellai, e Lactancio Tolomei, sendo bem recebido pela Casa de Colona. Em 1526 regressou a Portugal, apparecendo-nos em

[1] Damião de Goes, *Chron.*, cap. 64, fl. 40, etc. — [2] *Canc. ger.*, fl. 109, col. 1.

Coimbra, como se infere da Oração lida por Francisco de Sá na chegada de D. João III e D. Catherina, áquella cidade quando fugiam da peste de Lisboa. Em 1527 representou Gil Vicente em Coimbra a Comedia da *Divisa,* e temos por natural que esta fórma medieval do theatro despertasse em Sá de Miranda o desejo de fazer conhecida a Comedia classica, porque n'este anno escreveu os *Estrangeiros,* dizendo no prologo que se não cansem a accusal-o de imitar Ariosto, e muito menos Plauto ou Terencio. A demora da côrte em Coimbra causou a ruina de varias casas fidalgas, e Sá de Miranda na *Carta* a Pero Carvalho, allude aos *parvos honrados* que desbaratavam a sua fazenda em sustentarem os cortezãos. Na *Carta* de Manuel Machado de Azevedo a Sá de Miranda descobre-se uma das causas que levou o poeta a abandonar a côrte:

Põe-se em muito grande prigo
Quem descobre todo o peito,
Por um bom dito ou conceito
Não perdaes nenhum amigo.

Os *Carvalhos* e os *Carneiros*
Da Beyra, Entre Douro e Minho,
São mui bons qua no seu ninho,
Aos fidalgos e escudeiros.

A quem d'elles se aproveita
São de proveito e sustento;
Mas lá com seu valimento
Só vive quem os respeita.
(st. XII-XIV.)

Não faltavam ensejos para Sá de Miranda se mostrar de «um só rosto, uma só fé.» A espoliação dos bens de seus primos Simão e Gonçalo de Miranda por uma ordem regia; o escandalo da sentença contra o marquez de Torras Novas; o exilio de Bernardim Ribeiro, e a prepotencia do conde da Castanheira, o neto da Maria *Pinheira* das satyras anonymas, tudo levava Sá de Miranda ao convencimento de que não era homem de côrte. As suas Eclogas *Andrés* e *Aleixo* eram interpretadas com sentidos re-

servados, e commentadas ao capricho dos bandos palacianos. Em 1534 Sá de Miranda abandona definitivamente a côrte, como se sabe pela Elegia á morte do principe Dom João, fixando o seu retiro desde quando o *malvado Inglez* (Henrique VIII) se separou da Egreja; por este tempo se soube do fallecimento de D. Isabel Freire, que elle celebrara nos seus versos com o nome de *Celia*. Dom João III, que sempre estimou Sá de Miranda, deu-lhe a Commenda das Duas Egrejas, e o poeta fundou a casa da Tapada, na freguezia de Fiscal, districto de Braga. Alli vivia entregue á meditação e á caça e montaria dos lobos; visitava o solar do Crasto, dos Machados de Azevedo, e a casa dos Pereiras Marramaques em Cabeceiras de Basto, em um doce convivio litterario, que descreve com tanta suavidade. Os senhores de Basto viviam na quinta da Taipa, e alli junto da fonte da Barroca liam os poetas italianos e os seus imitadores hespanhoes; escreve o poeta a Antonio Pereira, que lhe communicava os manuscriptos de Garcilasso:

A vossa fonte tão fria
Da Barroca em Julho e Agosto,
Inda me é presente o gosto,
Quão bem que nos hi sabia
Quanto na meza era posto.
.....
Deshi o gosto chamando
A outros mores sabores,
Liamos pelos amores
Do bravo e *furioso Orlando*,
Envoltos em tantas flores.
Liamos os *Assolanos*
De Bembo, engenho tão raro,
N'estes derradeiros annos,
E os pastores italianos
Do bom velho *Sanasarro*.
Liamos ao grande *Lasso*,
Com seu amigo *Boscão*,
Que honraram a sua nação;
Ia-me eu passo a passo,
Aos nossos que aqui não vão.

(Carta II.)

Frequentando a casa de Crasto conheceu alli o poeta D. Briolanja de Azevedo, irmã de Manoel Machado, a quem a pediu em casamento; realisou-se este enlace por intervenção de D. João III, em 1536. Começou para Sá de Miranda um periodo de vida tranquilla na sua quinta de Entre Homem e Cavado; alli recebia a homenagem dos bons espiritos que surgiam na litteratura, e com o remanso campestre retocava delicadamente o que escrevia, chegando a enumerar-se quatorze redacções da sua ecloga *Basto*. Em 1545 o Cardeal-infante Dom Henrique manda-lhe pedir as suas comedias dos *Vilhalpandos* e *Estrangeiros* para serem representadas; e o principe Dom João, herdeiro de Dom João III, de quem eram aios Francisco de Sá de Menezes e D. Manuel de Portugal, mandou-lhe tambem pedir a collecção dos seus versos. Diogo Bernardes recebeu a iniciação litteraria de Sá de Miranda, admirando-o no remanso domestico, occupado na educação de seus filhos Gonçalo e Jeronymo de Sá, ensinando-lhes a tocar viola d'arco e commentando o texto grego de Homero. Toda esta felicidade ia ser destruida; em 1553 morre-lhe em Ceuta o seu primogenito Gonçalo de Sá, e seu sobrinho João Rodrigues de Sá, filho de Mem de Sá, juntamente com Dom Antonio de Noronha, esse intimo amigo de Camões. D. Briolanja de Azevedo não pôde sobreviver a este golpe, fallecendo em 1555. A morte prematura do principe Dom João, que por tres vezes lhe pedira a collecção dos seus versos, e o fallecimento de D. João III em 1556, acabaram de prostrar-lhe o espirito, succumbindo em 1558. É encantadora a ingenuidade com que Ferreira o consola pela morte de seu filho, como Jorge de Montemór o consulta sobre o estado a seguir, como D. Manuel de Portugal, Francisco de Sá de Menezes e Andrade Caminha lhe pedem conselho sobre as suas obras poeticas. O poeta foi sepultado em Sam Martinho de Carrezedo.

Uma grande parte das obras de Sá de Miranda foi escripta em castelhano, dizendo por isso Bouterweck que na historia da litteratura hespanhola ficará uma lacuna se fôr omittido o nome de Sá de Miranda. Comtudo foi um fervoroso propugnador da cultura da lingua portugueza; Castanheda no prologo da *Chronica do descobrimento da India,* confessa que deve a Sá de Miranda a

animação para escrever a sua narrativa em portuguez. Sá de Miranda distingue-se por uma abundancia de locuções populares tal, que se não póde bem dizer se aquillo provém de uma naturalidade desaffectada se de um delicado tino artistico. Das suas composições as que foram sempre appetecidas pertencem á eschola da medida velha, tendo a influencia exercida sobre os seus contemporaneos a sua base na propagação dos modelos italianos.

O Doutor Antonio Ferreira. — Entre todos os escriptores quinhentistas, distingue-se Ferreira pelo immenso respeito á auctoridade classica. Nunca transigiu com as fórmas medievaes na litteratura empregando o verso de redondilha, da qual diz com desdem: « a antiga trova deixo ao vulgo. » Conhecia profundamente o grego e o latim, admirava os poetas italianos, mas a superioridade do seu espirito levava-o para a idealisação das tradições nacionaes, como se vê pelo poemeto de *Santa Comba dos Valles.* A tradição dos amores de Ignez de Castro, tomada como thema de uma tragedia classica, em tempo em que ninguem na Europa se atrevia a tratar n'esta fórma assumpto que não fosse da mythologia grega ou da historia romana, revela-nos que a sua educação humanista não pôde desnaturar-lhe o genio.

Ferreira nasceu em Lisboa; era filho de Martim Ferreira, escrivão da fazenda do duque de Coimbra, e de D. Mecia Fróes Varella. Foi cursar a Universidade já estabelecida em Coimbra, sob o regimen dos professores francezes que vieram de Paris em 1547 por intervenção do doutor André de Gouvêa. A litteratura grega foi-lhe revelada pelo celebre Diogo de Teive, e as relações directas com Sá de Miranda são-nos attestadas pela elegia á morte de seu filho. As suas composições lyricas foram escriptas até ao anno de 1557, tempo em que ficaram colligidas sob o titulo definitivo de *Poemas Lusitanos.* Compõem-se de sonetos em parte metrificados com a imperfeição de quem não domina o endecasyllabo, tendo em compensação uma pureza e naturalidade de sentimento tão verdadeiras, que obriga a investigar a realidade que o inspira.

Antonio Ferreira foi casado em primeiras nupcias com D. Maria Pimentel, como se vê claramente pela Elegia III, de Caminha; a ella se dirigiram quasi todos os seus versos. Depois de

ser Doutor do Paço e enviado do rei Dom Sebastião a Castella, Ferreira casou em segundas nupcias com D. Maria Leite, filha do commendador de Santa Comba dos Valles; nasceram d'este consorcio, que póde fixar-se por 1564, Miguel Leite Ferreira, D. Catherina Moreno e Ruy Leite. O Dr. Antonio Ferreira foi victima da *Peste grande* de 1569, e seu filho publicando os *Poemas Lusitanos* em 1598, diz de seu pae «deixando-me em tal edade que o não conheci.» As outras composições são Cartas, Eclogas, Elegias, Epithalamios aos mais notaveis espiritos do seu tempo, celebrando emoções pessoaes que nos revelam a vida intellectual de uma epoca tão fecunda.

Pedro de Andrade Caminha. — Nas luctas de Pedro Cruel contra seu irmão bastardo, muitos fidalgos gallegos emigraram para Portugal; a familia dos Caminhas pertence a esse numero, que achou asylo na côrte de D. Fernando. Suppõe-se que Pedro de Andrade Caminha nascera não longe de 1520; era o mais intimo dos amigos de Sá de Miranda, sendo tambem o mais mediocre. Os epigrammas odientos que dirigiu contra Camões, e a delação de Damião de Goes ao Santo Officio em 1571 ácerca das opiniões hereticas d'este historiador, deprimem-lhe fundamentalmente o caracter. Caminha entrou muito cedo para o cargo de Camareiro do infante Dom Duarte, e pela constante bajulação dos seus versos obteve pingues tenças e uma alcaidaria. Caminha elogia o cardeal-infante por ter estabelecido a *censura dos livros,* e para lisóngear seu amo é que colligiu as composições poeticas que ficaram ineditas até 1791. As noticias que deixou nos seus versos sobre outros poetas, como João Lopes Leitão, Heitor da Silveira, e ácerca da morte de D. Catherina de Athayde, tornam necessario o estudo d'este quinhentista.

Diogo Bernardes. — Foi um dos mais intimos amigos de Caminha, e portanto um dos inimigos de Camões; é accusado de ter-se apoderado de bastantes Sonetos, Eclogas e do *Poema de Santa Ursula,* que pertencem a Camões. Bernardes era natural de Ponte do Lima; as suas primeiras composições foram na *medida velha,* Villancetes, Voltas, Endexas, Respostas e Romances; depois que visitou Sá de Miranda na residencia da Tapada, antes de 1553, é que abraçou a imitação da poesia italiana; vin-

do para Lisboa, foi cultivando-se com a convivencia de Caminha e do Dr. Antonio Ferreira, que lhe leu a sua tragedia *Castro*. Protegeu-o o poderoso secretario de estado Pedro de Alcaçova Carneiro, acompanhando-o em 1576 a Hespanha na embaixada a Philippe II. Quando em 1578 Dom Sebastião partiu para a estouvada expedição da Africa, Bernardes foi escolhido para cantor cesareo da victoria que terminaria pela coroação do monarcha em Fez como imperador. Na derrota de Alcacer-Kibir, Bernardes ficou captivo, como Ayres Telles, Fernão Alvares d'Oriente, Miguel Leitão de Andrada e André de Quadros. Em 1581 já Bernardes se achava resgatado, recebendo de Philippe II a tença de quinhentos cruzados em propriedades e fazendas por cartas de 16 de outubro de 1582, pelo facto de ter sido *moço da tonlha* de Dom Sebastião «e a ir com elle na jornada de Africa e a ser captivo na batalha de alcacere.» Em 1593, Philippe II deu-lhe uma outra tença de quarenta mil reis em cada anno em sua vida, podendo testar metade d'esta quantia em sua mulher e filhos. Bernardes era casado com D. Maria Coutinha, a Sylvia a quem dirigira a maior parte dos seus versos lyricos. Bernardes conhecia o estylo de Camões, mas faltava-lhe o sentimento da independencia e dignidade nacional para dar aos seus versos uma outra qualidade que nunca se adquire pela habilidade mechanica e pelas engenhosas imitações. Nas *Varias rimas ao Bom Jesus* e *Flores do Lima*, publicadas em 1594 e 1596 ha muitos plagios de obras de Camões, e uma suavidade idyllica, expressa por uma correcção de quem pouco sente. Sabe-se pela tradição que pedira para ser enterrado proximo da sepultura de Camões.

Agostinho Pimenta. — Este poeta, irmão mais novo de Bernardes, é mais conhecido pelo nome de Frei Agostinho da Cruz. o seu lyrismo distingue-se por um exaltado fervor mystico, não tão simples como o de Sam João da Cruz ou de Frei Luiz de Leão, mas ainda assim admiravel como expansão sincera de uma alma no meio do falso formalismo cultual imposto pelos jesuitas e como desabafo na intolerancia feroz do Santo Officio. Nasceu em Ponte do Lima em 1540, e recebeu a primeira direcção poetica de Diogo Bernardes; veiu em 1556 empregado para a casa do duque Dom Duarte, neto de Dom Manuel, e alli seduzi-

do pelos frades da Arrabida resolveu seguir a vida monastica. Tomou o habito em 3 de maio de 1560, indo passar o noviciado no convento de Santa Cruz da serra de Cintra. Agostinho queimou todos os seus versos profanos, e quando o tedio claustral o accommetteu reconciliou-se outra vez com a poesia, em que expandiu os seus arroubos mysticos. A vida austera da solidão da Arrabida apressou-lhe a morte, em 14 de março de 1619. Era esta uma phase nova da poesia lyrica da eschola italiana, que se desenvolveu com os desastres nacionaes; a ella pertence esse mimoso lyrico Jorge Fernandes, mais conhecido pelo epitheto de *Fradinho da Rainha*, e cujas composições se acham dispersas pelos Cancioneiros manuscriptos.

Dom Manuel de Portugal. — Chamava-lhe Sá de Miranda «Lume do paço, das Musas mimoso;» foi o mais considerado dos quinhentistas e hoje é o menos lido d'essa pleiada. Camões considerava-o como um dos restauradores da Poesia portugueza. Filho do afamado poeta do Cancioneiro geral, o conde de Vimioso e da decantada *Aonia*, D. Joanna de Vilhena, a sua situação social influia para que escrevesse a maior parte dos seus versos em castelhano, lingua preferida no trato do paço. O que fôra D. Leonor de Mascarenhas na côrte de Dom João II, era-o agora D. Francisca de Portugal influindo na inspiração poetica dos principaes escriptores da côrte de Dom João III. Dom Manuel de Portugal amou sem felicidade D. Francisca de Aragão, que tanto distinguia Camões pedindo-lhe versos. Muitas das composições amorosas de D. Manuel de Portugal, á parte as que se acham no Cancioneiro de Luiz Franco, estão perdidas; os versos que se imprimiram são mysticos, celebram um vago amor divino, uma aspiração do que não é d'este mundo, a preoccupação constante do estado transitorio da vida, sendo por isso de uma monotonia quasi illegivel postoque perfeitos na estructura. Tem este caracter uma explicação que os torna ainda assim apreciaveis; Dom Manuel de Portugal não se prestou á corrupção de Philippe II, e a Casa de Vimioso soffreu as maiores atrocidades do invasor na incorporação de Portugal a Castella. Os desastres da familia e as suas profundas tristezas é que o dirigiram para a monomania ascetica. Quando Dom João III deu casa ao principe Dom João,

recebeu logo Dom Manuel de Portugal as entradas; n'esta posição nada pôde fazer em beneficio de Camões, então victima de intrigas motivadas pela inveja litteraria. Em 1572 foi por intermedio de D. Manuel de Portugal que pôde Luiz Camões apresentar o poema dos *Lusiadas* a Dom Sebastião. Dom Manuel de Portugal ainda viu o triumpho completo da eschola italiana no applauso dos *Lusiadas* e *Rimas* de Camões, fallecendo longe da esperança da revindicação da nacionalidade em 26 de fevereiro de 1606.

André Falcão de Resende. — Apesar de pouco conhecido por terem ficado ineditas as suas obras, Falcão de Resende é um dos mais notaveis poetas da eschola de Sá de Miranda. Foi seu pae Jorge de Resende, celebrado poeta do Cancioneiro geral, irmão do chronista Garcia de Resende. Nasceu em Evora, como se infere dos seus versos, por 1535; Evora era o centro da erudição latinista, convergindo alli sabios estrangeiros, como Nicoláo Clenardo, o bispo D. João Petit, Maffei, e entre os nacionaes Pedro Nunes, André de Resende, Ayres Barbosa, Jeronymo Osorio e João Vaz, encarregados da educação do infante D. Henrique, bispo de Evora. O infante chamou para Evora os jesuitas em 1551 para fundar o Collegio do Espirito Santo; provavelmente ahi cursou os estudos menores Falcão de Resende, que em 1553 apparece inscripto na matricula da Casa do Cardeal Infante. Terminada a sua formatura juridica por 1558, foi em seguida nomeado letrado e ouvidor da casa do Duque de Aveiro.

Sob o pesado regimen da erudição latinista das escholas jesuiticas, escreveu Falcão de Resende o illegivel poema allegorico da *Creação do Homem,* que editores nescios durante muitos annos imprimiram com o nome de Camões. Falcão de Resende tentou uma traducção das Odes de Horacio, que ficou incompleta. Através dos seus versos descobrem-se as aventuras de um amor romantico, que o fizera abandonar a casa paterna, e a perda prematura da desposada. Ainda escreveu a Sá de Miranda enviando-lhe os seus versos. Exerceu o cargo de Juiz de Fóra em Torres Vedras em 1577, e não obstante o aborrecimento que lhe causavam os litigios, desenfadava-se escrevendo versos, já para dar noticias a Heitor da Silveira e Antonio de Abreu, na India, já

para se fazer lembrado dos poderosos e moralisar sobre os costumes do tempo. Falcão de Resende foi a Madrid requerer uma mercê de Philippe II, e nos seus versos queixa-se de pobreza. Não tinha ideal, sendo ainda assim superior a Caminha; é o unico dos poetas quinhentistas da eschola de Sá de Miranda que cita o nome de Camões, a quem chama *bacharel latino,* pondo em contraste a sua situação com a dos bobos de D. Sebastião que viviam ricos e com o tratamento de Dom. Elle presentiu a impressão que tinha de fazer o poema dos *Lusiadas;* em uma ecloga parece referir-se á morte de Camões. Falcão de Resende morreu da terrivel peste de 1599; ficaram tres manuscriptos dos seus versos, um que colligira para o filho segundo do Duque de Aveiro, outro a que allude no soneto XXV, e finalmente o autographo que pertencia á Bibliotheca da Universidade e sobre que se começou a fazer a edição que ainda não entrou no mercado.

b) *Theatro: A Comedia e Tragedia classicas.* — Quando Sá de Miranda tentou introduzir em Portugal a Comedia classica, escreveu: « Extranhaes-me, que bem o vejo... mas não ha de falecer quem me arremede. » De facto, o dr. Antonio Ferreira, o principal discipulo de Sá de Miranda, desempenhou este presentimento do mestre. Nos divertimentos escholares anteriores ao curso de Ferreira já se notam tentativas dramaticas, como a *Eufrosina* de Jorge Ferreira, escripta em 1527, e a *Ulyssipo* em 1547. Em 1551, por occasião do doutoramento de D. Antonio, Prior do Crato, representou-se a tragicomedia *Gollias,* em latim, « pelos estudantes nobres da Universidade, na claustra da Portaria que fica anterior ao Mosteiro, » como conta D. Nicoláo de Santa Maria (*Chr.*, pag. 183). Ferreira allude a outros divertimentos dramaticos por occasião das festas pelo casamento do principe D. João com a filha de Carlos V: « N'esta Universidade... *onde pouco antes* se viram outras, que a todas as dos antigos ou levam ou não dão vantagem. » E confessa no Prologo o que deve a Sá de Miranda: « não fallo nos que o seguiram *até agora em Italia,* pois *em nossos dias vemos n'este Reyno* a honra e o louvor de quem novamente a trouxe a elle, com tanta differença dos antigos quanto é a dos mesmos tempos. » E declara por fim que a comedia de *Bristo* fôra composta em ferias furta-

das ao estudo «como cousa de poucos dias ordenada.» A comedia do *Cioso* pertence á mesma corrente de imitação classica terenciana, em que os personagens são o *Miles gloriosus,* ou o fanfarrão italiano, a *hetaira* grega ou a *cortegiana* italiana, e os filhos familias pervertidos. Com a morte inesperada do principe D. João em 1554, ficaram interrompidos os divertimentos escholares; para este principe estava Jorge Ferreira escrevendo a comedia *Aulegraphia.* As tres comedias em prosa de Jorge Ferreira de Vasconcellos, cunhado de João Rodrigues de Sá, *o Velho,* pertencem já á influencia italiana, obedecendo comtudo ao modelo da celeberrima comedia hespanhola a *Celestina,* em que prepondera o ideal da Edade média. Jorge Ferreira protestava contra a monomania aristocratica da viagem á Italia.

Quando o dr. Antonio Ferreira já residia na capital, occupando o cargo de desembargador da Relação de Lisboa, escreveu a tragedia *Castro,* cuja composição póde ser fixada em 1558. O pensamento d'esta tragedia nacional foi-lhe despertado pela tradição que em Coimbra ainda se repetia no seculo XVI. O padre D. Marcos de S. Lourenço, commentando o episodio de Ignez de Castro nos *Lusiadas,* allude aos cantos populares que ouvia repetir nas margens do Mondego. Pela *Castro* conhece-se que Ferreira imitava directamente as fórmas gregas, sem recorrer aos pallidos reflexos de Seneca, como então se usava na Europa; elle reproduz esse caracter *divino* da tragedia antiga na lucta entre o amor e a obediencia filial; uma sombra de *fatalidade* logo no principio empana a alegria do Côro que dá começo á acção. Nos monologos e dialogos ha esse ardor exaltado que na tragedia é o movimento dithyrambico do lyrismo religioso. A acção dramatica é simplesmente episodica em volta d'esse lyrismo elegiaco, e apenas serve para produzir logicamente a catastrophe que se sabe que hade *fatalmente* succeder. Para imitar o iambo trimetro usado pelos tragicos gregos para a linguagem simples, Ferreira serve-se pela primeira vez do *verso solto* usado por Trissino, quebrando-o nos seus hemistichios. A theoria do *Côro* grego, tão difficil de comprehender, acha-se no modo como Ferreira talhou os seus. Analysando-se a *Castro* no conjuncto, convém ter em vista que o poeta não procurou o effeito artistico, mas sómente a

reconstrucção conscienciosa da estructura já não comprehendida da tragedia grega.

A *Castro,* postoque não seja a primeira imitação da tragedia classica que appareceu na Europa, conservará nas litteraturas modernas esse logar de prioridade, pois que foi o primeiro assumpto de historia nacional idealisado pela Renascença para o theatro. A influencia da *Castro,* de Ferreira, estendeu-se a toda a Europa, embora publicada quarenta annos depois da morte do poeta.

Em Hespanha escreveram-se ainda no seculo XVI duas tragedias, *Nise lastimosa* e *Nise laureada,* de Jeronymo Bermudez; disputou-se algum tempo se a *Castro,* de Ferreira, seria traduzida do castelhano, pela conformidade da *Nise lastimosa* com ella. A questão está hoje resolvida a nosso favor pela authoridade de Martinez de la Rosa. Ferreira, fallecido em 1569 da *Peste grande,* deixou colleccionados desde 1557 os *Poemas Lusitanos;* no soneto CX de Bernardes allude-se á leitura da tragedia de Ferreira. Por isso, embora a *Nise lastimosa,* de Bermudez, fosse impressa em 1577 não é anterior á obra posthuma de Ferreira de 1598. Comparadas as duas tragedias salta á primeira vista a originalidade portugueza, e a mediocridade de Bermudez accentua-se no modo como tratou o assumpto na *Nise laureada,* especie de coroação como usou Nicoláo Luiz.

Em 1555 publicou-se em Lisboa a traducção da tragedia *Agamemnon* por Henrique Ayres Victoria « tirada do grego em linguagem troada. » A Renascença tomando uma direcção exageradamente erudita, afastava-nos das tradições nacionaes, fazendo dispender a actividade litteraria em traducções e imitações. Cabe tambem ao dr. Antonio Ferreira a gloria de ter comprehendido a necessidade de uma Epopêa nacional; não tinha imaginação e poder creador para a fazer, mas se a morte não o arrebatasse tão inopportunamente, teria influido bastante para que se realisasse mais cedo este elevado pensamento.

c) *Novellas e Contos.* — N'esta fórma litteraria, que substitue na primeira metade do seculo XVI a epopêa classica virgiliana, é onde se observa a persistencia das ficções medievaes na transformação da novella de *Cavalleria,* e o prurido da imitação

classica italiana nas *Novellas pastoraes,* que tendem a impôr-se. Quando João de Barros foi dado como guarda-roupa do principe D. João, reinava no paço de D. Manuel a predilecção pelas novellas de cavalleria. Diz Severim de Faria: « Era então João de Barros de pouco mais de vinte annos de edade, e como andava em serviço do princepe, que lhe occupava a mór parte do tempo, só nos espaços que lhe restavam publicamente, e como elle diz, na mesma Guarda-roupa do paço sem outro repouso, nem mais recolhimento... em outo mezes compoz esta historia (de *Clarimundo*) que para tal edade e occupação se póde ter por grande cousa. Ainda que o princepe D. João, a quem elle communicou seu intento, o favoreceu tanto, que elle mesmo ia revendo e emendando os cadernos que compunha; este favor lhe fez publicar logo o livro; e estando el-rei Dom Manoel na cidade de Evora, no anno de 1520, lh'o apresentou, dizendo-lhe que a intenção com que o fizera fôra para se empregar na historia de Portugal e principalmente na da conquista do Oriente. » Não obstante Rodrigues Lobo a considerar como um dos livros de cavalleria mais bem escriptos, a *Historia do Imperador Clarimundo* é hoje illegivel, por estar desprendida da curiosidade das allusões contemporaneas.

A antiga sympathia de D. João III pelas novellas de Cavalleria, a ponto de copiar pela sua mão os cadernos de *Clarimundo* quando principe, dominava na sua côrte. Em 1543 voltou a Portugal Francisco de Moraes, que estava em Paris como secretario do embaixador D. Francisco de Noronha; tendo vivido na côrte de Francisco I, casado com a viuva do rei D. Manuel, ao regressar á patria, Francisco de Moraes offereceu á infanta D. Maria, filha d'essa rainha, a novella do *Palmeirim de Inglaterra.* Esta obra imprimiu-se anonyma e como tal foi traduzida para castelhano em 1547. Com o tempo foi attribuida a traducção á invenção original de Luiz Hurtado; mas é certo que os versos em que Luiz Hurtado traz o seu acrostico, dizem da traducção: « *Robando la fructa de agenos huertos.* » Demais no *Palmeirim de Inglaterra* ha circumstancias pessoaes que só quadram a Francisco de Moraes, taes como os amores da Torsi em França. Apesar de Cervantes perdoar ao *Palmeirim de Inglaterra,* no Auto de fé feito ás novellas

de Cavalleria pelo Cura, e de elogiar as aventuras do castello de Miraguarda, a novella é extremamente diffusa, de uma exagerada amplificação rhetorica, como consequencia de um genero por extemporaneo mal comprehendido. A terceira e quarta parte do *Palmeirim* por Diogo Fernandes, e a quinta e sexta parte por Balthazar Gonçalves Lobato, do seculo XVII, levaram á insensatez estas amplificações. Tambem se attribue a D. Gonçalo Coutinho uma novella intitulada *Historia de Palmeirim de Inglaterra e de D. Duardos,* hoje perdida.

Para comprazer com o principe D. João, herdeiro de D. João III, Jorge Ferreira de Vasconcellos compoz tambem uma novella, *Memorial dos Cavalleiros da Segunda Tavola Redonda,* que nada tem com o cyclo arthuriano, e na qual se descrevem as festas ou torneio de Xabregas, quando este principe foi armado cavalleiro. A Jorge Ferreira attribue-se uma outra redacção intitulada *Triumphos de Sagramor,* evidentemente sobre o thema da Tavola-Redonda. Em um documento de 1533 acha-se citado um individuo com o nome de *Sagramor* de Basto, [1] porventura tomado da novella. O nome de *Sagramor* apparece no poema do *Bel Inconu,* e em uns fragmentos de um poema em médio alto allemão, enxerto secundario sobre as lendas arthurianas. [2]

As Novellas pastoraes representam a influencia classica na Renascença, e muito especialmente a imitação do gosto italiano. A *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro é anterior ao conhecimento das Pastoraes italianas em Portugal, e um producto natural do lyrismo bucolico. Póde-se dizer que a primeira parte d'esta obra é uma maravilha litteraria pela graça ingenua, pela simplicidade profunda, que deixa descobrir debaixo d'aquelles queixumes de pastores os amores de Bernardim Ribeiro por D. Joanna de Vilhena. Já se interpretam hoje essas allegorias: A menina e moça que figura sob o anagramma de *Aonia* é a formosissima prima do rei D. Manuel, que a casou com o Conde de Vimioso; a dama que lamenta a morte de seu filho é a rainha D. Leonor, viuva

[1] *Archivo portuguez oriental,* p. 57. — [2] Gervinus, *Hist. da Poesia allemã,* t. II, pag. 42.

de Dom João II, e a acção passa-se nas cercanias de Evora. A novella da *Menina e Moça* trata do caso dos dois amigos: o *Cavalleiro da Ponte,* que morre de uma queda é o principe D. Affonso, e os tres annos do passo de armas são as terçarias antes do casamento com a infanta D. Isabel, que alli figura sob o anagramma de *Belisa,* e como ella tambem morreu de parto; *Binarder,* anagramma de Bernardim, é o amante de Aonia que casa com Fileno, e que desapparece, como Bernardim Ribeiro deixa a patria depois do casamento de D. Joanna de Vilhena com D. Francisco de Portugal. Uma vez achado este fio allegorico, a *Menina e Moça* torna-se de uma leitura encantadora; a redacção manuscripta que se guarda na Bibliotheca da Academia hespanhola [1] consta sómente da primeira parte; a segunda parte, por disparatada e illegivel, pertence a outra mão, devendo considerar-se apocrypha.

As relações pessoaes entre Bernardim Ribeiro e Jorge de Montemór, que se descobrem nas suas eclogas, revelam-nos a influencia que a *Menina e Moça* exerceu na creação da *Diana.* Jorge de Montemór tambem escreveu a historia de uns amores infelizes, em castelhano, e embora a sua obra seja uma das mais notaveis da litteratura hespanhola, pertence-nos esta pastoral pela naturalidade do poeta e pela origem da imitação. Nasceu este fundador da novella pastoral em Montemór, da familia dos Paivas e Pinas, em 19 de março de 1523; [2] educou-se em Coimbra, onde conviveu com Camões por 1539, e em 1540 partiu para Hespanha, onde exerceu o logar de musico da capella real de Madrid. A primeira parte da *Diana* foi publicada em Valencia em 1542, exercendo uma extraordinaria impressão no publico. Quando a princeza D. Joanna veiu para Portugal em 1552 para casar com o filho de D. João III, Jorge de Montemór regressou á patria no séquito principesco, não podendo demorar-se aqui, não obstante as vantagens que na côrte lhe offereciam. Foi n'este tempo que

[1] Ms., n.º 76, de pag. 1 a 39. — [2] Esta data acha-se apontada no *Calendario musical para el año de 1860,* que se attribue a Soriano Fuertes, auctor da *Hist. de la Musica en España.*

renovou relações pessoaes com Camões e que escreveu uma apreciavel epistola autobiographica a Sá de Miranda. O prurido da fama attrahia-o para um campo mais vasto, e voltando para Hespanha, acompanha Philippe II a Inglaterra em 1558, d'onde regressa em outubro do mesmo anno. Por occasião da evacuação das tropas francezas de Turim, em 1561, teve Jorge de Montemór um duello, em que morreu, no dia 26 de fevereiro, porventura pelo conflicto das suas idéas catholicas contra os protestantes. Pela novella não se póde descobrir se elle teve por modelo a *Arcadia,* de Sanasarro; é certo porém que os factos particulares da sua vida contados sob a fórma allegorica dão um certo interesse á narrativa pastoral, ás vezes desnaturada pelo apparecimento de gigantes, selvagens e fadas das novellas de cavalleria e de nymphas das tradições classicas da Renascença. Cabe a Jorge de Montemór a gloria de ter inspirado Shakespeare. Do pensamento da Epopêa nacional proseguido por Jorge de Montemór, falla Lourenço Craesbeck: «determinava de escrever em verso o *Descobrimento da India oriental,* mas a morte que logo lhe sobreveiu, lhe atalhou este intuito.»

O genero pastoral foi mais tenazmente cultivado, quanto mais entrava na decadencia; a *Lusitania transformada* de Fernão Alvares d'Oriente é uma imitação directa da *Arcadia* de Sanasarro; consta de prosas e versos, em que o auctor conta a historia de uns amores que o fizeram partir da India para a Europa, e em que introduz personagens do ultimo quartel do seculo XVI sob a apparencia de pastores. A *Lusitania transformada* começou a ser escripta em 1594, como se infere da referencia á transladação dos ossos de Camões por D. Gonçalo Coutinho, quando lhe deu sepultura honrada.

Os Contos e Historias de Proveito e Exemplo. — O desenvolvimento dos Fabliaux da Edade média em novellas ou contos litterarios é um dos caracteres das duas Renascenças na Italia. Reproduz-se o phenomeno em todas as litteraturas romanicas. Temos em Portugal a preciosa collecção de Gonçalo Fernandes Trancoso, em que a par de um elemento popular tradicional se conhece a influencia directa dos novellistas italianos. A época em que Trancoso veiu da Beira para Lisboa póde fixar-se em 1544;

nos *Contos proveitosos,* allude-se á morte do principe D. João em 1554; e no conto nono da segunda parte, refere o terrivel desastre da *Peste grande,* de 1569: « todos os que este anno de *mil e quinhentos e sessenta e nove,* n'esta parte perdemos mulheres, filhos e fazenda, nos esforcemos e nam nos entristeçamos tanto que caiamos em caso de desesperação sem comer e sem paciencia, dando occasião a nossa morte... » Na primeira edição dos *Contos,* de 1575, vem uma *Carta á rainha D. Catherina* com preciosos dados biographicos, em que Trancoso diz que a cidade de Lisboa se viu despovoada, e que lhe morreram sua mulher, uma filha mais velha de vinte e quatro annos, um filho estudante e outro que era menino do côro. Foi no meio d'este desastre que escreveu alguns dos *Contos* para distrahir a imaginação; sobreviveu-lhe um filho, Antonio Fernandes, que em 1596 publicou a terceira parte da collecção, que ao todo consta de vinte e nove contos, importantes pelas suas origens tradicionaes, embora o estylo rhetorico e as divagações moraes lhe tirem grande parte do seu merecimento. Esses Contos acham-se hoje resumidos nos seus themas tradicionaes em uma moderna collecção novellistica, em cujas notas comparativas se apontam as suas principaes fontes.[1] Nos *Indices expurgatorios* prohibem-se muitas novellas italianas, taes como *Cento Novelle scelte, Pecorone, Facecie, Motti* de Domenico, o que nos define a corrente litteraria, que se converteu em Exemplos usados pelos prégadores.

B) Periodo theologico e critico

O conflicto entre o poder temporal e o espiritual que no seculo XIII determina a fundação das Universidades, e o apparecimento do terceiro estado que fortifica a independencia da realeza contra o feudalismo, caracterisam outra vez a crise social do seculo XVI. N'esta segunda phase da Renascença o poder espi-

[1] Nos *Contos tradicionaes do Povo portuguez,* t. II, n.os 151 a 167.

ritual tende a deslocar-se da egreja, abandonando a auctoridade dos dogmas pela livre critica individual; e o poder temporal separado de toda a interferencia clerical, reduz a actividade militar a um officio estipendiado nos exercitos permanentes, favorecendo ao mesmo tempo o trabalho pacifico da burguezia e o absolutismo monarchico. Como consequencia dos estudos philologicos, é estudado o texto da Biblia, que foi traduzida nas linguas vulgares e tornada accessivel ás intelligencias individuaes; a discussão dos textos sagrados exerce a rasão em uma theologia escholastica, e na renovação das noções moraes em uma artificiosa casuistica. A decadencia do poder espiritual da Egreja pareceu provir da corrupção dos costumes da hierarchia ecclesiastica; os que consideraram a crise moral sob este aspecto, appellaram para uma *reforma,* tentando remodelar a Egreja sobre a sua primitiva constituição. O Protestantismo foi esta solução irreflectida, que entre os povos germanicos e saxões desviou os espiritos para o fervor proselytico de imitação da primitiva Egreja e da idealisação absurda da theocracia hebraica. Dentro da propria Egreja a crise foi vista sob outro aspecto: a decadencia do poder espiritual provinha da usurpação da realeza, e por isso o papado procurou defender-se com essas duas milicias, a Inquisição e a Companhia de Jesus. Estes dois factores perturbaram profundamente a marcha historica do seculo XVI, um aterrando os espiritos pelos processos tenebrosos e pelas hecatombes dos Autos de Fé, e o outro apoderando-se da corrente humanista da Renascença e conseguindo dirigir a educação publica da Europa. Na Italia a Inquisição teve um caracter politico manifesto, garantindo a supremacia dos papas contra os partidarios dos imperadores; mas sob a protecção do *braço secular,* este tribunal tornou-se uma especie de policia secreta dos reis, sendo por isso substituido pelos Jesuitas, que se consideravam os janisaros do papado.

a) *Influencia da Inquisição em Portugal.* — O estabelecimento da Inquisição em Portugal data da bulla de 23 de maio de 1536; o proprio D. João III dizia que trocava gostosamente o seu titulo de rei pelo de inquisidor-geral, e coube esta dignidade ao cardeal-infante Dom Henrique, em 3 de julho de 1539,

cooperando desde logo para a ruina da nacionalidade. Começaram as perseguições contra os christãos-novos, e nas satyras contemporaneas, como as quadras da *Maria Pinheira,* contra o Conde da Castanheira, valido do monarcha, em que se dizia que era neto de uma judia, se vê quão terrivel era esse golpe vibrado contra qualquer familia. Prohibiram-se as traducções da Biblia, e a entrada de livros extrangeiros, porque podiam trazer as heresias da Reforma. O espirito publico teve uma forte depressão, cahindo n'essa tristeza já notada por Gil Vicente, quando diz que as «cantigas do prazer acostumado, todas tem som lamentado.» E Sá de Miranda allude tambem com pezar á melancholia da côrte, onde já se não encontram os *Serões* em que tanto figuraram D. João de Menezes e outros afamados poetas do Cancioneiro geral, cujas ultimas vozes elle ainda ouviu. A reforma da Universidade de 1537 ficou tambem improficua pela intolerancia inquisitorial.

b) *Os Jesuitas apoderam-se do Ensino publico.* — Em 1540 o Dr. Diogo de Gouvêa recommendou a Dom João III a nova corporação religiosa dos Jesuitas, e postoque dominasse na côrte a Inquisição, o rei resistiu a todas as violencias da rivalidade, protegendo deliberadamente a Companhia. Recebeu os padres que lhe enviou Ignacio de Loyola, e lhes recommendou que «tomassem muito a seu cargo o cuidado dos moços fidalgos que trazia em seu paço, pera que os doutrinassem nos bons costumes e os instruissem em toda christandade.» Prosegue o padre Balthazar Telles: «Obrigação que sempre foi continuando nos da Companhia, até o tempo de el-rei D. Sebastião, no qual os companheiros do Padre Mauricio seu confessor, tinham á sua conta doutrinar os moços illustres que no paço serviam as pessoas reaes.» [1] Em 1542 Ignacio de Loyola manda para Portugal mais padres, que tinham estudado em Paris, e Simão Rodrigues dirige-se para Coimbra, onde funda o Collegio das Artes, sendo o governo d'elle dado ao Padre Gonçalo de Medeiros; para allicir os estudantes a concorrerem ao Collegio, o Padre Manoel Godi-

[1] *Chr. da Companhia,* liv. I, cap. VIII.

nho andava «vestido em trajos de estudante, para que d'esta maneira o admittissem pelo habito, além de ser mui conhecido pela pessoa. Vivia elle e tratava com os estudantes, era religioso, e mostrava-se secular...» [1] Foi com estas e outras artimanhas, que os *Franchinotes,* como então lhes chamavam em Coimbra, alliciaram os filhos da principal nobreza, como D. Gonçalo da Silveira, de vinte annos de edade, Dom Rodrigo de Menezes, e D. Theotonio de Bragança. O caso produziu uma certa impressão no publico, e o Reitor da Universidade D. Diogo de Murça fez em 1544 um inquerito ao Collegio das Artes, não descobrindo erros de doutrina, nem violencia na conservação dos escholares. A Companhia achava-se escudada com o favor do monarcha, e tornava-se provocadora, como se viu no caso do doutoramento do padre Melchior Barreto; usava-se no fim da ceremonia dar um *Vejamen* ao graduado, [2] e o padre Simão Rodrigues ordenou ao Barreto que levasse ás costas pela rua da cidade um carneiro esfolado, indo offerecel-o a casa do Dr. Marco Romeo seu padrinho no gráo. Barreto obedeceu, dizendo ao cathedratico de theologia: «Este é, senhor Doutor, o *Vexame* que, depois do meu doutoramento me dá a Companhia de Jesus, a fim de me graduar no espirito da mortificaçam e desprezo do mundo.» [3]

Quando D. João III foi a Coimbra em 1550, visitou o Collegio das Artes, que contava já quarenta alumnos de theologia; os Jesuitas trataram logo de apoderar-se da Universidade, e por Carta de 1556 dirigida a Diogo de Teive, ordena o rei: «Mando-vos que entregueis esse Collegio das Artes e o governo d'elle mui inteiramente ao Padre Diogo Mirão, Provincial da Companhia de Jesus, o qual assim lhe entregueis do primeiro do mez de outubro que vem d'este presente anno de 1555 em diante...» Os Collegios estavam sob a dependencia das Universidades; os Jesuitas inverteram esta organisação franceza. Por opposição á Universidade de Coimbra o cardeal-infante D. Henrique tenta

[1] Ibid., cap. XXI. — [2] Vid. *Historia da Pedagogia em Portugal* (Rev. e Estudos Livres, t. II, p. 477). — [3] *Chr. da Companhia,* cap. XII.

fundar em Evora uma outra Universidade, obtendo bullas do Papa em 1558; sendo inaugurada no 1.º de novembro de 1559, já em 1563 era equiparada á Universidade de Coimbra em privilegios. Nos Apontamentos dos Prelados, de 17 de fevereiro de 1563, protesta-se contra esta absorpção dos Jesuitas: «Que o Collegio real de Latim e Artes se reduza ao que era d'antes, por ser de menos muita despeza, e avia n'elle Mestres dos que mais sabiam; que mais facil he acharem-se de todo o reino, que soo de hũa Companhia, e de milhores Mestres se segue mais fruito. — E por ser hum logar só e pubrico, que temos com aquelle, não estando reduzido soo aos da Companhia, possam os filhos dos nobres e os da terra leer e perfeiçoar-se naquellas profissões, e aja Latim no Reino e Mestres que o ensinen, que vae faltando de todo, e unir-se-ha com a Universidade, sem aver divisão.» [1] Em Carta de Martim Gonsalves da Camara ao Reitor da Universidade em 1570, respondia a queixas analogas, que os portuguezes se contentavam mais em serem «*catholicos*, ainda *que menos Latinos.*»

Os Jesuitas, que na questão theologica se achavam em antagonismo com os Protestantes, oppondo a doutrina das obras á do livre arbitrio á da graça, obedeceram á cega admiração do regimen polytheico, tornando-se agentes de propagação d'esse exagerado humanismo da Renascença. Em uma Carta do Padre Palanco ao Padre Mirão, em 1564, lê-se: «Na éra em que estamos por toda a parte se tem muito em conta a erudição nas cousas de humanidades, tanto que sem ellas a doutrina melhor e mais solida parece que luz menos. — Por isso ao P. Geral pareceu conveniente que se escrevesse ás provincias, que tenham conta com estas letras humanas, e façam estudar bem, quem mostrar aptidão, pelo menos o *Latim*, e a *Rhetorica*, e que não passem ás *artes* ou pelo menos á *theologia* sem se excitarem bem n'estas lettras.» [2]

O regimen pedagogico dos Jesuitas acha-se implicito n'esta

[1] Ap. *Reflexões hist.*, t. II, pag. 116. — [2] *Livro das Obediencias Geraes* (Extractos de Gabriel Pereira.)

mesma Carta do Padre Palanco: «*que nenhum mestre de Theologia nem de Artes tenha opinião nova.*» O aristotelismo, que decahia na Europa, manteve-se em Portugal de um modo tão ferrenho, que se tornou conhecido pelo titulo de *Philosophia Conimbricense.* O Cardeal infante ordenou em 1564 a formação de Indices Expurgatorios para os Livros com doutrinas prohibidas; o poeta Antonio Ferreira allude a este facto: (II, 112.)

Escuro e triste foi aquelle dia
Que ao saber e engenho um juiz foi dado,
Que nunca ao claro sol olhos abria.

c) *Damião de Goes e a situação dos Historiadores portuguezes.* — Pela instituição dos Chronistas-móres do reino, que durou desde o começo da monarchia, em que este cargo era inherente aos Priores Crasteiros de Santa Cruz de Coimbra, [1] até Garrett sob o regimen parlamentar, a Historia foi sempre uma especie de registro authentico, em que a individualidade critica era sacrificada á conveniencia official. A actividade particular exerceu-se compondo relações, memorias, viagens, com uma exuberancia tal, que esse material historico só por si constitue uma litteratura. Os Chronistas do seculo XVI, são poderosas individualidades, que em geral atravessaram grandes fadigas e aventuras, como Antonio Galvão, Castanheda, Damião de Goes, Fernão Mendes Pinto e Diogo do Couto; esta situação moral dá ás suas narrativas um colorido inimitavel que as torna quasi uma obra de arte. Muitas vezes a auctoridade mandava truncar ou eliminar certas paginas das Chronicas; é por isso que espiritos eminentes ficaram simplesmente *narradores* annalistas, e aquelle que procurou dar á Historia uma feição *critica,* Damião de Goes, morreu victima da sua independencia intellectual.

Fernão Lopes de Castanheda, um dos primeiros chronistas a que cabem as considerações expostas, era natural de Santarem, e filho illegitimo de Lopo Fernandes de Castanheda, primeiro Ouvidor de Goa. Acompanhou seu pae para a India em 1528, e alli

[1] D. Nicoláo de Santa Maria, *Chr. dos Regrantes,* P. II, cap. 9, n.º 8.

compilou todos os factos que comprehendem os cincoenta annos da sua *Historia do Descobrimento e conquista da India pelos Portuguezes*. Relata as condições em que escreveu, e que abonam a sua veracidade: «Mas que a fui saber á India, passando na viagem bravas e vivissimas tormentas com que me vi perto da morte e sem esperança da vida, com trabalhos, de grandes fomes e de muyto maior sede. E lá com mil perigos, em mui espantosas pelejas de bombardas, espingardadas sem conta; e antre ellas sobe eu a verdade do que havia de escrever de muitas cousas de vista e ouvido.» Já em Portugal e entregue á redacção historica procurava todos os que sabia terem estado na India, para consultal-os: «E assy em trelados e lembranças que muitos curiosos escreveram o que se fazia n'aquelle tempo.» Assim Castanheda define o processo da elaboração da historia: «E por isso quem hade escrever historia, hade fazer as diligencias que eu fiz e vir a terra de que hade tratar, como eu vi, que assi o fizeram esses historiadores antigos e modernos. E bem sentia isto el-rei Dom Affonso o Quinto de Portugal, quando mandou Gomezeannes d'Azurara, cronista d'estes reinos a Alcacere pera lá escrever como testemunha de vista o que os nossos fizessem.» Castanheda foi guerreado por duas ordens de influencias, os eruditos e os descontentes com a franqueza das suas narrativas. Contra os eruditos allega a importancia que a sua Historia achou fóra de Portugal: «Do que he testemunho imprimir-se agora em Pariz em lingua franceza o primeiro livro desta Historia, que tornou na mesma lingua Mestre Nicoláo (Grouchy), que era regente d'artes no Collegio real...» Os descontentes com a sua imparcialidade fizeram com que o nono e decimo livros fossem supprimidos, como nol-o descobre Diogo do Couto narrando o caso do requerimento de alguns fidalgos a Dom João III, que por se rem-se achado no segundo Cerco de Diu, pediam que o rei mandasse eliminar o decimo livro de Castanheda por motivos de suas honras. [1] A este tempo (1559) já Fernão Lopes de Castanheda não era vivo, «que com o fim da Historia se lhe acabou a vida que tinha muito trabalhada de muitas indisposições causadas de

[1] *Decada IV*, liv. 5, cap. 1.

continuo cuidado e de continuas vigilias e leitura de muitos papeis que da India trouxera. » Castanheda nunca encontrou recompensa de suas fadigas, e para sustentar a familia conseguiu apenas o miseravel emprego de Bedel da Faculdade de Artes e Guarda do Cartorio da Universidade: « Gastei vinte annos, que que foi o melhor tempo de minha idade, e n'elle fui tão perseguido da fortuna e fiquei tão doente e pobre, que por não ter outro remedio com que me mantivesse, acceitei servir uns officios na Universidade de Coimbra, onde no tempo que me ficava desoccupado do serviço d'elles, com assás fadiga do corpo e do espirito acabei de compoer esta Historia, que reparti em dez livros. » Tal é a individualidade do chronista; a sua obra tem o colorido original de um tal caracter.

Antonio Galvão, é um chronista cuja personalidade extraordinaria toca o assombro; dotado do excepcional cosmopolitismo a que obedecêmos desde as expedições maritimas do seculo XV, animado do interesse scientifico dos espiritos da Renascença, Galvão obedeceu á paixão ideal e já extincta do civismo, ou o amor da patria que nos tornou grandes na civilisação moderna. Era quinto filho do antigo chronista Duarte Galvão (n. 1446, ms. 1517), nascido fóra do matrimonio, na India; [1] foi nomeado capitão de Malaca em 1536 pelo governador Nuno da Cunha, conseguindo remediar pela sua prudencia todos os erros dos antecessores. Depois de ter augmentado em mais de quinhentos mil cruzados o rendimento da corôa, foi-lhe offerecido o throno de Ternate, por se achar alli extincta a dynastia; findo o triennio do seu governo, regressou á India e depois a Portugal, e quando esperava a recompensa de tantos sacrificios, achou a indifferença e a miseria, tendo de acolher-se ao hospital onde era sustentado alternadamente por alguns amigos! N'este lamentavel estado viveu desete annos, sem conseguir despacho aos seus requerimentos, de modo que para o enterro, em 1557, a confraria da côrte occorreu com as despezas e o hospital com a mortalha. Entrou para o serviço do estado com uma fortuna apreciavel, e nem depois de morto lhe pagaram uma parca divida contrahida. Passados seis

[1] Cardoso, *Agiologio Luzitano,* t. II, p. 140.

annos, é que o seu testamenteiro e amigo Francisco de Sousa Tavares conseguiu publicar o notavel livro *Tratado dos diversos desvairados caminhos por onde nos tempos passados a Pimenta especiaria veiu da India ás nossas partes, e assi de todos os Descobrimentos antigos e modernos què são feitos até á era de 1563.* No meio das suas doenças e decepções, fiado sempre em que a injustiça da sua época não prevaleceria contra a integridade de que era dotado, Antonio Galvão occupava-se no labor d'este livro, escripto nas torturas « de animo affligido » como diz o seu editor e amigo.

João de Barros, educado sob a disciplina da erudição humanista, preparou o seu estylo historico escrevendo uma diffusa novella de cavalleria e tomando Tito Livio, annalista rhetorico, para seu modelo. Tendo seu tio Lourenço de Caceres, mestre do Infante D. Luiz, fallecido em 1531 sem ter cumprido o seu compromisso como Chronista-mór do reino a quem competia escrever a Historia da India, João de Barros offereceu-se a D. João III para desempenhar esse encargo. Plagia no primeiro livro das *Decadas* a Chronica de Azurara, fiado na existencia do unico exemplar manuscripto que possuia, mas corrige a glorificação do infante D. Henrique mostrando como as navegações da pretendida eschola de Sagres eram um mercantilismo com que o Mestre de Christo resistia contra a unificação monarchica. A vida de João de Barros foi perturbada com desastres commerciaes, que lhe não macularam a honradez; já velho retirou-se á sua quinta da Ribeira de Alitem, em Pombal, onde falleceu ao fim de tres annos, em 20 de outubro de 1570, com setenta e quatro annos de edade.

Em 1591, Filippe II mandou arrecadar os fragmentos das obras de João de Barros, entre elles o da *quarta Decada,* em poder de sua nóra D. Luiza Soares, mulher de Jeronymo de Barros; foram estes papeis entregues a D. Fernando de Castro Pereira, mas tendo fallecido pouco depois, vieram para o Collegio de Sam Roque para serem entregues ao jesuita Christovam Clavio; como este não veiu de Roma, foram mandados entregar a Duarte Nunes de Leão, que não pôde tiral-os a limpo, cumprindo este encargo em 1616 João Baptista Lavanha.

Diogo do Couto, foi encarregado por Fillippe II de continuar as *Decadas* de Barros; distingue-se este chronista pelas observações dos costumes e pela narrativa pittoresca aproveitada das conversas dos proprios heroes que memóra. Amigo intimo de Camões, Diogo do Couto era tambem poeta e soldado; foi-lhe preciso dez annos de batalhas na India, para que a natureza tornasse a despontar sob as devastações da educação jesuitica do Collegio de Sam Roque.

Nascido em 1542, e protegido pelo Infante D. Luiz, partiu para a India aos dezesete annos, na armada de 1559. Severim de Faria falla das suas obras poeticas, hoje perdidas: « Compoz alguns poemas assi na lingua vulgar, em que teve particular graça, tudo obras lyricas e pastoris, de que deixou um grande tomo de Elegias, Eclogas, Canções, Sonetos e Grosas. » No regresso a Portugal em 1570, foi um dos que soccorreram Camões « seu matalote e amigo. » Na continuação das *Decadas,* Couto sustentou uma nobre independencia de juizo, dizendo sobre a suppressão do decimo livro de Castanheda exigida pelos partidarios de D. João de Castro: « A estes e outros riscos se põem os escriptores que as escrevem em quanto vivem os homens de quem o fazem; ... nem por respeitos, nem por temor deixaremos de as fallar; e postoque tambem em algum tempo se mande recolher algum volume dos nossos, outro virá em que se ellas manifestem. » Por causa d'esta independencia a *oitava* e *nona Decadas* foram roubadas a Diogo do Couto em uma occasião em que estava doente. O caracter nacional estava já bastante degradado, « pois houve alguem que dizia publicamente que não queria andar em Chronicas, fazendo pouco caso que n'ellas se tratasse d'elle com elogios ou vituperio. » Diogo do Couto foi nomeado Guarda-mór do Archivo da India, e morreu em Goa em 10 de Dezembro de 1616.

Damião de Goes, é o primeiro chronista critico, e um espirito verdadeiramente encyclopedico em convivencia com as mais elevadas capacidades da Renascença e da Reforma; nasceu em Alemquer em 1501, e entrou muito cedo para o serviço do paço, sendo em 1523 nomeado por D. João III escrivão da Feitoria da Hollanda. Sua mãe era neta de um diplomata hollandez, cir-

cumstancia que lhe facilitaria as relações em Antuerpia, onde permaneceu até 1529. O infante D. Fernando occupava-o em commissões litterarias, e em negocios diplomaticos foi ás côrtes da Polonia, Dinamarca e Suecia. Em Wurtemberg conviveu com Luthero e Melanchton, que viviam na pobreza, e esse facto não ficou extranho ás perseguições religiosas de que foi victima; em Friburgo conviveu com o epigone dos humanistas da Renascença, Erasmo, acompanhando-o nos seus ultimos momentos. Quando Damião de Goes cursava os estudos na Universidade de Louvain foi chamado a Portugal para thesoureiro da Casa da India, cargo de que se eximiu, conseguindo ir terminar a sua educação humanista em Padua. Fixou-se em Louvain, onde casou, e nas guerras entre Carlos V e Francisco I, a cidade elegeu-o para dirigir a defeza. Regressou a Portugal por pedidos de D. João III, sendo nomeado Guarda-mór da Torre do Tombo, e encarregado de escrever a *Chronica de D. Manuel.* O Cardeal D. Henrique prohibira o seu livro sobre a religião dos Ethiopes, e na sua hostilidade mandava por via dos secretarios de estado reformar a Chronica, como se vê pela carta de 1566, escripta em nome de D. Sebastião: « Vi os capitulos que me enviastes, assim o que falla no Cardeal Infante meu tio, como o que toca ás cousas del rei Dom Fernando. *No Cardeal mandei emendar o que vereis e no del rei Dom Fernando mudar o que tambem vereis pelo caderno que com esta vae, conforme ao qual o fareis lançar em seu lugar.* » [1] Em 1564, occupado Damiões de Goes na redacção d'esta Chronica, iembrou a Pedro de Andrade Caminha, que alcançasse da viuva do Infante D. Duarte alguns apontamentos; a infanta enviou-lhe uma relação das penitencias e visões do marido. Sobre isto disse o chronista a Caminha: « que não havia homem que na morte não dissesse algumas parvoices. » Passados sete annos, Damião de Goes era preso nos carceres da Inquisição, e Caminha apresentava-se espontaneamente a aggravar-lhe a perseguição

[1] Vem no *Museu Portuense,* de 1838. Este caderno, que emenda os capitulos 23 e 27 da Parte III da *Chronica de D. Manuel,* acha-se na Bibliotheca publica do Porto, e as emendas « de uma mão que nos parece ser do Dr. Antonio Pinheiro, bispo de Miranda que então figurava no Conselho do Estado. »

com o seu miseravel depoimento. A reputação de Damião de Goes era europêa, e por isso o não queimaram, mas confiscaram-lhe todos os seus bens, e *coberto de sarna* por todo o corpo, o Santo Officio o mandou entregar ao mosteiro da Batalha, onde morreu em carcere penitencial, em 16 de dezembro de 1572.

Muitos são os Chronistas do seculo XVI, cuja feição litteraria se resente do meio social em que escreveram, tendo comtudo a importancia da grande epoca de que foram testemunhas mais ou menos conscientes; merecem menção especial Gaspar Corrêa com as *Lendas da India,* e Braz de Albuquerque, com os *Commentarios de Affonso de Albuquerque,* essa «*nua e chã pintura*» como os caracterisa o poeta quinhentista Dr. Antonio Ferreira. Como todos os outros generos litterarios, a Historia tambem decahiu nos fins do seculo XVI, não só por uma falsa erudição, de que é representante Frei Bernardo de Brito, como por se ter desviado a redacção das chronicas para as ordens monachaes. N'esta phase da Renascença em Portugal o dogmatismo theologico venceu o espirito critico.

C) Periodo scientifico e philosophico

Emquanto os estudos humanisticos concorriam na Europa para a renovação das Sciencias pela leitura das obras mathematicas de Archimedes, Appollonio, Euclides e Diophante, e pelas obras politicas de Thucydides e Aristoteles, nós os portuguezes pelas descobertas geographicas e pela circumducção do globo coadjuvavamos o criterio da observação e da experiencia, que determinou o estado actual da consciencia moderna. As descobertas astronomicas de Copernico e de Galileo deram logar a seguras concepções sobre o systema do mundo, e levaram os espiritos a reconhecer a necessidade de uma nova synthese philosophica, tentada com rigor por Bacon e Descartes, porém com o vicio de exagerado subjectivismo. N'estas duas fórmas da actividade mental da Renascença, fômos dignamente representados; na parte *scientifica* por capacidades eminentes como Garcia d'Orta, D. Francisco de Mello e Pedro Nunes, e na parte *philosophica* por Antonio de

Gouvêa e principalmente por Francisco Sanches. A grande somma de livros de viagens, que apresenta a litteratura portugueza do seculo XVI, deve tambem considerar-se como uma fecunda cooperação scientifica, como se vê pelos geographos coévos copiando as relações portuguezas, e as noticias transmittidas pelo embaixador de Veneza Pietro Pasqualige, e pelo enviado do Duque de Ferrara, Alberto Cantino sobre as viagens de Gaspar Côrte Real nas regiões da America. Uma grande curiosidade scientifica estimulava, a par da audacia aventureira, a alma portugueza.

a) *Garcia d'Orta — D. Francisco de Mello — Pedro Nunes.* — O velho professor da Universidade de Lisboa, o Dr. Garcia d'Orta, obedeceu á extraordinaria corrente scientifica da Renascença, acompanhando Martim Affonso de Sousa para a India em 1534; durante trinta annos frequentou as côrtes de numerosos rahjas, informando-se de todas as drogas e plantas medicinaes, consignando os seus conhecimentos no celebre livro dos *Colloquios dos Simplices e Drogas,* impresso em Goa em 1563 e logo traduzido em latim por Clusius em 1567. É n'este livro que se encontra a primeira descripção do *Cholera asiatico.* O typo moral do venerando sabio acha-se descripto na Ode com que Camões acompanhou este livro, escripto em lingua portugueza, quando em geral a lingua latina era pelos eruditos preferida para os trabalhos scientificos.

Os estudos mathematicos foram os que maior desenvolvimento receberam na Renascença, por effeito do conhecimento dos escriptores gregos d'esta sciencia; Mausolico vulgarisa as secções conicas, Galigai as equações do segundo gráo, Tartaglia e Cardano a applicação da Algebra á Geometria. Em Portugal distingue-se o celebre D. Francisco de Mello, nascido em Lisboa em 1490, qual como *estudante del rey,* frequentou a Universidade de Paris com o subsidio de 38$160 reis pagos pela Feitoria de Flandres por ordem de D. Manuel. Frequentou os cursos de Mathematica e Philosophia, e regressando a Portugal, D. João III o tomou para mestre do infante D. Henrique. No conflicto das ideias do seculo, fez-se padre; obedecendo á erudição humanistica, escreveu em latim *Elementos de Geometria necessarios á Astronomia* e commentou em latim obras de Euclides e de Archimedes. G

Vicente, que na poesia reagiu contra o prurido da erudição greco-romana, é coherente no seu espirito sarcastico quando falla em:

Esse Francisco de Mello,
Que sabe sciencia avondo,
Diz que o Céo é redondo
E o Sol sobre amarello,
Diz verdade, não o escondo...

O desenvolvimento da Mathematica actuou sobre os processos da Astronomia e da Physica; a esta corrente de trabalhos pertence Pedro Nunes, (1492 a 1577) que estudou Medicina e Philosophia em Lisboa, e Mathematica na Universidade de Salamanca. Foi á India como Védor da Fazenda em 1519, e dos resultados das observações nas suas viagens se aproveitou no livro *De Crepusculis*, de 1542, no qual «existem elementos da theoria de Newton sobre as côres.» Em 1529 foi nomeado Cosmographo-mór do reino, e em 1530 professor de Philosophia na Universidade de Lisboa; acompanhou a Universidade na trasladação para Coimbra de 1537, regendo a cadeira de Mathematica desde 1542 a 1562. Exerceu uma grande influencia scientifica, attribuindo-se-lhe a prioridade no estudo da loxodromia ou propriedades das linhas curvas; e Tycho-Brahe e Halley serviram-se nos seus trabalhos astronomicos do apparelho micrometrico, conhecido pelo nome de *Nonio*, tomado do seu inventor.

É tambem de um elevado merito scientifico a nossa litteratura de viagens. De todos os viajantes portuguezes o mais extraordinario é sem duvida Fernão Mendes Pinto, nascido em Montemór-o-velho, em 1509, vivendo alli na estreiteza da casa paterna até 1519, em que entrou para moço da Camara do Duque de Coimbra D. Jorge de Lencastre. Embarcou para a India aos vinte annos de edade, e n'essa vasta região da Asia divagou durante vinte e um annos, sendo captivo tres vezes e dezesete vendido. As suas maravilhosas aventuras na China, na Tartaria, em Sião, em Calaminhan, no Pegu e no Martavão, as suas relações com o jesuita Sam Francisco Xavier, tudo relatou no livro intitulado *Peregrinação*. Regressou a Portugal em 1558, e desde essa epoca até 1580, em que falleceu na villa de Almada, escreveu

na miseria esse livro intimo das suas memorias, cujo manuscript deixou á Casa Pia dos Penitentes de Lisboa. Poucos serão os livros comparaveis á *Peregrinação* pelas condições unicas em que foi escripto e pelo interesse crescente que provoca; longo tempo considerado como fabuloso, acha-se hoje comprovado pelas explorações dos modernos viajantes, readquirindo um alto valor scientifico. D'esta obra plagiou o Padre João de Lucena as paginas mais importantes da *Vida de Sam Francisco Xavier.*

O *Itinerario* de Antonio Tenreiro, que veiu da India por terra a Portugal, em 1529, é tambem o producto d'essas assombrosas organisações cosmopolitas, que possuiamos no seculo XV. É tambem notavel a *Verdadeira informação das terras do Preste João,* do Padre Francisco Alvares, que em 1520 acompanhou D. Rodrigo de Lima; e a *Relaçam verdadeira do descobrimento da Frolida,* em 1558. Por fim, mencionaremos o *Itinerario da Terra santa,* por Frei Pantaleão de Aveiro, escripto depois da sua jornada em 1563.

O gosto e o interesse pelas viagens deram logar á creação de um genero de litteratura popular, as *Relações de Naufragios,* escriptas em folhas volantes. Destaca-se n'este genero o opusculo ainda hoje popular, intitulado *O Livro das Partidas do Infante Dom Pedro;* Ferdinand Denis revela a existencia de um exemplar na Bibliotheca nacional de Paris, com o titulo *Livro do Infante Dom Pedro, que andou as quatro partidas do mundo,* Lisboa 1554. Julga Ferdinand Denis, que a redacção primitiva fosse em castelhano, porque a primeira edição conhecida é a castelhana de 1546, e porque nas suas fallas o Infante Dom Pedro apresenta-se aos outros monarchas como filho de um rei poderoso que conquistou a Hespanha, ou como vassallo e parente do rei de Leão. [1] Pertence ainda ao genero das *Mirabilia* de Mandeville, Cubero e outros phantasistas.

[1] Este livro attribuido a Gomes de Santo Estevam é conhecido mais vulgo com o titulo as *Sete partidas do Infante Dom Pedro,* por effeito de estar ligado com o opusculo de *Los siete Sabios de Roma, con el Libro del Infante Don Pedro de Portugal, que anduvo las quatro partidas del mundo.* Barcelona, 1595. Gallardo, Bibl., p. 1144.

Á litteratura popular do seculo XVI pertencem as relações de naufragios; ahi se encontra a genuina prosa portugueza, natural, espontanea, verdadeira, em que o narrador desconhece a affectação rhetorica, transmittindo-nos plenamente a sua profunda commoção; o *Naufragio do galeão Grande,* em que succedeu a perda de Manoel de Sousa Sepulveda e sua mulher, em 1552; o *Naufragio da Náo Sam Bento,* em 1554, da *Náo Conceição,* em 1555, da *Náo Aguia e Garça,* em 1559; de *Santa Maria da Barca,* no mesmo anno; da *Náo Sam Bento,* em 1560; o *Naufragio de Jorge de Albuquerque Coelho,* em 1565; da *Náo Sam Thiago,* em 1585; da *Náo Sam Thomé,* em 1589, escripta por Diogo do Couto; da *Náo Santo Alberto,* em 1593, e da *Náo Sam Francisco,* em 1596, appareceram em folhas volantes para a exploração do gosto popular. [1]

b) *A synthese negativista de Francisco Sanches.* — Todas as vezes que em uma epoca entra em circulação um grande numero de ideias, os espiritos sentem a necessidade de reorganisarem as suas concepções por uma nova synthese. Aos trabalhos criticos e scientificos da Renascença são correlativas as luctas doutrinarias para destituir a philosophia scholastica que se identificara com o aristotelismo; as Universidades que eram então impotentes para fundarem um novo poder espiritual, tornaram-se fócos de atheismo, como a de Padua, e de heresias como as de Modena e Veneza. Existia uma revolta contra o subjectivismo theologico, e campeava a critica de negação; em 1536 na Universidade de Paris apresentou-se Pedro Ramus sustentando a celebre these: *Quæcumque ab Aristotele dicta essent, commentitia esse.* Todas as coisas ditas por Aristoteles são pura mentira. A these seduziu os espiritos mais especulativos, e o pedantismo doutoral presentiu a sua ruina, quando em 1543 Ramus publicou as *Aristotelicæ animadversiones.* Era preciso oppôr um antagonista a Pedro Ramus; o reitor da Universidade de Paris escolheu o grande humanista e jurisconsulto portuguez Antonio de Gouvêa, que n'esse mesmo anno publicou o *Pro Aristotele responsio adversus Pe-*

[1] Muitas d'estas relações foram colligidas no seculo XVIII por Bernardo Gomes de Brito, nos dois volumes da *Historia tragico-maritima.*

tri Rami calumnias, sendo o seu triumpho proclamado por um conselho de arbitros composto de Pedro Danes e Francisco de Vicomercato, e pelo reitor João de Bomont com João Quentin decano de direito. Porque defendia Antonio de Gouvêa as doutrinas de Aristoteles contra o espirito de livre critica da Renascença, quando este professor illustre era apontado como sceptico no meio das luctas religiosas, e o proprio Calvino o considerava como atheu (*Calvinus vocat illum atheum*) ? [1] Antonio de Gouvêa era um dos mais profundos humanistas da Renascença, como o confessa De Thou; assim como os seus estudos e commentarios sobre Cicero, Virgilio e Terencio lhe revelaram a verdadeira comprehensão do Direito romano, sendo por isso o iniciador da escóla de Cujacio, tambem a leitura directa do texto grego de Aristoteles lhe revelou quanto as doutrinas do grande sabio andavam pervertidas pelas apostillas dos commentadores escholasticos. Gouvêa precedeu o seculo XIX na rehabilitação de Aristoteles, conhecido na Edade média através das subtilezas *acerrimas;* foi esta a causa da força da sua argumentação.

Contra a emancipação intellectual da Renascença, organisaram-se os Jesuitas, estabelecendo o nexo *entre a religião e a literatura;* tornaram-se pedagogistas para dirigirem o ensino publico europeu, e sustentarem com todo o afinco as velhas fórmas peripateticas, exgotando a rasão no esforço de conciliação dos diversos commentarios de Aristoteles. É então que em Portugal recrudesce de intensidade o ensino da Philosophia *aristotelico-alexandrista,* quando decahia em descredito na Europa; o Collegio das Artes de Coimbra brilhou pela argucia dos commentadores do Organum, tornando-se esta renovação dialectica dos Jesuitas em Portugal conhecida como um phenomeno singular e pelo titulo de *Philosophia Conimbricense.*

N'estas vacillações doutrinarias era impossivel formar a synthese para a qual convergiam os espiritos, taes como Bacon e Descartes; e d'esta propria impotencia tirou Francisco Sanches os elementos com que estabeleceu o seu negativismo philosophico,

[1] *Scaligerana,* p. 79; apud Caillemer, *Étude sur Antonine de Gouvêa,* p. 33.

que o tornou o verdadeiro precursor de Descartes, de Kant e de Augusto Comte. Francisco Sanches era natural de Braga (n. 1562); filho do medico Antonio Sanches, acompanhou seu pae para França, viajou pela Italia e permaneceu algum tempo em Roma. Doutorou-se em Montpellier, e segundo Brucker ensinou philosophia por espaço de dezouto annos, e onze medicina, escrevendo ao mesmo tempo sobre Mathematica. Pelo ensino philosophico conheceu os vicios da velha dialectica, e pela Mathematica e Medicina comprehendeu não só a necessidade da renovação da methodologia, como dos novos conhecimentos que tinham de prestar-se á deducção philosophica. Era-lhe impossivel satisfazer-se com o idealismo de Ramus ou com o aristotelismo-alexandrista, e de 1576 data a formação do seu livro extraordinario *De multum nobile et prima universali Scientia — Quod nihil scitur.* O livro veiu á luz em 1581. A fórmula negativista *Nada se sabe,* em uma epoca de conflicto entre as noções absolutas da theologia e da metaphysica, foi acolhida com assombro. Sanches apenas sustentava o principio positivo da relatividade dos conhecimentos humanos; elle fundamenta a sua doutrina sobre a noção de Sciencia, isto é, um conhecimento baseado sobre tres elementos: *res cognita* ou os dados objectivos, *ens cognoscens* ou a receptividade das relações, e *cognitio ipsa* ou a subjectividade mental na fórma superior e abstracta de lei. Para a comprehensão da *res cognita* estabelece Sanches a necessidade da variedade de sciencias, sua subordinação hierarchica e educação encyclopedica; quanto ao *ens cognoscens,* reconhece que as apparencias afastam o espirito da realidade, e que os conhecimentos advindos e comprovados pelos sentidos são os mais perfeitos; quanto á *cognitio ipsa,* diz: « Nenhuma sciencia se formou com Syllogismos, ao contrario muitas se têm esterilisado e pervertido por causa d'elles. » A revolução philosophica dos seculos XVII e XVIII estava implicita na concepção de Sanches; renova-se a psychologia em Locke e Hume, como ratificação do *Ens cognoscens,* e Kant na sua poderosa especulação critica chegou á conclusão suprema, de que o conhecimento só era verdadeiro quando se realisava o accordo entre o dado objectivo (*res cógnita*) e a noção subjectiva (*cognitio ipsa*). Sanches tinha effectivamente em vista organisar a nova synthese

philosophica; [1] faltavam-lhe o concurso das sciencias inductivas, como a Chimica e a Biologia, systematisadas no fim do seculo XVIII, e as profundas investigações psychologicas da Escóla escosseza, que coadjuvaram o criticismo de Kant. Em todo o caso, elle não é um systematisador do scepticismo, como se repete estupidamente nos apanhados de historia da Philosophia, mas o precursor da grande synthese da relatividade pelo accordo e dependencia dos elementos objectivos e subjectivos do conhecimento.

Os estudos hellenicos na Italia tornaram accessivel o texto puro de Platão, que pela primeira vez sob Lourenço de Medicis (1470-1492) apparece separado das phantasmagorias da Escóla de Alexandria. E ao passo que em Padua, Veneza e ao norte da Italia se adopta o texto verdadeiro de Aristoteles, em Florença impera o idealismo platonico, que tanto inspirou o genio artistico da Toscana. Tal foi a causa do esplendor da Poesia lyrica italiana, que se impõe como modelo de todas as litteraturas. A comprehensão do platonismo revelada por Camões nos Sonetos, e tão cedo abafada pela Philosophia Conimbricense, que fez prevalecer na educação portugueza o aristotelismo-alexandrista, collocou este poeta acima de todos os lyricos quinhentistas.

2.º Camões concilia os dois espiritos classico e medieval. — A influencia da Italia, na epoca da Renascença, apresenta-se sob dois aspectos: os genios e os talentos originaes abdicam da sua individualidade imitando subservientemente os novos modelos, como se observa em Garcilasso, Boscan e Sá de Miranda; por outra fórma, essa subserviencia levou ao exagero da auctoridade e admiração exclusiva dos escriptores gregos e latinos, e ao abandono das linguas vulgares, como se nota no regimen pedagogico dos jesuitas. Tanto o Protestantismo como o Catholicismo no seculo XVI, renegaram a Edade media; sómente um genio capaz de sentir a tradição nacional, e em uma creação desinteressada, poderia fazer a synthese das duas epocas conciliando-as pela sua continuidade historica. Tal é o caracteristico de Camões.

[1] Diz elle: «Mihi namque in animo est firmam et facilem quantossim, Scientiam fundare; etc.» Sanches morreu em Tolosa em 1632.

na escóla italiana em Portugal, e em relação á Renascença na Europa. O nome de Camões não pertence sómente á litteratura e historia portugueza; a sua obra, inspirada de todos os elementos poeticos que constituem a tradição de uma nacionalidade, representa esse grande facto da vida historica do seculo XVI, a alliança do Occidente com o Oriente realisada pelas descobertas dos portuguezes. A gloria de Camões tem sempre augmentado com os progressos das sciencias e da philosophia; Humboldt considera-o um grande poeta da natureza, ou da realidade objectiva, e Schlegel, que pertence á epoca do romantismo em que se restabeleceu a continuidade entre o mundo greco-romano e medieval, aponta-o como synthetisando uma litteratura inteira. Oriundo de uma familia do Algarve e da Galliza, Camões funde na sua idealisação as tradições populares e o lyrismo trobadoresco dos costumes palacianos harmonisando-os de modo, que elle excede em belleza os mais ingenuos *Vilancetes* de Gil Vicente e as *Redondilhas* mais apaixonadas de Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão. Educado com todos os recursos da erudição do seculo XVI, não cae na exclusiva admiração das obras classicas, nem em uma supersticiosa imitação dos poetas italianos, porque a sua vida tempestuosa lhe avigora a individualidade, que irrompe exprimindo o seu modo de sentir original. É por isso que na escóla italiana e na pleiada dos Quinhentistas, Camões destaca-se como uma entidade proeminente, completando a iniciativa de Sá de Miranda, e achando a fórma definitiva de uma nova epoca litteraria.

a) *Vida de Camões.* — Nasceu em Lisboa em 1524, como se prova pelo Registo das pessoas que passaram a servir na India desde 1550, que se guardava no Cartorio da Casa da India, e pela allusão aos terriveis prognosticos d'esse anno, que vem na canção XI. [1] Foram seus paes Simão Vaz Camões, segundo neto do trovador galleziano Vasco Pires de Camões, e D. Anna de Sá e Macedo, dos Gamas do Algarve. Em 1527, seu tio D. Bento de Camões toma o habito monachal em Santa Cruz de Coimbra, e n'este anno fugindo a côrte de Lisboa para Coimbra por causa

[1] Acham-se estes prognosticos no rarissimo opusculo *Contra os juyzos dos Astrologos*, por Frei Antonio de Beja, impresso em 1523.

da peste, é de suppôr que Simão Vaz, cavalleiro fidalgo, acompanhasse a côrte indo residir no solar de seu avô João de Camões. Concorda esta inferencia com a confissão do poeta na Canção IV, descrevendo a sua infancia passada nas margens do Mondego.

Em 1537 fez D. João III a reforma da Universidade mudando-a de Lisboa para Coimbra, e nomeou Cancellario d'ella o geral de Santa Cruz; era este mosteiro o fóco mais activo de estudos, e para elle convergia a mocidade aristocratica desde os doze annos de edade. Sob a égide de seu tio cursou Camões as humanidades em Santa Cruz de Coimbra, e da convivencia escolar dataram as principaes amisades que encontrou no decurso da sua vida. Nos primeiros annos da reforma da Universidade a frequencia não era obrigatoria, provando-se por testemunhas a assistencia ás lições; tal é a rasão porque se não acha o nome de Camões nas matriculas antigas do Cartorio da Universidade. Ainda nos estudos escreveu o poeta a *Elegia da Paixão,* primeira imitação da Escóla italiana, dedicando-a a seu tio D. Bento de Camões; colligiu-a o seu amigo Luiz Franco. Em 1542 frequenta o poeta a côrte de Dom João III, onde a erudição era considerada como capacidade para os altos cargos, e o talento poetico um distinctivo de fidalguia. Então a infanta Dona Maria, ultima filha de Dom Manoel, tinha em volta de si uma côrte litteraria, em que figuravam varias damas, como Luiza Sigea, Angela Vaz e Paula Vicente; Francisco de Moraes trazia-lhe de França o manuscripto da sua novella o *Palmeirim de Inglaterra,* e Jorge da Silva apaixonova-se pela sympathica infanta, fazendo de Camões o seu confidente. Boas esperanças alentaram Camões de abrir carreira social; o seu genio extraordinario amedrontou logo todas as mediocridades, que se colligaram para produzirem a sua ruina. No soneto 193, Camões enumera as causas da sua desgraça: *erros meus, má fortuna* e o *amor,* dizendo, que bastava um só d'estes poderes para o arruinar. Seu tio D. Bento de Camões tivera dois conflictos com Dom João III sobre o thesouro achado em Santa Cruz de Coimbra, e sobre as rendas do Priorado; a esta hostilidade do rei, repercutida no poeta, era ao que elle chamava *má fortuna.* Camões seguia tambem esse costume fidalgo

da *Valentia,* verdadeira monomania do seculo XVI, e de que elle faz alarde nos seus versos e Cartas, não deixando por isso de consideral-a como a cousa principal dos *erros* seus. Por fim as relações de galanteria com as damas de uma côrte beata, e em especial os *amores* com a joven D. Catherina de Athayde, filha do Camareiro-mór do principe Dom Duarte, fizeram com que fosse afastado da côrte pouco mais ou menos por 1546. Todas estas causas influiram no seu destino, podendo-se-lhes tambem ajuntar a interpretação malevola dada ao seu *Auto de Elrei Seleuco,* allusivo aos amores de Dom João III pela que veiu a ser sua madrasta.

Camões ao sahir da côrte dirigiu-se para Coimbra, demorando-se na sua excursão pelo Ribatejo; em 2 de janeiro de 1547 morre seu tio D. Bento de Camões, e cessando o motivo que o levava para Coimbra, ao espalhar-se a noticia do cêrco de Mazagão, Camões embarca-se para a Africa. Ali se demora dois annos, perdendo em uma surpreza dos arabes o olho direito. Nomeado em 1549 vice-rei da India D. Affonso de Noronha, Camões regressa com elle a Lisboa, e em 1550 inscreve-se como *homem de guerra,* para seguir na náo Sam Pedro dos Burgalezes. A náo arribou desarvorada, e Camões não segue viagem; novas esperanças o alentavam em Lisboa, porque o principe Dom João mostrava-se um fervoroso apreciador dos talentos poeticos, mandando copiar os versos de Sá de Miranda, os de Diogo da Silveira, e formar um grande Cancioneiro. As intrigas palacianas eram tantas, que o genio de Camões conspirou para acabar de perdel-o; os odios litterarios foram suscitados por Pero de Andrade Caminha, até certo ponto por Jeronymo Côrte-Real e por Diogo Bernardes. O amor de *Catherina de Athayde,* filha de D. Antonio de Lima, serviu para indispôr contra o poeta as familias de outras damas que tinham o mesmo nome, taes como D. Catherina de Athayde, da familia dos Gamas, ainda sua parenta, (*prima,* segundo a tradição colligida por João Pinto Ribeiro) e D. Catherina de Athayde, filha de Alvaro de Sousa, que casou com Ruy Borges Pereira. Camões resentiu-se contra a *stirpe dos Gamas,* como se vê nos *Lusiadas,* e a cutilada que pela occasião da Procissão de Corpus, em 1552, atirou a Gonçalo Borges, irmão

de Ruy Borges, resultava talvez das perguntas que a sua cunhada faziam, se ella tinha sido amada por Camões, como consta da relação de Frei João do Rosario. Por effeito do golpe no toutiço de Gonçalo Borges, Camões foi recolhido na prisão de Tronco da cidade, e só no anno seguinte, a 7 de março de 1553 é que o soltaram. Durante o tempo em que esteve preso, e inspirado pela leitura das duas *Decadas* publicadas por João de Barros, entreteve-se Camões a compôr o primeiro canto dos *Lusiadas*, (*Elusiadas*, segundo Luiz Franco). O pensamento da epopêa nacional occupava a sua alma em todas as desolações ; para servir esse pensamento offereceu-se para substituir Fernando Casado na viagem da India ; parte effectivamente em 24 de março de 1553, *derribado das suas esperanças*, na náo Sam Bento, a unica da armada d'esse anno que chega a Gôa, em principio de setembro.

Na India a vida de Camões foi ainda mais tempestuosa: entra logo em combate na expedição contra o Chembé; atravessa as doenças de um longo cruzeiro junto do Monte Felix, que elle descreve na admiravel canção X. Em 1556 parte para a China, indo exercer na colonia de Macáo o difficil cargo do ministerio publico, com o titulo de *Provedor mór dos Defunctos e Ausentes*, d'onde foi chamado a Gôa, passado dois annos, debaixo de prisão e mexericado de amigos, como diz Manuel Corrêa. Durante a permanencia em Macáo trabalhou no poema dos *Lusiadas*, chegando até ao canto VII, como se infere da referencia ao seu naufragio na costa de Camboja, tendo-se salvado a nado com o seu poema na foz do grande rio Mecon. Chegado a Gôa desprovido de tudo pelo naufragio, e preso até justificar-se, recebeu no carcere a noticia da morte de Catherina de Athayde em 1556. Restituido á liberdade, e vivendo na intimidade de Heitor da Silveira, João Lopes Leitão e D. Francisco de Almeida, ia escrevendo o poema, e dava-o a revêr ao seu erudito amigo Diogo do Couto. Não querendo esperar para entrar na sobrevivencia da Feitoria de Chaul, acompanhou Pero Barreto para Moçambique em 1567, onde soffreu novos desastres que o lançaram na mais dura indigencia. Regressando ao reino Diogo do Couto em 1569, arribou na armada a Moçambique, e conta que ali acharam Camões *tão pobre, que comia de amigos*, occupado em colligir o seu *Parnaso*

e em revêr para a impressão o poema dos *Lusiadas*. Diogo do Couto e outros amigos pagaram-lhe a passagem para Lisboa, chegando á patria em 7 de abril de 1570 na náo Santa Clara. Já á vista de terra perdeu Camões o seu grande amigo Heitor da Silveira, e ao desembarcar veiu encontrar Lisboa devastada pela *peste grande* de 1569. Ainda era viva sua mãe. Desde a chegada até 1572 occupou-se a terminar o seu poema, e a procurar ensejo para offerecel-o a Dom Sebastião, e a atravessar os embaraços da censura ecclesiastica. Serviu-lhe a antiga amisade de D. Manuel de Portugal. Roubaram-lhe a collecção das suas lyricas, a que dera o titulo de *Parnaso de Luiz de Camões*; e *foi furto notorio*, como diz Diogo do Couto.

Depois do apparecimento dos *Lusiadas* começou para Camões uma nova lucta contra as invejas dos outros poetas, compensando-o a admiração do grande lyrico hespanhol Herrera, e do epico italiano Torquato Tasso. Agraciado com uma mesquinha tença, sempre em atrazo nas mãos dos funccionarios, Camões assistiu com magoa a esses enthusiasmos que arrastaram D. Sebastião para a Africa. Depois do desastre de Alcacer-Kibir em 1578, nunca mais teve saude o poeta. Começaram *as alterações*, ou motins populares no curto governo do cardeal D. Henrique, que machinava a entrega de Portugal a Philippe II; em volta do leito de Camões reuniam-se alguns leaes portuguezes que procuravam para a successão um rei nacional. O Prior do Crato tambem negociava os seus pretendidos direitos com Philippe II. Quando em 1580 o exercito de Philippe II marchava para a occupação de Portugal, Camões morria a 10 de junho, tendo escripto a D. Francisco de Almeida a carta com as memoraveis palavras: «*ao menos morro com a patria.*» Tal foi o homem; estudemos o escriptor.

b) *Os Lyricos camonianos.* — As fórmas lyricas usadas por Camões são o Soneto, Elegia, Oitava, Canção, Sextina, Ecloga e o Poemeto, taes como as achamos em Sá de Miranda e Ferreira; differem porém no espirito. Camões não publicou em sua vida as poesias lyricas, as quaes lhe foram roubadas quando as tinha colligidas sob o titulo de *Parnaso;* mas a grande quantidade de cópias de que ha noticia, revela-nos o modo como elle actuou na poesia portugueza do seculo XVI, completando a obra de Sá de

Miranda pelo ideal platonico-mystico. No seculo XVI era-se *camoniano*, pelo modo de sentir, como no fim do seculo XVIII havia *elmanistas* pelo modo de metrificar.

A vida de Camões é um drama doloroso, e todas as suas poesias vibram com essas emoções intimas. O amor considerado como um sentimento divino, a natureza rehabilitada pela observação da sciencia, a belleza exaltada como uma manifestação da divindade, as imagens da mythologia hellenica ajudando a exprimir por allegorias este novo estado da alma moderna; a graça anecdotica, a comparação dos phenomenos naturaes aos moraes, a vaga incerteza entre os limites da realidade e da aspiração quando conta as suas aventuras, a ingenuidade quasi infantil e instinctivamente destructiva das convenções banaes, tudo isto anima o lyrismo de Camões, fazendo das suas despedaçadas composições um poema subjectivo. A linguagem de Camões differe da dos seus contemporaneos em uma certa harmonia por elle estabelecida no uso dos *archaismos*, que os eruditos condemnavam, e dos *neologismos* que transportavam do latim para a lingua escripta. Tendo vivido em Lisboa e Coimbra, nas colonias da Africa, da India e da China, Camões fallou a lingua portugueza de todas as classes sociaes e em todas as condições da existencia; e escrevendo sempre os seus versos para o meio que frequentava, Camões estabeleceu insensivelmente esse caracter de unidade que existe hoje entre o portuguez fallado e escripto.

Muitas das composições lyricas de Camões apparecem em nome de outros poetas; este facto explica-se por terem andado inditas até ao anno de 1595, em que Soropita deu publicidade aos primeiros cadernos colligidos; seguiu-se-lhe Domingos Fernandes que obteve da Livraria do Bispo Dom Rodrigo da Cunha inéditos contidos em um Manuscripto de 1568, com certeza da epoca em que o poeta organisava o seu *Parnaso*. É possivel que os differentes editores, na avidez de ajuntarem maior numero de inéditos de Camões, lhe attribuissem obras de outros; e a impressão de esses versos produziram vê-se pela frequencia dos centões camonianos nos escriptores da ultima metade do seculo XVI, e mesmo nos plagiatos das cópias manuscriptas.

Sob o titulo de *Lyricos camonianos* se designam aquelles po-

tas que foram amigos pessoaes de Camões, taes como Heitor da Silveira, João Lopes Leitão, Antonio de Abreu, Luiz Franco, Fernão Alvares d'Oriente e D. Gonçalo Coutinho; e tambem aquelles que o imitaram não só n'essa vaga melancholia e fórma correcta do Soneto, como reproduzindo versos inteiros de Camões, e são esses Pero da Costa Perestrello, Francisco Galvão, Estevam Rodrigues de Castro, Fernão Rodrigues Lobo Soropita, Miguel Leitão de Andrada, Balthazar Estaço, e Vasco Mousinho de Castello Branco. Caracterisemos cada um d'estes escriptores, posto que se tenham perdido as obras da maior parte d'elles.

Heitor da Silveira, era filho d'esse terrivel poeta do Cancioneiro geral, Francisco da Silveira; para fugir á barbaridade do pae, foi militar na Africa e na India. Era irmão d'esse outro poeta, senhor de Sarzedas, *Fernão da Silveira,* cujas obras poeticas o principe D. João mandou copiar a Evora por Luiz Vicente. Perderam-se os versos de Heitor da Silveira, conhecendo-se pelas obras de Camões e de Falcão de Resende poucas composições suas, em que se revela um bello caracter, confirmado pelas relações genealogicas e chronicas; tem um pouco d'aquella falta de limpidez de estylo que o colloca a par de Caminha e Falcão de Resende.

João Lopes Leitão, é o nome do joven e travesso poeta, preso por ir vêr as damas do paço contra vontade do camareiro; elle é um dos que assistiu ao *Convite* de Camões, quando em Gôa banqueteou os seus amigos com trovas, e por fim morreu no mar de uma maneira desconhecida quando a sua bravura e talento o tinham de tornar admirado. Restam d'elle alguns versos nas Obras de Camões e de Caminha. É de João Lopes Leitão o Soneto em que elogia Camões pela sua comedia o *Filodemo,* representada em Gôa em 1555: *Quem é este que na harpa luzitana.*

Antonio de Abreu e *Luiz Franco.* — Com a presença de Camões, Gôa tornava-se um centro de cultura litteraria; muitos poetas tomavam como titulo de honra o epitheto ligado aos seus nomes nos Cancioneiros de mão: « *muito amigo e companheiro de Luiz de Camões.* » Achamos este titulo usado por Diogo do Couto, por Antonio de Abreu e Luiz Franco Corrêa. Os versos de Antonio de Abreu foram desconhecidos até ao começo d'este se-

culo em que os publicou Antonio Lourenço Caminha, sendo a sua authenticidade confirmada pelos que vem junto á obra de Falcão de Resende. Ao tempo em que teve relações com Camões era já velho; foi um dos que acceitou cédula de Philippe II. De Luiz Franco conhecem-se poucos sonetos, por via das relações com Bernardes e D. Gonçalo Coutinho. O seu principal titulo consiste em ter sido um collector cuidadoso das lyricas de Camões, as quaes se acham incorporadas na edição-Juromenha.

Fernão Alvares d'Oriente, é um dos poucos poetas do seculo XVI que cita Camões; era natural de Gôa, e em 1576 veiu á Europa. Ficou captivo na jornada de Africa em 1578. Imita e glosa os versos de Camões, sempre preoccupado em mostrar-se sabedor de todos os artificios da poetica italiana, empregando os esdruxulos, e prejudicando a sua boa organisação poetica. Fez a viagem da Italia, como se usava na Renascença; tomou conhecimento da *Arcadia* de Sanasarro, e sobre esse typo procurou reproduzir a novella pastoral allegorica aos costumes do tempo, na sua *Luzitania transformada.* É n'esta pastoral que vêm intercaladas as suas poesias. De Philippe II recebeu a mercê de duas viagens de Coromandel na vagante dos providos em 1584, e por alvará de 25 de março de 1598 conseguiu o privilegio de poder transferir para seu filho Luiz Alvares esse direito. A data do seu fallecimento póde fixar-se em 1599, como victima dos primeiros rebates da peste.

Pedro da Costa Perestrello, era secretario do Archiduque Alberto, e um dos que receberam cédula de Philippe II; tem sonetos, que se encontram em parte nas obras de Camões com variantes notaveis. Este facto mostra-nos que a publicação de Antonio Lourenço Caminha não é uma falsificação, como pretendia Innocencio. Perestrello traduziu algumas lições do livro de Job em tercetos, e a elle se attribuem os versos achados no paço prevenindo Dom Sebastião contra a jornada de Africa.

Manoel da Veiga Tagarro e *Francisco Galvão.* — Á casa de Dom Theodosio II, duque de Bragança, pertenceram estes dois poetas camonianos. Se recordarmos as relações amigaveis de Camões com o Duque Dom Theodosio e com o Vice-rei D. Constantino de Bragança, e observando como Dom Theodosio II era

considerado pelo partido da independencia nacional como uma das suas esperanças, explica-se como a memoria de Camões veiu a influir n'estes dois poetas. Dos poucos Sonetos que restam de Francisco Galvão, quatro acham-se nas obras de Camões com variantes importantissimas. Manoel da Veiga é um lyrico camoniano já sob a influencia de Lope de Vega; o celebre soneto da fuga do *pajarillo* acha-se dignamente imitado na *Laura de Anfriso.* Quando já era velho colligiu Manoel Veiga os seus versos em um livro, versos feitos nas extraordinarias aventuras do amor de uma dama que se fez freira; esteve em carcere privado como Christovam Falcão, estudou jurisprudencia, e por fim acolheu-se ao claustro. O motivo da publicação do seu livro foi a vinda a Portugal de Dom Duarte, Marquez de Frechilla, irmão de Dom Theodosio II, e celebrado poeta. Manoel da Veiga provoca um certo interesse com a *Laura de Anfriso,* quando através das suas odes pallidas se procura a realidade dos amores ali descriptos; allude a Camões com respeito, e a constancia em não escrever em castelhano, evidenciam um tal qual protesto a favor da extincta nacionalidade portugueza.

Estevam Rodrigues de Castro e *Bernardo Rodrigues.* — Na marcha das sciencias experimentaes no seculo XVI, Estevam Rodrigues de Castro illustra o nome portuguez na Universidade de Pisa, segundo se póde inferir de uma phrase de Dom Francisco Manoel de Mello, que diz d'elle: «teve melhor musa, que fé»; saíu de Portugal talvez forçado pela intolerancia religiosa, que perseguia os que se entregavam aos estudos de historia natural. Estevam Rodrigues de Castro escreveu Sonetos verdadeiramente camonianos pela perfeição artistica e por essa vaga melancholia que tanto o separa do modo de sentir pessoal dos seus contemporaneos; alguns d'esses Sonetos andam incluidos nas lyricas de Camões desde 1598, bem como uma Ecloga apreciavel. Explica-se este facto pelo modo como Estevam Rodrigues de Castro colligiu os seus versos, reunindo-os com varias composições de amigos seus cujos originaes tinha comsigo em Italia, principalmente de Bernardo Rodrigues, intimo amigo de Camões, e de Jorge Fernandes, conhecido pelo nome de *Fradinho da Rainha.* Os versos que dirigiu a Filippe II parecem accusar um certo despeito;

seu filho Francisco Estevam é que publicou as composições que nos restam. Bernardo Rodrigues tratou pessoalmente Camões nos ultimos annos, e foi um dos que introduziu na litteratura portugueza a fórma italiana das *Ballatas*. A fórma dos *Poemeti*, acha-se cultivada por Frei Paulo da Cruz, o denominado Fradinho da Rainha, na *Trasladação de Sam Vicente* em oitava rima, que vem no raro livro de Diogo Pires Cinza.

Vasco Mousinho de Castello Branco, é tambem auctor de um poemeto sobre *Santa Isabel;* embora mais conhecido como epico, apresenta nos seus versos lyricos bastantes reminiscencias de Camões, sobretudo nos Sonetos. Amigo do primeiro biographo de Camões, as relações com Pedro de Mariz explicam-nos como foi levado ao estudo e imitação camoniana. Vasco Mousinho de Quevedo Castello Branco é um dos primeiros que obedecem á corrente da imitação castelhana adoptando a fórma do Romance subjectivo; bajulou nos seus versos Philippe II com não menos subserviencia que Francisco Rodrigues Lobo.

Fernão Rodrigues Lobo Soropita, destaca-se entre os lyricos camonianos pelos seus protestos contra a falta de sentimento nacional. As suas obras revelam-nos tres phases distinctas do seu espirito: primeiramente entregue á soltura escholar, escreveu *Vejamens*, como se usavam nas Universidades de Salamanca e Paris; na tradição academica adquire uma admiração profunda por Camões, e estabelecendo-se em Lisboa como advogado entrega-se ao trabalho de colligir as poesias lyricas de Camões, de quaes apenas estavam publicadas a Ode a Garcia d'Orta, a Elegia a Magalhães Gandavo, e o Soneto a Manoel Barata. Em 1595 Soropita conseguiu dar á estampa o primeiro corpo das Rimas de Camões, augmentado dois annos depois com novas descobertas de ineditos. N'estas investigações logrou Soropita um perfeito conhecimento do estylo camoniano, imitando-o a ponto de se identificar com elle. N'esta phase Soropita torna-se respeitavel por seu amor á causa perdida da nacionalidade, escrevendo contra os traidores uma Satyra politica em quadras, que apparece com variantes apreciaveis. Por fim abandonou a poesia pelas allegações juridicas, como o fizera tambem Mousinho de Quevedo. No meio das ruinas sociaes e incerteza de direitos em um paiz conquistado

ou vendido, Soropita volveu-se para a concentração mystica, e parece ter-se acolhido ao claustro, pelo que se deprehende da Elegia *A penitencia de Soropita.*

Dom Gonçalo Coutinho. — Cabe-lhe depois de Soropita o primeiro logar entre os lyricos camonianos, que mais trabalharam para alentar o culto pelo grande genio nacional. Na sua quinta dos Vaqueiros, onde hospedara Camões, entregava-se aos ocios litterarios, e Bernardes o dirigiu na comprehensão das bellezas da poesia. As poucas composições de Dom Gonçalo Coutinho que ainda se conservam, revelam um bom poeta, porque realmente foram poeticos os seus amores com *Armia,* a que lhe foi dedicada esposa, D. Maria de Oliveira. É lamentavel que, tendo convivido com Luiz de Camões não colligisse os importantes dados biographicos d'esta eminente individualidade, do mesmo modo que fizera consignando os elementos tradicionaes da preciosissima biographia de Sá de Miranda, aproveitando-se das conversas de Bernardes e de Dom Manoel de Portugal.

Miguel Leitão de Andrada. — Algumas Canções e Sonetos de Camões foram intercalados por este escriptor na sua *Miscellanea;* Miguel Leitão é um d'aquelles poetas que ficaram captivos em Africa em 1578. O livro da *Miscellanea* em fórma de dialogo é extraordinario pela riqueza das tradições e memorias avulsas dos successos tenebrosos do fim do seculo XVI; lembra por vezes a ingenuidade de Montaigne, e abunda em traços autobiographicos. Como poeta, Miguel Leitão passou do idealismo neo-platonico da eschola italiana para o mysticismo, caracter que a poesia lyrica portugueza apresenta no fim do seculo XVI.

Balthazar Estaço. — Prepondera em todos os seus versos a uncção mystica; cita este escriptor allusivamente Camões, quando define a sorte d'aquelles que cultivam a poesia. Os seus Sonetos reproduzem as figuras de rhetorica mais habitualmente usadas por Camões, cahindo em um enfadonho excesso, como nos Sonetos dialogisticos e em antithese. Na *Sylvia Lisardo,* de Frei Bernardo de Brito, ha tambem perfeitas imitações camonianas, que decahiam já no conceito culteranista, que foi uma das fórmas de reacção contra a eschola italiana.

c) *Os Lusiadas e as Epopêas historicas do seculo XVI.* —

Ao tempo em que Luiz de Camões trabalhava nos *Lusiadas,* outros poetas elaboravam o pensamento de uma epopêa portugueza. Esta coincidencia explica-se pela propria corrente da Renascença, que se manifesta com o mesmo caracter em França e Hespanha. Os eruditos confundindo as epopêas organicas da Grecia com as epopêas litterarias de Roma, entenderam reproduzir nas litteraturas modernas essa fórma mal comprehendida da poesia. Em Portugal achamos esforços para a realisação de uma epopêa nos conselhos de Antonio Ferreira instigando Caminha para uma tal empreza; Jorge de Montemór tentava escrever o *Descobrimento da India oriental,* e Pedro da Costa Perestrello o *Descobrimento de Vasco da Gama.* O assumpto da navegação de Vasco da Gama fôra por vezes indicado pelos Chronistas como um bello thema épico, quando comparam as expedições maritimas dos antigos com as dos portuguezes. Individuos educados sob um regimen de erudição *livresca,* como dizia Montaigne, sabios de gabinete, escrevendo em nobres ocios, completamente separados do povo, como poderiam sem virilidade moral e intellectual conceber a epopêa de uma nação? Para esses eruditos, o ideal da Patria consistia em identificarem Portugal com a *Luzitania,* assento imaginario de uma triba celtica, como primeiro o usara o bispo Dom Garcia de Noronha orando diante do papa, no seculo XV; as lendas do cyclo troyano confundiam-se com a toponymia portugueza, e as theorias politicas da *Monarchia universal* provocavam os nossos cavalleiros a estender pelas descobertas maritimas e conquistas longiquas a *Fé e o Imperio.* Camões inventou o seu poema sob estas influencias eruditas, mas as impressões directas da realidade salvaram-no do pedantismo humanista em que cahiram os outros poetas. Os *Lusiadas* foram escriptos nas prisões de Lisboa, depois do regresso da Africa, no desterro ou missão arrojada de Macáo, nos carceres de Gôa, na miseria de Moçambique, e terminados na desolação publica da *peste grande* no seu regresso á patria. Tudo isto deu á linguagem dos *Lusiadas* um tom solemne e convicto na affirmação gloriosa da missão historica da nossa pequena nacionalidade. A epopêa é escripta na *ottava rima* usada por Ariosto e com a estructura virgiliana; ha porém nos *Lusiadas* um pensamento philosophico que o salva de

das as imitações, é a idealisação do facto da aproximação da vilisação occidental das suas origens orientaes. Baccho, oppon-se á descoberta da India que é senão o deus Soma, que veiu la Thracia para a Grecia e da Grecia para a civilisação euro-a? E Venus, defendendo os Portuguezas, que é senão uma di-ıdade maritima da antiga Roma continuada na incorporação mundo por esta nacionalidade novo-latina? Uma intuição pro-ıda levou Camões a esta aproximação. A confusão da Mytho-ɔia com o Christianismo, foi provocada por esse notavel phe-meno de conformidade entre os mythos de Christna e as ıdas de Christo, que no proprio *Roteiro de Vasco da Gama,* mesmo a Castanheda não passara despercebida. Com uma im-ɔnsa intuição artistica soube Camões agrupar em volta do facto torico, que constitue o thema epico, todas as bellas tradições darias das chronicas nacionaes, formando assim os encantado-episodios do Milagre de Ourique, da fidelidade de Egaz Mo-, da praga de D. Thereza contra seu filho, dos amores de Ignez de Castro, da surpreza de Giraldo Sem Pavor, do jura-ɔnto de Martim de Freitas, da batalha do Salado, da bravura Condestavel, do heroismo do Infante Santo, dos Doze de In-ıterra, da Ilha dos Amores.

O episodio do Gigante Adamastor, producto de impressões ɜsoaes na sua passagem pelo Cabo das Tormentas, acha-se a primeira vez esboçado na Elegia III; o caso do Naufra-de Sepulveda, foi-lhe com certeza contado com todas as es sinistras ao aportar em Moçambique em 1553 na viagem a Gôa. Camões mistura com as narrativas historicas as suas is carinhosas affeições, ligando ao poema os nomes de Heitor Silveira e Gonçalo da Silveira, e Dom Francisco de Almei-dos *temidos Almeidas* por quem ainda o patrio Tejo cho-Na sua independencia de caracter condemna a iniquidade rei Dom Manoel contra Duarte Pacheco; verbéra a dureza Affonso de Albuquerque mandando matar o joven soldado Ruy ıs por uma questão amorosa, e accusa a nobreza de Portugal ıo estupida, insurgindo-se contra a austera, apagada e vil tris-ı em que vê a patria cahida. O poema foi publicado na ves-a quasi da ruina da autonomia nacional; e n'elle se conservou

o espirito de independencia que irrompeu na restauração de 1640.

Conta-se que Perestrello rasgara o seu poema do *Descobrimento de Vasco da Gama,* ao vêr publicados os *Lusiadas* em 1572; é certo porém que o apparecimento do extraordinario poema despertou esse prurido que produziu seis epopêas litterarias no fim do seculo XVI. Para se conhecer a relação em que estão essas Chronicas rimadas com o poema de Camões, basta notar que Jeronymo Corte-Real, Francisco de Andrade, Luiz Pereira Brandão e Vasco Mousinho de Quevedo escreveram sob as mesmas condições em que versificaram Lucano, Stacio, Silio Italico e Valerio Flacco depois que Virgilio creou a *Eneida.*

Jeronymo Corte-Real é o primeiro d'esses epicos-chronistas, distinguindo-se por ser um dos inimigos de Camões. Em uma Epistola escripta em 1574 ao seu parente Francisco de Sá de Menezes pedindo conselho para a composição do poema do *Segundo Cêrco de Diu,* falla como se não existissem os *Lusiadas,* já por duas vezes impressos. Jeronymo Corte-Real era filho de Manoel Corte-Real, capitão da Ilha Terceira, e por parte de sua mãe D. Brites de Mendonça, neto de D. Maria Baçan; este parentesco com a fidalguia hespanhola levou-o a escrever em castelhano um longo poema sobre a batalha de Lepanto, a *Austriada,* que dedicou a Philippe II, a cuja facção se bandeou. Teve uma vida aventurosa, indo a Africa e India, e achando-se tambem no captiveiro depois da derrota de Alcacer-Kibir. Sobre este successo escreveu outra epopêa intitulada *Perdição de el-rei D. Sebastião em Africa, e das calamidades que se seguiram a este Reino,* hoje perdida. Encarecem os seus biographos o raro talento que tinha para a pintura, acompanhando os seus poemas de desenhos de batalhas e naufragios; Raczynski considera sem fundamento esses encomios. Em 1574, publicou o poema *Successo do Segundo Cerco de Diu, estando Dom João de Mascarenhas por Capitão da Fortaleza.* Dedicou-o a D. Sebastião; reconhecendo a difficuldade de ser lido, accrescenta: «E porque a leitura é grande, debuxei de minha mão os combates, os socorros e tudo o mais que no decurso d'este trabalhoso cêrco succederam, para que a invenção da pintura satisfaça a rudeza do verso.» Bernardes, Caminha, e

Francisco de Andrade, que ficaram mudos no apparecimento dos *Lusiadas,* correram solicitos a exaltar o novo Orpheo, novo Apollo, e novo Marte. O verso solto iniciado com o *Segundo Cêrco de Diu* aggrava o prosaismo do poema.

Jeronymo Corte-Real foi casado com D. Luiza da Silva, filha de Jorge de Vasconcellos, Provedor dos Armazens de Lisboa; tocamos esta circumstancia pessoal, porque influiu na composição de uma outra epopêa, o *Naufragio de Sepulveda,* publicada já depois da sua morte em 1594. O editor, genro do poeta, o declara: «fez este discurso do naufragio de Manoel de Sousa Sepulveda e D. Leonor de Sá sua mulher, vindo da India por capitão de uma náo por nome o Galeão Grande, *assy por ser esta senhora muito parenta de sua mulher D. Luiza da Silva a quem elle muito amava...*» O poema já estava escripto desde 1589, como se infere de um epigramma de Caminha; é tambem em verso solto e começa desde o nascimento de D. Leonor de Sá, de quem os Tritões se enamoraram provocando o naufragio para possuil-a! Que differença entre este convencionalismo e as tres estrophes dos *Lusiadas,* ou melhor ainda a Relação do Naufragio por Alvaro Fernandes! Corte-Real foi com os desastres do seculo acabar na melancholia religiosa, deixando um poemeto, hoje publicado, sobre os *Novissimos do homem,* mas illegivel.

Francisco de Andrade, auctor da epopêa sobre o *Primeiro Cêrco de Diu,* publicada em 1589, é antes de tudo um chronista; foi escolhido para substituir Antonio de Castilho no cargo de Guarda-mór da Torre do Tombo, e Philippe III nomeou-o Chronista-mór do reino por alvará de 24 de julho de 1599. Deixou escripta a *Chronica de D. João III. A Philomena de Sam Boaventura,* que traduziu em 1566, mostra quão prosaico é o seu lyrismo. O *Primeiro Cêrco de Diu* compõe-se de vinte cantos em oitava rima, de uma monotonia invencivel; ha quem aprecie no segundo canto a biographia de João de Samthiago; no canto nove o amor de dois esposos mogores; no canto dezesete o combate de um joven portuguez contra um mouro que foge pelo rio; e no canto dezeseis a descripção da Casa de Somno. A exacção historica na epopêa era uma monomania do fim do seculo, e o

proprio Camões teve de defender-se em trez Cartas das arguições que lhe fez o medico portuguez João Fragoso. [1]

Luiz Pereira Brandão. — A catastrophe de D. Sebastião em Africa, em 1578, provocou varias tentativas de epopêa, como se vê pelos poemas ou ensaios de Jeronymo Corte-Real, Estevam Rodrigues de Castro, e do anonymo de quem restam quarenta Outavas. Luiz Brandão publicou tambem em 1588 sobre este assumpto a *Elegiada,* exaltada phreneticamente pelos inimigos de Camões, esses Caminha, Jeronymo Corte-Real, Francisco de Andrade e Diogo Bernardes. A *Elegiada* foi dedicada ao Cardeal Alberto, Archiduque de Austria, que estava governando Portugal por ordem de Philippe II; por isto se vê que o poema é uma chronica metrificada sem uma emoção de protesto como essa simples quadra do povo na morte do Cardeal-rei.

Vasco Mousinho de Quevedo. — As expedições em Africa desde Dom João I até ao abandono de Arzilla, são o periodo cavalheiresco da nossa historia, em que Portugal por tamanhas conquistas deixava de ser um appenso da Hespanha. Camões conheceu o valor poetico d'estas tradições; e Mousinho de Quevedo celebrando no *Affonso Africano* uma parte d'esse cyclo heroico, viria no fim do seculo XVI lembrar a uma nacionalidade extincta o estimulo das glorias passadas? Não; esta epopêa é uma allegoria moral; D. Affonso V symbolisa o varão que combate contra si mesmo para avassallar a Cidade da Alma; Arzilla com as suas cinco portas representa os cinco sentidos, e a sua torre com tres baluartes as potencias da alma, sendo a mesquita a allegoria do coração humano! A nacionalidade estava extincta, porque os espiritos estavam n'este estado de depressão mental, de que a literatura do fim do seculo é um flagrante documento.

[1] Du Perron de Castera allude a estas tres Cartas na sua traducção dos *Lusiadas*.

§. IV

Prevalecimento da auctoridade classica

No fim do seculo XVI já se notava na litteratura portugueza o máo gosto *culteranista,* consequencia directa da separação entre os escriptores e o povo. Essa separação resultára do exagerado regimen da erudição; preferia-se escrever em latim, tanto na poesia como na historia, como vemos em André de Resende, Caiado, e em Jeronymo Osorio. O dominio absoluto dos Jesuitas no ensino publico aggravou este vicio geral da Renascença. O *methodo alvaristico* era um processo violento com que ensinavam o latim pela volumosa Grammatica do Padre Manoel Alvares, cujas regras eram escriptas em latim, e decoradas automaticamente pelos alumnos, com appensos de *Chôrros, Cartapacios, Promptuarios* e *Paes-Velhos* para a traducção dos textos fragmentados das suas *Selectas* de 1587 e 1594. Traduzia-se do latim para grego e do grego para latim, e nenhum livro era lido sem a censura previa dos Jesuitas, como ordenara o Cardeal-Infante-Inquisidor-Geral, por provisão de 3 de Fevereiro de 1578. Perdera-se o sentimento nacional nos espiritos mais elevados; e a sua ausencia nas obras da litteratura não é ainda assim tão lamentavel, como nos actos dos homens publicos que venderam a sua nacionalidade a Philippe II em 1580, com uma indifferença tal, que deixou assombrados os embaixadores venezianos.

a) *Os Jesuitas combatem o Theatro: As Tragicomedias latinas.* — Na lucta do elemento medieval contra a imitação classica, foi o theatro portuguez o que resistiu mais tenazmente, apresentando em Gil Vicente um verdadeiro caracter nacional; foi especialmente contra o Theatro portuguez que os Jesuitas dirigiram as prohibições, quando pela sua preponderancia pedagogica e politica se apropriaram em seu interesse da corrente humanistica da Renascença. No Index de 1564, prohibe-se a *Ulyssipo* de

Jorge Ferreira, e manda-se cortar o prologo das obras de Gil Vicente, onde se diz que el-rei Dom Sebastião se recreava com a leitura d'esses velhos Autos; no Index de 1581 e 1597, prohibem-se «Comedias, Tragedias, Farças e Autos onde entram por figuras pessoas ecclesiasticas.» Lê-se na Synopse do Padre Antonio Franco: «A esforços e conselhos do Cardeal Alberto (1586) são os comediantes condemnados a degredo, como peste e corrupção dos bons costumes. Elles offerecem dotar a cinco donzelas orfãs e resgate para cinco cativos com tanto que os deixem. Os padres mofam d'esta liberalidade e foram aquelles pobres coitados expulsos de Lisboa! Não desesperam no emtanto de tão mofina sorte, tanto que voltaram á carga em 1588, promettendo d'esta feita dar oitenta comedias e mil dinheiros reaes (cruzados?) á Santa Casa por cada um d'elles; mas os Jesuitas não cedem, e fazem com que refuzem o pedido.» [1]

No regimen escholar era de costume festas nas classes; usavam os Jesuitas representar uma comedia antes dos premios, a que chamavam *Ludi prioris*, e por occasião da distribuição dos premios, representava-se outra comedia de apparato em verso latino, a que chamavam *Ludi solemnes*. De taes festas nasceu esse genero litterario, que os Jesuitas usavam em todas as grandes festas da Companhia, as *Tragicomedias*. Na visita que D. Sebastião fez a Coimbra, os Jesuitas representaram a tragicomedia *Sedecias*, do Padre Luiz da Cruz, em 1570. Distinguiram-se n'este genero hybrido o Padre João da Rocha, D. Affonso Mendes, o Padre Simão Vieira, e o Padre Antonio de Abreu; os mestres de rhetorica eram obrigados a estas composições.

b) *Chronistas monachaes e a decadencia da Historia.* — O cargo de Chronista-mór do reino passou para as ordens religiosas, onde a simplicidade dos narradores se confundiu com o syncretismo lendario. Todos os defeitos da erudição banal aggravados com as phantasmagorias de uma imaginação poetica bastante vigorosa, apparecem em Frei Bernardo de Brito, que encetou um corpo de historia nacional com o titulo de *Monarchia lusitana*.

[1] *Synopsis Annalium e Societatis Jesu in Lusitania*, auct. Padre Antonio Franco. Trad. Henriques Leal, *Apontamentos*, II, 205.

Elle acceita em boa fé os documentos forjados por Anio de Viterbo, e elabora dramaticamente as lendas troyanas para historiar as origens de Portugal. Os falsos-chronicões hespanhoes, e a fabricação de documentos apocryphos por Lousada e Higera, revelam-nos que esta decadencia obedecia a causas mais profundas do que a incapacidade individual. Os institutos-monachaes organisaram tambem as suas Chronicas, não para mostrarem a sua cooperação na illustração portugueza, mas para preconisarem as devotas doações e as beatificações fradescas. Contra o prurido rhetorico da historia destaca-se pela negligencia e simplicidade do estylo, Frei Marcos de Lisboa, auctor da *Chronica dos Menores,* mas sem o sentimento poetico da antiga tradição dos claustros franciscanos, embora traga intercalada no seu texto uma boa parte das composições de Jacopone da Todi, traduzidas em portuguez. A *Chronica da Companhia,* do Padre Balthazar Telles, é seccamente correcta.

O Dr. Gaspar Fructuoso escreveu sob o titulo de *Saudades da Terra,* em 1590, a Historia das Ilhas dos Açores, do Porto Santo, Madeira, Desertas e Selvagens; serviu-se como subsidio dos escriptos de João de Barros e de Damião de Goes, e imita no começo da sua obra a allegoria pastoral de Bernardim Ribeiro, mas nem conseguiu reproduzir o senso critico d'aquelles, nem a belleza ingenua do estylo do auctor da *Menina e moça.* Entre as fontes que cita, falla em uma *Historia da Madeira,* que suppomos ser a *Relação do Descobrimento da ilha da Madeira* attribuida a Gonçalo Ayres Ferreira e ampliada pelo conego Henrique Dias Leite. Nos livros de historia especial, como a *Ethyopia oriental* de Frei João dos Santos, ou o *Tratado das Cousas da China,* por Frei Gaspar da Cruz, acham-se noticias ainda não aproveitadas pelos modernas orientalistas.

c) *Moralistas catholicos.* — O conhecimento das obras de Plutarcho e Seneca, na epoca da Renascença, veiu revelar á consciencia moderna, que fóra das doutrinas theologicas tambem existia uma moral secular, com sancção universal. Na dissolução do poder espiritual, a Egreja reage por um exagerado formulismo e por um abuso deploravel da casuistica; só escaparam a esta corrente deleteria as almas puras, que pela ingenuidade do

sentimento se elevaram á contemplação mystica. No chronista João de Barros nota-se a influencia erudita: «vendo como os homens occupavam o mais do tempo jogando, inventou um jogo de tabolas a que reduziu as *Ethicas* de Aristoteles, introduzindo n'elle as virtudes e vicios por excesso e por defeito, o qual jogo imprimiu no anno de 1540 e o dedicou á infanta Dona Maria princeza que depois foi de Castella, a qual jogava com el-rei D. João seu pae déstramente, segundo elle affirma em varias partes; e teve intenção de pôr a *Economia* tambem em jogo de cartas, e a *Politica* no enxadrez, por estes tres jogos serem mais communs, e para n'elles ao menos aprenderem os homens o nome das virtudes...» Isto nos revela Severim de Faria. Emquanto João de Barros esteve refugiado da peste de 1530 na sua quinta junto a Pombal, compôz e enviou a Duarte de Resende o dialogo moral intitulado *Rhopica pneuma,* ou mercadoria espiritual. É uma allegoria em que são interlocutores a Vontade, o Entendimento, a Rasão, o Tempo, legivel por uma ou outra referencia aos costumes da epoca; com o fim de afastar das escólas a leitura dos processos judiciarios, escreveu tambem em 1539 o Dialogo da *Viciosa vergonha,* de valor exiguo.

O pedantismo erudito apparece na sua pompa no *Espelho de casados,* do Dr. João de Barros, escrivão da Camara de D. João III desde 1549; era formado em Canones por Salamanca em 1522. O *Espelho de casados* appareceu em 1540, e sem a comprehensão do sentimento como Frei Luiz de Leão na *Perfecta casada,* é um apontoado de reflexões abonadas com auctoridades classicas e patrologicas, inspiradas por um pessimismo de casta, que vê na mulher a herdeira do peccado de Eva, e no homem o logrado das novellas italianas.

A fórma de dialogo allegorico, que vimos em João de Barros, achava-se já no livro intitulado *Bosco deleitoso,* impresso em 1515; n'elle fallam as Virtudes, exaltando as vantagens da vida contemplativa e eremitica, citando opiniões dos santos padres e exemplos dos mais fervorosos ascetas. Pelos seus archaismos, construcções syntaxicas parece este livro pertencer ao fim do seculo XIV; porém se foi escripto na epoca em que appareceu impresso, pertence a um espirito alheio á cultura humanista, a

corrente poucos escaparam. É tambem este o caracter dos *Ditos da Freira,* pensamentos moraes colligidos das reflexões de D. Joanna da Gama, reclusa do Salvador de Evora. Ella conheceu a eschola italiana, escrevendo poucos sonetos. Alguns desastres da sua vida fizeram-lhe crear em volta de si uma solidão religiosa perturbada pelo Cardeal Infante; os desabafos das suas angustias foram colligidos como maximas pelas suas companheiras de cenobio; não têm abstracção, são comparações vulgares que revelam uma santa simplicidade natural.

Distinguem-se como escriptores mysticos, Frei Thomé de Jesus, que no captiveiro de Africa, depois de 1578 escreveu o notabilissimo livro *Trabalhos de Jesus;* Frei Heitor Pinto, com a *Imagem da Vida christã,* e Amador Arraes com os *Dialogos.* Procuram dar o maior relevo ás suas descripções, servindo-se dos effeitos do estylo, e aproveitando-se com felicidade de muitos conceitos da linguagem popular.

A eloquencia apparece-nos no seculo XVI viciada pela emphase rhetorica dos eruditos; João de Barros escreveu um *Panegyrico* á imitação do de Plinio o moço. Na predica religiosa distingue-se o Dr. Diogo de Paiva de Andrade, que em 1561 fôra ao Concilio de Trento por ordem de D. Sebastião, e luctara em dura controversia com o theologo protestante Kemnitz; «costumava muito introduzir a fórma de dialogo nos seus discursos;» nos seus sermões «o gosto dos conceitos e trocadilhos de palavras começava a apparecer.» [1] Citam-se outros prégadores notaveis, D. Antonio Pinheiro e o Padre Luiz Alvares, parente de Diogo do Couto; mas n'uma epoca em que a carnificina de Saint Barthélemy, annunciada dias antes pelo embaixador portuguez, era recebida em Portugal com luminarias e sermões de graças, a obcecação era absoluta, e avançavamos inconscientemente para a ruina.

d) *Fim da Nacionalidade portugueza. — Revivescencia das obras dos Quinhentistas.* — Com a morte do Cardeal-Rei, e emquanto os varios pretendentes á soberania portugueza discutiam preferencias, Philippe II, ainda em 1580, occupou militarmente Portugal, realisando a unidade politica da Hespanha. Em uma

[1] *Pan.,* t. I, 15.

carta de 24 de Março de 1579 escrevia D. Jorge de Noronha a Phillippe II « que o reino de Portugal é de s. m., e que pode vir quando quizer, *porque até as crianças cantam* que todo o seu remedio está em sua magestade. » A nobreza recebia cédulas do monarcha hespanhol para futuro pagamento da sua traição á patria; os poetas e escriptores, como Bernardes, Caminha, Jeronymo Corte-Real, Falcão de Resende, Fernão Alvares d'Oriente, Rodrigues Lobo, Duarte Nunes de Leão, bajulavam o invasor nos seus versos e recebiam tenças de favor. A nacionalidade portugueza estava bem morta; a litteratura vegetava profundamente separada de todos os elementos tradicionaes e populares; os escriptores e classes cultas adoptavam a lingua latina ou a castelhana para as suas especulações, e o povo ignorava em absoluto a historia do seu passado glorioso. Os *Lusiadas,* que poderiam despertar o sentimento nacional, foram deturpados pela censura clerical na celebre edição dos *Piscos,* de 1584. Era impossivel qualquer resistencia material contra a incorporação castelhana: deu-se porém uma convulsão moral, que acordou o interesse por todas as obras da litteratura portugueza da grande epoca de Quinhentos, deploravelmente ineditas. Era como um esforço inconsciente a favor da lingua portugueza que se extinguia; assim, em 1587 publicou-se pela primeira vez os *Autos* de Antonio Prestes e Camões; em 1590 as obras lyricas de Vasco Mousinho de Quevedo; em 1592 as poesias de Gregorio Silvestre, chefe da reacção castelhana contra a eschola classica italiana; em 1595 é que pela primeira vez se lêem as obras de Sá de Miranda, que Falcão de Resende surprehende nas mãos de uma senhora; em 1595 e 1598 é que se vulgarisam as *Rimas* de Camões, perdidas desde o roubo do seu *Parnaso* em 1570; em 1595 e 1597 traz a lume Diogo Bernardes as *Flores do Lima* e *Varias rimas;* o filho do Dr. Antonio Ferreira em 1598 salva do esquecimento o manuscripto dos *Poemas lusitanos;* em 1597 publica Frei Bernardo de Brito a *Sylvia de Lisardo.* A vontade de salvar as obras portuguezas pela imprensa, quando o seculo terminava com uma terrivel peste e devastações, [1] prova-nos que havia um interesse inti-

[1] « Consta por tradição que a *Livraria de D. Jeronymo Osorio,* foi reu-

mo que vivificava estas emprezas, que se continuaram sob o captiveiro: em 1602 imprime-se o notavel livro dos *Trabalhos de Jesus*, de Frei Thomé de Jesus, e em 1602, 1604, e 1616 os Sermões do Dr. Diogo de Paiva de Andrade; em 1604, apparece a *Laura de Anfriso*, de Manoel da Veiga; em 1605 as *Eclogas* de Rodrigues Lobo e as poesias de D. Manoel de Portugal; em 1606 a *Origem da Lingua portugueza*, de Nunes de Leão, e a *Lusitania transformada* de Fernão Alvares d'Oriente, e D. Rodrigo da Cunha facilita a publicação dos ineditos de Camões, que possuia. A lingua portugueza já não podia ser extincta, e por ella se despertou o sentimento da individualidade nacional, sobre que a França se apoiou em 1640 para destruir o ominoso poder da Casa de Austria na Europa.

bada pelos inglezes, quando em 25 de julho de 1596 incendiaram e roubaram Faro, sendo levada para a Universidade de Oxford, onde existiu.» Silva Lopes, *Chorographia do Algarve*, p. 325. — Ficaram ineditos muitos Cancioneiros do seculo XVI, taes como o de D. Maria Henriques, que colligiu seu pae em Marrocos, o do Padre Pedro Ribeiro, o de Luiz Franco Corrêa, o de Manuel Godinho, o de D. Cecilia de Portugal, e o da Bibliotheca de Evora publicado ultimamente pelo fallecido Victor Eugenio Hardung.

QUARTA EPOCA

(SECULO XVII)

OS CULTERANISTAS

§. I — **Syncretismo da influencia italiana e hespanhola em Portugal:**

1.º Reacção contra a Eschola italiana.

a) *As Lyricas* de Francisco Rodrigues Lobo e D. Francisco Manuel de Mello. — A Poesia mystico-amorosa.

b) *As Epopêas historicas* — Tassistas e Camoistas.

c) Pateos das Comedias. — Comedias de *Capa y espada*.

2.º As Tertulias e Academias Litterarias.

a) As Academias dos *Generosos* e dos *Singulares*. Os Poetas da renascença.

b) Pastoraes e Novellas allegoricas.

c) As Tragicomedias dos jesuitas. — Oratorias e *Ballets*.

§. II — **Tentativa de reforma dos estudos philologicos:**

a) A Eloquencia sacra: Vieira e Frei Antonio das Chagas

b) Chronistas e historiadores. — Os primeiros Jornaes portuguezes.

c) Os Moralistas. — *Cartas da Religiosa portugueza*. Primeira [illegible] da França.

§. I

Syncretismo da influencia italiana e hespanhola em Portugal

O exagero da imitação classica, quer por via do estudo recto das litteraturas greco-romanas, quer pela admiração [illegible] dos poetas italianos, produziu uma natural reacção que se [illegible]va em França com Malherbe reagindo contra os neologismos [illegible]ditos de Ronsard, com Balzac procurando o purismo da [illegible] com Du Bartas adoptando uma desusada liberdade no em[illegible]go das figuras rhetoricas. Porém, essa reacção apresenta o [illegible] maior vigor em Hespanha, onde o genio oriental irrompe [illegible] imaginação andalusa de Gongora, e se impõe pela pompa des[illegible]brante das imagens poeticas exprimindo as ideias vulgares. [illegible]

vo gosto inspira-se da natureza, mas embellezando-a convencionalmente; e esse artificio procurado com estudo é um signal de cultura de espirito, que não sente a graça sem lhe dar a fórma pittoresca do conceito. A nova corrente litteraria propagou-se a toda a Europa; na Italia, Marini, «hespanhol de origem e educação» como diz Cantu, é o chefe dos *Concettiste*, e na França os *Culturistas* ditam as leis do gosto affectado nas intimidades do Hotel Rambouillet, que Molière retratou nas *Preciosas ridiculas;* em Inglaterra Lylli propaga este falso estylo litterario com o nome de *Euphuismo.* Á universalidade da influencia italiana da Renascença, corresponde esta reacção do *Culteranismo* hespanhol, systematisado em regras dogmaticas pelo jesuita Lourenço Gracian nas suas *Agudezas de Ingenio.* Dava-se o nome de *ingenio* á vã habilidade de converter em figuras de rhetorica todas as situações moraes ou materiaes, corrigindo a realidade não por um ideal mas pelo equivoco, pelo paralogismo, pela redundancia, pelo euphuismo.

O *Culteranismo* provinha de uma verdadeira intuição da necessidade de independencia de espirito para a concepção artistica; infelizmente, os escriptores que reagiam contra o predominio da Italia estavam separados do povo ou não conheciam o valor esthetico do elemento tradicional, de sorte que na impossibilidade de acharem o caracter nacional da litteratura, caíram no desvairamento de uma phantasia sem disciplina. La Bruyère notou a causa dos desconcertos da linguagem *culteranista,* referindo-se aos membros do Hotel Rambouillet: «Elles deixam ao vulgo a arte de fallar de uma maneira intelligivel.» A Hespanha era o centro d'onde irradiava o prurido d'este novo gosto litterario; e no seculo XVII vemos a litteratura franceza inspirar-se para a creação poetica dos seus principaes genios da imitação da litteratura hespanhola. Scarron, no *Roman comique,* imita o genero picaresco hespanhol; principalmente no theatro é onde se observa uma imitação mais evidente, como em Corneille no *Cid,* no *Menteur,* e no *Don Sancho d'Aragão;* em Molière, no *Festin de Pierre,* imitado do *Burlador de Sevilha* de Gabriel Tellez, na *Princeza d'Elida,* no *D. Garcia de Navarra;* Quinault, Hardy, Rotrou seguem a mesma senda, e Le Sage transforma os esboços de Velez de

Guevara no seu bello *Gil Blas*, e no *Diable boiteux*. Quando fecunda litteratura franceza obedecia ao influxo perstigioso da litteratura hespanhola, e o proprio Richelieu considerava a admiração pelo *Cid* de Corneille « como se os hespanhoes tivessem tomado Paris, » era impossivel que o Culteranismo não dominasse de um modo absoluto em Portugal, no seculo XVII. Estavamos sob o dominio hespanhol tanto em politica como em litteratura. A lingua portugueza, como se sabe pela declaração de Manuel de Galhegos, que se defende de haver escripto na lingua patria era considerada pelas classes elevadas, como propria para ser falada nas praças e pelo vulgo rude. Os escriptores portuguezes preferiam o castelhano para a poesia e para a historia, e concorriam para a riqueza do theatro hespanhol compondo *Comedias famosas* no estylo de *Capa y espada*. Muitas das obras dos grandes genios da litteratura castelhana tiveram as suas primeiras edições em Portugal, e occuparam-se de assumptos portuguezes. Quem organisasse os annaes da imprensa portugueza n'este periodo, concluiria que tres quartas partes das suas obras publicadas foram em castelhano. A falta de participação de Portugal no extraordinario movimento scientifico do seculo XVII, fez com que a actividade intellectual se dispendesse em um exercicio disparatado da rhetorica, que viciou tudo, a linguagem, a poesia, o theatro, a historia e a propria eloquencia do pulpito. As Academias italianas, que de litterarias se converteram em scientificas no seculo XVII, na Hespanha immobilisaram-se em *Tertulias* e com este caracter se reproduziram em Portugal. Sob a influencia do *Culteranismo*, a poesia lyrica retoma os velhos metros de redondilha, e Sá de Miranda, o venerando chefe da Eschola italiana, é estudado e imitado na sua parte antiquada, nas Cartas em redondilhas de *medida velha*. E aquelles mesmos que voltavam aos metros de redondilha, do lyrismo hespanhol, não achavam emprego mais azado para as redundancias e equivocos de linguagem, que as Novellas pastoraes do gosto italiano contra o qual reagiam inconscientemente.

1.º Reacção contra a Eschola italiana. — Na poesia lyrica seiscentista accentua-se uma grande predilecção pelo estylo cas-

niano; mas emquanto ás doutrinas da epopêa, levantou-se uma contenda litteraria entre os *Tassistas* e *Camoistas*. Esta revivescencia das poesias de Camões provinha da comprehensão de que estava n'ellas a verdadeira fórma litteraria moderna derivada do impulso italiano, sem por isso ser um pallido reflexo do esplendor da Renascença. Os lyricos seiscentistas apresentam os dois aspectos, hespanhol, na renovação dos metros de redondilha, e italiano na reproducção do endecasyllabo camoniano; Sá de Miranda e Camões são os modelos consagrados, e quando os estudam os poetas escapam sempre aos absurdos do culteranismo.

a) *As Lyricas de Francisco Rodrigues Lobo e D. Francisco Manoel de Mello.* — As relações do estylo de Francisco Rodrigues Lobo com o de Camões, levaram Faria e Sousa a suppôr que este poeta roubara o manuscripto do *Parnaso* de Camões: « Al tiempo que empecé a estudiar, que fué a los años de 1600, y los onze de mi edad, me cogió este libro un mozo, que luego se fué a estudiar a Coimbra, aonde entonces florecia Francisco Rodrigues Lobo, que entonces publicó un libro intitulado *Primavera*, que consta de prosas y versos, y siempre me pareció que en el avia algunas cosas de las que estaban en aquel libro. Mas porque yo no vi este de Lobo, luego quando salió, tiempo en que de esse otro teria algo en la memoria, sino mucho despues, quando yo no la tenia d'el, no pude asegurarme bien: pero imagino que unas *Otavas* que alli tiene el Lobo, luego al principio, a que llama la historia de Sileno, estaban en aquel libro; y tambien unas *Coplillas* que estan antes d'ella; y tambien una *Cancion*, que se vê a la entrada da Floresta sexta. » A suspeita de Faria e Sousa tem apenas uma verdade: é que na pleiada do seculo XVII, Rodrigues Lobo é o lyrico mais completo e apaixonado. Nos seus versos, que se resentem já da exuberancia de imagens e abuso de epithetos, resultantes da admiração não discutida da poesia castelhana, ha ainda a disciplina quinhentista de quem estudou bastante o texto de Camões e ao mesmo tempo soube conhecer o que ha de bello na tradição popular. Rodrigues Lobo teve o alto senso artistico de exprimir os seus sentimentos na fórma das *Serranilhas* « aquelle outro canto, que ao som do rabil — cantam os serranos. » (*Deseng.*, pag. 323). N'este genero é realmente inimi-

tavel; a tradição communica-lhe o seu vigor, e o poeta eleva-se á belleza fixada por Christovam Falcão e Bernardim Ribeiro nas suas Eclogas. Elle usa a redondilha quinaria, a que chama, segundo a designação antiga, *Endechas*. No *Pastor peregrino*, dá elle o nome da mulher que o inspirava: « Chamava-se ella *Laiza*...» Nas *Memorias* do Bispo de Gram-Pará lê-se, que Rodrigues Lobo « tinha cantado nas ribeiras do Liz e Lena, nos loucos amores da aia ou dama do palacio do Duque de Caminha, em Leiria...»

Rodrigues Lobo obedece á imitação italiana nas prosas insulsas das Pastoraes; porém nas *Eclogas*, publicadas em 1606, alli a simplicidade popular com a graça do endacasyllabo camoniano. A posição de inferioridade em que viveu no palacio do Duque de Caminha em Leiria, não lhe deixou imprimir nos seus versos a galante audacia com que Camões hallucinava as damas da côrte de D. João III. A vida provinciana esterilisou o infeliz poeta Lereno, que acabou de perverter-se com a imitação do romance allegorico vulgarisado por Gongora simulando o gosto mourisco e abjurando do sentimento da patria ao cantar a visita de Philippe III a Portugal. A sua vida passou indifferente para os contemporaneos, postoque o seu talento bem merecesse mais interesse; morreu afogado no Tejo, segundo contam o Padre Manoel da Esperança e o Bispo de Gram Pará. Celebram a sua morte um desconhecido mas apreciavel poeta portuguez Antonio Lopes da Vega, e D. Thomaz de Noronha, que em um Soneto da *Phenix* termina dizendo: « Que a Lereno matou o villão Eolo.» A perversão do gosto na epoca seiscentista preferia as suas prosas culteranas e os dialogos rhetoricos ás lyricas que são hoje o seu melhor titulo litterario.

D. Francisco Manoel de Mello. — Na sua vida e obras parece-se immensamente com esse genio singular de Quevedo; nas aberrações do espirito, filhas em grande parte da epoca, observa-se o estado moral de quem viveu longos annos solitario em um carcere entregue ao arbitrio da prepotencia irresponsavel. Nasceu D. Francisco Manoel em Lisboa em 23 de novembro de 1611, e no Collegio dos Jesuitas de Santo Antão estudou humanidades, philosophia e theologia; seduziu-o a carreira das armas

em que entrou aos dezesete annos. Ainda nos estudos, em 1628, publicou doze Sonetos á morte de Ignez de Castro, e em 1628 escreveu a novella *Las finezas mallogradas*. A sua actividade litteraria mistura-se com a participação da vida publica, dando-lhe isto essa superioridade que primeiro se observou nos escriptores inglezes e em França na epoca da Fronda. É um poeta, um politico, um bravo, e nobre victima de um rei que pagou com ingratidão aos que lhe deram um throno; esta admiravel figura acha-se ligada a todo o movimento para reivindicação da autonomia da nação portugueza. Tendo servido na armada hespanhola, regressando a Madrid ali teve relações com um agente secreto do Duque de Bragança; a elle escolheu o duque em 1637, por occasião dos Tumultos de Evora, para ir appresentar ao rei os seus protestos de fidelidade, e o governo hespanhol o escolheu para vir pacificar os tumultos, sendo em seguida nomeado Mestre de Campo para Flandres. O seu livro *Politica militar em avisos generales,* escripto offerecido ao Conde de Liñares, considera-se como um guia composto a pedido do duque de Bragança, quando foi nomeado Governador das Armas de Portugal. Vindo de Flandres á Catalunha ali soube da revolução de Portugal; e como as suas informações sobre um inquerito a Villa Viçosa em 1637 não condiziam com o movimento que rebentou em 1640, o Conde-Duque de Olivares mandou prendel-o. Dom Francisco Manoel justificou-se como pôde, sendo solto e nomeado governador para Ostende. Foi então que abraçou directamente a causa da independencia de Portugal, recebendo do embaixador portuguez na Hollanda o commando de uma esquadra de dezoito navios para trazer reforços; Dom João IV recebeu-o com enthusiasmo dando-lhe varias commendas, e mandou-o commandar um esquadrão de cavalleria no Alemtejo. Sobre este primeiro golpe, Dom Francisco Manoel reconheceu que o ministro Francisco de Lucena era vilmente accusado de traidor, e não quiz jurar contra elle; Dom João IV dissimulou então o seu odio, esperando ensejo para perdel-o. Em 19 de novembro de 1644 foi Dom Francisco Manoel de Mello mandado prender na Torre do Bugio, attribuindo-se-lhe cumplicidade no assassinato de Francisco Cardoso, mordomo do Conde de Villa Nova de Portimão. Em uma Nota á margem de

uma copia do *Memorial,* que em 1648 dirigiu a Dom João IV expondo-lhe a sua innocencia e serviços, explica-se o odio implacavel do rei por causa de ciumes, por ambos terem relações com á Condessa de Villa Nova e Figueiró. Desde o primeiro anno da prisão, escreveu constantemente a favor da causa nacional, destacando-se o admiravel livro da *Historia dos movimentos e separação da Catalunha;* o proprio Dom João IV o encarregou de redigir o *Manifesto de Portugal,* em 1647, quando já estava condemnado em segunda instancia para o Brazil. O odio do monarcha resistiu a tudo, mesmo a uma carta de Anna de Austria, escripta a favor do poeta em nome de Luiz XIV. Em Março de 1650 foi transferido para a enxovia do Castello de Lisboa, saindo em 1653 para o Brazil, para o degredo na Bahia. Só depois da morte de Dom João IV póde regressar a Portugal em 1659, imprimindo aqui no anno seguinte as *Epanaphoras de varia historia.* Por ventura, fugindo ás intrigas da côrte entre a regencia e o principe, D. Francisco sahiu de Portugal para França em 1662 e vindo, depois de uma constante actividade, morrer em Lisboa em 13 de outubro de 1666. São numerosas suas obras impressas, apreciando-se especialmente *As tres Musas de Melodino,* as *Epanaphoras,* os *Apologos dialogaes,* as *Cartas familiares,* a *Carta de guia de Casados* e a *Feira de Anexins.*

Dom Francisco Manoel obedeceu á influencia castelhana, escrevendo uma parte das Obras metricas em hespanhol; ensaiou todas as fórmas, o romance mourisco, as *jacarillas,* ou xacarandinas postas em moda pelo seu amigo Quevedo, os madrigaes italianos, as sylvas, os tonos e os primeiros rudimentos da Opera. Porém, nas segundas tres *Musas de Melodino* reage contra a subserviencia do estylo e lingua castelhana, rompendo contra os absurdos culteranistas, e imitando Sá de Miranda, especialmente nas redondilhas: « Uma só cousa vos lembro, que me deveis um grande desejo de resuscitar o grave estillo de nossos antepassados. Não aquelle cuja aspereza já para muitos foi desagradavel, como no antigo Mena condemnou o grande Sá; mas aquelle outro, d'onde, como o diamante que reluz por entre os diamantes da lava, vae scintillando por entre as phrases naturaes engraçadas e facilissimas. Se minha tenção fôra allegar-vos serviços, e

ainda á minha patria, bem pudera dizer-vos que a fim de vos renovar este interesse, da formosa imitação da antiguidade, passei mil descontos com meu natural, que o prendi e sopeei, a troco de seguir aquelles nobres exemplos. » Este esforço, que o aproximou da tradição popular, tornou-o o mais perfeito lyrico do seculo XVII. As suas *Eclogas* e *Cartas* em redondilhas têm a graça desaffectada recebida de uma superior comprehensão de Sá de Miranda; serve-se tambem dos Motes velhos, e de cantigas populares para glosas «*pelo modo antigo.*» No seu *Canto de Babylonia* hombrêa com Camões, nas redondilhas em que paraphraseou o psalmo quando naufragou na foz do Mecon. No bello Auto do *Fidalgo aprendiz,* que se representou no paço, e em que adivinhou o thema mais tarde universalisado por Molière no *Bourgeois gentilhomme,* o poeta apropria-se da fórma do auto nacional creada por Gil Vicente. Emfim ha um manancial occulto de poesia em que elle bebe: é a tradição popular, a que allude por vezes, como os Contos da *Maria sabida,* da *Carochinha,* como os romances da *Sylvana,* da *Infantina,* da *Angelina gloriosa,* de *Gayfeiros,* os anexins e locuções vulgares, que reuniu artificialmente na sua *Feira de Anexins,* e o sentimento nacional comprehendido na observação dos costumes domesticos e das superstições. O pedantismo rhetorico preponderava no meio social, e Dom Francisco Manoel obedeceu á corrente, dispendendo o seu genio em fazer Obeliscos litterarios, Labyrinthos, Sylvas encomiasticas para entreter a inanidade das sessões das Academias poeticas.

A Poesia mystico-amorosa. — As doutrinas theologicas que no fim do seculo XVI perturbaram os espiritos com a questão da *Graça efficiente,* reappareceram no seculo XVII sob um novo aspecto, o *Quietismo,* formulado pelo mystico hespanhol Molinos. Contra o formalismo devoto do jesuita Molina levantam-se os sublimes poetas S. João da Cruz e Frei Luiz de Leão, porém no quietismo de Molinos (prep. 25, 41 e seg.) a sensualidade tornou-se uma fórma do ascetismo, e o amor divino, tomado como thema das subtilezas culteranistas, deu logar a uma falsa poesia religiosa, a um lyrismo de freiraticos. Fallando do poeta mystico Frei Antonio das Chagas, diz o Bispo de Gram Pará: « Em

Odivellas prégava elle em companhia de Frei Leandro, e n'este mesmo tempo estavam o mestre Frei Ignacio de Athaide e Frei Antonio de Tovar, depois prégador geral. *Eram moços, e muita a liberdade das grades d'aquelle miseravel tempo.* Em quanto durava a missão não se fechavam palratorios, como hoje se usa. Por ali pois se passava o tempo. »

Frei Antonio das Chagas, que antes da sua conversão escrevera com nome de Antonio da Fonseca Soares, é o mais notavel d'entre os poetas mysticos seiscentistas. Um crime de homicidio o obrigou a abandonar a vida das armas, e a refugiar-se na Bahia, em um convento benedictino; passados alguns annos voltou a Portugal, e escapando a um tiro que lhe dispararam em Setubal acolheu-se á ordem franciscana, professando em 1663. Do seu poema *Filis e Demofonte,* escripto quando secular, diz Barbosa: « Promettia o veneravel padre a quem lh'as desse para as reduzir a cinzas, jejuar ou disciplinar-se um anno por sua tenção. » Sob outra fórma repete o Bispo de Gram Pará: «Depois de religioso, sabendo que no mosteiro de S. Bento da Saude vivia o seu amigo Frei Jeronymo Vahia, e que havia copia de seus versos entre aquelles cujos olhos se deviam tam sómente occupar em versos de David no côro, quiz rasgal-os, por terem as taes coplas muitas profanidades. Não obteve despacho; gracejaram com elle e metteram-no á bulha. » Entregue á penitencia, Frei Antonio das Chagas não cessou de metrificar, conservando-se algumas Elegias, verdadeiramente estimaveis no livro do Padre Manoel Godinho sobre a sua *Vida;* n'ellas pinta o habito monachal como a mortalha, a cella como a sepultura, comparando-se ao guzano que se alimenta abrindo a sua cova. Os desvarios de uma turbulenta mocidade passam-lhe na imaginação como as nuvens que toldam um céo sereno; *nas covas dos seus olhos* chora arrependido, e vendo em tudo uma tentação, um simples ribeiro representa-se-lhe *um áspide de prata.* Rejeitou o asceta a mitra de Lamego em 1679, morrendo em cheiro de santidade em 20 de outubro de 1682.

Dom Francisco de Portugal, que sem se lembrar que pertencia á casa de Vimioso, viveu na côrte de Philippe III em Madrid, depois de ter militado na Bahia em 1624, tomou o habito de terceiro franciscano, cultivando esta poesia do ascetismo com mistu-

·a de elementos picarescos. Os seus *Divinos e humanos versos,* es-
:riptos em castelhano, fatigam as fórmas das duas poeticas italia-
ıa e hespanhola, o Soneto, Canção, Oitava, Sextina, Romances
: Mottes, destituidos de ideia.

· *Soror Violante do Céo,* nascida em 1601, fallecida em 1693,
:om sessenta e tres annos de clausura, é a expressão mais com-
pleta do lyrismo seiscentista, emquanto aos requebrados concei-
:os rhetoricos, emquanto ao quietismo quasi sensual com que tra-
luz as suas effusões do amor divino, que muitas vezes encobre
allegoricamente paixões de intrigas freiraticas. As suas composi-
ções são quasi todas em castelhano e escriptas para as festas do
seu convento de Nossa Senhora da Rosa; deixou numerosissimos
Villancicos, que eram cantados principalmente na festa do natal.

D. Bernarda Ferreira de Lacerda, escreveu sob esta fascina-
ção do lyrismo ascetico o livro das *Soledades do Bussaco,* que a
tornou conhecida antes do poema epico que compoz em verso cas-
telhano. D'ella diz Miguel Leitão na *Miscellanea,* Dialogo XX:
« Senhora, além de muitos dotes pessoaes de que é dotada, e ser
tambem de uma rara subtileza de engenho e felicissima memoria,
com uma curiosidade grande de se applicar a lêr livros honestos
e cousas curiosas em que passa antes o tempo. » Não eram estas
as qualidades que convinham para uma inspiração mystica. É por
isso que as fórmas lyricas não se prestavam para darem expres-
são aos sentimentos banaes d'esta devoção exterior; metrificou-se
a frio e com abundancia pondo em verso heroico as vidas dos san-
tos. Contam-se n'este genero documentos caracteristicos. Da *Vida
de Sam João Evangelista,* de Nuno Barreto Fuzeiro, poema em
verso heroico, diz a Censura da epoca, que é: « Tão corrente a
historia, *como se fosse solta prosa,* qualidade sempre desejada na
poesia... » O bom senso irrompe na referida Censura, quando rea-
ge contra o classicismo: « Que em Poesia podia haver formosura
sem *fabula,* melodia sem *Musas,* maravilha ou admiração sem
ficções, sem *Polifemos,* sem *Circes,* sem *Medêas,* sem rêdes de
Vulcano, sem furia de *Orestes.* » Estas ideias dirigiam os poetas
mysticos, e suscitaram tambem um certo azedume contra Camões,
como se vê na lucta dos Tassistas; sob estas doutrinas escreveu
D. Francisco Child Rolim de Moura o poemeto em quatro can-

tos sobre os *Novissimos do Homem,* assumpto já tratado por Jeronymo Corte Real. A falta de liberdade critica pêa-lhe a imaginação, de modo que o poema é verdadeiramente illegivel. D. Francisco Child Rolim de Moura, nascido em 1572, recebeu a direcção da geração decahida do ultimo quartel do seculo XVI, servindo sob os Philippes como presidente da Junta das Lezirias, e cobrindo a falta de sentimentos cavalheirescos com a pericia da equitação e da esgrima. Morreu a 12 de novembro de 1640, talvez extranho ao movimento revolucionario da independencia succedido dias depois. Citam-se outros poemas, como o de Manoel Thomaz sobre *Sam Thomaz,* em redondilhas, o de Bernardo Rodrigues o Mocho, sobre *Sam Thomé.*

D'entre estes poetas agiographicos destaca-se o livreiro Francisco Lopes, que soube dar á quintilha de Sá de Miranda o caracter descriptivo com o relêvo pittoresco da dicção popular; merecem lêr-se os poemas em redondilhas sobre *Santo Antonio,* e os *Martyres de Marrocos,* máo grado a sua extensão; é extremamente raro esse outro poemeto de Francisco Lopes, em seis cantos com 522 quintilhas, *Sam Bom Homem,* cujo merito consiste na relação d'esta lenda com o mytho do *Omomi* ou *Haoma,* o mediador do culto mazdeano. Francisco Lopes, foi dos pouquissimos poetas que serviram a causa da revolução nacional, escrevendo Sylvas sobre as victorias dos portuguezes e sobre milagres para fortificar a resistencia do povo.

b) *As Epopêas historicas. — Tassistas e Camoistas.* — Quando estava mais obliterado o sentimento nacional, na primeira metade do seculo XVII, é quando na litteratura portugueza apparecem mais Epopêas, em diffusissimas oitavas, e sem o minimo protesto em favor da autonomia da patria. A fonte historica, que esses poetas epicos mais consultavam, era a *Monarchia lusitana* de Frei Bernardo de Brito, onde achavam as fabulas de Ulysses entretecidas com as origens ethnologicas de Portugal, as aventuras de Viriato, e as lendas heracleanas, em um syncretismo poetico com elementos colhidos nos falsos documentos de Anio de Viterbo e Martin Polonus.

Francisco Rodrigues Lobo, abre esta epoca do culteranismo com o poema do *Condestabre,* que estava destinado a ser na tra-

dição portugueza o Cid nacional; o povo chegou a idealisal-o nas suas cantigas. O Condestavel D. Nuno Alvares Pereira decahiu como heroe poetico, elle que imitava o typo da virgindade heroica de Galaaz, ficando apenas um personagem historico em uma Chronica em prosa. Rodrigues Lobo seguiu esta fonte, construindo uma extensissima relação metrica em oitavas. Como podia idealisar o heroe da independencia de Portugal sob o Mestre de Aviz, quem dedicava os seus versos á bajulação de Philippe III?

Gabriel Pereira de Castro, é o grande epico seiscentista, que os seus contemporaneos quizeram collocar acima de Camões, maravilhados com o regular alinhamento da fabula da *Ulyssêa.* O erudito Doutor, Corregedor do Crime da Côrte, e nomeado pelo invasor castelhano Chanceller-Mór de Portugal, revela-nos em todas estas categorias o seu estado moral e ordem de ideias para a concepção de uma epopêa nacional. Como juiz a sua memoria anda envolvida na tragica e injusta morte do namorado Simão Pires Solis; e como jurisconsulto, em plagiatos das consultas de Thomé Pinheiro da Veiga. Manoel de Galhegos escreveu o elogio da *Ulyssêa,* publicada em 1636 depois da morte de Gabriel Pereira de Castro; exalta-a acima dos *Lusiadas,* porque satisfaz a todas as regras da poetica grega: é admiravel emquanto á *peripecia,* ou imprevisto das situações, magnifico na *magthaina,* ou emprego das machinas do maravilhoso ou sonhos, vaticinios, magias; graduado na *periferia,* ou área percorrida pelos heroes; compassado na *bracologia* e na *ecthania,* ou amplificações e abreviações da fabula. Galhegos admira o emprego da figura *dianomi,* ou repartição symetrica das partes do poema, e das mais figuras de *parasceve, analogia, teliotis, gorgotis,* e *enargia.* Com a falsa tradição recebida de Frei Bernardo de Brito, com o conhecimento do texto homerico pelas Selectas das escholas, com uma subserviencia á Poetica de Aristoteles, e bajulando o usurpador da autonomia da sua patria, como é que poderia Gabriel Pereira de Castro elevar-se a uma verdadeira idealisação epica? Os melhores versos da *Ulyssêa* são reminiscencias dos *Lusiadas;* Faria e Sousa admirou tambem esse poema e fez-lhe um commentario, porque era um excellente pretexto para explanações e apparatos eruditos; d'este commentario falla o Conde da Ericeira, no prologo da *Hen-*

riqueida: « Não saberiamos haver tambem commentado a *Ulyssêa,* se o R. P. Pedro Alvares da Congregação do Oratorio nos não trouxesse de Madrid este e outros thesouros litterarios; etc. » Debalde se procurava offuscar o poema dos *Lusiadas* oppondo-lhe a *Ulyssêa;* a espiritos que exploravam a corrupção do jugo castelhano, esse poema apparecia com os defeitos da falta de unidade de acção e de heroe, mistura da mythologia com o christianismo, oitavas menos perfeitamente construidas, e omissão de accentos que tornavam o pensamento obscuro. Não faltaram um advogado Manoel Pires de Almeida, um João Soares de Brito, um D. Francisco Child Rolim de Moura, para deprimirem o grande epico nacional, cujo poema consolava o desalentado patriotismo do velho Bispo de Targa, e era commentado por João Pinto Ribeiro, o fautor da revolução de 1640. Por causa do seu assumpto religioso preferiram alguns a *Jerusalem libertada* aos *Lusiadas,* formando estes o grupo dos *Tassistas.* Galhegos queria impôr a *Ulyssêa* á admiração á custa dos *Lusiadas:* « Em nenhuma outra cousa mais o nosso poeta manifesta seu talento, que no exordio da narração, pois começa do principio da fabula, que é o ponto d'onde deve começar o poema heroico, *e não no meio como fez Camões,* vendo que Virgilio dá principio ao seu poema com Eneas á vista de Carthago... » E depois d'esta insinuação contra a originalidade de Camões, prosegue: « Valerio Flaco no seu poema dos *Argonautas* (*que he quasi a mesma acção que a de Luiz de Camões*)... E não se entenda que o meu animo é reprovar a Luiz de Camões; que isto em que elle se não ajustou com a arte, he cousa em que muitos se enganaram, e não lhe tira a auctoridade; etc. » A gloria de Camões venceu estas cabalas da critica, descriptas por Dom Francisco Manoel no *Hospital das Letras;* com a reivindicação da autonomia portugueza elevou-se a comprehensão do seu maior genio poetico.

Os poetas seiscentistas não viram na revolução de 1640 senão o thema de uma bajulação abjecta ao Duque de Bragança. Manoel de Galhegos no Epithalamio *O Templo da Memoria,* celebra o desposorio do Duque; Frei Manoel de Santa Thereza, no poema em dez cantos a *Lusifineida,* sobre a decadencia desde D. Sebastião até D. João IV, adula o novo monarcha; o mesmo fa-

João Nunes da Cunha no poema em doze cantos *Lisboa conquistada;* Manoel Thomaz, no poema *Phenix da Lusitania* exalta com emphase a acclamação de D. João IV. A litteratura decahida pelo culteranismo acabava de afundar-se na degradação do cesarismo.

Manoel Thomaz, natural de Guimarães, viveu na ilha da Madeira, onde morreu assassinado em 1665, com oitenta annos de idade; a descoberta da ilha da Madeira serviu-lhe de thema para a sua epopêa *A Insulana,* em que celebra a lenda dos *Amores de Machim e Anna d'Arfet.* Em vez de se inspirar da tradição, diz: «Na *verdade historica segui o mais apurado e verdadeiro Manuscripto,* cujo principio abreviou na primeira Decada da sua Asia...» É a conhecida relação attribuida a Alcoforado, extraída da Epanaphora de D. Francisco Manoel. Tornavamos outra vez ás epopêas das conquistas portuguezas.

Francisco de Sá de Menezes, filho de João Rodrigues de Sá e de D. Antonia de Andrade, seguiu a vesania aristocratica, trocando o seu nome heraldico pelo de Frei Francisco de Jesus, em 1642, em Bemfica, onde morreu em 1644; escreveu o poema em oitava rima sobre a *Malaca conquistada,* no estylo das chronicas rimadas de Francisco de Andrade ou Rodrigues Lobo. Por muito tempo lhe assignaram o primeiro logar depois dos *Lusiadas.* Bernarda Ferreira de Lacerda escreveu os Argumentos que acompanham os cantos da *Malaca conquistada.*

Bernarda Ferreira de Lacerda, «tambem *Leitôa,* filha de Ignacio Ferreira Leitão, chançarel-mór» como escreve o auctor da *Miscellanea,* continuou a corrente das epopêas sobre a antiga historia da Hespanha na sua *España Libertada,* em castelhano, que foi recebida com assombro, como o declara Miguel Leitão de Andrada: «obra excellente, e tal, que se *não sabe outra de mulher,* que possa ser sua comparação.» A segunda parte foi esperada com anciedade; n'este poema a regularidade da metrificação substitue a individualidade.

Braz Garcia de Mascarenhas, nasceu em 1596, e pela sua vida extraordinariamente accentuada, revela uma individualidade vigorosa, que se reflecte no seu talento poetico. Frequentava em 1616 a faculdade de leis em Coimbra, quando por uma questão

de amores foi preso na cadêa da portagem, e d'alli se evadiu homisiando-se em Hespanha. Depois de perdoado embarcou-se em Cadiz para regressar a Lisboa, quando o navio foi aprisionado pelos piratas de Argel, que foram em seguida tomados por um navio hollandez; Braz Garcia de Mascarenhas foi desembarcado em uma praia de Sevilha, d'onde depois seguiu viagem para o Porto. Interrompida a sua carreira litteraria resolveu ir para o Brazil; dirigiu-se para a Bahia, e tendo escapado de um naufragio, seguiu para Olinda militando contra os hollandezes sob o commando de Mathias de Albuquerque. Ao fim de nove annos de combates na defeza de Pernambuco, regressou a Portugal em 1663; envolvido em uma rixa, por terem espoliado seu irmão do priorado da Sam Salvador da Travanca, homisiou-se em casa de Jacintho Freire de Andrade, á espera de ensejo para expatriar-se. A revolução de 1640 rebenta, e Braz Garcia de Mascarenhas fórma a Companhia dos leões, occupa Pinhel e trata de repellir da Beira os hespanhoes. D. João IV nomeou-o governador da praça dos Alfaiates, na fronteira; a rivalidade de D. Sancho Manoel, fez com que o prendessem no castello de Sabugal, e uma carta que elle escrevera a um amigo de Madrid, do tempo do seu homisio appareceu a proposito para o accusarem de traidor. Isto bastava para ser enforcado; Braz Garcia de Mascarenhas representou a D João IV a sua innocencia recordando as letras de um *Flos Sanctorum*. A fórma da communicação era commovente, e o rei apesar de vêr traidores em todos os que o serviam, mandou soltal-o. Braz Garcia de Mascarenhas voltou para a sua villa de Avô, e no remanso de tantos desalentos escreveu o poema *Viriato tragico*, que ficou inedito ao tempo do seu fallecimento em 8 de agosto de 1656. A escolha do assumpto tem uma grande analogia com o caracter do poeta, porém a submissão ás regras culteranistas annullaram os impetos espontaneos d'esta bella individualidade.

Como o *Viriato tragico* estava inedito, em 1671 publicou o desembargador André da Sylva Mascarenhas um plagiato com o titulo de *A destruição de Hespanha, restauração summaria da mesma*, em que põe em verso a historia de Dom Rodrigo com a intervenção de Venus, Plutão e Jupiter, em nove cantos em oitavas. O poema do Viriato só foi conhecido do publico em 1699.

O poema do desembargador era preambulo para um poema dos Milagres da Virgem da Lapa, que não chegou a apparecer. Fizeram-se traducções de outros poemas, como a *Jerusalem Libertada,* por André Rodrigues de Mattos; as *Eclogas* e *Georgicas* de Virgilio por Leonel da Costa, em verso solto: «por ser verso, como diz Rengifo, na sua *Arte poetica hespanhola,* cap. 41, o que responde ao heroico latino...» Tambem traduziu as *Comedias* de Terencio. João Franco Barreto traduz a *Eneida* em oitava rima, com muitos versos dos *Lusiadas:* «Do mesmo Camões acharão em esta minha obra muitos versos e logares inteiros, e o fiz de proposito, porque como elle os tirou de Virgilio, cujas partes eu fazia, pareceu-me bem restituir-lh'os...»

c) *Pateos das Comedias.* — *Comedias de capa e espada.* — Por Alvará de 9 de abril de 1603, Philippe III concedeu ao Hospital de Todos os Santos a mercê de se representarem comedias logo depois da quaresma, ficando a censura delegada aos desembargadores do paço. Eram estes privilegios concedidos por dez annos, mas por Alvará de 10 de novembro de 1612 ficaram indefinidamente exclusivos do Hospital de Todos os Santos. Representavam-se as comedias em *Côrros,* ou segundo a designação hespanhola, em *Pateos;* conheceu-se o *Pateo das Fangas da Farinha,* de 1588 a 1633, o *Pateo da Bitesga,* de 1591, e o *Pateo das Arcas* ou da *Praça da Palha,* onde se concentrou a nossa actividade dramatica desde o fim do seculo XVI até ao seu incendio em 1698. As representações eram dadas por companhias ambulantes vindas de Hespanha, como a do celebre Escamilha, e o gosto publico só admittia comedias escriptas em castelhano, como se vê pelo *Florilegio* de Padre Bento Pereira, escripto em 1655: «Todos los dias resuenan en los teatros de Lisboa la discrecion de sus Comedias; en todas las fiestas que en las Iglesias d'este Reyno se celebran, con sus Coplas, Villancicos y Motetes se alientan las armonias.» Francisco Rodrigues Lobo attribue ao costume hespanhol o dividirmos os actos das comedias em *Jornadas.* Era justificada esta influencia, porque então o theatro estava dominado pelas creações imponentes de Lope de Vega, de Cervantes, Calderon, Tirso de Molina, Luiz de Belmonte, Guevara e Ruiz de Alarcon, que de vez em quando tratavam nas suas *Co-*

medias famosas assumptos da historia portugueza. Entre a grande pleiada dos escriptores dramaticos hespanhoes figuram com vantagem poetas portuguezes, taes como João de Mattos Fragoso, o alferes Jacintho Cordeiro, Antonio Henriques Gomes e Manoel Freire de Andrade, que escreveram em castelhano. N'este genero, o unico poeta dramatico verdadeiramente nacional é Pedro Salgado, soldado nas guerras da independencia portugueza. Reduziu a dramas muitos successos da campanha, taes como o *Dialogo gracioso de Terracuça* e o *Hospital do mundo,* postoque imperfeitamente metrificados.

Simão Machado, nas suas *Comedias de Diu,* e de *Alfêa,* fez o syncretismo das comedias hespanholas de *capa y espada* com a fórma popular dos *Autos* de Gil Vicente. Usa de *tramoyas,* nas suas mutações maravilhosas; acabou por se metter a frade. Na eschola de Gil Vicente ainda figuram Pires Gonge, Clemente Lopes, D. Francisco Manoel e Rodrigues Lobo; o Auto do *Dialogo de tres Pastores,* de Frei Antonio da Estrella, tornou-se popular. O *Tratado da Payxão,* pelo Padre João Ayres de Moraes, é um documento em que se observa o vicio de culteranismo corrompendo a expressão ingenua dos Autos populares. Bernardim Ferreira de Lacerda, Soror Maria do Céo, José Corrêa de Brito, e Manoel Thomaz imitam os Autos sacramentaes, proseguindo a degradação da fórma dramatica até ás banalidades da *Musa entretenida,* collecção publicada por Manoel Coelho Rebello.

2.º As Tertulias e Academias litterarias. — O movimento scientifico realisado fóra das Universidades, accentua-se no seculo XVII pelo desenvolvimento das *Academias* particulares, ou *Institutos* que vieram a receber dos governos a consagração official. Em Inglaterra, já sob o protectorado de Cromwel, alguns *philosophos* reuniam-se para investigarem os phenomenos da natureza; em França, Richelieu e Colbert aproveitaram estas iniciativas particulares, fundando a Academia franceza e a Academia das Inscripções e Bellas-Lettras. Ao novo criterio scientifico deu-se o nome de *Philosophia natural,* e *naturalistas* aos sabios que nos seus estudos experimentaes desprezavam a auctoridade da tradição acceitando só os resultados da razão. Nos paizes em que pre-

dominava a intolerancia catholica, esta emancipação dos espiritos era combatida, e o ensino publico mantinha-se estavel no velho humanismo, bem como as Academias conservaram um exclusivo caracter litterario. Foi preciso o decurso de um seculo para que em Portugal se fundasse uma Academia de sciencias; as Academias seiscentistas, além de corromperem a litteratura portugueza, foram deploraveis instrumentos de apathia mental.

a) *As Academias dos Generosos e dos Singulares.* — Dava-se na Italia o nome de *Academia* a uma simples reunião de poetas e cantores; assim começou tambem em Portugal a *Academia dos Generosos*, porventura como effeito do grande desenvolvimento que a musica teve na côrte de D. João IV, a qual influiu na poesia pela fórma dos *Tonos, Motetes* e *Villancicos*. Foi a *Academia dos Generosos* fundada por D. Antonio Alvares da Cunha, trinchante-mór de D. João IV, guarda-mór da Torre do Tombo, e um dos solicitos investigadores dos ineditos de Camões. Celebravam-se as sessões em casa de D. Francisco Manoel de Mello, e desde 1647 a 1688 em casa do proprio fundador, aos domingos. Nas obras de D. Francisco Manoel de Mello vem algumas das theses que se discutiam n'esse cenaculo rhetorico, e os discursos que aí se recitavam. Pertenceram á Academia dos Generosos os principaes escriptores do seculo XVII, mas infelizmente esterilisou-os um tal meio; eram na maior parte fidalgos, e preferiam escrever em castelhano. As theses que discutiam são deploraveis. Em uma sessão academica, D. Francisco Manoel de Mello disserta sobre: *el descontento de alguns Autores quexosos de los princepes por falta de premio.* E para bajular o principe herdeiro, toma-se: *Por assumto academico cuya lei era mostrar em pocas estancias como la gloria de los reales Alfonsos pide la pluma de mejores Tassos.* A poesia tornou-se um artificio insensato, de anagrammas, obeliscos, acrosticos, labyrintos, em fórmas de pyramides, como o usavam os eruditos italianos. Eis como D. Francisco Manoel abriu uma sessão dos *Generosos:* «Que é isso? Hoje é domingo? Hoje é o celebre dia do nosso celebrado ajuntamento? Hoje é o dia em que eu devo ostentar alguma generosa Oração ao generoso auditorio dos nossos Generosos? Sim. Hoje é este dia. Tal é hoje minha obrigação, e minha maior divida; etc.» Depois da morte do

trinchante-mór a Academia foi renovada por seu filho D. Luiz da Cunha; n'ella floresceram o Conde da Ericeira, o Conde de Tarouca, o Marquez de Alegrete, que transportaram para o seculo XVIII a paixão pelas academias litterarias nos seus palacios.

A *Academia dos Singulares,* instituida em outubro de 1663 por Pedro Duarte Ferrão, deixou cinco volumes de trabalhos das suas sessões, documento palpavel da perversão das ideias litterarias da epoca; d'esta tertulia diz D. Francisco Manoel, no dialogo da *Visita das Fontes:* «Famosa Academia de Lisboa, que se chamou dos *Singulares* por ser a primeira que se celebrou n'esta cidade á imitação dos *Illuminados, Insensatos, Lyricos* da Italia em Urbino, Padua e Roma.» (p. 203). D'entre os seus membros destacam-se os nomes de André Rodrigues de Mattos, que traduziu a *Jerusalem libertada,* o Padre João Ayres de Moraes, auctor de um auto hieratico *Tratado da Paixão,* Antonio Serrão de Castro que deixou a longa e inintelligivel satyra em redondilhas *Ratos da Inquisição,* Manoel de Galhegos, conhecido pela *Gigantomachia* e *Templo da Memoria.* De ordinario as ephemerides do paço eram o unico thema da versificação academica; e em Hespanha os reis chegavam a visitar estas tertulias, sendo por isso uma gloria o pertencer ao numero dos seus socios. Philippe IV visitava a celebre Academia poetica de Sebastiano Francisco de Medrano, á qual pertencia Manuel da Silveira, auctor do poema epico *El Macabeo.* Manoel de Faria e Sousa procurou debalde entrar para a Academia de Medrano, escrevendo por despeito as *Noches claras,* contra as Academias: «Cuantos poetas reviensan por ver divulgados sus nombres en letras de molde, ó por menos tener entrada en las Academias, piensan algunos que tienen mejor silla en el Parnaso; como si acá por fuera nos no diseran en obras el lugar que les cabe.» A abundancia de poesias sem idéas não correspondia a nenhuma necessidade moral da sociedade. Faria e Sousa, clama na Parte III da sua *Fuente de Aganippe:* «Ya se tienen por escusados livros de rimas por ser tantas; no malas si, que por muchas, a ser buenas, no pudiera ser.» No fim desculpa-se de ter escripto a maior parte dos seus versos em castelhano: «Algo se verá en portuguez de cada suerte de rima por no negar a mi lengua, teniendo un justo sentimento de que

no me vea en nuestro reyno, para no escrivir en otra: bien que hay en ella muchos, que estando en el escriviendo en la castellana muestran claramente que no saben ninguna. Duélome que siendo tan parecidas estas dos lenguas, no se entienda la portugueza en Castilla.» Os versos que compõem todas as partes da *Fuente de Aganippe* são mediocres, postoque Lope de Vega considerasse bastante o auctor. Tambem em 1634 escreveu Manoel de Galhegos no prologo do *Templo da Memoria:* «A lingua portugueza, como não é hoje a que domina, esqueceram-se d'ella os engenhos; e quem agora se atreve a saír ao mundo com um livro de versos em portuguez, arrisca-se a parecer humilde; pois escreve n'uma lingua cujas phrases e cujas vozes se usam nas praças: o que não deixa de ser embaraço para a altiveza que as palavras de que menos usamos soam bem e agradam em razão da novidade, e por isso os rhetoricos lhes chamam peregrinas.»

As festas religiosas das canonisações, dos oragos, das eleições de abbadessados eram o principal objecto da poesia em congressos academicos chamados *Certamens;* o tio de D. João IV, D. Duarte, Marquez de Franchilla, foi juiz em um Certamen poetico por occasião da canonisação de Santa Isabel, tendo por adjunto Lope de Vega. Foi talvez do conhecimento das poesias d'este D. Duarte, que veiu o attribuir-se ao infante D. Duarte, irmão de D. João IV, o livro de poesias que se diz andar publicado em nome do seu secretario João Bautista de Leon. Quando em Portugal constou a morte desgraçada do infante D. Duarte, a Universidade de Coimbra celebrou um Certamen poetico onde já figurou Braz Garcia de Mascarenhas com um *Labyrinto,* que mereceu o primeiro premio, porque se lia por todos os lados com diversos sentidos.

Onde se caracterisam bem os vicios do Culteranismo é na celebre collecção de poesias lyricas *A Phenix Renascida,* colligida por Mathias Pereira da Sylva; alli se lê uma curiosa satyra contra essa aberração litteraria, parodiando o estylo:

Do quarto globo a gema nunca avara
Que tem por casca o céo, nuvens por clara,
Nunca ninguem tal disse,

Não vi mais descascada parvoice!
Grande cousa é ser *Culto*,
Fingir chimeras, e fallar a vulto.
Mas sempre ouvi dizer d'esta poesia,
Que vestido de imagem parecia,
Pois quando vemos o que dentro encobre,
Quatro páos carunchosos nos descobre.
Faça-lhe a *culterana*
Muy bom proveito á lingua castelhana;
Que a phrase portugueza por sezuda,
Por prezada e por grave não se muda.
Não se occulta entre *cultas* ignorancias,
Pois toda é cultivada de elegancias.
Mas porque me não digas, *culto* amigo,
Que do ovo a metaphora não sigo.....

Esse amigo de Frei Antonio das Chagas, e que guardava os versos da sua mocidade, Frei Antonio Vahia, auctor do Soneto *Ao Girasol* a quem chama « aguia das flores, » é um dos que melhor caracterisa essa monomania das metaphoras; a falta de sentimento e a consciencia da falsidade da linguagem levava-os para o estylo *picaresco*, applicado aos cantos de devoção e ás odes sobre os triumphos das armas portuguezas nas luctas da independencia. No genero *picaresco* destaca-se Diogo de Sousa, ou tambem chamado Camacho, na sua *Jornada ás côrtes do Parnaso* em que chega até á obscenidade. Para elle a tradição litteraria quinhentista, que ainda animou Rodrigues Lobo e D. Francisco Manoel era objecto de irrisão:

Um *Luiz de Camões, poeta torto*,
Que era em cousas de mar este mui visto,
E já comera muita marmelada
Desde o polo de antarctico a Calisto...

No fim de companhia tão lustrosa,
Um *Francisco de Sá* apparecia,
Poeta até o embigo, os baixos prosa.

No *Hospital das Letras* protestava D. Francisco Manoel contra este verso travesso « maldito o mal que lhe tem feito » contra a auctoridade litteraria de Sá de Miranda. A poesia com-

em decadencia, e só no seculo XVIII é que Tolentino comprehendeu a belleza das quintilhas de Sá de Miranda.

b) *Pastoraes e Novellas allegoricas.* — Como as Pastoraes não derivam de elementos tradicionaes, o pedantismo erudito serviu-se d'esta fórma italiana para dar largas ao engenho ou conceitos do culteranismo. Constam estas Novellas quasi sempre de um apaixonado pastor, que desabafa as suas ausencias em prolixos soliloquios; que intermeia as suas prosas calcadas de cansados epithetos com elegias e romances, recitados junto das fontes; outros pastores intervêm para o consolarem, as nymphas escutam-os por detraz dos arvoredos, condoem-se do triste que morre quando por fim e já tarde sabe que é amado. O fundador do genero foi Jorge de Montemór, que soube infundir interesse n'estas situações insipidas, animando-as com allusões aos seus amores por uma dama de Valencia de San Juan; os seus imitadores eram geralmente nullos, e sem factos importantes na vida, cahiram n'esse refinamento de linguagem que caracterisa o *Pays du Tendre.* As Pastoraes que ainda merecem attenção intitulam-se *O Desenganado, Pastor peregrino,* e *Primavera,* de Francisco Rodrigues Lobo. Produz um cansaço invensivel essa prosa cheia de imagens e comparações, e entremeada de versos simulando a simplicidade popular em contraste com a pompa declamatoria dos soliloquios. Debalde se procura algum traço autobiographico, alguma referencia a costumes. A novella *Ribeiras do Mondego,* de Gloy de Sá Souto Mayor, segundo a affirmação do seu auctor, disputa a prioridade do genero ás Pastoraes de Rodrigues Lobo, por já se achar escripta quando estas foram dadas á estampa. Com o desenvolvimento do genero perde-se a noção do senso commum; é o que se conclue da leitura da novella pastoral *Desmaios de Maio em sombras do Mondego,* por Diogo Ferreira Figueiroa, criado do Duque de Bragança em Villa Viçosa, em dos paços escreveu em 1636 essa imbecil semsaboria; tem ainda menos valor essa outra novella *Crystaes da Alma, frases do coração, rhetorica do sentimento e amantes desalinhos,* de Gerardo Escobar, publicada em 1672. Todas estas novellas foram escriptas em Coimbra. O *Alivio de Tristes* e *Retiro de Cuidados* do padre Matheus Ribeiro, de 1688, os *Infortunios tragicos da Con-*

stante Florinda do Padre Gaspar Pires Rebello, de 1665, o *Serão politico,* de Felix Castanheira Turacem, e o *Peralvilho de Cordova,* em que Matheus da Silva Cabral continúa o *Bacharel Trapaça,* de Solorzano, não abusam tanto do ludibrio do bom senso, mas tambem não se inspiram do elemento tradicional, que ainda no seculo XVII tornava bastante lidos os *Contos* de Trancoso. O gosto das Novellas pastoraes allegoricas representava uma corrente do espirito publico, e como tal os jesuitas aproveitaram na logo; essa admiravel allegoria ingleza do anabaptista Bunyan o *Pilgrim Progress,* acha-se desfigurada ou imitada na allegoria catholica do padre Alexandre de Gusmão, *Historia do Predestinado peregrino e de seu irmão precito,* cujo valor se limita a terminar um veio litterario que era desconhecido. O *Peregrino da America,* de Nuno Marques Pereira é tambem uma allegoria. Ainda se escreveram novellas de cavalleria, como as continuações do *Palmeirim de Inglaterra,* por Balthazar Gonçalves Lobato, e Gonçalo Coutinho, mas a execução de Cervantes fez desapparecer totalmente um genero em que a acção se tornava ridicula e a exuberancia da rhetorica.

c) *As Tragicomedias dos Jesuitas.* — No regulamento escolar dos Jesuitas, ou *Ratio Studiorum,* estabelecem-se exercicios litterarios de composição e declamação; nas festas da Companhia representavam-se nos Collegios extensas peças dramaticas, escriptas em hexametros latinos sobre assumptos biblicos, e que eram levadas á scena com grandes córos e decorações, em dois e tres dias. As Tragicomedias tornaram-se o meio faustoso para celebrar as visitas regias e os casamentos dos principes. A tragicomedia mais celebre foi a que se representou na recepção de Philippe II em Lisboa em 1619; intitula-se *Real tragicomedia do Descobrimento e conquista da India,* composta pelo mestre de rhetorica Padre Antonio de Sousa. Existe um grosso volume, ou Rimance de Mimoso Sardinha, em que se descreve a riqueza do seculo e a pompa do espectaculo. No Index Expurgatorio de 1624 proibiram os Autos nacionaes, para melhor impôrem a sua boa creação theatral. As tragicomedias converteram-se em *Opera* (1656) com musica, quando nos fins do seculo XVII, se fizeram primeiras tentativas para a introducção da *Opera* na côrte

cal de D. João IV, onde pelas relações de protecção que recebia da França começamos a imitar os *Ballets*, da côrte de Luiz XIII.

§. II

Tentativa de reforma dos Estudos philologicos

Emquanto o methodo *alvaristico* e a syntaxe rhetorica de Sanches dominavam absolutamente os estudos humanistas, já as ideias de Bacon sobre a Grammatica geral se disseminavam pela Europa provocando a renovação do criterio philologico. Bacon formúla as seguintes phrases, que encerram uma das maiores descobertas realisadas pelo nosso seculo: « Em verdade, seria obra preciosa aquella em que um homem que conhecesse perfeitamente o maior numero de linguas scientificas e vulgares, tratasse das propriedades de cada uma, mostrando os defeitos de cada qual... Basta-me distinguir a Grammatica simples e elementar da *philosophica*, e notar que esta, que ainda está por nascer, é digna da nossa attenção. » Em Portugal, já em 1619 publicava Amaro de Reboredo o seu *Methodo grammatical para todas as linguas*, cujas doutrinas se derivam ou são um presentimento das theorias de Bacon. Quer Reboredo, que se estude primeiramente o portuguez para se ter melhor intelligencia do latim: « Para o que fôra de muita importancia crear-se uma cadeira de lingua materna, ao menos nas Côrtes e Universidades... Saberão os principiantes por arte em poucos annos e melhor a lingua materna, que sem arte mal sabem por muitos annos, com pouca certeza, a poder de muito ouvir e repetir... e serão mais certos e apontados no que fallam e escrevem, terão mais copia de palavras e usarão d'ellas com mais propriedade. Porque, por falta de regras, ainda nas Côrtes e Universidades se fallam e escrevem palavras necessitadas de emenda. Saberão por regras de compôr e derivar, ampliar a lingua materna e ajuntar-lhe palavras externas com soffrivel

corrupção e fórmar outras de novo; para que com menos rodeios se possam explicar os concertos e as sciencias quando nas maternas se queiram explicar. Porque a pobreza das maternas na traducção de livros gregos e latinos e na declaração de especulações philosophicas se manifesta. Saberão fugir de palavras externas ainda não recebidas, quando tem proprias, por não mostrarem que a lingua é mais pobre... O principiante que passar por este Methodo para as outras linguas, tem meio caminho andado... Como por exemplo: quem souber bem por Arte a Portugueza e Castelhana, descorrendo na Latina por semelhança irá descobrindo um concerto, propriedade e metaphora racional, e ainda as regularidades e particulares modos de fallar, que o ignorante vulgo introduziu: os quaes são certas quebras da arte, que se muito arreigadas devemos usar. A razão é, que os Latinos e homens com os quaes concordamos na racionalidade, que encaminha o entendimento e lingua a declarar o que sentimos: e ainda que as palavras sejam diversas, assi cada uma per si, como estas juntas, na rasão da phrase comtudo, a unica racional e em todos é a mesma. » A reforma philologica proposta por Álvaro de Reboredo, foi, segundo o grammatico Gomes de Mesquita, « tão attendido como os vaticinios de Cassandra. » [1] Os grammaticos procuraram reduzir as regras da lingua materna ás da lingua castelhana; os jesuitas, como Bento Pereira, transportaram do latim para o portuguez o vocativo, o modo potencial, os gerundios e supplementos de supino. Em geral faziam-se divagações rhetoricas sobre as qualidades da lingua portugueza.

Em 1631, Alvaro Ferreira de Vera publica uma *Orthographia e modo para escrever certo na lingua portugueza*, conciliando com o modo material da transcripção da palavra os factos organicos das modificações dos sons e fórmas da lingua. Aqui encontra no trabalho de Ferreira de Vera uma observação importante: a incerteza da formação do plural dos nomes acabados em *ão*. Incapaz de comprehender o criterio historico, Ferreira de Vera fixa a formação d'esses pluraes submettendo a lingua portugueza á grammatica castelhana: « E porque no formar dos

[1] *Mon. da Lingua latina*, p. 354.

dos nomes, cujos singulares são em *ão*, se embaraçam muitos sem saberem se hão pronunciar e escrever *cidadães, cidadões* ou *cidadãos; villães, villões* ou *villãos; cortezães, cortezões* ou *cortezãos*, farei aqui regra geral para esta pronunciação e escriptura: Todas as vezes que na lingua portugueza acabar qualquer nome em *ão*, avendo duvida na fórma do plural, *veja-se como termina na lingua castelhana*, porque se acaba em *an* faz o plural (cerca dos Castelhanos) em *anes*, como: *capitan, capitanes, gavilan, gavilanes, alleman, allemanes*. E assi forma sempre sem exeição alguma o Portuguez o singular em *ão* e o plural em *ães; capitão, capitães; gavião, gavião; allemão, allemães.* » E prosegue comparando os pluraes castelhanos *anos* e *ones* com os portuguezes em *ãos* e *ões*. (fl. 25 *v.*) Sob o dominio hespanhol os grammaticos lisonjeavam por esta fórma os invasores; já Duarte Nunes de Leão, que alardêa a Philippe III a protecção que recebera sempre de Philippe II, explica o phenomeno historico da mudança das fórmas dos nomes em *om* para *am*, no fim do seculo XV pela « analogia e respeito que a lingua portugueza vae tendo com a castelhana; que sempre onde a castelhana diz *an* ou *on*, que é sua particular terminação, responde a portugueza com aquella pronunciação de *ão*, que succede em lugar da antiga terminação dos portuguezes de *om*, que punham em logar de *an* ou *on* dos castelhanos. » [1] A falta de criterio historico no estudo da lingua portugueza, levava a procurar explicações em uma lingua que obedecia ás mesmas leis da degeneração phonetica latina. O jesuita Bento Pereira, em 1655, « renovando a memoria dos annos que professou letras humanas » compoz um *Florilegio dos modos de falar e Adagios da lingua portugueza*, no qual traz uma *Prosodia del Idioma portuguez a su hermana la lengua castelhana*, qual ridularisa os philologos portuguezes que derivam a lingua patria das sessenta e duas falladas na confusão da torre de Babel, e propõe a derivação tanto do castelhano como do portuguez da lingua latina. Na *Grammatica da lingua portugueza*, que publicou em 1672 em Londres, e escripta em latim, o Padre Bento Pereira seguindo as opiniões do Dr. Manuel Luiz, tambem

1 *Orthographia da lingua portugueza*, p. 29.

da Companhia, acha na lingua portugueza vocativo no pronome *Eu,* genero neutro nos pronomes *Isto, Isso,* admitte nos verbos modo potencial, gerundios e supplementos de supinos, e reduz a syntaxe a regras de concordancia. [1] A syntaxe figurada fazia comprehender a Grammatica como uma rhetorica, e sob este ponto de vista do humanismo jesuitico os philologos fizeram longas declamações sem valor; João Franco Barreto escreve em 1671 a *Orthographia da Lingua portugueza* pobremente calcada sobre o opusculo de Ferreira de Vera, a quem copía na regra de formação dos pluraes dos nomes acabados em *ão,* e levanta sobre o uso dos accentos e perigos da amphibologia essa ridicula questão dos litteratos do seculo XVII, que se encarniçaram para determinar a hora do Sonho de Dom Manoel, nos *Lusiadas.* (*Op. cit.* p. 207.) Na *Côrte da Aldêa,* Francisco Rodrigues Lobo, expande-se em amplificações sem critica: « A lingua portugueza, assim na suavidade da pronunciação, como na gravidade e composição das palavras é lingua excellente... É branda para deleitar, grave para encarecer, efficaz para mover, dôce para pronunciar, breve para resolver, e accommodada ás materias mais importantes da pratica e escriptura... Tem de todas as linguas o melhor: a pronunciação da latina, a origem da grega, a familiaridade da castelhana, a brandura da franceza, a elegancia da italiana. E... (*Dial.* I.) A mesma vacuidade rhetorica apresenta Manuel Severim de Faria, no *Discurso das partes que hade haver na linguagem para ser perfeita; e como a Portugueza as tem todas e... mas com eminencia de outras linguas.* Alvaro Ferreira de Vera deixou ainda outro documento d'esta erudição banal dos rhetoricos seiscentistas e que prova a decadencia dos estudos humanitas sob a férula jesuitica; nos *Breves louvores da Lingua portugueza com notaveis exemplos da muita semelhança que tem com a latina,* conclue: « que não ha na Europa lingua, tomada nos termos em que hoje a vêmos, mais digna de ser estimada pela historia que a Portugueza: pois ella entre as mais é a que menos palavras descobre móres conceitos, e a que com menos deios e mais graves termos dá no ponto da verdade. Os esp...

1 *Gram.* de Lobato, Intr., p. XIX a XXV.

mais distinctos, como Antonio de Sousa Macedo, nas *Flores de España,* repetiam este thema das excellencias da lingua portugueza, começado no seculo XVI por Pedro de Magalhães Gandavo no *Dialogo em defensão da lingua portugueza,* e Alvares d'Oriente na *Lusitania transformada.* (liv. II, prosa 6.) O vicio capital na fórma do ensino do latim reflectiu n'esta disciplina grammatical portugueza; a Grammatica do Padre Manoel Alvares foi modificada por Sanches, na sua *Minerva* com a subserviencia rhetorica, e os factos grammaticaes explicavam-se pela figura *ellipse,* e todas as difficuldades se venciam por meio de redundancias ou amplificações. Ainda no seculo XVIII Cruz e Silva chasqueava no *Hyssope* esta erudição clerical: (Canto VII)

> Vérte em mão portuguez do Tridentino,
> Com o que, e repetir alguns exemplos
> Da *longa, jesuitica Syntaxe,*
> Passa entre os seus por homem consummado.

Um nome longo tempo ignorado, representa a grande e verdadeira erudição do seculo XVII em Portugal; é Vicente Nogueira, (1586-1654) que viveu no estrangeiro homisiado pelas perseguições do Santo Officio, (1631) e do qual existe uma vasta correspondencia com os sabios mais illustres, e por via de quem vieram para Portugal as obras mais revolucionarias. [1]

a) *A Eloquencia sacra.* — Os sermões foram no seculo XVII em Portugal, o que eram as Comedias para a sociedade hespanhola; era o pulpito o unico logar onde havia liberdade para dizer tudo. No celebre sermão da Sexagesima, prégado por Vieira em 1653, estabelece-se esta relação entre os Sermões e as Comedias: « antigamente prégavam bradando, hoje prégam conversando... *os ouvintes vem ao sermão como á comedia,* e ha prégadores que vem ao pulpito como á comedia. Uma das felicidades que se contava entre as do tempo presente, era acabarem-se as comedias em Portugal; mas não foi assi: não se acabaram, mudaram-se, passaram-se do theatro para o pulpito. Não cuideis que encareço

[1] Sobre este sabio existem trabalhos de Morel-Fatio, que revelam a sua importancia no estrangeiro, e de Graça Barreto sobre as suas Cartas.

em chamar comedias a muitas prégações que hoje se usam.» O proprio Vieira era arrastado n'esta corrente do gosto publico, e a alta aristocracia mandava deitar de manhã tapetes na egreja de Sam Roque, para ir ouvil-o á tarde. O sermão apresentava dois aspectos, que o tornavam appetecido: umas vezes era cheio de allusões politicas, outras impressionava pelos effeitos theatraes que inventava o prégador. O Padre Manoel Bernardes caracterisa estas fórmas: «O que mui ordinariamente ouvimos aos Prégadores d'este tempo são dictames politicos e razões de estado, tocando nos vicios dos que governam, talvez com demasiada clareza e individuação, e por ventura para saborear a gente popular sempre queixosa.» [1] O Padre Vieira, em uma Carta de 1675, caracteriza o outro genero de Sermões de effeito, descrevendo a fórma das prédicas de Frei Antonio das Chagas: «Haverá dois ou tres annos começou a prégar apostolicamente exortando á penitencia mas com cerimonias não usadas dos Apostolos, como mostrar no pulpito huma caveira, tocar uma campainha, tirar muitas vezes um Christo, dar-se bofetadas, e outras demonstrações semelhantes, com as quaes e com a opinião de Santo, leva após si em Lisboa, prega principalmente na Igreja do Hospital, concorrem fidalgos e senhoras em grande numero, e huma vez lançou do pulpito entre ellas o crucifixo a que se seguiram grandes clamores e com isto se entende que o dito prégador tem na mão os corações de todos e os poderá mover a quanto quizer...» A linguagem dos Sermões reflecte todos os defeitos litterarios do seiscentismo, contra os quaes reclama o Padre Manoel Bernardes: estylo em que se tratam é tão acceiado, tão sumido em discrição, tão estafado de lumes rhetoricos, tão pendurado de correspondencias de palavras e periodos, que não póde o serio e espiritual assumpto lograr a sua efficacia.» (*Op. cit.*, p. 333.) O Padre Vieira, que tanto abusou das allusões politicas, e dos equivocos teteranistas, como na celebre imagem do *homem-pó*, ataca tambem o vicio das agudezas de engenho dos prégadores: «Um estylo empeçado, um estylo tão difficultoso, um estylo tão affectado, estylo tão encontrado a toda a arte e a toda a natureza? O

[1] *Ultimos fins do homem*, p. 329.

lo ha de ser muito facil e muito natural. Por isso Christo comparou o prégar ao semear... É uma Arte sem arte, caia onde cahir... Assi hade ser o prégar. Hãode cahir as coisas e hãode nascer: tão naturaes que vão cahindo, tão proprias que venham nascendo. Que differente é o estylo violento que hoje se usa. Vêr vir os tristes passos da Escriptura como quem vem ao martyrio: uns vem acarretados, outros vem arrastados, outros vem despedaçados, só atados não vem... Este desventurado estylo que hoje se usa, os que o querem honrar chamam-lhe *culto;* e os que o condemnam chamam-lhe escuro, mas ainda lhe fazem muita honra. O *estylo culto* não é escuro, é negro boçal e muito cerrado. É possivel, que somos portuguez, e havemos de ouvir um prégador em portuguez e não havemos de entender o que diz? Usa-se hoje o modo que chamam *apostillar o Evangelho*, em que tomam muitas materias, levantam muitos assumptos;... prégam o alheio e não o seu. » Bernardes enumera o conteudo dos Sermões seiscentistas em geral: « Mais, o que ouvimos são graças indecentes, apodos, chistes e historiasinhas ridiculas, especialmente nas tardes de Quaresma e menhã de Ressurreição. Finalmente o que ouvimos são questões de theologia escholastica, de que os ouvintes quasi todos ficam em jejum; como succedeu em uma occasião, que tratando o Prégador com grande subtileza da *graça efficaz,* ficaram os ouvintes persuadidos que eram louvores a uma Santa chamada Graça Efficaz, e vieram perguntar pela sua vida e milagres. São fabulas gentilicas, panegyricos floridos, encarecimentos enormes e fóra de toda a semelhança de verdade, comparações e preferencias de Santos entre si, injuriosas aos mesmos Santos, e tudo semeado de discrições poeticas, por agradar ao vulgo com o prurito dos ouvidos, que reprehendeu Sam Paulo. » (*Ib.,* p. 331.) O papa Innocencio XI, ordenou ao seu Nuncio em Portugal, Francisco Nicolini: « que avisasse aos Superiores regulares que puzessem aos Prégadores seus subditos preceitos de obediencia *para que não prégassem conceitos e floreios...* » Foi o aviso communicado em 1688, e acrescenta o Padre Bernardes: « porém não me parece que se guarda. » (*Ib.,* p. 318.) Tambem a questão jesuitica da *graça efficaz* tinha sido prohibida por Paulo V, mas continuava no pulpito como thema de subtilezas. Nas ordens mo-

nachaes desviou-se o prurido rhetorico para theses apparatosas, ás quaes ainda no seculo XVIII allude Diniz no *Hyssope*.

O typo mais completo do prégador no seculo XVI é o Padre Antonio Vieira, cuja personalidade se mistura com as intrigas diplomaticas para a defeza do throno de Dom João IV e para a usurpação da soberania de Dom Affonso VI para seu irmão Dom Pedro II. O Padre Antonio Vieira nasceu em Lisboa em 1608, tendo em 1615 de acompanhar seus paes Christovam de Oliveira Ravasco e D. Maria de Azevedo, para a cidade da Bahia de Todos os Santos. Alli recebeu educação nas Escholas dos Jesuitas, e por elles seduzido vestiu a roupeta com pouco mais de quinze annos de edade. Em 1641 voltou a Portugal na commissão que vinha declarar a D. João IV que o Brazil adherira á restauração nacional. Revelou-se então como um extraordinario prégador, e entrou na intimidade do paço, communicando-lhe o rei a cifra secreta dos seus embaixadores. D. João IV confiou-lhe varias missões secretas, sendo uma d'ellas a de 1647, em que o rei abandonava Portugal, indo com mulher e infante para o Brazil, ficando o Duque de Longueville governando Portugal na menoridade do principe D. Theodosio desposado com sua filha. Em outro projecto de casamento apparece Vieira, como no da infanta D. Catherina com D. João da Austria, 1647, e do principe D. Theodosio com a infanta de Castella, incorporando-se assim Portugal na Hespanha, segundo as instrucções dadas por D. João IV em 1550. [1] A acção politica de Vieira, em tanta evidencia, levou a Companhia a pretender expulsal-o, para salvaguardar-se da responsabilidade das intrigas diplomaticas. Sob o governo de Affonso VI e acção do Marquez de Castello Melhor, os Jesuitas foram repellidos da governação, como o sustenta o historiador Muller; [2] Vieira entrou no plano da deposição do monarcha, sustentando no espirito popular a esperança da vinda do *Encoberto*, que era D. Pedro II; assim commentara as Prophecias de Bandarra, sobre o *Quinto Imperio*, primeiramente na expectativa de que D. João IV

[1] J. Francisco Lisboa, *Obras*, t. IV, p. 161. É o trabalho mais completo e perfeite que existe sobre o Padre Vieira. — [2] *Hist. universelle*, t. II, p. 221.

ou D. Luiza de Gusmão fundariam no Brazil um Imperio novo sob a direcção da Companhia, e depois na reivindicação da preponderancia da Companhia passando a corôa para o *Encoberto*, ou D. Pedro II. Tal foi a causa da perseguição que lhe promoveu o Santo Officio, em cujos carceres esteve preso em Coimbra. A sua actividade como missionario no Maranhão, como agente diplomatico nas varias côrtes da Europa, a sua vastissima correspondencia politica, e flexibilidade de talento, fazem-no a testemunha historica de um seculo, morrendo com perto de noventa annos em 1697.

D'entre a multiplicidade dos oradores sacros destacam-se outros, como Balthazar Paes, Balthazar Limpo, Frei Philippe da Luz, Frei Christovam de Lisboa, Frei Antonio Feo, mas em todos a ingenuidade da crença está substituida pelo appello aos recursos da rhetorica.

b) *Chronistas e Historiadores.* — A fórma litteraria da historia não escapou á perversão do estylo culteranista, e a sua concepção soffreu desde que os narradores, que colligiam os factos nos logares da acção e tomavam parte nos acontecimentos, foram principalmente frades, escrevendo na apathia da clausura e para cumprirem o preceito da obediencia. A ornamentação do estylo tornou-se o seu exclusivo cuidado.

Frei Luiz de Sousa, é de todos os Chronistas do seculo XVII o mais celebrado, attribuindo-se-lhe o maior purismo na dicção portugueza. Escreveu a *Vida de Frei Bartholomeu dos Martyres,* e a *Chronica de Sam Domingos;* porém d'estas obras apenas lhe pertence o estylo, porque os materiaes de investigação historica tinham sido amontoados pelo desconhecido Frei Luiz de Cacegas, fallecido, segundo Barbosa Machado, em 1616, o qual tinha percorrido o paiz por mais de vinte annos. Os superiores da ordem dominicana, conhecendo os talentos cultos de Frei Luiz de Sousa, excellente poeta latino, mandaram que se lhe entregassem os manuscriptos de Cacegas, para que os apurasse e os vestisse com a exposição rhetorica. Contava Frei Luiz de Sousa pouco mais de sessenta annos, essa edade apathica em que o dizer toma uma fórma conceituosa e auctoritaria. Liberto do trabalho das investigações, que tanto ensina ao historiador a critica da importancia

e vitalidade dos factos, entretinha-se Frei Luiz de Sousa descansadamente a arredondar phrases, e a soprar as simples narrativas de Frei Luiz de Cacegas. No emtanto confessa quanto deve ao ignorado obreiro: « Frei Luiz de Cacegas, a cujo nome e trabalho se deve *a parte mais substancial* da presente escriptura, e dos outros dous volumes... » E accrescenta: « Serviram-me os seus caminhos para eu poder escrever assentado, quieto e escondido no canto da cella... » [1] Sobre o valor de Frei Luiz de Sousa como chronista, transcrevemos o testemunho insuspeito do seu melhor biographo, D. Francisco Alexandre Lobo: « Estes Chronistas quasi nunca são muito habeis, e raramente podem ou se atrevem a sair da esphera que o costume, a authoridade dos superiores, as ideias na corporação dominantes lhes tem assignado. A fundação dos Conventos ou Mosteiros, o descahimento e reformas, as vidas espirituaes e reformas dos alumnos, enchem totalmente a dita esphera; de ordinario os casos politicos e ainda militares com que estes se prendem, as alternativas da litteratura, as causas do descahimento, os meios sabios e efficazes de reforma, são deixados com descuido muito digno de censura. Não accusarei, arguirei Frei Luiz de Sousa de ir aqui pela vereda dos mais Chronistas: Sei que não foi o arbitrio seu... Mas nem por isso deixarei de confessar, que a sua Chronica é n'esta parte de poucas, postoque com algumas excepções similhante ás outras, que não deve servir de exemplar no tocante á selecção dos factos graves e momentosos, que podem interessar e aproveitar a grande numero de leitores. » [2] Eis a severa opinião do Bispo de Vizeu sobre a *Chronica de Sam Domingos*.

Sobre a *Vida de Frei Bartholomeu dos Martyres*, tão inconscientemente admirada, falla o citado Bispo de Vizeu citando a sua falsidade historica: « o Arcebispo, que na maior parte dos sos representa um honrado principe da egreja, aqui e alli parece sómente um frade rasteiro; e fora melhor que o oraculo de Tosto, o desenganado e intrepido conselheiro do Vaticano ou de Avedere se não mostrasse comendo as couves grosseiras em tigela escudella nas choupanas de Barroso. Eu creio que Frei L...

[1] *Chr. de Sam Domingos*, P. II, liv. 4, c. 7. — [2] *Obras*, t. II, ...

Sousa errou n'esta parte por seguir os papeis de Cacegas... » (*Ib.*, p. 153.) Frei Luiz de Sousa serviu-se d'estas pequenas anecdotas do arcebispo para encobrir as manchas da sua individualidade historica, que apparecem de um modo miseravel nos documentos da terrivel epoca da perda da nacionalidade portugueza. Em hostilidade com Roma, por não lhe acceitarem as decisões do Synodo que celebrou em Braga em 1566; em demandas contínuas com o seu cabido; em conflicto com a jurisdicção secular, não consentindo que entrasse em Braga uma alçada mandada por Dom Sebastião; em recriminações contra D. Catherina por ceder a regencia ao Cardeal Dom Henrique, o celebrado Arcebispo está longe de ser essa figura extactica repintada por Frei Luiz de Sousa. Elle se oppoz ao movimento de resistencia nacional no Minho, exercendo a sua auctoridade moral e religiosa em fazer reconhecer Philippe II, refugiando-se em Tuy desde que viu que lhe era momentaneamente impossivel oppôr-se á corrente patriotica, e vindo ás côrtes de Thomar com os Arcebispos de Evora e Lisboa reconhecer a soberania do invasor. Frei Luiz de Sousa calava a verdade historica acobertando a sua deficiencia com as flôres recortadas do estylo culto. Philippe IV, por carta de 20 de outubro de 1627 escolheu-o para redigir a *Chronica de D. João III;* como o que se pretendia de Frei Luiz de Sousa era sómente o estylo, trataram de poupal-o a todo o trabalho de investigação; o secretario Francisco de Lucena mandou-lhe um livro dos despachos de Pero de Alcaçova, Dom Luiz Lobo deu-lhe um manuscripto das cousas de Africa; Manuel Severim de Faria offereceu-lhe uma *Chronica de D. João III* esboçada por Antonio de Castilho, as notas diplomaticas de Pero de Alcaçova, e uma *Chronica de Arzilla* por Pedro de Andrade Caminha. Para escrever os seus *Annaes de Dom João III,* achados em um sotão da Bibliotheca das Necessidades e impressos em 1844, consultou o Chronista-mór de Hespanha Gil Gonsalves d'Avila: « que lhe parece bem escrevermos por annos, ao modo como escreveu o chronista delrei Dom João II de Castella, cujas obras vimos e lemos, e é de estimar. » Herculano, que publicou esses *Annaes,* diz que o manuscripto é « cheio de muitas emendas, *mais de estylo e de linguagem,* que de outra cousa; quanto aos successos da India resu-

me João de Barros, e os da metropole « são pouco mais que uma série de apontamentos. »

Jacintho Freire de Andrade, que já nas poesias se manifestara um exagerado cultista, como historiador é um palavroso, que em vez do encadeamento dos factos busca o effeito das apostrophes, dos discursos póstos na bocca dos capitães á maneira de Tito Livio. Assim, depois de Frei Luiz de Sousa, é o estylista mais admirado pelos sectarios da tradição humanista dos collegios jesuiticos. Para comprazer com o Inquisidor geral D. Francisco de Castro, escreveu Jacintho Freire, abbade de Sambade e de Santa Maria das Chans, a *Vida de Dom João de Castro, quarto Visorei da India.* Sobre o estylo d'este inchado panegyrico, escreve D.r Francisco Alexandre Lobo : « Um estylo tão discreto, tão agudo, tão affectado, não diz com um heróe tão grave; diria melhor, por exemplo, com *Persiles e Segismunda.* Quer ser eloquente o auctor e não é senão inchado. A larga oração de Coje Çofar nem tem verosimilhança, nem tem em varios rasgos senso commum... Até o numero e cadencia das palavras em todo o livro são pouco entendidos, porque fogem do que é dado á prosa, e vão entrar no que pertence á poesia. A cada paragrapho e quasi a cada oração topamos com versos. » (*Ib.,* t. II, p. 164.) É d'este livro que ainda hoje se extrahem os themas escholares.

Quando os Chronistas não tinham a preoccupação do estylo, unica fórma da sua individualidade, plagiavam as relações manuscriptas; assim as *Doze excellencias da China,* escriptas pelo missionario portuguez Padre Gabriel de Magalhães, em 1668, e mandadas traduzir para francez pelo Cardeal d'Estrées, com o titulo *Nouvelle Relacion de la Chine,* acham-se incluidas no *Vergel de plantas e flores* de Frei Jacintho de Deus, (de p. 149 a 264) titulo verdadeiramente culteranista para um livro de historia. [1]

Dom Francisco Manoel de Mello. — É o unico escriptor seiscentista, que apresenta uma elevada concepção da historia, influindo na fórma pittoresca e viva das suas *Guerras da Catalunha.* Ninguem na Europa o egualava no vigor das narrações e no exa-

[1] Sousa Viterbo : *Achado bibliographico — As Doze excellencias do Imperio da China.*

s causas moraes dos factos, com um criterio aprendido na
sal como parte activa nas revoluções, como victima das ar-
edades, como prudente nas missões diplomaticas, e como
nte poeta, com o dom de animar o que se passou ante seus
u o que o impressionou profundamente. Como o que revela
riador é o criterio, por isso aqui se menciona o auctor das
iphoras, apesar de ter escripto em castelhano a *Historia*
uerras da Catalunha. Philarète Chasles avalia assim este
« A simplicidade viril do estylo, alheio aos ornamentos ri-
s com que a poesia se arreiava então; a liberdade dos jui-
vigor com que os caracteres se desenham, são dignos do
pto. Vê-se alli uma nação selvagem combatendo pelos seus
s, governando-se a si propria, completamente republicana
costumes, catholica pelas crenças, monarchica pelo habito,
s vezes esmagada pelo inimigo, mas nunca abatida. — Os
iagens do drama collocam-se todos em relêvo; conheceil-os;
a ouvil-os; acha-se alli o movimento dramatico de Thucy-
e de Herodoto, sem esforço, sem imitação da antiguidade.
mstancias analogas produzem communs resultados; esses ho-
proferiram esses discursos assim; comportaram-se por essa
; verdade, pujança, eloquencia, interesse energico sobre
eatro acanhado, pintura animada dos costumes catalães;
as politicos naturalmente deduzidos do jogo das paixões e
rso dos successos: estes meritos numerosos deveriam ter fi-
a attenção sobre um livro que desgraçadamente appareceu
primeira vez em Portugal, em um paiz então pouco littera-
que se precipitava rapidamente para a decadencia. » [1] Os
nhoes contam D. Francisco Manoel entre os seus grandes
tores.

apparecimento dos primeiros *Jornaes* em Portugal deveria
fluido algum tanto na fórma da redacção historica; em de-
o de 1641 appareceu o primeiro periodico com o titulo de
a, e durou pelo menos até septembro de 1647. Dava noti-
s acontecimentos do paiz, principalmente das novidades da
a entre Portugal e Hespanha; taxava-se em seis reis cada

Voyage d'un critique — ESPAGNE, p. 283.

folha. Seguiu-se-lhe o *Mercurio portuguez,* redigido pelo secretario de estado Antonio de Sousa Macedo, publicando-se mensalmente desde 1663 até 1667; tinha em vista as noticias da guerra da fronteira e desmentir as falsas informações que as folhas volantes hespanholas propalavam ácerca de Portugal. Faltaram-nos as Revistas litterarias, usuaes em todas as nações da Europa.

c) *Os Moralistas.* — No seculo XVII a moral apresenta um caracter secular, por effeito do conhecimento das *Maximas* de La Rochefoucauld, dos *Caracteres* de La Bruyère; estuda-se de preferencia o homem nas suas relações humanas. Pertencem a este genero philosophico e litterario o interessante livro *Arte de furtar,* attribuido geralmente ao Padre Vieira, e por inferencia critica a Thomé Pinheiro da Veiga. Encerra noticias preciosas sobre costumes portuguezas. A *Carta de guia de Casados* de D. Francisco Manoel de Mello é inapreciavel pela graça do estylo e pelos bellos traços descriptivos da vida domestica portugueza. Cita-se o *Casamento perfeito,* de Diogo de Paiva de Andrade, sobrinho do celebrado prégador quinhentista, Parada Leitão e outros.

As *Cartas da Religiosa portugueza* são o documento psychologico mais verdadeiramente sentido que a alma portugueza apresenta no seculo XVII. São cinco Cartas escriptas por uma mulher reclusa em um convento de Beja a um official francez, o Conde de Saint Leger, vindo a Portugal por ordem de Luiz XIV, que do mandou soccorrer-nos contra uma nova invasão na fronteira do Alemtejo em 1663. O erudito Boissonade descobriu em uma Nota manuscripta do seu exemplar das *Cartas* o nome da dama que as escrevera: « Sobre o meu exemplar da edição das *Cartas portuguezas,* de 1669, ha esta nota, de uma lettra que me é conhecida: *La Religieuse qui écrit ces Lettres se nommait* Marine Alcoforado, *religieuse à Beja, entre l'Estremadure* et l'Andalusie. *Le chevalier à qui ces Lettres étaient écrites était le* Comte *de Chamilly, dit alors Comte de Saint Leger.* » [1] Pela noticia do Nobiliario compilado por Cabedo, Aguilar e Monterroyo, sobre

[1] *Journal de l'Empire,* du 5 janvier 1810. — Vide o nosso estudo mais desenvolvido na *Era Nova,* sobre as *Cartas da Religiosa portugueza*

genealogia dos *Alcoforados* de Beja, se authenticam as Cartas de Marianna em todas as suas referencias; aí se nomeia o irmão que lhe facilitou a remessa das Cartas, Francisco da Costa Alcoforado, companheiro de armas do Conde de Chamilly, e casado com D. Brites Montes, á qual tambem alludem as Cartas como confidente da Religiosa; pela citada genealogia se vê que Marianna *entrara muito cedo* para o mosteiro da Conceição de Beja, onde era professa sua irmã mais velha D. Peregrina. Embora as Cartas só existam em francez na traducção de Couilleraque, de 1669, revelam a construcção da syntaxe portugueza, e a Europa as recebeu como a revelação mais perfeita do genio portuguez. Não devem passar despercebidas na historia litteraria, sobretudo quando através d'ella se procura a expressão de caracter nacional. A influencia politica da França na restauração de 1640 prolongou-se sob differentes aspectos, já da imitação dos Ballets, já nos habitos da vida sumptuaria e ideias economicas dos nossos estadistas. É na actividade litteraria onde essa influencia melhor se caracterisa.

QUINTA EPOCA

(SECULO XVIII)

OS ÁRCADES

§. I — **O pseudo-classicismo francez:**

1.º A protecção official na litteratura:
- a) Reforma da Lingua portugueza — O *Vocabulario* de Bluteau.
- b) Fundação da *Academia de Historia.*
- c) Os Ericeiras — A *Academia dos Occultos* e as origens da Arc. *Ulyssiponense.* — A Opera e o Cesarismo.

2.º Reacção contra o humanismo jesuitico:
- a) Verney e o *Verdadeiro methodo de estudar.*
- b) Estado da Poesia portugueza antes da Arcadia.
- c) As *Cartas* do Cavalheiro de Oliveira, e do Abbade Antonio da Cu.

§. II — **As reformas pombalinas sob o influxo dos Economistas francezes:**

1.º A *Arcadia Ulyssiponense* — Sua organisação e Catalogo dos seus socios.
- a) Garção, Diniz, Quita e Manoel de Figueiredo. — Imitação i *Lutrin* de Boileau.
- b) Dissidentes da Arcadia: A Guerra dos Poetas.
- c) Associações litterarias. — João Xavier de Mattos.

2.º O Intolerantismo sob Dona Maria I.
- a) Tolentino e Filinto — José Anastacio da Cunha.
- b) A Arcadia ultramarina — Poetas mineiros.
- c) As Cartas de Beckford — O poema *Reino da Estupidez.*

§. III — **O negativismo encyclopedista em Portugal:**

- a) Fundação da *Academia real das Sciencias:* O Duque de Lafões, Corrêa da Serra, Brotero.
- b) *Nova Arcadia* — Bocage e José Agostinho de Macedo.
- c) A crise revolucionaria em Portugal: As Tragedias philosophicas de Voltaire, e os theatros particulares — Transição para o Romantismo.

§. I

O pseudo-classicismo francez

O seculo XVIII em Portugal apresenta-se na litteratura com aspectos complexos, que logicamente se comprehendem e explicam, desde que se relacionem com a corrente intellectual e politica da Europa. Durante a epoca da Renascença, a França cedeu á Italia o seu logar na hegemonia do Occidente; abandonando as tradições medievaes pelo estudo e imitação dos monumentos greco-romanos, os seus humanistas tiveram de supplantar os escriptores italianos, vindo sómente no seculo XVII a impôrem-se como modelos de um renovado classicismo. Nas luctas religiosas do

testantismo, a Casa de Austria, servindo a unidade catholica, adquiriu essa extraordinaria preponderancia politica, que Richelieu conseguiu demolir, nas largas intrigas e luctas que terminaram na paz de Westphalia. Luiz XIV, continuando esta politica, foi levado pela ambição pessoal a explorar a unidade catholica entregando-se aos jesuitas e tornando-se o instrumento de perseguições religiosas; a litteratura, sem a liberdade de consciencia, limitou-se á imitação das obras-primas da antiguidade, e á bajulação servil do rei que absorvia a nação na sua personalidade: *L'État c'est moi*. O despotismo de Luiz XIV, e a pompa official da sua côrte reproduziam-se nas outras côrtes da Europa, e a litteratura franceza era lida e admirada como a expressão da grandeza exterior, que mascarava uma intima decadencia. Os outros monarchas tambem procuravam proteger *officialmente* a litteratura, desconhecendo que os escriptores da pleiada que dera nome ao *Seculo de Luiz* XIV ou eram anteriores a esse reinado, ou foram n'elle desconhecidos ou perseguidos. A verdadeira influencia intellectual da França do seculo XVII, manifesta-se nas doutrinas philosophicas de Descartes, foragido da sua patria, e na lucta doutrinaria da moral dos Padres de Port-Royal còntra os Jesuitas, que dirigiam o ensino público francez.

A politica da restauração da nacionalidade portugueza, levara Castello Melhor, pelo casamento de Dom Affonso VI, em 1666, a aproximar a côrte portugueza da côrte faustosa de Luiz XIV; imitou-se em Portugal a vida dissoluta palaciana, os Jesuitas arvoraram-se em omnipotentes senhores d'este pequeno estado, onde nunca mais depois de Dom Pedro II se convocaram as Côrtes. É durante o longo reinado de Dom João V, que em Portugal se macaqueiam os habitos faustosos da côrte de Luiz XIV, a ponto de serem combatidas as modas francezas na pragmatica do monarcha. O rei protege officialmente a litteratura, formam-se academias á maneira da de França, e a auctoridade de Boileau é transportada para Portugal pelo Conde da Ericeira, que lhe traduz a sua *Poetica*. A primeira metade do seculo XVIII em Portugal manifesta-se como um arremêdo tardio da cultura do seculo anterior em França; a *Academia de Historia portugueza* parodiava a *Academia das Inscripções e Bellas Lettras*, nas suas investigações

eruditas, e a *Arcadia* reagindo contra o máo gosto do Seiscentismo culteranista, procurava na imitação do pseudo-classicismo francez os modelos para a renovação da litteratura portugueza. É assim que Pina e Mello imita João Baptista Rousseau, Garção imita-lhe as *Cantatas,* Diniz imita o *Lutrin* de Boileau, Candido Luzitano traduz a *Athalia* de Racine, o capitão Manuel de Souza traduz o *Telemaco* de Fénelon.

Com esta corrente de imitação mais ou menos inconsciente, apparece a necessidade da adhesão ao espirito scientifico das Academias do seculo XVII; Jacob de Castro Sarmento não consegue ver admittida em Portugal a sua traducção do *Novum Organum Scientiarum* de Bacon, encommendada por Dom João V, mas em algumas ordens religiosas inaugura-se o estudo da lingua franceza juntamente com a mathematica e physica, substituem aos commentarios aristotelicos as novas doutrinas de Descartes, Gassendi e Locke, vindo esta nova crise intellectual portugueza a irromper em toda a sua força na obra de Verney, *Verdadeiro methodo de Estudar,* onde se faz o duro processo ao systema pedagogico dos Jesuitas. A acção dos Padres de Port-Royal contra os Jesuitas é sustentada em Portugal pelos Padres da Congregação do Oratorio, de quem Pombal veiu a servir-se quando na expulsão da Companhia seguiu os planos do ministro francez Choiseul.

O influxo dos Economistas francezes apparece dirigindo as reformas do ministro de Dom José, como as doutrinas dos Enciclopedistas penetram por seu turno, quando apesar do intolerantismo do reinado de Dona Maria I, o Duque de Lafões, coadjuvado por Corrêa da Serra, funda a *Academia real das sciencias* de Lisboa, em 1779. É certo que em Portugal os homens de Letras não exerceram a acção politica, que tanto os caracterisa em França, mas cooperaram em grande parte na dissolução do regimen catholico-feudal, e a crise revolucionaria da França acabou penetrou pela litteratura ferozmente perseguida pelo Intendente Manique.

1.º A protecção official na Litteratura. — As Academias seiscentistas, em uma sociedade sem representação politica, e

a espionagem das consciencias e da censura do pensamento, continuavam a subsistir automaticamente, como um meio de distracção entre pessoas cultivadas. Em 1696 inaugurara o Conde da Ericeira, Dom Francisco Xavier de Menezes, uma Academia, intitulada *Conferencias discretas;* era composta da mais selecta aristocracia, que tinha a monomania da erudição latina, e as reuniões celebravam-se aos domingos na Livraria do conde. Tinham por fim as Conferencias discretas «examinar e resolver questões physicas e moraes; e para maior elegancia da prosa e poesia nacional, decidia as difficuldades que se propunham sobre a significação dos vocabulos da sua lingua.» [1] O Conde da Ericeira, sabia que a *Sociedade real de Londres* recebera protecção official em 1660, como a *Academia franceza* a recebera do governo em 1635; todos os que procuravam em Portugal a restauração das Lettras confiaram na protecção official como o talisman maravilhoso para fazer brotar o talento, transformar-se a lingua e brilhar a poesia. O cesarismo comprehendia que para gosar e dar perstigio ao poder era conveniente *gastar,* e por complacencia estender ás tertulias culteranistas um raio da sua opulencia concedendo-lhes favor official. O auctor do *Antidoto da Lingua portugueza,* publicado em 1710, appella para a intervenção official do monarcha para que se aperfeiçôe a lingua nacional: «se alguma pessoa de auctoridade fallar ao nosso monarcha sobre a reformação da nossa lingua, mui facilmente se moveria o seu generoso animo a fazer-nos tocante a este negocio algum favor tão grande que parecesse dos maiores que um principe póde fazer a seus vassalos, e que por isso bem se podesse contar entre as acções memoraveis de sua magestade, e as mais dignas do amor paterno que nos deve mostrar, e da summa propensão e benevolencia com que nos deve favorecer.» (*Op. cit.,* 416.) Tal era o criterio da philologia. O ensino publico estava atrophiado sob o terrivel Edital de 1703, dos Jesuitas do Collegio das Artes de Coimbra, e elles eram os ministros e directores espirituaes do monarcha. A primeira iniciativa de reforma litteraria partiu de um estrangeiro, o P.e Blu-

[1] Bluteau, *Vocabulario,* vb.º ACADEMIA.

teau, e o ataque franco contra o humanismo jesuitico realisou-se em Roma pelo portuguez Luiz Antonio Verney.

a) Reforma da Lingua portugueza. — O Vocabulario de Bluteau. — No *Antidoto da Lingua portugueza,* confessa Mello da Fonseca, que no seu tempo se julgava a lingua portugueza inferior á castelhana pela « grande frequencia com que usamos do dipthongo *ão,* faz a nossa lingua mui tosca e grosseira. Isto confesso que nunca n'ella me parecem bem; mas nem basta que eu a julgue inferior a alguma das vulgares, nem cuido, como cuidam geralmente todos os portuguezes, que é irremediavel este defeito. » E em seguida propõe a substituição das fórmas em *ão* adoptando o nominativo latino; assim substituia *solidão* por *solitude, mansidão* por *mansuetude,* etc. Bluteau tambem nos revela, que em 1727, se imaginava que a lingua portugueza era « casualmente formada de varios fragmentos da lingua mourisca e castelhana. » Bluteau, logo que chegou a Portugal, interessou-se pelo estudo da lingua portugueza: « No anno de 1668, cheguei a este reino, e desde aquelle tempo, raro foi o dia em que não me aproveitasse de alguma noticia da lingua portugueza. » No fervor do seu estudo, que começou por formar catalogos de palavras, diz elle: « Tambem houve quem com rustica simplicidade me disse, que não merecia a lingua portugueza tanto trabalho. A rasão d'este disparate é, que na opinião da maior parte dos estrangeiros, a lingua portugueza não é lingua de per si, como é o francez, o italiano, etc., mas lingua enxacôca, e corrupção do castelhano, como os dialectos, as linguagens particulares das provincias, que são corrupções das linguas, que se falla na côrte e cabeça do reino... Sobre esta errada aprehensão tenho tido grandes debates com estrangeiros de porte e litteratos. A rasão em que se fundam, é que muitos vocabulos portuguezes são radicalmente castelhanos, mas truncados e diminutos; falta que (segundo elles dizem) denota a sua pouca derivação. » Bluteau recebia cadernos de palavras colligidas sobre dadas especialidades pelos principaes homens cultos, taes como o Marquez de Alegrete, o Conde da Ericeira, José Soares da Silva, o cosmographo Manoel Pimentel, os Padres Antonio dos Reys, D. José Barbosa, D. Jeronymo Contador de Argote, D. Manuel Caetano de Sousa, e

outros muitos. Nenhum diccionarista tornou a pôr em pratica o processo de Bluteau para fixar no lexico a parte *oral* da lingua portugueza. Bluteau passou a França para imprimir o *Vocabulario;* como ensaio deu á estampa na impressão real do Louvre um volume de Sermões, e diante do preço e dos erros de trabalho, regressou a Portugal quando se quebrou a paz com a França. Julgaram-no espião, e foi mandado custodiar no convento de Alcobaça, onde durante tres annos retocou continuamente o *Vocabulario.* Pelo favor official de Dom João V, é que foi terminada a impressão do *Vocabulario:* « Se com auxilios do real erario não acudira V. M., *no meio da carreira parava a obra,* e a suspensão d'ella era por agora uma especie de suffocação e morte para a lingua portugueza. » E torna a referir-se ao favor official: « foi acabado no reinado de um monarcha tão amante das lettras, que do seu motu proprio e por essa ingenita munificencia lhe deu, para sair á luz, preciosos alentos. » A riqueza da lingua era desconhecida; o seu conhecimento era a primeira condição para a transformação da litteratura; o proprio Bluteau confessa: « depois de ajuntar os materiaes para esta obra, eu mesmo fiquei admirado e juntamente opprimido da multidão de vocabulos que achei nos Authores antigos e modernos. » Quando mais tarde a Arcadia tentou restaurar a Poesia portugueza, Francisco José Freire, pelas *Reflexões da Lingua portugueza,* aproximou os litteratos do conhecimento dos escriptores mais considerados das differentes épocas.

b) *Fundação da Academia de Historia portugueza.* — Foi esta corporação constituida com os socios da *Academia dos Anonymos* e com os membros das *Conferencias discretas,* as quaes duraram desde 19 de fevereiro de 1696 até ao tempo da guerra em 1703. Nasceu da iniciativa particular do Conde da Ericeira, que reunia os academicos no seu palacio do largo da Annunciada; em uma Oração panegyrica do quarto Conde da Ericeira se lê: « Por emulação dos Scientes de França, ou com o exemplo do Cardeal de Richelieu, que no anno de 1635 estabeleceu em Paris a *Academia franceza,* formou o Conde outra com o titulo de *Portugueza,* no seu palacio na Annunciada. » (Or., p. 8.) Para solemnisar os annos de Dom João V, em dia de S. João Evange-

lista, em 1719, pediu a rainha ao Conde da Ericeira para celebrarem no paço uma sessão da *Academia portugueza*; concorreram os varios litteratos, recitaram discursos e odes, e o rei lisongeado dignou-se conceder-lhes patrocinio official, mandando que se regulamentasse a Academia portugueza, tomando-a sob a sua protecção em 4 de novembro de 1720. A primeira sessão solemne sob o titulo de *Academia real da Historia portugueza*, celebrou-se em 9 de dezembro de 1720, tendo além dos quarenta socios da primeira fundação mais outros dez escolhidos pelo rei. Choveram os favores officiaes sob a douta corporação; pela Carta regia de 11 de janeiro de 1721 é a Academia authorisada a reclamar das Camaras e Cartorios do reino Noticias para os seus estudos; por Alvará de 20 de agosto do mesmo anno prohibe-se tendo em vista a Academia, desfazerem-se edificios, estatuas, moedas, medalhas e mais monumentos antigos; pelo decreto de 20 de outubro, é auctorisada a nomeação de certos paleographos para tirarem da Torre do Tombo as cópias necessarias para os academicos; porém o principal favor do monarcha, foi o Decreto de 29 de abril de 1722, isemptando da censura prévia e de licenças do Desembargo do paço as obras dos membros da Academia. Os impressos sumptuosos dos trabalhos academicos, bem revelam a mão esbanjadora que levantou o convento de Mafra, apezar de todos os vicios de uma apparatosa erudição, deu a esta Academia os trabalhos monumentaes da *Bibliotheca lusitana* de Diogo Barbosa Machado, a *Historia genealogica da casa real* por D. Antonio Caetano de Sousa, as *Memorias de Dom João* por José Soares da Silva, e as *Memorias e Noticias da Ordem dos Templarios*, do Dr. Alexandre Ferreira.

Uma das dotações esplendidas de Dom João v ás lettras portuguezas foi a fundação da Bibliotheca da Universidade de Coimbra; começou a ser construida a 10 de abril de 1712, e foi concluida durante o anno de 1728, tendo custado sessenta e quatro contos, seiscentos e vinte e dois mil reis, e em compra de livros quatorze contos, trezentos e oitenta e cinco mil reis. Ao conde Nuno da Silva Telles, por provisão regia de 31 de outubro de 1716, foi approvada a compra que fez para esta Bibliotheca da livraria de Francisco Barreto, pelo preço de quatorze mil cruzados

Dom João V estendeu a sua desvairada protecção á Academia poetica *Arcadia de Roma,* que no seu começo celebrava as sessões no palacio da phantastica rainha Christina; deu-lhe o capital para fundar um palacio proprio, e recebeu o titulo de pastor *Albano*. O Conde da Ericeira, que era a alma das academias litterarias, tambem foi eleito árcade romano, com o nome bucolico de *Ormano Palisco;* outros portuguezes figuram na lista dos seus socios, como Ignacio Garcez Ferreira, com o nome de *Gelmedo,* José Peres de Macedo de Sousa Tavares com o de *Libenio Orentejo;* Luiz Antonio Verney com o de *Verenio Orgiano,* e bem assim o beneficiado Francisco Leitão Ferreira, Philippe José da Gama, Padre Seraphim Pitarra, etc. Estavamos em Portugal alheios ao movimento scientifico do seculo XVII, e por isso toda a actividade era dispendida na continuação das tertulias culteranistas.

c) *Os Ericeiras. — A Academia dos Occultos, e as origens da Arcadia Ulyssiponense.* — A illustre familia dos Condes da Ericeira, tão rapidamente extincta, distinguia-se pelo seu fervor litterario e pelas suas opulentas bibliothecas; Dom Francisco Xavier de Menezes, quarto Conde da Ericeira, sentia a necessidade de reagir contra o culteranismo seiscentista, que dominava na propria Arcadia de Roma, e procurava abrir curso ao pseudo-classicismo francez, tornando Boileau conhecido e admirado em Portugal. Elle proprio traduziu em versos portuguezes a severa *Poetica* do dictador do Parnaso; agradecendo-lhe a remessa de um exemplar, escrevia Boileau, na sua Carta XIV: « Dizei-me antes, como fizestes para me perceber tão bem, e para alcançar na minha obra até essas cambiantes que eu julgava que só podiam ser sentidas por gente nascida em França, e que vivesse na côrte de Luiz o Grande.» O Conde da Ericeira mandára-lhe tambem versos seus escriptos em francez, dos quaes Boileau dizia: «Não ha n'elles de estrangeiro senão o vosso nome, e não ha em França homem de bom gosto que não quizesse tel-os escripto.» Esta corrente franceza, seguida mais tarde por novos reformadores litterarios, Garção, Diniz, Candido Lusitano e outros, não vencia a monomania culteranista, que dominava nas outras Academias que precederam a *Arcadia Ulyssiponense;* taes eram

as Academias dos *Anonymos*, a que presidia José Freire Montarroyo Mascarenhas, dos *Escolhidos*, dos *Applicados*, que se celebrava na cella do Padre Cenaculo, dos *Particulares*, dos *Unidos*. Nas *Memorias historicas*, de Cenaculo, referindo-se a esta época lê-se: «no reino dominava o calor das Academias de Bellas-Letras, das quaes umas foram acabadas pela critica ou invectivas mal soffridas.» (t. II, 180). Vegetações ephemeras d'este calor apparecem outras academias, como a *Problematica* de Setubal, a *Scalabitana*, a *Pastoril*, a dos *Aventureiros de Santarem*, a dos *Abandonados*, os *Conformes Lisbonenses*, a *Sertoria*, a *Mariana* da villa de Bellas, os *Obsequiosos* de Sacavem, etc.

O Conde da Ericeira falleceu em 1744 e foi chorado por todas as Academias litterarias; porém novos esforços se fizeram para reagir contra o *espirito de máo gosto*, como então se chamava ao seiscentismo. Fundou-se em 1747 a *Sociedade dos Occultos*, da qual se conhece apenas um folheto de encomios poeticos, mas a sua importancia é-nos revelada por uma Oração recitada na Arcadia, por Garção, onde confessa ter sido ella o germen da *Arcadia Ulyssiponense*: «Poderia ser que a ella (a *Sociedade dos Occultos*) se devesse toda a gloria, se a publica desgraça (o terremoto de 1755) não separasse tão util e tão sabia companhia.» Uma parte dos poetas da *Sociedade dos Occultos* contribuiram com esforços para a fundação da *Arcadia Ulyssiponense*, como tentativa de reacção classica.

A Opera e o Cesarismo. — Em uma sociedade privada de opinião publica, para quem a ordem era a estabilidade mantida pelas forcas do rei e pelas fogueiras do Santo Officio, o theatro que outra cousa poderia ser senão um espectaculo de deslumbramento para a aristocracia, ou a facecia equivoca da farça para o povo? Por esta relação se ligam no theatro do seculo XVIII a *Opera* e a *baixa Comedia*. Á imitação das côrtes mais famosas da Europa, em que a Opera era o principal divertimento cesarista, quiz tambem D. João V gozar este dispendioso divertimento. Á medida que o Cesarismo se tornou mais absorvente, assim se floreceram os theatros regios de Queluz, de Salvaterra, da Ajuda, da Opera do Tejo. As composições dramaticas eram sem valor litterario, assentando o seu interesse na pompa do scenario

machinismo das *tramoias*. Não podiam formar-se artistas dramaticos, porque a profissão de actor era julgada infamante. Havia um elemento *tradicional* para fundar-se a Opera nacional portugueza, mas os compositores desconheceram-no e imitaram a Italia; essa antiga tradição lyrica reapparecera em Portugal na revivescencia da *Modinha* brazileira, da qual escreve Beckford: «Quem nunca ouviu este original genero de musica, ignorará para sempre as feiticeiras melodias que tem existido desde o tempo dos sybaritas. Consistem em languidos e interrompidos compassos, como se faltasse o folego por excesso de enlêvo e a alma anhelasse unir-se a outra alma identica de algum objecto querido. Com infantil desleixo insinuam-se no coração antes de haver tempo de o fortificar contra a sua voluptuosa influencia; imaginaes saborear o leite, e o veneno da sensualidade vae calando no intimo da existencia...» (*Carta VIII.*) Na *Historia da Musica,* Strafford caracterisa technicamente o valor dos *Lieds* portuguezes: «O povo portuguez possue um grande numero de Arias lindissimas e de uma grande antiguidade. Estas arias nacionaes são os *lunduns* e as *Modinhas*. Em nada se parecem com as árias das outras nações, a modulação é absolutamente original. As melodias portuguezas são simples, nobres, e muito expressivas. É para sentir que os compositores portuguezes abandonem o estylo da sua musica nacional para adoptarem a maneira italiana.» [1] A *Modinha* brazileira, sobrevivencia das antigas serranilhas gallezianas, que se acham nos nossos Cancioneiros provençalescos, actuou na renovação do lyrismo portuguez nas composições da *Marilia de Dirceo;* a sua vulgarisação no gosto popular proveiu da representação das *Operas do Judeu,* á influencia das quaes allude Garção:

As portuguezas Operas impressas,
De *Encantos de Medêa; Precipicios*
De Phaetonte; Alecrim e Mangerona;
Em outras nunca achei galanteria.

Eram estas as principaes Comedias do brazileiro Antonio José

[1] Op. cit., p. 265. Trad. franceza.

da Silva, em que retratava typos populares, e nas situações chalas empregava todos os modismos peculiares da lingua portugueza, imitando os costumes e servindo-se por vezes de tradições nacionaes. Macaqueava a comedia italiana do *imbroglio*, parodiava a acção *mythologica*, e para comprazer com a predilecção pela Opera cesarista introduzia em scena a *Modinha* brazileira. Antonio José nasceu no Rio de Janeiro em 8 de maio de 1705, de uma familia de *christãos-novos* longo tempo perseguida pela Inquisição. No pequeno intervallo de liberdade que a Inquisição lhe deixou, escreveu para os theatros do Bairro Alto e Mouraria essas Comedias a que o povo chamou *Operas do Judeu*; sustentaram-se durante um seculo na scena, e ainda hoje fazem rir involuntariamente. A graça portugueza está alli representada na *chalaça*. O talento de Antonio José não chegou a completa maturidade; preso pela segunda vez em 5 de outubro de 1737, foi relaxado ao braço secular pelo Santo Officio em 18 de outubro de 1739, degolado e queimado na fogueira do Auto de fé, como consta do respectivo processo inquisitorial archivado na Torre do Tombo.

A fórma da baixa Comedia, creada por Antonio José, foi continuada por Alexandre Antonio de Lima, que tambem pertencer á *Sociedade dos Occultos*. Depois de Antonio José, o escriptor dramatico mais querido do povo foi Nicoláo Luiz, o creador da *comedia de cordel*, formada com elementos do theatro hespanhol, italiano e francez. A sua profissão de ensaiador do Bairro Alto obrigava-o a fornecer comedias novas para os espectaculos regulares d'aquella empreza. Apenas deixou assignada a comedia dos *Maridos peraltas*, e em recibos a *Constancia da Fortuna* e *Filha obediente*. Representava-se ainda em verso, pela prolongada influencia das *comedias famosas*. Nicoláo Luiz pôz em verso quanto pôde traduzir; a sua comedia mais popular foi a *D. Ignez de Castro*, traduzida de Vellez de Guevara. O ultimo representante d'este genero dramatico, Antonio Xavier Ferreira de Azevedo, deixou persistindo no gosto do povo a farça de *Manoel Mal-*. As grandes despezas com a Opera não provocaram o apparecimento de um poeta lyrico como Metastasio, nem a baixa comedia achou um talento como o de Goldoni para dar-lhe a fórma definitiva.

A atonia mental fazia sentir-se em tudo, quando se reconheceu que o mal provinha da falta de cultura scientifica.

2.° **Reacção contra o humanismo jesuitico.** — No *Ritual theologico* do Collegio das Artes de Coimbra, impunham os jesuitas o seu dogmatismo auctoritario: «Não se defenderão opiniões contra Logica conimbricense; e quando muito se poderá propôr a questão problematicamente, mas poucas vezes.» [1] O jugo aristotelico com que os Jesuitas manietavam as intelligencias nas escholas desde a Renascença, quebrava-se em França pelo esforço dos jansenistas de Port-Royal, que renovavam o ensino pelas doutrinas philosophicas de Descartes. O proprio Luiz XIV, protector dos Jesuitas, teve em 1670 de increpar a Universidade da acanhada rotina dos seus antigos methodos. A Portugal chegaram as doutrinas pedagogicas dos Padres de Port Royal, primeiramente applicadas á Grammatica portugueza por Contador de Argote; em 1718 inicia-se uma renovação dos estudos na ordem franciscana com a introducção das disciplinas mathematicas e physicas; em 1730 outras ordens monasticas, dos Cruzios, Benedictinos e Gracianos, abandonaram o jugo de Aristoteles e Scoto, admittindo no ensino a Philosophia moderna [2] consignada nas obras de Bacon, Descartes, Gassendi, e Locke. Conhecendo quanto o estudo da Medicina estava atrazado no reino, mandou D. João V por via do Conde da Ericeira, consultar em Inglaterra Jacob de Castro Sarmento, qual o modo para restaurar entre nós esta sciencia; o insigne medico propoz a traducção em portuguez do *Novum Organum scientiarum* de Bacon, como a primeira base para a reorganisação da intelligencia. O rei concordou no plano, e começou a imprimir-se a traducção em 1735; os Jesuitas viram minada a sua auctoridade pedagogica, e o rei abandonou miseravelmente a empreza, como se queixa Jacob de Castro Sarmento. [3] A revolução philosophica achava-se então mais adiantada pelos trabalhos de Descartes, e desde que se generalisasse o conhecimento da lingua franceza estava achada a primeira condição para

[1] *Ms. da Mesa Censoria*, ap. Cenaculo, *Mem. hist.*, t. II, p. 136. — [2] *Os Frades julgados no tribunal da Rasão*, p. 86. — [3] Ap. *Compendio historico*, p. 360.

a renovação scientifica. Na biographia de Frei Joaquim de Sa Clara, diz Cenaculo: « Por estes estimulos viu então ser-lhe necessaria a *lingua franceza*, e lh'a facilitar o mestre Lelang chamou ao convento de Lisboa o Padre Barradas como para sa util á Litteratura da provincia e se tirar o aproveitamento que a lingua franceza é capaz em seus bons livros. » As ord monacaes reagiam naturalmente contra a preponderancia jes ca, e os Padres da Congregação do Oratorio tomaram ostensi mente a mesma acção, em Portugal, dos Padres de Port Royal França. Visto no seu aspecto mais geral, este movimento prepara as reformas pedagogicas de Pombal, representa o ap recimento do criterio cartesianista. O que se passava em com Antonio Genuense, e em Hespanha com Feyjó, reprod em Portugal com as celebres Cartas criticas de Luiz Ant Verney.

a) *Verney e o Verdadeiro Methodo de Estudar.* — O das Cartas, onde com todas as fórmas exteriores de respeito los jesuitas se analysa implacavelmente os erros dos seus me dos de ensino, nasceu em Lisboa, a 23 de julho de 1713, Dionysio Verney, francez, e de D. Maria da Conceição An de Penella. Graduou-se em theologia, e mestre em Artes Universidade de Evora, onde foi arcediago, doutorou-se em nones e Direito pela Universidade de Roma. Viajou em 17 com destino á Italia, e em Roma viveu a maior parte da sua vi Alli trabalhava como secretario da legação portugueza jun Curia, e de Roma escrevia as Cartas publicadas em 1747, titulo de *Verdadeiro Methodo de estudar*, pondo em evidenci erros pedagogicos dos jesuitas. Do ensino do latim nas esc *baixas*, pela Grammatica do Padre Manuel Alvares, escr « Sei que em muitas partes onde se explica a *Grammatica* Manoel Alvares, tambem lhe accrescentam algum livrinho; tantos como em Portugal nunca vi. As declinações dos nom verbos estudam pela Grammatica latina; a esta se segue *Cartapacio* portuguez de rudimentos; depois outro para ge ros e preteritos muito bem comprido; a este um de synt

[1] *Panorama*, t. VIII, p. 152.

bem grande (por José Soares, Lisboa, 1684, 4.º); depois um livro a que chamam *Chôrro,* e outro a que chamam *Promptuario,* pelo qual se aprendem os scholios dos nomes e verbos; e não sei que mais livro ha.» A Logica conimbricense era ensinada por outros cartapacios entregues á memoria, as revoltantes *Logica Barreta* e *Logica Carvalha,* usando os mestres do estimulo da pancada. (Op. cit., II, 214.) A Rhetorica ensinava-se por cadernos manuscriptos do Padre Cypriano Soares, de Pomey e Juglar, em exercicios de citações pedantes, declamadas em voz chorosa com accionado comico. O livro de Verney provocou uma extraordinaria reacção da parte dos Jesuitas, que atacaram com furia o *Frade Barbadinho,* pseudonymo do atilado critico, acobertando-se elles com outros pseudonymos, taes como *Frei Arsenio da Piedade* (Padre José de Araujo), Dom *Aletophilo Candido de Lacerda* (Padre Joaquim Rebello), *Theophilo Cardoso da Silveira* (Padre Francisco Duarte), *Theotonio Anselmo Brancanalco,* anagramma de Manoel Antonio de Castello Branco, e *Padre Severino de S. Modesto.* Esta polemica litteraria é um dos factos importantes da nossa historia intellectual no seculo XVIII; os jesuitas sophismaram a defeza. As consequencias da critica de Verney foram immediatas (1750). Os Padres da Congregação do Oratorio obtiveram a Casa e Hospicio de N. S. das Necessidades para abrirem escholas ao publico, e para isso compuzeram novos compendios, alcançando privilegios exclusivos da propriedade d'elles em resolução de 26 de março de 1747 e 18 de abril do mesmo anno. Á medida que a lucta pedagogica proseguia, os Padres do Oratorio iam-se aproximando dos intuitos de Port Royal, e traduzindo os seus principaes livros elementares. O systema *alvaristico,* das escholas dos Jesuitas, levou um golpe mortal no *Novo Methodo para se aprender a Grammatica latina,* do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, que imitou a grammatica de Claudio Lancelloto; por ultimo Pombal, nas Instrucções regias de 1759, mandou adoptar nas aulas publicas, um Resumo do Novo Methodo. Póde-se concluir que as reformas da instrucção publica feitas em 1770 pelo Marquez de Pombal, tomaram por base o *Verdadeiro Methodo de estudar.* Em uma carta de Verney, de 8 de fevereiro de 1786 a um amigo da Congregação do Oratorio, quei-

xa-se elle da falta de reconhecimento pelo seu trabalho; só em 1790 foi nomeado deputado honorario da Meza da Consciencia e Ordens, fallecendo em Roma a 20 de março de 1792.

b) *Estado da Poesia portugueza antes da Arcadia.* — Verney descreve no seu livro monumental o estado mental dos versificadores: «quando escrevem dez versos lhe chamam *Decima*; e quando unem quatorze chamam-lhe *Soneto*, e assim das mais composições. De sorte que compõem antes de saberem o que devem dizer e como o devem dizer... Geralmente entendem que compôr bem consiste em dizer bem subtilezas, e inventar cousas que a ninguem occorressem; e com esta ideia produzem para verdadeiramente monstruosos, e que elles mesmos, quando os examinam sem calor, desapprovam. Os mestres de Rhetorica, em suas escholas se faz algum poema... envergonham-se de poetar em portuguez, e têm por peccado mortal ou cousa pouco decorosa escrevel-o na dita lingua.» (I, 177.) Caracterisando o falso engenho, Verney determina quaes foram as fórmas poeticas mais predilectas da primeira metade do seculo XVIII: «o falso engenho consiste na semelhança de algumas letras, como os *Anagrammas*, *Chronogrammas*, etc., ás vezes na semelhança de algumas syllabas, como os *Eccos*, e alguns consoantes insulsos; outras vezes na semelhança de algumas palavras, como os *Equivocos*; finalmente consiste tambem em composições inteiras, que apparecem com differentes figuras ou pintura...» (p. 179.) E diz da persistencia d'estas fórmas: «aquellas ridiculas composições que tanto reinaram... no fim do seculo XVI e metade do seculo XVII, e desterradas dos paizes cultos, *ainda hoje se conservam em Portugal*.» Attribue Verney a introducção dos poemas *pintados* ao P. Bouhours, quando já os achamos usados por D. Francisco Manuel, louvor da academia dos *Generosos*; falla da estulticia dos poemas *lipogrammaticos*, nos quaes não se empregava uma dada letra do alphabeto. No seu bom senso critico Verney exclama: «Mas como se póde soffrer que homens modernos, e que mostraram discrição em muitas cousas, caíssem n'esta rapaziada, condemnavel até em um rapaz; e que fizessem composições, expressamente para mostrar que sabiam fazer *Ecco*. Eu vi *Eccos* que respondiam em latim e outras linguas, e tive compaixão com o poeta que se

sara com aquillo... Quando eu li algumas das *Jornadas* de Jeronymo Bahia, tive compaixão do dito religioso (escreve em *Equivocos*) e assentei que a jornada que devia fazer era da sua casa para o hospital. Esta sorte de poetas são doidos, ainda que não furiosos,... eu ainda conheço quem o pratíca, e quando se lhe offerece occasião de dizer um *Equivocosinho,*... estes chamados doutos, frades, seculares, sacerdotes e estudantes... etc.» (p. 182.) «Acham-se além d'isso mestres, que fomentam isto, dando premios aos rapazes, que nas escholas ouvindo alguma palavra, descobrem n'ella um *anagramma* puro. Seria isto nada, se se contivesse dentro das escholas; mas o máo é que sáe para fóra e se introduz nos discursos graves...» Vae enumerando outras fórmas insensatas: «Os *Acrosticos,* são primos coirmãos dos *Anagrammas;*... Acham-se engenhos tão mariolas, tão infatigaveis, que no mesmo Soneto põem tres vezes o mesmo nome, duas nas extremidades e uma no meio...» «Mas vulgar é em Portugal outra sorte de engenho falso, a que chamam *Consoantes forçados.* Quando querem experimentar um homem se tem engenho, dam-lhe consoantes estramboticos para que complete os versos, e como isto seja o mesmo que obrigar um homem a que diga despropositos, já se sabe que sáem composições dignas de se vêrem.» (p. 185.) «Tambem os *Labernythos de Letras* são mui mimosos em Portugal... Outros tem por cousa grande fazer *Laberyntos* de quartetos, dispostos em certa figura, de sorte que se lêem por todas as partes, e sempre conservam a mesma consonancia. Outros fazem *versos que se lêem para diante e para traz;* de uma parte fazem um sentido, de outra, outro contrario; empregam n'isto tempo consideravel, não só em fazel-o, mas em decifral-o; e chamam a isto emprego do sublime engenho.» (p. 186.) «Egualmente é estimada n'este paiz uma especie de Sonetos, em que se repete a mesma palavra em todos os versos... Podia citar mil exemplos, mas nenhum melhor que o Soneto que se attribue ao Chagas, e começa: *O tempo já de si me pede conta,* etc.» (p. 187.) Muitas d'estas fórmas eram restos da poetica provençal, outras da italiana, mas a falta de comprehensão do elemento tradicional levava os poetas para o esmero exclusivo da fórma forçando-os a absurdos que hoje vêmos repetidos nos modernos *parnasianos.*

Era contra este atrazado culteranismo que se erigia a *Arcadia Ulyssiponense,* desvairada pelo seu lado com o pseudo-classicismo francez.

c) *As Cartas do Cavalheiro de Oliveira, e do Abbade Costa.* — Dois espiritos superiores se acham n'esta epoca homisiados de Portugal: Francisco Xavier de Oliveira, refugia-se na Hollanda, que era então o asylo de todos os livres-pensadores da Europa, e d'onde veiu o impulso de emancipação mental da geração que formou a Encyclopedia; Antonio da Costa, depois de ter chegado a Roma através de mil trabalhos, e de seguir os cursos musicaes de Veneza, fixa a sua residencia em Vienna de Austria, onde é admirado pelo seu pasmoso talento artistico. As *Cartas* do Cavalheiro de Oliveira exprimem a sua situação desolada, e foram desde muito cedo admiradas como modelos de familiaridade. O Abbade Antonio da Costa, que Burney comparava a Rousseau, escreveu algumas Cartas a amigos que deixara em Portugal, e era tal a graça, vivacidade e colorido das suas descripções, que o erudito Antonio Ribeiro dos Santos tratou de colligil-as, obtendo ainda umas treze, que se acham actualmente impressas. Nada ha na lingua portugueza mais bem escripto; nunca a prosa dos nossos homens de lettras conseguiu essa naturalidade graciosa, esse vigor de impressões, essas pinturas dos caracteres, das emoções e do aspecto das cousas. O pouco que se sabe da biographia de Antonio da Costa acha-se implicito n'essas Cartas, modelos inexcediveis para quem pretenda escrever portuguez. [1]

§. II

As reformas pombalinas sob o influxo dos Economistas francezes

Com a morte de Dom João v, em 1750, o partido clerical que dominava tentou exercer a sua acção directa no novo reina-

[1] Nas *Questões de Litteratura e Arte portugueza,* p. 295 a 321, vem um estudo sobre *As Cartes do Abbade Costa.*

do de Dom José; a entrada de Sebastião José de Carvalho para o ministerio por favor da rainha viuva, significava o primeiro triumpho contra o elemento jesuitico. A catastrophe imprevista do terremoto de 1755, que subverteu Lisboa, dando largas ao ministro para pôr em pratica a sua capacidade reformadora, coadjuvou-o no plano de se tornar o Mazarin d'este joven Luiz XIV. Sebastião José de Carvalho tinha vivido em Vienna de Austria e Inglaterra, conhecia as fórmas do Cesarismo, que se convertia em despotismo legal, e as novas fórmas de administração que se systematisavam em doutrinas economicas. Na situação em que se achava, já não podia ser um Mazarin, mas imitou á risca o seu discipulo Colbert; como elle, era tambem brutal e impassivel, como elle procurava casar os filhos nas familias mais opulentas do reino, como elle regulamentava tudo, instituia companhias de commercio e industria, decretava monopolios, contractava operarios estrangeiros para o aperfeiçoamento das artes, e o plano da ruina de Fouquet tem analogias com a perseguição canibal contra a poderosa Casa de Aveiro. O golpe vibrado contra os Jesuitas em 1757, obrigou o activo ministro a acudir ao vacuo deixado na instrucção publica, decretando a reforma dos estudos menores até á hierarchia superior do ensino na Universidade de Coimbra. Na longa série das leis, decretos, cartas regias, avisos e regulamentos que mandou redigir, apparece sempre a França como um modelo do seu ideal politico e economico; na creação da *Intendencia geral da Policia* em 25 de junho de 1760, elle confunde a organisação militar com o poder judicial como no systema de Luiz XIV, assim como nos alvarás sobre os interesses e acções das Companhias, e sobre os juros do dinheiro, põe em jogo o *credito* trazido por Law em 1720 ao conflicto economico da intervenção do estado; o seu decreto contra os monopolios de trigo e milho, lembra o effeito reflexo da obra do abbade Galliani, *Dialogos sobre o commercio dos Trigos,* na lucta doutrinaria das duas escólas exclusivistas, de Quesnay ou do *Systema agricola,* e de Gournay ou do *Systema mercantil.* Voltaire, falla com a sua philosophica ironia do prurido d'estas questões economicas em França: « Pelo anno de 1750, a nação farta de versos, de tragedias, de comedias, de operas, de romances, de historias romanescas, de reflexões mo-

raes mais que romanescas ainda, e disputas theologicas sobre a graça e sobre as convulsões, pôz-se por fim a arrasoar sobre os trigos. Puzeram-se de parte as vinhas para não fallar senão de pão e centeio.» [1] As difficuldades financeiras a que o regimen perdulario do Cesarismo arrastara os estados, obrigavam á consideração da materia collectavel, e ao modo da percepção dos impostos; d'aqui nasceu a sciencia da *Economia,* chamada *politica* pelos physiocratas, pela sua confusão com a acção governativa. A reacção contra os monopolios, barreiras, e alcavalas do fisco na troca dos productos do trabalho, synthetisada na formula *Laissez faire, laissez passer,* levou os novos Economistas a discutirem a origem, fórmas e condições de existencia do Estado, á proclamação dos direitos individuaes, estabelecendo-se assim uma transição logica e evolutiva para a critica revolucionaria dos Encyclopedistas. Convém conhecer estas correntes geraes da Civilisação da Europa, sem o que é impossivel comprehender qualquer manifestação artistica, scientifica ou philosophica em um povo occidental. O ministro de Dom José não comprehendeu esta nova phase das doutrinas economicas, e mandando destruir vinhas para que se semeasse trigo, prohibiu o commercio individual para monopolisal-o em Companhias privilegiadas. Ao exercer a sua forte iniciativa na reforma da instrucção publica, os litteratos esperaram receber do impetuoso ministro a protecção *official* para a Litteratura, como se viu nas homenagens servis que lhe dirigiu a *Arcadia de Lisboa.* O Ministro desprezou-os, servindo-se dos eruditos que podiam defendel-o nos libellos contra os Jesuitas, nas questões do regalismo contra Roma, como na *Tentativa theologica* do P.e Antonio Pereira, ou no *Compendio historico* e *Deducção chronologica.* Ainda sob este aspecto, transparece o caracter do litterato do seculo XVIII, que, como o jurisconsulto da Edade media, combate pela liberdade politica e pela autonomia individual. O Marquez de Pombal não permittia esta liberdade mental da critica, prendia os poetas como Garção, e prohibia a entrada das obras

[1] *Dict. philos.*, vb.º BLÉ.

dos Encyclopedistas pelos Editaes da Meza Censoria. [1] Emquanto se fez temer, todos os poetas o bajularam em Odes emphaticas; e esses mesmos, no momento da sua queda do poder, a *viradeira,* como lhe chamava Tolentino, insultaram-no em satyras que chegaram até á obscenidade. O que foi a Litteratura n'este periodo de prepotencia, de 1750 a 1777, resume-se em raras manifestações de talento, em que a falta de liberdade ou se manifestava pela indignidade pessoal em Nicoláo Tolentino, ou pela imitação do pseudo-classicismo francez em Garção, Diniz e Quita.

1.º A Arcadia Ulyssiponense: Sua organisação e catalogo dos seus socios. — A *Sociedade dos Occultos,* que existira desde 1748 até 1755, dispersou-se por causa da terrivel catastrophe de Lisboa; quando o activo ministro Sebastião José de Carvalho procurava reconstruir material e moralmente Lisboa, alguns homens de lettras trataram de secundal-o na sua iniciativa, fazendo succeder áquella corporação uma nova academia intitulada *Arcadia Ulyssiponense,* tardia imitação da Arcadia de Roma. Tinham em vista obstar á depravação geral do gosto, restabelecer a pureza da lingua e dos bons modelos da poesia. A *Arcadia* foi inaugurada em 11 de março de 1756 entre Theotonio Gomes de Carvalho, Antonio Diniz da Cruz e Silva, e Manoel Nicoláo Esteves Negrão, altos funccionarios publicos, para quem a poesia não passava de um nobre ocio. Lê-se uma Oração recitada na Arcadia por Garção em 1758: «Em tempo de calamidades e afflicções, quando parecia que os portuguezes só tratavam de reedificar Lisboa, e de restabelecer os seus particulares interesses — quando seria desculpavel que as Musas fugissem do nosso continente, quando se julgaria que as artes jazessem sepultadas nas ruinas da cidade, — n'uma palavra, quando era impossivel tratar da restauração das sciencias, então fundamos esta sociedade, jurando pa-

[1] O edital de 5 de dezembro de 1775 prohibe *Le vrai sens du Système la Nature,* por Helvetius.

droeira d'ella a Immaculada rainha dos Céos e da terra, debaixo do ineffavel titulo de sua purissima Conceição. » Pela sua relação com a *Sociedade dos Occultos,* a Arcadia nasceu viciada com o espirito do máo gosto, e para expungir do seu seio o seiscentismo teve de pôr em risco a propria existencia. Venceu o partido do perismo classico, vindo a reconstituir-se a Arcadia em 19 de junho de 1757, facto celebrado por Manoel de Figueiredo em uma Ode *á união* dos Arcades, e por Garção na sua Ode XIII *Á restauração da Arcadia,* cheio de enthusiasmo e esperança nos destinos da nova empreza. Estas duas datas só assim se conciliam.

O elemento seiscentista estivera representado na Arcadia pelo auctor da celebre Satyra anonyma *El Duende de Madrid,* D. Joaquim Bernardes, conego regrante de Santo Agostinho, cujos versos além de um culteranismo audacioso resumbravam uma sensualidade molinosista. Um outro despeitado contra a Arcadia era esse poeta erudito, Francisco de Pina e Mello, auctor do poema *Triumpho da Religião,* exacerbado pela alcunha de *Corvo do Mondego,* que lhe davam os outros litteratos. Pelos Estatutos da Arcadia a admissão de qualquer socio era por escrutinio secreto e unanimidade (art. 6.º); isto bastava para crear despeitos. As sessões eram uma particular em cada mez, e duas publicas annuaes; o local onde se celebravam as Conferencias, secretamente, tinha o titulo de *Monte Menalo,* sendo obrigados os socios a apresentarem uma peça em prosa ou verso, escripta em latim, francez, hespanhol ou italiano, sendo reputada de mais primor a que fosse escripta em portuguez. As sessões publicas faziam-se no Mosteiro dos Padres das Necessidades, instrumento da reforma pedagogica de Pombal, ou na Sala da Junta do Commercio. O ministro de Dom José assistiu pelo menos a duas d'estas sessões, uma das quaes celebrava a graça que recebera do titulo de Conde de Oeiras; e Garção recitou uma Ode emphatica, que esteve longo tempo inedita. O ministro dava então á Arcadia apoio oficial, e o titulo de *árcade* era ambicionado como uma das maiores honras, como o confessa Garção em um Discurso; outras Arcadias surgiram em diversos pontos do paiz, como a *Arcadia portuense,* e a *Arcadia ultramarina.* O Ministro ou enojado da excessiva cuidade rhetorica da Arcadia, ou não tendo occasião de apro-

tar-se d'ella, deixou-a vegetar esterilmente, acabando por 1774 estiolada sem o calor official. [1]

Pelo art. 19.º dos Estatutos da Arcadia, eram os seus socios obrigados a adoptarem um nome e sobrenome de um dos muitos pastores celebrados pelas musas gregas e romanas. Assim, Theotonio Gomes de Carvalho tinha o nome arcádico de *Tirse Minteu;* Antonio Diniz da Cruz e Silva, *Elpino Nonacriense;* Manoel Nicoláo Esteves Negrão, *Almeno;* Pedro Antonio Corrêa Garção, *Corydon Erymantheo;* Manoel de Figueiredo, *Lycidas Cynthio;* Domingos dos Reis Quita, *Alcino Micenio;* Frei José do Coração de Jesus, *Almeno Sincero;* Francisco José Freire, *Candido Luzitano;* P.e José Dias Pereira, *Silvano Ericinio;* Manoel Pereira de Faria, *Silvio Aquacelano;* José Gonsalves Moraes, *Fido Leucacio;* Silvestre Gonsalves da Silva Moraes, *Siveno Cario;* José Xavier de Valladares e Sousa, *Sincero Jerabricense;* José Caetano de Mesquita, *Metalezio Klasmenio;* Luiz Corrêa do Amaral França, *Melyzeu Cylenio;* Francisco de Salles, *Titiro Partiniense;* Marianno Berganzoni Martelli, *Mirtilo Felsineo;* Nicoláo de Sousa, *Myrthilo;* Damião José Saraiva, *Dameta;* José Rodrigues de Andrade, *Montano;* Pedro Caetano, *Melibeu;* P.e Manoel de Macedo, *Lemano;* Manoel José Pereira, *Albano;* Frei Alexandre da Silva, *Silvio;* Dr. Ignacio Tamagnini, *Alceste;* Feliciano Alves da Costa, *Palemo,* e *Nemoroso Cyllenio;* José Antonio de Brito, *Olino;* D. Vicente de Sousa, *Mirtilo;* Miguel Tiberio Piedegache Brandão Ivo, e os seguintes *Ismeno Cisalpino, Silvandro, Albano Melino* e *Amintas,* cujos nomes se ignora.

D'entre esta lista dos socios da Arcadia poucos são dignos de memoria historica; cabe o primeiro logar a Garção pelo seu talento correcto, a Antonio Diniz da Cruz e Silva pela creação do genero heroi-comico verberando os ridiculos clericaes, a Manoel de Figueiredo pelos extraordinarios esforços que empregou para a restauração do theatro nacional, a Domingos dos Reis Quita pelo sentimento dos seus Idyllios e do drama pastoral *Lycoris.* Os Arcades em vez de se inspirarem nas fontes tradicionaes

[1] Os *Estatutos da Arcadia* acham-se textualmente reproduzidos no *Jornal de Coimbra,* de 1820, P. II, n.º LXXXVIII, art. 14.

da nação imitavam a antiguidade greco-romana através dos modelos francezes, e tomavam para thema das suas conferencias publicas os regosijos officiaes pelos anniversarios e restabelecimento da saude de Dom José, ou das graças concedidas ao seu ministro valido. As academias litterarias são absolutamente estereis, porque as creações estheticas derivam do modo de sentir individual incompativel com a regularidade das reuniões, e com as normas de um bom gosto auctorisado pela collectividade.

a) *Garção, Diniz, Quita* e *Manoel de Figueiredo.* — O homem de mais tino artistico e auctoridade na Arcadia foi Garção, nascido em Lisboa, a 29 de abril de 1724; estudou humanidades nas escólas dos Jesuitas e cursou a Universidade de Coimbra, tendo por occasião do terremoto de 1755, em que perdeu seu pai Filippe Corrêa da Silva, de abandonar a carreira da magistratura para que se dirigia, e acceitar o logar de Escrivão da Receita da Mesa do Consulado geral da saída. O Marquez de Pombal, sabendo do seu talento e conhecimentos das linguas franceza e ingleza, teve em vista empregal-o na secretaria do seu ministerio. Porventura as suas sympathias pela Companhia levaram-no a rejeitar o intuito do ministro, que d'aí em diante conservou contra Garção um odio secreto. Segundo uma nota de Frei Vicente Salgado, Garção «era o que fez as ultimas *Gazetas portuguezas* antes da guerra de 1762 com Castella, em que se mandaram suspender.» [1] Em 9 de abril de 1771, mandou o Ministro encarcerar no segredo do Limoeiro o poeta, por motivo desconhecido. Correu a lenda, que fôra a causa do desastre de Garção ter escripto uma *Falla* em nome do Duque de Coimbra em que este heroe recusava a Estatua que o povo de Lisboa lhe queria levantar, ferindo assim indirectamente a vaidade do Marquez por ter mandado collocar o seu medalhão no pedestal da Estatua equestre; esta epistola fôra escripta para uma sessão da *Sociedade dos Occulto* pouco depois de 1748, e portanto está fóra do litigio. Outra lenda, funda a prisão arbitraria em uma carta redigida por Garção em inglez para a filha do Coronel Mac-Bean, incitando-a á fuga por causa de seu estado de gravidez. Garção conservava relações

[1] *Ms.* n.º 35, da Bibl. da Academia (G. 5. Est. 8.)

com o Conde de S. Lourenço, e com a familia do Marquez de Alorna, perseguidos por Pombal; e bastavam as suas sympathias jesuiticas, ou qualquer dito vago contra a prepotencia do ministro para ser sepultado em uma enxovia. O estado de miseria em que ficaram sua mulher e filhos affligiu por tal fórma Garção sem esperança, que morreu na manhã do dia 10 de novembro de 1772; o Marquez sabendo n'esse dia da morte do poeta, mandou lavrar de prompto por José de Seabra da Silva o alvará de soltura, apresentado no Limoeiro quando o poeta ia ser sepultado na egreja de Sam Martinho, para assim encobrir o assassinato. Estas particularidades tornam sympathico o typo de Garção, em cujos versos se reflecte a singeleza da sua vida, conformada em grande parte com o ideal horaciano. São bellos os Sonetos, como expressão de uma intima familiaridade. As Odes e Epistolas tem um tom sentencioso mas affectivo, que encobre o artificio da imitação. As suas duas Comedias em endecasyllabos, *Theatro Novo,* e *Assembléa ou Partida,* são satyras excellentes sobre os costumes de Lisboa, onde a monomania das representações particulares, e das reuniões em familia, eram a simulação de uma ficticia sociabilidade que não estava nos habitos portuguezes e se implantava como uma moda condemnada pelos caturras com o nome de *modernismo* e *peraltice.* A *Cantata de Dido,* é o trecho lyrico mais bello d'esta epoca arcádica; a correcção da fórma, a realidade do quadro é excedida pela comprehensão do espirito da arte grega, em que o sentimento da paixão se confunde com o terror religioso. Este genero da *Cantata,* seguido tambem pelos outros arcades, é uma imitação da fórma adoptada por João Baptista Rousseau, que o descreve: «Os italianos chamam-lhe *Cantatas,* porque dependem particularmente de canto; têm por costume dividil-o em tres Recitativos cortados por Arias de movimento, o que obriga a diversificar a metrica das estrophes, das quaes os versos são ora longos, ora curtos, como nos córos das antigas tragedias e na maior parte das Odes de Pindaro. Eu ouvi algumas d'estas *Cantatas,* e isto me deu desejo de ensaiar se poderia á imitação dos gregos reconciliar a ode com o canto...» O discipulo de Boileau limitou-se «a dar uma fórma a estes pequenos poemas, encerrando-os em uma allegoria exacta, cujos recitativos constituissem o

corpo, e as Arias a alma ou applicação. » [1] As prosas de Garção constam de Orações academicas, apenas aproveitaveis para a historia da Arcadia.

Antonio Diniz da Cruz e Silva, é depois de Garção aquelle em quem é mais evidente a influencia do pseudo-classicismo francez. As suas *Odes pindaricas,* divididas em strophes, antistrophes e epodos, sobre assumptos da historia portugueza, não passam de uma reproducção morta de um genero, mesmo na Grecia mal comprehendido, por causa das tradições doricas vivificadas por Pindaro. O mesmo se póde dizer dos seus *Dythirambos.* A influencia franceza é em Diniz bem manifesta na imitação do *Lutrin* de Boileau, em que por vezes o excede no poema heroi-comico do *Hyssope.* O assumpto do poema é a historia anecdotica do conflicto de precedencias entre o Bispo de Elvas e o Deão da Sé, sobre se competia áquelle a honra de lhe ser entregue á porta da cathedral o *Hyssope,* e ao Deão o dever de vir entregal-o á frente do cabido. Diniz exercia um cargo judicial, e estava na occasião do conflicto em Elvas, doente dos olhos, e forçado á escuridade e repouso em casa do seu amigo Falcato; foi como desenhado e sob a impressão dos episodios grotescos que se contavam que o *Hyssope* foi pouco a pouco ditado por Diniz. O poema correu em copias numerosas, com variantes de occasião, tendo primeiramente sete cantos; Diniz remodelou-o accrescentando-lhe mais parte do quarto e todo o quinto canto, glorificando as grandes reformas do Marquez de Pombal. Segundo a tradição o ministro leu uma das copias do poema, e promoveu o adiantamento do poeta na magistratura. Só depois da morte de Diniz é que se imprimiu o *Hyssope,* não existindo nenhum exemplar de letra sua. Quando occupava um elevado logar na magistratura, Diniz, alcunhado *o neto da medideira,* envergonhava-se dos seus versos, teve a fatalidade de condemnar como juiz os *Poetas* mineiros Thomaz Antonio Gonzaga, Claudio Manoel da Costa, e Ignacio José de Alvarenga Peixoto, envolvidos na Conspiração de Minas.

Domingos dos Reis Quita, não foi mais feliz do que Garção.

[1] *Œuvres* de J. B. Rousseau, t. I, p. XXIII. — [2] A edição Castilho, dirigida pelo snr. Ramos Coelho é a que mais satisfaz a critica.

Nasceu em 1725, e fallindo seu pai em 1735, pelo que se ausentou de Portugal, Quita viu-se aos treze annos de edade forçado a trabalhar para sustentar sua mãe com seis irmãos mais novos. Aprendeu o officio de cabelleireiro, verdadeira profissão artistica n'essa epoca de penteados phantasticos da Regencia. A manifestação do talento de Quita n'estas condições desesperadas é realmente um assombro, e mais ainda o admittirem em uma academia de classicos e fidalgos aquelle pobre poeta conhecido pela alcunha de *Cabelleireiro da Travessa do Pasteleiro.* A sua natureza submissa levou-o para as composições tenues, como os Idyllios; não podendo lêr os lyricos francezes nem os latinos, teve o bom senso de se entregar ao estudo reflectido das bellas *Eclogas* de Francisco Rodrigues Lobo, como nol-o revela o seu biographo Piedegache. Esta posição não deixou que os seus talentos o elevassem; o trabalho manual era então degradante entre nós. Debalde tentou ser criado grave dos *Meninos de Palhavã,* os bastardos de Dom João V, e sempre debalde appellou para a munificencia do Marquez de Pombal. Segundo a tradição, a *Tircêa* dos seus Idyllios era uma senhora Dona Thereza Theodora de Aloim. A sua tragedia *Segunda Castro,* tão apreciavel, é sómente conhecida no plagiato que fez d'ella João Baptista Gomes na *Nova Castro.* Depois de uma longa lucta com a miseria, morreu em 26 de agosto de 1770.

Manoel de Figueiredo é a individualidade accentuadamente heroica da Arcadia. Apesar de conhecer a mediocridade do seu talento, á força de meditação e de estudo procurou abrir o verdadeiro caminho da Litteratura dramatica, viciada pelas *Operas* de Antonio José, e pelas *Comedias* de Nicoláo Luiz. Nasceu Manoel Figueiredo em Lisboa em 1725; vendo em 1735 representar a celebre Companhia de Antonio Rodrigues, nasceu-lhe a paixão pelo Theatro, longo tempo combatida pelos seus protectores. Em consequencia de um despacho esteve sete annos em Madrid, onde adquiriu uma mais elevada comprehensão da scena. A sua actividade litteraria começou tarde, e já sem a flexibilidade para dar forma aos seus bellos pensamentos dramaticos; comtudo Garrett considerava as suas obras « mina tão rica e fertil para qualquer mediano talento dramatico. Algumas d'essas peças com bem pou-

co trabalho, com um dialogo mais vivo, um estylo mais animado, faziam excellentes comedias. » A sua tragedia *Ignez de Castro* é a unica que apresenta uma intriga fundada em paixões naturaes, como a de Dom Affonso IV receiar que os filhos da amante do principe venham a privar do throno seu neto Fernando. Contra a comedia seiscentista de Vellez de Guevara, sobre Ignez de Castro, traduzida por Nicoláo Luiz, a Arcadia oppôz a tragedia classica de Lamotte Houdart, que tantas polemicas suscitara em França, remodelada por Quita e Manoel de Figueiredo. As obras de Figueiredo só receberam a luz pelo extraordinario affecto de seu irmão, Francisco Coelho, que falleceu depois de terminar com sacrificios a empreza da sua vida. Os esforços da Arcadia para a restauração do theatro limitavam-se á traducção das tragedias de Racine, como a *Athalia* vertida por Candido Luzitano. O capitão Manoel de Sousa traduziu em linguagem purista o *Telemaco* de Fenelon e algumas comedias de Molière. A morte de Quita em 1770, a de Garção em 1772; a saída de Diniz de Lisboa, antes de 1774, decompuzeram a Arcadia, cuja ultima sessão de que ha noticia foi em 20 de janeiro de 1774, extinguindo-se na impotencia e sem ruido.

b) *Os Dissidentes da Arcadia: A Guerra dos Poetas.* — Varias poesias dos Arcades alludem frequentes vezes aos assaltos de maledicencia que recebia esta instituição; nota-se que no periodo da actividade da Arcadia, florescem poetas distinctos não filiados n'aquelle gremio, e que sendo especialmente satyricos não deixaram de desaggravar a sua vaidade. Em 1770 deu-se o facto conhecido na historia litteraria com o titulo de *Guerra dos Poetas,* em que se extremaram os campos. A celebre cantora Zamperini fôra exultada em verso pelo poeta arcadico P.e Manoel de Macedo, como se acha pittorescamente descripto em uma Nota do *Hyssope.* Romperam logo numerosas satyras contra Macedo, dirigidas pelo *Grupo da Ribeira das Náos,* especie de Academia que se reunia em casa do P.e Francisco Manoel do Nascimento, que adoptara o nome pastoral de *Niceno,* e mais tarde de *Filinto Elysio.* Por essas satyras se vê a animadversão contra a Arcadia, e por um Soneto do P.e Manoel de Macedo se conhecem os nomes dos poetas capitaneados por Filinto; eram elles Luiz Pinto de Sousa

Coutinho, Domingos Pires Monteiro Bandeira, o capitão Manoel de Sousa, o Dr. Jeronymo Estoquete, o Desembargador Sebastião José Ferreira Barroco, Frei Placido de Andrade Barroco, Anacleto da Silva Moraes, José Caetano de Figueiredo, P.e Apollinario da Silva, Nicoláo Tolentino, Timotheo Lecussan Verdier, Mathevon de Cornew, José Beling e Domingos Maximiano Torres, *Alfêno Cynthio.* [1] Sob a degradação moral do despotismo pombalino a poesia torna-se obscena, distinguindo-se no genero Antonio Lobo de Carvalho, (1730-1787) e do grupo da Ribeira das Náos o P.e Francisco Manoel do Nascimento, Domingos Monteiro de Albuquerque e José Caetano de Figueiredo. Os dissidentes da Arcadia floresceram sob o regimen do *Rigorismo* de Dona Maria I.

c) *Associações litterarias.* — Estendeu-se até á colonia do Brazil o prurido das Academias litterarias; em 1736, o medico Saraiva funda no Rio de Janeiro a *Academia dos Felizes,* cujas conferencias versavam sobre botanica, comprehendendo o verdadeiro espirito scientifico das Academias do seculo XVII. Em 1752 creou-se outra com o titulo de *Academia dos Selectos,* tendo por fim glorificar em versos o general Freire de Andrade. A *Sociedade litteraria* e os *Academicos renascidos* são ainda um producto da monomania humanistica; o sentimento nacional brazileiro appareceu com o espirito da independencia politica na chamada *Arcadia ultramarina,* já sob o governo de D. Maria I.

Falla-se tambem em uma *Arcadia portuense,* como se vê pelo titulo das Rimas de João Xavier de Mattos, que por essa filiação usa o nome de *Albano Erythreo.* Este poeta, que logrou vêr popularisada a sua Ecloga de *Albano e Damiana,* que os cegos recitavam como o descrevem Filinto [2] e Francisco Coelho, [3] viveu a vida vagabunda de um Bocage, entregue ao parasitismo bohemio de um Tolentino. Nos seus versos imitava habilmente o estylo das lyricas de Camões, e isto o destaca superiormente entre os poetas academicos, que não explicavam a sympathia com que eram re-

[1] *O Ramalhete,* vol. IV, p. 100. — [2] *Obras,* t. III, pag. 130. — [3] *Theatro* de Manoel de Figueiredo, t. XIV, p. 465; e na Comedia de cordel *Os curiosos punidos.*

cebidas as suas composições. Obedeceu á corrente franceza traduzindo a tragedia *Penelope* de Genest, e escreveu uma tragedia classica *Viriacia*. Morreu em Villa de Frades, em 3 de novembro de 1789. Lobo de Carvalho mordeu-o por vezes nas suas satyras, e Bocage achou n'elle um modêlo que o levou para a comprehensão de Camões.

2.º O intolerantismo sob D. Maria I. — Com a morte de Dom José, o seu ministro Marquez de Pombal perdeu a força que lhe vinha do favoritismo; em 4 de março de 1778, oito dias depois de estar investida da soberania, D. Maria I demittiu o Marquez de Pombal, e para comprazer com os despeitados da aristocracia e do clericalismo, mandou-o metter em processo. A rainha era bondosa e pusillanime; todas as influencias malignas a assaltaram, para a restauração dos Jesuitas, para a rehabilitação dos Tavoras, para a execução do Marquez de Pombal, mas a sua propria fraqueza serviu-lhe de apoio contra tão desencontradas correntes, a que Tolentino chamou a *viradeira*. Incerta no meio de tantas complicações que o genio hesitante de seu marido augmentava, a rainha voltou-se para as praticas religiosas; o seu governo foi n'este tempo a execução da vontade do Arcebispo Confessor, Frei Ignacio de Sam Caetano. Acabaram as perseguições politicas, mas começaram as perseguições religiosas contra aquelles que liam as obras dos Encyclopedistas. Nas folhas volantes e na linguagem usual do tempo chamava-se a esta crise o *Rigorismo*. Não bastava a Inquisição religiosa para perseguir homens como José Anastacio da Cunha, apparecia tambem a inquisição de estado, representada no terrivel Diogo Ignacio de Pina Manique, nomeado Intendente geral da Policia em 18 de janeiro de 1780, com poderes secretos superiores ao dos proprios ministros. As intelligencias superiores homisiavam-se de Portugal, como José Corrêa da Serra, Felix de Avellar Brotero, Filinto Elisio; as obras de Voltaire, Rousseau, Helvetius, Raynal eram apprehendidas na alfandega e queimadas pela mão do carrasco. O espirito philosophico saía da abstracção racional para o campo pratico sob a fórma de *philantropia;* Turgot e Malesherbes, discipulos da *Encyclopedia,* eram ministros, e o imperador José II

fazia reformas politicas segundo a critica dos philosophos. Apesar de todos os rigores inquisitoriaes e policiaes, a corrente do negativismo encyclopedista entrou em Portugal; o principe herdeiro D. José correspondia-se com José II, o Duque de Lafões organisava a Academia das Sciencias, Paschoal José de Mello não acceitava no direito publico a soberania como illimitada, e os poetas como José Anastacio da Cunha, e Francisco de Mello Franco combatiam nos seus versos pela emancipação da consciencia. A morte mysteriosa do principe D. José em 1788, a direcção espiritual do novo confessor da rainha, o Bispo do Algarve D. José Maria de Mello, e os successos de 5 e 6 de outubro em que irrompe a Revolução franceza, fizeram com que Dona Maria I caísse na loucura, manifestada em 1792 ao sahir do Theatro de Salvaterra. Esta epoca de governo inconsciente acha-se admiravelmente tratada nas *Cartas* de Lord Beckford, onde retrata uma côrte não menos louca do que a sua rainha.

a) *Tolentino* e *Filinto Elisio.* — Nicoláo Tolentino de Almeida é a negação do homem de lettras no seculo XVIII que se caracterisa pela independencia de opinião actuando sobre a vida publica; como poeta elle não fez mais do que bajular os principes e os fidalgos, para lhe trocarem a profissão de mestre de rhetorica por um emprego nas secretarias de estado. Cada verso é um peditorio importuno de esmola, e como os mendigos que fazem esgáres grutescos, Tolentino affectava graça para conseguir ser lido por aquelles que muito bem sabiam o que pretendia. Nasceu Nicoláo Tolentino em Lisboa em 1741; residiu em Coimbra durante sete annos, sem auxilio da casa paterna, vivendo do parasitismo academico, adquirindo alli as valiosas relações que o protegeram em Lisboa, e essa livre critica e graça com que descreveu admiravelmente os costumes da sociedade portugueza no seculo XVIII. Tolentino viveu algum tempo na intimidade de outro poeta Domingos Pires Monteiro Bandeira, até que á força de rogos conseguiu ser empregado em uma secretaria por alvará de 21 de junho de 1781, pendurando afinal a palmatoria de professor de rhetorica. Os seus versos são extremamente correctos e pittorescos, destacando-se especialmente pela belleza as quintilhas. Tolentino revela a causa d'esta superioridade; o conde de

Villa Verde, D. Diogo de Noronha em uma doença, fez-lhe [illegible] as *Cartas* de Sá de Miranda e as redondilhas de Bernardim Ribeiro. Tolentino aproveitou-se logo d'estes modêlos para os memoriaes mendicantes: « As proveitosas lições dos nossos dois portuguezes Bernardim Ribeiro e Francisco de Sá de Miranda, [illegible] que s. exc.ª fazia uteis ao seu espirito aquellas horas que a [illegible]reza e muito mais a molestia lhe tinham destinado ao des[illegible] do corpo, *crearam insensivelmente no meu coração amor a es[illegible]pecie de poesia*... V. exc.ª me fazia a honra de mandar que [illegible]lêsse este dois preciosos livros; e a musa que preside ás mi[illegible] trovas, afeita áquella lição rimou *quintilhas*, e carregou de [illegible]ralidades, talvez intempestivas, o memorial que ponho nas [illegible] de V. Exc.ª com muito respeito e com muitas esperanças.» [illegible] vontade de lisongear o aulico, aproximou-o da fonte tradi[illegible] quinhentista, e foi justamente nas quintilhas que se tornou [illegible]ravel. Nas suas extensas relações com os fidalgos a cujas [illegible] comia, e em cujas seges andava, privado de dignidade e de [illegible] Tolentino desceu tambem a cultivar a poesia obscena. M[illegible] em 1811, tendo assistido impassivel aos grandes acontecim[illegible] do seculo, que não comprehendeu.

Francisco Manoel do Nascimento, é um dos dissidentes [illegible] Arcadia, caracterisado pela sua adhesão ás doutrinas dos E[illegible]clopedistas. Nasceu em Lisboa em 21 de dezembro de 17[illegible] ordenou-se de presbytero em 1754. Foi seu professor de la[illegible] de o poeta Antonio Felix Mendes, que a 3 de julho de 17[illegible] accusou ao Santo Officio, e tambem aos seus companheiros [illegible]nymo Estoquete e Manoel Coelho de Lima, de « que todos [illegible] trez sujeitos estavam *exercitados e instruidos na lição de* [illegible] *prohibidos... digo de Livros de Philosophias modernas*, [illegible] *affectam seguir a rasão natural.* » N'este depoimento d[illegible] mestre de latinidade, que então contava setenta annos, des[illegible]se que em volta do Padre Francisco Manoel, que era mui[illegible]mado pelo Bispo Cenaculo, se reunia uma pequena A[illegible] poetica: « é geralmente reputado por homem douto, e q[illegible] esta rasão é muito procurado por varias pessoas para c[illegible] com elle algumas obras que compõem principalmente em ver[illegible] e entre outras pessoas é frequentemente visitado por alg[illegible]

giosos do Convento de Jesus, maiormente por um religioso por sobrenome Barroco.» [1]

A 22 de Junho de 1778 começára a accusação secreta contra Francisco Manoel, e já a 13 de julho emigrava para fóra de Portugal, conseguindo evadir-se aos familiares do Santo Officio no momento da prisão pelo seu admiravel sangue frio. Chegou a Paris a 15 de agosto, e alli viveu na mais profunda miseria, fazendo traducções e ensinando portuguez; em 1792 o Conde da Barca nosso embaixador na Hollanda chamou-o para seu secretario particular, regressando em 1797 a Paris, quando este embaixador foi negociar a paz com a França. Viveu em França até ao fim da sua vida, sem nunca obter a restituição dos bens que lhe foram confiscados pela Inquisição. Uma exclusiva imitação de Horacio transpira em todas as suas poesias, escriptas com naturalidade e correcção, mas sem enthusiasmo, e com abstenção intencional da rima. Os puristas da lingua admiraram-no, e imitaram-no como filintistas. Morreu em 25 de fevereiro de 1819 com oitenta e cinco annos de edade; traduziu já n'este seculo as obras da eschola romantica, os *Martyres* de Chateaubriand, e o *Oberon* de Wieland, mas sem consciencia do novo espirito litterario. Os versos de Filinto não são bellos, mas é indispensavel o seu estudo para quem quizer metrificar bem na lingua portugueza; Garrett, que tanto condemnava o *elmanismo* ou imitação de Bocage, deveu a pureza e vigor dos seus versos soltos ao estudo de Filinto.

José Anastacio da Cunha, era tambem por 1778 perseguido pelas suas reuniões com João Paula Bezerra, Dr. José Francisco Leal, lente de medicina, os filhos do Morgado de Matheus, D. Luiz de Sousa, e Padre José Appollinario, José Vieira da Silva, o Dr. Luiz Cechi, lente de anatomia, por «*praticarem publicamente sobre poesia, eloquencia e bellas lettras,*» e por que tinha o *Candido,* o *Diccionario philosophico,* de Voltaire, as obras de Hobbes e Helvetius, o *Bon Sens* do Cura Meslier attribuido a d'Holbach. No processo do Santo Officio contra este illustre mathematico, sob n.º 8087 na Torre do Tombo, vem o ca-

[1] *Processos do Santo Officio,* n.º 14048, na Torre do Tombo.

talogo da sua livraria, por onde se recompõe o estado mental dos nossos homens mais eminentes n'este periodo. N'este processo não se falla na *Voz da Rasão,* só muito tarde attribuida a José Anastacio da Cunha. Só no nosso seculo foram publicados os seus versos, onde se destaca a *Oração universal,* bello trecho lyrico imitado de Pope, e harmonisado com esse vago deismo de Rousseau. No processo allude-se aos celebres Mottes que então glosavam os poetas livres-pensadores:

Os peitos da minha amada
Eu os beijei, eu os vi,
Eram de leite coalhado,
Não sei como os não bebi.

Por que rasão não fizeste,
Justos céos, por que rasão
Ou mais suave a virtude,
Ou mais forte o coração?

b) *A Arcadia ultramarina.* — O espirito revolucionario do fim do seculo XVIII apparece tambem no Brazil. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga e José Basilio da Gama, fundam pouco mais ou menos por 1779 esta Academia poetica protegida pelo illustradissimo vice-rei Dom Luiz de Vasconcellos e Sousa. Os socios mais conhecidos da *Arcadia ultramarina,* foram além dos dois fundadores já citados, Bartholomeu Antonio Cordovil, Domingos Vidal Barbosa, João Pereira da Silva, Balthazar da Silva Lisboa, Ignacio de Andrade Souto Mayor, Rendon, Manoel da Aruda Camera, José Ferreira Cardoso, José Marianno da Conceição Velloso, e Domingos Caldeira Barbosa. [1] O unico talento d'esta academia, é José Basilio da Gama, revelado na comprehensão da epopêa, no seu *Uruguay,* em que conta a lucta dos portuguezes contra os indios do Paraguay revoltados pelos jesuitas em 1756; os costumes selvagens absorveram a attenção do poeta, que chega a inspirar sympathia pelos revoltosos; na forma rompe com a velha machina mythologica e com a prolixidade insulsa dos seus contemporaneos. Protegido de Pombal, foi o unico que o não apedrejou.

Os poetas da Provincia de Minas, que se inspiravam nas ideias encyclopedistas foram os propugnadores da autonomia

[1] Pereira da Silva, *Varões illustres,* t. I, p. 335 e 338.

nova nacionalidade brazileira. Era a mesma corrente de liberdade que em 1787 creára os Estados-Unidos, e em 1789 tomára corpo na Revolução franceza. O movimento iniciado em Minas foi abafado com sangue, sendo victimas os poetas Claudio Manoel da Costa, *Glauceste Saturnio,* Ignacio José d'Alvarenga Peixoto, e Thomaz Antonio Gonzaga, que na *Marilia de Dirceu* descreve a pungente realidade do seu amor e da sua desgraça. As Lyras de Gonzaga renovam as velhas fórmas das *Serranilhas,* que persistiam entre o vulgo com o titulo de *Modinhas,* das quaes falla Tolentino:

Já d'entre as verdes murteiras
Em suavissimos accentos,
Com segundas e primeiras,
Sobem nas azas dos ventos
As *Modinhas brazileiras.*

No seculo XVIII alguns dos poetas do Brazil visitaram a metropole ou aqui fixaram a sua residencia, e as *Modinhas* acordaram a sympathia tradicional; muitas das arias de Antonio José, em essa origem e alto merecimento; as Lyras de Gonzaga supplantaram a insipidez das composições arcádicas, e a *Viola de Lereno,* de Caldas Barbosa, que tanto irritava Bocage e Filinto, chegou a vulgarisar-se entre o povo. Assim como os *Poetas mineiros* acharam o veio tradicional para a renovação do lyrismo, renovação das fórmas da epopêa recebeu entre elles um singular impulso. Não menos sympathico e generoso que José Bazilio a Gama, é Frei José de Santa Rita Durão, que revelou a mesma justa comprehensão da epopêa no *Caramuru,* que elle compoz obre a antiga tradição brazileira do naufrago Diogo Alvares, ue tendo escapado á anthropophagia dos Tupinambas, na costa o Bahia em 1510, viveu n'essa tribu onde dominou pelo perstio, e depois evadindo-se com Peraguassá, filha de um chefe indigena, chegou a França, aonde a desposou com o nome de Catherina. Como todas as organisações brazileiras, Durão metrificava om facilidade; e se tivesse repellido a subserviencia da oitava ma, os seus quadros e situações episodicas teriam um maior revo de verdade e simplicidade. Quando o seculo se apresenta

exhausto de vigor moral e de talento, é da colonia que se agita na aspiração da sua independencia, que lhe vem a seiva das naturezas creadoras.

c) *As Cartas de Beckford.* — *O poema Reino da Estupidez.* — A nossa sociedade culta no ultimo quartel do seculo XVIII acha-se finamente retratada nas *Cartas* de Lord Beckford, que viveu na intimidade da côrte de D. Maria I. N'ellas descreve a rainha louca, gritando dia e noite nos paços de Queluz, e dizendo que via a estatua de seu pae em braza no inferno; pinta ao vivo o typo boçal do Bispo Confessor, e as figuras phantasmagoricas do Conde de Sam Lourenço, e de um talento nascente, que elle adivinhou, o joven Bocage, que então considerava como seu rival Monteiro (Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral). Estas Cartas são um indispensavel commentario para a historia politica e litteraria d'este periodo do *rigorismo.*

Na lucta da auctoridade reagindo contra o espirito novo, que os padres denominavam *philosophismo,* e os politicos *ideias francezas,* appareceu um poema heroi-comico, intitulado *O reino da Estupidez,* em que se ridicularisava a Universidade de Coimbra por se fechar no pedantismo medieval contra as ideias modernas. Foram perseguidos alguns homens cultos por causa do audaz poema, imputado a Antonio Ribeiro dos Santos, e hoje restituido ao seu verdadeiro auctor, o notavel hygienista Francisco de Mello Franco, (1757-1823) um dos primeiros associados da Academia real das Sciencias. Collaborou com elle José Bonifacio de Andrade e Silva.

§. III

O negativismo encyclopedista em Portugal

A falta de comprehensão da continuidade historica fez que a Edade media renegasse as relações com o passado greco-romano; esse mesmo vicio do criterio que levou a Renascença a negar por seu turno a Edade media como barbara, appareceu

tre os philosophos do seculo XVIII, que negando conjunctamente a dependencia da civilisação moderna da greco-romana e medieval, procuram reorganisar tudo remontando á simplicidade da natureza. Rousseau, que no seu *Emilio* funda um systema de educação natural, esboça o caracter negativista do seculo: « A litteratura e o saber do nosso seculo, tendem muito mais para destruir do que para edificar. » Os problemas mais importantes das sciencias sociaes são observados sob esse aspecto da natureza, nova entidade metaphysica, que transparece na Religião *natural*, no Direito *natural*, na Logica ou Rasão *natural*, e até as sciencias cosmologicas e biologicas conservam ainda hoje a sua antiga designação de Sciências *naturaes* ou Philosophia *natural*. N'este fervor da contemplação do mundo objectivo, a Litteratura encontra novos themas para descripções poeticas, como se vê no poema didactico o *Jardim Botanico* de Erasmo Darwin, traduzido para portuguez por Vicente Pedro Nolasco da Cunha. O negativismo encyclopedico, divide-se em duas correntes, bem definidas em Portugal, a scientifica, protegida pelo sempre illustre Duque de Lafões, e a litteraria essencialmente didactica, que inspira as traducções de Bocage e os poemas de José Agostinho de Macedo.

a) *Fundação da Academia das Sciencias.* — O Intendente Manique era infatigavel em obstar á entrada dos livros francezes em Portugal, chegando a sua audacia a accusar o Duque de Lafões nas Contas para as Secretarias, de receber do estrangeiro livros de philosophia. O Duque de Lafões tinha vivido nas principaes côrtes da Europa, era admirado pelos grandes artistas como Gluck, e por eruditos como Burney; ao regressar a Portugal depois da ruina do Marquez de Pombal, gosava na côrte de uma preponderancia legitima, devendo-se a elle, no intolerantismo que arrazava Portugal, a protecção a alguns homens de sciencia. É assim que se podem explicar a promoção das explorações scientificas no Brazil por Alexandre Rodrigues Ferreira, em Moçambique por Manoel Galvão da Silva, em Argel pelo arabista Frei João de Souza, nos archivos de Madrid por Ferreira Gordo, e em varias capitaes da Europa por José Bonifacio de Andrade.

Pela iniciativa directa do Duque de Lafões foi fundada a *Aca-*

demia real das Sciencias de Lisboa, e confirmada por Aviso regio de 24 de dezembro de 1779; a sua primeira sessão foi celebrada em 16 de janeiro de 1780. A Academia teve logo em mira a formação de um Diccionario da lingua portugueza, sendo em sessão de 28 de junho de 1780 encarregada d'esse trabalho uma commissão presidida por Pedro José da Fonseca (n. 1734, segundo F. C. Figueiredo) que esboçou o plano, redigiu as excellencias da lingua e o exame critico dos auctores; veiu a morrer exhausto de trabalho e em extrema miseria em 7 ou 8 de julho de 1816; os membros da commissão, Agostinho José da Costa Macedo, e Bartholomeu Ignacio Jorge deram prompto antes de quatro annos o primeiro volume que comprehende a lettra A, ficando impossibilitados de proseguir por terem cegado.

As *Memorias* da Academia correspondem a uma epoca de fervor scientifico, que por algum tempo prevaleceu sobre o caracter official da instituição, sendo por ellas ainda hoje conhecida na Europa. José Corrêa da Serra, que era o braço direito do Duque de Lafões, dirigiu as bellas edições dos antigos Chronistas portuguezes, tendo por fim de homisiar-se de Portugal, como Brotero e outros sabios.

b) *A Nova Arcadia.* — *Bocage* e *José Agostinho.* — Com titulo de *Academia de Bellas Lettras* celebravam-se ás quartas-feiras sessões poeticas no palacio do Conde de Pombeiro mais tarde nomeado Marquez de Bellas; tinha este ajuntamento por protectora Nossa Senhora da Conceição, e usavam nomes pastoris alheios aos grandes successos que agitavam a Europa solidariamente com a Revolução franceza. Estes poetas reunidos pela iniciativa do Padre Domingos Caldas Barbosa, protegido pelo Marquez, foram levados á illusão de constituirem uma *Nova Arcadia.* Eis pouco mais ou menos a lista dos seus socios:

Domingos Caldas Barbosa, *Lereno Selinuntino;* José Thomaz Quintanilha, *Eurindo Nonacriense;* João Baptista Lara, *Alcio Ulyssiponense;* Belchior Manoel Curvo Semedo, *Belmiro Transtagano;* Francisco Joaquim Bingre, *Francelio Vouguense;* Joaquim Franco de Araujo Freire Barbosa, *Corydon Neptunino;* Joaquim Martins da Costa, *Cassidro Ulyssiponense;* Luiz Corrêa do Amaral França, resto sobrevivente da antiga Arcadia; Ignacio de

Alvarenga Peixoto, *Alcindo Palmireno;* Thomaz Antonio dos Santos Silva, *Thomino.* Pertenceram tambem os seguintes, cujos nomes poeticos se ignora: João Vicente Pimentel Maldonado, Antonio Bersane Leite, Vicente Pedro Nolasco da Cunha, Joaquim Severino Ferraz de Campos; de outros só se conhecem os nomes arcadicos, *Marisbeu Ultramarino, Cassidro Tagino, Menalio Ulyssiponense, Alcino* e *Jonio Scalabitano.* Era serena a existencia da Nova Arcadia, quando de repente dois novos socios, Manoel Maria Barbosa du Bocage, *Elmano Sadino,* e Padre José Agostinho de Macedo, *Elmiro Tagideu,* pelo seu humor turbulento aguaram as doces quartas-feiras do padre Caldas. Choveram satyras, e crearam-se odios para cuja vingança foi explorada a tendencia despotica do Intendente Manique.

Manoel Maria Barbosa du Bocage, é depois de Camões o unico poeta de quem o povo se lembra, dando-lhe vida em situações lendarias como parasita vagabundo, repentista gracioso, e em volta da sua personalidade agrupou todas as velhas anecdotas picarescas da sociedade do seculo XVIII, bem caracteristicas do antigo regimen. Bocage nasceu em Setubal, em 15 de setembro de 1765, e segundo a educação contemporanea, foi submettido á férula do mestre D. João Medina, d'onde saíu um bom latinista. Cursou as aulas militares, e como guarda-marinha partiu para a India, fazendo-se notar em Gôa pela virulencia dos seus versos; n'elles descreve como esteve para ser victima da celebre *Sublevação dos Pintos,* hoje historiada pelo erudito Rivara. Destacado para Damão fugiu para a China, d'onde veiu ao fim de muitos trabalhos para Macáo, regressando a Portugal em 1790 com vinte e quatro annos dissipados, que nunca mais lhe deixaram tomar a serio a vida. As luctas da Nova Arcadia, pela exclusão que lhe infligiram, puzeram em relêvo o genio de Bocage; morava então com o açoriano André da Ponte do Quental, e junto com outros poetas imitadores de Parny e Desaugier, frequentavam o Botequim do Nicola em um retiro especial conhecido pelo nome de *Agulheiro dos Sabios.* O Intendente Manique farejava por toda a parte as *ideias francezas,* e sendo-lhe accusado Bocage, foi o poeta preso a 10 de agosto de 1797 por auctor de *papeis impios e sediciosos,* conseguindo ser entregue á

Inquisição em 7 de novembro para escapar ao arbitrio policial, que era medonho. Entre esses *papeis criticos* achados na habitação de Bocage, os principaes eram as *Verdades singelas,* mais conhecidas pelo titulo de *Voz da Rasão,* e as *Verdades duras,* mais conhecidas pelo nome vulgar de *Pavorosa* tomado do primeiro verso com que começam. *A Voz da Rasão,* infundadamente attribuida a José Anastacio da Cunha, allude ao nome arcadico de *Lidio,* que nos revela o nome de Bocage, que até 1790 se assignava *l'Hedois,* do seu bisavô Antonio *l'Hedois.* Quanto se vulgarisou de livre exame, de criticismo, de jacobinismo politico na classe burgueza proveiu da leitura furtiva das mil copias d'estas Epistolas de Bocage; e tanto que as reflexões do liberalismo de alguns livres-pensadores, depois do cêrco do Porto, denominavam-se *Verdades velhas.* No meio de uma sociedade escravisada, Bocage entregou-se á crápula, e explorava o dom natural da improvisação, por onde era admirado. Bocage chegou a exercer uma grande influencia na metrificação portugueza, tornando o verso mais harmonico, a rima mais facil, porém prejudicado por um parallelismo pomposo com que encobre a falta de ideias. Em 1802 ainda foi accusado á Inquisição como pedreiro-livre, chegando-se a instaurar-lhe o processo secreto. Acabou a vida traduzindo poemas didacticos francezes, como os *Jardins* do Abbade Delille, *As Plantas* de Castel, a *Agricultura* de Rosset, e o *Consorcio das Flôres* de Lacroix, verdadeiros documentos da decadencia do sentimento poetico, analoga á decadencia alexandrina. Morreu em 21 de dezembro de 1805.

José Agostinho de Macedo, caracterisa-se como Bocage pelo temperamento irascivel, exacerbado pela inveja do seu glorioso rival. Possuia uma leitura encyclopedica, sem plano, impondo por uma vã erudição a sua vaidade pessoal; falto de senso moral, na sua obra litteraria lisongeou todas as paixões da epoca, a rasão e a intolerancia religiosa, o liberalismo e o absolutismo restaurado. Era popular sob o nome de *Padre Lagosta,* pelas faces plethoricas. José Agostinho nasceu em Beja a 11 de setembro de 1761; professou no mosteiro da Graça em 1778, sendo ao fim de doze annos de revolta contra a disciplina monastica, expulso da ordem em presença da communidade em 18 de feverei-

ro de 1792. Passou então a presbytero secular, fazendo da predica o seu ganha-pão, vindo a ser nomeado prégador regio em 1802. Acompanhou a revolução de 1820, tendo sido eleito deputado ás côrtes constituintes, pondo-se desde 1823 até á sua morte ao serviço da reacção absolutista. A sua vida litteraria foi uma constante e virulenta polemica pessoal, dando largas aos sentimentos mais deshumanos e á linguagem a mais abjecta. O seu orgulho pessoal levou-o a pretender acabar com a gloria de Camões, elaborando em 1811 o poema *O Gama,* para supplantar os *Lusiadas;* trez annos depois refundiu este acervo de oitavas rhetoricas accrescentando aos dez mais dois cantos, com o titulo mais sonoro *O Oriente.* O padre em um longo prologo fez-se o ecco da critica de Voltaire no *Ensaio sobre a Poesia epica.*

As falsas ideias sobre poesia levaram-no para imitar esse enfadonho naturalismo didactico-classico dos sempre deslavados Delille, Chenedollé, Esmenard, Lebrun, Luce de Lancival, Campenon, que eram lidos e apregoados pelos que cultivavam as Sciencias naturaes. José Agostinho seguiu esta corrente, no seu poema didatico *Newton,* e na *Viagem extactica ao Templo da Sabedoria.* Em 1812 as paixões politicas fizeram-lhe escrever um poema heroi-comico *Os Burros,* emendado e adaptado ás novas crises politicas do constitucionalismo. Dom Miguel nomeou-o Chronista-mór do reino, em 1830, exerceu a Censura litteraria official, e morreu quando triumphou no cêrco do Porto o regimen representativo.

c) A *crise revolucionaria em Portugal.* — *Transição para a epoca do Romantismo.* — A decomposição do regimen catholico-feudal, que dirigiu a transição affectiva da Edade média, chegou ao seu periodo violento na Revolução franceza; a manifestação era local, mas pela generalidade do phenomeno a todo o Occidente, é que os reis, como José II, e os grandes ministros, como Pombal, Aranda e Choiseul, cooperaram pondo em acção as ideias; pelas mesmas causas a crise revolucionaria encontrou ecco em todas as nacionalidades da Europa. Em Portugal o Intendente Manique obstava por todas as violencias para se não espalharem as noticias da Revolução franceza, e nas Contas para as Secretarias accusa o Duque de Lafões de dar abrigo na Academia das

Sciencias ao convencional Brussonet, e delata com espanto o crime de se cantarem cantigas francezas nos botequins, chegando a audacia ao ponto de entoarem o *Ça ira* debaixo das janellas do palacio real. Espalhavam-se por todas as mãos exemplares da Constituição, e Manique espiava com furor a propaganda dos livreiros francezes estabelecidos em Lisboa. Todos os homens cultos adheriam ás novas ideias philosophicas, que se vulgarisavam pelas representações em theatros particulares; as peças preferidas eram as tragedias de Voltaire, que apparecem traduzidas completamente em folhetos avulsos. De facto n'essas tragedias debatiam-se novos problemas, que lisongeavam a aspiração de independencia moral, na decahida sociedade portugueza; *Alzira* é o protesto a favor da liberdade de consciencia e a condemnação da intolerancia religiosa; *Zaira* é o combate entre o amor e a religião, *Merope* é a apologia do suicidio, *Semiramis* apresenta o parricidio em nome da divindade, e *Mahomet* a hypocrisia cynica impondo-se triumphante pelo perstigio de uma entidade monotheista. A tragedia philosophica prestava-se tambem á propaganda politica; em Coimbra, onde a sciencia doutoral mantinha o respeito pelo antigo regimen, formigaram os theatros particulares, onde os estudantes davam largas ao seu jacobinismo. O reitor D. Francisco de Lemos mandou fechar todos esses theatros particulares, e foi mais tarde n'esta corrente das tragedias philosophicas que se formou o talento de Garrett, servindo com a sua tragedia *Catão* o movimento revolucionario de 1820. O seculo findou com os grandes desastres da *orgia militar* napoleonica, que pesaram duramente em Portugal, sendo aqui o ponto de apoio da resistencia que destruiu essa monstruosa anomalia guerreira. Sem o conhecimento d'estes factos não se comprehendem, nem as novas instituições parlamentares implantadas no seculo XIX em Portugal, e muito menos a acção politica exercida pelos litteratos portuguezes sob o regimen liberal, simultaneo com a transformação do Romantismo.

SEXTA EPOCA

(SECULO XIX)

O ROMANTISMO

I — **Renovação das Litteraturas modernas da Europa:**

1.º As consequencias historicas da Revolução franceza:
- a) A influencia politica.
- b) A influencia pedagogica.
- c) A caracteristica da Litteratura moderna.

2.º Os epigones do Romantismo em Portugal:
- a) Phase liberal do Romantismo — Garrett.
- b) Phase religiosa ou emanuelica — Herculano.
- c) Reacção do espirito classico — Castilho.

3.º O Ultra-romantismo:
- a) Lyrismo melancholico: Soares de Passos.
- b) Romances historicos: Rebello da Silva, e outros.
- c) Dramas de sangue.

II — **Disciplina scientifica na dissolução do Romantismo:**

- a) Eschola de Coimbra, e sua falta de bases doutrinarias.
- b) Origens tradicionaes da Litteratura: Romanceiros, e Novellistica popular.
- c) Novos estudos philologicos: desenvolvimento da Historia litteraria de Portugal.

§. I

Renovação das Litteraturas modernas da Europa

Na transição do seculo XVI para o XVII, operou-se uma reac-
ão espontanea em todas as litteraturas europêas contra o exces-
) da imitação classica sustentada na grande epoca da Renascen-
ı pela Italia; chamou-se á nova doutrina litteraria *Culteranis-
o,* e como não provinha de uma transformação geral da socie-
ıde, mas de modos de vêr individuaes ou academicos, degenerou
n um lamentavel abuso de rhetorica, em agudezas de engenho,
ınceitos frivolos e em manifesta decadencia. Foi esta a causa
rincipal da prolongação da influencia greco-romana sob o nome
ɔ classicismo francez durante todo o seculo XVIII, em todos os
aizes da Europa. Por seu turno, succedeu tambem uma reacção
atural contra a exagerada imitação da litteratura franceza da
poca de Luiz XIV, que partiu das litteraturas do norte e se pro-

pagou ás litteraturas meridionaes com o nome de *Romantismo*. Este phenomeno é determinado por causas accidentaes, como a Guerra dos sete annos, que aproxima os escriptores allemães do conhecimento da poesia ingleza, e a côrte de Weimar, denominada a Athenas de Thuringe, sob a regencia pacifica de Anna Amelia de Brunswick, onde se reunem Göethe, Schiller, Wieland, Herder, Schlegel; porém na essencia, a transformação litteraria do *Romantismo* acompanhava o movimento social da Revolução franceza, desde o negativismo critico dos Encyclopedistas até a transacção provisoria do regimen das Cartas constitucionaes. O Romantismo foi sempre solidario com a agitação politica, e só pôde ser comprehendido nos seus diversos aspectos, conforme as phases differentes que apresenta a grande crise occidental localisada em França. Na Allemanha, onde se reagia contra a imitação da Litteratura da epoca de Luiz XIV sustentada por Gottsched, e combatida por Haller, Wieland, Klopstock, Lessing, Schlegel, o impulso de renovação litteraria chamada o *Romantismo*, era uma *continuação d'esse sentimento do natural e individualismo anarchico dos escriptores francezes que prepararam a Revolução*. Lessing imita Diderot no theatro; Göethe adapta o creador do *Neveu de Rameau*, Wieland elabora as gestas medievaes, abreviadas pelo conde de Tressan; Schiller continua a Philosophia philosophica e é proclamado cidadão francez pela Convenção. Kant apropriou-se das doutrinas de Rousseau dando-lhe de [illegible] e Fichte define o caracter historico da Revolução franceza. É isso que Gervinus denomina com imparcialidade este período da Litteratura franceza com o nome de *Proto-Romantismo*, [illegible] hendendo-se assim a sua intima connexão com a grande crise occidental. As longas perturbações da Revolução franceza, pela mobilidade social, e pelo regimen de devastação militar imposto por Napoleão I, não deixaram proseguir a Litteratura franceza na sua evolução natural, vindo á Allemanha a competir essa missão de crear as fórmas litterarias em relação com o espirito moderno e com os organismos nacionaes. O *Romantismo* apresenta nas Litteraturas allemã e ingleza os dois aspectos sentimental e tradicional, como nos Lakistas e em Novalis, ou em Byron, Walter Scott, e Thomas Moore.

As litteraturas meridionaes apresentam a nova fórma do Romantismo *liberal*, quando os estados do Occidente, que abraçavam os principios da Revolução, foram illudidos pela transacção do absolutismo sob o regimen das Cartas outorgadas. Em França, Italia, Hespanha e Portugal, os principaes escriptores que propagam as fórmas do Romantismo são tambem os primeiros caudilhos do regimen do liberalismo monarchico-parlamentar, como vêmos em Garrett e Herculano. Nas reacções absolutistas, os partidarios das doutrinas classicas serviam-se do antagonismo politico para vencerem os romanticos, como na Italia. Quando a transição politica entre a Revolução e o Absolutismo, tentou em todos os paizes tornar-se uma solução definitiva pela simulação e falsificação das garantias liberaes, a que Stuart Mill chamou a Pedantocracia, a falta de sentimentos verdadeiros cobriu-se com a emphase do estylo, apparecendo nas litteraturas meridionaes esse aspecto deploravel a que se deu o nome irrisorio de *Ultra-Romantismo*. Contra esta irracionalidade litteraria reagiram alguns espiritos sem disciplina voltando ao *naturalismo;* mas ficaram na impotencia, porque desconheceram sempre o sentido moral do Romantismo, que sem renegar a Antiguidade classica, nem idealisar de um modo exclusivo a Edade media, approxima-se do conhecimento da natureza pelo conhecimento da continuidade historica, sobre que se fundam a sciencia e a philosophia moderna.

1.º As consequencias historicas da Revolução franceza. — Em todas as manifestações do espirito e da actividade moderna é indispensavel a orientação d'este ponto de partida, a Revolução franceza, porque essa *crise violenta* [1] não foi senão o momento em que impulsos accumulados de ideias e sentimentos do passado determinaram o movimento social a procurar um novo equilibrio. Esses impulsos definem-se na sua generalidade pelos factos em que se accentua a longa decomposição do regimen catholico-feudal, que começou pelas heresias religiosas e acabou pelas revoluções politicas. Desde a Paz de Westphalia, que na politica euro-

[1] Denominação lucida, pela primeira vez empregada pelo mathematico Lacroix, no seu livro *Ensaios sobre o Ensino em geral.*

pêa prevaleceu o espirito secular; as Egrejas nacionaes foram subordinadas ao poder dos reis, e com a queda dos Jesuitas o regimen catholico soffreu a sua plena dissolução como auctoridade destinada a dirigir a sociedade humana. O regimen feudal, representado em parte nos privilegios e distincções da nobreza, estava condensado em todas as suas manifestações nas Monarchias absolutas. A queda dos Jesuitas, significando a separação final dos dois poderes, o espiritual e o temporal, porque foram reis catholicos que decretaram a sua expulsão, veiu deixar a realeza em uma situação isolada, e sem a subordinação mantida nos costumes que a sua feição medieval exigia. A soberania absoluta foi discutida, compararam-se as instituições politicas de differentes povos, e o vasto cosmopolitismo provocado pela circulação dos productos do trabalho livre, fez reconhecer a necessidade de uma reorganição social sobre outras bases que não as velhas hostilidades militares. Assim, annos antes a Revolução franceza foi presagiada como inevitavel. A realeza feudal foi executada na pessoa de Luiz XVI pela fatalidade dos acontecimentos, e os privilegios das classes aristocraticas, representantes das bandas guerreiras das invasões germanicas, derrogados pelo principio da egualdade perante a lei, e da lei egual para todos. As longas perturbações da epoca revolucionaria provieram dos esforços para substituir os Poderes decahidos; o poder espiritual foi genialmente esboçado nas reformas pedagogicas da Convenção, mas deturpado pelo banal deismo robespierrista; o poder temporal, provisoriamente substituido pela Republica-democratica, foi afastado da sua fórma definitiva pelo terror, que provocou a Restauração monarchica, pelo Consulado e Imperio, que explorou uma desgraçada retrogradação militar, e por ultimo pelo sophisma das Cartas outorgadas, patrocinado pela Inglaterra.

a) *Influencia politica.* — A marcha da Revolução fanceza foi sustada nas suas manifestações exteriores pela retrogradação imposta a todos os estados pela colligação monarchica denominada *A Santa Alliança;* mas a impossibilidade de reconstituir de pé um passado morto, fez com que entre a Revolução e o Absolutismo se estabelecesse essa transição provisoria das Cartas constitucionaes. Portugal soffreu a invasão militar napoleonica, e Dom

João VI acceitou a auctoridade da Santa Alliança mantendo o seu absolutismo até ao momento em que a nossa revolução de 1820 sacudiu o protectorado inglez e formulou a Constituição politica jurada pelo rei em 1822. A revolução de 1820 foi o ecco tardio mas inevitavel da grande crise franceza; pela primeira vez a representação parlamentar deu logar a manifestações da Eloquencia, exprimindo os elevados sentimentos e as aspirações humanitarias de oradores extraordinarios, como Manoel Fernandes Thomaz, Borges Carneiro, coronel Sepulveda, Simões Margiochi. A emancipação do Brazil em uma nova nacionalidade, deu logar ao desenvolvimento de uma outra Litteratura, e á prolongação da raça, tradição, lingua e actividade portugueza em um mais vasto continente e com o maior futuro. Os retrocessos casuaes das ephemeras restaurações do absolutismo, provocaram emigrações, como em 1823, 1829, 1831, por meio das quaes os renovadores da litteratura portugueza tomaram conhecimento em França e Inglaterra das maravilhas do *Romantismo*. Garrett, que em 1820, depois de escripta a sua tragedia *Catão*, confessava as suas opiniões democraticas, abandona o credo da Revolução pelo constitucionalismo; e Herculano, que primeiro abraçara a causa do Absolutismo, vem encontrar-se no mesmo campo de transição politica, combatendo pela Carta. As emigrações forçadas, acordaram o sentimento de patria, e pela primeira vez os escriptores procuram inspirar-se das tradições nacionaes, fortificando com essas emoções a reorganisação da sociedade portugueza.

b) *Influencia pedagogica.* — A revolução de 1836, na transição do constitucionalismo em Portugal, realisou a nossa adhesão ao novo regimen pedagogico iniciado pela Convenção. Em todas as grandes crises sociaes, ha sempre uma intima solidariedade entre as instituições politicas e as disciplinas pedagogicas; no seculo XIII com o advento do proletariado á participação civil, coincide a creação de uma instrucção publica secular no estabelecimento das Universidades; no seculo XVI, a direcção experimental das sciencias correspondendo á liberdade de consciencia na Reforma, não prepondera no ensino publico porque os Jesuitas se apoderaram das Universidades, mantendo-as estereis pelo seu extemporaneo humanismo. A profunda elaboração scientifica do seculo

XVII, que pelos estudos mathematicos determinou novos processos de methodologia, veiu a entrar na corrente do ensino publico no anno III da Republica franceza, quando em 1794 a Convenção decretou a reforma da Instrucção publica. Da *Eschola central de trabalhos publicos,* organisada por Monge, Bertholet, Fourcroy, Guiton e Prieur, nasceu a *Eschola polytechnica,* esse novo typo pedagogico admittido actualmente em todas as nações da Europa. Foi Passos Manoel, que por decreto de 11 de janeiro de 1837 fundou em Lisboa a *Eschola polytechnica,* no edificio do Collegio dos Nobres, comprehendendo dez cadeiras para cinco cursos de quatro annos; no Porto, a antiga Academia real de Marinha foi tambem em 1837 transformada em uma *Academia polytechnica.* O espirito da especialidade é que prevaleceu na reorganisação pedagogica da Convenção; seguimos tambem essa corrente, fundando em 1837 a *Eschola do Exercito, Eschola Medico-cirurgica, Academias de Bellas-Artes* em Lisboa e Porto, o *Conservatorio da Arte dramatica* e *Eschola de Declamação,* reformou-se a Universidade extinguindo a faculdade de Canones, e introduzindo as duas faculdades de *Philosophia* e *Mathematica* na sua fórma polytechnica. Da instrucção especial superior veiu a comprehensão da necessidade de crear o ensino medio ou elementar, representado nos atrazados Collegios appensos ás Universidades. Lagrange, Laplace e Garat substituiram aos antigos Collegios as *Escholas centraes,* o typo do nosso ensino secundario dos *Lyceus nacionaes,* em que o ensino das Lettras pela primeira vez se alliou com o das Sciencias. Por decreto de 5 de Dezembro o Collegio das Artes de Coimbra foi convertido em *Lyceu nacional,* e por decreto de 17 de Novembro foram creados outros Lyceus nos principaes centros do paiz, ou capitaes dos districtos administrativos. Segundo a fórma do *Instituto nacional* de França, a *Academia real das Sciencias* de Lisboa, tambem se dividiu em tres classes, segundo o espirito da Convenção, embora inconscientemente, de *Sciencias physicas e mathematicas, Moraes e Politicas,* e *Litteratura e Bellas Lettras.* Na Litteratura portugueza existe impressa de um modo evidente a influencia da Revolução de Septembro de 1836; Garrett adheriu aos seus principios, e achou-se cooperando com Passos Manoel, que o incumbiu por portaria de

28 de Septembro de 1836 de apresentar um plano de fundação do Theatro nacional, e em 2 de Novembro o nomeou Inspector geral dos Theatros. Herculano insurgiu-se contra o triumpho da Revolução de Septembro, escrevendo no estylo biblico das *Palavras de um Crente* de Lamennais o seu libello poetico *A Voz do Propheta*. Todo o desenvolvimento material e moral apresentado por Portugal n'estes cincoenta annos decorridos, foram realisados pelas gerações educadas nas Escholas especiaes fundadas pelo movimento septembrista. A Litteratura acompanhou esta transformação social; tudo o que se escreveu até 1836 desde o começo do seculo não passa de uma reproducção automatica das fórmas arcádicas, já sob a maneira *filintista*, já sob o estylo *elmanista*. O proprio Garrett antes da emigração era denominado arcadicamente *Jonio Duriense*, e Castilho era árcade romano com o titulo de *Mémnide Eginense*, e ambos representaram até certo tempo as duas influencias de Filinto e Bocage.

c) *A caracteristica da Litteratura moderna.* — Em todos os paizes onde se propagou a nova idealisação litteraria do *Romantismo*, houve uma encarniçada lucta de principios; no seculo XVI reagia-se contra a imitação dos classicos greco-romanos, envolvendo os humanistas nos conflictos *religiosos* do protestantismo, e no primeiro quartel do seculo XIX os sectarios da auctoridade classica accusavam os escriptores romanticos como propagadores do radicalismo *politico*. Estes factos eram a consequencia da falta do conhecimento da solidariedade da Civilisação occidental; a Egreja, na sua direcção espiritual, renegara as obras primas da Antiguidade, durante o longo periodo da Edade media; a Renascença negara por seu turno a importancia das creações medievaes, copiando servilmente as instituições e os productos da edade polytheica; por fim, levantada a denominada *Querella dos antigos e modernos*, veiu o seculo XVIII no seu negativismo critico a desprezar todas as relações com as duas antiguidades, classica e medieval, retemperando-se na fonte viva da natureza. Esta falta de comprehensão da continuidade historica viciava todas as concepções, desviando-as da realidade para o dominio da utopia, e aggravando a agitação anarchica da grande crise occidental. A superioridade da epoca moderna começou pelo conhecimento pro-

gressivo da intima connexão historica entre o mundo greco-rom no e a éra feudal; começou-se por comprehender a historia no se conjuncto, como o fizeram Condorcet e Kant, Herder e Augu Comte, e os investigadores especiaes occuparam-se com sympa tanto da erudição classica, renovada por Otfried Müller, como monumentos medievaes, estudados por Grimm. A Edade media rehabilitada primeiramente de um modo sentimental, emquanto historiadores continuavam a obedecer ao espirito negativista seculo XVIII, declamando com as costumadas phrases de *barbarie* e *trevas sem nome*. Os poetas e romancistas tomaram Edade media, nos seus costumes, crenças e tradições, como o ma dilecto das creações estheticas. O *Romantismo* era a lisação da Edade media, sendo esta designação derivada da de unidade de civilisação das nacionalidades modernas creadas bre a dissolução do Imperio. A designação de *Romantismo* um sentido verdadeiro, e por isso obteve curso unanime. A de uma comprehensão scientifica da Edade media, fez com q escriptores idealisassem essa edade sob diversos aspectos; um feriam o periodo de *dissidencia* das invasões barbaras, cant o instincto da revolta e um individualismo anarchico, e era mocratas como Schiller, liberaes como Gœthe, ou insubmiss *tanicos*) como Byron. Outros escriptores consideravam a E media no seu periodo de *concorrencia*, quando uma auctor doutrinaria estabelecia a subordinação dos espiritos pela E e a coordenação das vontades pela dependencia hierarchic Feudalismo; assim nos apparecem os poetas emmanuelicos, meçar em Klopstock, impondo-se no lyrismo religioso de Ch briand e no sentimentalismo christão de Lamartine, e idealis a vida senhorial dos castellos, principialmente no romance rico Walter Scott, e Victor Hugo no drama. Pouquissimos ptores comprehenderam a Edade media no seu periodo de *gencia*; foram principalmente os philosophos que elucidaram o toriadores, havendo comtudo poetas que se elevaram á idealis da Humanidade, por uma intuição genial, como André Ch Schelley, Gœthe, Lenau, Prati e Victor Hugo.

Após a rehabilitação sentimental da Edade media, segui trabalho de erudição, que a investigou e esclareceu em tod

suas creações; estudou-se o grande problema das origens do proletariado, das classes servas, operarias e agricolas, conheceu-se a organisação do trabalho livre nas Jurandas, e investigaram-se as Catacumbas de Roma, e as lendas populares, que tão claramente explicam a propagação do Christianismo no Occidente; o direito territorial das Communas foi explicado pelos documentos e pela aproximação das fórmas municipaes; publicaram-se as *Canções de Gesta,* e as composições lyricas dos Trovadores provençaes; a Architectura gothica, longo tempo despresada, foi reconhecida como uma das creações mais bellas de uma civilisação, como um typo comparavel ao das ordens gregas; as linguas romanicas foram tambem analysadas no seu conjuncto, e quando todos estes elementos precisavam entrar em uma construcção synthetica, o estudo do samskrito, coadjuvado pelo criterio comparativo e de filiação historica, veiu tornar evidente a unidade do systema linguistico da Europa e a unidade ethnologica dos povos indo-europeus. Os monumentos litterarios dos periodos védico, brahmanico e budhico revelando-nos a continuidade das fórmas litterarias universaes, coadjuvou uma melhor explicação do polytheismo helleno-italico, e simultaneamente com as Gestas carlingianas se penetrou no problema da formação das epopêas homericas. Com estes poderosos subsidios operou-se uma renovação da Historia, tornou-se possivel a constituição de uma Sciencia social, exercendo-se a critica no desenvolvimento da Philosophia da Arte e na Historia das Litteraturas. Do Romantismo sentimental transitou-se evolutivamente para a sciencia, e em vez de continuar-se a idealisar de um modo exclusivo a Edade media, reconheceu-se que uma caracteristica evidente separava a Arte moderna da Arte antiga; consiste, como observou o genio luminoso de Comte — na idealisação da vida domestica. De facto a litteratura moderna é anterior ao Romantismo, ou melhor, pertencem á litteratura romantica obras como a *Celestina* de Rojas, o *Lazarillo* de D. Diego de Mendoza, o *Gil Blas* de Lesage, a *Marianna* de Marivaux, *Jacques o Fatalista* e a *Religiosa* de Diderot, o *Tom Jones* de Fielding, a *Clarisse* de Richardson, o *Tartufo* de Molière, a *Manon Lescaut* de Prevost, *Paulo e Virginia* de Bernardin de Saint-Pierre, o *Adolpho* de Benjamin Constant, a *Princeza de Cleves* de Mad. La

fayette. A transformação da Litteratura consiste em harmonisar os costumes com os sentimentos, e os sentimentos com as opiniões; o sentimento da familia tem sido admiravelmente idealisado nos romances por Balzac, Dickens e Tackerey; o sentimento de Patria inspira os grandes lyricos, como Beranger, Petœfi, Kerner, Manzoni, Krasinski; o sentimento da solidariedade humana é o thema supremo a que tende a Arte moderna na sua alliança final com a Philosophia. No momento presente a Litteratura moderna, servida por uma simples preoccupação da fórma plastica, raramente se eleva ao seu destino social, esgotando-se em uma idealisação do individualismo anarchico, concomitante com as ambições pessoaes favorecidas pelo parlamentarismo, que explora essas aptidões litterarias na intervenção do jornalismo.

2.º Os Epigones do Romantismo em Portugal. — No uso corrente os nomes de Garrett, Herculano e Castilho ligaram-se intuitivamente, como exprimindo o movimento litterario moderno em Portugal; Garrett iniciou o estudo da tradição nacional, creou theatro portuguez, e dirigido pela melancolia dos Lakistas entregou-se ás mais bellas fórmas do lyrismo pessoal; Herculano renovou os estudos da Historia portugueza e transplantou para a nossa lingua o typo do romance creado por Walter Scott, distinguindo-se depois do conhecimento de Klopstock pelo seu lyrismo religioso; Castilho continuou as velhas fórmas arcádicas, reagiu por longo tempo contra a introducção do Romantismo, vindo por fim a cooperar na idealisação da Edade media, e a traduzir as obras que mais caracterisavam a inspiração moderna. Herculano sentia-se solidario com os esforços artisticos de Garrett, considerando-se junto d'elle e pela preferencia pelos trabalhos historicos o que era junto de Gœthe Herder, e Thierry junto de Victor Hugo.

a) *Phase liberal do Romantismo: Garrett.* — Os principios fundamentaes da reorganisação social proclamados pela Revolução franceza foram criminosamente deturpados pela retrogradação militar, á custa da qual Napoleão, invadindo os estados da Europa tentou unificar as nações sob o seu dominio pessoal. O colosso caíra pela irracionalidade da empreza e pela colligação dos estados europeus; porém d'este successo, que determinou o estabe-

cimento da *Santa Alliança dos Reis contra os Povos,* resultaram phenomenos contradictorios, que prolongaram a agitação do seculo XIX. A confusão dos principios doutrinarios da Revolução com as monstruosidades da orgia militar napoleonica, fez com que a Santa Alliança tentasse restaurar o velho regimen catholico-feudal, levando os governos a uma deploravel acção repressiva de conservantismo; por outro lado as resistencias nacionaes contra as invasões do aventureiro côrso, acordaram os sentimentos e as tradições, que inspiraram as novas manifestações litterarias. Na Allemanha, as sociedades secretas do *Tugendbund* e *Burchenschaff* tinham no seu seio philosophos como Fichte, poetas e homens de sciencia, que levantaram o espirito nacional pela revivescencia das tradições germanicas. Com o desenvolvimento d'esta revelação do genio dos povos, que tornou a Allemanha a iniciadora do Romantismo, coincidiu a acção diplomatica da Santa Alliança, que pretendendo restaurar um passado morto, viu nas novas manifestações litterarias um symptoma revolucionario.

Remusat, caracterisa o esforço retrogrado da Restauração: « ella constantemente desconhecia e punha todo o seu orgulho em desconhecer a realidade e a profundidade da Revolução nas ideias. Queria attribuir tudo ás paixões individuaes, ás illusões de um momento, e representar como um mal passageiro uma renovação social. » As doutrinas irrompiam apezar de todas as repressões materiaes, e manifestavam-se em orgãos litterarios que serviam de convergencia á mocidade talentosa; de 1824 a 1830, publica-se em França o *Globo,* onde sob o impulso de Dubois, apparecem os poderosos escriptores Jouffroy, Damiron, Trognon, Patin, Agostinho Thierry, Lerminier, Charles Remusat, Sainte Beuve, Vitet, Mérimée, J. J. Ampère, Thiers, Pierre Leroux e Armand Carrel, auxiliados pelas communicações de Guizot, Villenain e Cousin. No *Globo* conciliava-se a liberdade da imprensa ngleza com o espirito scientifico allemão, proclamava-se a superioridade da França moderna sobre a do antigo regimen, e iniciava-se a critica litteraria com os estudos archeologicos da Edade media. Foi então que se operou a distincção entre *Classicos* e *Romanticos,* aquelles sustentando a auctoridade do passado, estes

affirmando a moderna emancipação artistica e social. O classico Baur-Lormiant chega a pedir o desterro para todos os romanticos como medida de segurança publica. Na Italia, os escriptores que aspiram á queda do despotismo austriaco, escrevem no *Conciliatore,* « accusado, como diz Salfi, de excitar os seus leitores á independencia politica por meio da independencia litteraria. » Em Hespanha, a *Academia del Mirto* converte-se na sociedade secreta dos Numantinos, e entre os presos pela causa da independencia politica figuram o grande lyrico Espronceda e o poeta Escosura. Rhigas, na Grecia moderna, Petœfi na Hungria, Puchkine na Russia, Mickievicz e Zaleski na Polonia, são as manisfestações de revivescencias nacionaes, cujo espirito se universalisava pela litteratura. Por isso Herculano referindo-se ao Romantismo, diz que esta revolução litteraria « vem com as revoluções sociaes, e explica-se pelo mesmo pensamento d'estas. »

Sem estes preliminares historicos fôra impossivel comprehender a acção de Garrett na transformação da litteratura portugueza. Portugal tambem soffreu como os outros estados a invasão militar napoleonica, sendo aqui o ponto de apoio da resistencia européa contra essa retrogradação; Portugal tambem affirmou o seu vigor nacional na revolução de 1820, soffrendo o attentado da Santa Alliança em 1823 com a restauração do Absolutismo. Foi em consequencia d'estes retrocessos, que se deram as emigrações dos individuos mais compromettidos pela causa democratica ou pelo liberalismo constitucional; a esta circumstancia deveu Garrett o conhecimento da nova corrente litteraria do Romantismo, procurando a principio separar a expressão artistica do pensamento politico. Na obra d'este iniciador é impossivel comprehender a concepção ideal separada de qualquer relação social; a sua vida achou-se sempre intimamente ligada a todos os movimentos politicos para o estabelecimento em Portugal do regimen parlamentar.

João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett nasceu no Porto, em 4 de fevereiro de 1799; a familia de seu pae, Antonio Bernardo da Silva de Almeida Garrett, era oriunda dos Açores (ilha do Fayal), e a esta circumstancia deveu o poeta ter passado os primeiros annos nos Açores junto de seus tios,

bispo D. Frei Alexandre da Sagrada Familia, e os arcediago e conego Manoel Ignacio e Ignacio da Silva, da sé de Angra. Comprehende-se a direcção exclusivamente latinista da primeira educação de Garrett, a sua veneração pelos poetas da velha Arcadia Ulyssiponense, e as suas primeiras tentativas litterarias pelos modelos consagrados do pseudo-classicismo francez. D'esta phase precursora do seu talento, restam o poema didactico *O Retrato de Venus,* em que elle ainda usava o nome arcádico de *Jonio Duriense,* e imitava Delille; a tragedia em verso endecasyllabo *Mérope,* em que imitava os intuitos philosophicos de Voltaire, o *Lyceu das Damas,* em que imita as Cartas de Demoustier sobre a mythologia, e algumas odes philintistas e traducções poeticas do grego e do latim da *Lyrica de João Minimo* e das *Flores sem fructo.* De toda esta actividade lucrou Garrett apenas um perfeito conhecimento do verso endecasyllabo, deduzido do estudo das obras de Filinto Elisio.

Pela vinda de Garrett para a Universidade de Coimbra, (1814-1821) entrou o seu espirito n'essa corrente do jacobinismo tradicional da época de 93, que preponderava na classe academica em conflicto com o conservantismo doutoral. Comprehendeu a degradação da nacionalidade portugueza sob o protectorado inglez de Beresford, e diante do nefando attentado da morte legal de Gomes Freire, e dos sete patriotas enforcados no Campo de Santa Anna em 1817, Garrett escreveu o eloquente soneto, em que exclama: « geme sem protector a humanidade. »

A repressão canibal de Beresford levantou o espirito nacional portuguez, que na Revolução de 24 de setembro de 1820, reivindicou a propria soberania, repellindo o jugo estrangeiro. Garrett adheriu a este glorioso movimento, e inspirou-se n'elle para escrever a sua importante tragedia *Catão,* tantas vezes representada por occasião de manifestações politicas e como distracção entre os emigrados portuguezes. A violação da Hespanha pela Santa Alliança, em 1823, determinou Dom João VI a rasgar a Constituição de 1822, que jurára, e a proclamar-se absoluto. Entre os perseguidos pelo seu liberalismo figura Garrett, tendo em julho de 1823 de emigrar para França, outo mezes depois do seu casamento. Em um officio da Intendencia da Policia, de 1826, em

que se permitte o regresso de Garrett, diz-se que «arrebatado pelas ideias do tempo, pela verdura dos annos e pelos excessos de uma imaginação ardente, foi como outros muitos hoje restituidos aos patrios lares, um sectario fogoso dos principios democraticos, que vogaram durante o fatal periodo da Revolução, e que infelizmente hallucinaram as cabeças dos incautos e inexperientes, etc.» Foi n'este periodo da primeira emigração de 1823 a 1826, que se operou no espirito de Garrett a crise definitiva do genio artistico. Para «occupar e distrahir o attribulado espirito em tanto desterro e solidão» compoz em Paris, o seu poema elegiaco *Camões;* e escreve em 1826 o novo poema tradicional, no estylo digressivo, a *D. Branca.* O conhecimento da actividade romantica em 1824, fal-o comprehender a necessidade de colligir os romances, xácaras, soláos e outros vestigios da antiga poesia nacional; achara a base organica para a transformação da litteratura portugueza. Depois do regresso a Portugal, Garrett soffreu alguns mezes de carcere em 1827, por exercicio de liberdade de imprensa; e desencadeando-se as furias absolutistas com o regresso de D. Miguel, de Vienna de Austria em 28 de fevereiro de 1828, Garrett viu-se forçado a expatriar-se pela segunda vez n'esse mesmo anno. Em Inglaterra occupou-se o poeta em 1828 em colligir os seus primeiros versos na *Lyrica de João Minimo,* e em 1829 representavam os emigrados liberaes em Plymouth a sua tragedia *Catão,* assistindo entre outros Alexandre Herculano, José Estevão e os dois Passos. Pela emigração na Inglaterra, Garrett achou-se em relação directa com o movimento litterario do Romantismo, e ao mesmo tempo indissoluvelmente ligado á lucta politica para a implantação em Portugal das instituições liberaes. Em 1832 partiu de Bellisle com a expedição portugueza para a ilha Terceira, e d'alli para o cêrco do Porto como soldado do batalhão academico, distinguindo-se nos trabalhos de reorganisação commercial, administrativa, penal e de instrucção publica. Nas terriveis luctas do cêrco do Porto em 1832, esboçou Garrett esse bello romance historico, segundo o typo creado por Walter Scott, *O Arco de Sant' Anna,* onde o antigo lavrador independente lucta pela reivindicação das suas garantias. Depois do triumpho dos liberaes em 1834, dá-se a scisão entre

que consideraram a lucta como simplesmente limitada á restauração da Carta outorgada de 1826, e entre os que reclamavam depois do cêrco do Porto uma Constituição; foi em 1836 que se definiram os campos, com a Revolução de Setembro. Triumphou o principio da soberania nacional sustentado pelos *Setembristas* contra os *Cartistas*. Garrett seguiu a causa dos setembristas, e coadjuvando as reformas realisadas por Passos Manoel, emprehendeu então a creação do Theatro nacional. É este o seu grande titulo de gloria. Não bastou sómente crear o drama moderno, senão ter de interessar pelo seu pensamento os novos governos e a propria sociedade que acabava de saír das longas batalhas feridas contra o absolutismo.

Para crear o drama moderno, teve Garrett de desprender-se da antiga influencia dos tragicos francezes e italianos, por cuja pauta escreveu o *Catão*, a *Merope* e outras peças que inutilisou, como um *Edipo em Colona*, e de inspirar-se das tradições nacionaes, sobre as quaes desenvolveu as suas novas concepções. O governo revolucionario de 1836, em portaria de 28 de setembro, convidou-o a apresentar um plano para a fundação e organisação do theatro portuguez; nomeado em 2 de novembro d'esse mesmo anno Inspector geral dos theatros, não o embaraçaram os complicados trabalhos officiaes para crear os modernos typos da litteratura dramatica. Em 1838 escreveu Garrett *Um Auto de Gil Vicente*, com que iniciou a phase romantica do theatro; elle conta como a tradição o inspirara: « O que eu tinha no coração e na cabeça — a restauração do nosso theatro, seu fundador Gil Vicente, seu primeiro protector el-rei Dom Manoel, aquella grande epocha, aquella grande gloria, de tudo isto se fez o drama. » Apesar dos defeitos de estructura e da errada comprehensão historica, o *Auto de Gil Vicente* produzia um enthusiasmo geral, e acordou o interesse do publico pela obra da restauração do theatro portuguez. Este drama ligava-se a um anterior phenomeno do renascimento nacional, a publicação das *Obras* de Gil Vicente, em 1834, copiadas por um seu companheiro de desterro, José Victorino Barreto Feio do rarissimo exemplar de 1562 conservado na Bibliotheca de Goettingue. Com um grande tino artistico, Garrett ligou ao seu drama essa outra tradição sentidissima

dos amores de Bernardim Ribeiro pela infanta Dona Beatri Tudo isto estabelecia relações sympathicas entre o publico e a obra litteraria.

Em 1840 escreveu Garrett o drama historico *Filippa de V lhena,* sobre uma bella tradição que reveste de poesia o movim to revolucionario de 1640, quando Portugal recuperou a sua r. cionalidade autonomica. O drama foi escripto para ser repres tado pelos discipulos do Conservatorio. O *Pinto,* de Nepomu Lemercier, idealisa o heroe da revolução de 1640; Garrett evit o escolho da imitação. Esse outro drama o *Alfageme de Santa* escripto em 1841, tem por acção a liberdade da patria salva invasão castelhana, em que é heroe o *Santo Condestabre,* das guidilhas do povo, o vulto cavalheiresco de D. Nuno Alva Pereira; Garrett aproveitou-se com arte d'essa lindissima tr ção da espada invencivel temperada pelo armeiro de Santa tal como a descobriu na *Chronica do Condestavel* nos cap XVII, e LII. Os Cartistas, em 1842, acharam-se senhores do p der depois da insurreição do Porto promovida por Costa Ca e o *Alfageme de Santarem* foi prohibido por suspeitarem n'elle sões politicas contra o ministerio de resistencia. Em 16 de j de 1841, e em 7 de outubro de 1842, Costa Cabral demittiu G rett de Inspector geral dos theatros e de Conservador das Es las de Declamação no Conservatorio. Em 1844 começaram primeiros symptomas de resistencia nacional contra a retrog ção cartista, e é n'esse anno que escreve Garrett a obra p ma do theatro moderno da Europa, o *Frei Luiz de Sousa.* D n'esta obra a circumstancia que inspira todas as obras geni assim como Goëthe recebeu a primeira ideia do *Fausto* no thea dos *puppenspiel,* (bonifrates) Garrett tambem sentiu o valor matico da tradição de Frei Luiz de Sousa em um theatro am lante, em 1818, na Povoa de Varzim. Este primeiro germe borou-se no seu espirito, e foi ampliado pelo estudo na Me historica de D. Francisco Alexandre Lobo e nas narrativa Frei Antonio da Encarnação. A tradição que se applica a F Luiz de Sousa, é frequente na Edade média com os cavall ue voltavam da terra santa; o incendio que Manoel de S outinho ateia no seu palacio de Almada, quando sabe que

Governadores do reino tentam refugiar-se alli por causa da peste de Lisboa, acha-se tambem na tradição hespanhola do Conde de Benavente, que incendiou o seu palacio quando Carlos V o mandou saír d'elle para ser entregue ao duque de Bourbon, tradição tratada tambem no romance *Um Castellano leal* de um dos chefes do romantismo em Hespanha, o Duque de Rivas. No *Coronel Chabert,* de Balzac, ha esta tradição localisada em um militar que chega muito tarde a Paris das campanhas da Russia. No drama *Frei Luiz de Sousa,* em que Garrett introduziu menos elementos da sua imaginação é onde elle attinge a sublimidade shakespereana na expressão das paixões, a nitidez logica dos caracteres, a naturalidade na sua maxima verdade.

A lucta politica rompeu em 1846 com a *Maria da Fonte,* designação mythica do caracter popular da revolução; em 1847 levantou-se no Porto a prolongação d'esse movimento sob o nome de *Patuléa,* que synthetisava a classe industrial. Garrett esteve sempre do lado da nação contra a resistencia do paço, que venceu por meio de uma intervenção armada estrangeira; são admiraveis de justa e clara doutrina os Discursos parlamentares de Garrett, em lucta com os principaes oradores cartistas. Por fim deu-se um movimento de conciliação entre os dois campos sob o nome de Regeneração em 1851; em 25 de junho d'esse anno Garrett foi nomeado Visconde, em 13 de janeiro de 1852 nomeado par do reino, e n'esse mesmo anno entrou no ministerio com a pasta dos estrangeiros. Estava terminada a sua vida de lucta; gasto por essa vida admiravelmente descripta nas odes inimitaveis e unicas das *Folhas cahidas,* expirou em Lisboa em 9 de dezembro de 1854. Ninguem como elle soube dar á prosa portugueza uma fórma espontanea, incidentada, cheia de locuções populares, de movimento subjectivo e de effeitos pittorescos, animada de um desdem soberano, como Garrett, sobretudo nas *Viagens na minha terra.* O lyrismo das *Folhas cahidas,* inspirado por uma paixão tardia e occulta, é um documento psychologico de primeira ordem, o ultimo lampejo da sua poderosa organisação effectiva. Garrett tomou parte em todas as luctas que precederam o estabelecimento do regimen parlamentar em Portugal, teve o poder e a influencia, mas acima de tudo prezou sempre a sua

missão de escriptor, que lhe serviu de apoio moral nas ruinas e vacillações de uma epoca.

b) *Phase religiosa ou emanuelica do Romantismo: Herculano.* — A idealisação da Edade media levou alguns poetas a reagirem contra as instituições liberaes, emergentes da Revolução, inspirando-se exclusivamente do sentimento religioso do Christianismo, como vemos primeiramente em Klopstock com a *Messiada*, e depois com intuito politico em Chateaubriand com os *Martyres* e *Atala*, em Soumet com a *Divina Epopêa*, e principalmente em Lamartine com o *Jocelin* e com as *Harmonias* e *Meditações*. Em ao que Gervinus chamou a eschola emanuelica; acha-se representada em Portugal por Alexandre Herculano, cujos primeiros estudos foram frequentados no Collegio do Espirito Santo, dos Padres Congregados de S. Philippe Nery, e cujas predilecções literarias se revelaram por tentativas de uma traducção da *Messiada*.

Antes da emigração, já Herculano revelava um certo gosto litterario, e occupava-se no estudo da lingua allemã, procurando ler Klopstock e Schiller. *Como achou o futuro* iniciador do Romantismo *em Portugal esta nova corrente litteraria?* Dil-o elle na biographia da Marqueza de Alorna: « *Áquella mulher extraordinaria, a quem* eu devi incitamentos e protecção *litterarios*, quando *ainda no* verdor dos annos dava os primeiros *passos* na carreira das lettras. Apraz-me confessal-o aqui, como outros *o fariam*, se a occasião se lhes offerecesse;... Como madame Stael, ella fazia voltar a attenção da mocidade para a Allemanha, a qual veiu dar nova seiva á arte meridional que se getava na imitação servil das chamadas lettras classicas, e estas estudadas no transumpto infiel da litteratura franceza da epocha de Luiz XIV. » [1] A emigração não fez senão esclarecer o espirito de Herculano na comprehensão das novas idealisações do Romantismo.

Alexandre Herculano nasceu em Lisboa, em 28 de março de 1810; foram seus paes Theodoro Candido de Araujo, fiel da recebedoria da Junta de Juros, e Maria do Carmo Boaventura. Seguiu os estudos da Aula de Commercio, e frequentou a aula

[1] *Panorama*, t. VIII, p. 404. (1844).

Diplomatica. (1830) A epoca estava terrivelmente perturbada pela lucta do absolutismo e do liberalismo; Herculano seguiu a politica do antigo regimen, mas surprehendido na rua na revolução do 4 de infanteria em 21 de agosto de 1831, teve de refugiar-se em casa do capellão dos allemães, e d'alli foi para bordo da fragata *Melpomene,* seguindo depois em um paquete inglez para Falmouth e Plymouth. Achou-se pela força dos acontecimentos na corrente da emigração dos liberaes; foi juntar-se ao deposito que estava em Rennes, e em fevereiro de 1832 seguiu para Bellisle, d'onde embarcou em 9 de março com a expedição para a Ilha Terceira. Depois da chegada áquelle unico ponto de apoio dos liberaes, a 19 de março, nove dias depois senta praça de voluntario da rainha, com o n.º 35 da terceira companhia, e foi um dos valentes que desembarcaram no Mindello, entrando em varias acções no apertado cêrco do Porto. As emoções da vida de soldado, a comprehensão da grande lucta da liberdade contra o despotismo e o fanatismo colligados, a saudade da patria e ao mesmo tempo vêl-a ensaguentada com o sangue de irmãos, tudo isto vibra nas composições lyricas da *Harpa do Crente,* em que predomina o sentimento religioso, como nos poemetos a *Semana santa,* a *Arrabida,* a *Cruz mutilada.* As predilecções litterarias de Herculano foram conhecidas, e em 22 de fevereiro de 1832 commissionado para coadjuvar a organisação da Livraria episcopal, da qual foi por decreto de 17 de julho de 1833 nomeado bibliothecario. Foi-lhe dada a baixa de voluntario em 18 de agosto de 1834. Pouco tempo exerceu as funcções de bibliothecario no Porto; não querendo prestar juramento ao novo governo da Revolução de Setembro, que restabelecia o principio da soberania nacional com a Constituição de 1822, Herculano demittiu-se em officio de 17 de setembro de 1836. Foi então que escreveu um libello poetico intitulado a *Voz do Propheta,* em estylo biblico no gosto das *Palavras de um Crente* do abbade Lamennais. No seu regresso a Lisboa, toma conta em 1837 da redacção da revista litteraria o *Panorama,* fundada pela Sociedade propagadora dos Conhecimentos uteis sob a protecção da rainha; no *Panorama* compilou os factos mais importantes da historia de Portugal, biographias dos homens celebres, noticias archeologicas dos monumentos, excerptos dos

classicos, reproducção de documentos ineditos, tudo quanto um povo precisa para ter conhecimento do seu passado. No *Panorama,* redigido por Herculano até 1842, em que se achou envolvido na reacção cartista, iniciou elle o romance historico segundo os modelos de Walter Scott, que então estava sendo traduzido em portuguez por André Joaquim Ramalho e Sousa; alli publicou o *Bobo,* a *Dama pé de Cabra,* o *Parocho da aldêa,* parte do *Monge de Cister,* a *Morte do Lidador* e outras pequenas novellas sob o titulo de *Lendas e Narrativas.* Dom Fernando, que antipathisava com *le roi Passos,* patrocinou Herculano, nomeando-o em 1839 seu bibliothecario; tendo no anno antecedente publicado o bello livro da *Harpa do Crente,* julgou-se a salvo das contingencias da vida com o ordenado de 600$000 reis, e buscou entregar-se completamente ao estudo. Datam de 1840 o *Monge de Cister,* e de 1843 o *Eurico o presbytero,* romances historicos, em que se procura reconstruir epocas e discutir theses philosophicas. Em 21 de fevereiro de 1844 é eleito socio da Academia das Sciencias, obtendo assim as condições para a realisação do seu plano de *Historia de Portugal,* tendo ulteriormente percorrido os principaes cartorios das cathedraes e collegiadas do paiz. Em 1846 publica o primeiro volume da *Historia de Portugal,* que levantou uma grande celeuma, não pela severidade critica, mas por não ter o escriptor ligado importancia ao milagre de Ourique; esta lucta, que deu logar aos opusculos *Eu e o Clero, Considerações pacificas* e *Solemnia Verba,* motivou esse trabalho capital que em 1852 publicou com o titulo de *Historia da origem da Inquisição em Portugal.* Durante as luctas politicas de 1846 a 1851, trabalhou Herculano na *Historia de Portugal,* chegando ao quarto volume, ou até ao reinado de Dom Affonso III, em 1279. Uma grande decepção afastou Herculano da vida publica e da litteratura; elle foi um dos que organisou essa conciliação entre o elemento setembrista e o cartista com o titulo de Regeneração, mas Rodrigo da Fonseca não o achando bastante accommodaticio organisou um ministerio sem convidar Herculano. Em 1852 funda o jornal o *Paiz,* ainda com esperanças no novo partido politico, porém o seu desalento tornava-se cada vez mais profundo, chegando em 1858 a declarar que já não sentia enthusiasmo pelas lettras. A sua antiga

paixão pela agricultura, á qual allude Castilho nas *Excavações poeticas,* domina-o pouco a pouco, e distrahindo-se primeiramente com o grangeio da Quinta do Calhariz e depois com a horta da Calçada do Galvão, acabou por deixar o seu emprego na Bibliotheca da Ajuda e refugiar-se na quinta de Val de Lobos, onde morreu em 13 de setembro de 1878, de uma pneumonia. Herculano, pela austeridade do seu caracter e simplicidade de vida, alcançou um grande poder moral sobre a sociedade portugueza, poder de que se não serviu por causa do desalento em que se deixou caír. Deve-se-lhe a renovação dos estudos historicos, sendo verdadeiramente um continuador de João Pedro Ribeiro e de Frei Francisco de Sam Luiz.

c) *Reacção do espirito classico: Castilho.* — A influencia da Arcadia, e sobretudo do estylo elmanista mantiveram-se em Portugal pela actividade litteraria de Antonio Feliciano de Castilho, que ainda em 1839 condemnava as manifestações do Romantismo. Nasceu Castilho em Lisboa, em 26 de janeiro de 1800; seu pae o dr. José Feliciano de Castilho era lente de medicina na Universidade de Coimbra; sua mãe, D. Domicilia Maxima, possuia o talento da improvisação poetica, que se continuou em seu filho. Castilho cegou aos seis annos de edade, e apesar d'esta calamidade cursou os estudos superiores, tendo como dedicado e constante companheiro seu irmão Augusto Frederico. Em 1819 publicou um poema laudatorio a Dom João VI, sendo por isso contemplado com a tença de uma Escrivaninha; segundo o gosto do pseudo-clacissismo francez publicou em 1821, em verso bocagiano, as *Cartas de Ecco e Narciso,* e em 1822 os poemetos idyllicos *Primavera,* e as quadras octosyllabicas do *Amor e Melancholia,* em 1824. Estes versos determinaram as relações affectuosas e o seu primeiro casamento com D. Maria Isabel de Baena Portugal, em 1834. Tendo-se formado em canones em 1826, n'essa agitada crise que succedeu após a morte de Dom João VI, acompanhou seu irmão para o priorado de S. Mamede de Castanheira de Vouga, em cujo retiro viveu oito annos, entregue ao estudo das obras classicas. Alli começou a traduzir as *Metamorphoses* de Ovidio, escreve a *Noite do Castello* e *Ciumes do Bardo,* e colligiu as suas *Excavações poeticas,* onde se destacam a satyra de *Antão Veris-*

simo e a mosca e a lenda de *Nossa Senhora de Nazareth*. Al adquiriu um profundo conhecimento das locuções populares, que tanto realce davam ao seu estylo. Depois do cêrco do Porto, em 1834 saíu do seu asylo, casou, viuvando ao fim de tres anos. Em 1839 publicou os *Quadros historicos*, em que se revelou um primoroso estylista; o exagerado purismo prejudicava-o na concepção historica. D'este purismo falla seu irmão José Feliciano: «Eu presenciei este facto, a paciencia com que para o simples limar de uma phrase, vencer uma difficuldade, dispendia gostoso dias inteiros.» Este empenho exclusivo da fórma não lhe deixava tempo para elaborar ideias, tendo de exercer o seu talento em traducções mais ou menos paraphrasticas; em 1847 traduz o drama *Camões* de Perrot et Dumesnil; depois os *Amores* de Ovidio, em 1858, os *Fastos* de Ovidio, em 1862, a *Lyrica* de Anacreonte em 1866, as *Georgicas* de Virgilio em 1867, as comedias de Molière *Medico á força, Tartufo, Avarento, Sabichonas* e *Misanthropo* (1869-1874) e traduz do francez o poema do *Fausto* de Goëthe, em que acceita tardiamente a litteratura do romantismo. Falleceu em Lisboa em 17 de junho de 1875. Desde a morte de Garrett exerceu uma acção directa no espirito da mocidade que despontava na litteratura.

3.º **O Ultra-Romantismo.** — Emilio Zola caracterisa este periodo litterario, que se apresenta sob o mesmo aspecto em todas as litteraturas: «Os romanticos de 1830, para varrerem a antiga rhetorica, trouxeram uma outra, egualmente ridicula; não fizeram mais do que substituir a teimosa imitação da antiguidade por uma outra affeição excessiva pela Edade media, pelas velhas cathedraes, pelas armaduras, pelas ferragens e farrapos de seculos passados. Eram as mesmas mentiras em outras decorações.» Em Portugal, a falta de uma educação scientifica na mocidade que admirava os iniciadores do Romantismo, e ao mesmo tempo o conflicto das ambições politicas que desvairava os novos talentos para o jornalismo, levaram a litteratura para a degeneração ultra-romantica. O lyrismo tornou-se a expressão de um sentimentalismo desolado, de uma melancolia fatidica; o romance historico apoderou-se do mundo medieval, cobrindo a falta de c

nhecimento da epoca com as descripções exteriores e com os archaismos da linguagem; o drama debateu-se em paixões fóra da natureza, abusando dos punhaes, das vinganças e dos juramentos tenebrosos. Garrett percebeu esta errada direcção, chasqueando-a em umas phrases do seu romance *Helena:* « eu escrevo uma historia, não faço versos á lua, debruçado nos balcões ideaes de uma creação caprichosa e imaginario estylo... devorado pelo verme roedor dos negros pensamentos que baloiçam tristemente ao vento da solidão no crepusculo da noite... com tres versos na mesma rima seguida, e um agudo depois em *ão,* coração, desesperação ou similhantes... e imbasbacado fica depois o Gremio litterario, o Centro commercial, e não sei se a propria Academia depois de regenerada. » (p. 50.) Nas *Viagens na minha terra* é Garrett mais pungente, explicando « como nós hoje em dia fazemos a nossa litteratura. — Trata-se de um romance, de um drama, cuidas que vamos estudar a historia, a natureza, os monumentos, as pinturas, os sepulchros, os edificios, as memorias da epoca? — Desenhar caracteres e situações do vivo da natureza, coloril-os das côres verdadeiras da historia... isso é trabalho difficil, longo, delicado, exige um estudo, um talento, e sobretudo um tacto!... a coisa faz-se muito facilmente. Ora bem; vae-se aos figurinos francezes de Dumas, de Eug. Sue, de Victor Hugo, e *recorta* a gente, de cada um d'elles, as figuras que precisa, gruda-as sobre uma folha de papel de côr da moda, verde, pardo, azul — como fazem as raparigas inglezas aos seus albuns e scrapbooks; fórma com ellas os grupos e situações que lhe parece; não importa sejam mais ou menos disparatadas. Depois vae-se ás chronicas, tiram-se uns poucos de nomes e palavrões velhos; com os nomes chrismam-se os figurões, com as palavras *illuminam-se...* (estylo de pintor pinta-monos). — E aqui está como nós fazemos a nossa litteratura original. » (I, 41.) Garrett esboça aqui todos os aspectos do Ultra-Romantismo em Portugal; não viu porém as causas intimas que provocaram esta degeneração precóce. Edgar Quinet, maravilhado com as creações esplendidas dos iniciadores do Romantismo em Portugal, ao descrever no *Portugal e a Santa Alliança* as consequencias da intervenção armada em 1847, previu esta decadencia irremediavel dos talentos

simultanea com o attentado contra o espirito nacional que renascia. Em relação á Europa, Comte viu na incoherencia politica do constitucionalismo as condições «mais favoraveis ás mediocridades especiosas do que ás capacidades reaes» e pela ausencia de uma doutrina universal e de uma direcção social, a preoccupação exclusiva da fórma servindo ambições pessoaes desvairadas.

a) *Lyrismo melancolico: Soares de Passos.* — Os principaes documentos da poesia lyrica portugueza na phase ultra-romantica, acham-se colligidos nos jornaes de versos publicados em Coimbra, *O Trovador,* de 1844, e o *Novo Trovador,* de 1851; predomina alli o espirito religioso e melancolico de Lamartine e Millevoye. Coimbra era então uma capital litteraria, exercendo uma influencia directa sobre todos os versejadores. Rimavam-se *Soláos* e *Baladas,* que por toda a parte eram cantadas ao piano. D'entre estas duas gerações academicas, destaca-se Soares de Passos, pelo sentimento elegiaco e pela perfeição dos seus versos. Nasceu Antonio Augusto Soares de Passos no Porto, em 27 de novembro de 1826; por occasião das perseguições politicas contra os liberaes, seu pae Custodio José de Passos esteve homisiado; diante das janellas de sua casa se fizeram os enforcamentos da Praça Nova, em 7 de maio e 9 de outubro de 1829; a pobre criança assistiu ao terrivel cêrco do Porto, ficando-lhe d'essa epoca a indole apathica e triste que se imprimiu sempre na sua idealisação poetica. Educado no Collegio do Corpo da Guarda, e aos quatorze annos empregado na drogaria de seu pae, conseguiu continuar os estudos em 1845, indo matricular-se em 1849 na faculdade de direito na Universidade de Coimbra. A sua vida academica foi de uma intima concentração de espirito, convivendo apenas com alguns poetas compatricios. A bella ode elegiaca *A partida,* imitada pela maioria dos poetas portuguezes, foi escripta sob as impressões de uma doença grave soffrida em 1853. Depois da formatura em direito em 1854, fez uma excursão ao Bussaco e Batalha, fixando tambem as suas impressões em uma ode enthusiastica *O Bussaco.* Durante a vida academica e pelas conversas com alumnos da faculdade de Philosophia, elaborou a sublime concepção lyrica *O Firmamento,* cuja paternidade lhe foi tardiamente disputada. Fixando a residencia no Porto, inscreveu-se

como advogado na Relação, e concorreu ao logar de segundo bibliothecario da Livraria publica, em que não foi provido. Tudo isto conduzia-o a um invencivel desalento, aggravado em 1856 pela doença de seu irmão Custodio Passos, a quem acompanhava; as poesias *Mendigo, Desalento, Consolação* e a *Vida,* foram escriptas sob esta pressão moral, que o tornou cada vez mais concentrado a ponto de viver quatro annos fechado no seu quarto, admittindo apenas a visita de alguns amigos. O apparecimento do *Noivado do Sepulchro,* o *Bardo,* e as traducções de alguns trechos de Ossian, indicam a corrente poetica que a sua tristeza procurava. Em 1858 collige os seus versos, e para fugir ao desalento em que se sentia cahir, projecta em 1859 uma digressão a Lisboa; porém em 6 de janeiro de 1860 tem o primeiro ataque de hemoptysis, e em 8 de fevereiro expira. As suas poesias são constantemente imitadas, prolongando-se ainda essa falsa melancolia ultra-romantica, que em Soares dos Passos é bella pela sua verdade.

b) *Romances historicos: Rebello da Silva.* — Herculano dando-se como iniciador do romance historico em Portugal, considerava as tentativas de imitação d'este genero como esforços « para quebrar as tradições do *Allivio de Tristes* e do *Feliz Independente,* tyrannos que reinaram sem émulos e sem conspirações na provincia do romance portuguez. » Entre essas tentativas enuméra *Os Irmãos Carvajales, O que foram Portuguezes,* de Mendes Leal, *Um anno na côrte,* de Corvo, o *Odio velho não cança,* e *Mocidade de Dom João V,* de Rebello da Silva, e o *Conde soberano de Castella,* de Oliveira Marreca. Garrett caracterisou lucidamente como foi comprehendido este genero litterario, que se continuou teimosamente e sem progresso em Arnaldo Gama, e que é ainda uma preoccupação dos noveis escriptores. Na pleiada ultra-romantica destaca-se Luiz Augusto Rebello da Silva, nascido em Lisboa em 2 de abril de 1822; frequentou a Universidade em 1839, que teve de abandonar em 1841 em consequencia de uma grave doença. Aos dezoito annos collaborou no *Cosmorama litterario* com o romance historico *Tomada de Ceuta;* successivamente cultivou esta fórma litteraria que o conduzia para os estudos definitivos da historia. Os romances *Rausso por homisio,* de 1842, *Odio ve-*

lho não cansa, de 1848 e *Mocidade de D. João V,* de 1852 - varam-no para a *Historia de Portugal* (1860-1871) que escr com subsidio e por commissão do governo; mas as antigas pr lecções levaram-no outra vez para o romance historico, com *Lagrimas e thesouros* de 1863, e a *Casa dos Phantasmas* 1865. Teve uma larga collaboração no *Panorama, Epoca* e *prensa,* e envolvido na politica militante revelou-se como um goroso orador parlamentar, dando largas á pompa e colorido prejudicava o seu estylo rhetorico. Ministro da marinha de a 1870, as luctas politicas e a effervescencia jornalistica min lhe a existencia, retirando-se para a Quinta do Valle de S rem em maio de 1871; d'alli regressa sem esperança em junho, morrendo de uma aneurisma da aorta em 19 de set d'esse mesmo anno. A sua mais bella pagina litteraria é o da *Ultima corrida de touros reaes em Salvaterra.* (1848.)

c) *Dramas de sangue.* — No theatro é que se aggravam todos os exageros do ultra-romantismo, apesar da fundação Conservatorio. Garrett dizia com desvanecimento: « Começ ha pouco mais de um anno, e vinte e tantos dramas origi têm apparecido já n'esta lingua portugueza...» O impulso Garrett não foi comprehendido; os novos talentos imitaram *dramalhões* do ultra-romantismo francez. Herculano, nas Censu do Conservatorio dramatico, caracterisou bem a nova geração lo seu estylo: « a maior parte das vezes falso; comparações frequentes, que a situação moral dos personagens que as fazem comporta; certa poesia na dicção impropria do dialogo; fartura d'essas exagerações com que embasbacam os parvos da platéa que os homens de juizo não podem soffrer. Ás mãos cheias est por ahi derramadas as maldições, os anjos de azas brancas, rochedos em braza, os demonios, toda a mais ferramenta dramatica usada hoje no theatro, e que não sabemos d'onde veiu, porque sendo evidente que os nossos escriptores principiantes buscam imitar os grandes dramaturgos francezes, é certo que raramente acharão lá essa linguagem ôca e falsa, que só póde servir para disfarçar a falta de affectos e pensamentos; Victor Hugo e Dumas não precisam nem usam de taes meios, e para citarmos de casa, já que temos cá exemplo, que esses noveis vejam se nos

ramas do nosso primeiro escriptor dramatico, se no *Auto de Gil Vicente*, ou no *Alfageme*, ha essa linguagem de cortiça e ouropel, a essas expressões turgidas e descommunaes que fazem arripiar senso commum, e que offendem a verdade e a natureza.» *Mem. do Cons.*, 144.)

§. II

Disciplina scientifica na dissolução do Romantismo

Em todas as litteraturas o Romantismo chegou ao esgotamento das fórmas estheticas, encobrindo a falta de sentimentos naturaes e de concepções syntheticas pelos exageros da linguagem emphatica e de um esmero exclusivo do estylo. A Edade media que já mais nada inspirava para a Arte, appareceu com um novo e profundo interesse como campo de exploração scientifica; estudaram-se as suas verdadeiras manifestações poeticas, no lyrismo dos trovadores pelos philologos Raynouard e Diez, nas epopêas das Gestas por Paulin Paris e Becker, no theatro popular pelo Bibliophilo Jacob e Monmerqué, nos fabliaux e novellas por Legrand d'Aussy, Barbazan, Méon e Jubinal; emquanto á arte gothica por Viollet le Duc, Didron, e emquanto ás instituições sociaes por Thierry, Guizot, Beugnot, e emquanto ás doutrinas especulativas por Victor Leclerc. Inicia-se o estudo dos cantos populares e nacionaes, a critica subordina-se a principios philosophicos, e a inspiração artistica retempéra-se nas impressões directas da realidade. Em 1876 escrevia o critico Alexandre da Conceição: «Em Portugal — digamol-o sem devaneios de patriotismo obscuro, mas tambem sem pessimismo rabujento — esta immensa transformação nas ideias e no ponto de vista critico acha-se já brilhantemente affirmada nos estudos historicos e litterarios e nas concepções poeticas e artisticas;... Ha dez annos que se manifestaram os primeiros symptomas d'esta formosa evolução litteraria, e já hoje a

nova Eschola conquistou os direitos de cidade, postoque seja ainda olhada como suspeita pelos espiritos timidos e educados no velho regimen auctoritario.» O Dr. Corrêa Barata, tambem escrevia em 1879: «Em que peze a muitos, é forçoso reconhecer esta grande metamorphose. — Então degladiavam-se escholas; andava em voga a philosophia dos Kant, dos Hegel e dos Fichte.» Fernandes de los Rios, na *Mi Mission en Portugal*, falla d'esta «regeneracion litteraria nacida en Coimbra, en un estrecho circulo de jóvenes, estendida á Oporto, de alli á todo Portugal, que algun dia llevará á España la tendencia nueva de Francia, principalmente de Alemania, á abandonar las queridas pero secas fuentes de una inspiracion gastada, para descobrir en los principios que agitan á la edad contemporánea la base de un sentimiento, que en vez alimentar-se de sueños é instituciones caducas, busca en los hechos luminosos de la razon la inspiracion social y naturalista...» (p. 654.) Esta corrente nova foi conhecida pelo titulo um pouco sarcastico de *Eschola de Coimbra*, cuja opportunidade representa o fim natural do Ultra-romantismo, da rhetorica do estylo, e o estabelecimento de bases criticas na litteratura.

a) *A Eschola de Coimbra.* — As luctas que precederam na Allemanha e França a implantação do Romantismo, reproduziram-se em Portugal na crise da sua dissolução. Era em Coimbra que se davam as condições para uma maior actividade especulativa, e para os enthusiasmos pelas doutrinas theoricas. A leitura das poesias de Victor Hugo e de Alfred de Musset, dos romances de Balzac e de Gustavo Flaubert, das obras historicas de Michelet, das polemicas politicas de Proudhon, das criticas das grandes obras de Arte por Quinet e Taine, dos systemas philosophicas de Hegel e de Comte, tudo isto lido sem plano produzia um estado insurreccional do espirito, um prurido de innovação, e uma audacia mental, que levava a affrontar o constituido, as admirações banaes e a auctoridade academica. Não havia plano, nem disciplina de espirito; nem tampouco novas creações litterarias para contrapôr aos antigos productos do romantismo. Era apenas uma dissidencia, cuja opportunidade teve a importancia de provocar uma renhida polemica litteraria, hoje conhecida pelo

titulo de *Questão coimbrã*, e com variadissimas especies bibliographicas. D'essa polemica apura-se á evidencia a inanidade mental dos que debatiam pelo extemporaneo ultra-romantismo. A *Eschola de Coimbra* perdeu o caracter local, definindo-se com o tempo as suas tendencias poeticas, scientificas e philosophicas, á medida que as concepções metaphysicas da epoca universitaria foram substituidas pela disciplina das doutrinas positivas.

b) *Origens populares da Litteratura: Romanceiros e Novellistica popular.* — A primeira disciplina critica para a transformação da litteratura portugueza devia começar pela exploração das suas fontes tradicionaes. Garrett teve a intuição genial d'esta necessidade, despertado pelo que durante a emigração em Inglaterra observara, e pela reminiscencia das suas emoções infantis: «Antes que excitado pelo que via e lia em Inglaterra e Allemanha, eu começasse a emprehender n'este sentido a rehabilitação do romance nacional, já Grimm, Rodd, Depping, Müller e outros varios tinham publicado importantes trabalhos sobre as preciosas quam mal estimadas collecções castelhanas.» (*Rom.*, I, p. XIII.) Quando Garrett voltou a Portugal em 1826, tentou investigiar a tradição popular, lembrando-se ainda de ter sido embalado na meninice com as trovas do *Conde Alarcos:* «estimulava-me a leitura dos muitos ensaios estrangeiros que n'este genero iam apparecendo todos os dias em Inglaterra e França, mas principalmente na Allemanha. Uma estimavel e joven senhora... foi quem se incumbiu de procurar em Portugal algumas copias de *xácaras e lendas* populares. — Consegui umas quinze rhapsodias, ou mais propriamente fragmentos de romances e xácaras, que em geral são visivelmente do mesmo estylo...» (Ib., 15 a 17.) A collecção de Garrett, pela contribuição de outros collectores, chegou a trinta e dois romances tradicionaes; prejudicou porém a tradição retocando-a artisticamente, recompondo situações com fragmentos de variantes. Depois de Garrett até 1867 nunca mais ninguem tratou de investigar as nossas origens tradicionaes; depois das luctas da Eschola de Coimbra, foram estes os trabalhos preliminares para a fundação da Historia litteraria de Portugal. Acharam-se novos typos novellescos; e nos romances populares se observaram referencias frequentes aos symbolos juridicos

que outr'ora eram vigentes nas Cartas de Foral dos Concelhos da livre população mosarabe. Isto levou á conclusão que a mesma classe que formulou essas garantias juridicas deixou impressos nos seus cantos os costumes da sua sociedade. A exploração estendeu-se da Beira Baixa ao Archipelago açoriano; novos colectores consultaram a tradição oral do Algarve, do Archipelago da Madeira, successivamente do Alemtejo, de Traz os Montes e Minho, e ultimamente do Brazil; as riquezas ethnologicas e historicas accumuladas são incalculaveis e excedem já a parte verdadeiramente anonyma do grande *Romancero general* de Duran. Investigações simultaneas na Galliza e nas Asturias, vieram facilitar a recomposição de uma primitiva unidade ethnica do noroéste da peninsula hispanica, como o conhecimento dos cantos populares da Andalusia leva pelas comparações e similaridades á determinação de outra primordial unidade ethnica betico-extremenha ao sudoéste. Os novos investigadores portuguezes ampliaram a área tradicional comprehendendo sob o nome de *Fall-Lore* os contos, as adivinhas, os jogos infantis, as crenças e superstições, e os costumes locaes. Ainda com este novo desenvolvimento nos apparece o influxo de Garrett, a quem Castilho escrevia a proposito do seu artigo descriptivo do *Folar*, pedindo-lhe outras descripções das festas do anno: «peço-a para os *Reis*; peço-a para o *Carnaval*, peço-a para a *Paschoa*; peço-a para a *entrada da Primavera*, para a do *Estio*, para a do *Outono*, para a do *Inverno*; peço-a para o *Sam João*, peço-a para o *Santo Antonio*, peço-a para os *Finados*; peço-a em summa para cada uma das cousas em que possam caber poesias.» (*Mem. Garr.*, III, 114.

A investigação dos Contos de fadas levou a achar os themas mythicos mais universaes nas litteraturas, e até que ponto os escriptores portuguezes conheceram esse elemento tradicional; pelo estudo simultaneo da litteratura com a tradição popular se conheceu a fórma primitiva da *Serranilha* galleziana, (a actual *Muiñeira*) persistente desde os typos conservados no grande Cancioneiro portuguez da Vaticana do XIV até ás fórmas que ainda se repetem em Rebordainhos. No grande movimento dos estudos *folk-loricos*, Portugal é um dos paizes mais bem representados na Europa. O lyrismo, que se dissolvia em um subjectivismo pessoal,

retemperou-se com um sentido universal e humano diante de uma melhor comprehensão da poesia tradicional popular, como acontecera com Garrett, que apparece genialmente transfigurado nas *Folhas cahidas* depois do seu estudo do Romanceiro.

c) *Novos estudos philologicos: Desenvolvimento da Historia litteraria de Portugal.* — Como uma consequencia da revelação do genio germanico na epoca do Romantismo, Eichorn fundou em 1796 a empreza para a publicação de uma *Historia completa das Sciencias, das Artes e das Lettras, desde o seu renascimento na Europa moderna;* coube a Bouterwek n'esta obra gigantesca a parte relativa ás Litteraturas modernas, publicando em 1804 no terceiro tomo d'este vasto quadro a *Historia da Litteratura portugueza.* Bouterwek confessa que foi auxiliado n'este trabalho por um sabio portuguez. É um livro ainda hoje excellente nas apreciações geraes, na determinação das epocas historicas e nas comparações com as correntes estrangeiras, que só um talento superior poderia realisar, quando mesmo em Portugal se desconheciam os documentos do nosso passado litterario. Sob um ponto de vista menos especial, Sismondi em 1819 tratou da Litteratura portugueza no quadro historico das *Litteraturas do Meio Dia da Europa;* e em 1825, Ferdinand Denis publicou o *Resumé de l'Histoire littéraire du Portugal,* com aquella lucidez vulgarisadora do espirito francez. Com o conhecimento d'estes anteriores trabalhos traçou Garrett em 1827 esse pequeno mas nitido quadro do *Bosquejo da Historia da Poesia e Lingua portugueza;* faltava-lhe porém o conhecimento das leis de formação das linguas romanicas, já determinadas por Diez, dos primeiros documentos da nossa litteratura provençal, e das relações com as outras litteraturas occidentaes.

Na transformação litteraria do Romantismo, Herculano comprehendeu logo, que era necessario uma disciplina critica, que só poderia ser deduzida do conhecimento da Historia da Litteratura portugueza; em um artigo do *Repositorio litterario* de 1834, esboça esse plano, que ninguem então procurou realisar: Começar-se-hia pelo « exame das differentes theorias sobre o bello e sublime, e as consequencias, objecto immediato a que nos conduziriam » e successivamente « Indagando a historia da Poesia nos di-

versos tempos e nações... depois da queda da bella Litteratura greco-latina» estabelecia-se a «Originalidade nascente da Litteratura da Meia-Edade destruida quasi no renascimento das Letras, e substituida por theorias antigas... encontrariamos finalmente o espirito de liberdade e nacionalidade da actual Litteratura...» (*Reposit.*, p. 5.) Depois das luctas da Eschola de Coimbra, e como base critica doutrinaria era indispensavel uma Historia da Litteratura portugueza; os novos trabalhos de investigação philologica coadjuvaram a realisação d'esse pensamento. A publicação do *Cancioneiro da Vaticana* e descoberta do *Cancioneiro de Colocci*, a publicação do *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende, e das *Obras* de Gil Vicente, novas edições criticas de Camões, de Christovam Falcão, de Sá de Miranda, de Antonio Prestes, do *Hyssope*, de Diniz, e de Bocage, facilitavam o proseguimento d'esta empreza, vivificada pelo estudo das nossas origens tradicionaes, e destinada ao estabelecimento de noções criticas fundamentaes. Appareceram novas manifestações *estheticas*, como se verifica pela poesia objectiva e pelo romance realista, seguiram-se trabalhos *scientificos*, até então não iniciados em Portugal, como a Paleontologia, a Ethnographia, a Glottologia e a Philologia oriental e romanica, a Pedagogia, a Historia da Arte nacional, e Politica. Toda esta activa elaboração resultava de um ponto de vista *philosophico*, que se acha definido pelo Dr. Corrêa Barata: «Dos brilhantes espiritos que saíram então da Universidade, alguns aí estão bem conhecidos, os quaes, se me não engano, já soffreram esta transformação que os aproxima do positivismo das concepções hodiernas.» Effectivamente, no ensino superior da Mathematica appareceu esse espirito positivo por influencia da Mechanica de Freycinet e da Geometria analytica de Comte; no ensino da Medicina, pela influencia de Blainville e de Robin, de Fleury e Lacassange, a synthese positivista encontra poderosas adhesões, que se propagam no campo das Sciencias sociaes pela influencia de Stuart Mill, Littré, Spencer e Carey.

A ideia de De Maistre, proclamada no principio d'este seculo, — que tudo indica que caminhamos para uma grande synthese, ainda que reconhecida como verdadeira não foi realisada, mas a sociedade moderna agita-se sob essa aspiração immensa.

Pelo estudo da historia da Litteratura chega-se á descoberta de uma intima solidariedade affectiva entre todos os povos da Europa, revelada pelas creações artisticas com que mutuamente se influem; por estas relações de epocas e de escolas, de correntes de gosto e de renovações criticas, vê-se que a continuidade da Civilisação occidental, interrompida pelo conflicto de crenças e de interesses politicos, actuou sempre como estimulo de coordenação social nas manifestações desinteressadas e livres do espirito. Tal é a lição implicita na historia litteraria de qualquer dos elementos do grupo romanico, que nos revela a primeira base da grande synthese sociocratica para onde se caminha.

FIM

INDICE DOS ESCRIPTORES PORTUGUEZES

I. Seculo XII a XIV

›nso Eanes de Cotom, 73.
›nso Gomes, jogral, 75.
›nso Geraldes, 94, 95, 96, 175.
Affonso Lopes Baiam, 58, 72, 7, 89, 141.
Affonso IV, 92, 93.
onso Sanches, 85, 86.
onymo, 72.
res Nunes, 58, 82, 87, 90, 141.
nde D. Pedro, 73, 85, 86, 88, 93, 102, 119.
›m Diniz, 35, 41, 58, 75, 76, 77, 78, 79, 84, 87, 88, 93, 99, 101, 103, 105, 117, 120.
ogo Pezelho, 75.
tevam Annes de Valladares, 74.
›tevam Froyam, 87.
›tevam da Guarda, 102.
›tevam Raymundo, 74.
›rnão Rodrigues Redondo, 75.
›rnão Garcia Esgaravunha, 74, 87.
ernão Gonsalves de Seavra, 87.
ernam Padrom, 87.
ernão Velho, 87.
rei Francisco de Melgaço, 114.
›onçalo Eannes do Vinhal, 75, 101.
›r. Hermenegildo de Payopélle, 115.
›r. Hilario de Lourinhã, 115.
D. João de Aboim, 72, 74, 76, 87.
João Coelho, 87.
João Garcia, 74.
João de Gaia, 74.
João Garcia Esgaravunha, 74.
João de Guilhade, 87.
João, jogral, 93.
João Lobeira, 105.
João Lopes Ulhôa, 87.
João Martins, 74.
João Soares Coelho, 68, 69, 74.
João Soares Fomesso, 87.
João Soares de Paiva, 74.
João Velho, 75.
João Vasques, 75.
Julião, jogral, 75.
Martim Peres de Alvim, 74, 75.
Martim Soares, 75, 84, 87.
Mem Rodrigues Tenoyro, 87.
Nuno Fernandes Torneol, 87.
Payo Gomes Charrinho, 75, 87.
Pero Garcia Burgalez, 87.
Pero Gomes Barroso, 75, 87.
Pero da Ponte, 87, 100.
Pero Solaz, 87.
Pedro Hispano, 119.
Picandom, jogral, 75.
Ruy Fernandes, 87.
Ruy Paes de Ribela, 87.
Ruy Queimado, 87.
Soeyro Eanes, 75, 100.
Vasco Fernandes de Praga, 74.
Vasco Gil, 87.
Vasco Praga de Sendim, 87.
Vasco de Lobeira, 106.
Vasco Rodrigo de Calvelo, 87.

II. Seculo XV

Affonso Lopes, 144.
Alvaro Barreto, 137, 146.
Alvaro de Brito, 127, 178.
Alvaro da Motta, 160.
Ayres Telles de Menezes, 134, 183.
Condestavel de Portugal, 76, 130, 131, 134, 130.
Conde de Vimioso, 144.
Diogo de Mello, 143.
D. Duarte, 42, 59, 86, 87, 114; 130, 138, 150, 152, 153, 161, 165, 166, 167, 168, 175.

Duarte de Brito, 137.
Duarte Galvão, 253.
Duarte de Resende, 178.
Egas Moniz Coelho, 139; 142.
Fernão Brandão, 137, 241.
Fernão Lopes, 39, 59, 157, 158, 159, 161, 163.
Francisco da Silveira, 175.
Francisco de Sousa, 137.
Garcia de Resende, 58, 134, 135, 137, 165, 188, 196, 222.
Gomes Eanes de Azurara, 59, 90, 106, 158, 160, 162, 163, 171.
Fr. João Alves, 151.
João Affonso de Aveiro, 136.
Fr. João Claro, 134.
D. João de Menezes, 127, 137, 248.
Jorge de Vasconcellos, 135, 279.
Luiz de Azevedo, 133.
Lopo de Almeida, 170.
Nuno Pereira, 175.
D. Pedro, duque de Coimbra, 130, 132, 133, 135, 147, 148, 152, 168, 260.
Pedro Homem, 175.
Pero de Sousa Ribeiro, 136.
Ruy de Pina, 39, 59, 156, 162, 164, 165.
Vasco Pires de Camões, 129.

III. Seculo XVI

Affonso Alvares, 224.
Fr. Agostinho da Cruz, 228, 236.
Amador Arraes, 285.
André Falcão de Resende, 59, 214, 228, 238, 286.
André de Gouvêa, 192, 195, 248.
André de Resende, 182, 194, 238.
Antonio de Abreu, 271.
Dr. Antonio Ferreira, 42, 43, 59, 92, 105, 107; 194, 213, 217, 228, 234, 236, 239, 240, 241, 276.
Antonio Galvão, 251, 253.
Antonio Gouvêa, 261, 262.
Fr. Antonio de Lisboa, 227.
Fr. Antonio de Portalegre, 201.
Antonio Prestes, 198, 202, 216, 225.
Antonio Ribeiro Chiado, 213, 224.
Antonio Tenreiro, 260.
Ayres Barbosa, 238.
Ayres Victoria, 241.
Balthazar Dias, 217, 226.
Balthazar Estaço, 275.
Balthazar Telles, 202.
Bernardim Ribeiro, 206, 207, 208, 214, 243, 244, 265, 292.
Fr. Bernardo de Brito, 90, 139, 141, 275, 282, 286.
Bernardo Rodrigues, 273.
Braz de Albuquerque, 257.
Christovam Falcão, 41, 206, 214, 211, 212, 265, 292.
Damião de Goes, 39, 60, 156, 164, 214, 251, 255, 256.
Diogo Bernardes, 59, 235, 236, 241, 280, 286.
Diogo de Couto, 39, 60, 255, 258.
Dr. Diogo de Gouvêa, 192, 164, 248.
Diogo de Paiva de Andrade, [illegible] 286.
Diogo de Teive, 194, 249.
Duarte Nunes de Leão, 33, [illegible] 254, 286, 313.
Estevam Rodrigues de Castro, [illegible]
Fernão Alvares d'Oriente, 272, [illegible] 287.
Fernão Lopes de Castanheda, [illegible] 42, 60, 251, 252.
Fernão Mendes Pinto, 251, 259.
Fernão de Oliveira, 37, 59, [illegible] 182, 183 a 189; 191.
Fernão Rodrigues Lobo Soropita, 274.
P.e Francisco Alvares, 260.
Francisco de Andrade, 278, [illegible]
Francisco Galvão, 272, 273.
D. Francisco de Mello, 258, 259.
Francisco de Moraes, 225, 242.
Francisco de Sá de Miranda, [illegible] 80, 116, 129, 137, 192, 206 a [illegible] 214, 222, 228 a 234, 248, 286, [illegible]
Francisco Sanches, 261, 262, [illegible]
Garcia d'Orta, 258.
Fr. Gaspar da Cruz, 283.
Gaspar Fructuoso, 283.
Gil Vicente, 18, 19, 22, 39, 41, [illegible] 59, 80, 84, 136, 137, 144, [illegible] 191, 195, 196, 202, 214, 215, [illegible] 225, 239, 267, 281.
D. Gonçalo Coutinho, 228, [illegible] 245, 272.
Gonçalo Fernandes Trancoso, [illegible] 246.
Heitor Pinto, 285.
Heitor da Silveira, 238, 268, [illegible]
Jeronymo Corte-Real, 218, [illegible] 278.

Jeronymo Ribeiro, 216.
D. Joanna da Gama, 285.
João de Barros, 37, 39, 42, 60, 138; 188, 189 a 191, 213, 218, 242, 254, 283, 284.
Dr. João de Barros, 107, 284.
João Lopes Leitão, 268, 271.
P.e João de Lucena, 260.
Fr. João dos Santos, 283.
Jorge Fernandes (Fr. Paulo da Cruz), 273.
Jorge Ferreira de Vasconcellos, 192, 202, 213, 215, 240, 243.
Jorge de Monte-Mór, 42, 55, 209, 210, 228, 233, 244, 245, 276.
Jorge Pinto, 216.
Luiz Anriques, 218.
Luiz Brochado, 214.
Luiz de Camões, 39, 41, 42, 59, 127; 225, 264 a 269; 274, 277, 286, 295.
Luiz Franco, 268, 271.
P.e Luiz da Cruz, 282.
Luiz Pereira Brandão, 278, 280.
D. Manoel de Portugal, 228, 233, 237.
Manoel da Veiga Tagarro, 272, 287.
Fr. Marcos de Lisboa, 283.
Miguel Leitão de Andrada, 141, 142, 175, 236, 275.
Fr. Pantaleão de Aveiro, 260.
Pero de Andrade Caminha, 59, 129, 217, 283, 233, 235, 267, 286.
Pedro Moniz, 193.
Pedro da Costa Perestrello, 42, 218, 272, 276.
Pedro Nunes, 257.
Simão Garcia, 227.
Fr. Thomé de Jesus, 285.
Vasco Mousinho de Quevedo, 274, 278, 280, 286.

IV. Seculo XVII

P.e Alexandre de Gusmão, 310.
Alvaro Ferreira de Vera, 312, 314.
Amaro de Reboredo, 311.
André Rodrigues de Mattos, 303.
André da Silva Mascarenhas, 302.
Fr. Antonio das Chagas, 295, 296, 308, 316, 341.
Antonio Lopes da Vega, 292.
P.e Antonio de Sousa, 310.
Antonio de Sousa Macedo, 315, 324.
P.e Antonio Vieira, 315 a 318.
Balthazar Gonsalves Lobato, 310.
P.e Bento Pereira, 313.
D. Bernarda Ferreira de Lacerda, 297, 301.
Braz Garcia de Mascarenhas, 301, 307.
Diogo Ferreira Figueirôa, 309.
Eloy de Sá Souto Mayor, 309.
Felix Castanheira Turacem, 310.
D. Francisco Child Rolim de Moura, 297.
Francisco Lopes, 298.
D. Francisco Manoel de Mello, 41, 59, 60, 148, 220, 292, 295, 305, 306, 322, 323.
D. Francisco de Portugal, 296.
Francisco Rodrigues Lobo, 291, 298, 303, 309, 314.
Francisco de Sá de Menezes, 301.
P.e Gabriel de Magalhães, 322.
Gabriel Pereira de Castro, 299.
P.e Gaspar Pires Rebello, 310.
Gerardo de Escobar, 309.
Jacintho Freire de Andrade, 322.
Jacintho Cordeiro, 304.
João Franco Barreto, 303.
João de Mattos Fragoso, 304.
P.e João Ferreira de Almeida, 116.
Leonel da Costa, 303.
Fr. Luiz de Sousa, 316 a 322.
Manoel de Faria e Sousa, 291, 299, 306.
Manoel de Galhegos, 299, 300.
P.e Manoel Bernardes, 316.
Manoel Severim de Faria, 189, 284, 314.
Manoel Thomaz, 298, 301, 304.
Marianna Alcoforado, 324.
P.e Matheus Ribeiro, 309.
Matheus da Silva Cabral, 310.
Nuno Barreto Fuzeiro, 297.
Nuno Marques Pereira, 310.
Pedro Salgado, 304.
Simão Machado, 304.
Thomé Pinheiro da Veiga, 299.
Vicente Nogueira, 315.
Violante do Céo, 297.

V. Seculo XVIII

Alexandre Antonio de Lima, 336.
Dr. Alexandre Ferreira, 332.
D. Antonio Caetano de Sousa, 332.
Antonio da Costa, 342.

*

Antonio Diniz da Cruz e Silva, 345, 350.
Antonio José da Silva, 35, 3351.
Antonio Lobo de Carvalho, 353.
Antonio de Mello da Fonseca, 330.
Antonio Pereira de Figueiredo, 116, 339, 344.
Antonio Ribeiro dos Santos, 342, 360.
Conde da Ericeira, 327, 329, 331, 333, 334.
Diogo Barbosa Machado, 332.
Domingos Caldas Barbosa, 359, 362.
Domingos dos Reis Quita, 60, 350, 352.
Filinto Elisio, 352, 356.
Francisco de Mello Franco, 360.
Francisco Xavier de Oliveira, 342.
Jacob de Castro Sarmento, 328, 337.
João Baptista Gomes, 351.
João Xavier de Mattos, 353.
José Agostinho de Macedo, 361, 364, 365.
José Anastacio da Cunha, 354, 357, 364.
José Basilio da Gama, 358.
José Corrêa da Serra, 328, 354, 362.
P.e José de Santa Rita Durão, 359.
José Soares da Silva, 142, 332.
Luiz Antonio Verney, 338.
Manoel de Figueiredo, 346, 351.
P.e Manoel de Macedo, 352.
Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, 358.
Manoel Maria Barbosa du Bocage, 360, 361, 363.
Nicoláo Luiz, 336, 351.
Nicoláo Tolentino de Almeida, 59, 353, 355.
Pedro Antonio Corrêa Garção, 60, 334, 345, 346, 348, 349.
Pedro José da Fonseca, 362.
D. Raphael Bluteau, 330.
Thomaz Antonio Gonzaga, 84, 359.

VI. Seculo XIX

Alexandre Herculano, 369, 371, 376, 380, 384 a 387, 392, 397.
Almeida Garrett, 40, 42, 369, 371, 373, 378 a 383, 389, 392, 395.
Antonio Feliciano de Castilho, 373, 376, 387, 388, 396.
Barreto Feio, 381.
D. Francisco Alexandre Lobo, 339.
João Pedro Ribeiro, 35, 118, 142, 147, 159.
Marqueza de Alorna, 384.
Rebello da Silva, 391.
Soares de Passos, 390.

INDICE

Curso de Historia da Litteratura Portugueza

PAG.

Advertencia 5

PROLEGOMENOS

BASES DA CRITICA LITTERARIA

(Pag. 7 a 61)

§. I — **Elementos staticos da Litteratura:**

1.º A Raça 10
2.º A Tradição 15
3.º A Lingua 22
A) Lei de formação das Linguas romanicas 24
B) Filiação e Epocas historicas da Lingua portugueza 31
a) Fórmas gallezianas no portuguez 32
b) Modificações por via do Francez 34
c) O portuguez começa a ser escripto 35
— Divergencia dialectal 36
4.º A Nacionalidade 37

§. II. — **O elemento dynamico na Litteratura:**

1.º As grandes individualidades 40
2.º Do regimen da Edade media dimana o espirito das Litteraturas romanicas 43
3.º Successão das Litteraturas romanicas e filiação da Litteratura portugueza 50
a) A França 51
b) A Italia 53
c) A Hespanha e Portugal 54
d) A Inglaterra e Allemanha 55
4.º Epocas historicas da Litteratura portugueza 57

PRIMEIRA EPOCA

(Seculo XII a XIV)

TROVADORES GALLECIO-PORTUGUEZES

(Pag. 63 a 125)

Pag.

§. I — **Influencia do sul da França, ou gallo-romana** 63
1.º Origem e diffusão da Litteratura provençalesca e sua communicação a Portugal 64
a) Communicação pelos Trovadores das Cruzadas 67
b) Communicação italo-provençal: *Sordello* e *Bonifacio Calvo* 68
c) Communicação pelo norte da França: Jográes de Segrel. 71
2.º O Cyclo Dionysio 7
a) A Eschola limosina e a Poetica provençal portugueza ... 75
b) Elementos tradicionaes gallezianos: Serranilhas e Cantos de ledino 80
c) O *Livro das Cantigas* do Conde de Barcellos. Elenco dos Cancioneiros provençaes portuguezes 85

§. II — **Influencia do norte da França, ou gallo-franka** 88
a) As Canções de Gesta e allusões ao Cyclo carlingio 89
b) As tradições epicas no Romanceiro peninsular 90
c) O *Poema da Batalha do Salado* 92

§. III — **Influencia armoricana, ou gallo-bretã** 99
a) O elemento lyrico dos Lays 100
b) O elemento novellesco: Lendas do *Rei Lear*, de *Arthur*, *Merlim*, *Tristão* 101
c) Formação do *Amadiz de Gaula* 10

§. IV — **Influencia latino-ecclesiastica e humanista** 107
1.º O cyclo dos Poemas greco-romanos 109
2.º As traducções latinas. — Livraria de Alcobaça 112
a) *Visão de Tundal* 114
b) *Barlaam e Josaphat* 115
c) *Orto do Sposo* 115
d) Traducções do Velho Testamento 115
3.º O Poder real protege o humanismo 116
a) Fundação da Universidade 117
b) Nobiliarios 120
c) Organisação das Chronicas em prosa 121

SEGUNDA EPOCA

(Seculo XV)

OS POETAS PALACIANOS

(Pag. 126 a 178)

PAG.

§. I — **Elaboração do Lyrismo provençal pelo genio italiano** 126
1.º Tentativa de renascença da Poesia gallega 128
2.º Influencia aragoneza. — O Condestavel de Portugal. — Costumes palacianos e ultimos vestigios da tradição provençal 129
3.º Imitação directa da Poesia castelhana: O Infante D. Pedro em relação com João de Mena 132
a) As *Obras do Arcipreste de Hita*. — Traducção de Hernan Perez de Gusman. — O Marquez de Santillana. — Poetas portuguezes em Castella 134
b) Formação do *Cancioneiro geral*, de Garcia de Resende. 143
c) Descripção dos Cancioneiros portuguezes do seculo XV. 137

§. II — **As Novellas da Tavola Redonda em Portugal** 144
a) Referencias nos costumes aristocraticos 144
b) *Demanda do Santo Greal. — Tristão. — Galaaz. — Baladro de Merlim. — Joseph ab Arimathia. — Historia de Vespasiano* 145
c) Tradição das Ilhas encantadas: Viagem de Rozmital 147

§. III — **A erudição latinista** 149
1.º Estado da Lingua portugueza: Fórmas populares e eruditas. Traducções do latim 149
2.º As Bibliothecas do rei D. Duarte, do Infante Santo e do Condestavel de Portugal. Duplo elemento latinista e medieval 153
3.º Desenvolvimento da fórma historica 156
a) O Archivo nacional, e a Conversão das Estorias em Caronicas 158
b) Os grandes Chronistas do seculo XV. — Ideia de traduzir em latim as Chronicas 161
c) Os Humanistas: Philosophos e Moralistas. A Universidade de Lisboa — Jurisprudencia — Estudantes portuguezes na Italia — A Imprensa portugueza e os seus monumentos 165

§. IV — **Existencia de um elemento popular** .. 170
a) Cantigas ao Condestavel Nun'alv'res e a Aljubarrota 171

PAG.

b) Referencias a Romances tradicionaes..... 174
Formação dos Romanceiros..... 174
c) Autos, Momos e Entremezes..... 176

TERCEIRA EPOCA

(Seculo XVI)

OS QUINHENTISTAS

(Pag. 179 a 287)

§. I — **A Renascença da cultura greco-romana, como negação da Edade media**..... 179
A) **Periodo philologico e artistico**..... 182
1.º As Grammaticas de Fernão de Oliveira (1536) e de João de Barros (1539)..... 182
a) As alterações phoneticas..... 186
b) As alterações morphologicas..... 187
c) As alterações syntaxicas..... 188
d) Influencia de Gil Vicente..... 191
2.º As tres reformas da Universidade..... 192
3.º Gil Vicente, Ourives, e os Artistas nacionaes..... 195
§. II — **Conflicto entre a tradição medieval e a erudição classica, ou influencia italiana**. 200
1.º O Lyrismo popular e os Poetas da medida velha..... 201
a) Bernardim Ribeiro..... 207
b) Christovam Falcão..... 210
c) Poetas da medida velha..... 213
2.º Os Romanceiros como rudimento da Epopêa medieval.... 214
3.º Fundação do theatro nacional por Gil Vicente..... 218
a) Condições em que se introduz o theatro em Portugal.... 220
b) Reacção dos eruditos contra o theatro medieval..... 222
c) Eschola de Gil Vicente..... 223
§. III — **Sá de Miranda e a imitação classica sob a influencia da Italia**:..... 227
1.º Lucta da introducção da Eschola italiana..... 228
a) Lyrismo: Sá de Miranda e sua Eschola: Ferreira, Bernardes, Caminha, D. Manoel de Portugal, Falcão de Resende..... 228
b) Theatro: A Comedia e a Tragedia classicas..... 232
c) Novellas e Contos: Persistencia do elemento medieval no *Imperador Clarimundo, Palmeirim de Inglaterra*, e

PAG.

Memorial dos Cavalleiros da Segunda Tavola Redonda — O espirito das Pastoraes italianas: *Menina e Moça* e *Diana*. Os *Contos de Proveito e Exemplo*, de Trancoso 241
B) **Periodo theologico e critico** 246
a) Influencia da Inquisição em Portugal 247
b) Os Jesuitas apoderam-se do Ensino publico 248
c) Damião de Goes e a situação dos historiadores portuguezes 251
C) **Periodo scientifico e philosophico** 257
a) Garcia d'Orta — D. Francisco de Mello e Pedro Nunes. 258
b) A synthese negativista de Francisco Sanches 261
2.º Camões concilia os dois espiritos, classico e medieval 264
a) Vida de Camões 265
b) Os Lyricos camonianos 269
c) Os *Lusiadas* e as Epopêas historicas do seculo XVI 275
§. IV — **Prevalecimento da authoridade classica** 281
a) Os Jesuitas combatem o Theatro: As Tragi-comedias latinas 281
b) Chronistas monachaes e a decadencia da Historia 282
c) Moralistas catholicos: Dr. João de Barros; Amador Arraes, Heitor Pinto, Fr. Thomé de Jesus e Paiva de Andrada; D. Joanna da Gama 283
d) Fim da Nacionalidade portugueza. — Revivescencia das obras dos Quinhentistas 285

QUARTA EPOCA

(Seculo XVIII)

OS CULTERANISTAS

(Pag. 288 a 325)

§. I — **Syncretismo da influencia italiana e hespanhola em Portugal** 288
1.º Reacção contra a Eschola italiana 290
a) As Lyricas de Francisco Rodrigues Lobo e D. Francisco Manoel de Mello. — A Poesia mystico-amorosa 291
b) As Epopêas historicas: Tassistas e Camoistas 298
c) Pateos das Comedias. Comedias de Capa y Espada 303
2.º As Tertulias e Academias litterarias 304

PAG.

a) As Academias dos *Generosos* e *Singulares*. Os Poetas da *Phenix renascida*..... 30[illegible]
b) Pastoraes e Novellas allegoricas..... 3[illegible]
c) As Tragicomedias dos Jesuitas. — Oratorias e Ballets.... [illegible]

§. II — Tentativa de reforma dos estudos philologicos..... 3[illegible]
a) A eloquencia sacra: Vieira e Fr. Antonio das Chagas.... 31[illegible]
b) Chronistas e Historiadores. — Os primeiros Jornaes portuguezes..... 3[illegible]
c) Os Moralistas. — *Cartas da Religiosa Portugueza*. Primeira influencia da França..... 32[illegible]

QUINTA EPOCA

(Seculo XVIII)

OS ÁRCADES

(Pag. 336 a 366)

§. I — O pseudo-classicismo francez..... [illegible]
1.º A protecção official da Litteratura..... [illegible]
a) A reforma da Lingua portugueza. O *Vocabulario* de Bluteau..... [illegible]
b) Fundação da *Academia de Historia*..... [illegible]
c) Os Ericeiras. — A *Academia dos Occultos* e as origens da *Arcadia Ulyssiponense*. — A Opera e o Cesarismo..... [illegible]
2.º Reacção contra o humanismo jesuitico..... [illegible]
a) Verney e o *Verdadeiro methodo de estudar*..... [illegible]
b) Estado da Poesia portugueza antes da Arcadia..... [illegible]
c) As *Cartas do Cavalheiro de Oliveira* e do Abbade Costa.. [illegible]

§. II — As reformas pombalinas sob o influxo dos Economistas francezes..... [illegible]
1.º A *Arcadia Ulyssiponense*; sua organisação e Catalogo dos Socios..... [illegible]
a) Garção, Diniz, Quita e Manoel de Figueiredo. — Imitação do *Lutrin* de Boileau..... [illegible]
b) Dissidentes da Arcadia: A Guerra dos Poetas..... [illegible]
c) Associações litterarias. — João Xavier de Mattos..... [illegible]
2.º O intolerantismo sob D. Maria I..... [illegible]
a) Tolentino e Filinto — José Anastacio da Cunha..... [illegible]
b) A *Arcadia ultramarina* — Poetas mineiros..... [illegible]
c) As *Cartas de Beckford*. — O poema *Reino da Estupidez*. [illegible]

§. III — O negativismo encyclopedista em Portugal..... [illegible]

PAG.

a) Fundação da *Academia real das Sciencias:* O Duque de Lafões; Corrêa da Serra 361
b) Nova Arcadia: Bocage e José Agostinho 362
c) Crise revolucionaria em Portugal: As Tragedias philosophicas de Voltaire e os Theatros particulares.—Transição para o Romantismo 365

SEXTA EPOCA

(Seculo XIX)

O ROMANTISMO

(Pag. 367 a 399)

§. I.—**Renovação das Litteraturas modernas da Europa** 367
1.º As consequencias historicas da Revolução franceza 369
a) Influencia politica 370
b) Influencia pedagogica 371
c) A caracteristica da Litteratura moderna 373
2.º Os epigones do Romantismo em Portugal 376
a) Phase liberal do Romantismo — Garrett 376
b) Phase religiosa ou emanuelica — Herculano 384
c) Reacção do espirito classico — Castilho 387
3.º O Ultra-romantismo 388
a) Lyrismo melancolico: Soares de Passos 390
b) Romances historicos: Rebello da Silva 391
c) Dramas de sangue 392
§. II—**Disciplina scientifica na dissolução do Romantismo** 393
a) A Eschola de Coimbra 394
b) Origens populares da Litteratura: Romanceiros, e Novellistica popular 395
c) Novos estudos philologicos: Desenvolvimento da Historia litteraria de Portugal 397